

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO



ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS







ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

*Alvaro Moreyra*



COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

 AS AMARGAS, NÃO...

(LEMBRANÇAS)

*Rio de Janeiro 2007*

## COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

*Antonio Carlos Secchin (Diretor)*

*José Murilo de Carvalho*

## ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2007

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*

Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*

Segundo-Secretário: *Domício Proença Filho*

Diretor Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

## PUBLICAÇÕES DA ABL

Produção editorial

*Monique Mendes*

Revisão

*Flávia Vieira Amparo*

Projeto gráfico

*Victor Burton*

Editores eletrônicos

*Estúdio Castellani*

Capa

*Alvarus (Desenho)*

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

---

B869.8 Moreyra, Alvaro, 1888-1964

M845a As amargas, não- : (lembranças) / Alvaro Moreyra ;  
[apresentação Antonio Carlos Secchin]. Rio de Janeiro : Academia  
Brasileira de Letras, 2007.

454 p. ; 21 cm. – (Coleção Afrânio Peixoto ; v. 76).

ISBN 978-85-7440-112-6

I. Moreyra, Alvaro, 1888-1964. 2. Escritor brasileiro.  
3. Biografia. I. Secchin, Antonio Carlos, 1952- . II. Título.  
III. Série.

# Um Clássico do Memorialismo

ANTONIO CARLOS SECCHIN

**A**lvaro Moreyra nasceu em Porto Alegre, aos 23 de novembro de 1888. Radicou-se no Rio de Janeiro, onde faleceu em 12 de setembro de 1964.

Quarto ocupante da Cadeira n.º 21 da Academia Brasileira de Letras, provavelmente deveria considerar 13 de agosto um dia de sorte, pois foi nessa data que, em 1959, foi eleito para a ABL, na vaga do poeta Olegário Mariano. Tomou posse, daí a meses, na comemoração de seu aniversário: em 23 de novembro simultaneamente completou 71 anos e acedeu à imortalidade acadêmica.

Escritor de múltiplos talentos, estreou com *Degenerada* (1909), poesia de tendência simbolista – como foi, ademais, toda sua subsequente produção lírica. Vinculou-se ao grupo da revista *Fon-Fon*, estabelecendo sólida amizade com Rodrigo Octavio Filho, Ronald de Carvalho,

Felipe de Oliveira e Mário Pederneiras. Destacou-se como cronista (*A Cidade Mulher*, 1923, *O Brasil Continua*, 1933, entre outros) e teatrólogo, fundando, em 1927, o “Teatro de Brinquedo”. No gênero, publicou *Adão, Eva e Outros Membros da Família* (1929). Foi casado com a líder feminista Eugênia Alvaro Moreyra.

Pelo depoimento de seus contemporâneos, era dono de irresistível simpatia, de perpétuo bom-humor. Tal disposição em minimizar os danos e desgastes da vida aflora em muitas das páginas desta que é considerada a sua obra-prima: *As Amargas, Não...*, livro que, lançado em 1954, em poucos anos logrou atingir três edições. Há muito esgotado, reapareceu em 1989 por iniciativa do Instituto Estadual do Livro, do Rio Grande do Sul, mas somente agora – mais de meio século após seu lançamento – chega ao leitor em versão definitiva. Com estabelecimento de texto confiado a Flávia Viera da Silva do Amparo, esta edição estampa a derradeira “vontade autoral” de Alvaro, consoante as numerosas alterações que, de próprio punho, efetuou na obra, num exemplar que ficara sob guarda da família. Com a doação do arquivo do escritor ao Centro de Memória da ABL, foi possível, então, trazer a público a obra na forma final que ele desejou imprimir a seu texto.

A escrita em pequenos blocos ou fragmentos parece corresponder à expressão literária mais afim ao temperamento de Alvaro, conforme já se observa, por exemplo, em *Cocaína*, de 1924. Seu compromisso não é com a reconstituição “realista” da matéria vivida, mas antes com o devaneio, com a beleza da vida sonhada, com os lampejos que a poesia reserva dia a dia àqueles que têm olhos para escavar além do visível – um caleidoscópio em ângulos de brilhos e cores, contra a modorra cinzenta do pessimismo e da tristeza. Na dedicatória do exemplar que pertenceu a Rodrigo Octavio Filho, Moreyra destacou que o livro comportava “lembranças do que passou de bom e de belo pela minha vida”. As orelhas da edição de 1954 reproduzem artigo de Graciliano

Ramos, que elogia a bondade e a integridade de caráter de Alvaro Moryra, pela sua propensão em destacar as virtudes alheias num mundo movido a ódios e competições.

O leitor, sem maior esforço, constatará a justeza desse juízo em inúmeros trechos da obra: “As minhas rosas se esqueceram de que tinham espinhos. As minhas abelhas se esqueceram de que tinham ferões”; “Confiar desconfiando. Um disse. Muitos repetem. É assim que se estraga a vida...” Ética, generosidade, disponibilidade para o Outro, eis um somatório de virtudes que não devem deixar à margem um elemento essencial: a qualidade literária do texto de Alvaro, sedutor e envolvente na sua simplicidade, e que, na contracorrente de ideologias niilistas e sombrias, ilumina-se num incessante convite à esperança — “Sempre se tem vinte anos, num canto do coração”.



 AS AMARGAS, NÃO...

(LEMBRANÇAS)

...tu ias buscar na fonte a  
água cheia de imagens...

GEORGES SCHEHADÉ

*"Monsieur Bob'le"*



Agora é tempo de voltar. Para onde? Naturalmente para o Céu, onde os anjos, irmãos remotos que não desceram à Terra, estão com a mesma infância e as mesmas asas. Eu não levo as asas com que vim. Desmanchei-as pela estrada. Levo as penas que sobraram. No percurso às avessas, encontro *um certo reino, à esquina do Planeta*. Dele recebi as primeiras imaginações. Descanso junto das sombras que me formaram assim, uma espécie de exilado. Se eu quisesse confessar do que fui construído, teria que dizer: de alguns poetas de Portugal e de alguns Jesuítas de todo o mundo. O resto foi ornato. Bastante me pintaram. Bastante me rebocaram. Fiquei intacto sobre os velhos alicerces, no mesmo pé direito, com o estilo primitivo, de janelas abertas para a luz e para o ar. No meu telhado, as andorinhas ainda fazem verão. Dos Jesuítas não guardei nenhuma influência separada, exclusiva. Formaram-me pelo ambiente que formavam na minha sensibilidade. Sinto-me em geral. Lembro-me de um a um, fora de mim. Em mim, estão todos confundidos. Sem perceber, cumprio as ordens que me dão. Carrego o internato comigo. A marca é tão profunda que, já descendo para a velhice, muitas vezes acordo, tendo sonhado que estava lá, na casa enorme e soturna, junto do Rio dos Sinos. Eis aí, talvez, a explicação dos meus jeitos de ser. Mas quem sabe se a explicação não é outra? Pode acontecer até que não haja explicação. Neto de portugueses, nasci com Portugal no sangue: era a pátria distante. As suas paisagens pas-

savam em evocação na minha alma. Como eu tinha de amar Fialho d'Almeida! Como eu tinha de amar Antonio Nobre! e Cesário Verde que, num verso, me descobriu o mundo: – “Madri, Paris, Berlim, São Petersburgo, o mundo!” e que, morto, ainda ensinou: – “Sê natural, meu amigo, sê natural!” Ninguém mais natural do que Fialho d'Almeida! Era da terra, irmão do trigo, irmão da uva, e dava pão e dava vinho. Antonio Nobre, chego perto de você, como se lhe pedisse perdão de estar vivo, eu que tanto desejei morrer na sua idade, e deixar, tal qual você, uma imagem doce de melancolia. Apesar de tudo, nada mudou. Foi o vento, foi a chuva, foi a vida... coisas que se acumulam. Sempre lhe quero o mesmo bem. A minha juventude escondida é a Purinha, que também não morreu...

*...os homens, quase todos,  
têm sido e são muito mais maus do que eu...*

Meu querido Antonio Nobre! Há quantos anos mora no *convento que há além da morte, e que se chama Paz!* Se eu soubesse o número, ligava o telefone para você e lhe perguntava se a paz, aí, é, como aqui, uma palavra apenas... apenas uma palavra de intervalo...

§ Murmuro esse nome como se começasse a rezar, como se estivesse beijando: – Mãe... – Nome tão pequeno, maior que toda a vida...

§ A primeira mulher a quem chamei: – Minha...

§ Carícia que volta com uma doçura de eternidade: – Meu filho... meu filhinho...

§ Esqueci o berço. Não esqueci o colo.

§ Quando estive doente, prometeu que me dava o que eu quisesse.

– Eu quero uma estrela, aquela grande, sozinha, em cima do rio.

– É tua. Um dia, vou buscá-la para ti.

Morreu tão depressa! Com certeza foi buscar a minha estrela. Foi. A saudade de minha mãe é a minha estrela, aquela grande, sozinha, em cima do rio...

§ Afinal, hoje, assim, muito mais velho do que ela, penso nela, e sou ainda o mesmo menino. Milagre do amor puro.

§ Saudade de ser embalado. Insônia é isso.

§ Aprendi o bem com minhas avós: Maria da Glória, mãe de meu pai, bonita, contente, exagerada, ensinou-me o lado de fora. Maria Angélica, mãe de minha mãe, cega, pensativa, tristonha, ensinou-me o lado de dentro. Minha mãe, que também era Maria, estilizou as lições das duas. O colégio dos Padres, em seguida, não me convenceu de que os fins justificam os meios. E a faculdade de Direito, mais tarde, pôs em mim, para sempre, a desconfiança da justiça com que se ganha dinheiro.

§ Vovó Glória dizia: – A vida é uma escada. O bom lugar é o meio da escada. Pode ser que, contando os que estão em cima, a gente fique triste. Mas, como quem entristece baixa a cabeça, a gente vê que os que estão embaixo são sem conta. Puxar os que estão embaixo para o meio, é melhor que querer ir para cima. – Dizia: – Neste mundo tu não és superior a ninguém, e ninguém é superior a ti. – Dizia: – Comer bem é bom! Só se come bem com fome. Por isso, hora de almoço, hora de jantar, para mim são horas bobas. Eu como quando sinto fome, e cada vez gosto mais de comer..

§ Quando roncava trovoada, minha avó Maria Angélica se levantava e fazia o sinal da cruz: – São os Farrapos galopando no céu. – Para ela, a guerra tinha acabado cá embaixo, mas continuava lá em cima. Os Farrapos combatiam ainda, como no tempo da sua infância, pelo bem do Rio Grande. E o Rio Grande era grande, grande, maior que o Brasil, maior que o mundo...

§ Minha mãe tinha tanto medo de ofender que, nos dias de chuva e vento, se alguém falava em “mau tempo”, ela pedia: – Não diga “mau tempo”, diga “tempo triste”.

§ Essas ruas, de noite, com pouca luz, desertas, não me assustam de ser interrompido no que converso comigo. Estão cheias de céu. Céu em reflexo no chão. Assim, andando, volto do fim para o começo. É uma cura de rejuvenescimento. Encontro-me tal qual fui. Lembranças velhas dão imagens novas. A primeira é a Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul. Ouço os grandes, na varanda, que falam da luta acesa, pela cidade. Um diz: – É preciso pôr a tranca na porta. – Não pôr a tranca na porta. Minha irmã me chama para um canto: – A tranca não chega. – Quando os grandes sobem, nós vamos levar outras defesas à entrada da casa. Ela, uma cadeira. Eu, um vaso com flores. Não sofremos nada. No silêncio do bairro adormecido, aquela cadeira e aquele vaso com flores me aparecem como símbolos. A revolução da infância cresceu muito, esparramou-se em guerra permanente. A tranca dos grandes não serviu para evitar a invasão do mundo pelos homens armados, irmãos contra irmãos. Faltou a cadeira. Faltou o vaso com flores. Faltou a pureza de uma menina e de um menino, simples, ingênuos, e de boa vontade...

§ Minha irmã Alice seria agora uma doce velhinha. Morreu com quinze anos. Deixou em mim uma lembrança de boneca, de pássaro,

de flor. Era das criaturas mandadas por Deus à Terra, onde pouco demoram. Retornam silenciosas como vieram, para os jardins que fazem a primavera eterna, lá longe, além das estrelas...

§ Porto Alegre... Foi daquele porto que parti... Minha terra... É um céu tão azul que eu nunca mais vi um céu tão azul. É um rio chamado Guaíba, que tem uma ilha chamada Pintada. É uma casa grande. Minha terra... Aquela procissão de noite. O circo de Paulo Ciriño. A estação da Estrada de Ferro. O trem de São Leopoldo... As férias... O Riacho, os salgueiros... Os sinos... A banda de música da Floresta Aurora... O Asilo dos Pobres.. Os dois vapores em que se ia para as Pedras Brancas: o Cupi e o Pirajá... Dona Nuquinha que cantava: “Não vá, não vá, meu benzinho, não vá senão eu choro...” Jerônimo que tinha sido escravo... O homem que limpava a chaminé... Os jardins dos Moinhos de Vento... Vocês... Minha terra cabe toda dentro de mim. Ela é do tamanho da minha infância... Porto Alegre! Ah! terra bem amada! Que carícia te chamar: minha terra... te repetir minha... minha... minha...

§ O primeiro desejo que me alvoroçou neste mundo – o primeiro guardado na minha memória consciente – foi um chicote. Um chicote cor de marfim, cheio de flores lavradas no cabo de prata. Estava bem no centro da ourivesaria de seu Luiz Monteiro, na Rua de Bragança. Eu descia com meu pai. Parei de repente: – Oh! – Que é? – Eu quero esse chicote. – Ele olhou para mim, espantado: – Para que tu queres um chicote? – Eu quero. – Não. Vamos embora. – Insisti: – Eu quero! – Não! – Chorei: – Eu quero! Eu quero! – Fiz um escândalo. – Não e não! – Não ganhei o chicote. Desejei-o por ser lindo. Nunca que eu daria uma chicotada. *Nem brincando...*

§ Com os meus dentes vieram dois fora do lugar, trepidos na frente. O dentista disse que precisava arrancá-los.

– Não!

Meu pai prometeu, se eu deixasse, que me dava duas moedas de dois mil réis:

– Dá mesmo?

– Dou.

– Então eu deixo.

Deixei e ganhei duas moedas de dois mil réis. O primeiro salário... Desde aí, os dentes não me renderam mais nada.

§ Seu Calêia era gago e inventor do “Óleo de Capivara – poderoso fortificante”. Tinha uma farmácia na Rua Voluntários da Pátria, perto lá de casa. Quando eu passava pela farmácia e via o dono na porta, tirava o meu gorro com o maior respeito, só para ouvir seu Calêia gaguejar: – Como vais... Mo... Mo... Mo... – Até ele concluir: – reirinha? – eu ficava parado. Depois, punha o gorro e seguia, sério. Seu Calêia me achava um menino muito bem educado.

§ Saudade de Porto Alegre, desejo de estar perto, olhando, ouvindo, servindo aquela luz, aquele ar, pondo na boca e na alma o gosto da infância... acordar com os sinos da Igreja do Rosário, e o pregão do velho de botas, que vendia carne de terneiro gordo: – “Tenerê. Tenerê, tá godinho, godinho, godinho...” – Da sacada alta, o rio Guaíba, em frente, parecia de ouro. Quem me ensinava os nomes das ilhas, e apontava, certa, para cada uma, era minha avó Maria Angélica, de olhos apagados, meu primeiro amor, minha primeira dor. Exclamou uma vez: – Que dia bonito! – Via-a cheia de sol, perguntei: – É pelo sol que a senhora adivinha? – Respondeu: – Não, querido, repara: é pelo céu todo azul. Os cegos não adivinham, os cegos se lembram...

§ A vida dura nas coisas. Esse armário tem quase trezentos anos. Esse livro é de 1533. Esse tinteiro já era assim na casa do meu avô Manuel. Um jóia continua sendo uma jóia, igual, séculos e séculos. Sobre um homem velho, sussurra-se com pena ou com desdém: “Está acabado.” Sobre uma gravura antiga, exclama-se com admiração ou com desejo: “Está perfeita!” As estátuas do Aleijadinho conservam a força do dia em que surgiram. “Vão-se os anéis, ficam os dedos.” Pena não ser verdade. Verdade é que os anéis ficam, os dedos vão-se. Mas, apesar de tudo, estamos em boa companhia: as nuvens, as ondas, os vagalumes...

§ Aquilo foi um verdadeiro curso de artes e ofícios. Tenho-o aproveitado até hoje. — Música: A banda da Floresta Aurora tocava uns dobrados tão bonitos e uma valsa triste, triste, chamada “Sobre as ondas”. Sobre as ondas onde eu nunca tinha andado... — Pintura: A filha da lavadeira vendia frutas de manhã cedinho e depois ia tomar banho no rio. Meu pai dizia que a filha da lavadeira era uma pintura... — Arquitetura: Botei abaixo a casa dos marimbondos. Os marimbondos fizeram outra igualzinha... — Escultura: Era um cabo de vassoura. Mas eu lhe chamava cavalo... — Encanto: O brinquedo mais engraçado que vi foi uma boneca em cima de uma caixa de música; mexia a cabeça e as mãos para ler um livro. Era da minha irmã que morreu. Foi seu José Guilhermino que trouxe da Europa. Seu José Guilhermino era muito rico, todos os anos ia à Europa. — Poesia: Por fora a boneca parecia uma mulher mesmo. Por dentro também. Agora é que eu sei isto... — Ignorância: Agora eu sei uma porção de coisas...

§ Vovó Glória era bonita. Eu me lembro sempre dela. Minha mãe era bonita. Eu me lembro sempre dela. Lá na igreja do Rosário morava Nossa Senhora com sete espadas no peito. Era a imagem mais bonita lá da igreja do Rosário. Eu me lembro sempre dela. Mas dona Maria

Amália, com quem aprendi a ler, era feia com certeza. Eu nunca me lembro dela...

§ Seu Casimiro era lobisomem. Nas sextas-feiras ele não vinha. Quando voltava, trazia as barbas com cada coisa que dava medo! Seu Casimiro, os outros dias, era calado, olhava o chão. Sábado, não. Punha na gente os olhos pretos. Abria a boca e não fechava: vou-te que vou-te! Seu Casimiro era lobisomem. Deus lhe perdoe...

§ O filho de dona Matilde vendia fogos num caixão velho, todo enfeitado de bandeiras de papel. A gente chamava o caixão de barraquinha. Tinha foguete, pistolão, chuveiro, estrela, buscapé, bicha, rodinha, balão. Nuns bilhetes estava escrito o nome dos fogos que a gente ganhava. Noutros bilhetes não estava escrito nada. Uns meninos compravam sempre os bilhetes escritos. Outros meninos compravam sempre os bilhetes sem nada. Eu era dos outros meninos. Dona Matilde dizia (com certeza para me consolar): – Este menino não tem sorte mesmo! – Mas um dia eu ganhei um balão. Foi o dia mais feliz da minha vida. Não por causa do balão. Por causa de dona Matilde que mudou de opinião...

§ As meninas do Rio Grande – Eram três irmãs que tinham vindo do Rio Grande, para Porto Alegre, com doze, quinze e dezesseis anos. Adelina, Carlota, Perpétua. Creio que Miranda. Quando as conheci, já andavam no caminho dos sessenta. E ainda eram “as meninas do Rio Grande.” Perpétua, como sempre acontece, foi a primeira que morreu.

§ A água que se bebia vinha de uma fonte – Água do Freitas – trazida numa pipa com rodas, que um burro puxava. Bebia-se tal qual era, e era pura. A outra água, do rio, precisava ser coada. Usava-se na banhei-

ra, no tanque, nas pias. O aparecimento dos primeiros filtros foi um sucesso. Esses filtros chamavam-se “Pasteur”. Quando Pasteur morreu, dona Ernestina, ao ouvir a notícia, disse: – Coitado! fazia filtros tão bons!

§ Foi o vapor Ipiranga que me deu a idéia do progresso. O vapor Ipiranga era muito maior e não era como o Pirajá e o Cupi que faziam antes a viagem entre Porto Alegre e Pedras Brancas. Tinha tombadilho onde se podia andar, tinha uma sala grande para os passageiros, e apitava com outro som. Principalmente o apito me espantou. Confundi apito e progresso no mesmo pensamento. E fiquei pensando nos surdos, que entretanto são tão felizes...

§ Velhos amigos. – Alguns homens conheci, um pouco estranhos, na minha infância. De vista e de ouvido. De ouvido, dois, que todas as tardes paravam diante do meu avô Moreira, um atrás do outro, duros, firmes, como bonecos. Primeiro, gritavam ao mesmo tempo: – Escatafúl de nazal de chilunqui – Em seguida, o da frente perguntava ao companheiro: – E quem foi que descobriu o Brasil? – O companheiro respondia: – Pedro Álvares Cabral. – Em que ano? – 1500. – Muito bem! Senhor Moreira, pode dar qualquer coisa a esse rapaz? – Entre os de vista, ainda vejo seu Casimiro, seu Mariano, seu Fróis. Seu Casimiro não falava: bufava! E cada vez que bufava, meu avô dizia: – Você bufa, hein, Casimiro! – Seu Mariano tinha barbas imensas. Três dias depois de casado, a mulher lhe dera uma bofetada. Ele vingou-se – Para não te esqueceres do que fizeste, vou deixar crescer as minhas barbas! – Deixou. Havia quarenta e oito anos que as barbas de seu Mariano estavam crescendo... Seu Fróis achava-se parecidíssimo com Carlos Gomes, e vivia em função dessa aparência. Todos morreram em casa.

§ Impossível pensar sem amor. A manhã bate na janela: – Acorde. Olhe quem está aí! – É o sol. – Obrigado, manhã! – O sol partiu ontem de Roma, ao anoitecer. Trouxe água das fontes para marcar de orvalho a viagem. Resvala pelos telhados, salta sobre as ondas, movimenta os corpos, ilumina as almas. Anda no Rio, e no Recife, em Porto Alegre, Ouro Preto, Brasília, nas estradas, nos rios. – Bom dia, sol! – Impossível pensar sem amor. Carlitos, de Goeldi, faz solidão na parede. Na vitrola, uma canção da velha Polônia canta para mim como cantava para Marya Sklodowska, Marie Curie, mais tarde, quando ela era uma menina pobre de Varsóvia. O perfume destas rosas é meu. Quero repartir tudo com todos: o pão, o reino de Deus, o perdão das dívidas... Ah! apertar nos braços a liberdade, a igualdade, a fraternidade!... O que vale é a vida. A vida nasce do amor, vive do amor. Nós, às vezes, não sabemos. As árvores sabem. Datamos do Paraíso. Não havia ódio, lá. Foi muito depois que Caim fez aquela miséria com Abel. Os exemplos a seguir são os do jardim de delícias: a inocência, a simplicidade, a doçura...

§ A alegria das crianças é o perdão da vida.

§ Seu Arthur Brandão me via, da casa dele, todas as tardes, na sotéia da nossa casa. Eu punha os cotovelos pequeninos no muro branco, e os olhos nas nuvens cheias de cores. Quedava ali, até a noite chegar. As torres de Nossa Senhora do Rosário batiam Ave-Maria. A noite chegava, iluminada, que nem uma festa. E eu sentia que ela era só para mim. Seu Arthur Brandão, quando encontrou meu pai no barbeiro, disse o que assistia todas as tardes, e garantiu: – Esse menino é poeta. – Meu pai contou o caso, no almoço, com muitas risadas. Foi desde aquele dia que fiquei sabendo: – poeta – é um menino que olha para o céu, e em quem os grandes acham graça...

§ Quem me ensinou a ler foi uma moça de óculos, dona Amália ou dona Amélia, de Freitas ou de Souza. Em seguida, estive no Colégio Ivo Courseil. E também na Escola Brasileira. O nome do diretor da Escola Brasileira é muito citado nas crônicas do ensino: Ignácio Montanha. Um homem gordo, de bom tamanho, bigodes transbordantes, fraque. Contava anedotas aos alunos e tremia de rir desde o começo. No fim, os alunos, que nunca perceberam porque seu Ignácio se divertia daquela maneira, com aquela quantidade, organizavam uma gargalhada de compensação: –Aaaaaaaaaaaaaah...

§ Chamava-se Joaquim. Foi empregado de meu pai durante mais de vinte anos. Saiu quando morreu. Grande cozinheiro. Tinha trazido do Porto, onde nascera, receitas estupendas. Também era arrumador, e principalmente arrumava coisas no chão: pratos, xícaras, vasos, lâmpadas. Nunca houve no mundo, antes dos americanos da bomba de hidrogênio, quem destruísse tanto. Mas, sobre os americanos da bomba de hidrogênio, possuía uma enorme vantagem: a filosofia. Quando quebrava qualquer coisa, punha logo as mãos no ar para deter o estrago maior: – Não se aborreça, meu senhor! Não se aborreça, pelo amor de Deus! O que não tem remédio remediado está! – Meu pai sempre se lembrava de seu Joaquim: – Devo-lhe muito. Foi o meu mestre. Aprendi bem a lição: o que não tem remédio remediado está.

§ Meu pai. Sempre achei igual aquele homem que sabia sorrir e que só teve um medo neste mundo: o medo do aborrecimento. Veio de bom humor. Seguiu de bom humor. Estava sempre certo assim. Só aparecia errado quando, por exceção, se incomodava. Colaborei um pouco nas exceções. Hoje, que sou fiel discípulo dele, como me arrependo! Não o recordo velho. Ele desce para mim do retrato que Ricardo Albertazzi pintou: cabelos pretos, em ondas, olhos encantados,

orelhas muito vivas, nariz contente, boca agradecida, a bela cabeça saindo do colarinho largo, com uma gravata de boêmio sobre o peito, na sobrecasaca de botões altos. Tempo entre o Partenon Literário e a Luso-Brasileira, entre os primeiros versos, as primeiras prosas e as criações de grande ator-amador nos palcos da cidade. Era como nesse retrato que gostava de ser, e foi. O mais velho dos moços de Porto Alegre. O João Moreira que assinava coisas no *Atleta* e noutros jornais da juventude com os pseudônimos dados mais tarde aos filhos, como nomes: Raul e Álvaro. O palestrador do quarto de Ernesto Silva. O Moreira que amou Clarita, antes de encontrar o amor. O Areimor, depois, das crônicas: “A Festa do Divino”, “As reuniões familiares”, “A Festa dos navegantes”, “O Entrudo”, “Benzeduras e feitiços”, “Agouros e enguiços”, “Em Belém Novo”, já históricas para a capital nova, e dos contos que lhe mostravam as origens portuguesas, das pequenas notas em que guardou a doce filosofia de assistir e desculpar... A Terra se transformara. Não encontrava mais as velhas ruas que haviam levado os velhos amigos. Era o último de uma época. Sentia-se só, à espera do fim. Sem desgosto: – Vivi. E isto ainda é a vida. Meio cego, meio surdo, não tenho com quem recordar... – Um dia, na Praça da Alfândega, alguém o chamou: – “Seu” Moreira! – Heim! – Não me conhece mais? O Angelo... – Franziu os olhos, escancarou os braços: – Ó Angelo! – Era um conhecido antigo. – Pensava que tinhas morrido, homem! – Qual o quê! Continuo por aqui, e com a velhice bem má. Trabalhei, não juntei. Moro com um filho casado, e sinto que sou demais para a minha nora. – Estás sem emprego? – Para que é que sirvo, com esta idade, cansado, sem forças? – Vai lá em casa amanhã. – Deu o endereço. – Vou te arranjar ocupação. – No dia seguinte Angelo foi saber qual era a ocupação. – Conversar comigo. – E desde aí, Angelo conversou com “seu” Moreira. Ouvi uma das conversas: – O senhor se lembra do Padre Teixeira? – O Padre Teixeira? Ah! Sim! Orador estu-

pendo. Ensaíava os sermões diante de um espelho. Era maior que o cônego Viana. Tu te lembras do cônego Viana? – Então não me lembro?... – E iam para trás, – o fim da escravatura, a revolução, o olho que Ernesto Paiva perdeu, com um tiro, Barros Cassal, Marcos de Andrade, Inácio de Vasconcelos, Arthur Rocha, Gaspar Guimarães, Araújo Guerra, Vicente Dias, Sebastião Horta, Gema Cuniberti, Furtado Coelho, Lucinda Simões, os préstitos da Esmeralda e dos Venezianos, as corridas de touros com Rafael Gamuzzi... – E ressurgiam de outrora... Outrora... quando os homens eram o que eram, não o que uns imaginavam que os outros fossem.

§ Quando Camelo Lamprêia, ministro de Portugal no Brasil, esteve em Porto Alegre, em 1901 ou 2, perguntou ao cônsul do seu país qual era o patricio mais velho de lá. O cônsul foi ver nos livros e respondeu: – É o senhor Manuel Pinto da Fonseca. – Pois previna à família dele que irei visitá-lo, amanhã. – O cônsul, José Nunes, preveniu meu pai, genro do português mais velho de Porto Alegre. No dia seguinte, à tarde, a casa se encheu de convidados. O ministro chegou. Conversas. Cerimônias. Doces. Vinho do Porto. Champanha. De taça na mão, diante de meu avô, Camelo Lamprêia disse: – Senhor Manuel Pinto da Fonseca, tenho a honra de saudar em Vossa Excelência o mais antigo representante da nossa pátria na bela capital do Rio Grande do Sul. E em nome de Sua Majestade, El-Rei Dom Carlos, é com orgulho que lhe ofereço o título de barão! – E meu avô, *incontinenti*: – Quanto é que me custa isso? – Estupor. Silêncio. Constrangimento. No meio de tudo, o homenageado concluiu: – O Rei o que quer é o dinheiro. Diga quanto é, que eu dou. Quanto ao título, que o ensope com batatas. – Minha mãe saiu da sala em prantos: – Que vergonha! que vergonha! Que irá pensar o ministro? – Meu pai, para a consolar, dizia e repetia: – Eles se entendem... deixa... eles se entendem...

§ Esse meu avô tinha sido comandante de iates que faziam viagens do sul ao norte, levando produtos do Rio Grande para Pernambuco e trazendo produtos de Pernambuco para o Rio Grande. Fumou cachimbo, sem parar, até os sessenta anos. No tratamento de uma tosse, o médico proibiu-lhe o fumo. Nunca mais fumou. Rude e simpático. Parecido com Emerson. Tinha os olhos bons. Nele, de verdade, “os olhos eram o espelho da alma”. Morreu com noventa e quatro anos. Sem outra doença além da velhice.

§ Foi o último que restou de quatro amigos, da mesma terra: Avintes. Juntavam-se, de manhã, num banco da praça do Mercado. Iam chegando e sentando: – Bons Dias. – Bons dias. – Bons dias. – Bons dias. – Cada um com a sua bengala, das 8 ao meio-dia, riscava o chão. Ao bater do meio-dia, todos se levantavam: – Até logo. Até logo. Até logo. Até logo. – De tarde, voltavam. À Ave-Maria, se despediam: – José Amaro. Miguel Leite. Boaventura Silva. Manuel Pinto da Fonseca. Morreu José Amaro. Morreu Miguel Leite. Morreu Boaventura Silva. Manuel Pinto da Fonseca, sozinho, continuou no horário e no banco. Certa manhã, um moço aproximou-se dele, bateu-lhe nas costas, exclamou: – O senhor está com o casaco sujo! – Hein? – Tire, faça o favor. – O moço passou um jornal nas costas do casaco: – Tem que mandar lavá-lo. – Obrigado. – Foi para casa, rescendendo. Em casa contou o que acontecera e, ao esvaziar os bolsos, com engulhos, descobriu, que o moço amável lhe levava a carteira. Deu um suspiro: – Ah! é triste ser velho! Até com “isso” roubam a gente!

§ Palmas na porta. Um homem, chorando, indagou: – O senhor Manuel Pinto está? – Está. Entre. – Minha mãe conduziu-o para a sala: – Sente-se. Ele já vem. – Papai, há um senhor à sua procura. Parece estar sofrendo muito. – Ora esta! – Na sala, o homem ajo-

Lhou-se ao soluços: – Senhor Manuel, estou no pior momento da minha vida. Preciso de quinhentos mil réis. Peço-os emprestados, pelo amor de Deus! Socorra-me! Pagarei no princípio do mês. Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! – Espere, acalme-se. – Voltou ao quarto, abriu a gaveta da cômoda (a fechadura fazia “tin-tin”), puxou uma nota de cinquenta mil réis. De novo na sala, entregou a nota: – Tome. E não me deve nada. – O homem recebeu a nota, beijou as mãos do velho: – Obrigado... obrigado... muito obrigado! – E saiu, quase correndo. – Minha mãe, que assitira à cena, estranhou: – Papai, ele lhe pediu quinhentos mil réis, e o senhor deu cinquenta! – Ouve, rapariga: quando um sujeito que não conhece outro, entra assim na casa do outro e lhe pede quinhentos mil réis emprestados, – está necessitando mesmo – mas de cinquenta mil réis. Dei-lhe os cinquenta mil réis. Tirei-o da necessidade. Não viste? – secou as lágrimas, e até beijou-me as mãos...

§ Nunca se sabe se as coisas aconteceram quando aconteceram. Tudo parece sem seguimento. Vinte anos... cinco anos... sessenta... depois... antes... A porta larga na Rua da Igreja, em Porto Alegre, vem na tarde morrendo em Florença, com aquele perfume “Enigma”, entre sinos, salgueiros, corujas,... Corpos saem de ladeiras... Ondas saem de asas... Beleta canta “Vidalita” em plena aula de Direito Civil... Jesus e Talleyrand param numa vitrina cheia de bonecas... As minhas primeiras calças compridas passeiam pelo último ato da “Boêmia”... “Salve, Rainha, mãe de misericórdia...” Lydia Borelli toca Debussy... “Amor, delícia, órgão”... Levanto Paris nas mãos, vejo as músicas que ouvi em Paris... D’Annunzio volta numa rosa... “Trocar tudo que se teve por tudo que se sonhou”... Santa Cecília... Hamlet... Vênus Calipígia... O fim da “Casa de boneca”: “O maior dos prodígios!”... O começo da *Bíblia*: “No princípio Deus criou o céu e a terra”... Estradas... estradas...

A voz de Berthe Bovy, voz azul, que parece vir dos olhos... *Poil de Carotte*... Jules Laforgue me dizendo: – Eis aí... – Minha mãe me chamando: – Siá (Sila também...) O barbeiro: – Seus cabelos estão ralos, doutor... – Espuma alegre no copo triste...

§ Voltar é o verbo de conjugação mais amiga. Em todos os tempos, em todas as pessoas. Hoje eu volto. Desço de uma viagem que, graças a Deus, não chegou ao fim. Nunca se deve concluir uma viagem. O melhor é sempre voltar, para ter ainda o que desejar. E o desejo que veio comigo dessa viagem é o de desembarcar, o mais tarde possível, no país a cuja fronteira cheguei. Lembro-me de um antepassado que adiou longamente a ida para outro mundo. Quando ficava doente, dizia: – Não... não, a morte que espere... – E, como hoje se toma uísque da Escócia para as coronárias não cometerem complicações, ele tomava vinho de Portugal, terra do seu nascimento.

§ Deus te castiga! – é uma ameaça que se escuta desde pequeno, e é mentira. A verdade é que Deus perdoa. Se Deus não perdoasse, – meu Deus!

§ O reflexo da lua nas ondas. Estas doces cismas. As casas dormindo. Ninguém...

§ Eu também criei um mundo. E vi, também, que era bom.

§ As lembranças são sempre novas. Param no tempo. Têm a idade que tinham. Conversei toda a tarde com as minhas lembranças. Conversava com elas quando a amiga entrou e se espantou:

– Você estava sozinho?

§ A varanda. Era assim que se chamava a sala de jantar. Ampla. Três portas. Duas janelas. A mesa no meio. Seguro no teto, um lampião a querosene. Quando a empregada acendia o lampião, as crianças iam pedir a bênção aos mais velhos, e os mais velhos diziam uns para os outros: – Boa noite. – Móveis à direita, à esquerda, ao fundo. Entre as janelas, uma banquetta de palha. Nas paredes, a Ceia de Cristo, paisagens a óleo, um relógio de pêndula. Lembro-me de tudo. Lembro-me de todos. É o cenário do primeiro ato. São os que encontrei em cena. Eles sabiam a vida de cor. Eu sempre precisei de ponto. (Pelo menos é essa a opinião dos vários pontos que “pensam” que eu os tenho tido...)

§ No dia em que fiz sete anos, ganhei uma lanterna mágica. Nunca mais quis outra vida...

§ Não mudam só os nomes das ruas. Mudam também, e isso dá mais pena, os nomes dos lugares. Perto de Porto Alegre (graças a Deus), para os lados de Gravataí, havia um pequeno povoado que se chamava Aldeia dos Anjos. Ainda se chamará? É a primeira vez que pergunto. Medo de uma resposta triste: – Perto de Porto Alegre, para os lados de Gravataí?... Aldeia dos Anjos?... Ah, sim! Agora é... (E ouvir, por exemplo, o nome de uma batalha...)

§ Meu irmão – Se me perguntassem: – Conhece um homem perfeito, de quem não se pode falar a não ser com admiração e amor? – Eu responderia logo: – Conheço: é meu irmão Raul. – Médico de crianças, com a saúde na infância, lhes deu, na vida depois, a imagem de um “santo descido do altar, vestido igual ao Papai”, para as curar. Isso ouvi de uma dessas crianças, hoje vovó. Isso ouviria de todas, e dos filhos, dos netos que nunca quiseram “outro doutor”. Igualmente os alunos que guiou na Faculdade de Medicina nunca quiseram “outro

professor”. Sou três anos mais velho do que ele. Mas, também, fui sempre seu cliente, seu discípulo e seu devoto.

§ Dona Claudina morava na Floresta, numa casa cheia de janelas. Tinha a cara e as mãos todas franzidas. Eu ia visitá-la e ela me dava azeitonas e girassóis. Penso sempre em dona Claudina quando vejo azeitonas ou girassóis ou saias plissadas. Penso, com saudade daquelas azeitonas, daqueles girassóis, e da cara e das mãos de dona Claudina.

§ Uma canção entra pela janela, pousa em mim...

§ Os meninos de hoje não têm, como nós tivemos quando éramos meninos, o dom de acreditar, com a inocência e a certeza. Íamos a países maravilhosos. Lá moravam as fadas, as boas, as más, as bonitas, as feias, as que sorriam num raio de lua, as que voavam, montadas em cabos de vassouras. Quantas histórias nos contaram! A elas devemos o regalo: tudo há de terminar bem. Delas ficou a sombra amiga que nos envolve. Como se tivéssemos passado por um jardim... Como se o pássaro azul ainda voasse... Ah! meninos de hoje, nós éramos mais bons... Mas fomos mais felizes...

§ Nunca imaginei que houvesse tanto silêncio...

§ Para fazer um céu basta uma estrela...

§ Cada manhã é uma surpresa. No dia começando, um outro “eu” se junta aos nossos “eus” até ontem. Somos muitos. A vida é diferente para os que a vão viver hoje. Não há velhos. Há acrescentados.

§ Dona Luiza Azambuja foi professora de português e francês, lá em casa, a vida toda. Era feia como um homem. Usava os maiores pei-

tos que, com certeza, houve no mundo, e um pince-nez de prata, incrível, que eu nunca pude quebrar (até hoje considero isso um dos meus grandes insucessos como realizador). Dona Luiza tinha duas irmãs. Uma, também professora, de desenho. Chamava-se Maria da Glória. Inutilmente. Só lhe chamavam: “seu Bingo”. Da outra não guardei o nome; ensinava noz-vômica, acônito, beladona, dinamizações em geral, na farmácia do pai: “Farmácia Homeopática de Luiz Azambuja”, – Rua de Bragança, entre a Rua Nova e a Rua da Ponte. Quando o pai morreu, elas ficaram alegérrimas: – Papai desencarnou, mas todas as noites conversa conosco. – Noites e noites, receberam notícias frescas do espaço. Até que veio a última noite. Dona Luiza contou à minha mãe: – Sabe, dona Ritoca, agora papai não se comunicará mais com a Terra. Despediu-se de nós ontem. Atingiu a perfeição. Foi para Júpiter. – Minha mãe, que não se espantava, que achava tudo natural, apenas murmurou: – Veja só... – Porém eu, quando a noite caiu, fui lhe pedir que me mostrasse, no céu, onde estava Júpiter. Felizmente ela não sabia.

§ Vida, vida infinita. Igual em todas as aparências, nas fontes, nas nuvens, na chuva, irmã grande das lágrimas... Vida, poesia. Um instante. Sim, a poesia é sempre um instante. De instantes se forma o que se chama poesia. Da poesia à realidade vai a esperança que separa a folha da flor. A árvore existe. A vida não muda. Poesia, não se faz: surge. Ninguém sabe o que é. Segredo dentro de nós, e fora de nós. Está no corpo, e está no céu. Está na alma, está na terra. Voz de uma mulher. Riso de uma criança. Aquela bruma transparente. Mãos postas. A queixa de não ser feliz. Este desejo de ser natural. Os poetas caminham pelo tempo, como num conto de fadas. Marcam com as migalhas da sua alegria o rumo da mocidade, aonde hão de volver, um dia.

§ O historiador da Revolta dos Anjos contou que um dos anjos, descido antes à Terra, nunca possuiu a vocação da guerra. Tinha sido músico no céu. Permaneceu músico entre os humanos. Não se desunira, apesar de tudo, do céu. Os outros, vindos mais tarde, encarnados na forma dos habitantes das cidades e dos campos, esqueceram as asas em vários lugares. Ele, não. Guardou as suas num armário, e gostava de olhá-las, de quando em quando, embora entristecesse ao ver que iam desaparecendo, destruídas pelos bichos. Esse anjo, tornado homem, é talvez um antepassado meu. Eu também guardei as minhas asas. Elas me dão, num tempo bruto e triste, a delicadeza de sentir, o perdão de pensar, nostalgia de vôo, ar livre, eternidade. Velhas asas... velhas asas... Foi a poesia que me fez ir buscá-las, hoje, para um banho de sol.

§ Dona Matilde e “seu” Paranhos, quando eu ia nas férias a Porto Alegre, não me viam com bons olhos e me davam muitos conselhos:

– Já é tempo de você ter a cabeça no lugar.

– É preciso que não seja criança sempre. Você está desperdiçando a vida.

– Juízo, rapaz!

Dona Matilde, uma noite, subiu ao telhado da casa deles e atirou-se na rua. “Seu” Paranhos, meses depois, também endoideceu. Ela foi para o cemitério. Ele foi para o hospício. – Juízo!

§ Há coisas tão cruéis, que parecem inventadas. Não são.

§ O nome era vagamente cumprido: Alvaro Maria da Soledade Pinto da Fonseca Velinho Rodrigues Moreira da Silva. Reduzi a Alvaro Moreyra, com um y encarregado de representar as supressões. Isso perante o público. Na intimidade fiquei sendo o Alvinho... O

meu registro de batismo não muda de opinião: declara sempre que nasci no dia 23 de novembro de 1888. Quase um ano depois, aconteceu a República.

§ Isabel... Mais tarde, com a mesma idade, eu a encontrei na *Commedia dell'Arte*. Foi a que ficou sendo. Da outra, o tempo tirou a realidade. Mas por causa da outra, meu pai decidiu que a vida de externo não me servia. Estive cinco anos no Colégio Nossa Senhora da Conceição, junto do Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Saí de lá dono de um diploma de bacharel em Ciências e Letras, e não aprendi a dançar...

§ Entretanto, a primeira paixão que tive foi Santa Cecília. Ela nunca soube.

§ Não perdoei à Santa Cecília ter contado a Valeriano o seu segredo: – “Possuo um amante. É um anjo de Deus que, com o maior ciúme, cuida do meu corpo.”

§ Peguei no internato a “distância” das ilhas, aumentada mais tarde. Aquilo, na verdade, era uma ilha. Fui a criatura mais só do mundo...

§ A Semana Santa. Semana contente. Fechavam-se as aulas. O retiro punha êxtases no coração. Depois, ao romper da aleluia, uma alegria doida se derramava pelo pátio, pelas galerias, pelas almas. A Páscoa nascia de nós, bulhentemente. Começa amanhã a Semana Santa, e bem diversa daquelas. Renan escreveu, uma vez: “Os que receberam, como eu, uma educação católica, dela guardaram vestígios profundos. Mas, esses vestígios não são dogmas, são sonhos.” São sonhos...

§ A gente lê sempre os mesmos livros. Num dos livros que eu leio sempre, vi hoje, com o sentido verdadeiro, estas palavras: “O tato da alma é a evocação.” E fui me encontrar no internato, onde passei o fim da infância e o começo da juventude. O internato... De noite, doía. Estou olhando, estou escutando... Sim, “o tato da alma é a evocação...” Ao fundo, na parede branca, um crucifixo que as lâmpadas de gás faziam estremecer. Um púlpito de onde os óculos de um padre vigiavam. Pequenas carteiras, em seis filas, entre as janelas, por toda a sala. Vultos adolescentes debruçados sobre livros e cadernos. De quarto em quarto de hora o relógio batia. Único rumor no silêncio da noite. Não me lembro do vento. Não me lembro da chuva. Mas de certos sábados em que músicas perdidas, vozes de serenatas distantes subiam e cantavam em mim. Jacinto Godói Gomes, que trata de doidos, agora, em Porto Alegre, foi, com João Neves da Fontoura, meu companheiro no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Formou-se antes. Apareceu de visita, lá, um domingo. No outro dia me mandou este soneto:

### VISITA AO COLÉGIO

*Chego. Puxo o cordão da campainha.  
Ouço-a tocar. Assim é que tocava.  
É o mesmo som de outr’ora que ela tinha  
Quando, triste, das férias eu chegava.*

*Recebe-me o porteiro. Ainda é o que vinha  
Abrir-me a porta, e alegre me contava  
As coisas novas que o colégio tinha,  
Quando, triste, das férias eu chegava.*

*Entro e por tudo o meu olhar caminha.  
Nada mudou. Quem disse que mudava?  
Nem o porteiro. Nem a campainha.*

*Só eu. Só eu. Se pudesse, chorava,  
Pois já não trago as ilusões que tinha  
Quando, triste, das férias eu chegava...*

Na manhã, em que o recordeo, este soneto tem 60 anos... A vida é grande... a vida é grande..

§ Às vezes, quando me acho pequeno (isto em geral acontece no verão) penso naquilo: “Quem tem praga na cabeça, roga a Deus que nunca cresça”. A praga deve ter crescido. Recebi-a da boca do professor de matemática, que também lecionava história natural, matérias em cujos exames, por especial indulgência, fui aprovado com grau I. Chamava-se Rick. Era apavorante: muito comprido, muito magro, muito feio, e sabia tudo. Na galeria do pátio, os mestres, alemães e amáveis, se despediam dos alunos. A cada um dos que haviam terminado o curso, murmuravam palavras sem conseqüências, reproduziam votos de venturas e triunfos. A mim, orador da turma, o poeta do colégio, ator aplaudidíssimo nos espetáculos das festas do Reitor, de São Luiz Gonzaga, do fim do ano, iam profetizando, à medida que me abraçavam, futuros maravilhosos. Cheguei ao Padre Rick, o último, na porta quase. Ele derramou as mãos cabeludas em cima dos meus ombros, fincou os olhos gelados nos meus olhos, perguntou: – Endon, Morrera, que vai fazer agorra? – Respondi, tremendo, que pretendia estudar Direito. – Dirreito! – Abriu-se de alto a baixo, numa terrível gargalhada. E com a recordação de que eu nada tinha sido nas aulas dele, concluiu: – Vai, Morrera, vai! Nunca serrá nada na vida! – Vim.

Somei idade. Não entendi mais da vida do que entendi das matemáticas. Continuei a preferir as histórias artificiais às outras histórias. Nosso Senhor já chamou o padre Rick para classificar as plantas dos jardins suspensos do Paraíso e ensinar geometria no espaço. Eu fiquei. Fiquei com aquela praga, que foi só o que aprendi com ele...

§ Guilherme e Fritz eram donos de uma papelaria em São Leopoldo. Todos os domingos, meu pai ia me buscar no colégio e, de volta, entrava na casa de negócio dos dois irmãos. Uma vez, só estava o Fritz. E vestido de preto. – Que é isto? De luto? – Sim. O Guilherme... – O Guilherme morreu? – Verdaderramente. – Como!? – Terça-ferra. Ficou muito pálido, muito pálido. Deu uma grita. Eu cori. Sentei ele naquela caderra, perguntei: que tens? Respondeu: na peito, na peito. Eu disse: esperra um pouco. Fui corendo chamar o doutor Kessler. Endon, o doutor Kessler veio. E endon o Guilherme moreu.

§ O major Cidade, da Guarda Nacional, morava em São Leopoldo e tinha o dicionário português de Adolfo Coelho. Meu pai queria esse dicionário. Num domingo, Ernesto Silva, dono da informação, nos levou à casa do major Cidade, para ver se era possível comprar o dicionário. Uma negrinha abriu a porta, mandou entrar: – Dindinho já vem. – Em vez do Dindinho o que veio foi um cheiro de banha no fogo. Bem depois, no meio da fumaça, ele apareceu com um prato na mão e, no prato, um bife com ovos: – Desculpem a demora. Estava fazendo a comida do papai. – Ernesto Silva, que acompanhara o enterro do pai do major Cidade, perguntou, espantado: – Do papai? – Sim. Ah! você não sabe! – Contou: numa sessão, três dias após a desencarnação, o espírito do papai comunicou que ia reencarnar no burro de dona Catarina. Embora crente, quis se convencer. Comprou o burro e, como papai só gostava de bife com ovos, ele mesmo frigiou o bife, esta-

lou os ovos, foi levar o prato ao burro. O burro comeu. – Era o papai! Venham ver. – Fomos. Vimos. Deitado num barracão, nos fundos da casa, o burro, de olhos lânguidos, saboreou o bife com ovos, lambeu o prato e a boca. – Bom, papai? – Papai sacudiu a cabeça como quem diz: – Muito bom. – Até logo. – Cumprimos também e partimos. O major, de tão contente, não vendeu o dicionário, – deu.

§ É um pássaro pousado, quieto, na ponta de um ramo. E de repente abre as asas, atira-se no espaço, voa. É outro pássaro.

§ Fui do colégio dos Padres, em São Leopoldo, para o jornal, em Porto Alegre. Diretamente da fábrica para o consumidor. O jornal, de acordo com a minha idade, se chamava *Petit Journal*, dirigido por Batista Xavier, que partiu de vez. O meu companheiro maior, Jacinto Godói Gomes, tornou-se um dos grandes psiquiatras do Brasil. Eu continuei na mesma loucura. Porque, como o mundo está organizado (modo de dizer...), como a vida precisa de ser vivida, – revelar, todos os dias, o que se sente, o que se pensa, e com o desejo de instruir, educar, esclarecer, é uma cousa fora das normas, uma coisa insensata, muitas vezes perigosa. Entretanto, os jornalistas são apenas as vozes que se escutam antes. Depois, todas as vozes os repetem, murmurando ou gritando. Evangelistas da realidade. Os últimos poetas. Sem idade. Ficam sempre meninos. Contam tudo. A casa deles não tem portas nem janelas. O sol entra, o vento passa, a gente vai e vem. Podia ser a torre de marfim. É o albergue dos pobres. Pobres que dão e não pedem. Do *Petit Journal* passei para o *Jornal da Manhã* que Alcides Maya fundara, com Carlos Peixoto na gerência, Fábio Barros, José Picorelli, Homero Prates, Felipe d’Oliveira entre os redatores, Pedro Velho na revisão. Pinto da Rocha dirigia a *Gazeta do Comércio* e chamava para lá a juventude. A juventude perdera a fé no velho mestre e acompanhava os discí-

pulos rebelados, dentro do *O Debate*, Getulio Vargas, Odon Cavalcanti, João Neves, Mauricio Cardoso. Vim para o Rio concluir outro curso, o de Direito. De volta, nas primeiras férias, ao lado do *Correio do Povo* e d' *A Federação*, parentes mais antigos, encontrei *O Diário* e n' *O Diário*, Eduardo Guimaraens. Depois...

§ – Os que se esquecem do passado estão condenados a repeti-lo. – Condenados, Santayana?

§ Como se fossem as irmãs de um convento de Santa Clara, na hora do recreio. Fecho os olhos, vejo-as, fecho os ouvidos, ouço-as. São as palavras bem amadas da vida. Andam, tinham corrido. Eram cheias de risos, estão sérias. Minhas irmãs de Santa Clara! Santas feitas de voz e espírito – irmãs também de outras santas, paradas diante de mim, sobre a pequena arca de jacarandá, feitas de madeira, de barro, de louça, de pedra-sabão, vindas de Porto Alegre, do Recife, de Ouro Preto, da Bahia. Essas vieram da infância e me ensinaram a falar: Flor, Mãe, Luz. As que foram crescendo: Surpresa, Graça, Esperança... Queridas! A que trata do jardim e parece que nasceu ali! Rosa. A que cuida dos livros e é o sol de cada um: Alma. As zeladoras da capela: Poesia, Música... Todas, de noite, pelos caminhos antigos, vão ao Céu, onde os anjos, na sua aldeia, velam o sono da companheira, a bela adormecida: Irmã Paz.

§ Encontro no tomo XVII do *Dicionário Bibliográfico Português*: “Matheus Luiz Coelho de Magalhães ou Matheus de Magalhães, filho natural do célebre orador José Estevão Coelho de Magalhães, nasceu em Coimbra em 1837. Vindo para Lisboa, depois dos preparatórios, matriculou-se no curso superior de Letras e dedicou-se à vida jornalística, onde revelou sobejo talento. Por circunstâncias

particulares foi para o Brasil em procura de melhor futuro, e ali se conservou alguns anos.”

Matheus de Magalhães esteve em Porto Alegre, na mocidade de meu pai. Ficaram íntimos. Uma noite, indo à procura do amigo, na casa comercial de meu avô, e não o encontrando, ia partir. Mas o “velho Moreira”, patrício dele, o reteve. No dia seguinte, Matheus de Magalhães disse ao “Moreira moço”:

– Ó menino, tu andas por aí com a fama de que tens muita graça. Pois olha: perto do teu pai, não vales nada!

§ Recebi de meu pai esta lição: – Se vires que vem andando pela mesma calçada um pessimista, – dobra a esquina! dobra a esquina!

§ Olho em volta de mim... Que bom se eu visse essas almas!

§ Sereno... orvalho... relento... Os mortos choram por nós nas noites claras...

§... o arranha-céu era o Malakof, com marcas de balas da revolução, perto do jardim que tinha grades, quase em frente do Mercado; do último andar, por sobre as árvores; se via a Doca, cheia de lanchões e de melancias. Mas na Rua da Igreja as casas eram mais altas. Foi da Rua da Igreja que nós saímos, – não foi, Homero Prates? Não foi, Carlos Azevedo? – daquela esquina onde ficava a Faculdade de Direito, e onde, depois da Escola Normal, ficou a Polícia, que o fogo destruiu. Foi de lá que saímos, em 1908, vocês dois, Felipe d’Oliveira, Eduardo Guimaraens, Antonio Barreto, Francisco Barreto, eu... os Sete... Há tantos anos! Eduardo, já autor do *Caminho da Vida*, fez então as nossas fichas:

## HOMERO PRATES

*Este é um pontifex maximus do verso!  
Mestre do ritmo eril, o sonoro universo  
do seu rimário dá-nos mil exemplos:  
e os seus POEMAS SAGRADOS  
virão aos nossos olhos deslumbrados  
numa solenidade hierática de templos.*

## FELIPPE D'OLIVEIRA

*Este pode morrer quando quiser: de um poema  
que o seu estro trabalha, — eternamente  
há de ficar, dos tempos ao destino,  
o seu nome elevando à vitória suprema,  
um verso alexandrino:  
“Os candelabros reais dos paços do nascente.”*

## FRANCISCO BARRETO

*Este não é da lira... No entretanto,  
é um artista também: que brilhe e reze  
seu nome aqui, é natural portanto...  
Ab! só tem um defeito, por enquanto:  
— ter as mesmas feições de Afonso XIII..*

## ALVARO MOREYRA

*Este vem logo após ao XIII real, na blague  
do número do agouro, e que os aldeães assombra.  
Vede-o: é o mais conhecido e atacado dos Sete!  
E para que da crítica o estilete  
definitivamente o sangue, o espete, o esmague,  
vai nos mostrar, por uma sexta-feira,  
a claridade estética da SOMBRA.*

CARLOS AZEVEDO

*Este que se regista agora não faz parte  
do círculo musal. Mas que isto se registre:  
as suas mãos possuem, por um milagre de arte,  
os dedos do velho Liszt.*

ANTONIUS

*Este é um fino bambu que do Bois de Boulogne  
foi arrancado. E agora, entre os Sete, ei-lo aqui:  
o crayon que o semelha,  
a mão, nervosamente ardendo na centelha,  
o tipo a D. Enguiço, o jeito a Gavarni,  
e a dizer e a engrolar os versos da Charogne,  
ou então, quando quer:  
— J'comprrend que l'chat ait frappé Baudelairrre!*

EDUARDO GUIMARAENS

*Este, que fecha a comédia  
e o mau Registo dos Sete,  
tem um livro e uma tragédia,  
e é um mocinho que promete...*

Os mais velhos gostavam de nós. Alcides Maya, retornou do Rio, fundou o *Jornal da Manhã*, e queria a nossa colaboração, junto com a de José Picorelli, que escrevia uma nota diária, “Prisma”, assinada Rastignac. Pinto da Rocha, diretor da *Gazeta do Comércio*, parava na rua para conversar conosco, o que era uma glória. Caldas Júnior, uma tarde, no *Correio do Povo*, nos sagrara, diante de Paulino de Azurenha, Zeferino Brasil, José Carlos de Sousa Lobo: — Esses rapazes têm talento. — Que alegria, quando Fábio Barros nos deu a notícia! — Victor Silva nos rece-

bia na Biblioteca. Pedro Velho, no terceiro copo, chorava: – Eu só acredito em mim porque vocês acreditam em mim... – E Marcello Gama era o nosso companheiro bem amado. Ele principiou com um grande desgosto: chamava-se Possidônio Machado. Não era possível!

*Um dia batizei na pia dos meus prantos  
o poeta que em mim, por milare, surgira...*

Ficou sendo Marcello Gama. Para que ninguém contasse, foi contando:

*Sou feio, se não mente o juízo dos espelhos,  
nem é falsa a expressão do que olha para mim...*

Mas que poeta! Como sentia a vida e como transformava em espírito as realidades mais brutas! Uma noite, o diretor de um jornal lhe recusou a publicação de uns versos; achava-os muito “avançados”. Marcello saiu do jornal, procurou os amigos jovens: – Preciso de todos. – Todos estavam decididos. No momento, eram quatro. Tomaram um carro juntos. – Vá pela Rua da Azenha. – Na ladeira do cemitério, mandou parar. – Venham. – Foram, ladeira acima. Que seria? Para que Marcello os levara, a tais horas, para tal lugar? Marcello caminhou até o portão, gritou: – Mortos! Mortos, os vivos não querem ouvir o que eu lhes digo! Venho dizer a vocês! – E disse os versos recusados, que mais tarde ampliou na *Noite de Insônia*. De volta, a pé, os amigos, entusiasmados, elogiavam os versos, punham Marcello no mais alto da admiração. E Marcello explicou: – Eu trouxe vocês porque, no fundo, também não tenho muita confiança nos mortos..

§ As inglesas deram muito naquele tempo, em Porto Alegre. Nós todos amávamos uma patrícia de Vivien Leigh. Felipe D’Oliveira chegou a amar três. A primeira chamava-se Ellen:

*Branca, dentro das charpas,  
Ellen, inglesa e loura, de ouro e espuma,  
dolente como as harpas.  
de olhos litúrgicos na auréola das olheiras.*

A segunda não se chamava:

*Ó bizarrice inglesa de silbueta,  
ó carnação de mornas latescências...  
...Olhos em cuja indecisão me embrenho...*

*Névoas que um mito trazem escondido...  
Só pensando em fitar teus olhos, tenbo  
a nostalgia do desconhecido...*

A terceira também não tinha nome:

*Foste no meu destino um mau agouro..  
Endoideceu-me o teu cabelo louro  
nessa linda cabeça a Burne-Jones...*

Talvez nenhuma existisse. Mas eu me lembro de todas. Elas iam nas nossas viagens. Como viajávamos! Ainda não havia aviação. Íamos de imaginação. Que países! Eça, Cesário Verde, Fialho, Antonio Nobre, Novalis, Shelley, Keats, Ruskin, D'Annunzio, Maeterlinck, Rodenbach, Verhaeren, Nietzsche, Verlaine, Jules Laforgue, Albert Samain, Anatole France... Chopin, Debussy... Burne-Jones, Dante-Gabriel Rossetti, Carrière... Rodin... isso tudo, misturado, formou cada um de nós. Os complementos vieram por acaso... As inglesas saíam dos quadros pré-rafaelistas, longínquas, silenciosas, maceradas, de uma tristeza além

de qualquer suposição... Pareciam, pelo êxtase em que andavam, não corpos vivos, porém sombras esquisitas do país dos mortos. Para lhes falar, era com palavras de oração, numa sala coberta de tapetes, queima-perfumes a queimar perfumes, vasos compridos cheios de lírios; de preferência no outono... Se houvesse uma igreja perto, e na igreja um órgão tocando, então a felicidade seria completa... Felizmente, a viúva Noronha – a viúva mais bonita do mundo – apareceu naquele tempo, em Porto Alegre, e matou todas as inglesas. Monsieur Bergeret conheceu-a, tal qual, na sua cidade da província. Era Madame de Gromance, – Madame de Gromance que, quando passava, deixava no ar um perfume de amor... Ela deu o corpo à nossa alma...

§ E lembro-me de você, Riacho. Não porque fosse histórico, ou porque fosse artístico, eu o amei desde pequeno, (mais pequeno...), quando ia à Rua da Margem, e não sabia o que era história e o que era arte. Quero-lhe bem há setenta anos, pela sua humildade, pela sua doçura, pela sua poesia. Você não é um pedaço de água a andar vagarosamente entre duas beiras de terra da minha terra. Você, com aquela mesma ponte, aqueles salgueiros iguais, e o céu caído em cima, mudando sempre, sempre outro, sempre diverso, você é uma criatura que envelheceu como se envelhece entre nós, os resumidos assim em forma de gente. Riacho, meu parente, meu camarada, meu amigo, meu mestre. Lembro-me de você, na última vez em que o vi. Não sei música. Se soubesse, contaria como foi. Toda a cidade estava ali, dentro da solidão. O sol dormiu em você. Em você acordaram as estrelas... Riacho, pela sua água passaram todos os crepúsculos de Porto Alegre, e alguns foram ao fundo...

§ Devia-se contar a vida dos poetas como se conta a vida dos santos. Não me esqueço daquele bispo, que hoje está no céu, o qual, de-

pois de decapitado, pôs a cabeça debaixo do braço, e caminhou três léguas. O narrador fez apenas um comentário: “Em tais circunstâncias é o primeiro passo que custa.” Um irmão mais moço de Marcello Gama, – Raul de Leoni, – descobriu mais tarde, que “foi sempre por um passo distraído que começaram todos os destinos”. Marcello Gama nasceu em Mostardas, no Rio Grande do Sul, a 3 de março de 1878. Morreu no Rio de Janeiro, a 7 de março de 1915. Separou logo o criador da criatura. Na realidade tinha o nome de Possidônio Machado. Na imaginação sempre se chamou Marcello Gama. Possidônio e Marcello nunca se entenderam. Às vezes, a miséria de um obrigava o outro a cometer coisas feias: a revista *Salamão*, por exemplo, em 3 atos e 9 quadros, todos piores, com música do maestro Assis Pacheco, representada em Porto Alegre, no teatro Politeama, pela Companhia Peixoto, Assis & Cia. A estrela era Gabriela Montani. Estreava-se uma atriz: Abigail Maia. No ano da *Via Sacra*: 1902. Pobre Marcello!

*O caminho sagrado, esse dos sonhadores  
que sobem, a cantar, a montanha das dores...*

Mas a ascensão foi bela. É lá em cima que o vêem agora os que o viram passar, os que o conheceram e o amaram.

*De luta a luta, sonho a sonho, engano a engano,  
nunca mais me adaptei ao prosaísmo humano...*

Maiores e menores, todos então se declaravam anarquistas, por causa de uns livros de capa vermelha, que vinham de Lisboa, e de uns livros de capa branca, com um retrato à esquerda, no alto, que vinham de Madri. Os grandes liam. Os pequenos liam. Anarquistas e anticlericais. Odiavam com muito amor. Já o doutor Borges de Medeiros pros-

seguia no governo do Estado, e o doutor Montauray Leitão ocupava a Intendência Municipal. Havia teatro o ano inteiro. Quando partiam as companhias estrangeiras e cariocas, as sociedades dramáticas punham em cena peças originais e traduzidas. Quase que não existiu um autor gaúcho sem um drama ou uma comédia entre as produções. Menino, assisti a “O dever”, de Alves Torres, que revolucionou a cidade contra “os funestos corvos da igreja de Roma”. Alves Torres, maçom, atacou os padres maus. Os espectadores quiseram, entusiasmados, atacar maus e bons; não se preocupavam com a escolha. Num dos espetáculos, Marcello Gama, que o povo aclamara, improvisou:

*Querem que eu fale. Mandam-me que diga  
como isso tem impressionado a gente!...*

.....  
*Povo! que assim teu coração expandes,  
vê bem como a cabeça de um só homem  
põe em delírio tantas almas grandes!*

Tempo de Zeferino Brasil, José Pinto Guimarães, Alfredo Lisboa, Aquiles Porto Alegre, Andrade Neves Neto, J. Carlos de Souza Lobo, Ribeiro Tacques, Alarico Ribeiro, Caldas Junior, Areimor, Paulino de Azurenha, Sebastião Leão, Batista Xavier, Pinto da Rocha, Mario Totta, Alcides Maya, Pedro Velho... – De volta do internato, em 1907, encontrei mais Victor Silva, Getulio Vargas, João Neves da Fontoura, Jacinto Godói Gomes, Mauricio Cardoso, Odon Cavalcanti, Armando Barros Cassal, Coelho Cavalcanti, Renato Barbosa, Garcia Margioco, Pery Melo, Paulo Labarthe, Alcindo Barcelos (que principiou orador e terminou pianista), Carlos Cavaco, Picorelli, Felipe, Homero Prates, Antonio Barreto, Eduardo Guimaraens (os meus amigos) sombras... sombras... sombras... Que cerração a vida!

Cezar de Castro se manifestava: – “Salve, ânfora aurilavrada de coral sangrento, que encerras o hidromel olente das temporantes temulências ternas! Salve, Vanda!” – Bolívar Barbosa exibia baladas com versos como este:

*Unção gazil supinamente.*

Milton Cruz se transmitia em um soneto: “Os gatos”:

*Há-os biscachos e há-os amarelos...*

Entretanto, José Carlos Rodrigues ia morrendo:

*Mãos espirituais, é em vós que o meu destino ponbo!  
mãos de prece, que sois como dois ciprestes  
esguios, à beira da minha vida prestes  
a voar para o caos da dúvida e do sonbo...*

João Barbosa achava grandes chaves de ouro... E Simões Lopes Neto, em Pelotas, já era a voz que ficou ecoando: “A estrada estendia-se deserta; à esquerda, os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas. Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero; uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado, e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...”

Olhávamos na Rua da Praia o professor Duplan, amigo de Anatole France. Que noites de inverno! Marcello morava para os lados da Várzea. Foi na casa dele que nos revelou, uma noite de inverno, o poeta Cesário Verde e o licor Marrasquino... Marcello, de voz arrastada, cheia de erres, Marcello, da família de Francisco de Assis e de Vilon...

*Laudatu si, mi signore...*

*Mais où sont les neiges d'antan?...*

§ Contar a vida é uma forma de perversão sentimental. Pelo menos, é um meio de amar essa mulher, sempre e nunca a mesma, uma só, e muitas, essa mulher por quem, afinal todos se matam. Mas, alguém conta a vida? A vida é incontável. Creio que foi o padre Manuel Bernardes o dono do suspiro: “Das tristezas não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem elas.” Das tristezas, das alegrias, também, e das imitações.

§ A minha geração teve muitas influências. Mas ninguém, nela, ganhou mais mestres do que eu. Quase todos li depois de saber que eram meus mestres. Entretanto, se disser os nomes de Antonio Nobre e Jules Laforgue, não posso, para não mentir, dizer outros. Também me puseram numa porção de escolas. Pery Melo, que se suicidou em 1913, garantiu que eu era da “escola parnasiana”. Outros, que nunca se suicidaram, garantiram que eu era da “escola simbolista”. Ribeiro Couto fechou-me, por uns tempos, na “escola penumbriista”. Em 1924, fui posto na “escola futurista”. Graça Aranha declarava que eu pertencia à “escola modernista”. Para Tristão de Ataíde, em 1934, a minha escola era a “católica”. Ora eu não pedi matrícula em nenhuma dessas escolas. Na verdade, fui sempre um grande gazeteiro. Eis o que explica a “minha escola” e o que deixo de mim. Nem fábula nem poe-

ma em prosa. Qualquer coisa entre. Com ou sem enredo. Tipo, caso, realidade, imaginação. Alegre, triste, regular. Jesus Cristo falava em parábolas. Depois (culpa de Demóstenes, culpa de Cícero) foi que se propagou o discurso. E o mundo perdeu a tranqüilidade. E os homens nunca mais conseguiram ser felizes. Cervantes deu um conselho inútil: “Põe um freio na língua e considera e ruma as palavras antes que te saiam da boca.” A chamada sabedoria dos povos descobriu que “o silêncio é de ouro”. Ninguém acredita no ouro porque não o vê, e o silêncio entrou no reino dos sonhos. A vida é vivida a gritos, no meio de frases confusas, arrastando enormes intrigas, tropeçando em princípios, meios, fins, pormenores...

§ Eu me pareço mesmo é com essas ampolas de injeção de bismuto. Tenho em mim as coisas necessárias. Mas preciso de ser sacudido, sacudido, para que todas se misturem e, então, eu possa ser usado utilmente. A vida tem me sacudido bem...

§ Não grites nunca, nem de alegria.

§ A noite começava na casa de dona Otília Barreto. De nós, os certos: Homero e eu. Felipe comparecia muito. Carlos ia de quando em quando. Eduardo não ia, por paixão. Chico era de casa, mas nem sempre estava em casa. Antonius também de casa, saía quando nós entrávamos, porque nos achava burríssimos, representando de “estetas”. Entretanto, de nós todos Antonius foi o único que enlouqueceu. O único sincero. Na casa de dona Otília, Murilo de Carvalho, de volta de Paris, cantou as coisas mais lindas deste mundo, com uma cara de Pierrot de Willette e uma voz que Antonius chamava: “de salão”, e Felipe: “de alma”. Fizemos a segunda geração da casa de dona Otília, que tanta influência exerceu em nós. Casa de artistas. Casa onde só a inteligência interessava. A

primeira geração foi a de Alberto Barcellos, Victor Bastian e Alziro Marino. Alziro Marino prosseguiu conosco. A terceira foi a de José Rasgado, artista que terminou desconfiando de que tinha ficado idiota, e ao contrário de outros que nunca desconfiaram, não ficou.

§ Como gostávamos de “frases”! Não sacrificávamos nenhuma. A vida curou o vício. A marca ficou, tal qual a marca da morfina, da cocaína, do álcool, de qualquer veneno, nos que abusaram desses biombo. É preciso uma fiscalização muito grande, um imenso cuidado, para esconder a marca. Marca da fábrica...

§ No salão da Faculdade de Direito, cheio de estudantes, puxei do bolso um revólver, apontei-o para Carlos de Azevedo, com o grito de um drama em cena no Coliseu: – Chegou o dia da vingança! – Pum! O tiro partiu. Felizmente, sempre fui mau atirador. Não matei ninguém. Carlos de Azevedo era o meu melhor amigo do curso. Eu estava convencido de que o revólver não tinha nenhuma bala...

§ Com essa mesma arma, resolvi, meses depois, me matar. Antes, fui à casa de Araujo Vianna e pedi que tocasse no piano um certo prelúdio de Chopin. Araujo Vianna não sabia de cor. Procurou. Não achou. Pôs-se a conversar da ópera que estava compondo, sobre o poema de Eugênio de Castro “O rei Galaor”, e referiu-se à outra ópera dele, chamada “Carmella”: – Ouça. Tem uns pedaços bons. – Tocou, tocou. Não era a música que eu queria. Mas era a música de que eu precisava. Sentado num sofá, atrás do maestro, peguei no sono. Quando acordei, era quase no fim do último ato. Não me matei.

§ Apesar de tudo, viver é bom. Quanto mais tempo, melhor. Meu pai, que foi um homem alegre, saiu do mundo com pena, porque, entre

vários desejos, levou o de assistir ao desenvolvimento deste século, que ele esperava que melhorasse. Curiosidade como outra qualquer. Justamente a curiosidade dá o gosto de permanecer nisto aqui, debaixo do velho sol, cheio das manchas que sempre teve, mas que só há pouco se descobriram, e começaram a servir de explicações aos distúrbios da terra e da gente. Para que explicação? Vamos andando, espiando, escutando. A vida é uma coleção de imagens e de vozes. Às vezes, as imagens não são bonitas, às vezes, as vozes não são agradáveis. Há o consolo de lembrar as que são. O que é preciso é não complicar o que é tão simples.

§ Talvez o menos errado seja permanecer no temperamento. Existir com naturalidade. Antecedência ou consequência. Nunca supor que se tem razão. O que se tem, mesmo, é um pouco de remorso.

§ Que romance, um cinzeiro!...

§ O perfume é uma reza...

§ Temos estes sentidos, que sabemos, e outros, ignorados, vagos e simpáticos, do corpo, da alma, do mistério. Às vezes, gostamos unicamente de olhar. Às vezes, apenas nos interessa ouvir. Às vezes, ficamos olhando e ouvindo, fascinados. Esqueci que “o mal pior é ter nascido”. Não esqueço que “um perfume na sombra tem uma voz de aparição”, e que “só as mãos que beijamos são brancas”. Vinho faz silêncio na boca. A lembrança aprofunda e prolonga. Carregamos o mundo conosco, o mundo que criamos: ele é que é o mundo bom, com a nossa estrada, a nossa ponte, a nossa casa...

§ Quando a morte vier, se eu sentir que é ela mesma, hei de ficar triste. Acostumei-me com a vida. O mundo nem sempre foi o mundo

exterior para mim. Na realidade com que me perturbou, nunca sumiu a poesia que nasceu comigo. Estive na terra. Não me perdi no infinito. Idealista demais, talvez. As minhas ações continuam sendo idéias. Talvez excessivamente romântico. Errado? Não me preocupam as certezas. São as únicas ilusões que não tenho...

§ 1908. Todas as noites, uns rapazes se juntavam por fim na Praça da Caridade, em frente da Santa Casa, e ali se despediam até de madrugada, conversando, declamando, espalhando no ar adormecido irreverências e fanatismos. Todas as noites e todas as estações. Naquele tempo, as estações marcavam principalmente os sentimentos literários, apesar do frio de julho e do calor de janeiro. Sete rapazes. Cada um com o seu jeito. Nenhum influía em nenhum. Clara Della Guardia tinha passado por nós, com as mãos bonitas, a voz dolente, e com “A filha de Iorio”, “A Gioconda”, “A nave”. Do teatro São Pedro saíamos tranzidos. Fora a grande revelação. Desde as noites que ela nos dera, vinda de tantas cenas do mundo, ficamos inquietos e mais artificiais, mas tão sinceros, que a vida não chegava e inventamos vidas diferentes, vidas soltas no espaço sem fronteiras. A legenda, gravada na placa colocada no saguão da antiga casa de espetáculos, e oferecida por um discurso de Felipe, orientava a nossa exaltação: “*Cosa bella mortale passa, e non d’arte.*” A província é a sensibilidade. Da província é que vêm as ilusões, o encanto dos erros bons, os ingênuos destinos que nunca se cumprem... Os sete rapazes se dispersaram. Depois, a loucura destruiu o Antonius. Depois, a morte carregou o Eduardo. Depois o Felipe não veio mais da Europa...

§ Desde que comecei a ouvir, ouvi falar nos Farrapos. Mais de cinquenta anos haviam passado depois da guerra que eles fizeram pelo bem dos outros. E, apesar disso, todos os amavam. Foi porque os Far-

rapos não tiveram ódios, – tiveram ilusões. E os que lhes chamavam “anarquistas, salteadores, assassinos”, andaram dizendo que, de combinação com o tirano Rosas, o que queriam era anexar o Rio Grande do Sul à Argentina. Ora, quando o tirano Rosas ofereceu aos Farrapos tropas para a vitória contra a reação do governo imperial, a resposta partiu imediata: “Senhor, o primeiro soldado de vossas tropas que atravessar a fronteira fornecerá o sangue com que será assinada a paz de Piratiní com os imperiais. Acima do nosso amor à República, colocamos o nosso brio, a integridade da pátria. Se puserdes agora os vossos soldados na fronteira, encontrareis ombro a ombro, os soldados de Piratiní e os soldados do senhor D. Pedro II”. O Rio Grande do Sul esteve muitos anos separado do Brasil. Sem intenção. Por fatalidade. Com tristeza. A República, proclamada lá, não conseguiu ser proclamada no resto do país, semicolônia. Depois de 20 de setembro de 1835, catorze “presidentes” e “comandantes das armas da Província”, enviados pelo governo do “Império Luso-Brasileiro”, tentaram vencer a Guerra dos Farrapos e destruir a República rio-grandense. Entre eles, um acendeu mais o desejo de triunfar e mais fixou a idéia do regime novo: Antônio Elizário de Miranda e Brito. A esse coube pôr em execução a “ordem do Regente em nome do Imperador”, assinada por Bernardo Pereira de Vasconcelos, – “a respeito dos escravos que os rebeldes têm armado, e com os quais também hostilizam as forças imperiais”: “Todo escravo que for preso e tiver feito parte das forças rebeldes, será logo aí, ou no lugar mais próximo em que possa ter lugar, correcionalmente punido com duzentos a mil açoites, por ordem da autoridade militar ou civil, independentemente de processos. Depois de assim castigados, serão remetidos para esta capital, publicando-se seus nomes e senhores, a fim de que saibam o destino de seus escravos, e possam dispor deles como lhes convier, contanto que não revertam à província do Rio Grande, enquanto não estiver plenamente pacifica-

da, ao que por si, ou por seus procuradores, se obrigarão por termos perante o Juiz de Direito da Chefia da Polícia, encarregado de fazer a entrega aos que se legitimarem.” Bento Gonçalves se opôs com um decreto: “Tendo o tirânico governo do Brasil determinado ao intruso e intitulado presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul a aplicação de duzentos a mil açoites a todo homem de cor que, livre do cativo, em conformidade das leis desta República, tiver feito parte da sua Força Armada e vier a cair prisioneiro das tropas chamadas legais, desprezando aquele imoral governo toda espécie de processo e formalidade judiciária para qualificação daquele suposto crime, quando, em obediência às sagradas Leis da Humanidade, às luzes do presente século e aos verdadeiros interesses dos cidadãos do Estado, foi que o governo do mesmo passou a libertar os cativos, aptos para as armas, oficinas e colonização, a fim de acelerar a pronta emancipação dessa parte infeliz do gênero humano, e isso com grave sacrifício da Fazenda Pública, pois que todos os proprietários que têm exigido a importância de tais cativos ou não são satisfeitos de pronto ou não receberam documentos para o serem oportunamente: o presidente da República, para reivindicar os direitos inalienáveis da humanidade, não consentindo que o livre rio-grandense, de qualquer cor com que os acidentes da natureza o tenham distinguido, sofra, impune e não vingado, o indigno, bárbaro, aviltante e afrontoso tratamento, que lhe prepara o infame governo imperial, em represália, a que é provocado, decreta: — “Artigo Único. — Desde o momento em que houver notícia certa de ter sido açoitado um homem de cor a soldo da República, pelas autoridades do governo do Brasil, o general comandante em chefe do exército, ou os comandantes das diversas divisões do mesmo, tirarão à sorte os oficiais de qualquer grau que sejam, das tropas imperiais, nossos prisioneiros, e farão passar pelas armas aqueles que a mesma sorte designar.” — Está claro que o decreto de Bento Gonçalves apenas

se destinava a efeito moral. Contudo, nas condições impostas pelos Farrapos, para a paz, e que foram aceitas, a 4.<sup>a</sup> dizia assim: “Ficam livres e como tais reconhecidos os cativos que serviram na Revolução.”

§ Não é só nos sonhos que esses casos se dão. Acordadíssimo, vi na mesma lembrança, o Japão e o padre Joseph. Não interpreto, desconho que foi porque um japonês diante de mim ia capengando, e o padre Joseph também caminhava assim. Quando é tempo de recordar, tudo puxa para trás. Lá atrás, quando eu pensava no Japão, era sempre com uma imagem de nascimento do sol, onde as criaturas eram de porcelana... Depois, o Japão veio numa opereta, a “Geisha” veio numa ópera, “Madame Butterfly”, e em muitos livros. Ficou importante. Cresceu. Expandiu-se. Grande potência. Fez guerras. Fez tratados. Fez incidentes maiores e menores. Ora, comigo, tão longe, não mudou: é ainda de cerejeiras em flor que me aparece, sob o céu branco do vôo das cegonhas, e um poeta debruçado numa ponte cochichando o seu “hai-kai” à tarde que se fecha como um biombo... Também o padre Joseph passa tal qual passava pela Faculdade de Direito, magro, baixo, alemão, rumo da igreja do Senhor dos Passos, – um, dois, um, dois, para cima, para baixo, para baixo, para cima, deixa que eu chuto, – todas as manhãs. Numa das manhãs, a última, um dos estudantes aglomerados na porta gritou: – Urubu! – O padre Joseph se deteve. Mas seguiu logo. O estudante gritou outra vez: – Urubu! – Outra vez o padre Joseph se deteve. Virou-se. Pôs os olhos furiosos em todos. Deu mais um passo. Levantou o guarda-chuva. Disse: – Quem me chamou urubu, esse é urubu! – E partiu, digno.

§ Renato Costa estreou no júri, em Porto Alegre, defendendo um assassino que não tinha advogado. Falou o promotor. Renato falou. Os jurados foram decidir. Decidiram condenar o réu a trinta anos de

prisão. Descendo a Rua da Ladeira, Renato Costa ia indignado: – Trinta anos! Trinta anos! Com uma defesa daquelas! – É – disse José Picorelli, – mas que é que você quer? não há pena maior...

§ Nunca vi o estouro da boiada. Mas, no meio das minhas estações mais velhas, passam as férias das Pedras Brancas. Nas Pedras Brancas, havia um matadouro. Os bois vinham de manhã, tangidos pelos tropeiros a cavalo, armados de aguilhadas; vinham de longe, em ordem, dentro do curral feito pela ameaça das varas compridas, com ferrão na ponta, e dos laços nos tentos. Pobres bois! Podiam ser touros. Acabavam sendo carne de vaca, chamada em geral: carne verde. Certo dia, um deles, de repente, levantou a cabeça sorveu o ar (que sempre foi livre), saiu num aranco, de junto dos companheiros, – lá se foi pela estrada, à frente de todas as perseguições, – inatingível; tinha a independência no sangue. – Comi dos outros. Recordo-me desse. A tropa confundiu-se na poeira, dentro da memória. Recordo-me desse que se salvou do cativeiro e da morte – grande, forte, poderoso, cor da luz no horizonte. Boi brabo!

§ Existia em Porto Alegre um mendigo noturno, parecidíssimo com Verlaine. Eu dava todo o meu dinheiro ao pobre Verlaine e lhe pedia que me perdoasse. Ele nunca se admirou. Dizia sempre: – Quem perdoa é Deus. – Nas noites de lua, acrescentava: – Noite bonita! – Nas noites de chuva: – Chuva boa!

§ O primeiro “livro”, que publiquei, com o título *Degenerada*, levou uma descompostura de Osório Duque Estrada, crítico literário do *Correio da Manhã*; principiava assim: “Num enorme caderno, amarrado com fitas roxas, e que mais parece uma camisa de força...”

§ Homero Prates protestava contra a fumaça das fábricas de Porto Alegre: – Essa fumaça estraga os crepúsculos!

§ Becker tinha vindo de Hamburgo para o comércio de Porto Alegre e não podia ouvir a “Cavalaria Rusticana” sem chorar. Qualquer pedaço da ópera fatal o enchia de soluços, mas quando ficava ruim mesmo era na ária: “*O Lola che di latte a la camicia*” – Aí, mesmo sem as palavras, apenas com o violino saudoso do quiosque onde o amável Binter fornecia cerveja, sanduíches e inspirações, aí as lágrimas pulavam dentro do chope e, em torno, enchiam de manchas a mesa, enquanto com o braço direito espancando o passado e a boca sem poder exprimir mais nada, Becker punha a alma para fora: – Ô! ô! ô! – Todas as noites, nós pedíamos a “Cavalaria Rusticana” e todas as noites Becker era um desgraçado. Afinal, num sábado, contou a história: – Eu conheceu aquele mulher ouvindo esse música. Muito amor. Muito amor. Mais de uma mez. Ô! ô! ô! – Morreu, Becker? – Nom, nom! Fugiu com um gorista, sem vergonhe! Foi-zimborra!

§ As vidas que tenho vivido, misturadas às vezes e, mais comumente, seguindo uma às outras – sem ligações visíveis – não foram de responsabilidades próprias e não fizeram mal a ninguém. Nem a mim. Experiências. No fim, todas serão “a minha vida”. Boa? Boa.

§ O pessimismo é uma atitude. O otimismo é um jeito. Nasce-se otimista. Fica-se pessimista.

§ Uma coisa de Montaigne dá sempre prazer repetir: “É uma perfeição absoluta, quase divina, saber gozar lealmente do seu ser”. Lealmente...

§ Eu digo que não gosto de escrever cartas, e afinal, só escrevo cartas...

§ É preciso acreditar no Sátiro, amigo de Remy de Gourmont, igual, acompanhando as mudanças dos homens, ainda o mesmo de

muito antes da morte de Orfêo. Deram-lhe em Roma o nome de Fauno. Depois sempre lhe chamaram Diabo. Não tem idade. É um sonhador. Diz: “Todas as mulheres são novas e misteriosas”. Diz: “Os grandes deuses não descem à terra maculada pela guerra, a propriedade, o ouro e essas leis humanas que traduzem tão mal as doces leis divinas.” Diz: “Ah! eu nunca hei de compreender os homens.”

§ Vi um fraque, hoje. Não me acontecia isso há muito tempo. A minha geração foi inimiga pessoal do fraque. Essa geração, aliás, sem nenhum intuito subversivo, deu os primeiros golpes na maneira nacional de vestir. Pôs fora a camisa de baixo e tirou a goma da camisa de cima. Instituiu o colarinho mole. Sintetizou as ceroulas nas cuecas. Abateu as botinas nos sapatos. Fez do colete uma exceção de circunstância. Todas as roupas, desde então, se tornaram simples, existindo apenas para a mudança não ser violenta demais. Da minha geração veio o impulso que acabará com os chapeleiros e o fabricantes de ligas e gravatas. Também veio de lá a beleza das praias. Flávio de Carvalho, saído dela, já possui o projeto da Cidade do Homem Nu, — clara influência dos homens que tiveram a coragem de revelar que, na verdade este país é um país quente. Imaginem se seria possível agora uma coisa como a que Machado de Assis contou no capítulo o III de *Iaiá Garcia*:

“Estela recusou, mas o bacharel resolvera e ia satisfazer ele próprio o desejo da moça. O pombal não ficava ao alcance da mão; era preciso trepar ao parapeito da varanda, crescer na ponta dos pés e estender o braço. Ainda assim, precisaria contar com a boa vontade dos pombos. Jorge trepou ao parapeito. Se perdesse o equilíbrio poderia cair ao chão da chácara; para evitá-lo, Jorge lançou a mão esquerda a um ferro que havia na coluna do canto, e que o amparou; depois esticou o corpo e alcançou com a mão o pombal. Um dos pombos ficou logo seguro; o

outro, a princípio arisco, foi colhido depois de algum esforço. Estela recebeu-os; Jorge saltou ao chão.

– A senhora dona Valéria, se visse isso, havia de ralar, disse Estela.

– Grande façanha! respondeu Jorge, sacudindo com o lenço as mãos e a aba do fraque.”

§ Felipe D’Oliveira e eu chegamos ao Rio, nos fins de 1909. Eu trazia uma carta para Mário Pederneiras. Fomos, uma noite, visitá-lo, lá no largo do Humaitá, e ficamos logo da família. Conhecemos então Rodrigo Octavio Filho. Olegário Mariano também veio do mesmo tempo. E não me lembro do nome de outro companheiro que arranjamos, grande admirador de Gomez Carrillo e do Clube Mozart. Esse clube não era de música. Era de jogo. O companheiro morreu afogado no Rio São Francisco. Foi ele quem nos apresentou a Annibal Teophilo e Goulart de Andrade. Pelo Annibal ganhamos a amizade de Octavio Augusto. Eram os poetas da época, celebrizados pela “Cegonha”, o Annibal; pelos “Velinhos”, o Octavio Augusto, e Goulart pela “Lua”:

*...lívida lua,  
ai magoado de luz opalescente,  
saudade ignota que pelo ar flutua..*

Tinham dois rivais: Luiz Edmundo, com os

*Olhos tristes, vós sois como dois sóis no poente,  
cansados de luzir, cansados de girar...*

e Hermes-Fontes, que estreara retumbantemente com “Apoteoses”. Não tardou que mais um rival aparecesse, vindo do Norte: Da Costa e Silva, de quem a cidade e o país decoraram o soneto

## SAUDADE

*Saudade! Olhar de minha mãe rezando  
e o pranto lento deslizando em fio...  
Saudade! amor de minha terra... o rio  
cantigas de águas claras soluçando...  
Noites de junho. O caboré com frio,  
ao luar, sobre o arvoredado, piando, piando...  
E à noite as folhas lívidas cantando  
a saudade infeliz de um sol de estio...  
Saudade! Asa de dor do pensamento!  
Gemidos vãos de canaviais ao vento...  
Ah! mortalhas de névoa sobre a serra!  
Saudade! O Parnaíba, velbo monge,  
as barbas brancas alongando... e ao longe  
o mugido dos bois da minha terra...*

§ Quando apareceu o meu livro de versos *Legenda da Luz e da Vida*, em setembro de 1911, João Luso, numa crônica do *Jornal do Comércio*, escreveu: “Alvaro Moreyra... A implicância desse “y” e a vontade que se tem de errar esse nome!” Dez anos depois, na *Revista do Brasil*, a propósito d’*O Outro Lado da Vida*, disse Monteiro Lobato: “Alvaro Moreyra... Já neste “y” grego começa o trabalho de estilo de Alvaro...” Com menos simpatia, muita gente tem implicado com o meu “y”. Eu podia lembrar aos amigos e ao público em geral que, descendendo de portugueses, encontrei no passado numerosos Vieyras, Ferreyras, Silveyras. Não lembro. Conto-lhes que eu me chamava mesmo com “i” e que, certo dia, um jornal de Porto Alegre trouxe uma notícia assim:

## MELIANTES

“Ontem à noite, pela cidade baixa, Alvaro Moreira e o seu costumado grupo andavam oferecendo à venda um gramofone. A polícia desconfiou da origem do instrumento e meteu os meliantes no xadrez.”

Eis aí porque aconteceu o meu “y”. Porque eu sempre tive medo das confusões... Isso, aliás, não evitou que surgissem, mais tarde, dois novos Alvaros Moreyras, fazendo coisas que nunca fiz... Um, roubou um guarda-chuva no Ministério da Agricultura. O outro tratou casamento no Méier. Meu tio Manuel, pianista amigo de meu pai, pouco falou neste mundo. Fui dos raros que lhe escutaram a voz: um dia, depois de tocar Chopin: – “Toda a dor do mundo está aí...”; outro dia, depois de ler, em pé, encostado numa estante, durante duas horas, o livro de Camille Mauclair: *A Religião da Música*; botou o volume no lugar de onde o tirara, – “Não é muito burro esse sujeito.”

§ Morro do coco, para os lados de Itapuã. Verão de 1894. O primeiro de que me lembro. Meu pai, minha irmã, nosso amigo Adolfo Silva e eu fomos no carro de “seu” Felizola. A casa de hóspedes, enorme, era à beira do rio, tinha um trapiche em frente. Meu pai, dias depois, tropeçou numa tábua solta, feriu a perna, perdeu o prazer das férias; a ferida não sarava. Todos os dias, no almoço, a dona da casa, dona Amélia, servia guisado de charque com abóbora; no jantar, peixe com pirão. Um domingo, resolveu dar carne fresca; mandou matar um boi. Grande churrasco. Miúdos numa mistura sublime. E muito futuro para guisados de carne seca junto de abóboras novas. Dona Amélia avisava, andando de hóspede em hóspede: – Logo mais, miolos, e amanhã mocotó e mondongo. – Mas, de noite, os outros bois vieram chorar, debaixo da árvore, onde o companheiro fora morto. Ninguém pôde dormir. Voltamos para a cidade, numa espécie de diligência, pu-

xada por mulas. Na Várzea, as mulas se assustaram com um enterro, e dispararam. Quase morremos. O enterro era de Aurora Gonçalves, discípula de piano do tio Manuel. O tio decerto a amava. Nunca mais deixou de andar de luto e nunca mais quis intimidade com ninguém; o seu único amigo era o piano, os seus pensamentos deviam ser só em música. De repente, vendeu o piano, os móveis do quarto e da sala que ocupava no antigo beco do Rosário, em Porto Alegre, esquina da Rua Senhor dos Passos, na pensão de uma tia da menina que hoje é a atriz Iracema de Alencar. Tudo regularizado, disse adeus ao irmão, participou que vinha morar no Rio. Antes, queria conhecer São Paulo. Desceu do vapor em Santos, partiu de trem para a capital. Trazia vinte contos na mala e menos de três na carteira. Deixou a mala no hotel, foi ver a cidade. Quando voltou à noite, já com a passagem do trem, pediu a conta, pois embarcava de manhã cedo. Pagou, subiu para dormir e, ao guardar um pacote na mala, descobriu que lhe haviam roubado os vinte contos. Restavam-lhe na carteira: dois e pouco mais. Quando me contou isso no Rio, exclamei: – Mas não reclamou do gerente do hotel, não deu queixa a polícia? – Respondeu: – Não, não! O senhor que tirou o dinheiro com certeza estava precisando muito; se não, não se arriscava a fazer o que fez. Agora preciso trabalhar. Levei-o à Sociedade dos Músicos, onde consegui o lugar de pianista num cinema do Méier. Uma noite o violinista, o flautista e o clarinetista lhe disseram que eles ficariam em parede para aumento de salário: – “Não compareça amanhã, é um compromisso de honra”. Não compareceu. Os outros compareceram e ele foi demitido. Manteve-se desde aí, de uma crônica [...] a “Ilustração Brasileira”. Quando Vila-Lobos, [...] ridicularizado, realizou o primeiro concerto [...] o tio Manuel escreveu: – É um gênio. – Pobre tio! Levado, [...] jardim público para a Santa Casa, morreu na noite [...] 1923.

§ Casa velha, com a simplicidade de quem viveu muito e sabe que o tempo do amor já se acabou. Mas, às vezes, de noite, descubro nela um desejo de se iludir ainda. Pára os olhos abertos das janelas nas flores dançando lá fora, e certamente o luar lhe faz convites escandalosos. Então, mostra um ar inquieto, indeciso, de espanto e encanto. Será ela? Ou são os fantasmas de todos os moradores que teve, presentes e invisíveis, agitados pela sensibilidade que a ausência não leva e a morte não acaba?

§ De certo, para quem já viveu bastante, há uma chusma de tristezas neste mundo. Desde os aspectos naturais, pelos ambientes feitos cenários, até aos pequenos objetos, companheiros da existência de todos os dias. Um copo. Uma navalha. Um chuveiro. Um copo se quebra; outro qualquer é sempre um copo. Uma navalha se substitui; e as sucessoras não têm sentido diverso. Um chuveiro se troca por um chuveiro, e é ainda o mesmo chuveiro... Ao longo das horas, tudo é igual. Nem nas pessoas aparece a diferença para alegrar os olhos que as encontram. Joaquim Nabuco definia a mocidade como a surpresa da vida. Quando, em torno de nós, diante de nós, nada mais surge que nos espante, foi a velhice que chegou. Pela idade ou pelo desencanto. Mais consolador, Montaigne descobrira que “o uso nos esconde a face verdadeira das coisas”.

§ Entre as tristezas deste mundo, a mais triste é a que dá um livro de endereços, um livro esquecido no fundo de uma gaveta e que se encontra, de repente, depois de muitos anos. Amigos... Nomes de vivos são nomes de mortos. Nomes de mortos são nomes de vivos.

§ É tão absoluto em mim o instinto da liberdade que, se não ficasse feio, eu nunca prendia os meus botões. Eles são muito mais exatos, fora das casas. Escutam com melhor certeza o que lhes digo. Sabem que as palavras passam entre os homens e os botões, mas que o silên-

cio, tendo conseguido um instante de atividade, fica para sempre. E nunca leram Maeterlinck. Pena é que mudem com as roupas. Levam as confidências... Coitados! Numa época de gritos, perderam muito da importância que possuíam. Por exemplo, na praia, não se consegue nenhum com que se possa falar. Noutros lugares, quando a gente espeta qualquer botão para um desabafo, surge um fecho *éclair*, e lá se vai toda a sinceridade...

§ Justamente eu tinha passado a manhã com Shakespeare, que me contou outra vez aquele “Sonho de uma noite de verão”. Depois, Puck, bufão dos espíritos, correu atrás de mim, subiu comigo no ônibus, disse de novo: – Posso dar uma volta por toda a terra em quarenta minutos... – Agradei: – Eu sei, Puck. Mas, não o acompanho. Acho demais quarenta minutos. Prefiro continuar assim. De que serve toda a terra neste momento? Não se publicou que o mundo está louco? Não, Puck, não vou. Nada de geografias alheias. Ao menos aqui, fico em paisagem própria, entre pessoas conhecidas. Obrigado, meu irmão, muito obrigado. – Sem pagar a passagem, Puck saltou. Uma esquina adiante, no lugar vazio, veio sentar-se a “pálida companheira...”

§ Um amigo que morre é um amigo que nunca se perde. A vida é uma desperdiçada...

§ Uma criação inconveniente é a de fantasmas. Eles, depois, perseguem os criadores.

§ Entristeci muitas vezes. Nunca fui desgraçado.

§ Meu Deus! existe muita coisa ainda para ver no mundo! E eu nunca fui à China!

§ 1913 – Foi o último ano do século XIX. Em seguida o século XX inaugurou as suas alucinações. Em 1913, saciei uns desejos românticos: ir à Europa, ver Bruges, morar em Paris... Sendo eu absolutamente do “outro tempo”, nunca mais voltei dessa viagem...

§ Passei em Portugal, com Felipe d’Oliveira e Araújo Jorge, uma semana contente, em fevereiro de 1913. João de Barros não nos abandonou um instante. Apresentou-nos a tudo e a todos. De manhã, surgiu no hotel, de programa pronto. Um programa, claro, foi o passeio à Sintra. Sintra! Mas João de Barros exorbitava na hospitalidade. Protestamos. Inutilmente. Não permitia que se gastasse nada. No momento de pagar os carros que nos levaram ao castelo, fiz o que apenas fazem portugueses e brasileiros: barulho para pagar. – Não, senhor! – Sim, senhor! – Ora, João! – Ora, Alvaro! – Gritei: – Pois quem vai decidir é Portugal! – Dirigi-me a Portugal:

*Portugal dos meus avós!  
Portugal de João de Barros!  
Dize tu qual é de nós  
Que deve pagar os carros!*

Silêncio. João de Barros quebrou o silêncio:

*Portugal fez-se de mudo.  
Portugal não respondeu.  
Sou eu cá quem paga tudo!  
Quem paga os carros sou eu!*

E pagou.

§ Araújo Jorge, Felipe e eu descemos em Paris, gare de Lyon, no dia 13 de março de 1913. Passamos um dia no Hotel de Russie. Por economia e por literatura, nos transferimos para o Quartier Latin. Depois de instalados, fomos tomar alguma coisa na Taverne du Panthéon. Como eu não calava a boca, Araújo Jorge propôs: – *Écoutez, mes amis! Dorénavant, nous allons parler seulement français, parce que, si nous parlions portugais, tout le monde va voir que nous sommes des étrangers et nous explorerons.* – Felipe não concordou: – Não, é melhor continuar falando português, porque assim “eles” poderão pensar que nós somos franceses...

§ O museu do Luxemburgo era um camarada da minha idade, um amigo íntimo. Tratava-o por tu. O Museu de Louvre era um senhor muito mais velho, cerimonioso: – o Senhor Louvre. Tenho saudades do Luxemburgo...

§ A querida patrícia! Encontrei-a, aflita, de rosto inchado, perto da igreja da Magdalena:

– Não dormi toda a noite. Vou a um *cure-dent*.

§ A música não devia ter título. Música. Sem nome. Cada um ouve nela uma voz diferente. A sugestão dessa voz muda em cada um. “Le jardin sous la pluie”, para mim, é um quarto, do Hotel Stresa, com a lâmpada da mesa de cabeceira e tudo o mais ondulando nas paredes, ondulando nos meus olhos... ondulando... ondulando...

§ Ninguém é. Todos parecem. Somos tantos quantos são os que nos vêem, inclusive cada um de nós quando se olha. O “diário” é o melhor companheiro para conversar. A gente fala. Ele não responde. Mas, um dia, conta tudo que ouviu. Então se descobre muita inocên-

cia, muito engano, muita contradição. Coisas imaginadas, coisas perdidas, coisas com formas tão diversas, em datas próximas e remotas, que ficam tonteando no ar. A vida... Quem sabe se, acabar convencido dessa verdade, não é ilusão também? Talvez o certo seja, de um lado, a desconfiança dos outros lados. Pode ser a solidão em que todas as criaturas permanecem na intimidade geral do mundo. Até os gêmeos são diferentíssimos. “Os nossos semelhantes” continuam assim, por fora. A primeira opinião iniciou a desigualdade humana. O grande erro foi espalhar que “o sol nasce para todos”. Os que não conseguiram sair da sombra não perdoaram aos que se achavam aborrecidos na luz. Nenhum, nos respectivos lugares, meditou que a felicidade estava em atravessar a rua. Eu, graças a Deus, prefiro as estrelas. Abandonei a terra, de vez. Dava muito trabalho. Não há nada como uma pequena astronomia pessoal. Concordo para sempre: não convém contrariar. A chamada razão é um defeito orgânico, sem culpa dos possuidores. Gosto mais do sentimento que do pensamento. As boas palavras são as que o vento leva. No bem e no mal que não conservo, nesta carência de vício e virtude, ao longo do meu destino cheio de pecados veniais, o que nunca desperdicei, por instinto, foi uma escandalosa quantidade de perdões. O perdão afasta, conclui o assunto, evita a tubagem, enche de alegria a cara e a alma. A distância estiliza maravilhosamente...

§ A minha educação sentimental partiu toda do século XIX, daquele fim do século XIX, com o Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, e ainda romântico.

§ Não sei, além de alguns fiéis, se há ainda quem sinta: “Todo homem tem dois países; o seu, e depois a França.” Eu, talvez exagerado, tenho o Brasil com Portugal, a França, a Itália, a Grécia e o Paraíso...

§ Muitas vezes levei o meu cântaro à fonte. Ele nunca se quebrou...

§ ... a nostalgia das viagens que nós todos sentimos, diante do mar, à beira de um caminho, num perfume, numa flor, num vinho, numa canção...

§ Paris, 12, junho, 1913 – (Foi encontrado hoje o corpo de Léon Deubel). Esta noite de hoje é bem um “jardim de lâmpadas”, como aquelas noites que tu tanto amavas, onde ias colher os teus sonhos mais belos... Chegas d’além. Os teus passos de morto soam lentamente dentro do meu coração... Escuto a tua voz falando, do íntimo de um passado que ninguém mais há de saber. Falas... E “em rebanhos de ouro”, as estrelas vêm beber ao fundo das águas, irmãs das águas que receberam a tua vida. Meu pobre Léon Deubel! meu amigo que não conheci!... Foste um dos noturnos abandonados de Paris. Dormias debaixo das pontes; acordavas com o sol, e ias buscar à porta de algum convento ou entre os vagabundos dos mercados, a ração com que te sustentavas... Ao menos, uma das tuas insônias ficará célebre: foi às três da manhã, num canto obscuro da Place du Carroussel, que escreveste o mais sentido, o mais pungente dos teus poemas: “*Perdoai-me, Senhor, por que ninguém me amou...*”

§ Cais de Paris. Descobrir, de repente, no meio de tantos, dentro da caixa de um alfarrabista, o livro das *Sete Jornadas* de Margarida de Navarra, páginas amarelas, manchas de dedos como sombras, o texto intacto: – Felicidade! A graça maior e o gosto melhor com que Paris envolve o seus amorosos, chamam às ruas, ensinam a seguir de olhos inocentes, ao acaso, e ver tudo, guardar tudo, não sentindo que será para sempre... Cidade que surge da névoa, cada manhã, como vinda do rio, do céu, misteriosa. Jardins por onde a noite começa, lentamente, numa despedida bela e final, porque “os dias passam e não se assemelham”.

Aldeia de contos de fadas! — o Pássaro Azul abre as asas e forma o ar para a Lua e as estrelas... a Branca de Neve dança no baile Bullier, a Gata Borrallheira, daqui a pouco, sairá para a festa, e o sapato que perder transformará em alegria a tristeza do último príncipe de verdade. E chegam as rainhas, os reis, os trovadores, as mulheres e os homens das horas mais antigas. E volta a primavera, com lilases, rosas, muguês, para florir a juventude que está no coração, — a Bela Adormecida dos que viveram muito, caminharam muito, companheiros do Gato de Botas, irmãos do Pequeno Polegar...

§ Madame Droin foi a inspiradora, na despedida do século passado, dos poemas “passíveis” de Leconte de Lisle. Depois da morte do poeta, a Musa só se sentia satisfeita no meio de poetas. O salão dela estava sempre aberto a qualquer geração, a qualquer escola. Visitas sem poesia, não! Grandes declamações! De pálpebras tombadas, Madame Droin escutava as belas palavras cadenciadas, com um gozo que a envolvia inteira, uma volúpia que escorregava “do espírito para a matéria”. Puseram um apelido nela: “O instante supremo”.

§ A vida é um reflexo egoísta. A morte revela todas as certezas. A morte é pura: — a alma ficou sozinha.

§ Em geral e há muitos anos, “a música adoça os costumes”. Homens nervosos ficam homens serenos, ouvindo um minueto, uma valsa, um tango. Mulheres se abafam em poltronas, encantadas pela voz de Chopin ou pela voz de Debussy. Os sexos desaparecem enquanto um piano espalha imagens invisíveis no ar, ou um violoncelo envolve de distância o corpo da gente. Quando um órgão canta, não existem outros órgãos. Música é vôo. Música é sonho. Certo poeta, depois decaído, não suportava as palmas nos concertos. Palmas são barulhos

humanos, perturbam. Ele queria que, no fim, sobre a estante do regente, os que tinham escutado deixassem uma flor...

§ – Que foi que você nunca esqueceu de Paris?  
– Paris.

§ Guardo duas gravuras: uma, de Londres, na hora de maior movimento; a outra, de uma casa de campo, também da Inglaterra (essas coisas, não sendo da Inglaterra, não são legítimas...). Às vezes, quando me cansei durante a semana, parto de uma para a outra. Na volta, chego bem crente de que a realidade, mesmo que exista, não tem a mínima importância.

§ “O doce país de França, onde tudo termina em canções...” Mas, no doce país de França, tudo principiou em canções, também; e isso foi há muito tempo, muito tempo. A primeira criatura humana que viu, numa hora de sol, aquela terra que ia dar pão e vinho, que ia dar amor e poesia, santos e heróis, aquela terra que ia ser a França, – fez a primeira canção. Todas as outras vieram dessa, dessa, perdida no espaço, que seria talvez, numa língua ainda áspera, assim como uma Ave-Maria numa rude música, eco da floresta, ressonância das fontes que já cantavam. Depois, nos campos se povoando, nas cidades nascendo, as canções, como as mulheres e os homens, cresceram e se multiplicaram. Canções do povo, sem dono, irmãs dos pássaros, irmãs da luz, do vento, e da chuva, e da neve, tristes, alegres, carinhosas, desaforadas, de gente grande, de gente pequena. Canções dos poetas, desde antes de Villon. Canções deixadas no ar pelos trovadores, de castelo em castelo. Canções dos adros das igrejas. Canções das colheitas. Dos noivados, dos casamentos, dos dias dos santos, das festas de aniversário. Canções das aldeias. Canções de Paris. Canções onde nada se acaba, onde tudo recomeça.

§ Nunca estamos sozinhos. Temos sempre uma canção. A companheira. Damos a ela o corpo que mais amamos, a beleza que passou por nós, a graça que nos envolveu. Voz do desejo. Voz da saudade. A nossa canção, sempre com vinte anos.

§ Roma, 12, dezembro, 1913. — Estávamos diante da última fonte. Fazia um frio bom. Tínhamos bebido, fumado, conversado em excesso. Ou fosse por isso ou pela hora ou pela exaltação daquilo tudo, a verdade é que não nos sentíamos naturais. Um de nós deu a idéia de irmos a pé para os lados de São Pedro até o Vaticano.

— Não, propôs outro: — Vamos ao Coliseu. Com este luar, será maravilhoso!

Fomos ao Coliseu. Ninguém falava. E todos esperavam que um dos instantes mais belos da nossa vida ia acontecer. De súbito, do alto dos degraus, uma voz caiu, guturalíssima, românticíssima.

Disparamos. A voz ficou cantando! Ficou cantando, no meio das pedras, sob a divina luz, a valsa da “Viúva alegre”, em alemão!

§ Florença... Com Florença traí Bruges... E para sempre!

§ Cimabue, Pisano, Guido da Siena, Bonaventura Berlinghiere, Giotto, — Giotto, da realidade para o sentimento da realidade... Tantos antes. Tantos que os seguiram. De tantos, Giotto e Fra Angelico desvendaram o céu de onde, muito anos passados, Burne-Jones, Dante-Gabriel Rossetti, Holman Hunt, Millais, Collinson, Beaumont chamaram para a terra as virgens, os anjos, os olhos mais puros, as mãos mais belas, os corpos feitos de almas...

§ A dança é a arte mais pura. Nela o espírito se torna corpo. Os belos movimentos trazem imagens de eternidade. A dança desceu à Terra

com a primeira vida. Veio fazendo revelações desde lá. Isadora Duncan, um dia, disse tudo. Descobriu luzes nunca vistas. Na sua brancura acendeu cores desconhecidas. Dançou sem música, além da música interior que a acompanhava. Escultura, pintura, poesia... Mar, vento, orvalho, flor nascendo, alma partindo... Ainda a vejo como a vi, em 1916, dançando na praia de Copacabana – visão do Paraíso. Isadora Duncan não morreu. Saiu de um mundo que não a merecia. Há de voltar. De repente, esse mundo amanhecerá, enfim, “o mundo melhor”.

§ A minha geração, apesar de tudo o que sempre a puxou para o tempo, foi do espaço. Creio que isso veio dos Bailados Russos, que carregavam para as maiores invasões, e para as maiores evasões. Eles fizeram a nossa educação sentimental. Também Loie Fuller, ritmando luzes, nos sacudia nas asas ardentes. Régine Flory dançava poemas de Baudelaire, e quando se matou, em Londres, perdemos uma irmã muito do coração. Entretanto, os Bailados Russos, com os cenários de mil e uma noites, os figurinos das histórias feéricas, a harmonia sem voz, nos levavam a um mundo, de onde ficamos sendo os fantasmas. Graças a Deus, fantasmas de boa vontade. Tchernicheva, Karsavina, Lopokova, Fokine, Leonide, Massine, Nijinsky... “O espectro da rosa”, o “Carnaval de Schumann”, “Jogos”, “L’Après-midi d’un Faune...”, Diaghilef, Bakst... Todas as artes se juntavam nos Bailados Russos, e a influência deles foi profunda sobre a época, em tudo. Houve um estilo Bailado Russo. Ao contrário, a época influiu inteiramente nos Bailados Joss, que fizeram a caricatura do mundo de onde saiu a brutalidade dos regimes de força, explodida na segunda guerra universal.

§ Penso em você, Ana Pavlova, e você volta. Dance, Ana Pavlova, dance! Dance a sua vida, que eu quero ver. Conte com o corpo, assim, com as mãos se desfolhando, quase sem tocar a terra com os pés, conte

a sua vida, conte a sua dança. Desde a noite em que partiu, de um dos bairros pobres de São Petersburgo, e foi para o País das Fadas, num trenó, sobre a neve (a música de Tchaikowsky envolvia a noite) você se tocou de Bela Adormecida, veio sonhando pelo tempo até o dia de acordar, o dia de morrer...

§ Então me lembro das tardes de Porto Alegre, encantadas de serem tardes, prolongando-se nesse prazer, fazendo fins de bailados no ar, com todas as cores acesas na última luz do dia e na primeira luz da noite. Tardes para Debussy musicar.

§ Debussy: – “Bach, que contém toda a música, desprezava as regras da harmonia (como as ensinam). A elas preferia o livre jogo das sonoridades, de curvas paralelas ou contrariadas. Esse livre jogo preparava o desabrochamento que orna de beleza imperecível o menor dos seus cadernos. Era a época em que florescia “o adorável arabesco”...

§ Maria Bashkirtseff, que nasceu na Rússia, viveu a sua pequena vida em toda a Europa e morreu na França, teve um destino belo. Não foram as sereias do mar que a quiseram por irmã. Foram os poetas, os romancistas, os autores teatrais, e os músicos, os pintores, a família encantada dos que se lembram, dos que esperam, daqueles que nunca envelhecem...

§ Ainda não se acertou bem se existe a vida real. Acho que existe. “Penso, logo existo”, disse um filósofo. Resta saber se se pensa, ou se é o sentimento que faz as paisagens, as coisas, as criaturas. O que importa é não esquecer que “nem a contradição é prova de falsidade, nem a incontradição é prova de verdade”, de acordo com mais um amigo da sabedoria. Muitos santos, de todos os lugares, obtiveram o céu. Oscar

Wilde descobriu que “os americanos bons, quando morrem, vão para Paris”. Mas eu quero ir para Florença. Quantos amigos encontrarei: poetas, músicos, pintores, gravadores, escultores, arquitetos, joalheiros... Florença é a cidade da Renascença, embora nascesse no tempo dos etruscos. Uma etimologia do nome de Florença explica que ela se chama assim, pelas flores que surgem da terra, lá, as flores mais bonitas do mundo. As torrentes vindas dos Apeninos, e o siroco, chegado de mais longe, por sobre o Mediterrâneo, não conseguiram nunca devastar aquele maravilhoso “jardim da Toscana”. O lírio vermelho é o símbolo de Florença, o lírio da madrugada. Florença está sempre amanhecendo. Os crepúsculos anunciam o sol e as outras estrelas da *Divina Comédia*. A noite linda prolonga o dia pelos campos, para além do rio, na graça pagã dos caminhos, no êxtase cristão das colinas. Entre a luz que vai acordar e a luz que não quer dormir. Florença se aconchega nos palácios, nas igrejas, nas praças, nas pontes, nas galerias, nas bibliotecas, nos museus... Os ciprestes compridos espiam as rosas e os jasmims. No ar, o perfume das rosas e dos jasmims se mistura ao perfume das laranjas, das cidras, das uvas. Ruas de Florença, com a sombra de Beatriz... Várzeas de Florença... Sinos de Florença... Fontes de Florença... Se um anjo do Senhor me participasse: – Vou te levar para o Paraíso – eu lhe pediria, olhando Florença: – Não, não me leve para o Paraíso... estou tão bem aqui!...

§ Fim de uma grande noite. Tínhamos ouvido Beethoven. Depois, Maurice contara, com as mãos trêmulas, tão brancas, aquele trecho de Palestrina que você tinha escutado, uma tarde de outubro, na catedral de Bruxelas. Louise Vand cantou versos de Verlaine em música de Ernest Moret. E que armanhaque! E o seu perfume cheio de Nice! Quando saímos, você prendeu-se a mim, quis que fôssemos a pé, na madrugada. Fomos. Nunca Paris me apareceu mais feliz! Nós dois. A

cidade. O romance no primeiro capítulo. Você ia chegar aos trinta anos. Eu tinha saído dos vinte. A língua que falávamos não era a nossa. Tudo ajudava o estilo. Paramos diante da sua casa. Rua Notre-Dame-de-Lorette. Perto de nós Gavarni sorria. Você disse: – Dou-lhe a minha alma. – E fez o gesto de quem, na verdade, entregava alguma coisa. Disse ainda: – Não queira o meu corpo. – Como a porta se abriu, o seu corpo entrou por ela. Fiquei com a sua alma, sem saber onde a botar, àquela hora. Gavarni sorria. No céu a velha estrela da manhã sorria. Sorri, também. Era o fim de uma grande noite...

§ O romantismo, delirante de nascença, viveu fugindo sempre da realidade numa sofreguidão de aniquilamento. O romântico foi um sofredor. Pode dar, como deu, Goethe à Alemanha, Victor Hugo à França, Manzoni à Itália, e outros a outras paisagens; mas deu principalmente lágrimas, suores de agonia, viagens a Veneza, dinheiro perdido, vasta tuberculose, muito amor febril, desentendimento geral. A Torre de Marfim era de fato a velha Torre de Babel. Devemos ao Romantismo a poesia de Musset e a música de Chopin, com os romances de George Sand no meio. A nós, do Brasil, o Romantismo trouxe Castro Alves, que morreu moço para gravar uma imagem de entusiasmo em nosso coração.

§ Os românticos, agora, são humoristas...

§ Estive lendo o *Cancioneiro d'El Rei D. Diniz*. Esse simpático monarca inaugurou a poesia em Portugal, no século XIII, segundo uns, e, segundo outros, coincidiu na responsabilidade. Trezentas composições anônimas, do *Cancioneiro da Ajuda*, pareceram anteriores, ou pelo menos, contemporâneas às do soberano. Duarte Nunes de Leão deixou dito: “Foi o primeiro que na língua portuguesa, sabemos, escreveu ver-

sos.” Mesmo porque, antes, a língua portuguesa não existia; era uma mistura braba: “... não depurada das fezes góticas e dos vocábulos que da italiana e da catalã recebera”, mal pondo de parte o latim bárbaro. Peguei no sono, de luz acesa, a murmurar:

*E certo podedes saber  
 Que pero esso meu tempo sal,  
 Per mort'e nõ a ja hi al  
 Que me non quer'end'eu doer;  
 Poys a vos farey mayor  
 Mingua que fez nostro senhor  
 De vassal a senhor prender.*

§ Geração do *Fon-Fon* – A Revista tinha sido fundada por Gonzaga Duque, Lima Campos, Mário Pederneiras. A ela se juntaram, quando Mário Pederneiras ficou sozinho, Felipe d’Oliveira, Olegário Mariano, Homero Prates, Rodrigo Otávio Filho, Hermes Fontes, Ronald de Carvalho, Rui Pinheiro Guimarães, Paulo Godoi, Ribeiro Couto, eu. A geração do *Fon-Fon* era tida por simbolista. Na verdade, era maníaca. Se os dois adjetivos não qualificam o mesmo substantivo, a diferença deve ser essa. Cada um dos iniciadores e dos incorporados, sem nenhuma combinação, adorava o Outono, o Poente, o Incenso, Polaire, Napierkowska, Monna Delza, os “Pierrots” de Willette, a “Boêmia” de Puccini, os “Noturnos” de Chopin, Bruges com todos os canais, Paris com todas as canções... Geração estrangeira. Estávamos exilados no Brasil. Achávamos tudo ruim aqui. Vivíamos de cor. Da geração do *Fon-Fon* partiu, curado dos sentimentos fixos, Raul de Leoni, que foi o continuador, como Marcello Gama fora o antecessor. Dois fenômenos. Gerações espontâneas Foi a geração do *Fon-Fon* que espalhou o verso livre pelo Rio e pelos estados. O verso de Mário Pederneiras.

§ Mário Pederneiras – Está dormindo na terra carioca, tão arraigada na sua alma, à sombra das árvores de São João Batista, árvores da cidade, ainda, as santas árvores de que ele foi o mais devoto poeta. Mas eu o desperto. E é ele quem diz: – Vem comigo. – O mesmo daquelas tardes, ao descer da redação, os passos balançando o corpo, uma pasta debaixo do braço, ansioso por chegar em casa. Adorava o Rio, as ruas, os jardins, o mar. E por adorar, não se atrevia a nenhuma intimidade. Viveu fascinado.

*Como eu te acho linda,  
Ó minha linda terra carioca!*

Artista puro. Homem bom. Quase infantil de tão sensível. Tinha um humorismo otimista, uma ironia comovida, um sorriso de menino, ainda molhado de lágrimas.

§ Gonzaga Duque – A vida é uma lenda cheia de histórias. Histórias que ninguém entende. Cada um as conta a seu jeito. E o jeito de cada um é uma ilusão intransferível. Gonzaga Duque foi uma história bonita. Eu me lembro de Gonzaga Duque, do meu Gonzaga Duque. Era nos olhos bem assim como está no retrato de Visconti. Pertencia a todos. Falava. Era diferente nos que o ouviam; diferente, não aos pedaços, ele mesmo, tantos. O meu Gonzaga Duque, que ficou em mim, ainda há pouco o encontrei no *Albergue dos Pobres*, de Gorki. Era o homem bom que apareceu entre os homens desgraçados, disse palavras de concórdia e de doçura, ensinou a esperança, acordou a consciência daqueles irmãos perdidos, e foi-se embora, tal qual viera, sem que se soubesse de onde tinha chegado, para onde tinha ido. E os homens continuaram desgraçados. O meu Gonzaga Duque, quantas vezes o revejo, ao evocar dos primeiros dias que passei no Rio, desembarcado

da terra provinciana, quase garoto, com a devoção de Machado de Assis, de Mário Pederneiras, de Lima Campos, e dele, que a minha adolescência acesa adorava nas folhas da *Mocidade Morta*. Tão simples, conversando! Com a cabeça de um Cristo velho, parecia uma criança. Tão verdadeiro! E como queria bem ao Brasil! Como era brasileiro! Em dois títulos de livros deixou inteira a sua raça que não é mais portuguesa, nem africana, nem indígena... que nem é mais a mistura de brancos, pretos e amarelos, — esta raça que nós formamos sem premeditação, nossa, com uma sensibilidade de meninos que esperam tudo, com uma inteligência de homens que não acreditam em nada. Dois títulos: *Revoluções Brasileiras*, *Arte Brasileira*. A realidade. A imaginação. Uma consolando a outra. Depois que ele morreu do coração, eu sempre lhe chamei São Gonzaga Duque. São Gonzaga Duque!...

§ Lima Campos — Dom Cesar! Arauto de Mestre Rio, que era o seu Grão Senhor. Parecia que vinha sempre de um palácio e que ia para uma procissão. Desprezava orgulhosamente o dinheiro. — Sim! pague-lhe na mesma moeda! — Escreveu crônicas, escreveu contos, escreveu poemas dramáticos. Por que o esqueceram?

§ Giovanni Fogliani — Era um dos proprietários do *Fon-Fon*. Em 1915, nas vésperas do nascimento da minha filha Isia, fui ao escritório dele, para conseguir um adiantamento. Expliquei que ia ter despesas extras, e que precisava de um vale de quinhentos mil réis. Fogliani coçou a cabeça, coçou o bigode, coçou o queixo, disse: — O motivo é sério. Mas eu resolvi não dar mais vale a ninguém. — Hoje é 23 de abril. Em poucos dias estamos em maio, e os quinhentos mil réis ficam logo pagos. — Isso é o que você diz! Olhe o Mário Pederneiras! Quase no fim de fevereiro mandou buscar o ordenado de março, e no dia 2 de março, me fez aquela! — Como? — Morreu! — O Mário estava doente.

Eu não estou. – Sim? E se um automóvel passa por cima de você? Quem é que paga o prejuízo? – Embatuei. Ele viu que me entristecera. Levantou-se. Bateu no meu ombro: – Bom! Não precisa se aborrecer! Pode fazer o vale. Quinhentos mil réis não vão chegar. Leve um conto. Você não sabe o que é ter filhos?

§ IMAGENS – 1914 – *Homero Prates*: Um par de luvas desparelhas. Uma é cor de cinza, outra é cor de chama. Numa, adormecera, com frio e sonhando, a mão esquerda de Signoret. Noutra, desperdiçadamente, vibrara a mão direita de Oscar Wilde. Duas luvas desparelhas, encontradas no museu de Atenas. Quem as encontrou, guardou-as dentro de um livro: *O Homem que Ri...* – *João do Rio*: O paradoxo da linha curva... – *Eduardo Guimaraens*: Um sorriso triste, que caiu dos lábios da Vida e que ficou sorrindo tristemente... – *Paulina d'Ambrosio*: Um acorde, um verso, um perfume, um ocaso, qualquer coisa de muito lindo, de muito meigo, Brasil, Itália, qualquer coisa que passou pelos nossos sentidos e que nós nunca mais esquecemos... – *Alcides Maya*: Um grifo debaixo de um *sombrero*... – *Coelbo Neto*: A exaltação humana dentro de uma piteira... – *João Ribeiro*: Sala de museu, com todas as janelas abertas. – *Annibal Theophilo*: Don-Rodrigo Dias de Bivar, dito o Cid... – *Felippe D'Oliveira*: Champanha... – *Mário Pederneiras*: O outono, míope, com os bolsos cheios de flores, olhando, encantado, as ruas, as árvores, a cidade toda... – *Afonso Lopes de Almeida*: Uma palmeira que nasceu onde haviam plantado um choupo... – *Vitório de Castros*: A sombra de gato numa janela... – *João de Barros*: Temporal no Tejo... – *Lima Campos*: O sábado d'Aleluia, barulhento, mas trazendo nos olhos ainda um reflexo da Sexta-feira da Paixão... – *Sebastião Sampaio*: Domingo com a vertigem de todos os outros dias da semana... – *Gilberto Amado*: A chave de Salomão... – *José Picorelli*: Um veludo, uma papoula, um queima-perfumes, uma pantera e a *Divina Comédia*. Tudo isso na sala de um palácio

Renascença, à hora da meia noite... — *Antonius*: Um velho quadro espanhol, que se aborreceu de ser quadro e veio ser homem. Mas também se aborreceu de ser homem... — *Rodrigo Otavio Filho*: Noturno em passo de tango... — *Correia Dias*: Um fraque. E debaixo do fraque, uma aldeia pequenina de Portugal... — *Olegário Mariano*: As cigarras pousaram nele como numa árvore de Natal... — *Ronald de Carvalho*: A luz gloriosa... — *Ernani Lopes*: Uma seda enrugada, onde descansam duas mãos sem sangue. — *Murilo de Carvalho*: O Angelus — *Collatino Barros*: Frasco de laboratório, em que se conservam os nervos de cem neurastênicos e o coração de uma criança... — *Hermes Fontes*: A *ouverture* do *Guarany*... — *João Luso*: O jardim de um convento... — *João do Norte*: Uma história sertaneja, contada num salão... — *Leopoldo Fróis*: Adão, Eva, a serpente e os últimos restos da maçã...

§ Alexandre Gasparoni — O outro proprietário do *Fon-Fon*. O homem mais satisfeito que houve no Brasil. Nasceu numa ilha da Holanda. Veio pequeno para aqui. Deve ter trazido de lá a alegria unânime que manteve até o começo da velhice. Tudo era bom para Gasparoni. Com o seu jeito de mosqueteiro gordo, passeou o contentamento que o inundava, pelas ruas, pelas salas dos cinemas, pelos corredores dos teatros, pelas confeitarias, por todas as reuniões mundanas. Foi ele o primeiro a idear e a realizar um clube de crianças no Rio: “Colomy Club”. De tal maneira gostava de viver, que, antes de entrar de sócio para o *Fon-Fon*, foi agente de uma companhia de Seguros de Vida. Morreu num banquete.

§ “Tanto era bela no seu rosto a morte...” Memória é cachimbo; acesa, é fumaça que não acaba mais. Vivemos cheios de versos. Logo me veio um de Camões: *Ob quem tornar puder a ser nascido!* E em seguida, um de Antero de Quental: *Que sempre o mal pior é ter nascido.* Camões

é quem está com a razão. Nascer o mais que se puder! O que importa é a vida.

§ O professor Lacerda de Almeida ia, de cabeça baixa, para a mesa, benzia-se, dizia: – Tudo emana de Deus. O Papa é infalível. – Sentava-se então e começava a aula. Esse professor, para salvar certo aluno, recomendado pelo Arcebispo Arcoverde, pediu, ao fim do exame, que não podia ter sido pior: – Responda-me apenas, e ficarei satisfeito: qual o período da gestação do ser humano? – Dois meses. – Os companheiros do rapaz sopraram: – Mais sete... mais sete... – E ele: – Nove anos! – Lacerda de Almeida deu um murro na mesa: – Nove anos! nove anos! nem o elefante! nem o elefante em período de incubação!

§ Houve no Rio, lá por 1910, um delegado de polícia, homem de boa companhia na vida particular, mas de péssima solidão na vida pública. Para os íntimos, das horas vagas, era Cunha Vasconcellos. Para os outros, das horas ocupadas, era Surucucu. Certa manhã, ele passou, de fraque cor de cinza, chapelão de Chile, bengala grossa, alto e largo, esvoaçando as sobranceiras e os bigodes, a passos de quem ia resolvendo o problema da salvação pública, pelo outro lado da Faculdade de Direito, na Praça da República. Os estudantes que estavam em frente do edifício, à espera da hora das aulas, ao vê-lo, começaram a gritar: “Surucucu! Surucucu! Surucucu!” Correu pelo meio da rua, desafiou: – Quem for homem, que repita! – Os estudantes, já aí no fundo do edifício, repetiram: – Surucucu! Surucucu! Surucucu! – Subiu a escada, à procura do diretor, Conselheiro Candido de Oliveira: – Está ouvindo esta berraria? Sou o delegado Cunha Vasconcellos! O senhor tem que proibir os seus alunos que continuem dando a uma autoridade o nome de Surucucu! – Candido de Oliveira levantou-se da poltrona, fez um gesto de simpatia, disse: – Desculpe, doutor. Não posso atendê-lo. – Como não pode atender-me? – Não posso... não posso...

Escute: todos os dias quando chego aqui, eles me chamam: Marreco! Marreco... reco... reco... – Isso há tantos anos! Não consegui nunca fechar essas bocas. Como as fecharei agora? Desculpe, sim. – Cunha Vasconcellos virou-lhe as costas. Desceu a escada. Foi para o Acre.

§ Chuvas delirantes, dias feios, e que ventos! que raios! Por detrás de tudo, o sol se esconde e vem sempre depois. Chega alegre, toma banho no mar, segue para a cidade, ajuda a suar um pouco, faz a volta pela Gávea, pára na ponta dos morros, fura as últimas ondas e adormece afinal nos corpos que amorenou. Até amanhã, sol. No capim ou na areia.

§ Idéia que tive, e não realizei: uma coleção de homens em exemplares únicos; de aparência mais ou menos comum, no estado de calma; diferentíssimos, desde o começo da ação. Essa idéia me veio quando conheci o célebre ator e ele me deu o prazer de se produzir na minha frente. Eu nunca assistiria a nenhum assim. Pleno último ato. A condessa devia estar morta. O célebre ator exclamava, com gestos enormes, desfeitos em torno e em cima do seu corpo, que se alongava e multiplicava e sumia no espaço como os reflexos de uma árvore partida pelo sol numa água de lago. A peroração, em imagem de gente! Sublime! Seria o célebre ator o primeiro convidado para morar na casa onde imaginei reunir diversos modelos da variedade humana. Todos inocentes. Com direito a jornais, rádio, flores, cigarros. Sem espelhos e sem telefone. Os espelhos perturbam a originalidade. Os telefones induzem ao desperdício. Coisas que se dizem nos telefones não voltam mais. Não consegui a casa. Os meus possíveis hóspedes ficaram nas respectivas residências. Encontro-os nas saídas. Formam uma espécie de biblioteca ambulante, de museu ao ar livre. Talvez sejam melhores longe uns dos outros. Deus sabe o que faz.

§ Deixei o *Fon-Fon* por causa da *Seleta*. Foi depois do aparecimento dessa revista na mesma empresa, pelo aumento do meu trabalho sem resultado para mim, e pelo aumento do capital dos patrões com resultado para eles, que eu descobri a minha vocação de pobre. Daí em diante, tenho me consolado em ser uma ponte por onde o dinheiro passa, suspira e lá se vai. Não volta mais. Um trânsito, afinal de contas, divertido.

§ A falta de emprego, em 1916, deu-me Remy de Gourmont, lido todo. O que eu não ignoro, devo a Remy de Gourmont. E *A Lenda das Rosas*, escrita durante as férias de graça, ainda hoje vale por todos os “week-ends” que não posso fazer...

§ Na sua secção d’*O País*, — “Pall-Mall-Rio”, que assinava José Antonio José, Paulo Barreto publicou uma nota sobre *A Lenda das Rosas*, exagerada pelo bem que me queria. No mesmo dia, *A Noite* trouxe esta carta de Maciel Junior, com o título: “Em defesa do Rio Grande do Sul”: “Sr. diretor de *A Noite* — Não morrerá sem o meu protesto o seguinte trecho, da crônica de *O País*, de hoje, intitulada ‘Pall-Mall-Rio’, a propósito de um livro de versos do inspirado vate gaúcho Alvaro Moreyra: ‘O espantoso é que esse artista tão pessoal, tão delicado, tão fino, tão sensível e tão profundo, tenha nascido numa terra de escândalo violento da paisagem, de *parvenus* opacos e de pernosticismo amalandrado. Mas, como as exceções são a força das regras, Alvaro Moreyra deu ao Rio Grande do Sul o prazer de ter nascido lá...’ — ‘José Antonio José’ é ‘João do Rio’, Paulo Barreto, no dizer corrente dos ‘encantadores’. Temos, assim, a blasfêmia, injusta e injustificável, contra a cara terra rio-grandense, na boca de ouro de um dos imortais da Academia. Por que? Talvez o próprio ‘João do Rio’ não o saiba porquanto há bem poucos dias, naquela mesma originalíssima coluna, ele

declarava, muito espontaneamente, ser ‘quase rio-grandense!’ Seja lá como for, o certo é que o ilustre escritor não tem o direito de assim imprecar contra o meu torrão natal, a menos que queira fazer mostra de ignorância ou de má vontade sistemática. O ‘pernesticismo amalandrado’ tem o seu berço alhures, e não lá, onde da simplicidade de costumes ainda restam vestígios fortes, que o tempo mau já de todo varreu noutras bandas; Alvaro Moreyra, por ser um delicado artista do verso, não é o único rebento que as musas dos pampas acarinharam, ao nascer. Pediria eu ao ilustre Benjamim do Silogeu que, de outra feita, fosse para com o Rio Grande menos agressivo e mais justiceiro. Agradecendo, sr. diretor, o acolhimento que dará a estas linhas, subscrevo-me, muito grato. – F. Antunes Maciel Junior – 10 de agosto de 1916.” – Da longa resposta de Paulo Baretto, copio: “Eu não posso agredir o Estado do Rio Grande do Sul: 1.º – Porque não o conheço, não o visitei e seria apenas um cretino se descompusesse um Estado inteiro, sem motivo; 2.º – porque sendo eu de uma família que está na história da formação heróica do Rio Grande, desde antes da independência, e sendo o seu único descendente direto na linha masculina, seria um pastrana se pelo Rio Grande não tivesse a simpatia moral e se chamasse os meus parentes de nomes desagradáveis; 3.º – porque até hoje, entre os rio-grandenses visíveis, – daqueles de que não sou camarada, sou, pelo menos, admirador cheio de simpatia; 4.º – porque, se me atacasse a estupidez para descompor o Rio Grande em bloco, eu, que disponho de várias primeiras colunas e escrevo de vez em quando coisas graves, não iria pedir a José Antonio José o final de um desprezioso diário mundano para insultar o Rio Grande no elogio de um poeta além do mais rio-grandense, e, como todo rio-grandense, ‘bairrista...’. Eu falava do Brasil no momento atual. Repetia o que tenho dito várias vezes. Basta notar aquele ‘escândalo violento da paisagem’. Não me consta que o Rio Grande, o pampa, tenha violências de paisa-

gem. Agora o jornalista e não o deputado Maciel saiba mais que esse trecho, escrito à última hora e não revisto pelo José Antonio José, terminava a sua última oração assim: ‘Alvaro Moreyra nasceu no Brasil, dando ao Rio Grande’, etc. A opinião era quanto ao Brasil e à sua crise atual, sem a odiosidade, sem, como Maciel diz muito bem, ‘a blasfêmia injustificável’ contra um Estado. Não respondo nunca a idéias que formem dos meus escritos e não faço jamais corrigenda a faltas da minha revisão, porque tenho, infelizmente, já 13 anos de jornalismo diário. Os que escrevem em jornais sabem o quanto são comuns tais erros. Mas a Maciel Junior respondo magoado. Não pelas susceptibilidades que a sua interpretação possa trazer – porque Maciel Junior, inteligente, ardente, polido, foi capaz de julgar subitamente idiota quem continua, pelo menos, com inteligência para ser seu admirador sincero.”

§ Os últimos meses de Paulo Barreto, tão barulhentos, tão à vista, perturbaram um pouco a lembrança que deveria deixar. Fala-se, quando se pensa em João do Rio, no jornalista. O escritor tem a admiração de alguns escassos leitores. O homem está esquecido. Não o revelaram. Ficou sendo, na opinião maior, um demolidor terrível, – pago, – e um mestre gratuito de maus discípulos. Sobrou o artificial. O natural, a terra comeu. Paulo Barreto natural, porque a poesia nele era um estado de nascença, está aqui nesta carta mandada a uma das raras criaturas que não o traíram, nesta pequena carta, irreverente, fantasista, irônica, escondendo a comoção imensa: “Fazes, hoje, definitivamente, vinte e cinco anos. Eu também definitivamente perdi a esperança de te ver com uma pérola que te enviei há dois anos, quando tinhas dezoito anos de idade, única recordação de uma camaradagem louca, que data, como ninguém ignora, do ano 2025 antes de Cristo. Mas a pérola era um anel. Uma senhora sem anéis é

uma criatura sem ligações mesmo com os astros. Resolvo, pois, mandar-te com estas flores, símbolos breves das ternuras humanas, dois anéis que não poderás pôr no prego, mas que têm um grande valor de beleza hermética. O primeiro é um crisópraso, a que os russos chamam a pedra da sorte e que foi, segundo ocultistas, o palácio da eterna esperança. O segundo é uma pedra da lua, autora tua e doutros malucos como eu. Usarás um na mão esquerda, outro na direita. E quando o ponche da tua carne flambar na noite escura, tu, erguendo as mãos, agitarás os dois fatores indestrutíveis de todos nós: a esperança renitente e a lua variável. Que seja por toda a vida, embriaguez da terra, Satanás da bondade. Com o coração, Paulo.”

§ A minha celebridade em Paris... Havia em Paris, na Rua Bergère, um hotel que, não sei por que, hospedava principalmente pessoas do Brasil. Entre essas pessoas esteve lá, dona Otilia Silva. E, quando estive, também estavam lá outras pessoas de Porto Alegre. De volta, encontrando minha mãe, dona Otilia perguntou: – Então o Alvaro desmanchou o casamento com a Zaira? – Minha mãe respondeu: – Não sei... – E dona Otilia: – Pois em Paris não se fala noutra coisa!

§ Nossa casa. Foi assim que ela se ficou chamando. Nossa casa. Ainda existe, numa “vila”, em São Clemente, à sombra das árvores de Rui Barbosa. Três degraus, uma porta, uma janela. Em 1914 Felipe D’Oliveira, Homero Prates e eu morávamos lá. José Picorelli, às vezes, ia dormir conosco. Dizia que ia dormir. Ia era conversar até de manhã. Uma noite, estávamos tristes e trágicos. Começou a chover. Calamos. A chuva pertencia à nossa religião. Felipe abriu outra garrafa de Madeira. R. Homero acendeu o último cigarro do quinto maço. Eu acendi o primeiro do sexto, no cigarro do Homero. Picorelli fixara os olhos no chão. – Bebe, Picorelli. – Não se mexeu. – Não queres fumar,

Picorelli? – Silêncio. – Que é que você tem? – Continuou mudo, imóvel. Gritamos: – Picorelli!!! – Então ele murmurou, sem levantar a cabeça: – E as mãos das mulheres que morreram sem pecar, e foram enterradas hoje? É a primeira noite debaixo da terra... A chuva vai-lhes molhar as mãos... – Ninguém “viu” mais nada... Picorelli tinha a especialidade dessas sugestões. Magro, inquieto, misterioso, com a sua cabeça de Dante e o seu riso de Voltaire (ah! mocidade!) – não vinha nunca durante as horas claras, chegava sempre da escuridão, dos lados do mar. Chegava como quem vinha descobrir alguma coisa, de súbito... Outra noite, Felipe, sozinho, lia em voz alta a tradução que concluíra, das primeiras páginas de *Assim Falou Zaratustra*. Picorelli surgiu, deteve-se. Felipe, sem dar por ele, declamava entusiasmado: “...Zaratustra falou assim ao seu coração: – Será possível? Esse velho santo, na floresta, ainda não ouviu dizer que Deus morreu!” – Picorelli, que se lembrava do enterro enorme do Barão do Rio Branco, exclamou: – Deus morreu! Que enterro, hein! – Eduardo Guimaraens, distante, na cidade natal, comparecia muito à nossa casa, em saudade. Certa madrugada, Felipe, com uma enxaqueca terrível, foi se deitar. Picorelli, que sabia de cor todas as mãos, suspirou um verso de Eduardo:

*Quando virás pousar as mãos brancas e frias...*

Resolvemos os três fazer um soneto que principiasse pelo verso do Eduardo. Saiu esta mistura de quatro “Simbolistas” jovens, – ótimo documento da poesia de 1914:

*Quando virás pousar as mãos brancas e frias  
nas minhas mãos de sonho, onde a químera dorme?...  
Dói-me o perfume cruel de anéis sem pedrarias,  
Mal surges, rosa à boca, entre a penumbra informe...*

*Já todo o seu tesouro ideal e multiforme  
o meu amor depôs nas tuas mãos vazias...  
— Dante sem lírio olhando o íntimo inferno enorme  
que o desejo povoou de espectros e agonias.*

*Sinto-te longe, a andar sobre rosas morrentes,  
Nossa Senhora dos jardins sempre fechados,  
que bás de em maio florir os meus canteiros doentes...*

*Um luar de outono triste erra nas fontes mortas...  
As estátuas na sombra erguem vultos parados...  
Quando, de azul porás a rosa branca às portas?...*

§ A graça das gaivotas leva os nossos olhos para o céu. Não faz mal que haja urubus no céu. O cão é tão amigo! Que importa que haja cães danados? O burro é um perdão ambulante. Vamos protestar porque alguns burros dão coices? Que diz a água, presa nos canais, livre nos mares? Qual o segredo dessas flores? Como são silenciosas as mãos que beijamos! Penso no doido a quem perguntaram o que fazia na vida, e que respondeu: — Eu pinto as asas das borboletas...

§ Cada um existe para cada um. As criaturas humanas (e as outras também) são aparências e idéias repartidas. Olhamos, e descobrimos reflexos do que sentimos e pensamos. Fazemos a vida como Deus fez o mundo: à nossa imagem e semelhança. Não é? Ou não é mesmo? Que jeito tenho na alma? Ah! simples, natural, inocente, de uma simplicidade complicadíssima, de uma naturalidade ultra-refinada, de uma inocência tão cheia de culpas! Profundamente comovido. Com a melancolia do prazer. Com a saudade do desejo. Agora, em pleno estado de graça. Assim adormeci. Assim acordei. A primeira palavra que me subiu do coração foi: — Obrigado!

§ Quando estou com poucos cigarros, tenho um medo de encontrar pessoas que deixaram de fumar!...

§ A brutalidade de certos homens dá a impressão de que eles estão brincando...

§ O diabo é um anjo na miséria. O castigo da independência...

§ Emile Verhaeren levou da vida uma imagem horrível. Amando a sua pátria, tendo um ideal de humanidade, desde o primeiro dia da guerra – aquele dia 4 de agosto de 1914 – ele não cessou de atacar os carrascos da Bélgica. Fez, em vários países, conferências contra a aventura a que o Kaiser e o seu estado-maior tinham arrastado a Alemanha. Foi, ao sair de uma delas, em Ruão, quando ia tomar o trem para Paris, que morreu, esmagado entre dois vagões. 26 de novembro de 1916. Emile Verhaeren nascera em Santo Amando a 21 de maio de 1855.

§ Passei a vida junto da água. Foi um rio, primeiro, o Rio Guaíba; depois, foi outro, que se chamava Rio dos Sinos. Parti mais tarde, para o mar, esse Oceano Atlântico. O Oceano Atlântico me levou para os meus grandes rios, o Sena e o Arno. Depois me debrucei sobre o Rio das Velhas e sobre o Rio das Mortes. Gosto de visitar o Piabanha, e não morrerei sem ver o Amazonas, e o São Francisco, e o Doce. Um homem assim tem de gostar de São Pedro, padroeiro dos pescadores na terra, sem prejuízo das funções que há tantos anos exerce, de porteiro do céu.

*São Pedro é homem velho,  
Homem de muito juízo.  
Por isso o Senhor o fez  
Chaveiro do Paraíso*

O que o povo canta é sempre certo. E a esperança que mais alegre é a de conhecer ainda, de viva voz, o guardião da entrada do reino eterno, onde a paz de Deus consolará de todas as guerras. São Pedro é o nosso grande antepassado. Também nós negamos a Jesus. Também nós fomos crucificados de cabeça para baixo. Indignos da morte, como ele, continuamos a servir de pedras para a construção de igrejas.

§ Um dia, disso tudo virá uma calma perfeita, uma tranquilidade de Buda, sem o estômago dilatado, talvez; certamente, com o inefável sorriso...

§ Que Capistrano de Abreu não me ouça: – adoro a “Canção do exílio”, – mesmo com o sabiá cantando na árvore onde não cantou nunca...

§ O campo amanheceu cheio de flores. A luz parece toda pintada.

§ Nunca tirei do coração a cidade onde nasci, a cidade que me viu menino, por tantas ruas que ainda existem, debaixo do céu mais bonito do mundo, ruas remotas como aquelas avós que estão dormindo lá em cima, entre os muros brancos da ladeira da Azenha. Na manhã de primavera, que em Porto Alegre é mesmo primavera (eu tinha os olhos cheios de rosas) – parei diante do rio, largo, longo, a se perder de vista. Estendi-lhe as minhas mãos: – Bom dia, Guaíba! Como você é bonito! – E bem da terra, bem da gente, senti que ele me respondeu: – Não... não sou eu... são essas ilhas... – Você é a água que passa e leva a luz do sol, a luz da lua e das estrelas, os clarins da madrugada, os ecos da Ave-Maria, todas as serenatas. Rumores, claridades, ressonâncias, reflexos, em você, se transformam no silêncio puro, na sombra profunda. Que importam as margens! O rio segue para a frente! O rio é um caminho sem fim...

§ Até hoje, ainda não dei conselho. Gosto de recebê-los. Bons e maus. Todos servem para experimentar. Não me lembro das coisas ruins que os conselhos me levaram a fazer ou das ótimas que, por eles, deixei de realizar. Não tenho memória de aborrecimentos. Guardei da vida os instantes amigos, apenas. Fui deixando os outros nos caminhos. A chuva os apagou, ou o vento os levou. Dos conselhos, que ouvi e segui, decerto o melhor foi este: – “Comece o seu dia olhando imagens bonitas. Isso enche de beleza a vida.” – Está claro que não vou espionar as minhas vizinhas. Mas tenho sempre comigo imagens lindas, da véspera ou da eternidade: a exaltação de um corpo, o repouso de uma alma, idéias como estradas cheias de sol, sentimentos como sombras de jardim... Acariciam, ficam, vão dizendo pelas horas: – Bom dia... boa tarde... boa noite..., até amanhã...

§ Gladkow, no campo, desabafou: – Adoro o mundo das vacas, silencioso, pensativo, profundo. Jules Renard estendeu os braços para “o macaco, esse parente pobre”. Mulher delicada: “flor”. Mulher bonita: “uva”. Homem esperto: “águia”. Homem ingênuo: “arara”. E mais, mais. O Jardim Zoológico é uma exposição de motivos. O Jardim Botânico é uma declaração de princípios.

§ Em 1916, o Conselho Municipal de Porto Alegre convidou-me para ir receber Olavo Bilac. Fui. Ele chegou lá no dia 1 de outubro. Aqui está o que então lhe disse, em nome da capital gaúcha: – Desde que estas palavras foram acordando dentro de mim, ainda isoladas, bem adivinhei que hoje eu teria um dos instantes harmoniosos do meu destino. São raros os instantes assim, quando a felicidade nos toca, quase fisicamente, e a vida interior, do longe do seu mistério, consente em vir aos nossos lábios e falar. O silêncio em que ela labora, apenas revelado, às vezes num sonho ou num pensamento, num verso ou num

sorriso; a sombra que a veste e que é o segredo dos instintos desconhecidos que carregamos, – frangalhos de uma remota divindade, – com a vida interior chegam e, ao mesmo tempo, o silêncio se faz ritmo e a sombra toda se ilumina. A serenidade oculta desvenda-se em prazer. É esse prazer que nos irmana à existência universal, identificando-nos à matéria e ao espírito de tudo o que em torno de nós se extasia e vibra. Com ele, poeta, quero contar-te da comoção da minha cidade, agora. Certo, os teus olhos nômades, que têm parado em tantas paisagens do mundo, daquelas paisagens guardadoras de lendas e lembranças, onde as árvores, o chão e as águas são velhas criaturas que viram deuses, que serviram de morada às ninfas e, mais tarde às fadas, e deram acalento e mataram a fome e a sede dos heróis, – certo, os teus olhos encontraram aqui uma graça nova, uma graça ingênua de adolescente, nas colinas, no rio, e até no céu, o lindo céu da minha cidade. Nasceste junto de montanhas, à beira do mar e da floresta. O cenário da tua infância, dourado de uma claridade mais acesa, ficou sendo para ti, naturalmente, o cenário da tua terra. Mas tu amas o Brasil de um amor muito maior do que ele, e no teu amor todas as paisagens do Brasil, por mais estranhas que te apareçam, são paisagens da tua pátria. E tal é a diferença entre a nossa terra e a nossa pátria. A nossa terra é a nossa história, o passado de cada um, com as reminiscências tristes e as reminiscências joviais. A nossa terra é a nossa intimidade... uma casa, uns entes, um caminho, um jardim... um pôr de sol que nunca mais voltou... uma oração, uma cantiga... tudo isso, isso tudo e quanto mais! – as saudades do tempo que, depois, chamamos de Bom tempo, de Aquele tempo... A nossa terra morre conosco, um dia. É um sentimento. A pátria é eterna, porque é também uma idéia. Está no homem e além do homem. Nem todos sabem que a possuem. Muitos desdenham dela. E, ai de nós! os brasileiros dos últimos decênios, a esses pertencíamos. A culpa não a tinha a variedade dos aspectos naturais, do clima, das

populações. Não a tinha a distância que separa os estados. Tinha-a, talvez, a nossa juventude... Nós nos envergonhávamos da pátria que nos transformaram, da fama que nos granjearam. A inteligência e a distinção, dir-se-iam exiladas do Brasil. Para que lutar? Um pavoroso desapontamento nos tornara céticos, antes da idade. E para fugir ao desespero, os delicados procuraram o amparo da Indulgência. É uma fidalga secular a Indulgência. Envelheceu a sorrir. No halo dos cabelos brancos, a sua fisionomia mostra uma tranqüilidade que é bênção, e é perdão, e é esquecimento. Entretanto, tu, que nos iniciaras no Ideal, tu te ergueste, de súbito, magnífico, — mestre do Entusiasmo! — e proclamaste a nossa pátria. “Todas as coisas profundas — são cantos”, — acertou Carlyle. E este foi o teu canto: — “Façamos nós a ressurreição da glória do Brasil! Não a podemos fazer em poucos dias, nem em poucos lustros, por um prodígio de taumaturgia social. Mas, inevitavelmente a faremos se, inspirados pela nossa crença e pelo nosso patriotismo, lavrarmos a alma do Brasil como os agricultores lavram o seu campo: com o tempo e a paciência, com a vontade e a arte, dando toda a força do braço e a alegria do coração a todos os longos e sublimes trabalhos que o solo exige — o derrote e o amanhã, a aradura e o alqueive, a sementeira e a rega, antes do dia nobre em que, coroando e abençoando o sacrifício, surja o esplendor da seara.” — Quedáramos ao jeito de cegos, a cabeça levantada para o céu, sem nada ver. Tu nos trouxeste a luz. E só um poeta conseguiria o que conseguiste. “Entre os homens incompletos” — é uma frase de Emerson — “o poeta é o homem completo, e não nos informa unicamente da sua própria riqueza, mas da riqueza comum”. A nossa riqueza brilhou, descoberta pelo teu canto de esperança. E a gente moça respondeu com um clamor de prontidão. Queres ensinar o Brasil a ler para lhe ensinar a meditação e o respeito. Pouco a pouco, a cultura, estendendo-se, a domar impulsos, a banir agitações, a tecer idéias, confraternizará os brasileiros. Há de ter-

minar o nefasto menosprezo a nomes que são o nosso consolo e o nosso orgulho. Os que se entregam à ciência e os que se entregam à arte não devem andar à mercê dos julgamentos pueris: — São sagrados. Queres instruir militarmente o Brasil, armá-lo, no almejo de que obtenha, com a tua força — a paz, a calma para a labuta, o sossego para criar, se engrandecer, e então, de mãos postas, adorar a vida. O fim da vida é a Bondade. Não a bondade cotidiana, fragmentada, descontínua, mas a Bondade amor, sabedoria, beleza, que nos educa na compreensão e na admiração, e que não muda, e que não nos abandona. Um mal-entendido doloroso tem desviado os nossos passos desse fim. Com os preconceitos que nos desorientam, com as contradições que nos perturbam, caminhamos ao acaso e não somos felizes. Quantas vezes, uma aspiração que não chegamos a decifrar, nos detém, um longo momento, à espera de algum milagre. É diante de uma estátua, ou de uma flor; é ouvindo música; é numa praia ou numa serra; é repentinamente, na balbúrdia de uma rua. As migalhas de perfeição dos ancestrais, reunidas, vão despertar na nossa alma... O momento passa. E lá continuamos, vencidos e desertos... Foi em seguida a um desses momentos que, há muitos anos, escreveste:

## SÓ

*Este, que um deus cruel arremessou à vida,  
marcando-o com o sinal da sua maldição,  
este desabrochou como a erva má, nascida  
apenas para aos pés ser calcada no chão.*

*De motejo em motejo arrasta a alma ferida...  
Sem constância no amor, dentro do coração  
sente, crespa, crescer a selva retorcida  
dos pensamentos maus, filbos da solidão.*

*Longos dias sem sol! noites de eterno luto!  
Alma cega, perdida à toa no caminho!  
Roto casco de nau, desprezado no mar!*

*E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto...  
E, homem, há de morrer como viveu: sozinho!  
sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!”*

Não! que o milagre em ti já se realizou! Contigo está a Bondade! Pela Bondade restarás na pátria como um gênio protetor. E o Brasil, ao termo dos séculos, à imitação do santo do “Gitanjali”, que lastimava o tempo perdido, há de repetir que o tempo nunca foi perdido e, sentindo o teu carinho sempre presente, e evocando os dias de ócio, há de rezar-te com igual ternura: – Sumido no âmago das coisas, tu fizeste brotar as sementes, desabrochar os botões e abrirem-se as flores em frutos. Eu estava cansado e sonolento no meu leito preguiçoso, imaginando que todo o trabalho cessara. E de manhã, quando me levantei, vi o jardim cheio de flores maravilhosas.

§ Hoje, na hora em que os pardais iam dormir, como a tarde estava bonita! Este inverno do Rio, é, realmente, um tempo romântico. E contagioso. Sei que não fica bem a um homem já muito além dos cinquenta anos, parar assim, diante do mar, olhando o céu, enternecido, reflorescido, revivido. Mas a tarde estava bonita mesmo, e ninguém viu que ela botou lágrimas na minha cara...

§ Todas as tardes são boas, como são boas todas as noites, e bons todos os dias. A gente é que perturba um pouco, misturando na bondade verdadeira as maldades inventadas. A vida nasce inocente; enche-se de culpas. Contudo, o melhor, ainda, é viver. Viver muito. Vi-

ver tudo. Chega um tempo em que olhamos as criaturas e as coisas, uma vez, com o sentimento de que, decerto, é a última vez. O tempo do silêncio. O tempo da solidão. As vozes adormecidas, entretanto, logo nos mostram que não há o silêncio. As imagens paradas logo nos dizem que não há a solidão. Somos nós que nos calamos. Somos nós que ficamos sós.

§ A alma revê. A alma prevê. Passam por nós imagens que nos deixam encantados. Já as vimos. Quando? Onde? Pronunciamos palavras que, muitos anos depois, vão mostrar o sentido que traziam. Nosso corpo pode ser a transformação de asas desfeitas, de folhas caídas, de flores mortas. Os olhos, serenos e tristonhos, dos burros, podem voltar agitados e alegres, em mulheres, em homens. O poeta do “Cântico dos Cânticos” adivinhou bem as origens de Sulamita: narciso de Sarom, lírio dos vales, romã, favo de mel. O corpo de Sulamita estava cheio de auroras e de cachos de uvas. Na boca de Sulamita, Salomão bebia um vinho maravilhoso, aspirava na carne de Sulamita o perfume das macieiras. As carícias de Sulamita tinham a doçura das parreiras desabrochadas. Ninguém mais diferente do rei Salomão, que Fialho d’Almeida. Pois Fialho d’Almeida contou: “Duma ocasião, sozinho no meu quarto, eu considerava uma rosa branca, que emurchecia num copo, tão triste! Disse-lhe assim: – Tu sofres... – Ela curvou-se mais sobre a haste, como aquiescendo, e vi-lhe duas lágrimas nas pétalas. Nunca pude saber quem fosse essa mulher”.

§ Como são frias as asas dos aviões!

§ Uma rosa aberta, que não vai morrer. Um botão de rosa que não vai ser rosa. A lâmpada lhes dá, de longe, o jeito da vida. Se eu me lembrasse de uma rosa, se eu me lembrasse de um botão de rosa,

havam de aparecer assim na minha memória. Também o tempo teria levado o perfume... Os dias são mesmo feios. Bom é viver de noite. A noite vem depois, como um perdão. A noite é sozinha. George Sand está me espiando da pasta azul. — Boa noite, George Sand. Gosto de você. Por você e pela poesia e pela música que nasceram de você. Era o que amava neles, não era? Era a música de Chopin que a prendia a Chopin. Era a poesia de Musset que a prendia a Musset. Poesia do seu corpo. Música do seu corpo. Amando-as, você se amava tanto, tanto, que deu aos dois amantes a ilusão de serem amados... Conservo-a aqui em três retratos, três retratos de moça, naquele tempo em que não se falava em *sex-appeal*, porém já se ia a Veneza... Como você era bonita, George Sand! Na cidade onde nasci, eu andava, com vinte anos, estudando Direito num romance seu, *La Petite Fadette*, por uma rua chamada Rua da Igreja, e encontrei o doutor Borges de Medeiros. (Pergunte a Clotilde de Vaux, que com certeza o conhece). Era presidente do Estado, com longa prática. Eu nunca o encontrara, antes. Naturalmente por causa da minha idade. Encontrei-o depois, uma única vez. Aí não era mais presidente do Estado. Nem, ao menos, interventor. Era turista. Turista pobre. Não parava. Não ia longe. Vivera imóvel, no mesmo lugar. As mudanças o indispunham. Acostumado a pensar sem ninguém, ficava tonto entre os rumores alheios. A realidade não constituía o seu forte. Faltava-lhe a vocação. Apesar de positivista, tinha treinado apenas na metafísica. Mais que um homem, fora sempre uma idéia. Uma idéia dos outros. Vinha de passar por vários transes: conformista, aborrecido, revoltoso, prisioneiro, desterrado, eleito representante do povo na Câmara Federal. Tal qual pensei nele agora, pensei então em você. É uma coisa meio maluca, bem sei. Mas não posso pensar em você sem pensar nele, não posso pensar nele sem pensar em você. É a juventude.

§ Carta fora do baralho – Há uma melancolia nesse destino. A expressão, que também é velha, significa diversas coisas, mais ou menos iguais. Carta fora do baralho. Por necessidade do jogo. Por ser uma carta sem valor. Porque está marcada. Destino. E há, de verdade, uma melancolia nesse destino. Em torno da mesa, que pode ser redonda e que, em geral, é quadrada, para não dar na vista, – homens se aglomeram; os de bigodes, torcendo os bigodes; os sem bigodes, estalando os dedos; sorrindo no ar, pondo os olhos pálidos uns nos outros. Todos acreditam numa carta. E numa carta ninguém acredita mais. É a carta fora do baralho. Já foi trunfo, muitos dias, muitos anos... Quanta carta fora do baralho!

§ Em 1917, sem trabalho, fui ser redator da *Babia Ilustrada* de Anatólio Valadares. Ele arranjava os anúncios e dirigia o texto: – Faça uma nota bem carinhosa sobre Gois Calmon. Diga que é uma figura ímpar. O mais você deve saber. – Eu ignorava, mas fazia. Vinha depois um telegrama de Gois Calmon, gratíssimo. Resposta de Valadares: – Escrevi com o coração. – Mais ou menos, todas as figuras elogiadas pela *Babia Ilustrada* eram ímpares. Mais ou menos vinham depois telegramas de todas, gratíssimas. Mais ou menos a resposta de Anatólio Valadares era: – Escrevi com o coração. – Durou dois anos a *Babia Ilustrada*. Parece que cheguei a ganhar com ela uns duzentos mil réis.

§ Envelhecer: imposto sobre a renda...

§ Aquele menino, que eu vejo sentado no chão, perto de uma velhinha sem olhos, contando casos... Aquele outro, mais crescido, que eu vejo na cela de um internato, com cara de sonho... Aquele outro, já grande porque fez vinte anos, que eu vejo, ao cair da noite, sem ninguém, junto da ponte de um riacho, onde os salgueiros se misturavam

na água com o céu... Aqueles outros, aqueles todos, até este... Foram as minhas mudanças por fora... Meus Alvaros!

§ Nem os espelhos nos refletem iguais. Somos sempre outros na face dos espelhos.

§ Vida... Não, não há uma. Há tantas vidas! Romances. Comédias. No fim, somos a biblioteca de nós mesmos, o nosso repertório.

§ Saudade é esperança vista depois...

§ De manhã em Assis. São Francisco estava cuidando do seu jardim. Um irmão lhe perguntou: –“Que farias se soubesses que, ao chegar a noite, hoje, tinhas que morrer?” – São Francisco respondeu: – “Continuaria cuidando do meu jardim...”

§ No começo do século, depois da guerra com a Rússia, os japoneses espalharam um ar de festa no mundo. Eram aquelas pinturas de olhos esticados, em papel de arroz, em seda; quimonos reluzentes, com cegonhas voando, pontes de bambu; e ventarolas, pentes, porcelanas, brinquedos, fascinações... e poesia de três versos... os pauzinhos para se comer arroz... um país construído sobre 3.600 ilhas..., nomes de cidades soando como nomes de danças... Comia-se peixe com açúcar. Bebia-se saquê. A música, trazendo figuras japonesas, andava na boca do resto da humanidade: “Gueixa”, “Íris” “Madame Buterfly”. O sorriso de Buda punha bom humor na gente...

§ Uma das coisas mais tristes deste mundo é a gargalhada...

§ Certos pobres nascem com a vocação de ricos. Gozam a pequena vida. Certos ricos nascem com a vocação de pobres. São uns desgraçados.

§ José Pimenta de Melo Filho foi meu patrão de 1918 a 1931. Aluguei-lhe a minha mocidade. Quando, por causa da revolução da Aliança Liberal, ele me mandou embora, com J. Carlos, disse que era meu amigo. Pobre José! Quando via uma coisa certa, fechava a cara, resmungava: – Não está direito! – J. Carlos e eu nunca o enganamos. Despediu-nos por isso.

§ Nestor Victor, já antigo, ia pela praia do Flamengo com o escritor Augusto Frederico Schmidt, ainda novo. Calados os dois. Nestor pensando. Schmidt emagrecendo. De repente, o amigo de Cruz e Souza parou e pôs-se a rir, num grande gozo. – Que é, mestre? – quis saber o futuro autor da *Estrela Solitária*. – O mestre informou: – Estou me lembrando de que foi aquele patife do Taine quem me levou a Platão.

§ Que passem todos os automóveis! É o luar que faz a noite silenciosa.

§ É preciso gostar da vida. A vida arranja tudo pelo melhor. Às vezes na realidade. Às vezes na imaginação, realidade de uso interno.

§ Como a imaginação desculpa a vida!

§ O escultor Bourdelle queria bem aos pardais. Todas as manhãs, todas as tardes, espalhava migalhas de pão no seu jardim, que se cobria de vôos contentes. No cemitério de Montparnasse, sobre a pedra do túmulo que lhe cobre o corpo, a companheira de Bourdelle, todas as manhãs, todas as tardes, por muitos anos, espalhou migalhas de pão, para que os pardais de Paris não sentissem falta do seu amigo.

§ 7, outubro, 1922 – Emmanuel Coelho Netto – Ele era bom. Tinha a serenidade dos fortes. A juventude do seu corpo de atleta guar-

dava uma alma antiga, de orgulhosa origem, mas sempre alegre por perdoar e esquecer. Nunca lhe saiu da boca uma queixa. Acostumara os lábios ao ritmo do louvor. Sabia admirar. Sabia amar. Mano! Quem o apelidou assim, de pequenino, adivinhou que, depois de grande, quando olhasse de olhos abertos a vida, havia de ser o que foi: o irmão... o Mano, mais moço ou mais velho, dos outros homens que o conheceram, os amigos da sua intimidade e aqueles que, junto de Coelho Netto e da companhia admirável desse nobre artista, aprenderam o culto da beleza e da bondade.

§ Mesmo com estas chuvas, que bom se eu estivesse longe da cidade, no meio da serra, cercado de oliveiras, eucaliptos, álamos, jacarandás, ipês, mangueiras, todas as árvores amigas. Jardim, pomar, horta, viveiro de Nosso Senhor, onde os pássaros, maiores e menores, andassem soltos, sabendo que tinham muitos ramos e um telhado para os ninhos. Na mesa, o aipo que plantei, os cogumelos que colhi, as minhas azeitonas, as minhas laranjas, as minhas cerejas, e até os meus abacaxis. Nasceram da minha terra. Mas se os anjos da noite quisessem, poderiam descer do céu e servir-se à vontade. Se os pobres meus irmãos quisessem, o portão estaria aberto e eu lhes diria da janela: – Vão levando... vão levando..

§ Mário Rodrigues. Teve uma atitude para os estranhos: a do sujeito sem indulgência, – o castigador. Não olhava em torno. Ia aos tranços. Duro. Mostrando-se mau. Magoou. Ofendeu. Fez chorar. Atitude. Aquele papão que a gente via de longe, não passava de uma criança quando se chegava perto dele. Uma criança tímida, espantada, que falava gaguejando. Uma criança que repartia todos os seus brinquedos. Nunca possuiu nada que não fosse também dos outros. Milionário durante o dia, ia dormir pobre de madrugada, depois do cansaço da re-

dação. Foi pobre assim que adormeceu e não acordou mais. A cabeça parou logo. O coração ficou batendo, batendo, batendo. O coração que ele escondia tanto.

§ Pai... Quando um homem pobre trabalha muitos anos para um homem rico, o homem rico fica mais rico e diz para o homem pobre, que fica mais pobre: – Eu fui um pai para você.

§ Amanheci hoje assim. Há de ser por causa da chuva. Estou absolutamente lírico. Em tal estado, na certa que eu tinha de pensar em Cícero; não naquele orador, – em Cícero Valadares, que não fazia discursos, fazia bonecos. Homem excelente. Péssimo desenhista. Sobre tudo “fan”. Foi dos primeiros da família. Usava a voz em oposição ao sexo. Escutado no telefone, parecia mulher. Ouvido de corpo presente, não dava dúvida, dava espanto. – Você sempre falou desse jeito, Cícero? – Não. Eu até falava bem grosso. Mas, uma vez, no Amazonas, fui tomar banho no rio, uma piranha me mordeu atrás, e fiquei com esta voz. Ah! é verdade! – o senhor viu a fita “Beijos que matam”, no Fênix? – Não. É imoral, não é? – Científica. E a “Cabana do Pai Tomás”, o senhor viu? – Também não. – É triste! Minha senhora chorou prá burro. Eu estou acompanhando “Os Três Mosqueteiros”. O senhor não está? – Também não, Cícero. – Depois vou ler o livro. Que é que o senhor acha da Greta Garbo, hein? – Gosto muito. – Puxa! Deus nos livre! – Adorava Francesca Bertini, Pina Menichelli, Asta Nielsen... Adorava Norma e Constance Talmadge, Glória Swanson, Teda Bara, Lia di Putti... Meu pobre Cícero! tão feliz! Em que estrela estará agora? A morte para ele deve ser um programa sem fim...

§ Correia Dias falava pouco. De vez em quando, enchia o intervalos do seu silêncio com esta exclamação em tom de suspiro: – Pois é

verdade... – Nunca lhe respondi. Estou convencido de que foi uma das criaturas mais perfeitas do mundo. Compreendeu a solidão humana. A exclamação não queria dizer nada. Era o tom de suspiro que dizia um pouco...

§ Há uns doces chamados esquecidos. Também há uns amargos esquecidos.

§ Alguns teimosos insistem em me tornar azedo. Difícil. Eu sofro de diabetes na alma...

§ A origem de todo ato de dedicação é quase sempre inconfessável.

§ Num boletim científico, que folhiei na sala de espera de um consultório, li este título: “Os paradoxos do beribéri”.

§ José Lopes dos Reis – Ninguém o conheceu de nome. Foi o Dr. Cabuhy Pitanga, popularíssimo, o Dr. Sabe-Tudo, o Vovô. Escreveu com esses disfarces, quarenta anos, na imprensa. Era com tanto exagero cumpridor de suas obrigações, que só deixou de trabalhar para morrer. Morreu com medo de que reparassem. Aproveitou um domingo, dia de descanso, e partiu. Alegre. Dava bom humor. Tinha um jeito de militar reformado, de antigo diretor de colégio, de velho ricoço. Era paisano, nunca ensinou senão a sorrir, sempre viveu pobre. Pobre de dinheiro. Porque, do resto, os que lhe pagavam é que não tinham nada.

§ Um “clerc” que não traiu: Jean Dolent. Foi “da certeza para a dúvida”. Teve “o horror estético da evidência”. Preferiu “as verdades embelezadas de inverossimilhança”. Perdeu muito tempo, mas não

soube “exatamente qual”. Disse as coisas “sem que as palavras sofressem”. Conservou-se “indeciso absolutamente”.

§ Roberto Rodrigues – Parecia um menino nos olhos que o viam passar, quieto, tristonho, pelas ruas da cidade. Era um artista de sensibilidade dolente, o pintor dos desgraçados, dos pobres, dos criminosos. Tinha pena da vida. A morte no hospital, para onde o carregaram, ferido por uma mulher, foi o seu último desenho. O mais trágico. O que mais pisou. O que ninguém queria que o Roberto fizesse.

§ Um homem hábil, que soube conservar-se livre e indiferente no meio das mesquinhas sujeições sociais. Representou bem o tipo do francês antigo, do tempo de Voltaire, tornado raro. – Mais ou menos assim, Remy de Gourmont resumiu Prosper Merimée, com o título: “Um célebre amador.” – Companheiro que não envelhece. Amigo dos instantes aflitos. Ensina a atravessar a rua quando o aborrecimento vem pela mesma calçada. Como admirava Stendhal! Talvez Stendhal fosse o seu único amigo. Merimée preferia as amigas. Conhecia bem as “desconhecidas”. E era tímido.

§ Ando meio desconfiado de que se fuma demais. Não será tanto fumo que perturba a tranquilidade do mundo? No tempo em que se tomava rapé, o mundo seria assim? O rapé faz espirrar, o espirro espanta os maus espíritos.

§ No tempo dos meus avós, um homem bom era “um santo varão” – todos o amavam e respeitavam. No tempo dos meus filhos, um homem bom é “sopa”, é “arara”, é “trouxa”, é otário, é “besta”... – todos o exploram e desprezam. Como será no tempo dos meus netos?...

§ Mistinguett. Ela era a miss, a grande miss, contemporânea das mulheres fatais pela beleza no começo do século: Otéro, Napierkowska, Cléo de Merode, Cavalière, Mona Delza, Lanthelme, Gaby Deslys. Mistinguett era feia, mas dona das pernas mais bonitas do mundo, e foi a primeira atriz que exibiu as pernas nuas no teatro. Aquela mulher, que a graça transformava em cena, entrou por 1900 com vinte e cinco anos. Eça de Queirós ainda pôde conhecê-la, como a conheceram depois Gabrielle D’Annunzio e Anatole France. O tempo de Mistinguett foi o tempo dos primeiros livros de Colette, das primeiras canções de Mayol, Fragson, Chevalier, das primeiras fitas cinematográficas. Fitas passadas antes de 1914, aqui, no Cinema Pathé, Avenida Central, entre a Rua do Ouvidor e a Rua Sete de Setembro. Mais tarde, Mistinguett esteve no Teatro Lírico; ainda mais tarde, no Cassino da Urca. Deram-lhe um apelido: “Sarah Bernhardt” do *music-ball*. Para a gente nova esses nomes são nomes de fantasmas...

§ Há palavras que a gente diz e sente o gosto do que elas significam. Tâmara, por exemplo.

§ Quando os cachorros estão latindo, nós gritamos mais alto, para que eles se calem. Os cachorros não de achar muita graça.

§ Luiz Peixoto – Se ele quisesse, era um caricaturista sem igual. Era escultor, joalheiro, arquiteto, – cada qual mais estupendo. Não haveria poeta para perceber o lado pitoresco de tudo, como ele. Que fazedor de comédias sentidas, com gente que ainda não tinha sido vista, e que anda aqui, lá, em todos os cantos, – poderia ser comparado a Luiz Peixoto, se ele quisesse? Se ele quisesse, ganhávamos um cenógrafo sem cenografia, – maravilhoso. E um ator, ao mesmo tempo Charlie Chaplin e Walt Disney. E um músico de ingenuidade genial. E até um

homem cheio de vontade. Isso, mais, muito mais, Luiz Peixoto era capaz de ser, se ele quisesse. Mas não quis. De não ter querido, criou Luiz Peixoto. Assim é que Luiz Peixoto.

§ Não tenho muitos quadros, mas os que tenho marcam os meus limites. Constroem as paredes. Sem eles, eu nunca me sentiria em casa: a imaginação carregaria comigo por todo o mundo. Sou um grande viajante sedentário...

§ Como a alegria é apressada! Chega, e logo parece que está dizendo: – Já vou!

§ Um pássaro voa alto e desfaz o rasto que deixou o avião no ar. O céu fica mais azul.

§ Se você voltar ao mundo, quererá de novo ter amigos? – Sim... os rios, os jardins...

§ Quantas cruces na memória! E quantas flores! Vejo Roberto Gomes, tão sensível, tão elegante. Ele realizou aquela verdade de La Fontaine: “Os delicados são infelizes...” Com um tiro no coração pôs termo ao seu destino na última noite do ano de 1922. Escuto Roberto Gomes: “A vida não é tão generosa como pensas, nem nos concede o triste consolo das lágrimas eternas. Quando uma dor profunda nos atinge e nos fere, julgamos, ingênuos e presunçosos, que lhe não poderemos resistir, e entre clamores e soluços, chamamos por uma morte que tarda muito em vir! Mas os dias passam e a vida que nos oprime, começa a ninar-nos... Implacavelmente terna, ela derrama nas nossas sangrentas saudades o bálsamo do olvido. As lágrimas perdem o seu áspero sabor, cicatrizam as feridas mais fundas, esmaecem os mais agudos desesperos. Lentamente, sorrateiramente, com gestos cauteloso-

sos e sonsos, a vida nos entorpece e nos vai pouco e pouco reconquistando. As semanas, os meses, os anos, deslizam rápidos e silenciosos, e um dia verificamos com um sorriso um pouco melancólico, que estamos vivendo... oh! não com a alma festiva, mas resignamo-nos a viver, um pouco no presente, muito no passado, gozando as migalhas de prazer que a vida parca nos dispensa, fazendo os mesmos gestos de todos e procurando compensar, com uma multiplicidade de minúsculas venturas, a ventura imensa perdida! Não se morre de dor...”

§ 1924 – Magdalena Tagliaferro – Quem lhe avista de repente a cabeça dourada, onde os cabelos nunca estão quietos, julga que ela é um menino. Um menino de conto de fadas, que fosse um príncipe. Depois, olhada toda, parece uma boneca. Mas fala: é mulher! A boca, antes presa num amuo de criança que deseja mais, evoca a vida. Da mulher, assim, a artista surge. As palavras que diz têm ressonância, continuam, prolongam-se, formam sem querer uma ronda feliz, o bailado da glória... A glória veio com essa criatura desde pequena e essa criatura não se importa com a glória. Para que? Basta sentir que a ouviram bem. A gente sempre a ouve em despedida. Não se repete nunca, é outra sempre. Quando a conheci, imaginei que Magdalena Tagliaferro tinha sido inventada por mim. Não foi. Perdi então a vaidade de ser original. Na rua, um dia de outono ia entardecendo. O sol derramava na sala uma claridade, menos luz do que sombra, que recortava, a meu lado, a figura estilizada da pianista, quase artificial de tão verdadeira. Dos seus braços muito brancos pendiam as mãos feitas de alma, aquelas mãos finas, boas, que me deram, andando sobre um teclado, beleza, esquecimento, ilusão...

§ Muitos censuram a minha sutileza. Puseram essa máscara em mim.

§ Há um instante de silêncio. A nuvem vela a luz para que se sinta, depois, que a luz ainda é mais bela...

§ De repente me lembrei de Veneza. Foi talvez por causa dessa música. Foi com certeza por causa dessa música...

§ Às vezes fico cismando que era com música que eu devia contar as minhas coisas...

§ ... “a sensibilidade extrema, constantemente ferida pela injustiça, pela aspereza, pela vulgaridade da vida...”

§ Jules Lemaitre disse que, por menos (a perda da fé) Lamennais morreu desesperado; por muito menos Jouffroy ficou incuravelmente triste; Pascal, só pelo pavor de duvidar, enlouqueceu; e, entretanto, Renan era alegre.

§ A luz da lua se esmigalha nos vidros da janela. Acendem-se palavras de Alain na minha memória: “É a nossa vida que é um sonho, porque as nossas lembranças são sombras pálidas...”

§ Vicente Licínio Cardoso – Uma grande fé. Um esforço maior. O que fazia, vinha sempre com o gosto da felicidade. Minucioso. Exato. Punha a afirmação do espírito acima das idéias práticas e por isso mesmo as suas idéias, desconhecidas, quedaram longe da confusão cotidiana. Pelo entendimento geral, pela certeza com que via e descobria, aquele rapaz de passos vagarosos levava a pressa de um Brasil diferente. Passos perdidos. Pressa em vão. De súbito, sentiu que estava fatigado, exausto de tanto trabalho inútil. Apavorou-se; ia ficar imbecil. Não quis dar o espetáculo da triste decadência aos que o amavam e ad-

miravam. Matou-se. Se fosse ambicioso, se desejasse aplausos e proventos, a convicção do cretinismo próximo não seria um motivo de morrer, — seria a própria razão de viver...

§ 17, janeiro, 1924 — Homenagem ao General Setembrino de Carvalho, pacificador do Rio Grande do Sul. Foi no Palácio das Festas, da Exposição Internacional do Centenário. Falei: “Contaram que eu viria saudar-vos, Sr. General Setembrino de Carvalho, em nome do Rio Grande do Sul. A glória era exagerada para mim. Não tive confiança nela. Quando procurei na memória as palavras da terra longínqua, para trazê-las esta noite aqui, descobri apenas palavras minhas. Vozes ilustres disseram o vosso elogio. Deu-vos o povo o mais nobre dos títulos. Sois o Pacificador. Que destino tão belo para um homem dos nossos “pagos” e que é um soldado! Rio Grande! Nome-oração do que sentimos e do que pensamos! Nome de ressonância sem fim, como o “Angelus” da campanha. Rio Grande a correr do passado para o além da nossa vida. E que raça nasceu ali, naquele recanto onde o Brasil principia! Um ente resumiu-a toda: Bento Gonçalves. Esse é o nosso ancestral e o nosso mestre. Perfeito na bravura e na lealdade, não lutou contra os homens senão pelo bem dos homens. Desembainhava a espada para cortar o fio às outras espadas. Sabia vencer generosamente, com inteligência. Nunca maltratou um inimigo. Na alucinação dos combates, guardava sempre a serenidade, — a sua força maior. Não tinha ódios. Tinha ilusões. E era livre como o vento minuano. De Bento Gonçalves é a vossa linhagem, senhor General Setembrino de Carvalho. Nem outro louvor desejaria um filho de gaúchos, hoje que é Ministro da Guerra, e que, mais uma vez, acaba de trabalhar pela paz!”

§ A respeito da vida e da morte, estou de acordo com o burro de Buridan.

§ 1924 – O delicioso encanto de deixar a rua, o sol, a multidão, e viver duas horas de esquecimento, na sala fechada do Municipal. Já tive assim os bailados de Pavley e Oukrainsky. Magdalena Tagliaferro tocou para mim, assim. Assim, para mim, cantou Maria Barrientos. E agora, Marie-Thérèse Pierrat, nas quintas e nos domingos, com os seus companheiros, me dá o prazer de sentir que as coisas que acontecem são muito mais interessantes quando acontecem no palco...

§ Não há só questões com datas. Há, também, sentimentos de um tempo. Até o amor...

§ Abandona-se Camões. Briga-se com os sonetos. E, um dia, de repente, é por um soneto que se volta a Camões.

§ Leio no Talmud: – “Quem todos os dias visita os seus campos, todos os dias encontra uma moeda.” – Os meus campos são esses livros...

§ Carlos Magalhães de Azeredo, durante o tempo em que esteve afastado da carreira diplomática, morou em Paris. Colaborava, lá, numa revista editada por Eduardo Prado. Essa revista ia dar um número em honra de Eça de Queirós, já bem doente. Eça foi à redação procurar Eduardo. Só encontrou o jovem Magalhães de Azeredo, que não conhecia. Magalhães de Azeredo quis que Eça se sentasse, para esperar o amigo. – Não, senhor. Muito obrigado. Venho amanhã. – E, apontando para as folhas esparsas na mesa do moço tão polido: – Estava a escrever... – O seu elogio. – Ah! o meu elogio! Pois carregue-lhe no adjetivo, menino! Carregue-lhe no adjetivo...

§ Falar... Essa boca diz umas coisas. Aqueles ouvidos escutam outras coisas. A vida é assim, assim é que ela vai durando. Não há conver-

sas. Cada um fala sozinho. Cada um tem uma idéia. O que se chama “trocar idéias”, será, talvez, o acompanhamento de um bailado: o velho bailado dos mal-entendidos. Ninguém troca a sua idéia; a que trazemos, levamos: a idéia denominada fixa, e que não pára de fazer exercícios. Não, não existe compreensão. Eis o prazer humano. Que aborrecimento se a gente se compreendesse! Acabava-se a música. O que nos embala, enquanto cumprimos o destino, é o som das palavras, o ritmo, a harmonia, a beleza das palavras. O sentido das palavras está no gosto de apanhá-las no ar, guardá-las em eco, tristes ou alegres, em sombra, em perfume, como se as tocássemos com as mãos, com os lábios. Que palavras, no dia que se some na tarde... no mar, de noite... numa flor atirada sobre as ondas, para Iemanjá... nas Três Marias... na solidão imensa!...

§ 1925 – A nossa literatura acaba de perder dois dos seus trabalhadores. Um, que sempre viveu longe do Brasil, morreu aqui: Domício da Gama. O outro, Elísio de Carvalho, nunca se afastara da pátria, e foi terminar num sanatório da Suíça. Bem diversos. Domício, resumido, calmo, um pouco melancólico. Elísio, numeroso, ardente, movimentado. O mais velho era mais artista. O mais moço era mais homem de letras. O grande público não os conheceu.

§ Durante a guerra de 1914-1918, Jean Pottecher, numa carta enviada das trincheiras, esceveu: “Que ao menos reste à Europa um pouco de cabeça para organizar a paz.” Não restou...

§ Diógenes andou procurando um homem. Em vão. Depois, um homem surgiu perto dele: Epicuro. Mas Epicuro tinha um jardim; não era um homem apenas; era um homem com um jardim, – diferença enorme. Junto de nós, Charlie Chaplin encontrou um homem na ima-

ginação: Carlitos. Longe, Cervantes, também na imaginação, encontrou outro homem: D. Quixote. Jesus disse-se o “Filho do Homem”. Ao entregá-lo à multidão enfurecida, Pilatos anunciou: – Eis o Homem! – Eis o homem. O homem que nasce, todos os anos, para salvar os homens que o matam, todos os anos!...

§ II, fevereiro, 1925 – Telegrama de Gabriele d’Annunzio a Gabriella Besanzoni, no dia do casamento dela com Henrique Lage: “*Invidio Orfeo d’oltremare che inghirlanda un’Euridice assai piú melodiosa e deliziosa dell’antica. Vi mando una stella della notte di Brescia e una rosa del Vittoriale*”.

§ Passei a manhã com o *Burro de Ouro*. É um velho amigo, um amigo querido, esse Lúcio que desejou ser pássaro, e, em vez de pássaro, foi burro. Por uma pomada trocada, cresceram peles onde deviam crescer penas. Para deixar as penas, ele aprendera as palavras mágicas. Não sabia as necessárias para deixar os pêlos. Diante da mulher que amava, privado de outro meio de expressão, olhando-a com os olhos úmidos, – contou depois: – Eu a chamei com o meu silêncio. – A mulher, culpada do acidente, a maldizer-se, em prantos, lhe deu a esperança: – Para voltares à forma humana, come rosas. – Eis um remédio de pouco uso...

§ A vida... A vida é uma criança. Pousa as mãos sobre ela, acaricia-a, vai murmurando: – Fecha os teus olhos... dorme, minha filha... dorme, dorme, meu amor...

§ Há uma presença de amor na terra. Na gente, nos bichos, nas coisas.

§ Byron, que viajava muito, pôs no seu iate este nome: “Spleen”...

§ Existe a palavra solidão. Sem sentido. A noite dá uma idéia. A noite é longe...

§ Quando as crianças sonham que estão caindo, estão crescendo. Não foi Freud quem descobriu essa verdade. Foi, para mim, Maria Picholatto, que arrumava o meu quarto quando eu era mais pequeno e sonhava. Sonhei raros sonhos assim. Paciência! Se não cresci até ficar do tamanho de Gregory Peck, carreguei comigo o garoto que fui. Ele guardou o deslumbramento da infância, continua inocente diante das coisas criadas, e cria-as de novo, por encanto, curiosidade, admiração. É o companheiro do velho que vou ser. Temos muito que conversar. Às vezes, penso que não vale a pena viver. O companheiro diz: – Vale, vale. – Vivo. Afinal, a vida é uma questão pessoal. Conto-lhe que já gostei exageradamente de todo o mundo. De certo, foi para não dar na vista. Tempo bom. Os livros custavam três francos e cinquenta. As borboletas entravam de graça pelas janelas. E as crianças, no Brasil, ainda cantavam:

*Um jardim com tantas flores...*

*Qual delas escolherei?...*

Pertenci à família enorme dos homens, com prazer, com vaidade. Reparei, entretanto, que uns fogem para o campo, uns se matam, uns chegam a viver de propósito, em bibliotecas, uns chegam a viver por acaso, em cadeias. Vi, também, a loucura: espécie de licença-prêmio, e também vi a resignação, aposentadoria sem vencimentos. Não achei nada definitivo. Não convém achar nada definitivo. Ignorar para esperar. Que é que se sabe, além da forma interina? O destino dos ossos, mais calmo que o da carne, termina igual: na dissolução e no retorno, – numa flor, talvez, noutra vida qualquer... Tudo é sempre vida...

§ Sábado. Quem pode, vai para fora. Os outros ficam aqui mesmo. Imagino o campo, logo mais. A noite caindo sem desastres. O cheiro

da terra. Uma voz de água, no silêncio. Ah! dormir com o sentimento de pôr, nos olhos e nas mãos, amanhã, bem cedo, a luz que desce de um céu menos perdido, luz cheia de sombras de asas. Lembro-me dela. Ela pousa, primeiro, nas árvores, como se dissesse: Bom dia! – Chega, depois, até a gente, tão simples, tão igual, como se convidasse: – Não quer andar? – Este desejo de viver no campo, que enche de ar refrigerado os meus sentimentos, não veio da idade, com certeza. Veio, talvez, do tempo. Hoje, “ir para fora” tem um sentido mais libertador. Que bom, ver outra vida! Que bom, ouvir a outra face do disco!... O velho Alonzo de Aragón queria ter lenha velha para queimar, vinho velho para beber, amigo velho para conversar, livro velho para ler. Não acendo a lareira, não encho o copo, não abro a porta. Ali, na mesa, estão *Lembranças da Itália*. Têm mais trinta e cinco anos do que eu. Livro velho. Com ele vou passar o meu fim de semana. Livro é lenha, livro é vinho, livro é amigo. Pode cair neve!

§ Domingo. Sozinho, fui, no meio de tanta gente, andando. Agora me lembro, agora me lembro de que também vi “a água que dança”, ouvi “a maçã que canta”, e escutei “o pássaro, tão pequeno, que diz tudo”...

§ A alma acompanha o corpo na viagem pela terra. Cresce com ele, com ele aprende, esquecida (já as teve, decerto) das existências anteriores. Primeiro, nas coisas e nos entes, não percebe a realidade que, mais ou menos, numas e noutros, deve haver. Na infância, é diferente o espetáculo da vida, as vozes da vida são diferentes. Deformações. A alma do menino corre com o corpo do menino, dispara pelas paisagens e pelos seres, nada lhe parece fixo, tudo se confunde dentro da rapidez. É a dança da natureza. É a roda da humanidade. Mais tarde, depois de uma parada brusca, quando o caminho começa a ser feito passo a passo, o homem vai andando e recordando. O que não viu, o que

não escutou, — vê, escuta. Certos gostos, tinha provado. Certos perfumes, tinha sorvido. Na carne e no espírito, carrega o que não alcançará jamais.

§ O que dá a sensação da velhice não é a alegria que foge, não é a idade que pinta as mãos e esculpe a cara. Nem são os “sonhos desfeitos”. Nem são as “ilusões perdidas”. Por ter chegado aos 76 anos, ninguém precisa desistir de subir escadas. Pelo menos há sempre a escada de Jacó...

§ Há os homens. E há os poetas. “Os homens caminham em rumos diversos. Quem os segue e compara, vê surgirem estranhas figuras.” Essas figuras, às vezes, parecem estranhas demais. Os poetas nascem e morrem irmãos. As sombras deles ficam nas estradas, e são as sombras boas das estradas...

§ 1925 — O jovem escritor Oswald Beresford, acusado de ter publicado um livro imoral, pela Liga da Moralidade, suicidou-se.

§ O livro do ex-secretário de Anatole France, Jean-Jacques Brusson: *Anatole France en pantouffles*, está tendo grande êxito de dinheiro, mas, parece, deixará sobre o nome do autor uma nódoa. Mesmo quem, por enquanto, não admira Anatole France acha que o discípulo abusou um pouco da vontade de explorar a fama daquele que o acolhera em tempos difíceis. Em Paris, Claude Aveline e Georges Pioch escreveram sinceridades a propósito. Paul Gsell, que foi amigo e também secretário do velho mestre, desmentiu muitas das anedotas contadas por Jean-Jacques Brousseau, — algumas ótimas.

§ A falência da casa editora Monteiro Lobato & Cia. chamou a atenção sobre este fato triste: todo comércio progride no Brasil, me-

nos o comércio de livros: os escritores queixam-se dos que lhes imprimem e põem à venda as obras; os que imprimem e põem à venda as obras queixam-se dos que as vendem e não prestam contas; os que as vendem e não prestam contas queixam-se dos leitores ausentes Um círculo... Vicioso, ou de família?...

§ Seria lindo e tão simpático que os estudantes de Lisboa, hóspedes do Rio, saíssem pelas ruas, alta noite, e dessem serenata aos bairros adormecidos. Violões, guitarras, bandolins e a voz do fado, tudo num sentimento único, encheria a cidade de sonho...

§ O corpo é bonito. Mas entristece. Desatina. O que importa é a alma. A alma restabelece tudo... tudo que ardeu, submergiu, tombou, se decompôs. Então a gente se lembra das belas chamas, dos repuxos atirados para as nuvens, dos prados coloridos, das maravilhas de tantas manhãs nascendo, de tantas tardes morrendo... Imagens, sentimentos, idéias.

§ Em geral quem sobe à montanha é porque está com calor, e isso se produz principalmente no verão. Petrópolis, Teresópolis, bons climas. E que chuvas! Agora estamos no outono. A noite está quase fria. Há uma montanha mais longe, mais alta. Venho de lá. Jesus ficou lá em cima. Vi-o com estes olhos de ver. Escutei-o com estes ouvidos de escutar. Foi o “Sermão da Montanha”. No “Sermão da Montanha”, Jesus proclamou a bem-aventurança de todos os errados: os pobres, os que têm fome e sede de justiça, os que padecem perseguições, os limpos de coração. No “Sermão da Montanha”, Jesus disse: “Amai a vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e oprimem, – para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus, e faz que o sol se levante sobre

maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.” Disse ainda: “Porque a aquele que tem, se dará, e terá em abundância; mas a aquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso falo por parábolas: porque eles, vendo, não vêem, e ouvindo, não ouvem nem compreendem. Neles se cumpre a profecia de Isaías: ‘Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis, e vendo, vereis, mas não perceberéis’”. E aconteceu que, no caminho, disse um a Jesus: “Senhor, irei contigo para onde quer que fores.” Jesus respondeu: “As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.” Jesus sabia que o seu reino não era deste mundo. Reclinou a cabeça, afinal, na cruz, onde foi morto pela primeira vez.

§ Como esta hora se prolonga! tão azul, tão clara, tão risonha! Tarde de vinte anos, para se guardar no coração, como o provérbio bem sentiu: “Sempre se têm vinte anos, num canto do coração.”

§ Lembrança de felicidade é ainda felicidade. A cinza do perfume que se queimou..

§ 1926 – O livreiro mais velho do Rio morreu. Morreu com quase noventa anos. – João Martins Ribeiro. O seu enterro teve o acompanhamento de escritores, médicos, advogados, engenheiros e colegas da mesma profissão. João Martins Ribeiro, metido entre os queridos alfarrábios, não se interessava pela vida das ruas, pela cidade que se vestira de novo, pelas criaturas que substituíram as do tempo da sua mocidade. Não conhecia o Rio depois de Passos, a Avenida, no centro, as avenidas ao longo da baía e do mar. Levou nos olhos a imagem colonial..

§ A melhor prova de amizade que um homem pode dar a outro homem, quando precisa falar com ele, – é não falar.

§ Escurece. O dia morre pensando na manhã...

§ Desejos... planos... sonhos... Todos os brinquedos da vida... Esses devaneios, essas construções de fumaça e de esperança, tão alegres, mostram bem como somos inocentes. Só temos de real, a imaginação. Chamamos à imaginação: a doida da casa, – pelas coisas que cria. Ora, a imaginação apenas cuida dessas coisas. Somos nós que as criamos. Os doidos da casa somos nós. Ela é a enfermeira, não igual às que tomam o pulso, botam o termômetro, dão o remédio, vigiam a dieta, puxam a cobertura, falam no dia da alta, mãos no peito, voz em segredo. A enfermeira sem modos. Não proíbe nada, não recusa nada. Quando precisa ir ver outros doentes, abre as janelas, enche o quarto de flores... A imaginação nunca nos deixa sozinhos...

§ Domingo não é dia. É sentimento. Pode ser uma casa no campo, um iate... Ouro Preto... as fontes de Roma... Saint-Cloud... a Tristeza, em Porto Alegre. Depende de onde se fique parado, para cismar, para partir...

§ Felicidade, – essa alegria iludida e sozinha...

§ Penso no campo. Vejo-o coberto de flores. Se eu fosse lá, não apanharia nenhuma flor. Daria todas para a beleza da manhã.

§ Ah, seja tudo pelo amor de Deus! Acredito em tudo. Acho todas as mulheres bonitas, acho todos os homens bons, quero bem a todos os pardais, a todos os burros, a todas as canções. Era assim. Continuei assim. Assim desejava ser. Mas, se me tivessem feito ao contrário, encontraria um jeito de não me aborrecer...

§ Antigamente se rezava mais. Também, antigamente, os “Livros de Horas” eram umas maravilhas!...

§ ... uma poesia ingênua e viva, que se esconde na realidade...

§ Rosas, frio, Charles Dickens...

§ Vai chover, e a estrada prepara-se para a chuva: está recolhendo as sombras, está se cobrindo de folhas mortas. O cuidado que a estrada tem com as sombras...

§ 1926 – A próxima chegada de Marinetti está melhorando as palestras urbanas. Fala-se em Marinetti em toda a parte. Não são apenas as pessoas do mundo literário que trocam idéias sobre ele, – são principalmente as outras.

§ Quase sempre os propagandistas mais entusiasmados do intercâmbio intelectual com os países da América Latina, não sabem outras línguas...

§ Que conta a chuva? Se eu entendesse o que ela conta, não ouviria mais ninguém.

§ Tudo que se começa é alegria...

§ Nunca fiz um julgamento. Absolvi logo...

§ Os ingleses, mesmo sem Shakespeare, Shelley, Shaw, são admiráveis. Bastam os que adotaram a displicência como jeito de vida e fizeram da bonomia um estado de alma. Há, contudo, nos ingleses, um dom implícito. Eles tomam conta das coisas para sempre. Por exemplo: do cachimbo. Nos continentes e nas ilhas fora das Britânicas, ninguém fuma cachimbo sem ouvir: – Bancando o inglês, hein? – As palavras, confort-

me as geografias, mudam. Fica o sentido delas. E o sentido estraga o prazer de quem está fumando sem pensar que os ingleses também fumam. Mesmo porque, se essa mania se reproduzisse e se espalhasse em geral, se tudo que se faz fosse para imitar o que já foi feito, e, por enca-bulação, se desistisse de fazer, — o mundo ficaria um deserto...

§ A maior prova de educação que uma pessoa pode dar é ouvir uma anedota conhecidíssima e dizer depois, às gargalhadas: — Muito boa!

§ Essas olheiras por onde os olhos se prolongam...

§ Cobaia — Nessa forma é um resumo. Porque, no mundo, tudo é cobaia. Tudo serve para experimentar descobertas; tudo, — principalmente os animais ditos racionais, assim ditos pela prática de falar. Os outros, que se esqueceram das palavras e que, com pequenas exceções, se entendem muito melhor, — são chamados brutos. E aí está a prova mais dolorosa de que os animais ditos racionais não têm razão...

§ Veja você! — falou-me um amigo, hoje, — veja você! leva uma pessoa a se tratar, a tomar injeções, a limpar o sangue! e todos os grandes homens sofrem de paralisia geral! Mercúrio, arsênico, bismuto, quantas celebridades têm impedido!

§ João Lage — Era português. Foi o último aristocrata da imprensa brasileira. O que, no convívio diário, o tornava querido de alguns íntimos, fez do diretor d'*O País* um jornalista detestado da multidão. Gostaria de escrever para o rei. Não havendo rei, João Lage se consou-lou com os presidentes da República. Embora viesse para cá homem feito, o espírito nele era menos português do que nosso. A malícia de dizer, o gesto risonho de desviar as ofensas mais cruéis, pondo-as em

rumo de volta aos ofensores, a gentileza com que recolocava os malquerentes nos respectivos lugares, a despreocupação de agradar, a descrença na missão dos jornais, quando não é para demolir, — tudo eram defeitos e qualidades cá de casa, antiga casa de Portugal.

§ Lembranças de um homem que passeou pelas idéias e pelos sentimentos dos outros homens. Não trouxe notas. Trouxe imagens. Conta as alegrias dos seus sentidos. Recorda as emoções que teve. É ele sempre, através de todas as memórias, de todas as coisas, de todas as criaturas, irremediavelmente ele...

§ 9, junho, 1927 — Pirandello, que virá depois para o Teatro Municipal, passou hoje, pelo Rio, rumo de Buenos Aires, com Marta Abba e a Companhia do Teatro de Arte de Roma.

§ O cigarro não será, como o cavalo, a mais bela conquista do homem. Mas, que é uma bela invenção, é. Começou a ficar importante com o século 20. Antes, o que se fumava era o cachimbo, e era o charuto. Havia, também, a mascção. Lá pelos 1900, Pierre Louys, na verdade bem calmo, revelou, em Paris, que no cigarro estava a última voluptuosidade, — no cigarro de papel, feito como se fazia o cigarro de palha, noutros lugares ainda simples. Talvez por efeito da indiscrição de Pierre Louys, ninguém fumava na presença de senhoras. Com o tempo, as senhoras desandaram a fumar, e ninguém precisou perguntar se algumas delas lhe permitia tirar, em frente ou dos lados, algumas fumaças. A delicadeza, nos que vieram cedo para o mundo, os contemporâneos de Lina Cavalière e da Tour Eiffel, ficou, entretanto, recalçada. Ontem, no banco de um bonde de Santa Teresa, ao bater o cigarro na caixa de fósforos, perguntei à minha vizinha: — O fumo a incomoda, minha senhora? — Ela abanou a cabeça de lindos cabelos

brancos, sorriu com doçura, respondeu: – Não sei, desculpe: nunca ninguém fumou perto de mim...

§ Vida de vagar, como o vôo de uma garça...

§ II, outubro, 1927 – No Instituto Nacional de Música – A dona da festa quis ser apresentada por mim às criaturas que vão aplaudi-la. Eu prometi que vinha. Estou aqui. Mas antes, preciso saber como os mascarados: – Vocês me conhecem? – Se conhecem, apresento Maria Emília. Do contrário, como é que hei de apresentá-la? Alvaro Moreyra, um que escreve... Este mesmo... Ando na dúvida desde o dia em que um médico operador me perguntou se eu era do comércio... Maria Emília não necessitava de apresentação. Ela tem uma simpatia tão envolvente, que todo mundo, olhando-a, logo se lembraria dela. É da família. Nossa irmãzinha. Tanto que se chama Maria Emília de Marsillac Fontes e ninguém lhe chama senão Maria Emília. Não é declamadora. Não recita. Não diz. Conta os poemas. Conta com os olhos, a voz, as mãos. Com todo o seu pequeno corpo. Com toda a alma que bate as asas dentro do seu corpo pequeno. É uma surpresa. É uma graça. É uma iluminação. A menina que vem correndo do jardim onde viu os peixes do aquário, as rosas do canteiro, os pássaros, o sol, o céu... e uma velhinha que pedia esmola no portão. Qualquer coisa de sonho. Qualquer coisa de realidade. Quem acorda cedo já encontrou Maria Emília no instante rápido depois da madrugada e antes da manhã. Sombra que deixou de ser. Luz que vai ser. Adolescência. Pois essa intérprete inteligente é uma criadora instintiva. Na minha casa, um domingo, Maria Emília narrava histórias de poetas. E de repente falou assim:

*No morro da Cachoeira,  
tinha um pequenino opilado,*

*com a barriga muito grande.  
Uma vez apontou prá longe,  
lá longe onde a cidade aparecia,  
e perguntou prá mãe dele:  
– Mamãe, qué aquilo lá?  
– Aquilo é a cidade, meu negrinho.  
– Eu tinha uma vontade di vê a cidade...  
Coitadinho! – Morreu sem ver a cidade...*

Pensei que era um poema. Era. Mas não era. Maria Emília tava apenas se recordando de um pequenino que ela conheceu no morro da Cachoeira... E pronto. Acabou-se a apresentação.

§ 1927 – 10 de novembro – Estréia do Teatro de Brinquedo, na Sala Renascença do Cassino Beira-Mar, Passeio Público. A peça de estréia foi “Adão, Eva e outros membros da família”. Com Eugênia e comigo trabalharam Luiz Peixoto, Marques Pôrto, Atílio Milano, Machado Florence, Alvarus, Frederico Barreto, Fernando Guerra Duval, René de Castro, Joracy Camargo, Vasco Leitão da Cunha, Sérgio da Rocha Miranda, Brutus Pedreira, Flávio de Andrade, Aida Procópio Ferreira, Briolanja Sottomayor, Tinon de Mello. Teatro de Brinquedo... Eu queria um teatro que fizesse sorrir, mas que fizesse pensar. Um teatro com reticências. O último ato não seria o último ato... Justamente eu queria o Teatro de Brinquedo, que tinha uma legenda de Goethe: – A humanidade divide-se em duas espécies: a dos bonecos que representam um papel aprendido, e a dos naturais, espécie menos numerosa, de entes que vivem e morrem como Deus os criou... – Um teatro de bonecos? Sim. Mais supondo que nessa estação do século XX, os bonecos, aperfeiçoados, dessem a sensação de gente de carne, osso, alma, espírito... Por que, de brinquedo? Porque os cenários imi-

tavam caixas de brinquedos, simples, infantis. Um teatro que não contrariou aquela cantiga que resume todas as histórias, todas as filosofias, todos os pontos de vista:

*Les petites marionettes*  
*Font, font, font,*  
*Trois petits tours*  
*et puis s'en vont.*

O Teatro de Brinquedo fez a revelação de Eugênia, e dele, com ela, partiu o evangelho da poesia nova. Hekel Tavares veio do Teatro de Brinquedo. Joracy Camargo começou lá. E Bibi Ferreira, pequenina, era quem pedia silêncio à sala, quando a cortina ia ser aberta: – Psiu! Vai começar!

§ Somos muitos no mesmo corpo. Mas, às vezes, ficamos um só: ouvindo música, olhando gravuras, pondo flores num vaso, lendo livros que sempre lemos; ou diante de qualquer espelho, como Laudisi, em “Assim é, se lhe parece”, a dizer: – “Eu te digo ‘tu’, e tu me apontas com o dedo. Tu por tu, nós nos conhecemos bem. Entretanto, tal qual te vejo, não te vêem os mais. E então, meu caro, que será feito de ti?” – Pirandello é tão exato nas confusões aparentes, que nos mostra o tratamento que devemos ter, na longa intimidade. Quem nasceu primeiro, o “eu” ou o “tu”? Talvez o “outro”, o que andou no colo, engatinhou, chorou, riu, recebeu carícias, brinquedos, e fez coleção antes de falar...

§ Máquina, não! Gosto de acariciar as palavras com a pena.

§ O que o sábado tem de bom é a esperança de que amanhã é domingo...

§ Somos todos iguais. A humanidade é uma só. Variam um pouco as aparências. E os estilos...

§ Nos domingos, um pouco de mitologia é bom. Distrai. Fixa a certeza de que ninguém neste mundo já soube alguma coisa. E, sobretudo, apesar do calor, põe em estado de humildade todos os delírios humanos. Nascemos de uma mentira. Arrastamos essa mentira pelo que definimos com o nome curto de “vida”. Deuses e homens. Os artistas e os figurantes. No fundo, sem existência real. Cada um é em função de outro. Mulher, diante de um cego, que adianta o teu corpo bonito? Homem, diante de um surdo, que adianta o teu discurso inteligente? Que te poderia dizer um mudo? Que mão te estenderia um paraplégico? Para que beijar uma boca insensível? Para que tantos perfumes para tantos narizes sem olfato? O que é preciso é dissociar o desejo. O que é preciso é não ter idéias fixas. Julgava-se o touro Ferdinando um contemporâneo. A mitologia disse: – Não, não é; o maior dos deuses, para raptar Europa, se transformou num touro assim, ultraromântico... – Recordei o touro Ferdinando, por abreviação. Podia recordar todos os animais. Não há um só que não servisse de disfarce a qualquer deus, para qualquer abuso de confiança...

§ Baixinho, frenético, irredutível, expôs o plano que tinha concebido. Falou, gesticulou: falou demais, gesticulou demais: inutilmente. Então, danado da vida explodiu: – Não acreditam, não? Está bem! Hão de se arrepender! Juro que hão de se arrepender! Olhem o ovo de Colombo! Quem é que acreditava? E depois, hein? – deu um dinheirão!

§ Eu também festejei Joana D’Arc. Nas minhas *Vidas dos Santos* ainda não era tempo de Santa Joana D’Arc, e ela estava longe de qualquer milagre. Confundir, na juventude, as vozes do corpo com as vozes da

alma, é uma coisa perfeitamente curável, hoje. O atraso da medicina tem culpa de muitos heroísmos, muitos martírios, muitas canonizações. O abuso dos adjetivos, do estilo de uma época, só serviu até agora para deixar mal os profissionais da mesma vocação, noutra época. Joana D'Arc foi chamada feiticeira, idólatra, cruel, dissoluta, herética, relapsa, blasfemadora, presunçosa, mentirosa, perniciosos... Alguns cem anos passaram, e tudo se resumiu em duas sílabas: santa. O que salva a vida é ela ser engraçada. Nos sábados de noite, não há nada melhor...

§ Heckel Tavares – Eu nunca tinha visto o Diabo. Ouvia falar. Gostava dele, por isso. Agora vi. Ninguém me tira da cabeça que é Hekel Tavares. É o diabo. Não o diabo das óperas, barítono, de topete vermelho, de cavanhaque, que faz ruindades. O diabo bom, aquele que foi menino desconfiado, esse que é homem de braços abertos. Não tem raiva de ninguém. Não se revolta. Achou o mundo assim. Acha que o mundo é assim. Hekel Tavares. Brasileiro. Do Norte. Carrega no coração todas as toadas do Brasil, a música que andava solta nos rios, nas florestas, nas montanhas, nas nuvens, nas crianças, nos pobres das feiras, nos pobres dos terreiros, em todos os pobres. Hekel Tavares mergulha a cabeça no coração para escutar. Escuta. E então conta. Contou muito. Há de contar muito, muito... Até ao fim do coração.

§ Uma jovem amiga me perguntou: – De que é que gosta mais neste mundo? – Respondi: – De batatas fritas. – Depois, e eis a vantagem das amigas jovens, fiquei pensando. Sim, de batatas fritas... e de quantas coisas ainda! Gosto mais de quase tudo neste mundo. De tudo. Então? Um santo, do céu, São Clemente, preveniu: “O homem não deve ter vergonha de falar daquilo que Deus não teve vergonha de criar.” Ora, é justamente daquilo que Deus criou, que o homem, em geral, tem vergonha de falar. Da

paz, por exemplo. Da inteligência. Outro santo, do purgatório, Remy de Gourmont, ficou triste: “Deus deu a inteligência ao homem, e o homem inventou logo a tolice.” A guerra é a tolice que avança o sinal: passa para a loucura, e deixa da sua passagem, mortos, aleijados, delirantes. Também um santo, santo do inferno, Bernard Shaw, espiou Joana D’Arc, descida à terra, e escandalizada com a continuação do espetáculo, – espiou-a e ouviu o suspiro dela: “Meu Deus! quando este mundo será digno dos pés dos teus santos? Quando, meu Deus, quando?”

§ 1928 – 21, março – Se Ibsen vivesse, teria feito, ontem, cem anos. Não esperou. Foi-se embora muito antes. Este mundo, que teimava em não gostar dele, fez penitência amável. Festejou-lhe o século de nascimento. Com discursos e boa imprensa. Decerto, no outro mundo, Ibsen aprendeu a rir. E deve ter rido muito.

§ Paim, um dos mais finos artistas do Brasil, inaugura em São Paulo, a sua Exposição de Cerâmica, com 210 desenhos diferentes, executados pelo processo clássico da faiança. Neles figuram a nossa terra e a nossa gente, os pássaros, os animais, lendas, tradições, costumes. Paim entregou-se a esse trabalho desde 1925.

§ Amigo de verdade é amigo escrito. Com ele a convivência é boa. Não discute, não zanga, não entristece. Amigo sem telefone e sem visita. Nós é que o procuramos. Tenho alguns assim, desde Ulisses. O querido, sobre todos, talvez por semelhança, é Sylvestre Bonnard. Amoroso dos cais, dos jardins de Paris. Não se importa que a vida passe. A juventude e a beleza, no seu coração são duas companheiras intactas, junto da ironia e da piedade, estas mudando um pouco, ficando menos ironia e mais piedade. Sylvestre Bonnard sabe que somos eternas crianças, sempre à procura de brinquedos novos...

§ – Vida, doçura, esperança... – Entre os meus desejos, tão poucos, guardo o de morrer silenciosamente, sorrindo devagar. Se não conseguir essa última realidade, se eu abrir a boca, e falar, meu Deus, que não saia dela nenhuma frase para a posteridade, que as palavras derradeiras da conversa no mundo repitam as palavras com que a reza mais bonita principia: – Vida, doçura, esperança... – Não há reza que eu ame assim! Todas as minhas adorações estão nela. Ela é música de Debussy, ela é pintura de Modigliani, ela é poesia de Antônio Nobre. Tem uma idade sempre de juventude. Diz que andamos “gemendo e chorando neste vale de lágrimas”. Não faz mal. Muitas vezes, o vale se encheu de alegria...

§ Luís Quintanilla, hoje na ONU, foi secretário, aqui, da Embaixada do México em 1928, 1929. Ficou logo “carioca”. Em torno dele, se juntaram muitos amigos brasileiros. Esses amigos lhe ofereceram, quando ia partir do Brasil, um almoço. Sem discursos. Com estas palavras ditas por mim: – Repete-se exageradamente que a vida é monótona. Ponto de vista. Pouca vista. A gente não sabe nada. Pode acontecer que isto que parece a Terra seja ainda a arca de Noé. A primeira casa de cômodos. O Judeu Errante é quem podia informar. Mas onde encontrar o Judeu Errante a estas horas?... Só você, meu querido Luís Quintanilla, seria capaz de descobrir em que estrada passeia agora o homem mais magro deste mundo. Porque você é poeta. E faz coisas impossíveis. Já transformou hoje um almoço de despedida numa festa de alegria. Para quê, entretanto, além do espanhol do nascimento, do francês da juventude, do inglês do amor, do brasileiro de dois anos conosco, para quê ainda falar hebreu e arriscar-se a pagar caríssimo por uma resposta absolutamente inútil? Não é você mesmo a prova mais feliz de que a vida não é monótona? É. Você chegou ao Rio, vestido de diplomata. Vinha representar uma nação que nós todos amamos, a República do México, orgulho da

América. Um diplomata mora sempre no seu país, esteja onde esteja. O prédio das legações e das embaixadas resume a pátria distante e tem fronteiras, das grades da frente ao muro dos fundos. Quando ele sai, viaja pelas ruas. Você não se limitou aos hábitos da carreira. Ficou logo brasileiro aqui. E quem nos deixa amanhã é um brasileiro. Não vamos sentir saudade de um amigo apenas. Vamos lamentar a falta de um irmão que nos quer bem e ao qual queremos bem. De coração e de cabeça. Quem há de esquecer a sua intimidade, tão envolvente de gentileza e de inteligência? O artista fica em alguns poemas que são dos mais comovidos da poesia americana, dos mais belos da poesia moderna. O homem vai-se embora. O homem bom. O homem encantador. É ao homem que dizemos adeus. Adeus, Luís Quintanilla... Até um dia. Que a sorte risinha o leve e proteja sempre você.

§ Ele tinha um globo. Era o mundo diante dos olhos. Veio um vento, o globo caiu no chão: – Pá! – Metade para aqui, metade para lá. Então, de uma metade ele fez saboneteira, e na outra guardou miolo de pão para os pardais...

§ O ilustre compositor, a pedido da dona da casa, sentou-se no banco do piano, percorreu com os dedos longos o teclado, para experimentar a afinação ou para outra coisa qualquer. A dona da casa, pensando que aquilo já era música, pôs os olhos em êxtase, primeiro nos convidados, depois no teto, e suspirou: – Que beleza!

§ Imagens... Saint-Pol-Roux, o Magnífico, chamava ao sol: “parteira da luz”, às rãs: “folhas de salada vivas”, à borboleta: “dia seguinte da lagarta em traje de baile”... A baronesa de Canindé tinha umas, no gênero. Por exemplo: *Menu*; “bússola que conduz no mar das iguarias”; *xícara de café*; “síntese liquefeita da nossa preciosa rubiácea”. A essa fa-

mília pertencia talvez, certo colega meu, da Faculdade de Direito, a quem, em exame, pediram um exemplo de dívida flutuante. Respondeu: – Um navio hipotecado.

§ Gostoso, acordar cedo, sair, envolver os sentidos na carícia destas primeiras horas! Bom dia, Copacabana! Bom dia, amigo mar! Vou andando, feliz, e toda a gente que encontro vai feliz. A vida, como que retornou à juventude! Que luz nova! Que calor de vinte anos! Estou encantado. Vejo tudo pela primeira vez. Uma mulher parou, lá embaixo, na praia. Qualquer coisa de estátua. Qualquer coisa de onda. Caminha. Dança, sem saber que dança, dança... Assim um pássaro voa, uma água corre, uma folha cai. Instinto da Natureza, ressonância que a noite deixou no ar, ritmo do dia despertando. Atitude, ou movimento, idéia, ou imagem, a dança enche tudo de música. As flores nascem num bailado. A fumaça dança, de braços estendidos para o céu...

§ Ainda acredito nos sonhos e chamo por Santa Bárbara e São Jerônimo quando cai raio e tenho pena dos pobres que pedem esmolas. Sou daqueles que ficam esquecidos olhando o mar, e que entristecem junto das coisas bonitas e param na porta das lojas para ouvir uma canção numa vitrola. Que bom que todo mundo fosse bom! igual ao sol, igual às mangas rosas, igual à minha coruja que não se importa com ninguém...

§ Quando eu morrer, com certeza vou para o céu. O céu é uma cidade de férias, férias boas que não acabam mais. Assim que chegar, pergunto onde mora a minha gente que foi na frente. Converso. Conto coisas do mundo. Saudades. E depois quero ir à casa de São Francisco de Assis, para ficar amigo dele, amigo de verdade, sem segredos, sem falar mal um do outro, amigo de todos os dias, amigo mesmo, tão

amigo, tão íntimo, que ele há de me chamar: Alvinho! e eu hei de lhe chamar: Chiquinho!...

§ No dia 10 de maio de 1929 a Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro representou no Teatro Lírico a comédia “Topaze”, de Marcel Pagnol. No dia 16, Alberto de Queiroz, que fazia a crítica dos espetáculos n’ *O Jornal*, publicou ali: “Uma curiosa aproximação de idéias – Alvaro Moreyra e Marcel Pagnol – ‘Adão, Eva e outros membros da família’ e ‘Topaze’ – Quando há dias, assisti à primeira representação da peça ‘Topaze’, de Marcel Pagnol, pela Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, ainda não conhecia ‘Adão, Eva e outros membros da família’ do Sr. Alvaro Moreyra, com que foi inaugurado no Cassino Beira-Bar o Teatro de Brinquedo. Uma série de circunstâncias que se apresentaram naquela ocasião e que não há interesse algum em rememorar, fizeram com que não assistisse àquele espetáculo do Teatro de Brinquedo, a bela iniciativa do nosso ilustre confrade. No dia imediato à representação de ‘Topaze’, ouvi de alguém um comentário que ficou a trabalhar no meu espírito. Dizia esse comentário que a peça do autor brasileiro era construída com a mesma técnica da de Marcel Pagnol, que com tanto êxito vai sendo representada pelo mundo inteiro. Lembrei-me então de ter lido, quando a peça do Sr. Alvaro Moreyra foi representada, que aquilo não era teatro, que teatro era ação e que em ‘Adão, Eva e outros membros da família’, ela não existia; que não se produziram fatos no seu decorrer e que por isso mesmo, ela que poderia ser muito agradável à leitura, não era no teatro vista com o mesmo agrado. Essas mesmas objeções foram feitas por alguns críticos parisienses com relação à peça de Pagnol. Essa minudência de apreciações, o comentário que ouvira fizeram nascer em mim o desejo de ler a peça de Alvaro Moreyra. Pus-me a campo e finalmente acabo de ler ‘Adão, Eva e outros membros da família’. A co-

incidência existe. Em ambas as peças, vemos indivíduos, tirados do seu meio para outro diferente, vencerem pelo arrojo dos seus processos. Se na peça de Pagnol, 'Topaze' é um modesto professor que, levado pelas circunstâncias a um outro meio, se torna a tal ponto sabido que acaba embulhando o inescrupuloso conselheiro municipal, tomando-lhe os negócios e a amante e tornando-se um temível *brasseur d'affaires*, na peça de Alvaro Moreyra vemos um caixeiro viajante que roubara da gaveta do patrão algumas centenas de contos, tornar-se dono de jornal e homem de influência, vemos um mendigo que depois com ele se associou no negócio e uma cocainômana desclassificada, que chega a mulher elegante. Na peça de Alvaro temos o segundo ato que se passa na redação do jornal, centro de negócios, como em 'Topaze' temos a agência de negócios; o terceiro ato da peça de Pagnol passa-se no apartamento de Luze, como na de Alvaro se passa no *bungalow* da atriz. Em ambas as peças, não 'acontece' nada, não há ação; há apenas a palavra que conduz a ação. Tudo se passa fora de cena, nada à vista do espectador. Em ambas, dois homens que disputam uma mulher que, em uma como em outra peça, veio de baixo, teve um começo de vida cheio de sofrimentos e que subiu e que venceu e tem hoje jóias e *bungalows*, veste com elegância e se vê cercada de cortejadores. São muitas as coincidências; há mesmo frases que coincidem de tal modo que nos chegam a parecer iguais. É assim que em certa passagem de uma como de outra peça, se diz mais ou menos o seguinte, como está na peça de Alvaro Moreyra: 'Arranje então uma amante na sociedade, uma senhora decorativa, que frequente os salões, conheça a Europa, colecionie autógrafos.' Na peça de Alvaro Moreyra, uma das passagens fala em teatro 'que fizesse sorrir e fizesse pensar...' e essa ainda é uma das fórmulas com que se apresenta em reclame a peça de Pagnol. As coincidências são evidentemente numerosas, apenas Alvaro Moreyra preferiu, para fechar a sua 'aparência', apresentar os seus personagens como 'fantoques' conduzidos

pelos cordelinhos da sua imaginação, fazendo-os esvair-se no último quadro, enquanto que Pagnol os apresenta até o fim como seres da vida real. Ambas as peças constituem uma sátira social e apenas uma gira em torno de um modesto professor que não consegue as palmas acadêmicas, enquanto o era, e facilmente as adquire depois de se tornar o testa de ferro do político influente, e a outra em torno de um caixeiro viajante feito dono de jornal com o dinheiro roubado ao patrão. São tão grandes essas afinidades, que se não fosse nada provável que o autor francês tivesse conhecimento do trabalho do autor brasileiro, talvez se pudesse pensar que aquele se tivesse inspirado neste, uma vez que a hipótese contrária não possa ser admitida, tendo ‘Adão, Eva e outros membros da família’ precedência sobre ‘Topaze’. A peça de Alvaro Moreyra foi escrita em 1925 e representada pela primeira vez em 1927 e a de Marcel Pagnol veio à luz da ribalta em outubro de 1928. Achei curiosa essa coincidência de idéias e não quis furtar-me ao desejo de trazê-la ao conhecimento do público. — A. de Q.” — Mandei a carta, aqui repetida, a Alberto de Queiroz: “Meu querido Alberto Queiroz — Um abraço e muito obrigado pelo caso que você faz do parentesco entre ‘Topaze’ e ‘Adão, Eva e outros membros da família.’ Mas, Marcel Pagnol é hoje um nome universal. Eu sou um vago homem da América do Sul. ‘Adão, Eva e outros membros da família’ têm quatro anos. ‘Topaze’ ainda não tem um. São duas peças diferentíssimas, está claro. O público nunca acharia em que é que uma se assemelha à outra. Nem os nossos críticos acharam. Eu achei. E mais três pessoas acharam. A sátira é a mesma. A técnica é a mesma. Divergem os pontos de partida. Topaze é um sujeito sério. Torna-se patife na convivência de patifes. Um, Outro e Mulher, de ‘Adão, Eva e outros membros da família...’, não se tornam..., desenvolvem-se... (sendo que Outro, copiado do natural, ainda se está desenvolvendo...). Você contou a curiosa aproximação de idéias n’*O Jornal*, de hoje. Até quase ao

fim da nota, parece que eu imitei Marcel Pagnol antes de ele escrever, antes de ele publicar, pois ‘Topaze’ não foi publicado. Num páreo assim, a desvantagem deve ser minha: escritor brasileiro – escritor clandestino. Também não me passa pela cabeça que Pagnol me imitasse! ‘Adão, Eva e outros membros da família’ apareceram aos pedaços em *Para Todos...*, de 1925 a 1926, e completos na *Ilustração Brasileira*, números de março e abril de 1928. Pagnol não me poderia ter lido num idioma que ninguém lê... Coincidência apenas. Eu descobri aqui, em 1925, um jeito de fazer teatro. Não me levaram a sério. Marcel Pagnol descobriu em Paris o mesmo jeito, três anos depois. Todo mundo achou estupendo. Coincidência. Da qual não estou gostando muito. Principalmente porque ‘Topaze’, neste momento, é representado em vinte teatros, até no Lírico do Rio de Janeiro, e ‘Adão, Eva e outros membros da família...’ dormem nas saudades do Teatro de Brinquedo... – Seu Alvaro Moreyra.” – A carta saiu muito mal impressa n’ *O Jornal* de 17. *O Jornal do Brasil* deu a transcrição dela. Com um pequeno prefácio. Alberto de Queiroz reproduziu n’ *O Jornal* o que eu lhe escrevera e acrescentou: “Esta reedição fornece-nos o ensejo para alguns pequenos comentários em torno do assunto. Os nossos colegas do *Jornal do Brasil*, ao publicarem, ontem, ao mesmo tempo que nós, a carta que Alvaro Moreyra nos dirigira, fizeram-na preceder de comentários relativos ao caso que apreciamos, dizendo, entre outras coisas, o que se segue: ‘Alvaro Moreyra, com o temor pueril de que julguem tivesse ele se inspirado em alma alheia, enviou a Alberto de Queiroz, a seguinte carta’: ‘É este ligeiro comentário, ou melhor, essa justificativa da carta do nosso ilustre confrade e um particular amigo, que está a exigir uma réplica de minha parte para esclarecimento, não de intenções, pois que não se pode ser mais claro do que fui nas minhas observações, mas para evitar mal-entendidos. Em nossa primeira nota, depois de mostrarmos as coincidências várias entre as duas pe-

ças', escrevemos o seguinte: 'São tão grandes essas afinidades que se não fosse nada provável que o autor francês tivesse conhecimento do trabalho do autor brasileiro, talvez se pudesse pensar que aquele se tivesse inspirado neste, uma vez que a hipótese contrária não possa ser admitida, tendo 'Adão, Eva e outros membros da família' precedência sobre 'Topaze'. A peça de Alvaro Moreyra foi escrita em 1925 e representada pela primeira vez em 1927 e a de Marcel Pagnol veio à luz da ribalta em outubro de 1928. Qualquer pessoa que saiba ler verá, pelo que aí fica, que nem de leve admitimos que o autor brasileiro se houvesse inspirado em alma alheia. Não há, pois, razão alguma para temor de qualquer espécie do autor de 'Adão, Eva e outros membros da família' e a sua carta certamente não obedeceu a esse sentimento – A. de Q.'" – A *Crítica* também, amavelmente, tratou do caso "Topaze-Adão, Eva e outros membros da família". Ninguém mais se importou com isso. Falta de tempo...

§ Às vezes eu me lembro de que conheci as mulheres de colete, apertadíssimas. Sou da geração do *devant-droit*. Da minha geração não guardei na memória nenhum corpo além do de Isadora Duncan, o único belo corpo solto daquele tempo. Mas guardei todas as caras, – más-caras lindas da juventude...

§ Chuva violenta, não! Mas, essa, leve, lenta, – oh, chuva querida! Não é ela que torna a noite triste. Chuva sem vento, sem raio. Parece de música, de uma música que se lembra, tão igual, tão diferente... com a ondulação em que vai subindo a fumaça do meu cigarro, e o encantamento de um corpo amado que chega, coberto pelas curvas do vestido, bailando sobre os saltos altos... Modigliani pintava assim, como essa chuva cai. Tudo mudou tanto, que há mau tempo de sol, agora, e tempo bom, de chuva. Chuva faz solidão. Solidão para se encher de todas

as graças da vida: – Venham. Sentem-se. Contem... contem... – Quantas histórias! As mais bonitas do mundo! Da infância, da juventude, da mocidade que não queria morrer... das estrelas, das nuvens, dos jardins... As árvores hoje sentiram frio, não tiraram as suas sombras. O chão gostou de ficar nu. Amanhã os jardins acordarão floridos. Cai, chuva, cai, docemente, chuva de voz vagarosa, chuva de dedos finos, chuva magra, chuva linda...

§ No tempo em que na Itália as condessas descendiam daquelas, tão vestidas, do século XVIII, – tempo de Foscarina e de Stélio Effrena, – uma se fechou no seu castelo de Veneza para sempre. Sentiu que começava a envelhecer. Não quis que os olhos que tinha fascinado, a vissem menos bela, decaído. Desapareceu. Apenas uma serva antiga podia chegar perto dela. E, trinta anos mais tarde, foi num caixão de chumbo que saiu pela última vez, para debaixo da terra.

§ 1930 – Um livro muito esperado e que apareceu de surpresa: *Libertinagem*, de Manuel Bandeira. Há que tempo a gente tinha vontade de ler, todos juntos, os poemas desse humorista doloroso, que vinham isolados, de quando em quando, dizer coisas da vida, do mundo. Da vida sentida por um homem de sensibilidade diferente. Do mundo por onde vaga, olhando, ouvindo, compreendendo, o brasileiro inteligentíssimo chamado Manuel Bandeira. Pois *Libertinagem* surgiu de repente. Está aqui. Voz, quadro, música. Poesia que fala e conta mais do que fala. Às vezes, eco de pensamentos pensados e escondidos. Às vezes, prolongamento de realidades que se desfazem em sombra, em reflexo, em sugestão.

§ Há muitos remédios contra os bichos que dão nos livros. Rouveyre aconselha formol vaporizado. Na Biblioteca Nacional, deita-se

alumem em pó entre as folhas, depois de limpas. Nas estantes fechadas, qualquer cheiro, até bom, afugenta esses inimigos destruidores. Mas, o melhor mesmo, é mexer nos livros, lê-los, nunca os deixar sozinhos. Um livro abandonado é um livro morto...

§ Berta Singerman – Ela chega primeiro aos olhos. É um silêncio vivo caminhando para a beira do palco. Pálida, quase pequena, mais bela de sugestão que de realidade, anda como impelida. Pára. Alonga os braços. Junta-os depois, vagarosamente. Desmancha as mãos sobre o rosto. Fixa no espaço as palavras que há de dizer. E só então a voz maravilhosa ascende, e nada existe além da voz maravilhosa: envolve, fascina, perturba; carícia e raiva, entusiasmo e cansaço, gargalhada e choro, onda, vento, claridade. Na voz de Berta Singerman ulula o mistério antigo do seu país de nascimento. A dor da Rússia. O misticismo. A revolta. A esperança. Na voz de Berta Singerman canta, baila a alegria da terra moça onde cresceu e tem vivido, a Argentina azul e branca, bandeira de primavera. Essas duas sensibilidades unidas fizeram de Berta Singerman a artista que a gente não esquece nunca mais...

§ Principalmente, é preciso conservar a curiosidade. A curiosidade anônima. Todos os espetáculos da vida são interessantes. As fábulas todas são alegres, mas sem a moralidade no fim. Andar de automóvel, é bom. Atravessar a rua, correndo, por medo dos automóveis, é melhor: emagrece, e dá um ar de loucura, o que faz qualquer pessoa, sem nenhuma ambição, ficar na moda. Nada de tristezas. Nada de irritações. Diante da fealdade, cabeça baixa. É o jeito mais produtivo de elevar o coração. Um mestre bem amado murmurou: – Que é a vida? Uma série de sensações. E as sensações, que são? Lembranças. Não se vive. Viveu-se. A vida é uma saudade. – As rosas morrem, desfolhando-se. Nós vivemos como as rosas morrem.

§ Este Moreira que eu sou, já foi Amoreira; e nome de árvore, em descendente de português, é nome de judeu. E então o Silva, que me acompanha nos papéis legais, não deixa a mínima dúvida de que gente minha, lá longe, no tempo e no espaço, também andou em busca da Terra Prometida. Nalgum neto, compareceu, talvez, perante o Tribunal da Santa Inquisição. Quem sabe se não ardeu numa fogueira, daquelas chamadas autos-da-fé?

§ Propagador da resistência passiva, Gandhi seria o modelo ideal para um país onde tudo fosse racionado, onde se precisasse fazer fila para tudo. Ele nem na fila do leite entraria, porque tinha leite em domicílio. Gandhi esteve na Europa, antes da guerra. Depois do êxito em Londres, com a sua sinceridade, o seu *sarong* e a sua cabra, agradeou muito nos *boulevards* de Paris. Dali seguiu para a Itália. Conversou com o Duce e quis conversar com o Papa. Foi então que se deu o desastre da excursão triunfal. O Papa não consentiu na presença de Mahatma dentro dos domínios sagrados, por achar imorais os trajes do profeta da Índia Nova. Gandhi não se queixou. Estava bem acompanhado. Se São João Batista, com a roupa com que batizou Jesus, tentasse entrar no Vaticano, decerto que, mesmo agora, o Papa não deixava. Aquilo não é a piscina do Copacabana Palace!

§ André Gide, na sua viagem pelo Congo, escreveu: “Espero voltar do Congo, para saber o que vim fazer aqui.” Os vivos podem compor as memórias da vida. As razões da vida, só os mortos conseguirão dizer...

§ Faustino Espozel, professor da Faculdade de Medicina, deu duas aulas em 1929 sobre o caso do “profeta da Gávea”. Expôs observações, fez paralelos, citou opiniões de grandes mestres nacionais e estrangeiros, concluiu: — Pelas suas tendências para a bondade e o amor

da humanidade, esse homem é um demente incurável. – Eu li ontem que o reverendo J. P. Bacon Philipps, de Brighton, na vizinhança dos oitenta anos, tinha escrito quase cem mil cartas aos jornais, desde 1897, sugerindo medidas, planos, idéias capazes de melhorar as condições morais e econômicas do mundo. De tantas cartas, apenas umas seis mil foram publicadas. E ele pretendia escrever mais. O reverendo J. P. Bacon Philipps, se ainda não morreu, deve ser também um demente incurável.

§ Provérbio chinês: – Se não puderes evitar que o aborrecimento entre na tua casa, não lhe ofereças cadeira.

§ Uma senhora me pediu, no outro sábado: – Fale-me com franqueza. – Eu falei. Ela ficou espantada.

§ A realidade é muito maior do que se pode imaginar: continua, continua...

§ De conversas com Ovidio Meira – O médico Ovidio Meira era um dos brasileiros mais conhecedores do Brasil. *A prova* – Contou-me que um parente dele, fazendeiro no interior da Paraíba, mandou construir uma “creche” na fazenda, com todos os progressos, para os filhos dos empregados, que morriam pequenos, quase sem sobras, por falta de assistência e pela completa ignorância com que eram alimentados e tratados. No fim de um ano, não tinha morrido nenhuma criança. O dono da fazenda andava contente e comentou o caso com o capataz. O capataz, como se só esperasse a ocasião, desabafou: – A nossa fazenda está amaldiçoada, patrão. – Que? – Sim, senhor. Há quanto tempo Deus não chama nenhum anjo daqui para o céu! – *Um Possível Monumento* – Pois ainda hei de ir a Minas, para ver a inauguração do monu-

mento ao genro. — Ao genro? — Sim. — Que genro? — Em geral. O mineiro enriquece mas não tem imaginação. Continua no mesmo prédio, com os mesmos móveis, a mesma vida atrasada. De repente, casa a filha, e o genro, com o dinheiro dele, constrói um prédio novo, monta-o com elegância, enche-o de conforto, dá-lhe as últimas novidades da civilização. Coisas que transbordam. Assim, em todos os recantos, Minas deve o seu adiantamento ao genro. O genro é o fator máximo do progresso, ali. Um monumento se impõe a qualquer deles, que simbolize a classe, um monumento com uma legenda simples e sincera: “Ao genro, Minas reconhecida.” — *Definição* — O criminoso político é um criminoso passional. Tem que ser julgado como os grandes amorosos.

§ Uma noite, há mais de vinte anos, eu estava na sala de uma estação de rádio, quando o diretor surgiu, indignado, e quis saber quem mandara “emitir” *aquela música*. — *Aquela música* era de Debussy — Gritou: — O botequim não tolera *isso!* — Disse-lhe que, talvez, o botequim desejasse *isso*. E contei o caso do violoncelista Sérgio, assistido por Filho d’Almeida, O violoncelista Sergio pertencia à orquestra do Teatro São Carlos, a Ópera de Lisboa. Quando o espetáculo terminava, ia para uma taverna da Mouraria, cheia da gente mal julgada do bairro; pedia vinho, bebia, enquanto das mesas envoltas em fumaça de cigarros e cachimbos, vozes imploravam: — Ó Sergio, toca uma coisa pra nós! — Sérgio tocava... Bach, Mozart, Schumann... E as mulheres e os homens esqueciam as suas misérias, ouvindo *aquela música*, em silêncio, como se estivessem numa igreja... — É preciso não ter opinião muito extremista sobre o botequim... (Mas os discos foram mudados).

§ Cultura era uma palavra velha, de vida sedentária. Poucos se davam com ela intimamente. Alguns a conheciam de vista. Alguns, de nome. Depois, por causa dos jornais, ficou popular. Popular, mais pelo som

que tem nas línguas, do que pela significação que os cérebros lhe reservaram. Em certos países essencialmente agrícolas, a cultura, não sendo do homem, pode ser da terra, o que, sem dúvida, forma uma compensação. Há, também, laboratórios que fazem a cultura de micróbios, e há pessoas que imitam tais laboratórios. A que interessa, agora, compreende a herança das grandes obras do passado, e a possibilidade de a aumentar. É a cultura que precisa sair das suas sílabas para a sua realidade; e não pertencer a raros apenas. É a cultura que precisa pertencer ao maior número, a quase todos, porque a todos, — os espectadores já não têm ilusões, — a todos nunca pertencerá. Existe outra palavra, unida à cultura: liberdade. Nasceram juntas, não se separaram. Onde não se vê cultura, não se vê liberdade. Onde não se vê liberdade, não se vê cultura. Uma pela outra, liberdade e cultura se definem.

§ Na antiguidade, depois que o instinto se recalcou, e a inteligência pôde crescer e se multiplicar, a vontade de comer criou a arte de comer. Os bárbaros destruíram a arte de comer. A França reconstruiu-a, a França dos castelos, e a França dos conventos. É mais uma gratidão que devemos à França.

§ O domingo, para os que o preferem ao natural, em casa, ou na ausência conseguida, é a torre de marfim da semana. Já a segunda-feira é a torre de Pisa: entra-se na segunda-feira, cai, não cai. Depois, até a metade de sábado, é tudo a mesma trapalhada da velha torre de Babel. Com certeza Hamlet viu, e não disse, que há mais torres entre o céu e a terra, do que pode supor a nossa filosofia...

§ Quando vem de sol, que bonito um dia acordando! A terra, molhada pelo sereno, batida de luz, tem arrepios de virgindade. O ar treme como um cristal, uma taça imensa, cheia de alegria. Longe, as mon-

tanhas parecem mais belas, azuis, verdes, douradas. Abro os meus olhos, que nunca se cansaram, que nunca se aborreceram. Sorvo a saúde do ar. Prazer do coração, prazer da cabeça, prazer de todos os sentidos... Chama que me chama...

§ Definitivamente, eu sou do amor. Apenas, tal qual um outro, mais antigo, que não odiava ninguém, também tenho razões para não amar, do mesmo jeito, todo o mundo. Entristeço-me o menos possível. Não me aflijo. Peço a qualquer excitação que se retire dos meus modos. A lição que o mundo me dá é a da humildade, – fácil de seguir; basta cismar um pouco sobre a insignificância particular e sobre o ridículo comum. Indulgência plena.

§ Pascal perguntava: “Que é um homem no infinito?” Os judeus tinham respondido, muito antes: “Ensina a tua língua a dizer: – Não sei.”

§ Ninguém deve dar exemplos. Em todo caso, para quem quiser me espiar, vou levando, como uma pena de asa, o espírito risonho e encantado, admirando os que acreditam, aceitando as afirmações mais contrárias, sem medo, sem afoiteza, simplesmente, simplesmente...

§ Um autor teatral pode não ser um escritor. Um escritor não pode ser um autor teatral. São duas vocações, duas profissões diferentíssimas. Desde o início. Atores, todos os homens, apenas uns sabem botar diante dos outros a realidade da vida ou a imaginação da vida. Um romancista conta uma história. Um autor teatral movimenta essa história, dá-lhe corpos, dá-lhe vozes, despersonaliza-a, humaniza-a. Um poeta compõe um poema. Um ator teatral imortaliza esse poema no palco, feito tragédia ou feito comédia. O livro guarda. O teatro espalha. O nome do escritor, impresso, fica junto do que escreveu, conhe-

cido, repetido. O nome do autor teatral, representado, muitas vezes ninguém sabe. Um tem o triunfo. O outro tem a glória. Eu já ouvi chamar a Shakespeare: Jacques Pires. Mas sempre ouvi chamar a Georges Ohnet: Georges Ohnet.

§ Maio, 1931 – Outono do Rio. Que tempo bom! Tempo para corridas. Os cavalos ficam alegres. A gente também. Antes da Revolução, o Jockey Club, na Gávea, era a grande sala carioca. Sala solta, iluminada de sol, enfeitada de montanhas. Fim de regime. Regime às avessas do que as pessoas elegantes adotam. Havia uma gordura geral. Que lindas festas! Que figurinos lindos! A beleza esparsa da cidade se reunia ali. Muito melhor do que na praia. Na praia faltavam os vestidos. Um vestido bonito é um prazer para sempre. Keats não disse assim, porém disse a mesma coisa. Homens, fitando a raia, passeavam de lá para cá. E nas tribunas, alígeros, saltitantes, rapazes pareciam moças, e moças pareciam rapazes. Chegava do Leblon o vento do mar. Do Jardim Botânico saía a recebê-lo o cheiro gostoso das árvores. Não se pensava no câmbio. Não se falava no café. A Santa dos Coqueiros ainda não tinha sonhado com os anjos. O presidente da República sorria, de cartola na mão. O embaixador britânico sorria, de binóculo na bolsa. Outros sorrisos, com outras indumentárias, andavam entre a multidão. Um ar de anedota embalsamava tudo. Ninguém sentia saudades, por falta de tempo. Ninguém desejava mais além daquilo. Aquilo... ilusão, felicidade. A dupla ótima. Quando a gente acordou, estava na miséria...

§ Parece (não garanto) que um dos deveres da imprensa é educar, esclarecer, instruir. De qualquer jeito. Sem literatura. Ou falando diretamente, simples e grave, ou indiretamente, por meio dos assuntos, com o ar de quem se está divertindo. Isso, apesar da massa tristonha

dos analfabetos, talvez trouxesse vantagem para letrados e ignorantes. O jornal não tem força apenas junto dos desejosos e dos assustados da publicidade. Tem força também, e muita, entre os possantes que sabem tudo por ele ou que acreditam nele como no seu defensor supremo. Na nossa terra, o horror dos livros não vem da preguiça; vem dos livros que nos deram desde a escola primária. Medonhos. Depois, sem obrigação, não vê que alguém se arrisca a levar para a casa um monstro da mesma forma!... Só os romances. E os romances que foram filmes. Do mais, suspeito de ensinar, todo mundo foge. Resta o jornal, o jornal que entra, sempre novo, com as últimas notícias da vida: o jornal que conversa, como uma visita camarada, a respeito das questões que agitam as sensibilidades. A cultura das exceções ainda não exerceu influência no desenvolvimento social do Brasil. Os homens que estudam, influem uns nos outros. As regras gerais não tomam conhecimento do fato... Aqui, a cultura tem sido um esforço pessoal, devaneio de solidão, fuga... Cada qual segue o seu destino... Com vergonha dos outros... Porque vergonha é uma coisa que se tem dos outros...

§ O tempo está feio? Paciência! Ele há de ficar bonito. Pois não estamos na Primavera? Que a chuva caia. É a Primavera! É o milagre da Primavera! A Primavera é um estado de nascença, um sentimento hereditário. No dia em que se sumir de nós, o mundo acabará. Com ou sem julgamento final. Decerto, sem. Para que mais julgamento? Casimiro de Abreu, você escreveu as *Primaveras*, e é por isso, meu querido poeta, que eu cismo com ternura em você, nesta manhã de outubro, tantos anos depois — Casimiro José Marques de Abreu!...

§ André Siegfried escreveu que “o amor ao esporte, na Inglaterra, é um ópio para o povo; há na verdade uma espécie de união sagrada entre o sindicato e o lorde que conversam sobre futebol e corridas. E as-

sim se consegue, por uma política de anestésico (da qual os governantes talvez nem tenham consciência), que a falta de trabalho seja esterilizada nas suas eventuais repercussões revolucionárias”.

§ Uma vez, no seu jardim, diante de uma rosa de estranha beleza, Emerson parou e disse: – Bem-vinda sejas, rosa! – Há em toda vida uma hora igual a essa rosa. Mais moços, mais velhos, depois, quando nos lembramos, não existe nada do que nos feriu nas horas passadas. Foi a nossa hora. Foi a nossa rosa. – Bem-vinda sejas, rosa. – Ah! Emerson! mestre da minha juventude! Sempre escutei o que me veio contando, desde lá, do país da simplicidade, com o coração sem compreender, os olhos espantados, os ouvidos irmãos das conchas do mar, toda a cabeça como os cata-ventos, galos ou estrelas, em cima das torres. Foi o senhor que me ensinou, primeiro, a ver que, além do horizonte, há horizontes. Continuo à procura das ilhas felizes. O corpo pesa para a terra. As mãos se alongam para o sol.

§ Gosto de ser brasileiro. Sentir pela cabeça, pensar pelo coração, herdeiro contente dos antepassados, dentro da vida que, quando se inicia, vê a luz.

§ Germana Bittencourt Vignale morreu, numa sexta-feira, 11 de outubro de 1931. Amiga bem querida. Artista bem admirada. Quando andou em Buenos Aires, cantando coisas do Brasil, conheceu o poeta que foi depois o companheiro da sua vida e o pai do seu filhinho. O destino não deixou que Germana morresse perto deles. Estes pedaços do livro que Pedro Juan Vignale lhe dedicou, no tempo de noivos, recordam agora a história linda e triste daquele amor:

*Más pequeña que lágrima  
más suave que morro de oveja*

*más tierna que águila del alba  
más dulce que tu misma, oh pájaro!...*

*Tu voz  
cálida de trópico  
Tu voz  
que hace sombra de palmas  
Tu voz  
para abrigar a los hombres  
Tu voz  
para llamar a que baje  
Dios  
entre nosotros.*

*En tus manos ávidas  
traes  
los cielos del Brasil  
pequeños  
para tantas estrelas  
Mediodías  
radiantes  
sobre nuestras cabezas  
se abren  
y caen  
maduros  
con olor  
de distancia*

*Yo he visto  
esa luna  
tostada*

*que traes  
suspendida en tu voz  
como un grano  
de sal*

*Yo he visto  
esa tarde paulista  
exprimirse  
sobre el Tieté  
basta inundarlo  
Yo he sentido en mi sangre  
los rios  
que socavan  
la sombra  
y se precipitan  
en tu canción gentil  
en tu canción  
total  
como un beso  
Vienes  
de tan hondo  
que uno puede  
acordarse  
a tu canto  
y sorprender  
el primer  
dia  
Florece  
en el canto  
de los gallos*

*como el día  
tus ojos  
lacustres  
Hija de la fuente  
ob elegida  
Hija  
de la palma  
y del junco  
y de la cigarra  
violenta  
y del fuego  
Tácita  
como la llama  
en el árbol  
Pura  
como un grito  
de dolor  
en la selva*

§ Num recital de Berta Singerman: – Então, está gostando? – Estou. Mas, que coisa engraçada! eu não sabia que Guerra Junqueiro era espanhol.

§ Quebrou a vida para ver o que tinha dentro. Tinha o amor e tinha a dor...

§ Loucura: romantismo confessado. A fuga. Ir para a loucura, alegre, como quem vai passar o dia fora...

§ Eu agora sou da noite. Dia, não! Luz, só de lâmpada. Companhia, só a minha. E já é demais. Aglomerei tanta gente em mim que, para che-

gar a esta mesa, tenho que vir pedindo licença. Mas, aqui, pouco a pouco, arranjo a distância. É como se eu estivesse no campo. Um grilo dá o ar de fora, com a colaboração do vento nas folhas das árvores. Todos os meus burros, quietos, olham para baixo. Os livros também não falam, dentro das suas capas. Lembro-me do poeta Horácio que Paulo Mendes de Almeida recordou em São Paulo ... “aprendi com ele que ‘é agradável enlouquecer’. E mais isto, que poderia ser a sua divisa: ‘Detesto as mãos que se poupam: espalho rosas’”. O poeta Horácio traz Horácio, amigo de Hamlet. Ah! memória! espelho de fantasmas!” Neste momento, é impossível não repetir o monólogo: – “Ser, ou não ser, eis a questão. Que será mais nobre? – sofrer em silêncio as maldades, ou contra elas se revoltar? Morrer... dormir... nada mais... Esquecer as dores do coração e as mil torturas naturais, que são a herança do corpo: é um fim que devemos desejar com ansiedade. Morrer... dormir... Sonhar, quem sabe? Sim... Essa é a questão... Que sonhos não virão no sono da morte? É a dúvida que nos prende ao horror da vida... Quem suportaria a vida, a injúria do opressor, a humilhação do pobre, as angústias do amor, os rastejamentos da lei, e as infâmias que o mérito resignado recebe dos homens indignos?... Quem suportaria tudo isso se, com uma simples picada, de tudo isso se pudesse libertar?... Quem continuaria a carregar tamanhos pesos, se o receio de alguma coisa depois da morte não perturbasse a vontade?... A morte, o país inexplorado de onde nenhum viajante voltou!... Os males da vida, nós conhecemos... Como serão os males da morte!... O pensamento enfraquece a decisão... Ficamos inúteis...”

§ Quando eu era mais moço, achava os imbecis insuportáveis nas segundas-feiras. Eis uma vantagem da mocidade: “Os dias passam e não se parecem”.

§ Um assunto que interessa é o que faz o café esfriar...

§ Constâncio Alves – Durante anos, todas as quintas-feiras, num rodapé do *Jornal do Commercio*, C. A. comentou os acontecimentos da semana, com um bom humor íntimo, no jeito camarada de quem conversa entre amigos, sem nenhuma literatura. Pessoalmente, era funcionário público. De maneiras tímidas. De fraque russo. Coco velho na cabeça. Jornais, revistas debaixo do braço. Caspas. Surdez. Voz baixa. Riso com medo de fazer barulho. Deixou um livro assim.

§ A conferência já foi muito usada aqui. Era, no começo, literária e semanal. Enchia salas, diante das quais, num estrado, poetas e prosadores iam ler divagações bonitas sobre o amor, a rosa, o sonho, a mão, o dinheiro... Enlevo, durante. Delírio, no fim. Os ouvintes, de idades e sexos diversos, voltavam para a casa, ao cair da noite, satisfeitos, repetindo frases, lembrando trechos, pondo, nos bancos dos bondes, ares intelectuais, e, nas almofadas das carruagens, sensações de maravilhamento. Entre os iniciadores ficaram célebres: Olavo Bilac, Coelho Neto, Medeiros de Albuquerque. O velho Rio desaparecia. Com os representantes derradeiros da sociedade do Segundo Império, então se manifestavam os primeiros mundanos da Primeira República, mais tarde fixados em trezentos, – os Trezentos de Gedeão, – que Nair de Teffé e Emílio Aires arquivaram em caricaturas, antes que as caricaturas soltas os abolissem. De amável, para distrair, para fazer passar o tempo de oito em oito dias, a conferência virou cacete, e era na segunda-feira, na terça, na quarta, na quinta, na sexta, no sábado, e às vezes até no domingo. Tanto cresceu, de tal maneira invadiu a cidade, que todos fugiram dela. Ela tomou o trem e o vapor. Foi agir nos estados. Os estados, depois da quantidade, não acreditaram mais na qualidade. Fugiram também. Em seguida, outra conferência se produziu, – espécie de aula. Nesse aspecto permaneceu. É científica, é artística, é técnica. Chama-se palestra. A conferência era o discurso com modos. A pa-

lestra é a conferência com idéias. Da palestra deve vir uma nova forma de prender um, por instantes, a atenção de muitos; será a maneira mais justificável de prender, — verbo condenado a várias conjugações aborrecidas. A visita, por exemplo, a palestra com simplicidade. Espalhada. Em língua comum. Feita por dever e por prazer, e que revele, ensine, eduque e pouco a pouco, nos bairros pobres, nos lugares onde a instrução não chegue, transformar as criaturas divididas, sem noção, num povo consciente, alerta, um povo de liberdade, igualdade, fraternidade, que sinta o que é liberdade, que entenda o que é igualdade, que saiba o que é fraternidade. A visita da paz. A boa, a querida visita. Ela há de contar a vida como se contasse uma história. Os pequenos gostarão. Os grandes gostarão. São Francisco de Assis conversava assim com os pássaros, e assim convenceu um lobo a deixar de ser lobo...

§ Há um poeta esquecido demais, no Brasil. Chamou-se José Joaquim de Campos Leão Corpo Santo. Eu vi as *Obras Completas* dele, em grossos e altos volumes. Guardei na memória algumas das páginas. Durante a revolução contra o passadismo, a ninguém ocorreu dar ao colega de 1880 e de Porto Alegre, o título de precursor da poesia moderna. Da poesia e do teatro. As peças de Corpo Santo traziam, nos fins dos atos, o aviso: “Aqui o contra-regra leva o apito à boca e faz fi-i-i-ó, e o pano cai.” Tirando isso, não eram diferentes de tantas peças de hoje: “verdadeiras fábricas de gargalhadas”. Também os versos são irmãos mais velhos dos versos depois espalhados em todos os ramos, até no oeste. Por exemplo:

*EPÍGRAFE*

*Esses ratinhos*

*São uns diabinhos.*

## DOMINGO

*Por ser domingo  
Fui à missa,  
E de preguiça  
Comi lingüiça,  
Comi Tereza  
(Tereza era uma cabra).*

## AS ARANHAS

*Que belas aranhas!  
Tão belas, tão ternas!  
Poís caem do teto  
e não quebram as pernas!*

## EU E A MINHA TRIPA

*Quando eu falo, a tripa chora,  
Quando eu rio, a tripa canta.  
Se me calo, ela se espanta.  
Que diabo de tripa, que chora,  
Que canta  
E se espanta!*

Corpo Santo morreu no hospício. Um amigo que o foi visitar, perguntou-lhe se tinha escrito alguma coisa nova. Respondeu: – Não, nada. Não é possível. Vontade não me falta. Mas, quando as palavras vão subindo, prontas para sair, começam essas gritarias, essas alucinações... – largo a pena. Não me aborreço, não me queixo: – coitados! são doidos!

§ Há as pessoas que dizem, e há as que ouviram dizer. Estas, quando ouvem bem, são agradáveis; quando ouvem mal, confundem tudo, estragam tudo, esparramam opiniões em eco, – eco ao modo daquele que fecha um conto de certo escritor patricio: “Morreu!” – E o eco, ao longe, respondeu: – “Envenenada!” – Ultimamente, na geografia universal, muitos ecos do mesmo jeito estão agindo. O melhor, portanto, é falar em segredo, como se reza, como se conta uma esperança, como se confessa uma culpa. Falar com a voz de Thomas Mann: “Nasci para espalhar pelo mundo claridade e alegria, não para odiar e combater.”

§ Não devemos falar mal do nosso tempo. Ou por originalidade ou por inutilidade. Em todos os tempos, os homens falaram mal do seu tempo. Foi até por isso que houve o Dilúvio, muito antes de Luiz XV. Que adiantou?

§ Na mistura cotidiana, só o corpo envelhece. Mas a gente se consola ao entardecer. A alma ainda *escuta morrer nela o seu mistério... escuta a vida ao longe como o mar... e o segredo se torna mais profundo...*

§ No mundo só há superiores...

§ Sempre que vou dizer adeus a uma amiga ou a um amigo, de viagem para a Europa, outras pessoas, que foram fazer a mesma coisa, têm o costume de atirar palmadas amáveis nas minhas costas e dizer: – Que vontade de ir também, hein? – Eis aí o que eu chamo um mau costume...

§ Com alguns senhores a falta de assunto faz falar. Com outros, o assunto faz calar.

§ O abade Coignard aconselhava que se desprezasse os homens com ternura. O rei Arkel murmurou uma vez: – “Se eu fosse Deus, te-

ria pena do coração dos homens”. No final de “*Henrique IV*”, de Pirandello, um “da corte” protesta contra os colegas que pretendem dominar o “doido”: – “Não é doido! não é doido!” – *Henrique IV* fica junto dos três servidores necessários. Fica, espantado da vida criada pela própria ficção, vencido pelo entendimento dos que sabia incapazes de entender: – “Agora sou doido, sim... à força... para sempre...” – E era o único de juízo. Cervantes surge mais humano. Dom Quixote, na hora da morte, confessou esta certeza: – “Meus amigos, eu agora não sou mais doido.” – Ora, não há certeza pior.

§ A vida, afinal, só tem um lado. Mas esse lado é o outro...

§ Os homens se apavoram pelo que pensam; o que sentem não os assusta.

§ – Então como vai? – Ótimo! Cultivando o meu diabetezinho... – E havia doçura de verdade nas suas palavras.

§ Antônio Nobre – esta rosa neste vaso nesta mesa nesta sala neste silêncio...

§ Nunca é tarde para ir mais longe...

§ No tempo em que ficamos amigos, Jayme Ovalle – Don Jayme Rojas de Aragón y Ovalle – tocava violão. Afinava mais do que tocava. Nisso se parecia com o pai de Goethe, difícil também de pôr em ordem os sons do alaúde. Ovalle era solteiro. Possuía, entretanto, uma grande família: todos os anjos do céu, todas as mulheres da terra. A noite e o mar tinham o seu sangue. Chamava aos pobres: irmãos; às cantoras do “chopps”, filhas. Vivia com a música; escrevia cartas com

acordes. Um homem sem idade. Conheceu Lusbel. Seguiu Jesus naqueles anos em que Jesus andou sumido, e nunca revelou o segredo de tal sumiço. Íntimo de Shakespeare. Companheiro de Molière, em quem não achava graça. Muitas vezes escutou o vento ao lado de Walt Whitman. Junto de Antero de Quental, disse:

*Na mão de Deus, na sua mão direita,  
descansou afinal meu coração...*

E nunca se suicidou. Mais do outro mundo do que deste, tal qual o *douanier* Rousseau, Ovalle trabalhava na Alfândega. O santo da Alfândega. Um dia, nostálgico, adquiriu um órgão. Um órgão pequeno, de salão. Sem salão, levou o órgão para o quarto. Era na Glória, em frente da estátua de Pedro Álvares Cabral. Assim que saía da Alfândega, ia compor. Tirava a roupa e o monóculo. Sentava-se, de mãos no teclado. Que coisas tocava! Lentas, dolorosas, elas estendiam no ar uma fumaça que a vista não enxergava, mas que entrava pelo corpo, ia ao fundo da alma. Exalação da sensibilidade. Um dia, de repente, bateram na porta. Ovalle parou: – Quem é? – Falaram do lado de fora: – Faz favorr, senhorr! – Ergueu-se. Vestiu-se. Foi abrir. Encontrou uma senhora de cabelos ruivos e voz aflita: – Senhorr faz favorr! Eu mora pegada deste casa. Pension Nini, meu propriedade. Senhorr! não toca mais! Música de senhorr está muito desgraçado! Os freguês fica tudo triste, não faz despesa! Se precisa tocarr, eu paga mudança de senhorr! Mas aqui eu pede: não toca! não toca mais! Música de senhorr não está bom para meu pension! – Ovalle vendeu o órgão e foi morar na pensão. Data daí o seu desprezo definitivo pela crítica. Data daí a sua ternura maior pelo sofrimento. Quando viajava para a Europa, puseram um macaco em leilão, a bordo. Ovalle enterneceu-se: – Um brasileiro! – E arrematou o patricio. No mar, não conversava com ninguém: – Eu

me sentia com espírito de peixe. – No vapor que o conduziu, pela Mancha, de Calais à Inglaterra, fez camaradagem com um padre irlandês. O padre morava em Londres, e quis que Ovalle fosse morar na casa dele. Ovalle foi. Quatro dias depois fugiu: – Vi que estava perdendo a fé...

§ Quando Wagner terminava “Tristão e Isolda”, desesperado de ser compreendido, disse um dia: – Escrevo e componho para um público imaginário, um público do Rio de Janeiro...

§ Notícia de Belo Horizonte: – “Foi sumariado João Martins que há tempos, deu uma facada em Afonso Prado porque este não achara graça em uma anedota que o criminoso contara. Depuseram três testemunhas.”

§ Os operários da imprensa, os homens que compõem, gravam, imprimem, só esses companheiros sabem que os outros, os da redação, também são operários, também trabalham, também ganham pouco, e não valem nada além do que produzem.

§ Nos começos da sua vida de empresário, Pascoal Segreto montou, no Largo de São Francisco, o “Panteon Ceroplástico”, parente pobre do Museu Grévin, de Paris. Teve, então, um sócio, chamado Cunha Salles, inventor do medicamento “Virgolina”, próprio para fazer voltar ao estado de donzela qualquer senhora de outros estados. – Diante da porta do Panteon um pregoeiro gritava: – Entrem! Entrem! Venham ver o assassinato de Marat! Venham ver o libertador da Itália, o grande Garibaldi! Venham ver Vitor Hugo nos seus últimos dias! – Do Museu Ceroplástico saiu uma espécie de jogo do bicho. Jogava-se na Rainha Vitória, no Kaiser, em almirantes russos, no Czar,

no imperador do Japão e generais de lá. Cada um tinha o seu número, que era premiado de acordo com a Loteria Federal.

§ Apesar do futebol e dos seus derivados, muita gente no Brasil há de conhecer ainda um soneto de Olavo Bilac, “Desterro”, que foi célebre. Começa assim:

*Já me não amas? Basta! Irei, triste e exilado,  
Do meu primeiro amor para outro amor, sozinho...  
Adeus, carne cheirosa! Adeus, primeiro ninho  
Do meu delírio! Adeus, belo corpo adorado!*

O senhor Eduardo Cantilo traduziu o soneto para o espanhol. A *Revista da Academia Brasileira* publicou a tradução no número 143, e *La Revista Americana de Buenos Aires* a transcreveu no número 109. Por exemplo:

*Ya no me amas? Está bien! Partiré resignado,  
de mi primer amor a otro amor que imagino...  
Adios, carne aromosa! Rapazuelo divino  
de mis fiebres! Adios, bello corpo adorado!*

§ Pregaram nele uma chusma de rótulos. Nenhum lhe anunciou o que tinha dentro. É um homem que se desvia das marcas. É um artista sem princípio, sem meio, sem fim. Misturado: poeta, músico, pintor. Podia escrever versos bonitos, podia compor sinfonias acabadas, podia copiar paisagens noivas “entre sis”, executar retratos que acabariam falando, imortalizar frutas, legumes, flores. Não quis. Olhou, sentiu, compreendeu. Da forma com que olhou, do jeito com que sentiu, da maneira com que compreendeu, inventou os seus quadros, que

são partituras e são poemas. Quadros correndo: aqueles Rios de Janeiro, aqueles interiores de Pernambuco, festas, enterros, um defunto no caixão, uma alma chegando no céu, o meu circo, gente de todos os mundos, montanhas, casa, peixes que voam, passarinhos que nadam, — o que Cícero Dias espalha entre molduras ingênuas, é alegria para as vistas cansadas da igualdade e da fraternidade das velhas telas próprias para presentes...

§ Nos fins de 1930, ao anoitecer, J. Carlos ia comigo pela Avenida. Diante da casa Arthur Napoleão, um senhor alto, de meia idade, roupa preta, chapéu largo, pediu licença para falar ao meu companheiro. — Pois não. — Desviei-me um pouco para o meio-fio. O senhor falou, cumprimentou, foi-se embora. Tratava-se do autor de um livro de versos. Queria saber se eu tinha relações com os vencedores da revolução. J. Carlos respondeu: — Não sei. — Veja. Se tiver, peça-lhe que me consiga qualquer lugar com o João Neves da Fontoura ou o Oswaldo Aranha. — Sim... — Sendo impossível, não faz mal. Já me acostumei. Estou desempregado desde o tempo de Floriano. — Foi impossível. Fiquei cheio de simpatia por aquele homem tristonho, poeta, vago, paciente. De quando em quando cismava, talvez arranjasse algum emprego. Se arranjasse, melhor! Não arranjou. Continuou a esperar. Tranqüilamente. Já se acostumara. Estava desempregado desde o tempo de Floriano...

§ O Brasil é um arranha-céu que se deitou para não arrANHAR o céu, o céu bonito de todas as estações. O Rio Grande do Sul mora no primeiro ou no último andar. Depende do ponto de vista. De alto a baixo, a família é uma só. Mas, naturalmente por causa do tamanho da casa, não se reproduz toda igual. Quem nasce no Rio Grande do Sul aparece um bocado diferente de quem nasce no Rio Grande do Norte. Questão de ar. Falou-se que o Rio Grande do Sul pretendia separar-se

do Brasil. Intriga de parentes. O Brasil não tem brasileiros mais brasileiros do que os de lá. Brasileiros, custe o que custar. Livres. Não gostam de ser mandados. Anarquistas subconscientes. Cada um toma conta do seu destino e não admite ordens alheias. A lei deles é o coração. Não andam entre a quarta e a meia partida. Não atizam fogo para o churrasco dos outros. Em cima do cavalo, de faca ou de enxada nas mãos, trabalhando sempre, se o Brasil chama, a resposta rebenta logo: – Pronto! – Do vento minuano tiram o ritmo das mobilizações e das arrancadas. Quebram todos os corinchos. Odeiam com amor. Ferem, e vão, depois, socorrer os feridos. Com a imaginação embalada pela gaita, que é o violão dos pagos, cantam junto das fogueiras, assim:

*Num dia de tempestade,  
Subi ao céu num trovão.  
Desci nas cordas da chuva,  
Com quatro raios na mão.*

E assim:

*Segredos que a lua encerra,  
Quem os adivinbaria!  
– Eu beijo de noite a terra  
Que os teus pés pisam de dia.*

Foram esses homens os inventores de vários esportes nacionais, a pé e montados. Menos da revolução. A revolução, eles adotaram, com melhoramentos. Parecem arrogantes. Não são arrogantes. São ariscos.

§ Tudo se compensa. Há um perfume com o nome de Ronsard. Há um filé com o nome de Chateaubriand, e um frango com o nome de Rossini. Guardo na minha biblioteca uma lata de sardinhas, prepara-

das em Aalborg, para a Inglaterra, com este rótulo: “Hamlet, Prince of Denmark, Finest Brisling, Sardines in Tomato”, e uma lata de aspargos japoneses: “Epicuro”.

§ Conheci um homem que, preferindo não jogar, almoçou, jantou e ceou três heranças. Percorreu o mundo. Depois, até a miséria, não saiu de Paris. Veio de lá, na terceira classe. Nunca mais herdou. Nunca mais esqueceu. Tinha a memória cheia de pratos maravilhosos, de copos dourados, rosados, roxos, lilases. Dizia que Dante espalhou um tremendo equívoco, tremendíssimo, na consciência universal: – Ao contrário daquele pedaço da *Divina Comédia*: o maior prazer, na miséria, é recordar o tempo feliz. – Era advogado. Chamava-se Teixeira. Não sei por que, puseram nele o apelido de Doutor Passarinho, e ficou sendo assim. Não foi professor de Faculdade de Direito, mas foi o melhor dos mestres.

§ Não se pode ser inocente. Como eu falei na minha coleção de burros, logo me perguntaram os nomes. Não, não são esses! São os meus burros: de pó de pedra, de ferro, de chumbo, de vidro, de louça, da madeira, de rafia, de lã... sem idéias.

§ Antônio de Alcântara Machado dedicou o seu livro de notícia de São Paulo: *Brás, Bexiga e Barra Funda*, à lembrança de Lemmo Lemmi (Voltolino) e à vitória dos novos mamelucos, entre os quais o Sr. Vicente Ráo. O Brasil todo, com exceções demasiadamente visíveis, só tem mamelucos. Do contato geral de mamelucos variadíssimos saiu, está saindo, há de sair a nossa raça: mameluquice que o futuro acalmará.

§ Um homem de minha devoção definiu uma mulher. “É tão verdadeira que, de começo, tem o ar um pouco simples. É preciso olhá-la muito tempo para a ver.” E definiu a vida.

§ Quando se ama uma mulher é o amor escondido nela que se ama. Uma coisa incerta. A pergunta com outra resposta...

§ – És o dia que faz...

§ Sou contra o equilíbrio. Acho que a gente deve cair para poder levantar-se...

§ Não há personagens. Há modos de ser do autor...

§ Isadora Duncan ia publicar as cartas de amor que tinha recebido durante os anos em que dançou por esse mundo. Com o que ganhasse tencionava pagar as suas dívidas.

§ Voltar... Há uma longa melancolia nesse verbo que, na verdade, ninguém conjuga. Voltar... Quem é que volta? O que se sumiu, uma vez nunca é o mesmo que reaparece. Sofreu. Traz a ilusão de mais experiências. Caso perdido. Todos os homens são casos perdidos. Houve um poeta que fixou bem isto: “Ao morrer, cada um de nós deve dizer à morte: – Deixe-me estar ainda um bocadinho. Esqueci-me por completo de viver.”

§ Folheio cadernos de notas. O mais antigo é de 1913: muito Paris, muito sonho, e Epiteto: “Se é verdade que tens pena dos cegos, dos coxos, por que não tens pena dos maus? Os maus, por sua desgraça, são aleijados também.” “A medicina prescreve mudança de ares que sofrem de enfermidades crônicas. É isso que a filosofia ordena aos que têm vícios arraigados: mudança de ares.” “Nem da pobreza, nem da prisão, nem do exílio, nem da morte deves ter medo. Deves ter medo do medo.” “Não queiras que as coisas sejam como queres: aceita-as

como são.” Foi assim, mais ou menos, que Epiteto falou. Falou bem. Ele foi escravo de Epafrodito, amigo de Nero. Um dia, para castigar uma falta suposta, o senhor lhe segurou uma perna e pôs-se a torcê-la, com ódio. — “Cuidado! Vais quebrar a minha perna, que te pertence.” Epafrodito continuou a torcer, acabou quebrando mesmo. E Epiteto, com pena do pobre homem rico: — Eu não te disse?

§ Há pelo menos um homem que tem medo do vento, e esse homem sou eu. A notícia do ciclone que ia para o Uruguai, mas trocara de rumo, invadindo o Brasil, anulou o meu dia. Não valí nada até ao anoitecer, quando o diretor do Observatório extinguiu a aflição. Notícia errada. Não se tratava de um ciclone. Simples rajadas, que nem se aproximariam daqui. Ainda bem! Ainda bem! Que susto! Que humilhação! Para consolo, desandei a ler a vida de Anchieta. Foi como chegar ao campo num sábado. O mais belo *weekend!* Anchieta é a poesia do Brasil, poesia que nasceu com ele, partiu pelos rios e pelas florestas, pelos montes e pelas planícies, deixou cantos sobre as águas e sobre as árvores... como aquelas pedras brancas que o Pequeno Polegar deixou no caminho, para não se perder na hora da volta. Quantos versos escreveu na praia de Santos, na velha praia de Santos! Não! velha não! As praias não envelhecem. Elas são o começo do mar. O mar não tem fim. O horizonte dá a ilusão do céu. O mar continua. Também a vida, continua, apesar de tudo, e vai agora numa disparada tão louca, que, se a gente se descuida, não se arrisca apenas a morrer sem sentir, mas a viver do mesmo jeito, o que será muito pior...

§ “Buenacho”, de Alexandre da Costa. Pequeno poema regional gauchesco.

*Correntino? Rivereno?  
o paisano brasileño.  
Quando a el le preguntaban*

*adonde habia nacido  
 contestaba perezoso  
 con los brazos estendidos  
 sobre el mapa americano  
 sin mostrar un panto cierto.  
 Nadie lo pudo saber  
 pues él mismo no sabia.  
 Era um hijo de frontera,  
 luchara por libertades,  
 siguiera a muchos caudillos,  
 paladin en varias patrias,  
 su patria — la libertad.*

Eis aí o irmão mais novo de Martin Fierro. Menos nosso do que o tio Lautério, de Ramiro Barcellos, mas só na fala, que a de Buenacho é castelhana, e a do tio Lautério é do Rio Grande do Sul. Alexandre da Costa conheceu em criança esse índio, espanholado na Serra. Guardou-o amigo, dos amigos que não morrem...

§ Sanatório do Rio Comprido. Tristeza de estar doente. Não pelo que sinto. Mas pelo que sentem os que me querem bem.

§ Sanatório. Estou aqui há cinco dias, e só ontem, pela cor com que acordei, descobriram que o diagnóstico parece errado. O médico disse uma coisa e o derrame de bÍlis disse outra. Depois de tantos exames, vão me botar em mais exames, para descobrir, talvez, o que é que tenho. À espera, já meio desconfiado, o pensamento da vida começa a se tornar precário em mim, e numa troca de idéias comigo mesmo, o pensamento da morte se fixa cá dentro, nem triste nem alegre: — tranqüilo. Sem querer, preparo a viagem, O país é desconhecido. Trato

pois de recordar os camaradas que embarcaram na frente, e hoje conhecem bem os usos, os costumes, o resto do lado de lá. Esses camaradas hão de ir, decerto, à estação. Uns, íntimos. Uns, cerimoniosos. Vejo-os como foram. Não sei como são. Pode até acontecer que não sejam. Em todo o caso, me dá prazer chamá-los ainda uma vez. Se morreram mesmo, isto é uma espécie de ressurreição. Ao menos, eu me lembro deles.

§ Eduardo Guimaraens. Nós éramos sete companheiros. Eduardo era o mais moço. Um adolescente quase louro, de olhos claros de mulher. Foi ele o primeiro que morreu. Tinha vinte anos a nossa união. Começou em Porto Alegre. Continuou na saudade. Agora, a saudade é outra, sem notícias. Eduardo foi-se embora e não volta. Deixou um amor e dois filhos, deixou os versos que escreveu dos quinze aos trinta e cinco anos, e em revistas e jornais a sensibilidade solta. Escreveu também para o teatro, mas uma vez os intérpretes souberam e os espectadores viram. Lia tudo. Sabia tudo. A cultura imensa não lhe perturbou a originalidade, dolente de ternura e de melancolia. Nessa ternura, nessa melancolia, andava escondida (ninguém percebeu) a pobre certeza da vida que ia acabar depressa. Tão depressa! A vida... A tua Divina Quimera, Eduardo...

§ Hermes Fontes. Poeta. Não foi e não quis ser outra coisa. Do deslumbramento das *Apoteoses* à desilusão da *Fonte da Mata*, todos os livros de Hermes Fontes marcaram o tempo em que surgiram com uma voz, nascida grito, tornada murmúrio. Iniciou-se em entusiasmo. Findou-se em perdão.

§ Pedro Velho. Uma noite, há muitos anos, dois homens caminhavam pela rua mais escura da cidade baixa, em Porto Alegre. Os

homens tinham bebido um bocado, e a rua estava em conserto, toda alagada da chuva que caía. De esquina em esquina, lampiões a gás punham amostras de luz nas calçadas abertas; amostras principalmente decorativas. O homem que seguia na frente avisou: – Olha, toma cuidado, a rua está cheia de buracos. – O homem que seguia atrás, respondeu: – Eu sei. (E a voz subia): Eu sei. Já estou dentro de um. – Era o poeta Pedro Velho. Assim foi sempre, foi sempre assim na vida. Por isso mesmo criou a definição espalhadíssima: – Esta vida é um buraco. – Muitas vezes, os amigos dele, que o preveniam antes, tentavam tirá-lo do buraco, depois. Em vão. Pedro Velho não queria. Convencera-se da inutilidade de qualquer esforço, embora dos outros: – Sou um sujeito sem sorte. E não sou mais nada. – Mas, Pedro Velho, em vez de se embriagar logo de manhã cedo, por que você não trabalha? – Onde? Em que? Com quem? – Procure. – Não procuro. Ninguém me leva a sério. É o sobrenome que não deixa. É o Velho que me atrapalha. Todos tomam intimidade comigo: – Ó Pedro Velho! – Velho não é a minha marca de família. É o meu adjetivo de letras escancaradas. – Ó Pedro velho! – Velho aí é com minúscula. Como hei de exigir que me respeitem. Julga que eu bebo por vontade? Não, senhor. Bebo porque sou obrigado a beber. – Ora... – Ora, que? Só desejo, só ambiciono uma coisa: deixar de beber. No dia em que eu deixar de beber, fico tão contente, fico tão feliz, que tomo um pileque – tão formidável, como ninguém nunca viu! – Tomou diversos, formidáveis. Não para festejar a cura. Para agravar a moléstia. Trocava o dinheiro que conseguia, em moedas de quatrocentos réis. Ia encaixando uma por uma no olho esquerdo, conforme se aproximava das vendas espalhadas pelos quarteirões de varejo. Dentro, junto do balcão, pedia: – Bota um monóculo de cachaça aí. – Começou a enfraquecer. Magro, com um bigode fino, curvado sobre a boca, quando a gente perguntava: – Vai bem, Pedro Velho? –

respondia logo: Não – Porque o til do “a” era o bigode. Caiu com uma gripe. Na convalescença, alguns poetas e jornalistas se cotizaram e reuniram oitocentos e oitenta mil réis para mandar o escapado viver em clima melhor, repousar nos bons ares de Caxias. Pedro Velho partiu para lá. Demorou lá vinte e seis dias. Apareceu de repente, vermelho, inchado, tossindo. – Que é isso! Você piorou? Ó Pedro Velho! Então nós pedimos que fosse descansar, beber leite, comer direito, sem álcool nenhum, e você surge desse jeito! – Cala a boca. Eu não quis foi explorar vocês. O leite em Caxias é caríssimo. Custa 800 réis o litro. E sabe quanto custa o litro de vinho? 400 réis. Troquei o leite pelo vinho, para não incomodar mais os companheiros. De manhã, vinho. No almoço, vinho. Na merenda, vinho. E vinho no jantar e na ceia. Regime frugívoro. Uva, uva, uva. Uva pronta, líquida. Para que ter o trabalho de mastigar? Não queira saber o que é beber leite em Caxias! Só para os milionários. – Os pulmões atacados não resistiram. Pedro Velho foi para a cama. No quarto, junto da mãe que não se arredava dele, os olhos fundos passeando pelo céu e pelo rio, emoldurados pela janela como um quadro, era ali que nos recebia, uns mais moços, outros mais velhos. – Melhor? – Depende da filosofia. A verdade é que estou morrendo. Andaram espalhando que os tísicos não desconfiam que vão morrer. Pois eu tenho a certeza. É uma maçada. Não conheço ninguém no outro mundo, além do meu pai. Ora, não vou andar toda a morte grudado ao meu pai! Não agüento apresentações. Amizades novas são amizades que não duram. Eu gosto é de gostar por muito tempo. E lá é a eternidade, um mundão de tempo... – Morreu de tarde, na hora que mais amava. Morreu sem se importar. Tinha trinta e três anos. Tudo o que resta dele é um livro de versos: *Ocasos*. Versos que, naquele tempo, nós todos sabíamos de cor. Magoados em geral, pessimistas, com rápidos encantamentos:

*De olhos azuis e trança  
Dourada, tu não és moça.  
És para qualquer criança  
Uma boneca de louça.*

Um dia, um vapor levou a boneca de louça. Pedro Velho ficou pensando nela:

*Doce melancolia a da saudade  
De alguém que é longe...*

Ela não voltou nunca mais. Ele não quis olhar nunca mais para outra mulher:

*Como um cego tateando pela estrada,  
Apoiado, no ombro de um mendigo,  
Vou eu, e o meu destino vai comigo  
Por esta vida sempre desgraçada.*

*Cego desde nascença, não consigo  
Nem distinguir o sol. Não vejo nada.  
Quantas vezes, raiando a madrugada,  
— Certo, é a noite. que vem descendo — digo.*

*E quando as descrições da vida escuto,  
Se me falam do bem, do amor, da crença,  
Da ventura, eu, que em tudo vejo o luto,*

*Então, sentindo ser tão desgraçado,  
Guardo de alguém a queixa muda e imensa  
De não me haver, quando nasci, matado.*

Igual a todos os românticos, Pedro Velho detestava a realidade. A existência cotidiana, comum, o horrorizava. Serviu-se dela para sátiras, que só os escritores jovens, revelados há pouco, poderão citar, porque não têm a antiga hipocrisia de pôr nomes bonitos nos nomes feios. De dois epigramas me lembro, e que são absolutamente repetíveis:

#### UMA RAPARIGA FEIA

*Ida foi vista despida  
Pelo seu primo Fernando.  
— Bem feito! murmurava Ida —  
Quem manda andar espiando?*

E este:

*“Morreu um burro na via  
Pública!” — O povo proclama.  
Quando, sem grita, por dia,  
Morrem milhares na cama...*

É de Pedro Velho este verso:

*Tu que embelezas os espelhos...*

§ A gente adormece, vai e não vem: acorda, mostra a aparência que se modifica pela idade, devagar. Transformação de um sono a outro sono, é cá dentro; cá dentro, os olhos não deitam jamais as mesmas imagens, as palavras entram com sentidos diferentes, o hálito que se desprende de tudo traz sempre um aroma desconhecido, o gosto das coisas não se repete, o contato com as coisas é mais áspero ou mais macio, não é igual. A vida é longa, longa, em cada um. Em todos, continua breve, só, é apenas a vida, essa vida...

§ Discurso de Pinto da Rocha sobre Rui Barbosa. No fim, em plena excitação, aquele homem tão inteligente durante as horas calmas, garantiu, de mãos fechadas no ar: – “Senhores! Há na nossa língua três monossílabos eternos: Mãe, Lar e Rui Barbosa!”

§ Uma mulher que pensa antes e fala depois é sempre uma mulher extravagante.

§ Certas mulheres, em certas tardes, têm a graça ingênua e natural de certas flores...

§ Tenho morrido muitas vezes. Na intimidade. Em público já me aconteceu isso, com um intervalo de dois anos e cinco meses. Na capital portuguesa e no extremo norte brasileiro. Li os necrológicos. Fiquei triste. Continuando no mundo, eu ia desapontar os amigos que os escreveram. Nuno Simões, por exemplo, que n’*A Pátria*, de Lisboa, se descobriu “respeitosa e comovidamente” diante do meu cadáver, em 15 de agosto de 1923. Por exemplo, Raul de Azevedo que n’*O Libertador*, de Manaus, em 22 de janeiro de 1926, achou que decerto eu devia “ter tido um sorriso quando a morte me golpeou”.

“Morre muito moço Alvaro Moreyra. E ele nos deixa uma profunda, uma grande, uma intensa saudade”.

Depois, abracei aqui Nuno Simões, de viva voz... Com Raul de Azevedo ainda viajo, de quando em quando no mesmo ônibus, e ele não se assusta. Entretanto, agora, ando me sentindo um pouco fantasma. Há de ser do tempo. Talvez seja porque esses dias reli os meus versos. Eu fui poeta. Descaradamente. Com rimas. Com uma gravata roxa. Magrinho. De pince-nez. Hoje, de óculos, penso naquele rapaz como num amigo morto. E eis a pior das mortes. Ouço as palavras dele, doces e cismarentas:

*Ah, como eu sinto o outono  
nesses crepúsculos dispersos,  
de solidão e de abandono!  
nessas nuvens longínquas, agoureiras,  
que têm a cor que um dia houve em meus versos  
e nas tuas olbeiras...*

Meu bem! Como te esqueceram! De ti, sem o teu nome, ficou apenas a pobre cega:

*— Pobre cega, por que choram  
assim tanto esses teus olhos?  
— Não, os meus olhos não choram,  
são as lágrimas que choram,  
com saudade dos meus olhos...*

Da vida dos poetas, igual à das crianças, dos pássaros, das flores, não resta muita coisa. Um “verso...” E esse “verso”, nunca mais se esquece. É imagem, é sensação, é pensamento. É o poeta. É a vida do poeta. O teu “verso” sobrado devia ser a tua fala com a noite:

*Ó noite! a minha vida em ti descansa,  
— longo evangelho do que não existe,  
mais triste que a memória, ó noite triste,  
triste noite, mais triste que a esperança...*

*“Dorme., dorme...” Também lá longe ouviste  
aquela voz de bem-aventurança,  
aquela eterna voz que ainda remansa  
o mal das tuas horas, noite triste.*

*Depois, o mundo... o amor... filosofias...  
senti na treva a dor que tu sofrias,  
dor de abandono, pobre dor silente.*

*Junto de ti fiquei, fiquei sorrindo  
para o céu, noite triste, o céu tão lindo,  
humoristicamente, docemente...*

§ Há os que se esquecem de lembrar, há os que se lembram de esquecer.

§ A alma não faz anos...

§ Vai devagar. Pára muito. Olha. Ouve. Esquece o que foi feito, até de propósito. Por acaso, uma tarde, encontrarás na memória um pouco de felicidade. A vida fica em imagens pálidas, assim, e assim fica em ressonância, sombras de vozes, lembranças, ondas... As ondas dizem: – Nós também não estamos dormindo. – E a chuva, quando vem, que companheira!

§ Fui visitá-lo, hoje. Meu velho amigo Poliche! Mas não entrei. A casa, numa rua quieta de Lião, tinha flores nas janelas, e parecia adormecida. Dali, (há quantos anos?) ele partiu para Paris. Levou o desejo de viver... de amar. Pobre Poliche! O primeiro encontro lhe deu a paixão de Rosine. Tímido, sentimental, tão próprio, viu bem que nunca poderia interessar aquela criatura do mundo, das aparências, flor de festa, flor de luxo. Então fez, do Didier que chegara, o Poliche ruidoso dos lugares onde a gente se diverte. Poliche, sim! o palhaço irresistível, o impagável Poliche que arejava os fatigados e os macabúzios. Gente que se diverte é gente triste. Poliche ficou sendo a alegria das mulheres e dos homens em voz alta. Escondeu-se para ser querido. Rosine sor-

riu a Poliche. Rosine gostou de Poliche. Pobre Didier! Como sofreu com a felicidade de Poliche! Depois, a revelação, o espanto, um momento encantado, o imenso desengano, enfim: – Um Poliche que se perde, dez que se acham... Adeus, Rosine. Muitos existem assim. Sonharam, acordaram. Estão de volta..., em Lião, em Bordéus... vendem vinho... Nos domingos, pensam na mocidade... pensam em ti, Rosine... – Anoiteci contigo, Poliche. Adeus, amigo. Não quis perturbar a tua melancolia. Amanhã recomçam os dias úteis. Úteis, Didier! Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, as feiras, e a metade do sábado. Acaba-se de novo a semana. Intervalo. Vai-se fumar lá fora. Vai-se, longe das gaiolas, ver os pássaros soltos. Os pássaros soltos são mais bonitos. Foi na França que se descobriu: “Os dias passam e não se assemelham”. Foi na França também que o poeta Jules Laforgue exclamou, um dia: “Como a vida é cotidiana!” Consolemo-nos, tirando a média...

§ O gosto da leitura... Gosto difícil de espalhar, por enquanto. A leitura que interessa formidavelmente aos novos é a das seções esportivas dos jornais, e das revistas especializadas. Fora disso, há os suplementos juvenis, e há as histórias com bonecos. O Brucutu, por exemplo, abafa qualquer Balzac...

§ “Há tempo de rir, e há tempo de chorar”. Sim, Salomão, e há, também, tempo de chorar de tanto rir...

§ Antero de Quental matou-se certíssimo de que, de todos, o mal pior é ter nascido. Partira para o campo, que o chamava. Primeira esperança de liberdade. Disse Eça de Queirós: – “Foi para São Miguel, para o seu mundo mais doce, mais fácil... Depois, uma tarde, como aquele filósofo Demonax de quem conta Luciano, ‘concluindo que a vida lhe não convinha, saiu dela voluntariamente, e por isso muito deixou que

pensar e murmurar aos homens de toda a Grécia'. O que dele pensam os homens da nossa Grécia, não o sei — pois que de há muito, na nossa Grécia, uma apagada tristeza traz os homens desatentos e mudos. É morta, é morta a abelha que fazia o mel e a cera!" Que força maravilhosa deixa a vida de um poeta! Mais de meio século passou. Num tempo de gritos, essa vida reaparece e põe um silêncio na confusão!

§ Walt Whitman sentia a inutilidade de morrer. Não se conteve numa idéia, espalhou-se em imagens. Antero era um suspiro. Walt era um cântico. Antero, um homem. Walt, o chão da terra, a ondulação do mar, o infinito do espaço. Antero procurou o amor. Walt descobriu as águias amando-se entre as nuvens.

§ Raul de Leoni viveu distante da angústia e do entusiasmo. O sereno Raul de Leoni. Veio do jardim do Epicuro. Parou em Florença. Partiu de lá para aqui. Trouxe o sonho de "um cristianismo singular, cheio de amor divino e de prazer humano..., temperado na graça natural".

§ Não avalio o pensamento de Aldous Huxley, de que a próxima revolução não será de ordem econômica, e sim psicológica: — "O caráter estandardizado da vida acabará intolerável. Os povos civilizados padecem de um aborrecimento pavoroso". — A vida... Os povos civilizados... Os povos civilizados são os que se defendem; e os que padecem de um aborrecimento pavoroso são os que atacam, portanto, — apesar das aparências — bárbaros. Da vida, com beleza ou fealdade, tristes ou alegres, somos apenas as máscaras. O rosto que a vida escondem nas máscaras, ninguém ainda viu como é.

§ Eça de Queirós é amigo. Naquela ironia, naqueles exageros de troça, vaias estilizadas; na caricatura de todas as gravidades, no fato

material, na coisa concreta, no impiedoso realismo. — Eça de Queirós continuou o mesmo romântico. O poeta nunca morreu nele. A única frase ruim que escreveu trouxe ainda uma definição: “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.” Poeta, desde as *Prosas Bárbaras*, desde a “Serenata de Satã às estrelas”:

*Nas noites triviais e desoladas,  
como vos quero, místicas estrelas!...  
lúcidas, antigas camaradas...*

Ficaria feliz, no campo, perto das árvores, à sombra das latadas, colhendo as suas uvas, apanhando as suas cerejas, as suas azeitonas, as suas rosas, ouvindo as suas águas, os seus pássaros, os seus grilos, na doce intimidade de tudo o que cria silêncio, de tudo o que espalha solidão ao ar livre, na luz do céu. O poeta que colecionou milagres de santos, e compôs as vidas de São Cristóvão, Santo Onofre, São Frei Gil... O parisiense de Póvoa de Varzim... O português tão brasileiro... Eça de Queirós destruiu a eloquência que carregávamos no sangue, ensinou-nos a dizer as coisas simplesmente, depois de as ver simplesmente. Bem antes de Pirandello, estabeleceu diante de nós a vida aglomerada de personagens à procura de autor. Ao olhá-lo, pela memória de um encantamento sem fim, em certas horas, Eça de Queirós, pouco a pouco se transforma, e é com a imaginação, o lirismo, o sarcasmo, o jardim de Afonso da Maia, no Ramalhete, — a fonte cantando, e o cipreste e o cedro envelhecendo juntos como dois amigos tristes. Fez bom tempo nas nossas cabeças. Esse tempo bom não passou para os que o amam, e de novo o escutam. Escutam, sim. Ninguém que descobriu Eça de Queirós entre os vinte e os trinta anos, chegou aos trinta. Ele parou a primavera em nós. Somos apenas diferentes no mau gosto dos espelhos...

§ Anatole France, quando era ainda o pequeno Anatole Thibaut, em 1851, (tinha sete anos), escreveu o seu primeiro livro: *Pensamentos Cristãos*. Um dos pensamentos daquele menino dos cais de Paris falava na utilidade de rezar, e, a propósito, contava uma história:

#### História

“Eu estava passeando com certa pessoa que dizia bobagens. Fiz uma oração, em voz baixa, e a pessoa parou de dizer bobagens. Vejam como Deus é bom!”

Foi Anatole France, com oitenta anos, que deixou a excelente lição: “Faço o possível para evitar na vida tudo que me parece feio. Talvez me tornasse muito ruim, se fosse forçado a viver diante do que me desagradava, fere, punge”. O velho continuou o menino. Com certeza, nunca teve de andar de ônibus. E, se teve, desceu muito, porque se esquecera da utilidade de rezar. Não quis ver mais como Deus é bom. Defendeu-se sozinho. Defendeu-se direito. Amou a vida, e nos mostrou que a vida é bela. Aprendemos com ele a admirar a juventude, a liberdade, a alegria. Ao sair de um espetáculo de *marionnettes*, trazia uma convicção, que logo transmitiu: “O mal é indispensável ao bem, e o diabo é necessário à formosura moral do mundo”. Grande companheiro! Entre tantas, perdidas, conservou esta fé: “A cozinha francesa é a melhor do mundo, e eis a glória que há de resplandecer sobre todas as glórias, no dia em que a humanidade, enfim esclarecida, trocar a espada pelo espeto.” Quando adoeceu para morrer, desejou que lhe dessem uma enfermeira moça e bonita. O médico levou-lhe a Irmã Catarina, linda, e boa como nenhuma outra, em toda a França, seria linda e boa assim. O doente ficou encantado. Obedecia-lhe com prazer. O que a Irmã Catarina lhe oferecesse, nas mãos brancas e finas, remédio azedo, dieta enjoada, o termômetro, as injeções, tudo por pior que fosse, se transformava no melhor que podia haver. Na

manhã de um domingo, a Irmã Catarina perguntou: – Posso fazer-lhe um pedido, senhor France? – Pode, pode. Não recusarei o que quiser. – É bem fácil o que quero, e que graça será para mim! – Diga. – Quero que se confesse e comungue. Sim? – Logo isso, minha irmã? Isso, não, perdoe. Seria bem fácil, sei. Mas, as conseqüências? Publicidade, exploração, escândalo... Mande que me levante, que vá buscar, debaixo das ondas, na Bretanha, os sinos de Is, e eu me levantarei, irei, voltarei com eles. Confessar, comungar, não. – A Irmã Catarina baixou a cabeça, triste. Anatole France adormeceu ou fingiu adormecer. Acordou, sorrindo: – Irmã Catarina... – Estou aqui. – Dormi. Sonhei que tinha morrido.

Fui depressa para o céu. Talvez por causa das minhas barbas, consegui entrar sem dificuldade. Lá dentro, São Pedro indagou: “Como se chama?” Mal ouviu o meu nome, perdeu as cores, pôs-se a tremer, a gaguejar: “Não é este o seu lugar. Retire-se. Não me crie embaraços.” Disse-lhe: “São Pedro, sabe? – fui tratado pela Irmã Catarina.” Que alívio para o pobre negador! “Ah! bom!” Continuei: “Ela até queria que eu me confessasse e comungasse...” “E confessou-se? comungou?” – Não... na terra, não. O céu, porém, me parece tão agradável, que, para não ter que o deixar, rogo que chame um padre para escutar os meus pecados, e me servir a santa hóstia. São Pedro entusiasmou-se. Convocou os anjos mensageiros, distribuiu-os à procura de um padre. Esperei na portaria. Esperei, no mínimo, umas quatro horas dos relógios do mundo. Afinal, os anjos mensageiros regressaram. Sozinhos. Tinham procurado em vão. Não havia nenhum padre no céu!

§ Testamento (passível de ser anulado): – Deixo a todos o desejo de tudo que não realizei...

§ Ao velho Rio de Janeiro, numa viagem de fim de semana, que companheiro melhor para ir nos mostrando tudo, que Machado de Assis?

Hoje, fui com ele, no *Quincas Borba*, ao tempo dos tálburis e dos cupês, que já atropelavam. Conheci de novo tantas pessoas esquecidas. Mostrou-me a bela senhora Palha: – “Era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vigoroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas; Sofia rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que aos vinte e sete; era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos. Os olhos, por exemplo... Agora, parecem mais negros... A boca parece mais fresca. Ombros, mãos, braços, são melhores, e ela ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos. Uma feição que a dona nunca pôde suportar... o excesso de sobrancelhas – isso mesmo, sem ter diminuído, como que lhe dá ao todo um aspecto mui particular. Traja bem; comprime a cintura e o tronco no corpinho de lã fina cor de castanha, obra simples, e traz nas orelhas duas pérolas verdadeiras...” – Do Rio velho ao novo Rio, muitas coisas se perderam no caminho. Só, lá em cima, o Cruzeiro do Sul continua o mesmo: “O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.” Pouca gente lê Machado de Assis. É um costume. Muita gente dá opiniões sobre Machado de Assis. É outro costume. Há frases feitas a propósito, que têm tido grande consumo. Duas por exemplo: “Machado de Assis, o desencantado humorista” e “O pessimismo de Machado de Assis”. Aquele homem esquivo não foi tão pessimista assim. Quantas vezes uma surpresa comovida o estacou diante de certas imagens, de certos aspectos da vida! Ninguém soube querer bem e admirar tanto. “Desencantado humorista” Não. Ele conservou, na alma sempre nova, a bondade, a oculta bondade que envolve de lágrimas as coisas mais despiedosas que escreveu. Não possuiu de certo o “dom” da solidariedade. Fugia de suportar íntimos. Fechava-se dentro de uma aparência de egoísmo, sem interesse sentimental pelas

atitudes alheias. Se as olhava, punha no olhar menos simpatia que curiosidade. Desencantado? Nunca. Machado de Assis pertenceu à raça dos poetas, e nessa raça não existem desencantados. Ele deve ser lido. E não uma vez, para verificar; muitas vezes, para sentir bem, para compreender como foi, todo, naquilo que a timidez do homem tirava da coragem do escritor. A simplicidade de Machado de Assis era a flor de uma planta de raízes emaranhadas, de vasto enxerto. Do chefe de seção exemplar ao grande lascivo, que transplantações!... Como gostava de “contar” as mulheres! Renasce o seu prazer nas palavras. Palavras com olhos. Palavras com mãos. Palavras que respiram. Não foi Rubião que mirou Sofia, certa noite, em Santa Teresa, mais uma vez fascinado pela “figura, busto bem talhado, estreito embaixo, largo em cima, emergindo das cadeiras amplas, como uma grande braçada de folhas sai de dentro de um vaso. A cabeça podia então dizer-se que era como uma magnólia única, direita, espetada no centro do ramo”. E a Capitu crescendo no *Dom Casmurro*, a Virgília, do *Brás Cubas*, aquela senhora da “Missa do Galo”, a outra de “Uns braços”, tantas, tantas... Foi Machado de Assis que mirou e remirou todas. Foi Machado de Assis, disfarçado, tal qual se disfarçou no Cônego Vargas e até no diplomático, o triste Rangel, de máscara festiva, namorado de devaneio, noivo da fantasia, marido de cisma da linda Joaquina, o triste Rangel, de tanta vida interior, para onde fugia, onde se fartava das insuficiências externas: “Quando rompeu a guerra do Paraguai, teve idéia muitas vezes de alistar-se como oficial de voluntários; não o fez nunca; mas é certo que ganhou algumas batalhas e acabou brigadeiro.” Em geral, a gente de Machado de Assis, boa ou ruim, nunca afirma, sempre se arreceia de chegar ao fim... Prefere assistir ao princípio e ao meio, e não sabe que é isso que prefere...

§ Castro Alves. Brasileiro. Não era uma voz na multidão. Era a multidão numa voz. Poeta vivo.

§ Com palavras que pertencem a todos, simplesmente, naturalmente. O modo de dizer é que talvez faça a diferença...

§ Mesmo aos grandes desesperados, sempre resta alguma esperança...

§ Jules Laforgue partiu da terra um ano e três meses antes de eu chegar debaixo do mesmo céu aonde ele chegara no dia 16 de agosto de 1860. Porque nasci em Porto Alegre, e ele nasceu em Montevídeu, sempre pensei que fez isso de propósito. Levaram-no para a França. Viveu lá até morrer aos vinte e sete anos, com algum tempo empregado na Alemanha, e a pequena viagem à Inglaterra para encontrar o amor. Há cento e quatro anos Jules Laforgue tem vinte e sete anos. Meu irmão em Hamlet! Disse-me: – “Há três sexos: o homem, a mulher e a inglesa.” Em seguida aprendi que há mais um: o espírito. O espírito pode ser anjo, sem temer que religiosos de Bizâncio ainda pretendam discutir se é feminino ou masculino: basta-lhe sentir que é puro. Também me disse: – “Ah! como a vida é cotidiana!” E quis sangrar o silêncio, sacudir o exílio das conversas, Tristezas do mundo de muitos corpos e pouca almas. A alma de Jules Laforgue, entretanto, sem mel, sem fel, não se esquecia: – “Era uma vez um rei de Tule, imaculado...” – E dançava. Passara pelos gloriosos pessimismos. No *spleen* das noites de verão viu os jardins molhados de luar, e ouviu os rumores de seda que a água das fontes espalhava pelos canteiros, pelas alamedas. Doce *spleen* das noites longas, como um grande sonho... Em certa noite de Carnaval, sozinho, sorriu aos pares que cantavam e bailavam: – “Cantem, bailem! a vida é breve, tudo é vão, e lá em cima, olhem, a lua, tão quieta, sonha como no tempo em que não havia gente no mundo.” – Dos monólogos de Jules Laforgue, à sombra do príncipe da Dinamarca, eis um: – “Sim, eu queria saber! Por que essas coisas? Por quê? Onde encontrar quem tudo viu e revele tudo? O universo, nas

suas metamorfoses, há de esconder um coração. Temos um pouso apenas no deserto imenso. Um pouso apenas. Os espaços vão sobre os es paços longe, infinitos. Existem povos de irmãos mais felizes. Quando vieram aqui, um dia, nem os sinais dos nossos passos acharão. A dúvida me angustia; quero saber: haverá, ao menos, um mistério Ninguém responde. Caem as horas, gota a gota. E se eu morresse? O tempo não tem pena? Morrer... deixar de ser... Voltar para o silêncio! Julguei os Céus, e vou desaparecer sem uma palavra! desaparecer para sempre! Será tudo loucura? Quem tirou da noite toda essa vida?” – Exclamou assim. Mas murmurou depois: – “Calma e flores...” – Mas escreveu depois os poemas que são os mais novos da poesia francesa, escreveu as *Moralidades Legendárias*, das quais Hamlet é a primeira e a absoluta; escreveu aquela carta à irmã Maria: “Minha pobre irmã querida... Para tu leres antes de dormir...” – a carta da solidão, da miséria, e da esperança... Como uma chama suave, uma chama que não é deste mundo, o sorriso da alma de Jules Laforgue ilumina as palavras que ficaram contando o que ele contou dos dias em que viveu no meio das outras criaturas, um ponto aturdido, na surpresa de cada instante, lembrando-se sem saber do que se lembrava, apontando na lua o túmulo ciumento de Salambô, procurando duas mãos de carícias para a vida, ganhando as mãos de Leah Lee, que lhe fecharam os olhos para a morte, os olhos espantados, os olhos agradecidos...

§ Penso no Augusto, de Marcel Achard, dentro do circo, de alma solta, a falar com Isabel: – Sou quase *clown* e sempre fui poeta. Os potentes sobre o mar não têm mais segredos para mim. O canto dos pássaros é a minha linguagem natural. Posso conversar com as fontes, e entendo tudo que elas dizem. Os ramos das árvores me fazem grandes cumprimentos; os mais baixos, às vezes, tocam o meu rosto com gestos amigos. Sei de cor as canções dos ninhos, e posso corrigir qualquer

nota desafinada. Conheço as coisas mais diversas. Sabe, por exemplo, que os cães que uivam à lua são os irmãos inferiores do meu amigo Pierrot? Não sabe, não é? Pois eu sei. Sabe que as mulheres gostam de diamantes porque essas pedras parecem lágrimas? Não sabe, não é? Pois eu sei. Sabe que as mulheres frias e insensíveis são as mais perigosas, porque a neve e a chama têm o mesmo efeito sobre a carne? Não sabe, não é? Pois eu sei.

§ Jules Renard é conhecido quase que exclusivamente como autor de *Poil de Carotte*, a história em novela e em comédia de um menino, e que é a própria história da sua infância de filho malquerido pela mãe e amado, às ocultas, pelo pai. Entretanto, Jules Renard, “o caçador de imagens”, deixou uma longa e bela herança à literatura francesa. Se não teve muita simpatia humana, sempre olhou com ternura os bichos e as árvores e foi carinhosamente que falou das estradas, dos campos, da vida inocente da terra. Na vida toda, parece que só quis bem, de verdade, a Lucien Guitry, muito; a Edmond Rostand, pouco. Andou uns dias sob a fascinação de Rosemonde Gérard, Madame Edmond Rostand, já em vésperas de partir, com certeza para o Paraíso, depois de ser bela por mais de setenta anos, em várias fases. Aos homens preferiu os macacos: “esses parentes pobres”. Admirava as grandes chuvas: “Não houve uma gota de chuva que não caísse hoje!” Adormecia deslumbrado pela lâmpada. Vaidoso, e num momento, modesto: gostaria de ser o primeiro dos escritores menores. Só procurava a convivência quando estava com vontade de se aborrecer. Para ele, a verdadeira felicidade seria: Lembrar-se do presente. Definiu a guerra (antes dessas guerras!): “A guerra é talvez a vingança das feras que nós matamos”. Respondeu a um crítico: “O crítico é botânico. Eu sou jardineiro.” O jardineiro Jules Renard nasceu em 1864, em Chalons; morreu em 1910, em Paris. Além de *Poil de Corotte* e dos quatro volumes do *Diário*, e um de *Correspondência*, escreveu romances, novelas,

contos, peças teatrais, crônicas, poemas, tantas deliciosas histórias naturais. Quando morreu Jules Renard e foram publicados alguns pedaços do *Diário* dele, Remy de Gourmont se espantou: “Acreditava-se que Jules Renard tivesse saúde, e era doente; acreditava-se que fosse rico, e era pobre; acreditava-se que fosse feliz, e tentara matar-se; acreditava-se que fosse filósofo e não suportava a aparência de uma crítica; acreditava-se que fosse incapaz de qualquer pretensão política, e era partidário violento; acreditava-se que fosse parisiense, e tinha se conservado profundamente camponês; acreditava-se que fosse naturalista, e punha Victor Hugo acima de tudo; acreditava-se que fosse cético, e lia Pascal; acreditava-se, enfim, que fosse alegre, e era triste. Dêsse jeito, mais ou menos, conhecemos os nossos contemporâneos, – o que não nos impede de os julgar, de lhes atribuir intenções, avaliar o seu espírito, qualificar a sua alma.”

§ Deus é um pensamento que vem depois, – depois de muita vida, tanta coisa, tanta gente, outras realidades, outras imaginações. Deus chega de tarde. Vem do fundo da alma... Tudo foi bom. Bom, haver nascido. Bom, chegar a essa tarde. E o prazer, e o sofrimento. Foi bom todo o reflexo: compreensão, tranquilidade, esperança. Enfim, sentimos que somos felizes. Como se lhe dêssemos uma flor, murmuramos para o céu, de mãos estendidas: – Graças a Deus!

§ O tesouro de São Francisco de Assis: um baú, e no baú um pedaço de corda, uma espiga de trigo, uma pena de pássaro: a corda significando a humildade; o trigo significando o pão; a pena significando que a felicidade da terra voa depressa para o céu...

§ Da passagem pelo mundo, creio que foi bom o que se imaginou, O resto terá sido um exílio. José do Patrocínio Filho imaginou muito.

Os que nunca puderam alcançá-lo, diziam que ele era um grande mentiroso. Era um grande ator. Um grande ator brasileiro. Nunca sabia o papel. Andava sempre improvisando. Os vários “pontos” que teve punham as mãos na cabeça, desanimados de soprar o texto certo. Sorria desses funcionários da sombra. Criava. Surpresa. Balbúrdia. Os espectadores ficavam tontos, desvairados, não compreendiam, não compreendiam que era José do Patrocínio Filho que estava assistindo, e eram eles que estavam representando. A morte apanhou-o com covardia. Se não fosse por uma doença que o estarreceu todo, não vê que a morte levava aquele homem mais fino que um lápis, mais rápido que uma alegria. A morte chegava. José lhe oferecia um cigarro da caixa que lhe tinha mandado o Príncipe de Gales, um licor, presente da rainha da Noruega, principiava a conversar, de piteira na boca, os braços acabando no ar as histórias esparramadas. Enganava a morte como enganou a vida. A vida queria que ele fosse um homem mau. Ele foi um dos melhores homens deste mundo.

§ Em 1924, mandou de Paris para a *Gazeta de Notícias*, a conversa que acabava de ter com Anatole France na “Vila Said”. Entre outras coisas, havia estas:

– “Guardo do seu país uma lembrança gratíssima. Primeiro, porque ele é incontestavelmente lindo; segundo, porque ali encontrei dois homens de quem me recordo com admiração e prazer.

– Muito obrigado, mestre, pelo Brasil...

– Um desses homens foi o Sr. Rui Barbosa. Encarregado de saudar-me pela Academia Brasileira, tive ocasião de admirar, através do seu discurso, a mais vasta erudição que já pude admirar numa criatura sobre a face da terra.

– E o outro?

– Ah! foi o sr. Teixeira Mendes. Positivista, não?

– Positivista.

– Era um homem estupendo, o Sr. Mendes. Tinha sem dúvida lampejos de gênio, na sua concepção dos destinos humanos. Entretanto, por mais que nisso medite, até hoje não atinei por que motivo me profetizou que a futura capital do mundo seria Constantinopla...”

A “Vila Said” estava cheia. Os visitantes iam saindo. “Não convinha fatigar o mestre com uma visita prolongada em demasia. Ele encontrava, porém, uma palavra de encanto para todos os que se retiravam”. O Zeca foi o último. Correu a escrever as impressões. E terminou: “Agora, que estão escritas estas linhas, como que despertando de um sonho, pergunto a mim mesmo se foi verdade que passei essa hora inesquecível no convívio do mestre ilustre. Que importa! Abro a página final da *Vie em Fleur* e torno a ler, deliciado: “Amo a verdade. Mas a humanidade, que dela precisa, carece entretanto, ainda mais, da mentira, que a lisonjeira, que a consola, que lhe dá infinitas esperanças. Sem a mentira, a humanidade pereceria de desespero e tédio...”

§ O “Vagabundo” José. – José do Patrocínio Filho não mentia. O que contava era sempre verdade: a sua verdade. Essa coisa duvidosa varia em cada criatura. Uma noite, José estava recordando outra noite:

– Depois do jantar, no Savóia, em Londres, fui até à beira do Tamisa. O “fog” escondia a lua no céu; mas, que claridade maravilhosa, a da lua espalhada no “fog” caindo em cheio sobre o rio! Começou a nevar. Eu tiritava de frio, de febre, de gozo! Tive um acesso de tosse. De repente, senti que alguém punha a mão no meu ombro, e escutei uma voz amiga que dizia: “Seu Zeca, cuidado! Este clima não é bom para você, Vá para o Brasil! Vá para o Brasil!” – Virei-me: era o Eduardo.

– O Eduardo?

– Sim.

– Que Eduardo, Zeca?

– O Sétimo.

Mentira? Não. Nunca menti. Ouvi dele muitos casos, muitas sensações de viagens, de amigos, de sonhos. Tudo certo. Com um pouco de exagero, às vezes. Mas, quem é que não exagera quando abre a boca? Quem abre a boca abre a imaginação.

§ Contou: – Uma tarde, na porta d’*O País*, tive tremenda discussão com Sertório de Castro. Desaforos. Ameaças. Amigos evitaram os extremos piores. Sertório fez um desafio: – Se tiveres qualquer resto de honra, vai amanhã, às 5 horas, à Quinta da Boa Vista. Espero-te lá, ao fundo do Palácio. Vai armado! – Em casa, puxei a gaveta da secretária de Papai, estava tirando a pistola dos tempos da Abolição, o velho entrou, viu, quis saber: – Para quê essa arma? – Respondi: – Papai, eu vou matar Sertório de Castro! – Papai estremeceu, amparou-se numa cadeira e, de cabeça baixa, apenas pôde balbuciar: – Vai... Caim!...

§ Quando Jardel Jercolis estreou a sua companhia de teatro ligeiro, o Zeca era ensaiador das coristas. Só nele elas acreditavam. Só a ele, elas obedeciam. (Foram as primeiras coristas bonitas do Rio, – “mães” das que hoje se chamam “girls”.) Mas, justamente quando deviam começar os ensaios da segunda revista, Zeca adoeceu. Jardel conduziu-o para um quarto particular da Santa Casa. Todos os dias o visitava:

– Melhor?

– Um pouco.

– Fica bom logo. As coristas não querem trabalhar sem estares lá. Passavam os dias. A doença não passava.

– Zeca, a bilheteria fraquejou. Precisamos de cartaz novo. A parte falada e a cantada das atrizes e dos atores ficou pronta. Faltam os números de conjunto. As coristas...

– O “maestro” que as traga cá.

Jardel saiu correndo. Em menos de meia-hora, o quarto se encheu de caras lindas e contentes. Recostado nos travesseiros, Zeca bateu as mãos:

– Vamos! Vamos! “Maestro”, sobre a música. Vocês, coloquem-se em ordem, pelo tamanho. Vamos!

O “maestro” soprou. As coristas começaram a bailar e a cantar, de braços estendidos:

“Nós somos as mariposas...”

E Zeca, entusiasmado: – Mais rápido, mais alto! Sorriam! Vamos! Vamos! Mais graça! Volúpia! Volúpia!

Aí a madre-diretora apareceu, de mãos postas, voz aflita:

– Não... não... pelo amor de Deus!... aqui, não... Silêncio! Silêncio!

Resultado: Zeca teve que ser levado para o palco do Glória. Puseram uma cama lá, e da cama, concluiu os ensaios das “mariposas”, das “rosas”, das “plumas”, das “moças que faziam o *footing* no Flamengo”, das “lavadeiras que faziam assim, assim...”

§ Vindo de Santos, sem dinheiro, foi hospedar-se no melhor apartamento do Palace-Hotel.

– Mas, Zeca, por que você veio para aqui?

– É o que há de menos ruim nesta terra de hotéis incríveis.

§ Ganhava dois contos por mês, da Empresa Pimenta de Melo. E os bolsos sempre vazios: – Claro! Ganho bastante, e para quê, se a minha mulher tem a mania de pagar contas? É todos os meses a mesma coisa: tanto para o vendeiro, tanto para o padeiro, tanto para o quitandeiro, tanto para o açougueiro, e a lavadeira, e a Light... Assim não é possível!

§ Sergio Silva, gerente de *Para todos*, *O Malho*, *Ilustração Brasileira*, *O Tico-Tico*, revistas para as quais Zeca escrevia, resolveu não lhe pagar

mais o ordenado mensal: receberia pelas colaborações entregues. Tudo correu bem, e até melhor, no princípio. Em seguida, ele levava um trabalho e pedia a importância de dois, três, que levaria no dia seguinte. Como os dias seguintes nunca amanheciam, Sergio Silva determinou: – Nenhum adiantamento mais ao Patrocínio: é toma lá, dá cá. – Zeca chegou com uma crônica: – Você faz um “pague-se” de duzentos, que amanhã trago o que fico devendo. – Zeca, o Sergio proibiu os adiantamentos... – É só por uma noite. Trago cedo. – Espera aí. – Fui convencer o gerente. Não convenci. – Nada feito, Zeca. – Eu falo com ele. – Desceu. Falou. – Não. – Está pronto. Esqueci na pressa de sair. – Sergio, querendo apanhá-lo: – Que é? – É um conto para *Para todos*. – Ah! é um conto? – É. – Então como é o conto? – Zeca puxou uma longa fumaça. Disse: – Chama-se “O Judeu Errante”. – Como é? – É... O Judeu Errante, depois de séculos e séculos de caminhadas por todos os caminhos do mundo, caminhadas absolutamente de graça, conseguiu afinal empregar-se na firma de Liverpool George and Son, fabricantes de máquinas agrícolas. Para George and Son viajou pelos continentes e pelas ilhas, com grande proveito. Voltando de excelentes negócios na Índia, tomou quarto num hotel de Londres, sem elevadores; andando de um lado para outro, se despiu, encheu a banheira, pôs sais de alfazema na água morna; mexendo-se todo, fruiu a delícia daquele banho. O banho, em qualquer lugar da Inglaterra, é com a carta constitucional, o rosbife e Shakespeare, uma das quatro conquistas mais admiráveis do imperialismo britânico. Pulando da banheira, o Judeu Errante fez massagens com a toalha, fez ginástica respiratória, derramou perfume e talco pelo corpo, e enfim, acendendo um cigarro, pensou em repousar. Um vasto divã se oferecia, cor de vinho, à sua carne e ao seu espírito. Ia indo para o divã, o telefone tocou: – Alô? – É Ahasverus? – Sim. – Fala aqui George and Son, de Liverpool. – Sim. – Siga já para o Canadá. – Obrigado. – Vestiu-se, apanhou a valise que nem de-

sarrumara. Dirigiu-se à gerência para pagar a conta, e murmurava nos degraus da escada: – Jesus de Nazaré, na verdade, tu eras Deus! – Zeca não escreveu jamais esse conto. Uma vez, muito tempo passado, pedi que me desse “O Judeu Errante”, que eu pretendia publicar num número de Semana Santa. Ele não se lembrava...

§ O ministro da Viação, Victor Konder, que gostava muito dele, sabendo das misérias pecuniárias de Patrocínio Filho, resolveu empregá-lo: – Quer ir estudar o trânsito em Paris? – Ora... – Está nomeado. – Na véspera da partida, recebi as passagens e 20 contos de ajuda de custas. Entreguei 19 à dona Antonica (Antoinette, sua esposa). – Não são 20? – Um eu vou aumentar para mais vinte, no Cassino. – Diminuí-o tranqüilamente. Ao voltar para a casa, na Rua do Senado, às três da manhã, os meus dois cachorros Lulu e Giló estavam me esperando junto da porta. Lulu foi quem falou: – Sim senhor, seu Zeca! Amanhã, Paris! Dona Antonica, seu Zeca! Nem Giló, nem Lulu! Muito bem! Para a Rua do Senado, para latir, a todo instante, contra os credores, servimos; somos bons companheiros nesta vida mal paga pelos jornais! Agora, Paris, apartamento de luxo, dinheiro do governo... para trás, vira-latas! Gratos pela ingratidão! Feliz viagem! Prosperidades! – Ajoelhei-me, chorando, peguei os dois no colo, beijei-os: – Não! não! vocês vão também, meus amigos, meus irmãos, meus filhos! – E Giló, de voz alegre, a enxugar os olhos, para Lulu: – Eu não te dizia: o Zeca é igual! – Partimos com eles: Durante um dia inteiro, em Paris, que tragédia para alugar apartamento com os cachorros! – Cães, não! – Ao anoitecer, tive que comprar duas gaiolas e convencer o último porteiro que Giló e Lulu não eram cães, eram passarinhos do Brasil...

§ Na clínica aonde fora levado, dois dias antes de morrer, fraquíssimo, não suportando outro alimento, o médico ordenou que lhe des-

sem leite de peito. — Virá uma ama com o aparelho próprio para tirar o leite. A senhora vá servindo às colherinhas. — Doutor, estou tão nervosa, peço-lhe: mande vir a ama e ensine-me como devo fazer. — Veio a ama. O médico desnudou-lhe o peito branco, branco, de seios muito bonitos; começava a colocar o aparelho, e Zeca encantado, com a derradeira luz nos olhos, e a voz que já era uma sombra de voz, gemeu: — Doutor... — O médico aproximou-se da cama: — Meu amigo? — E Zeca, morrendo: — Não é melhor eu mamar?

§ Além do que deixou esquecido na imprensa do Rio e dos Estados, escreveu: *Mundo, Diabo & Carne*, crônicas; *A Sinistra Aventura*, romance vivido nas prisões da Inglaterra; *O Homem que Passa*, crônicas; *Quarenta anos de má vida do vagabundo José*, romance; “O Pó”, poema da cocaína; *La Pente*, romance.

§ As mentiras de José do Patrocínio Filho eram verdades que ele queria que acontecessem...

§ Felipe d’Oliveira — As coisas mais longe aparecem agora mais perto. Iluminaste todo o passado de nós dois. Estou nos olhando lá, num dia velho de março, quando nos encontramos para sempre. Ias fazer dezoito anos. Eu tinha feito vinte. Para ti, aquele dia ficou parecido comigo. É igual a ti que eu vejo aquele dia, dentro da saudade onde acordou, clara, a nossa vida. A gente vai indo, vai indo. Um dia estaca de repente. Olha para o céu, olha para o chão. Olha para a frente e vê os outros que vão indo, vão indo. Olha para trás e vê os outros que vêm vindo, vêm vindo. O princípio, ninguém sabe. O fim, ninguém imagina. — Eh! companheiro! que é que você está fazendo? — Estou vivendo igual a todos. — Igual... E a gente recomeça. Vai indo. De cabeça baixa. A vida é de cabeça baixa... Tal qual estou te escrevendo esta car-

ta. Tal qual estive relendo as cartas que me escreveste. Tu te queixavas de eu não te responder, de passar, quando vivíamos separados, meses e meses, sem uma palavra. Perdoa, Felipe. Hoje, eu te escrevo. E, para sentires quanto me lembro de ti, vão junto com esta carta umas coisas a teu respeito. Umas. Todas, quem as conseguiria? Não é possível dizer o que tu és. És sempre mais. Eu já sabia isto. Agora é que eu sinto isto. – Felipe d’Oliveira quis bem à realidade da terra. Ninguém admirou como ele, as paisagens do Brasil. Eram mais do que o seu “estado de alma”. Eram as festas dos seus sentidos, as alegrias do seu corpo, os deslumbramentos físicos, os prazeres da carne que se alongavam pelo espírito. Todas as árvores dos caminhos o conheciam. E todas as ondas do mar. A terra do Brasil confundiu em Felipe d’Oliveira o poeta e o homem. Não se separaram mais. – *Lanterna Verde*, em 1927, trouxe a integração harmoniosa dos dois. Com *Lanterna Verde*, a nossa poesia recebeu alguma coisa que não tinha: a sensibilidade da inteligência, a realidade e a sugestão unidas, envolvendo, entontecendo, maravilhando. Poesia, poesia. Gosto de palavras como bocas. Felipe d’Oliveira não chegou ao seu termo. Interrompeu-se. Ficou entre o céu e a terra, como queria. É ainda a criatura em movimento, alta em todas as idéias, profunda em todos os sentimentos. Dá a sensação da distância. Não traz a imaginação da morte. Sentiu que o seu destino era diferente. No primeiro livro que publicou, e com o título expressivo: – *Vida Extinta*, – pôs como epígrafe aquelas palavras: “E se fores só, serás todo teu”. Só. Recomeçou a vida assim, amoroso das coisas e das criaturas. Olhava-se de frente. E olhava-as bem. Das mais humildes às mais opulentas. Repórter sensorial, transformou os espetáculos visíveis em imagens, deu ressonância às vozes que se calavam, fez pensamentos de sentimentos. Os poemas da *Vida Extinta* tinham quase trinta anos em 1933. Viveram mais do que o poeta tinha vivido quando os escreveu. Alguns são do último tempo de Porto Alegre. Alguns são do

primeiro tempo do Rio. Com eles, Felipe d'Oliveira se despediu da juventude. Chamou-lhes *Vida Extinta*. Depois, outras vidas vieram. Outras vidas, depois, se extinguíram. Até a que parou, naquela manhã de fevereiro, sem mudança mais, numa estrada que ia dar em Paris. O grande rumo. Foi para onde partiu, desde que começou a viajar na expansão. "Paris. Todos descem." Nem todos ficam. Felipe ficou. O ar de exilado era o ar de Paris. Eça de Queirós lhe trouxera o sarcasmo. Machado de Assis, o ceticismo. Anatole France estilizou os dois. D'Annunzio veio acordar todos os sentidos. Maeterlinck pôs entre a realidade e o sonho uma garoa tristonha. Nietzsche não conseguiu mexer no que Dostoiévski já desarrumara: Mestres? Não. Companheiros. Amigos mais velhos. Os maiores. Dos menores, Cesário Verde era queridíssimo, longe também. E um íntimo, que estava perto, fazia as ligações: Marcelo Gama. Nenhum exerceu a influência de Paris. Se Felipe tivesse concluído a vocação de autor, seria um autor feito por uma cidade. Porque nessa cidade se encontrava. Sozinho. O homem que foi impediu o autor que devia ser. Nos poemas, nos contos, nas crônicas, nas cartas, deixou sinais luminosos. Lanternas verdes: – Passem. – Olhado, de repente, quando se passava, oferecia uma imagem. O verdadeiro, ninguém via. Em tantos que pareceu, um apenas se conservou. Um apenas, de transformação em transformação. O que sabia que era inútil chegar ao fim das coisas e não acreditava que valesse a pena qualquer esforço. O que mantinha as ilusões alheias para poder ter, ao menos, uma ilusão. O que, conscientemente, desprezava com ternura... Espanta que nada envelheceu. Tudo guardou a mesma idade. Os que leram os versos em 1911 é em 1911 que os releêm agora. Os outros, como num álbum de retratos, acharão as modas diferentes, porém hão de sentir que a poesia, que era moça, continuou moça. Ainda hoje, com os novos figurinos, os poetas de vinte anos fazem versos assim. Felipe presente, talvez esse livro não se reproduzisse. A geração

da guerra antes da guerra. Os sentimentos criados numa época sem desvarios exteriores. As palavras que não bastavam. Uma melancolia artificial, tornada mais tarde a mais natural das melancolias. E a ansiedade de ir embora... “A quantas sensações, meu velho cais, me impelles...” Na *Lanterna Verde*, de uma época de revolução literária, dentro de um ambiente de balbúrdia destruidora, contra o passado, — o poeta, na vanguarda, não permitiu que os gritos o perturbassem, não perdeu a atitude serena, e enquanto os companheiros arrasavam, tranquilamente erguia da terra as estátuas mutiladas. Entre aquelas velhas pedras talvez estivesse a poesia... Estava em muitas. Então, também o Rio Grande do Sul explica Felipe. É a sina de um povo que se manteve intacto através de todas as lutas, e que nunca voltou do combate sem trazer, nas mãos ou na alma, alguma coisa levantada do chão — salva. Eis, em ritmos modernos, a poesia que não conta idade. A poesia do mundo. A poesia da criatura. Do “Recuo Nostálgico”, onde as recordações da infância ondulam e falam, pelo amor, pelas imagens, pelas idéias, pelo desengano, até ao “Magnificat”, canto profético, de aspiração tão forte, que se realizou. Depois, “Cicatrizes nas árvores”, um longo desalento:

*Não importa o que foi.*

*Não importa o que será.*

Nós fomos, durante tantos anos, dois homens tão juntos, que juntos ficamos. Ainda é como no tempo do céu de Porto Alegre, tempo da juventude, em 1908. Ainda é como no cais do Rio de Janeiro, em 1932, quando nos despedimos, já perto da velhice. A primeira alegria. A última tristeza. A vida passou no meio. Vejo-me pensando em Felipe, pelos mesmos caminhos, pelos mesmos sonhos, e vai ele comigo, — o irmão, outro e um. E Felipe pensaria em mim como se pensasse nele. Di-

ferença apenas de conjugação. A pequena diferença da vida e da morte... Em geral, a vida separa. A morte apenas ausenta. Felipe foi sempre um homem distante. Para o conhecer, era preciso andar, procurar. Ele fez uma criação dele mesmo. Baniu a realidade. Desdenhou as coisas tais quais são. E as pessoas. E o resto. Orgulhoso? Insatisfeito. Aquele que passava pelos caminhos não era Felipe d'Oliveira. Felipe d'Oliveira ia naquele que passava pelos caminhos. Ninguém via. Confundiram-se, um momento. Iam morrer. Mas só o criador morreu. Um homem distante, que continuou a ser um homem distante. Enfim conseguido: "E se fores só, serás todo teu". Também, para Felipe d'Oliveira, o mundo exterior existia. Existia depois. A sua sensibilidade não era um espelho, não mostrava logo, efemeramente: era um filme que a inteligência revelava, fixando em pensamentos as imagens fugidias. Tinha um ar de adeus. Como se andasse sempre em despedida. Vira tudo. Não olhava mais nada. A cidade e o campo, a montanha e o mar não lhe vinham de fora. Dentro dele, os continentes e as nuvens, a luz e o vento, os jardins e os lagos, os transeuntes infinitos, formavam outro planeta, outra humanidade. Fez todas as viagens. Quando, para esquecer uma tristeza, quis traduzir um poema de Baudelaire, traduziu "L'Invitations au Voyage". Antes de partir do lugar onde foi menino, contou as sensações do afastamento: — aí estão nos versos que abrem o livro de 1909. Livro? Um caderno de impressões. Antes da *Vida Extinta*. Em seguida à *Lanterna Verde*. Poesia. Itinerário. Das frases. Dos verbos que escandalizavam. Pelas divagações enfeitadas. Até à simplicidade mais pura. No *Livro Póstumo* está quase todo o espírito de Felipe. Eis: é uma biografia despedaçada. Será alucinação dizer que Felipe pertenceu mais à terra que às criaturas? Não se tornou. Surgiu, nas diversas aparências, como uma forma em movimento no meio das formas prisioneiras. Sombra, raio de sol, canto de pássaro, água... Liberdade! Sumia-se. Voltava semelhante a qualquer de nós, edificado dentro da existência comum. Repetiu pala-

vas. Os seus sentimentos e as suas idéias, que deixaram reflexos apenas, partiam de estranhas origens. Em música, talvez se obtivesse completo, natural, universal. Deu à poesia alguns instantes. Fantasiou a certeza. O ar, a figura, aquele ar, aquela figura nunca esconderam a ansiedade do mundo maior, o mundo das ondas, das árvores, das alturas. Sempre viu uma montanha azul, longe. Muitas vezes voltou, num recuo nostálgico. Do grupo de Porto Alegre escapou para o Rio. Fez parte da geração chamada do *Fon-Fon*. Mais tarde, na Semana de Arte Moderna, Graça Aranha pôs o nome dele junto dos que saíram de lá para o descobrimento do Brasil. Quase todo o espírito de Felipe está no *Livro Póstumo*. O resto, parou nos que o amaram. Nos que o amam. Mudou muito. Quantas vezes morreu, desde o menino de Santa Maria da Boca do Monte, quando “o mundo imenso” acabava “longe, por trás da serra já quase céu de tão azul”, desde aquele menino até o homem de Auxerre! Transforma-se, pelo prazer de recordar, de rever o tempo percorrido como um livro de figuras, com as manhãs da cidade natal, os crepúsculos de Porto Alegre, as ondas das nossas praias, as nuvens das nossas montanhas, e as velhas capitais da banda de lá do mar, e os recantos lindos para onde o sol o chamava, nas suas viagens. Na sua viagem. Que assim viveu sempre: numa bela viagem. Sim a vida exterior existia para ele que a possuía toda, da terra às palavras. Mas o que resplandecia em Felipe era a exteriorização da vida interior. Era essa exteriorização que o matava um e o ressuscitava outro. Não podia morrer mais. Tinha chegado à última vida, pela perfeição unânime. Como estava, parou. É agora o definitivo Felipe: vivo. Somos nós que morremos. Vivo. Nos livros amados, nos lugares amados, nos entes amados. Era o verbo de Felipe: amar. Porque não sabia ou não queria gostar, ter amizade, estimar, querer bem, prezar. Ia ao máximo, na certeza de que, pelo caminho, seguiam as imagens efêmeras, e de que a realidade só no extremo se encontrava. A realidade...

E o amor que tu nos deste é o amor que nós te damos. Bendito sejas, irmão, pela tua vida! Bendito sejas, amigo, pela tua poesia!

§ Encontro num sonho. Sonho, sim. Esta é a palestra com que a gente começa a falar, nas fugas felizes. Ladeiras sem fim, cor de cinza, tocadas de uma luz muito branca, muito fria, — sempre a mesma. Não começava. Não acabava. — Felipe! — Alvaro! — Tu não morreste? — Não; desapareci. — Não mudaste nada! — Era assim que eu queria ficar. — E fomos, subindo, descendo, pelas ladeiras... Até aonde me levaria, se o rumor do dia não me trouxesse outra vez para a Terra?

§ Leio as cartas que Felipe mandou da Europa, em 1913, ao tio, João Daudt Filho. A última termina assim: — “... sei compreender que ‘chega o tempo de tudo’. Fiz uma viagem maravilhosa, estudei, ‘espantei-me’, diverti-me, e agora é a vez de voltar.” Na verdade, não voltou.

§ Ronald de Carvalho — Com pequenas exceções, no Brasil só se presta homenagem aos escritores quando os escritores morrem ou vão-se embora. Desconfio de que é pelo prazer que a gente tem de se ver livre deles. Ronald de Carvalho sempre foi excepcional na vida. A homenagem que lhe prestaram, às vésperas do seu embarque para a Europa, em 1931, foi mais uma para juntar às muitas que, de corpo presente e espírito alerta, recebeu no Brasil. E isso apesar do nome que lhe botaram: “futurista”. Entre nós esse nome não é bom. Numerosas pessoas de numerosos sexos decoraram as quatro sílabas terríveis e nunca mais conseguiram outra idéia. Tudo que não conhecem de vista ou de ouvido, tudo o que não surge ou soa como repetição, tudo o que é diferente — é “futurista”. E sendo “futurista”, poesia, música, teatro, dança, cinema, pintura, escultura, arquitetura, etc, sendo “futurista”,

ninguém entende. Ninguém entende porque ninguém quer entender. Teimosia... Entretanto, palavra de honra! nós somos um povo vivo, esperto, como poucos povos são no mundo. Os teimosos é que perturbam a cotação que poderíamos alcançar no universo. A cultura, da qual Ronald era a figura mais clara da nossa geração, ainda não exerceu influência no desenvolvimento social do Brasil. O desenvolvimento aqui é somado e multiplicado. Desenvolvimento de números. Os homens instruídos influem uns nos outros. O povo não toma conhecimento do fato.

§ Nunca tentei fazer a reconciliação da minha alma com o meu corpo. Discretamente, verifico que os dois não se dão: que ele pensa de um modo e ela sente de outro. Como também ignoro se um dia hão de se separar, deixo que continuem assim, desconfiados, esquivos, diferentes. De quem será a culpa?

§ Nesta idade eu podia repetir o que dizia aquela senhora alemã, de Santa Maria da Boca do Monte, sempre que se confessava: — “Eu não matei, eu não roubei, tudo mais eu fiz”.

§ Vivo de improviso, apesar de viver sem eloquência.

§ Felipe d’Oliveira teve uma grande influência sobre a feição inicial de Ronald de Carvalho. Ronald de Carvalho teve uma grande influência sobre a última feição de Felipe d’Oliveira. Assim, de relance, surgiam iguais.

Felipe contou uma manhã na praia:

*“Os corpos úmidos desenrolam  
a ronda dos troncos harmoniosos,*

*dos seios em ponta,  
 das espáduas queimadas,  
 das coxas lisas,  
 buscam-se, penetram-se à distância,  
 atropelam-se nas fugas ágeis,  
 sem perceber o rapaz corcunda, de maillot preto,  
 amargo e imóvel,  
 recurvo, arqueado em G maiúsculo,  
 que pensa, triste, a olhar de longe o atleta de camisa verde:  
 – Se o mundo fosse de corcundas,  
 eu, decerto teria nascido como ele...”*

Ronald contou uma noite na praia:

*“Cheira a mar! cheira a mar!  
 As redes pesadas batem como asas,  
 as redes úmidas palpitam no crepúsculo,  
 A praia lisa é uma cintilação de escamas...  
 Pulam raias negras no ouro da areia molhada,  
 o aço das taínhas faísca em mãos de ébano e bronze.  
 Músculos, barbatanas, vozes e estrondos, tudo se mistura...  
 Cheira a mar!”*

*O corno da lua nova brinca na crista da onda.  
 E entre as algas moles e os peludos mariscos,  
 onde se arrastam caranguejos de patas denticuladas,  
 e onde boia o olbo gelatinoso das lulas flexíveis,  
 diante da rede imensa da noite carregada de estrelas;  
 na livre melodia das águas e do espaço,  
 entupido de ar, profético, timpânico,  
 estoura orgulhosamente o papo de um baiacu...”*

Dois contemporâneos semelhantes. Na aparência rápida. Depois se via que um era da vida, o outro era dos livros. Felipe, ao sol de todo o mundo. Ronald, sob a lâmpada do seu gabinete de trabalho. Felipe, o homem, LANTERNA VERDE: “Pode passar”. Ronald, o autor, TODA A AMÉRICA: os resultados da passagem. No poema de Felipe, tudo como ele sentiu. No poema de Ronald, tudo como ele aprendeu. Ronald de Carvalho compunha. Felipe d’Oliveira trazia. Dois contemporâneos semelhantes. Mas, que diferentes!

§ Coelho Neto morreu, no dia 28 de novembro, 1934. Ele vinha de uma grande geração. Ajudou com alegria a libertar os escravos. Esteve entre os que batalharam, escrevendo e falando, pela República. Romanista, autor teatral, poeta. E como conversava! Acendedor de imagens, de sentimentos, de idéias. Acreditava num mundo bom. Foi para lá.

§ O que falta ao mar é a calma. Mas, mesmo nervoso, que grande mestre!

§ Ainda um ar de não querer que as coisas sejam como parece que são. Ainda a esperança de que as coisas sejam como na verdade são...

§ “... essa harmonia perfeita – sonho, juventude, amor, capricho, poesia e música, é sempre a mesma atração da liberdade, a mesma fascinação da loucura...” Meu querido Marcel Abraham!

§ Verlaine – Quando lhe mostraram que era o poeta Choulette, do *Lys Rouge* de Anatole France, Verlaine achou graça: – Ce cochon de France! – Talvez gostasse de ser o poeta Choulette. No fim da vida existia ao acaso. Para quem não o conhecia, era um mendigo. Pensava em coisas de que não falava. Falava de coisas em que não pensava. Por exemplo: expunha o desejo de uma casa de campo, bem longe das ta-

vernas do Bairro Latino, um recanto onde se escondesse para trabalhar... Com algum dinheiro? – Às vezes... – De repente, mesmo para quem o conhecia, pareceu estranho. Gritava. Batia as calçadas com a bengala. Tinha as atitudes de um homem que queria brigar. Entrou num restaurante, quebrou todos os copos. – Está doido! – O pintor Cazals sabia o segredo daquelas atitudes. Farto das lutas cotidianas para conseguir se manter, exausto, na miséria sem fim. Verlaine descobriu um jeito de pôr termo aos aborrecimentos. – Vou arranjar um emprego... – Um emprego? – De doido. Faço o possível para o merecer... Não se espante. Lá dentro, hei de ser um doido calmo, um doido de juízo... – Nem esse emprego obteve. Desistiu de representar a comédia inútil: – Decididamente, sou um doido mal interpretado... Entretanto, que bom que serial Uma cela, uma mesa, comida a horas certas, a vida normalizada. E que belo título nos cartões de visita:

PAUL VERLAINE

*Doido*

Hospício Sant'Ana  
Paris

§ A noite chega como um abraço...

§ É mais fácil esquecer um grande amor do que um número de telefone...

§ A Rua São José, dos dois lados, está fazendo agora, para o Rio, os cais de Paris. Com asfalto no meio, em lugar de água, e em lugar de arcas, portas abertas. Sem pontes, mas com Nossa Senhora do Parto que, afinal, não deixa de ser Notre Dame. O principal, a Rua São José possui: o livro antigo, o bom livro do acaso, o livro que a gente julga que encontra quando é ele que encontra a gente. Num canto de balcão, numa prateleira coberta de pó, lá nos acena, inesperadamente, com o seu título.

Que alegria as mãos têm ao tocá-lo! Que prazer dão as palavras da primeira página com as de um primeiro instante de intimidade! Às vezes, não é um livro só, é uma família inteira de livros. De miséria em miséria (este mundo é tão mau) – as pobres criaturas chegaram à última esperança. Foi a aventura que me aconteceu com a obra completa de Fialho d’Almeida. – Oh! Alvaro! – Amigos! – Bem vê. Esquecidos. Eu, os irmãos, o resto dos parentes. Tire-nos disto. – Tirei-os. *O País das Uvas, A Cidade do Vício, Contos, A Esquina, Vida Irônica, Barbear, Pentear, Saibam Quantos..., Aves Migradoras, todos Os Gatos*. Tomaram banho. Ganharam roupa nova. Fialho d’Almeida, que morreu pouco depois da proclamação da república em Portugal, é hoje um escritor ignorado. Não o admiraram. Tiveram medo dele. Ele dizia o que pensava. Recordam ainda o ódio que soube mostrar. Ninguém fala no amor que não soube esconder. No Brasil, onde foi tão lido, apenas o relêem uns raros homens já na metade do século, com o espírito escutando, em ressonância, aquela música solta, transformada em música das esferas, e o coração insistindo numas saudades velhas. Saudades, por exemplo, da Marta, da Velha, da Ruiva, do violoncelista Sérgio, do rapaz que roubou uma camisa. Personagens. Reflexos. Fialho não queria parecer sensível. Quando as lágrimas lhe punham um brilho diferente nas frases, logo a gargalhada de escárnio passava por cima delas e as secava. E era então mais profunda a ternura pelo poeta se esquivando, o espalhador de todos os perdões que, para se mascarar, castigava, castigava... Persuadira-se de que a posteridade não se importara de saber que ele tinha nascido em Vila de Frades, no largo da Misericórdia, numa casinha de taipas construída por pedreiros da sua gente. Por enquanto, a posteridade anda meio atrapalhada. Um dia, porém, há de ir buscá-lo no largo da Misericórdia.

§ Acordei hoje pensando em Graça Aranha. Foi como uma visita. Conversamos toda a manhã. Como quando eu subia, ao fim de um dia de

trabalho, àquele terceiro andar da praia do Russell, em frente do mar e das montanhas. Ele realizou na morte a paixão da vida: a liberdade. É no outro mundo que se é o que se quis ser, porque se deixou de ser. Neste mundo, nunca é possível. Naturalmente por causa do corpo. O corpo atrapalha muito. Por isso, Graça Aranha, que detestava a ironia, que era contra os humoristas, que classificou o sarcasmo entre as coisas passageiras, — fez a ironia mais cruel, foi um terrível humorista, cometeu um sarcasmo sem fim: deixou o corpo a quem não podia deixar o espírito. Em Graça Aranha o escritor não se enganou. Enganou-se o homem. Eis o que, na separação do homem, o escritor agora revela. Antes, ninguém sabia. Era um idealista. Era um entusiasta. Era um exagerado. Contagiava. A revolta modernista, em 1922, devia continuar a independência que se aproximava de um século. E continuou o descobrimento. Graça Aranha nos espavorira da Academia. Corremos para o Instituto Histórico... O chamado modernismo no Brasil foi o encontro com o Brasil. Éramos brasileiros por fora. Ficamos brasileiros também por dentro. O 7 de setembro teve depois o 7 de abril. O 22 de fevereiro teve depois o 19 de junho. A verdade é que aquela loucura no Teatro Municipal de São Paulo repetiu o acaso de Pedro Álvares Cabral, com a primeira missa, a carta de Caminha, os degredados. Outros estrangeiros vieram na frente. Vieram outros estrangeiros atrás. Turismo inútil. Estávamos nacionais por direito de conquista. Graça Aranha afirmou: “Contra o espírito acadêmico que leva ao diletantismo estético e à inação social, reage o espírito moderno.” O espírito moderno envelheceu bastante... Espírito é um substantivo que fracassa quando se mete com um adjetivo. O espírito, na sua solidão, não pára nos homens de um momento. O que se qualificou de moderno não foi o espírito detido, em alguns poetas; em alguns pintores; em alguns (pouquíssimos) escultores; em alguns arquitetos; em alguns (alguns?) músicos. O espírito torna-se. Não se detém, na forma, no lugar. Escandaliza. Deixa-se adotar: Faz a História, às vezes. Faz as histórias, sempre.

§ No dia do aniversário de Graça Aranha, em 1932, os amigos dele foram a São João Batista, para onde o tinham levado meses antes. Com medo, talvez, de algum orador, mandaram que eu desse o recado de todos: Dei: – Aquela coisa posta em latim na entrada do cemitério e que quer dizer simplesmente: – Volta para o teu lugar! – não me parece uma coisa séria. Isto não é lugar para ringuém. Ninguém nasce para morrer. Seria uma massada ainda maior. Todos nascem para viver, à exceção, está claro, dos que já nascem mortos. O mais amável dos filósofos escreveu certa vez que a morte é um ato da vida, e esse ato é o último. Quando a cortina se fecha, os espectadores saem, as luzes se apagam, a peça termina como representação. Mas continua existindo. Os críticos teatrais vão expor pontos de vista sobre ela e, em seguida, como sempre, – “o futuro lhe fará justiça”... Nós não entramos aqui, com o intuito de prestar homenagem a um morto. Qual de nós se lembra de Graça Aranha deitado num caixão, inerte? Pois não é com a luminosa alegria de sua presença movimentada que o vemos em nós mesmos, que o escutamos? Ele foi fazer, depois da Viagem Maravilhosa, outra viagem. Joaquim Nabuco, que amava, tinha ido antes. Chamou-o, talvez, para outra Missão noutra Europa. Ou, porque contara tudo que nos queria contar, foi enfim realizar a grande idéia. Resignara-se à fatalidade universal. Incorporado à terra, está unido aos outros homens. Tal qual imaginou e pregou: fundiu-se no Todo infinito... Onde quer que você esteja agora, nesta manhã bonita, – bom dia, Graça Aranha! Hoje é o seu aniversário e os seus amigos vieram lhe trazer um abraço e o desejo de muita felicidade.

§ Que prazer ressentir a juventude, reencontrar a admiração sem outra idéia, o querer bem, simples, tal qual, do descobrimento da vida, como uma surpresa em cada minuto, uma ternura em cada hora, o venturoso encanto de cada dia...

§ Alcântara Carreira – Cheio de gestos, falando sempre, entusiasmado, sentimentalíssimo. Português. E como queria bem ao Brasil! Queria tanto bem, que veio morrer no Brasil. Era tão português, que foi fechar os olhos no consulado do seu país. Minutos antes, conversava de planos para aproximar mais a velha pátria e a nação nova. Morreu de repente. Nem morreria de outro modo: fazia tudo às pressas.

§ Que bom encontrar você aqui, nesta paz, Cruz e Souza. Você foi-se embora com 36 anos, em 1898, e é assim que volta, com os mesmos olhos acesos, as mesmas mãos inquietas, e a sua doçura e a sua amargura, meu grande poeta negro do Brasil! Agora já sabe, vivendo entre elas, o que são as estrelas. Mas não conte. Quero guardar a dúvida d’ “As estrelas”.

*– Lá, nas celestes regiões distantes,  
No fundo melancólico da esfera,  
Nos caminhos da eterna primavera  
Do amor, eis as estrelas palpitantes.*

*Quantos mistérios andarão, errantes,  
Quantas almas em busca da químera,  
Lá das estrelas nessa paz austera,  
Soluçarão, nos altos céus radiantes.*

*Finas flores de pérolas e prata,  
Das estrelas serenas se desata  
Toda a caudal das ilusões insanas.*

*Quem sabe, pelos tempos esquecidos,  
Se as estrelas não são os ais perdidos  
Das primitivas legiões humanas?!*

Como lhe iluminaram a vida, Cruz e Souza, a vida que lhe doía, a  
“Vida obscura”:

*Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,  
Ó ser humilde entre os humildes seres.  
Embriagado, tonto de prazeres,  
O mundo para ti foi negro e duro.*

*Atravessaste no silêncio escuro  
A vida presa a trágicos deveres  
E chegaste ao saber de altos saberes,  
Tornando-te mais simples e mais puro.*

*Ninguém te viu o sentimento inquieto.  
Magoado, oculto, e aterrador, secreto,  
Que o coração te apunhalou no mundo!*

*Mas eu, que sempre te segui os passos,  
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços  
E o teu suspiro como foi profundo!*

Com as mesmas palavras, agora lhe digo, agora que Deus o escutou,  
– agora que é “Feliz”:

*Ser de beleza, de melancolia,  
Espírito de graça e de quebranto,  
Deus te bendiga o doloroso pranto,  
Enxugue as tuas lágrimas um dia.*

*Se a tua alma é de estrela e de harmonia,  
Se o que vem dela tem divino encanto,*

*Deus a proteja no sagrado manto,  
No céu, que é o vale azul da nostalgia.*

*Deus a proteja na felicidade  
Do sonho, do mistério, da saudade,  
De cânticos, de aroma e luz ardente.*

*E sê feliz e sê feliz, subindo,  
Subindo, a perfeição, na alma sentindo  
Florir e alvorecer libertamente.*

§ Hoje, o dia amanheceu bonito. Antes de vê-lo, eu já sentira que ele amanhecera bonito. A alegria dos pardais à beira da janela, contou isso aos meus ouvidos mal despertos, e o sol me chamava por entre as persianas: – Levanta-te! – Levantar-me! Não posso, amigo. E para não me magoar, cismo: – Que haverá de melhor, num dia bonito, do que ficar deitado! Levantar-me! Que responsabilidade!

§ Polaire – No *Cais das Sombras*, apareceu um homem que tinha andado pelo Panamá, durante a mocidade. Para ele, na vida, tudo era motivo para recordar o tempo da sua viagem, o tempo em que era novo e alegre. Olhei-o bem. Velho irmão! Quem não pertence à mesma família? Todos estivemos, com vinte anos, no Panamá... O nome do país pode variar, podem variar as coisas e as criaturas: o sentimento é um só. Renan, a se despedir do mundo, escutava ainda os sinos da cidade de Ys... Vejo, numa revista, guardada por isso, dois retratos de Polaire: da que conheci, da que continuou. Encontro na memória a “minha” Polaire, quando surgia aqui, nos cinemas, e quando me apareceu, de corpo e alma, num teatro do *boulevard*. Ouço-a, vejo aquele reflexo de mulher, aquela sombra de voz: “– Para mim, a vida é um dia,

um dia que passa, e vai ficando longe, longe... Adeus! Boa noite! Penso, às vezes, que toda a vida está nessas palavras... Lembrar, dói. Fazer projetos... bobagem? Que resta, então? Ah! amar, hoje, amar, amar!...” Pobre Polaire! Na revista, as duas imagens trazem um título e uma legenda: “Por que tantas cigarras e tão poucas formigas? – Polaire, das mais brilhantes rainhas de Paris, morreu de miséria, este inverno.” Estava esquecida. Quis lutar. O nome, apagado nos anúncios luminosos das grandes fachadas, foi escrito nos cartazes das paredes humildes dos subúrbios. Também de lá o tiraram. Um dia, Polaire bebeu veneno. Conseguiram salvá-la. Salvá-la!... Morreu aos pedaços. Acabou-se. Acabou-se a viagem de Polaire. Mas, com os olhos compridos, a cintura curtíssima, a cor de outono do rosto, Polaire é um trecho da viagem de muita juventude. Não é, Rodrigo Otávio Filho? Que saudade de Polaire! A esta hora, o Felipe d’Oliveira e o Ronald de Carvalho decerto conversam com ela, e falam de nós, das canções de Bruant, das “soupes à l’oignon” junto do “Moulin Rouge”, das ruas de madrugada, do Jardim do Luxemburg, dos “muguets”, das esperanças... Adeus! Boa noite! O dia passou...

§ ... Uns velhos retratos de Monna Delza. Ela morreu assim. Era mais que uma transeunte da vida. Na beleza de Monna Delza havia qualquer coisa de longe do mundo, qualquer coisa que lhe dava uma ascendência remota, um passado perdido entre as fontes e as árvores, nas florestas cheias de luz, nos bosques cheios de música. Os olhos que a viram envelheceram contentes: Monna Delza está dentro deles... Lembro-me das mulheres que encantaram a minha juventude: todas morreram moças, menos a mais bonita: Napierkowska, e a mais feia: Mistinguett.

§ De manhã cedo, hoje, quando acordei, um pássaro me disse da beira da janela: – Bem-te-vi! – E eu lhe disse: – Obrigado, amigo.

Assim é que deve ser. Agora você pode falar de mim, pois bem me viu. Isso de falar sem ver, ou vendo mal, está muito espalhado e não está direito. Certos pássaros são admiráveis, justamente porque ensinam-nos a admirar. Têm a liberdade nas asas, e todo o espaço. São imagens sentimentos, idéias.

§ A felicidade sempre vai acontecer, ou nunca acontecerá, e se apaga e se acende nas imagens do mundo nos devaneios da vida. Tudo é nada. Nada é tudo. Ah! bem que eu desejei ser músico... jardineiro... santo...! Morar num convento, tocar o harmonium na capela, cuidar das flores nos canteiros... irmão silencioso, um pouco arrependido... Vocações frustradas, não perdidas. Devo ao que não fui, isto que sou. Quis. Não tive. Guardei em mim o reflexo de tudo, como, quando anoitece, no mar, as ondas e as estrelas se misturam ao resto de sol que ficou boiando...

§ Gabriele D'Annunzio não gostava de vinho! Parece impossível, mas não gostava. Nos tempos de rico (quem "não" paga as suas dívidas, enriquece...) muito antes de ser príncipe do Monte Nevoso, – tinha uma adega para os amigos. Um dia, em Arcachon, com tonturas e sufocações, mandou chamar um médico, O médico examinou-o, perguntou: – Afinal, que é que o senhor sente? – Ah? um imenso desânimo, um enjôo sem fim! – Então o médico escreveu a receita: "Mouton-Rothchild 1895".

§ Certos companheiros das horas que ficaram batendo em nós, não nos deixam envelhecer. Não são homens. São lugares humanizados. Estamos neles. Que importa o corpo! Estamos neles, iguais. Lembro-me de que ofereci um livro de coisas infantis: "Para o rio dos Sinos, que passa por São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e que foi o

meu companheiro no tempo em que eu era um menino sem mais ninguém.” Em Porto Alegre, depois, ganhei o companheiro Riacho, de água lenta, ponte quieta, árvores encostadas umas nas outras. Já então eu sentia que cada um de nós é um pouco de Deus em sombra errante. Tive um companheiro em Paris, no Jardim do Luxemburgo, junto de Verlaine, onde os pardais pousavam. Tive um companheiro em Bruges, no cais do Rosário, em frente de uma casa cheia de flores nas janelas. Tive um companheiro em Florença, no pátio do Palácio-Velho. Agora sei bem. Em todos ficou marcada a imagem que vejo na minha alma, nesta alma que, um dia, partirá para o espaço, talvez como um pouco da névoa que envolveu a manhã, talvez como o perfume das rosas de que tirei os espinhos...

§ Há Academia propriamente dita. Há a Academia Carioca. Há a Federação das Academias de Letras. Há a Fundação Graça Aranha. Há a Sociedade Felipe d’Oliveira. Há o Pen Club. Há, também, o consultório de Jorge de Lima. Cada Academia têm quarenta membros, incompletos em geral, porque a morte implica com essa dezena. A Fundação retém oito companheiros, menos Peregrino Junior, que não pôde mais. A Sociedade, entre ausentes e presentes, conserva quinze. O Pen espera que os brasileiros cumpram com o seu dever. O consultório abre a porta a todas as compreensões e a todas as incompreensões. Poetas, romancistas, cronistas, jornalistas, autores teatrais, pintores, arquitetos, músicos, intérpretes, masculinos, femininos, etc., de maior ou menor idade, católicos, protestantes, espíritas, judeus, — os melhores, “a fina flor”, — quem desejar conhecer, suba ao décimo primeiro andar do Edifício Fontes, ao lado da Avenida, passando pelo Café Amarelinho. As Academias, a Fundação, a Sociedade, o Pen, com pagamento ou de graça, se juntam em dias certos, datas marcadas. O consultório está em sessão permanente, mesmo nos domingos e feria-

dos. Nas Academias se toma chá. Na Fundação, laranjada. Na Sociedade, café. No Pen, o que se quiser. No Consultório, injeções. As Academias, a Fundação, a Sociedade, o Pen distribuem prêmios em dinheiro. O Consultório, não. Mas dá direito a um telescópio. Pelo telescópio, de bolso vazio, os escritores e os artistas vêem a Favela, a Guanabara, Niterói e, com alguma teimosia, o céu... (1934).

§ As três palavras que mais aparecem na “Boêmia”: mocidade, amor, poesia – formam, na memória do nosso coração, o corpo, a alma, a vida de uma mulher que, sem culpa de Murger e sem culpa de Puccini, nos dá a saudade dos vinte anos, e os primeiros sofrimentos imaginados, e os versos que não escrevemos: que vivemos. Quando Mimi morre, sabendo embora que vai ressuscitar, e morrer ainda, e ainda ressuscitar, – não é por ela que choramos, é por nós... São coisas que se dizem sorrindo, mas sorrindo com tristeza. Juventude, tu és a Mimi verdadeira. A da ópera não é a do livro, a do livro não é a da realidade. A da ópera é mais a Francine do livro, e acaba sendo a Musette:

*Ontem, vendo uma andorinha  
de volta, com a primavera...*

A da realidade – revelou-a um grande médico da França, o Doutor Eugène François Toubin, em papéis que deixou, cheios de recordações da época do Rodolfo, Colline, Marcelo, Schaunard. Mimi está neles. Terrivelmente volúvel, abandonara a família; nunca se fixou numa afeição; interesseira, exigente, malcriada; o tipo da crueldade mental... (Pobre Mimi! pobre! pobre Mimi! Imagem de graça e de melancolia... retrato da ilusão, no fundo da gaveta... o que tu foste não tem importância... Tu te tornaste... Eis o que vale).

§ “Luzes da Cidade” – As pessoas que inauguram monumentos e são sempre as mesmas, vão inaugurar o monumento à Paz e à Prosperidade. Soltam os discursos. Puxam o pano que cobre a grande obra de arte. Oh! nos braços da Prosperidade está dormindo Carlitos, – Carlitos, pobre, pobre, sem outra cama em qualquer lugar. Protestos. Ameaças. – Desça! Desça! Vagabundo! Atrevido! – Carlitos cumprimenta. – Desça! – Carlitos desce. Quando desce, a espada da Paz se enfia pelas calças dele, atrapalha. Paz com espada atrapalha sempre. E depois, é mais uma história de graça e de melancolia...

§ Para variar de casos, estou com a idéia de passar uns dias no hospício. Na verdade, sempre preferi os doidos sinceros.

§ Um autor, diante de uma mulher, tem que ser sempre um autor. Às vezes, não sabe de que...

§ Em 1911, chegou aqui uma mulher de mármore que foi viver entre as árvores do Passeio Público. Tinha um nome masculino: “Crepúsculo”. Não fazia mal. Era o nome de uma hora; ficava bem numa mulher. Amei doidamente essa mulher. “Crepúsculo”... “Crepúsculo” de Weigéle. Entre as árvores e entre as grades. Depois, soltaram o jardim. As grades foram para outros climas. Restaram as árvores. Restou o lago com os cisnes. Bustos vieram. “Crepúsculo” partiu para a praia de Botafogo. Passo de ônibus todos os dias pelo corpo branco, que o tempo mal tocou... “Crepúsculo”, você talvez não saiba... Para mim, você é a minha mocidade, o dia em que ficamos amigos, e que guarda ainda o mesmo sol e a mesma alegria.

§ E ainda se diz que a vida vai andando. Andando? Correndo! Chispando! Cheia de máquinas. Já o telefone tinha acabado com as cartas, os pequenos bilhetes que, mais do que os pequenos presentes entreti-

nham a amizade. Não se escreve mais: disca-se. O telefone substituiu o papel, a pena, a tinta, o resto. O resto, Madame de Sevigné! O resto, soror Mariana! O avião, com as taxas enormes, não permitiria a São Paulo mandar aquelas epístolas aos Coríntios... A última criatura que escreve cartas neste mundo é o Dr. Sobral Pinto, e que, portanto, também louvado seja! Agora, em geral, é no “estrito necessário”, em papel quase metafísico, datilografado O melhor mesmo é falar. Justamente para que ninguém se entenda. A voz faz o amor e faz a guerra. A voz conserva a humanidade. Porque atrapalha tudo. Atrapalhação, eis o elixir da longa-vida, o único moto-contínuo possível. Teve razão a senhora que afirmou: – Falando, a gente não muda a opinião dos outros, mas, às vezes, muda a sua.

§ O telefone é o Lutero da conversa. Eu sou um velho católico Não sou, por excesso de assunto, apostólico. E nunca seria romano. Se Porto Alegre não fosse a minha terra bem amada, eu seria de Florença: o mais sereno dos florentinos, à beira do rio, na sombra das colinas, entre os ciprestes alegres.

§ Acabei de ler *Minhas Memórias dos Outros*, de Rodrigo Otávio. O “velho” Rodrigo, poeta na partida, chegou poeta. Esses livros, ele os compôs com ternura, encantamento, no parque da sua casa de verão, lá em cima, junto do Alto da Boa Vista. Rodrigo Otávio, evocando criaturas e acontecimentos, é mais moço do que nós todos. Sente-se que tudo aquilo foi escrito ao sol.

§ “La Paloma”. Gosto dela assim, de manhã, no realejo. Dá um ar de infância a tudo. Espalha uma ternura no ar. O realejo é risonho, contente, bom, esse e todos os irmãos, moam embora a mais triste, a mais lamentosa, a pior das músicas. São os Carlitos da música, os rea-

lejos. E são como aqueles discípulos de São Francisco de Assis, que andavam cantando pelas estradas da Umbria, no século XIII de Nosso Senhor Jesus Cristo...

§ *Fora de Cena* – de Anton Giulio Bragaglia – O autor desse livro é um homem de ação. O teatro para ele é um combate. Não conta derrotas. Veio vencendo sempre. Se há quem discuta os seus triunfos, não há quem não os admire. Traçou um plano. Firme, decidido, tem realizado esse plano. A arte dramática italiana, de história tão bela, possui em Bragaglia, no século, o chefe mais alto. Partiu do Teatro dos Independentes, de Roma, toda a renovação da cena viva, quando se falava em decadência e em morte. Bragaglia formou poetas, formou intérpretes, decoradores, costureiros, maquinistas, eletricitistas, a equipe completa. Mais: formou público. Em *Fora de Cena* encontramos, ainda com o ar de luta, as idéias do grande excitador de idéias, o que ele quis, o que ele conseguiu, o que ele aprendeu, o que criou. Páginas de sangue. Páginas de espírito. Espetáculo maravilhoso de inteligência, de força, de entusiasmo.

§ *A Última do Dudu*, revista de Raul Pederneiras, posta em cena num tempo de agitação política, fazia propaganda de Rui Barbosa para presidente da República. A intérprete principal era Júlia Martins. Na noite do primeiro centenário, Rui Barbosa compareceu. No dia seguinte, uma folha da tarde publicou: – “A noite de ontem, no São Pedro, foi de tripla consagração: a Rui Barbosa, Raul Pederneiras e Júlia Martins. Quando a interessante artista, virando-se para o camarote onde se achava o maior dos brasileiros, cantou, na música da “Cabocla de Caxangá”: *No Parlamento Brasileiro, há muita gente com fumaças de eminente, de estadista colossal. Mas pode o povo procurar com um prego aceso, só encontra, forte e teso, Rui Barbosa sem rival!* – o teatro quase veio abaixo de tantos aplausos.”

§ 1935 – Houve um tempo em que o Acre existiu muito. Mais do que lá, no mistério das suas paisagens e dos seus conflitos, ele vivia aqui, nas conversas e nos palpites. Toda a gente conhecia o Acre, de nome e de ouvido. Depois, entrou no esquecimento. Agora, de repente, o Acre retorna à publicidade. Não mataram ninguém. Fizeram um discurso. Quem foi o criminoso? Foi o doutor Manoel Martiniano Prado, paulista e civil. Esse patriota é o último interventor da segunda república, último no ponto de vista dos limites, último do ponto de vista das obras. Nomeado, partiu, custou a chegar, chegou afinal, tomou posse. Na posse foi que se deu o discurso. Começou: – “Crente em Deus, antes de principiar os meus trabalhos, faço o sinal da cruz na linguagem indígena da tribo dos Bororós: – Paéra, Tatrá, Langa, Tupanga, Pae.” – Continuou: – “Acho-me, agora, portanto, apto para começar a honrosa quão árdua tarefa que me foi cometida pelo governo da República dos Estados Unidos do Brasil – governar o Território do Acre, limitado ao norte e nordeste pelo Estado do Amazonas; a leste pela República da Bolívia; ao sul pelas Repúblicas da Bolívia e do Peru; e a oeste pela República do Peru. Desde 4 de fevereiro que estou concentrado espiritualmente neste torrão que nos é tão caro como qualquer outro lado do país. A 9, fui a presença do Ex.<sup>mo</sup>. Sr. Dr. Getúlio Vargas, presidente da República, acompanhado pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Vicente Ráo, ministro da Justiça, meu particular amigo e conspícuo mestre; a 11, fui nomeado interventor federal, e a 13, também de fevereiro, tomei posse do cargo. Os meus preparativos foram apenas de 15 dias – para uma viagem de cinqüenta. Estou viajando com os quatro auxiliares que já tive o prazer de vos apresentar. Partimos de São Paulo a 25 de fevereiro, escalando pela Capital Federal, e pelos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas.” – Terminou: – “Lutemos com vigor, com fé, com coração, com inteiro despre-

zo à dor e ao sofrimento. Teremos momentos de trevas, mas momentos de luz. Estes e aqueles o saber definirá, e a ciência os traduzirá.” Por causa do Senhor Manoel Martiniano Prado, eu me lembrei de um traque que certo fidalgo francês, também assim, soltou num saião onde estava Rivarol. Protestaram: – Oh! Isso é demais – Rivarol perguntou: – Mas os senhores preferiam que ele falasse?

§ Anuncia-se mais uma lei de imprensa. Eu não sou contra nenhuma lei. Mas, lei de imprensa, nunca adiantou no Brasil. O Brasil não é um país de leitores. As bocas, aqui, têm uma tiragem muito maior do que todos os jornais juntos.

§ Benedita, a poetisa cega, me contou: – Nós não podemos ver as expressões fisionômicas, porém, conhecemos melhor, pelas mudanças da voz, as coisas que pensa uma pessoa que está dizendo outras coisas.

§ Os egoístas morrem sozinhos.

§ Ironia, sarcasmo, irreverência... essas atitudes, esses gestos, essas palavras... e, de repente, Chopin surge, diz: – Confessa... – Quem é que não confessa, sem nenhuma atitude, nenhum gesto, nenhuma palavra? A música dá silêncio. A música dá verdade. A música é natural.

§ Nós todos, um a um, quantos! Como somos! Como fomos! Em cada imagem nossa, que multidão!

§ Um crítico literário perguntou, domingo: “Que quis dizer Hamlet quando disse: ‘– Ser, ou não ser... eis a questão?’” – Eu acho que Hamlet quis dizer justamente: – Ser, ou não ser... eis a questão.

§ Fim da guerra entre a Bolívia e o Paraguai. Na capital argentina, o presidente Justo chora, o Ministro Macedo Soares chora, as senhoras dos representantes dos dois países se atiram nos braços uma da outra, em lágrimas: – “Minha irmã!” – “Minha irmã!” – O ajudante em férias do General Estigarribia, com a boca cheia de mágoa, declara ao General Rodrigues, ex-inimigo: – Sinto-me feliz! – Mas não se sente, porque o General Rodrigues, de olhos molhados, não consegue dizer nada, com um nó na garganta. O Chanceler Tomas Elio solta, a custo, estas palavras: – “Comove-me ver o povo de Buenos Aires sair às ruas para demonstrar seu regozijo pela terminação da cruenta guerra do Chaco”. A comoção embarga outras vozes. Envolto pela comoção, os ilustres diplomatas assinam essa paz. Os sinos tocam, os oradores peroram, os jornais espalham. Regozijo, entusiasmo, assanhamento. Alegria nas ruas. Festa no ar. Toda a gente, gozando a folga, enchendo os cinemas, ouvindo as bandas de música, fala no fim da guerra. A guerra não acabou. O nosso Ministro do Exterior se intrometeu em negócios com os quais nada tinha que ver. Mas, quem nunca se intrometeu nesses negócios, que lhe atire a primeira pedra. Ele andou direito. Fez, sozinho, o que a Sociedade das Nações não fez. Fosse por sinceridade, ou por tradição, fosse pelo que fosse, aperto a mão do chanceler: – Muito bem, doutor! Nós somos contra a guerra. Não gostamos de brigar fora de casa. É aqui mesmo que levamos tiros. – E se eu pudesse pedir uma coisa aos inimigos reconciliados, pediria que não seguissem a moda europeia, que não levantassem túmulos aos soldados desconhecidos. Não há soldados desconhecidos. Há os soldados. Os que morreram e os que sobraram. Sem nomes. Com números. Eles já são os túmulos deles mesmos, no campo raso, em cima da terra e debaixo da terra. Os pobres soldados...

§ O que há de bom na sexta-feira é o ar de fim de semana que nela se começa a sentir. Se a gente fizesse um esforço, no poder de ilusão,

chegaria a ser absolutamente feliz, indo de trás para diante; a alegria do sábado, por ser véspera de domingo, chega na sexta-feira; por que a de sexta não chega na quinta? e a de quinta na quarta? e a de quarta na terça? e a de terça na segunda? — O fim é sempre o domingo. Vamos ganhar o nosso domingo desde segunda-feira! Foi assim que Santa Teresinha do Menino Jesus ganhou o seu céu; com as mãos cheias de rosas... O mundo melhora no domingo.

§ 1936 — No dia 22 de janeiro, em Nice, Colette se distraía, naturalmente, olhando o mar. Um homem passava pela Promenade des Anglais. Viu a bolsa de Colette. Achou-a tão bonita por fora, que logo quis saber como seria por dentro. No dia 23, Colette recebeu, com a bolsa, um bilhete: “Quando roubei a sua bolsa, ontem, ignorava que ela pertencia à grande escritora. Os jornais me informaram, disso, hoje. Peço licença para a restituir, com tudo que continha, inclusive três mil francos. Desculpe.” Vantagem de escrever num país, onde ladrões desse gênero não são analfabetos. Aqui, se desaparecesse a bolsa de Lúcia Miguel Pereira, com os cinco contos do “Prêmio Felippe, d’Oliveira”, desapareceria mesmo. Nunca mais!

§ Colette... A amarga felicidade de ser só e ser ela mesma. Logo adivinhou que nada poderia fazer com que renunciasse à vida errante, à alegria de andar entre “os senhores da terra: os vagabundos...”

§ Miguel Couto tinha recomendado a Olavo Bilac: — Nem uma gota de álcool. A sua vida depende de você abandonar toda e qualquer bebida que não seja água. — Durou mais de seis anos a abstinência. Mas ele foi a Lisboa. Em Lisboa lhe ofereceram um banquete. Antes do banquete, apareceu, em homenagem especialíssima, um vinho do Porto, de 1830. Recusar? Não ficava bem. E, para um poeta romântico, apesar de tudo, aquela data — 1830 — era irresistível: — Peguei no cálice. Sorvi um gole.

Ia dizer alguma coisa, quando, do fundo de mim, lá do fundo, bem do fundo, subiu uma voz... uma voz de ternura, uma voz de êxtase, uma voz que murmurava: – Obrigado, Bilac... obrigado...

§ Por causa do baile da Ilha Fiscal, evocado em “Joujoux et Balangandans 1941” e na qual o Ministro da Inglaterra recebeu tantos aplausos – Suzana e Helena de Figueiredo foram muito citadas. Elas, meninas, estiveram na “última festa da Monarquia”. Já tocavam piano. Já eram parecidas. Já andavam sempre juntas. Envelheceram a quatro mãos.

§ Paul Valéry descreveu uma coisa que ninguém tinha visto: *O mar, o mar sempre recomçado*. Por esse mar vão os navios. Quanta gente “fica a ver navios”! Lembranças que me deram saudades do Almirante Graça Aranha. Ele foi diretor do Loide Brasileiro. Já chegou ao último porto. Viajante de bom humor, cheio de coragem, quando pôs os pés no Loide, empalideceu e ficou triste:

– Oh!

Dívidas! Dívidas! Dívidas! Nunca imaginaria que fosse possível haver tantas dívidas! Esteve, longo tempo, mudo, derreado, irresoluto. De repente, deu uma palmada na perna mais à mão, levantou-se, saiu correndo. Era urgente conversar com o Chefe do Governo. Conversou a tarde inteira. Narrativa minuciosa, completa, aflita. Cinco horas de cifras, delírios, complicações. Concluiu, quase sem poder respirar:

– Veja só!

Getúlio Vargas, de pé, fumava e sorria. No meio da fumaça, com os olhos no ar, perguntou:

– Almirante, o senhor sabe o que Barbosa Lima disse uma vez a Affonso Penna?

– Não senhor.

– Disse-lhe – “Quem não passou pelo Loide morreu inocente”.

§ O que podia tornar monótona a vida é justamente o que lhe tira a monotonia. Tudo o que há, houve, nunca deixou de haver. Aí é que está a variedade. Falo da vida no singular, comum, única e geral, a vida da terra e das criaturas, a que nunca foi construída, a de fora para dentro, sem idade. Pessoas levadas pelas aparências pretenderam dar-lhe origens, desenvolvimentos, intenções, com etiquetas. Os chineses, os egípcios, os hindus, os judeus se meteram muito nisso. Organizaram a confusão. A confusão já pertencia à vida, e misturou o resto. Referem-se, por exemplo, os que não acreditam na Bíblia, aos antepassados: homens de cauda e homens sem cabeça. Descendemos deles. Era preciso dizer?

§ Timidez – Um dos encantos da juventude que eu tive, foi a Venus Calipígia. Aquele corpo branco me extasiava! Uma mulher de mármore, que impedia todos os fins tristes. Lembro-me dela sempre. Ela volta lá dos meus dezoito anos. É a mesma. Nenhuma intimidade a diferencçou. Nunca lhe pedi que se vestisse.

§ Manhã tão bonita, tão bonita, que eu abri os braços e lhe murmurei do fundo do coração: – Muito obrigado, manhã. Deus te conserve! – Uma gaivota no céu. Uma onda no mar. Mais ninguém. Céu limpo. Mar limpo. Cartaz de eternidade. Pelo menos, parecia. Podia ter acontecido, depois que a gaivota, sofrendo do mal daquele vagalume de Machado de Assis, quisesse ser a onda, e a onda (essas coisas pegam) quisesse ser a gaivota. Seria a guerra declarada. Mas a gaivota teve modos. A onda não fez onda. Deus conservou a manhã até agora. Deus é bom.

§ Manuel Bandeira – Jayme Ovalle fez o retrato dele em música. Portinari tinha-o feito em pintura. Ribeiro Couto andou prometendo

um Manuel Bandeira em poesia. O modelo é difícil. Manuel Bandeira vive sozinho. Apenas, de imaginação, conhece o dia; é uma idéia que a janela lhe traz. Para Manuel Bandeira, a rua é de tarde ou de noite. Quando o vi, pela primeira vez, há muitos anos, na casa de Tobias Moscoso, pensei que era “sombra”... De uma criatura cismarenta, alheada, tristonha, na minha terra se diz que é “sombra”. Gosto dessa palavra com essa significação. Não há outra na língua do Brasil e de Portugal que defina tão sugestivamente quem vai por entre os demais, sem reflexo, sem comunicação, perto mas longe. Não é “distante”, como traduziu Joaquim Nabuco. Não é “songa-monga”, como escrevem os puristas. Nem “macambúzio”, nem “tonto”, nem “aluado”. Não fala. Não se mete. Aparece menos nos pequenos lugares do que nas grandes cidades. Some-se tal qual surgiu, em silêncio. Ninguém fica sabendo o que sentiu, o que meditou. Sombra da vida... Depois, nos acostumamos a ser amigos, desses amigos para sempre. Descobri que o pensamento inicial devia mudar um pouco. Manuel Bandeira, “sombra”, está cheio de claridade. Não pôs máscara. A dor cresceu. O espanto aumentou. Mas também a ternura atingiu o ponto mais alto, e uma bondade imensa envolveu coisas e entes. Aconteceu com Manuel Bandeira, que, apesar de tudo, guardou intacta a sua vocação. Se o instinto, de quando em quando, quis se indignar, a inteligência o persuadiu de que não vale a pena. Igual a Jules Laforgue, o autor da “Balada das três mulheres do sabonete de Araxá” chegou à certeza igual: de renascer sarcástico. É preciso pressa para louvar um homem que é um poeta e que confunde com tanta pureza os dois. Creio que somos a última geração em que isso é possível. Estamos representando os pontos finais.

§ Certas criaturas só existem quando estão perto. Morrem na distância. E quando por acaso reaparecem, metem cada susto! Mas outras, mesmo longe, vivem sempre. A gente nunca se esquece delas. A

gente nunca se esqueceu de Yvonne Daumerie. Yvonne Daumerie voltou. Anda pelo Rio desde a semana passada. E é como se não tivesse deixado de andar. Como se aquele adeus na gare da Central, há anos, fosse de brinquedo. Fininha, com a sua mistura de França, Alemanha, Bahia e São Paulo, essa artista que se admira pelos sentidos e se quer pelo espírito, é toda brasileira. Sentada, de violão no colo, canta coisas velhas e coisas novas, coisas sem idade, que embalam, acariciam, dão alegria, dão saudade. Na voz de Yvonne a serenata ficou sonhando, a última serenata, numa rua antiga, com o lampião saudoso e o luar de Nosso Senhor...

§ Embora Álvares de Azevedo, que morreu em 1852, seja mais moço do que eu, e apesar de várias calamidades subseqüentes, ainda não pensei em deixar a vida:

*... como deixa o tédio  
do deserto, o poento caminheiro.*

Gosto disto aqui. Aprendi, mais ou menos, o jeito que isto tem. Não me zango. Não me lamento. Vou indo. Há tanta coisa para pensar...

§ Sempre olhei para os jardins, com doçura e gratidão. Eles são as minhas aldeias. Tão sossegados! Só nos jardins há amores perfeitos. Só nos jardins, os cravos não são para crucificar, nem ferrar. E as rosas, que sinceridade!

§ A flor é uma obra-prima. Entretanto, quando se diz de uma mulher ou de um homem: — É uma flor! — a gente vê logo que se trata de uma mulher ou de um homem sem nenhuma importância.

§ Espalharam insistentemente que o diabo, depois de velho, se fez ermitão. Se é verdade, o que tudo leva a crer, por que continuam a pôr no diabo as culpas de todas as coisas ruins que acontecem? Isso não me parece sério. O diabo sempre foi um anjo muito mal julgado. Ele agora deve estar tratando da sua horta, e do pomar e do jardim da casa de campo onde se refugiou, há tantos anos, em algum lugar do mundo. Uma ovelha, qualquer pássaro feliz, flores, um raio de sol na soleira da porta; de quando em quando uma boa chuva; o vento a ondular a alegria do trigo... Simples, tranqüilo, com todos os sentimentos em paz, – assim viverá o antigo revolucionário. Poucos livros na prateleira: Epicuro, Horácio, Heine, Francis Jammes, a *Bíblia*, a *Divina Comédia*, o *Dom Quixote*, *Hamlet*. O diabo é das vésperas da inauguração do mundo. Quem sabe se o levante que o baniu do céu não foi um protesto pela inauguração premeditada?

§ Francis Jammes morava em Orthez. De tão longe, eu lhe queria bem como a um irmão mais velho, que tinha ido, havia muitos anos, para a França. Francis Jammes não morreu em Orthez, onde viveu, e onde nasceram quase todos os seus poemas. Num, disse a Deus: *Chamaste-me para junto dos homens. Aqui estou. Sofro e amo. Falo com a voz que me deste. Escrevo com as palavras que ensinaste a minha mãe e a meu pai, de quem as aprendi. Irei para onde quiseres, quando quiseres. Foi para o Paraíso, porque não há inferno na terra do bom Deus. Foi, decerto, como desejava, com os burros do caminho, os doces amigos do céu azul, que amava tanto. Chegou lá em cima, seguido de milhares de orelhas, e os anjos o conduziram para junto dos regatos em cujas águas tremem cerejas lisas como a carne, que ri, da juventude. Tornou-se (assim pretendia tornar-se) igual aos burros, que refletem a humildade e suave pobreza na limpidez do amor eterno. A ausência de Francis Jammes fez a terra menos sincera, menos simples. Como que Francis Jammes levou a inocência que restava. Naquela tarde de*

novembro, em uma esquina, tão triste, com uns balaios de verduras, um burro cismava. Cheguei perto dele, dei a notícia: – Francis Jammes morreu. – O burro me olhou profundamente, baixou a cabeça, ficou mais triste. Entendi o que disse o olhar: – Não espalhe essa notícia. – Em Francis Jammes, por toda a idade, os sentidos nunca se fatigaram. Alegres sempre, sempre surpresos, no sol, na neve, nas horas calmas, nas tempestades. Com as barbas longas, o cachimbo, o bastão, lavrador e criador, andando, poeta rústico. Nunca mais passará pelas estradas, mas deixou uma presença, leve como uma sombra, de ternura e de graça, deixou um gosto de amor na vida, e a ressonância das palavras mais bonitas do mundo, entre as árvores e as fontes, das nuvens do céu da França às tulipas do jardim de Clara d’Ellebeuse. Entretanto, chegara a uma conclusão um pouco desiludida: esta, diante de um dos seus amigos: – “Burro pequeno, burro pobre, cor de cinza, mais triste que a carroça que vais puxando, – perdeste as forças, só podes fazer isso. Acabou-se a mocidade burro pequeno, burro pobre, cor de cinza! Mas, que importam os últimos maus tratos? não é pelos teus passos lentos, é porque tu és tu, que te pisam o coração. Meu irmão, resta a esperança de que, um dia, na fonte onde se debruça o Paraíso, havemos de beber uma água boa como a sombra das árvores ao meio-dia. Esqueceremos, então, os que hoje nos magoam, os que não compreenderam, neste mundo, o sentido da nossa voz. Contudo, ainda receio, ó burro tão finamente poeta, que, mesmo no céu, os homens continuem iguais, e que nós não deixaremos de ser o que somos.” – Se eu possuísse poderes, declarava Francis Jammes santo: São Francis Jammes, tio de Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeiro dos que rezam para que os outros vivam felizes, para que as crianças não morram, para que as mulheres sejam sempre belas, para que haja, todas as noites, estrelas no céu, e flores no campo, todas as manhãs...

§ Definitivamente, é preciso acabar com o analfabetismo. Porque a humanidade está nervosa, e o melhor tratamento para essas doenças da inteligência e da sensibilidade, é o livro. Um médico de Paris fez curas estupendas com receitas de poemas, romances, crônicas, impressões de viagens. Doutores norte-americanos difundem a biblioterapia. Os agitados, que iam às farmácias, vão agora às livrarias. E, como exemplo da grande terapêutica, anda na citação dos novos especialistas, o leitor dos cais do Sena, tranquilo e pensativo, junto de uma arca, de olhos pousados em páginas de prosa ou de verso, naquele ar de Paris, onde Flaubert sentiu “eflúvios amorosos e emanações espirituais...” Fui um leitor assim. Vejo-me ainda lá. Ouço a minha voz de vinte anos: — Amigo, foi preciso viver, viver, viver, para atingir a tão pura simplicidade. Os excessos ficaram no caminho. Hoje, você dá, aos que o escutam, o essencial. Os que o escutam lhe pedem mais, a você que teve alegrias, que teve amarguras, e tem esperanças; a você que continuou sorrindo. Bem imagino que, desde longe, seguiu o conselho do sábio: dos dois pães que possuía, trocou o melhor por uma rosa.

§ Não sei se pelo resto do Brasil foi assim. Aqui foi. Durante uns dias, em 1936, o Pen Club deu muito nos jornais e nas revistas. Houve um congresso das seções internacionais, na capital da Argentina, e a capital do Brasil hospedou rapidamente alguns dos mais célebres escritores do mundo. Era estado de guerra. Temia-se uma invasão estrangeira, misteriosa, que, só dois anos depois, se descobriu qual era. Jules Romains pareceu suspeito. Wells, também. O Sr. J. E. de Macedo Soares pôs um artigo no *Diário Carioca* para avisar aos seus leitores que Wells era “um velho maníaco”, e Jules Romains era “agente provocador do Komintern, muito mais conhecido pela sua venalidade e corrupção do que pela sua literatura de quinta classe”. Não aconteceu nada. Tudo se misturou na imensa atrapalhão. Outros congressos se

abriram. Outros congressos se fecharam. O sol começou a explorar as próprias manchas. O excesso de velocidade com que as gerações agora se sucedem, trouxe gente nova, numerosa, e é possível que essa gente também ignore o que é o Pen Club. Vale apenas recordar que o Pen Club é de maior idade. Nasceu de uma escritora inglesa. Dawson Scott, com a idéia de aproximar os intelectuais de todas as pátrias, – poetas, ensaístas, novelistas, os profissionais eminentes da pena, capazes de desfazer desconfianças, de extinguir ódios. Na primeira reunião, em Londres, no mês de maio de 1923, foi excluída a seção alemã pelo veto da seção belga...

§ Um viajante deu esta impressão sobre a casa, em Hollywood, de Charlie Chaplin: “É a casa de um homem que tem um pouco de medo dos outros homens.”

- § José Lins do Rego suspirou:
- Quem tinha razão era o marquês!
  - Que marquês, Zé Lins?
  - O de Sade!

§ Naquela noite, de 1936, lá em casa, o fundador de *Dom Casmurro* gritou de repente: – Falta a epígrafe! – A epígrafe? – Sim, uma frase ao lado do título. Qualquer coisa que seja como o resumo do programa. A do “Fígaro” é de Beaumarchais. – Então temos que encontrar isso no *Dom Casmurro* de Machado de Assis. – Ótimo! – Reli até a madrugada o *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Nada servia para a idéia de Bricio de Abreu. Eis porém que Escobar foi fazer saliências entre as ondas, e morreu. Um capítulo mais, cheguei ao CXXIII, justamente chamado “Olhos de ressaca”: – “Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance

consternou a todos. Muitos homens choravam, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver, tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas, poucas e caladas.” Parei, para piscar. Debaixo dos meus olhos com sono, quatro palavras ficaram dançando: “A confusão era geral.” Pronto! A epígrafe! Porque o jornal ia viver num tempo em que, com enterro ou sem enterro, a confusão era geral. De tal maneira geral, que não pôde mais – caiu na guerra. Esta é a história. A lenda não demorou. A lenda deu à frase de Machado de Assis uma intenção que Machado de Assis nunca imaginaria, um destino que o velho humorista, capaz de todas as caricaturas, jamais haveria de supor. Ela se espalhou pela imprensa, pela literatura, pela oratória: “Como disse Machado de Assis: a confusão era geral...” “A célebre sentença de Machado de Assis: a confusão era geral...” “Tinha razão Machado de Assis: a confusão era geral...” Etc., etc., etc. A confusão era geral. De Klopstock se dizia na Alemanha: “Todos o elogiam. Ninguém o lê.” Não é bem o caso de Machado de Assis no Brasil. Todos o elogiam. Alguns o lêem. Mas são sempre os mesmos...

§ Fim de semana. Começo de quê? Se não houvesse sábado, para que serviria o domingo? Não é o descanso que importa. Ninguém descansa, O que importa é o sentimento do descanso. Acordar podendo ir aonde quiser! Fazer a paz do corpo com a alma, casal amoroso, mas que briga demais. Serenidade. Boca tranqüila. Cismas sem conseqüências. Um filósofo, também poeta, murmura junto de nós: – “Lá dentro, nos subso-los da alma, há um contínuo rumor de vozes. Vozes que nos aliviariam da ação, se as escutássemos. Escutemos essas vozes de quando em quando, e embora sensíveis à sua harmonia enganadora, que elas sejam para nós, como o repouso de um remador que põe o barco a vela”.

§ O que importa é a Natureza. O céu, a terra, o mar. Esta manhã de hoje. Num começo de dia assim, que prazer melhor que o de concordar encantadamente que o filósofo não se enganou: – O mundo é a nossa representação.

§ Os olhos das corujas condenam. Os olhos dos burros perdoam.

§ João Baptista do Espírito Santo, o cidadão Pingô, apareceu radiante: – Tirei o primeiro lugar no concurso da melhor poesia ao meu santo! – Aperte! Você tem a poesia aí? – Não. Mas sei de cor o começo. Olhe:

*São João Batista,  
Filho das excelsas virtudes  
De Santa Isabel e de São Zacharias,  
Primo da Santíssima Virgem Maria!  
Salve a grande alegria!*

– Hein? – Lindo! – Os julgadores foram o bispo D. Mamede, o padre Assis Memória e os doutores Jorge Maia, Oscar Guerra Fontes e Renato Travassos. Dona Iveta Ribeiro tirou o segundo lugar. Boa noite. – Boa noite, Pingô.

§ Carta de empresário teatral a crítico também: São Paulo, 1 de agosto de 1937 – “Meu querido Mello Nogueira – Li agora, no *Correio Paulistano*, a sua notícia a propósito d’O NOVIÇO pela minha Companhia. Você achou louvável o meu gesto repondo em cena “essa velharia”. É que eu sou amigo de todas as velharias, meu amigo. Mas escreveu que não gostou da interpretação da “Troupe Moreyra”. Naturalmente a comparou com a dos artistas da criação. Mesmo que os de

hoje sejam melhores, estão reproduzindo, fora da época, tipos que você conheceu de perto, naquele tempo em que, segundo o próprio Martins Penna, as vocações nunca se realizavam. Além disso, quando assistiu a O NOVIÇO pela primeira vez, em 1837, o Mello Nogueira, tudo leva a crer, era mais moço; tinha fé, tinha esperança, tinha caridade; tinha, talvez, outras virtudes menos citadas e que não resistiram ao uso. Apreciei a sinceridade ‘Não consegui entender os cenários.’ Apreciei tanto, que até me atrevo a este conselho: Na segunda edição, amplie a sinceridade diga o que lhe vier à cabeça e declare no fim: ‘Não consegui entender nada.’ Sempre ao seu dispor, com encantada ternura. – Alvaro Moreyra.”

§ A música de Debussy desmancha todas as linhas, não se fixa em nenhuma forma. Água, vale entardecendo, luar, silêncio que acorda, jardim.

§ Maio, 1937 – Há muitos anos Rockefeller tinha voltado a mamar. Alimentava-se nos peitos das amas, como qualquer criança de mãe sem leite. Só isso era humano em Rockefeller. No mais, não, nunca. Nem mesmo quando distribuía, para obras beneméritas, umas sobras da infinita fortuna. Tinha quase um século, domingo passado. A morte chegou, de repente, tapou-lhe a boca. E o rei do Petróleo, abafado, desceu ao último poço. Boa noite!

§ Baudelaire, Verlaine, Mallarmé, os Sãos Joões Batistas do Simbolismo. Jules Laforgue, Francis Jammes, todos os Evangelistas... Maeterlinck, Rodenbach, Samain, Antonio Nobre, Eugenio de Castro... Vejo Yolanda de Mercioritto, com aquelas olheiras, aquele andar lento de quem chegava da bruma de Carrière, uma canção florentina na boca, o sol do cais Voltaire na cabeça. Meias pretas. Chapéu-

salgueiro. Ninguém falava sobre Hollywood; nem sobre cinema, muito. Rádio era nome de outra coisa. Adorávamos a voz da água, caindo no tanque dos chafarizes. O século tinha dez anos, e bons modos. Yolanda de Mercioritto, não faz mal que você esteja no céu. É para você que Debussy continua tocando. Você é a Colombina de Willette. Você é a mulher triste de Steinlen, sentada no chão, chorando ao homem do seu amor: – Tu! tu queres me deixar? – Se você entendesse esta língua, gostaria de ouvir uns poetas do Brasil: Alphonsus de Guimaraens, que viveu numa cidade de Minas, chamada Mariana, irmã mais pobre de Assis; Cruz e Souza, neto de escravos negros; B. Lopes, conde, marquês, às vezes duque, feliz no seu palácio maravilhoso, na verdade um quarto de casa de cômodos; Mario Pederneiras, parecido com o homem que dava pão para os passarinhos das Tulherias. Augusto dos Anjos, – dos anjos rebelados...

§ A beleza não é o corpo. É um sentimento do corpo. Não é a alma. É uma imagem da alma. Está no desejo. Está na saudade. Música nos olhos. Palavra que se aperta nas mãos. O último, longo, longo adeus à vida...

§ Logan Pearsalt Smith: – Quantos homens vendem as suas almas, e vivem depois, em sã consciência, do produto da venda!

§ Reportagem. Esta palavra tem para mim um tamanho enorme. Foi ela que roubou o prestígio que possuía, no tempo dos meus avós, aquela outra palavra: literatura. Stefan Zweig, mais que poeta, autor teatral, novelista, biógrafo, crítico, é repórter. Ele anda pela história, pela vida, pelo mundo, procurando notícias. Toda obra dele é jornal, ótimo jornal, bom jornal, jornal assim-assim, jornal mau, e até péssimo.

§ Houve um longo intervalo nas atividades da cena brasileira. As gerações mais novas, que não freqüentam os espetáculos das temporadas estrangeiras, – principalmente, quase que exclusivamente pelo cinema, têm alguma noção do teatro. Certos filmes, grandes peças sem o texto completo, (e em geral em inglês) dão idéia do teatro, como os álbuns dos museus dão idéia da pintura e da escultura. Já existiu público aqui. Dele sobraram espectadores. É preciso aumentar o número de espectadores, fazer de todos, outra vez, público. Para isso, o repertório de companhias ambulantes, com sua finalidade cultural e educativa, será acessível, comovendo ou divertindo, juntando a sala ao palco, na ilusão de algumas horas. O essencial, na peça. Atrizes e atores confundidos nas personagens. Nada de pomposo, de deslumbrante, no palco; nada que distraia a atenção da tragédia ou da comédia; câmara, um ou outro acessório, para localizar a ação. Ambiente criado, antes da cortina aberta, pela música, e, em seguida, pela luz. Com a continuidade e a paz do trabalho, o programa se desenvolverá, até conseguir tornar o teatro o que tem que ser: uma arte unanimemente popular.

§ Outubro 1937 – Só agora os jornais, aqui, deram notícia do fuzilamento de Garcia Lorca pelos “nacionalistas” da Espanha. Telegrama da Associated Press, que custou a chegar: “Segundo noticia o jornal socialista de Valência, *Adelante*, os insurretos fuzilaram o conhecido poeta andaluz Federico Garcia Lorca, cujos poemas, inspirados no rico “folk-lore” da Andaluzia, refletem a vida e as aspirações dos humildes trabalhadores espanhóis.” Há seis meses, a imprensa de Buenos Aires tinha informado os seus leitores, dessa triste verdade.

§ Nos telegramas que vêm da Espanha, ao menos os nomes dos lugares são verdadeiros. Entre os nomes muito repetidos, está o da Ilha de Mayorca, em pleno delírio da guerra civil. Miguel de Unamuno,

nas *Andanzas y Visiones Españolas* escreveu, um dia, sobre Mayorca: “Nesta ilha, erguida como um refúgio em meio do mar latino, se respira calma”. Até as ilhas mudam!

§ A capital dos Farrapos foi, algum tempo, Viamão. Viamão possuía uma igreja, igual a tantas da época, cheia de santos cobertos de ouro, prata, pedras preciosas. Quando as “forças legais”, numerosíssimas e armadíssimas, se aproximavam, os chefes revolucionários, não lhes querendo dar o gosto da chacina, decidiram levar os seus soldados para lugar mais próprio a uma batalha de muitos que não sabiam o que faziam, contra poucos, bem conscientes de que estavam lutando pela felicidade de todos. Foram à igreja, tiraram uns bocados daquele tesouro, e, como recibo, escreveram no altar-mor: “Os pobres não têm, os ricos não dão, os santos que paguem.” O comandante das tropas do governo teve vontade de descobrir quem teria escrito, O capelão, que era italiano gritou: — Ah, foi aquele bandido do Garibaldi!

§ O poeta Alfred de Musset sentiu que se guarda nas mãos o perfume das rosas desfolhadas. Saudade. Desejo foi o de Paul Eluard: — Em cima da casa do riso, um pássaro ri nas suas asas. O mundo está tão leve, que saiu do lugar, e tão alegre, que não sente falta de nada... Certeza: “Bendita sois entre as mulheres”...

§ Não é envelhecer que entristece, — é não encontrar mais moços... Parece que a minha geração foi a última que teve vinte anos...

§ Casa fechada. Uma voz lá dentro. A multidão pára na rua, escutando. A voz canta sem saber que a multidão parou na rua, escutando.

§ História... significação... movimento de idéias... certezas que o tempo modifica. A vida foi boa, mas errada. A vida vai ser ótima, e cer-

ta. Por enquanto, é o intervalo. Só se fala em guerra. A guerra pertence à morte. Mas, a morte é ainda um ato da vida, – garantiu o amigo Montaigne – o ato que termina a peça. O intervalo é essa excitação, que não tem nada a que ver com a vida, embora as aparências. Pelo menos com a vida humana, a vida fora já de todas as florestas. Vamos cuidar dela. Como quem cuida de uma roseira que plantou. As mãos que a botaram na terra eram mãos moças e alegres. Moças e alegres, outras mãos colherão as rosas. Vamos cuidar da vida! Vamos cuidar da vida!

§ 1938 – A morte de Karl von Ossietzki, em Berlim, não comoveu o mundo, que já não tem tempo para essas coisas. O mundo sabia que o grande escritor estava preso desde 1933, por odiar a guerra; que, no campo de concentração, ficara tuberculoso; que tendo ganho mas não recebido, o Prêmio Nobel da Paz, de 1935, fora transferido para um cárcere da capital alemã, onde ficou agonizando. Sabia... E, por imaginar inútil, o mundo nada fez para dar aos últimos dias de Karl von Ossietzki a sensação da liberdade...

§ Foi também pelo ar de ilha que eles têm. Mas foi principalmente pela pura poesia de todos, pelo encanto em que me envolveram durante uma hora deste tempo, pela inocência, pelo prazer, pela não intenção. Senti que surgiram iguais às flores do campo, ao vô das aves, à água das fontes, à luz das estrelas. Tão simples, tão naturais, tão verdadeiros! Foi por isso e foi por muito mais que eu os admirei e fiquei amando. Ali não houve a sabotagem que o poeta dizia que se chamava educação e escola, e que despoja a criança das suas próprias riquezas para as substituir por lugares comuns. Não houve mestres que enchessem de prevenções os pequenos artistas e lhes perturbassem a descoberta das coisas e das criaturas. Fazer assim, com os meios pobres, é fazer como Fra Angelico, como os irmãos primitivos, que, depois de bem cansados, nós vamos

procurar, para que nos dêem um pouco de sonho, um pouco de esquecimento, com a melancolia de rever o que queríamos ter sido, com a felicidade de não pensar no que tivemos de ser. Essa exposição é um louvor à vida. Em duzentos pintores apenas dois (os mais velhos...) se impressionaram com a guerra. Os outros contaram as ruas, as feiras, os circos, árvores, bichos, gente querida. Sinceros. Exatos. Sem nenhum sentimento de ridículo. As cores passaram com ternura pelas imagens. Num recanto de cidade a multidão aparece reunida e é uma cidade que se encontra, tal qual o céu de Carlitos, muito mais céu que o de Santo Tomás de Aquino... Arte? Então! Arte dos meninos que nunca cresceram: Rousseau, Modigliani... Arte de Marie Laurencin, que ainda não fez quinze anos, e do nosso Luiz Soares, que morreu com a mesma idade... Arte de Cícero Dias... Não se explica.

§ Há cidades como amigas. Não precisam estar perto para serem sentidas. Vou para junto delas quando quero. Vejo-as, ouço-as, aspiro-as, descanso as minhas mãos nas suas mãos, e tenho na boca o gosto que elas têm. Muitas vezes, custo a voltar.

§ Exclamas: – Não espero mais nada neste mundo! – É o que estás fazendo...

§ Abro, folheio o meu “diário”, – nome de luxo de umas palavras pobres, guardadas de longe em longe, menos com as sensações presentes do que com os pensamentos que nasceram delas... O que me impressiona mais é a letra. Como a letra muda! Diário... Melhor: caderno de esboços. Daqui eu poderia tirar retratos, paisagens, naturezas mortas.

§ 14 junho 1938 – Campeonato mundial de futebol. Jogo de desempate entre brasileiros e tchecoslovacos. Aglomerados junto

do rádio, vejo meus filhos e os amigos de meus filhos, nervosos, aflitos, às vezes desvairados, acompanhando pela voz do espiqueiro em Bordeaux, o primeiro tempo, perdido, e o segundo, ganho. Quero protestar, esclarecer, inculcar nessa juventude outras preferências. E subitamente me lembro do tempo em que eu ia gozar e sofrer, nervoso, aflito, às vezes desvairado, na Praça de Touros, em Porto. Alegre... Os homens são sempre os mesmos. E os touros também. O resto é consequência.

§ Cécile Sorel esteve no Rio, foi a São Paulo, voltou ao Rio, foi a Buenos Aires, voltou a Paris. Desmanchou de novo a sua casa. Foi morar num convento. Continua a ser uma grande atriz fora do palco. No palco, não conseguiu isso. Ninguém via a intérprete. Todos viam a mulher. A mulher cartaz. D'Annunzio no Carnaval: o príncipe do Monte Nevoso fantasiado de Condessa de Ségur, “in memoriam”. Cécile Sorel não teria fugido do Museu Grévin? Falta-me a coragem de verificar se ela é ou não é de cera...

§ As moedas da glória; Machado de Assis, quinhentos réis; o Duque de Caxias, dois mil réis...

§ 1938 – Tão de casa, tão da gente... Ninguém podia pensar que Alfonso Reyes fosse embora. E foi. Esteve longe dois anos. Voltou. Voltou por uns dias: – Agora sou embaixador de emergência... – Veio ao Brasil tratar da colocação do petróleo mexicano. Se o ouvisse, Julien Benda de certo o condenaria: – Mais um “clerc” que traiu! – Erro. Trair é um verbo que Alfonso Reyes não aprendeu. Do tempo de “clerc”, guardou a inteligência afiadíssima, a graça da cultura, a profunda compreensão dos entes e dos casos. Falaram nele para diretor da Universidade do México. Aceitaria, se outras preocupações não o im-

pedissem, no momento. Tinha a idéia de formar, ao lado da Universidade atual, uma casa nova de altos estudos, com os professores expulsos pelas ditaduras européias. O desejo de Alfonso Reyes é não sair mais do México. Construiu, num bairro inaugurado há pouco, a sua casa: — A minha livraria. Para guardar os trinta mil volumes que conservei, fechados em caixões. Uma grande sala para eles, e um quarto pequeno para dormir, com uma mesa para comer. Falou de Cardenas, o que fez, o que faz, o que fará: — Cardenas não tem a vaidade do poder. Tem a melancolia do poder.

§,.. “esta Salamanca em que vivo, luto e me encho de raiva”. Disse assim, há muitos anos, Miguel de Unamuno. Disse depois: “Não posso viver sem discussões e sem contradições.” Foi lá, naquela Salamanca, que Alfonso Reyes conversou, uma tarde, com ele, e trouxe a imagem do homem que apenas por fora envelhecia: — “Relampeja, estronda, lança raios falando... Parece que está alerta ao grito de todos os povos. E, às vezes, parece que encosta a cabeça sobre o coração da gente, como um médico. Um homem: anjo e demônio, rebeldia santa e santa humildade, guerra civil na consciência; investida e sede de concórdia ao mesmo tempo, e sobretudo, sentimento trágico da vida”.

§ No mundo assim, cheio de notícias de coisas que não acontecem, ninguém acredita mais em ninguém. Para saber o que houve, ou há, ou vai haver, a gente procura informações longe da realidade. Lá é que a realidade existe. Milhões de vidas andam em torno dos corpos em movimento pela terra. São os anjos da guarda. São os espíritos protetores. São os nossos irmãos do espaço. Alguns estiveram conosco, aqui. Alguns se tornaram nossos amigos porque compreenderam que precisávamos deles, e nos amaram desde que assistiram às tonturas dos nossos passos, aos nossos enganos, às nossas confusões.

§ A ilha. Ela devia existir. Não se imagina em vão. Não se deseja em vão. A esperança tem sempre no sólido, no líquido, no fluido, um ponto de apoio. Devia existir a nossa ilha, a ilha do descanso, para viver com as alegrias abolidas nos continentes e nas outras ilhas. Para lembrar o tempo que perdeu o espaço e não encontrou a relatividade. A ilha existe. Não! não se chama Brocoió! Chama-se Comacina. Fica perto daquela Tremezzina bem amada de Stendhal. Pequena, com vestígios de habitantes remotos, o lago em torno, e todo o firmamento. Deserta há muitos séculos. De legado em legado, chegou a pertencer a um senhor Caprani, que morreu em 1919, deixando-a para o rei Alberto, dos belgas. O rei Alberto, escalador de montanhas, fez presente dela ao governo italiano, e confessou a intenção do presente: que fosse ali o mundo calmo dos poetas, dos músicos, dos pintores e escultores, dos artistas do mundo violento. Não foi até agora. Será, um dia. Basta saber que a ilha existe. Sem egoísmo. Quando, enfim, a povoarem, os donos do mundo calmo convidarão os inquilinos do mundo violento para umas férias entre as suas árvores, nos seus jardins. Umas férias, umas curas.

§ À vezes, eu converso comigo... Já comecei a falar sozinho... Antes eu cantava sozinho... Foi a voz que baixou...

§ Muitas pessoas enlouquecem por falta de imaginação, muitas por excesso de imaginação. As outras são indecisas.

§ No Brasil, com quarenta, quarenta e cinco anos, começamos a entregar os pontos. É a nossa idade perigosa, O pessimismo entra pela cabeça em forma de importância, sisudez, solenidade. Acaba-se a vida, O que vale é a experiência... Pedra que muito rola não cria limo... Frases feitas. Provérbios. Noções atrapalhadas. Experiência, — de que? E

essa mania de ser pedra e criar limo, – para quê? Uma pessoa bem conservada por dentro escandaliza por fora: – Oh! Você não leva nada a sério! É preciso ter juízo! – Mas, meu senhor, ter juízo de tal maneira, é ser, entre as criaturas, como é a Suíça entre as nações... A Suíça, pelos seus queijos, pelos seus relógios, pelos seus sanatórios, possui um grande cartaz. Os que se convenceram de que não há refeição completa sem queijo; os que adotaram, mesmo antes da Inglaterra prometer a independência à Índia, a pontualidade inglesa; os tuberculosos ricos que, se não morrem, acabam subindo montanhas, – preferem, cada um no caso pessoal, a Suíça. As paisagens, lá, são funcionárias públicas, de carreira, a neve é vitalícia, como a anedota de Guilherme Tell. E que instituições! E que neutralidade!

§ *Às vezes, passo horas inteiras,  
Olhos fitos nestas braseiras,  
Sonhando o tempo que lá vai;  
E jornadaio em fantasia  
Essas jornadas que eu fazia  
Ao velho Douro, mais meu Pai...*

Braseiras... o velho Douro... meu Pai... não tenho... Mas o tempo que lá vai... mas essas jornadas... como há! como há! Alcides Gonzaga me mandou de Porto Alegre o livro que escreveu sobre *Homens e Coisas de Jornal*. Lá me fui. Fiz uma viagem de ternura à minha cidade e à minha juventude. Que linda viagem! Que viagem boa!

§ Entre, seu ano. Sem cerimônia. A casa é sua. Damos mesa para você comer, cama para você dormir, janelas para olhar o mundo. Todas as despesas correm por nossa conta. Fique à vontade. Mostre as surpresas quando tiver tempo. Por enquanto é o ano bom. Esse adjeti-

vo se transforma sempre, desde a chegada do primeiro ano ao mundo. Cai o *b*, o *m* do fim pula para o princípio, o *o* do meio resvala para o fim, um *a* que não havia surge entre os dois. E o que em I de janeiro era bom, em 31 de dezembro é mau. Conseqüências da intimidade. Um ano, afinal, embora não se verifique, é um homem como qualquer homem. Os chineses dizem que os animais, vivendo juntos, terminam se amando, e que o os homens, vivendo juntos, terminam se odiando. Talvez os chineses exagerem. Nem todos os homens são japoneses. Na verdade, existem mais homens que se amam, do que homens que se odeiam. Apenas, eles não sabem. Alguns, por falta de matéria prima. Alguns, por excesso. Mas que a vida vale a pena de ser vivida, vale. A prova é que tem continuado, e justamente pelo amor.

§ Toda a vida está em Shakespeare. Esta prisão! Os condenados apenas mudam de cadeia... Romeu e Julieta, Hamlet, os dois Macbeth, Otelo, Shylock, Próspero, Rosalinda, o rei Lear e todos os reis, Júlio César, Antônio e Cleópatra... Condenados dos condenados... Até Ariel, envolto na sua própria liberdade...

§ Hamlet. A loucura fingida. Mas, depois? A desconfiança de tudo, não era a loucura verdadeira? ou foi a prova do grande juízo, do senso melhor? Um isolado. “Introvertido”, como se diz, hoje, em certas casas de saúde. Pensava demais. Extinguiu nele qualquer sentimento. Fez da vida uma idéia fixa. Não se quis matar porque não acreditava que a morte desse a liberdade. Prisioneiro...

§ Oh, a necessidade de espectadores!... Que seria dos nossos grandes sentimentos, que seria de tudo que gozamos, de tudo que sofreremos, se não tivéssemos quem nos assistisse!? Somos espectadores uns dos outros.

§ A imaginação, às vezes, inventa a felicidade; às vezes, inventa coisas piores; mas, afinal, sempre espairose.

§ Os ramos das árvores balançam para nós. As asas dos pássaros batem para nós. O mar está cheio de companheiros, que não vemos. O sol, quando nasce, nasce, de verdade, para todos...

§ 1939 – Preso há onze dias com outros “elementos perigosos ao regime”. Hoje entrou um espelho, aqui. Foi uma alegria: o cubículo se encheu de caras conhecidas...

§ Eu tenho pena é do meu anjo da guarda... Coitado! teve que vir comigo...

§ Nunca pensei que a água fosse tão triste!

§ Li, reli a bula das Pílulas Carter’s para o fígado: – o romance da vida interior...

§ A leitura da *Bíblia* é principalmente recomendável no inverno. Por vários motivos. Porque as noites frias nascem antes e morrem depois das noites quentes. Porque o rei Salomão é um grande brasileiro. Porque os profetas fazem pensar no Aleijadinho, que os criou de novo, em pedra sabão. Porque quem nunca perdeu a cabeça por causa de Salomé, que atire em São João Batista a primeira pedra. Etc. Mas acima de tudo, porque a Terra Prometida põe nas desilusões da gente, o aviso útil de como é inútil desejar. Ninguém entra na Terra Prometida. Moisés é apenas um ancestral. Canaan continua intacta. Se nós não fôssemos tão teimosos, já teríamos tratado de outra vida. A *Bíblia* ensina a humildade. Decaímos bastante desde aquele tempo. Que homem,

agora, seria capaz de parar o sol, como Josué? Que homem, agora, arranjaria uma escada para subir ao sol, como Jacó?

§ O que há de melhor na vida, é viver. Não adianta nada, sei. Porém, morrer, que é que adianta? Vamos vivendo! Vamos vivendo! Recordo, comparo (agora tenho tempo) acho que fui anjo mesmo. Sou um anjo desempregado, descendente daqueles do capítulo VI, 2, da “Gênese”: “Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que dentre elas lhes agradaram mais.” Eis o que foi a verdadeira revolta dos anjos. Falta-me o físico do papel. Em compensação, ninguém percebe que são as asas que me atrapalham. Mas eu não quero voar... Com esses aviões a jato!

§ Eu ia tomar o ônibus ao anoitecer, pensando devagar. Meti-me naquela espécie de curral, onde outros passageiros esperavam antes de mim, e onde outros passageiros vieram esperar depois de mim. Quando o ônibus chegou, trazia lugar para todos. Mas os que estavam na frente começaram a se empurrar e os que estavam atrás julgavam talvez que era o último ônibus do mundo, e não queriam perdê-lo. Eu não empurrei ninguém. Um senhor supôs assim. Expliquei: – Não, senhor. Eu sou apenas uma conseqüência... – E fiz uma viagem triste.

§ Jean-Luis Guez de Balzac, que morreu em 1654, deixou escrito: – “Não devemos encerrar nos mesmos limites todas as espécies de espíritos, nem julgar imediatamente mau o que é apenas extraordinário. Não devemos ser como aquele pobre homem da Noruega que, na primeira vez em que viu rosas, recuou, com medo de queimar os dedos, e espantado de que as árvores estivessem acesas.”

§ Em 1936, o Ministro da Educação enviou uma carta-circular aos escritores, pedindo-lhes os títulos de vinte peças, obras-primas, com sentido universal e humano, que despertassem interesse no grande público e constituíssem a base de uma biblioteca de teatro. Pirandello apareceu bastante nas respostas. Os seis personagens à procura de autor compareceram em quase todas. E só numa foram seis. Nas outras, foram três, quatro, cinco, sete, oito...

§ Tenho um filho que é do Botafogo, tenho outro filho que é do Fluminense, ainda tenho outro filho que é do Flamengo. – Como é que um pai assim pode saber a verdade?

§ Tantos telegramas, do mundo inteiro, publicados pelos jornais, se resumem, afinal, no telegrama de Hamburgo contando que, numa das ruas principais da cidade, os transeuntes, de súbito, desandaram a fazer contorções, a gritar, possessos. Gatos miavam, cães latiam, em cambalhotas fantásticas. Cavalos, aos relinchos, tombavam, como atingidos por tremendos raios. A polícia, vindo a disparada, teve que entrar na dança. Que acontecera? Um curto-circuito, provocado por um cabo de alta-tensão, solto. Ora, com mais, ou menos contorções, gritos, miados, latidos, relinchos, o mundo não se parece com a rua de Hamburgo? Tudo isso, desentendimentos, ameaças, raivas, barulhos, na Europa, na Ásia, na África, na América, talvez na Oceania, isto tudo não é um bailado? O bailado do curto-circuito? É preciso consertar o cabo da vida...

§ Quando, na Europa, há um século, a liberdade saiu do abafamento da Santa Aliança, foi pela voz dos poetas que falou. Voltaire era como se estivesse vivo, em Paris, e em Paris o povo declamava Béranger, e queria ver “O Tartufo” em todos os teatros.

§ Sim, isto é tristeza. Na sala, indo, vindo, comigo, silêncio, abandono. Mas, um raio de sol vem pousar na minha mão, uma flor entra

pelos meus olhos, parece que escuto passos queridos, parece que ouço palavras desejadas, escancaro a janela, fico alegre entre o céu e a terra. As manhãs são sempre moças. Vive a cidade. Vive a praia. E lá em cima, na serra, como se estará perto do céu!

§ As minhas rosas se esqueceram de que tinham espinhos. As minhas abelhas se esqueceram de que tinham ferrões.

§ Foi Ruskin quem me ensinou que é preciso combater, destruir o que não é belo. Se a beleza existe nos nossos sonhos, deve existir também na realidade cotidiana.

§ O que é preciso é ter paciência. Mais paciência que esperança. A esperança tira a surpresa da realidade. A realidade já existe em nós, no que imaginamos, no que supomos gostoso de possuir. A paciência ajuda a ficar sem nenhum plano exato, sem qualquer certeza, e isso, meu Deus, – é ótimo! De repente, o que acontece de feliz enche de graça a vida...

§ Marques Rebelo – Por causa dele falaram em Machado de Assis, Ribeiro Couto, Antonio de Alcântara Machado. Entretanto, Marques Rebelo não tem influência de nenhum. O espetáculo que os quatro viram é que é parecido. Machado de Assis viu com mais desprezo. Ribeiro Couto, com mais ternura. Antonio de Alcântara Machado, com mais alegria. Marques Rebelo vê com tudo isso e ainda com uma bruta vontade de dar vaia. Vontade só. Logo se arrepende. O assobio não sai da boca. Os dedos que armara para o assobio, formam no ar um sinal camarada de cumprimento: – Olá! como vais? – Marques Rebelo conta as ruas que viu, a gente, as casas, paisagens dos bairros pobres, velhos funcionários públicos, rapazes de clubes, mães ativas, papais retirados dos negócios, moleques jogadores de gude e de futebol, as fi-

guras, os cenários, os enredos de todas essas vidas espalhadas no meio da vida, imaginando a realidade, esperando que, um dia, a sorte há de melhorar...

§ Sebastião Antão da Silveira. – Prazer. – Era um homem alto, magro, triste. Tinha escrito uma comédia e vinha lê-la. Queria “uma opinião sincera”. Expunha idéias que não são comuns nas comédias, principalmente nas que se representam. Pensava em divertir, ensinando. – Faça o favor de ler. – Leu. Ouvi e vi. A voz do autor criava as personagens no ar. Em poucos minutos a minha sala estava cheia. Boa gente, em geral. A verdade é que fiquei gostando de Sebastião Antão da Silveira. Não seria otimista. Mas não perdera a esperança. Acreditava ainda, e muito, na força que há nas palavras: – O que importa é dizer as palavras, é espalhá-las. – Às vezes isso se torna difícil... – Não existe nada difícil. – Então agradei àquele homem alto, magro, e triste, a certeza que me dava, de que vale a pena viver. – Viver, sim! E falar, falar sempre. Observe: tudo tem voz na natureza. Não são apenas os animais que falam. Falam as pedras, falam as árvores, falam as águas. – Conversou mais. Partiu. Ainda me apareceu três vezes. Depois, silenciosamente, se atirou no mar.

§ No nosso tempo, a grande guerra, aquela que ia ser a última guerra, separou o começo do século do resto que ainda íamos viver. Separou com desespero, primeiro; com ironia, em seguida. O desespero permaneceu entre os que sobraram dela, mutilados no corpo ou mutilados no espírito. A ironia sorriu na boca da gente que acompanhou tudo de longe, transida, enganada. Houve, por isso, os sentimentos e as idéias, as atitudes e os hábitos de antes da guerra, e os hábitos e as atitudes, as idéias e os sentimentos de depois da guerra. Nos discursos, nos jornais, nas comédias, nas fitas, nas salas onde se dançava, nas salas

onde se conversava, e nas ruas d'aquém e d'além mar, — antes e depois da guerra substituíram o antes e o depois de Cristo, também substituídos pela Revolução Francesa e reintegrados sem que ninguém percebesse ao certo por que se tinham ido e por que voltaram... Depois da guerra, — que logro! Durante vinte anos, depois do armistício de 1918, a propaganda contra a guerra constituiu uma obsessão do mundo. Políticos, artistas, escritores, jornalistas, religiosos, ateus, toda a gente, nas suas adjacências, pregava contra o horror da mais trágica das destruições. Conferências de desarmamento, pactos, livros, peças de teatro, quadros, estátuas, sermões, discursos, a imprensa em geral, qualquer atividade humana, tudo estava a postos para combater o instinto de combater. Nada impediu que a guerra continuasse. Continuou. Como se diz: “em estado latente.” Ah, latentíssimo!... Naturalmente porque a propaganda obrigava a lembrar. Guerra sempre existiu. Guerra sempre existe. Guerra sempre existirá. Dos vastos fenômenos que enchem o mundo e o justificam, os econômicos são os fenômenos mais velhos, e os mais robustos ainda. Eles organizam a marcha da humanidade, a enorme marcha da fome, que vem, pelos caminhos do tempo, desde os dias primitivos, e há de ir, pelos mesmos caminhos, até que o sol se apague e o congelamento geral suspenda todas as dívidas, definitivamente. Já se definiu a guerra como um negócio. Certo. Mas um negócio brotado de outros negócios. É assim que se escreve a história. À beira da história, é costume repetir-se que “tudo compreender é tudo perdoar”. Ora, não se trata de perdoar. Não há culpas. Trata-se de amar, amar de verdade, humildemente, solidariamente, resignadamente, porque valemos tão pouco, que uma picada de cobra dá cabo de nós num instante, como aconteceu a Cleópatra, que era rainha e tinha amplos poderes, como acontece a qualquer mulher e a qualquer homem, ainda hoje, no Egito e no resto da geografia universal. Sedativos!

§ Como esta luz é nova! Como este ar é alegre! E o escândalo do frio, no sol que parece de volta de uma gripe! Está tudo dançando na claridade que a chuva de ontem lustrou. Está tudo cantando. É uma cidade? ou é uma opereta?

§ Condição — *Pela estrada plana, toc, toc, toc... Nunca foi ferrado, nunca usou retranca... Toc, toc, toc... tão ingênuo e humilde... Ah! o burrinho que o poeta Guerra Junqueiro viu uma tarde, num caminho sossegado! Se eu nascer de novo (só Deus sabe!) quero ser como aquele burrinho... tal qual... Desejo de um homem que se cansou um pouco de ser homem e que não se consolaria, em tempo algum, de ser fera...*

§ Sylvia Bertine falava acarinhando as palavras...

§ Campo. Paz. A paz bucólica, a única paz possível por enquanto. Assim existi hoje, durante as horas claras, meio vago, meio distante, meio feliz. O frio ajudou. O frio ajuda sempre. É uma viagem...

§ De 1927 para cá a população da Turquia aumentou de quatro milhões e meio. Efeito, sem dúvida, da queda do véu que, antes, tapava a cara das mulheres. Depois, elas casaram muito mais.

§ Dia cor de mofo. Ruas apinhadas. Gente que passa. Gente que não passa. Toda a gente com o ar de que amanhã é domingo. Vou andando. Entro num cinema. A sala de espera dá para a calçada. Chega da calçada um rumor confuso. Apago os ouvidos, devagar. Fico a viver pelos olhos. Esparramo-os em torno. Sorvo as figuras que estão ali como eu também estou, à espera do toque. Junto de mim, desmanchada sobre o sofá, uma senhora “mapa-múndi” torce, distraída, entre os dedos de unhas que parecem ovos de canária, o programa. Quando

percebe que a miro, estira os beijos num amuo, solta o programa, comprime com as mãos todos os seios. Baixo a cabeça. Felizmente a campainha dá o sinal. A multidão segue para a porta do outro mundo. Desfaço-me na multidão.

§ Apenas uma vez fixei os olhos de uma coruja. Baixei a cabeça, para sempre. São os olhos do juízo final.

§ Cada um, na vida, vê apenas o “seu” caso. E acha que esse é que é o caso da vida...

§ Molière tinha um avô que gostava de comédias. Isso explica o mundo inteiro. A vida é uma preferência que se prolonga, é um hábito adquirido, que se passa adiante. Imaginação, criação, religião, na terra, na água, no ar. Houve um avô. O resto é consequência...

§ Na língua do Brasil, herdada de Portugal, mãe é nome feio. Não vamos entristecer por isso. Na língua da França não há nada mais impróprio de se dizer que “sagrado nome de Deus”.

§ Este cigarro, que é meu... este silêncio, que é meu... este livro, que é meu... E a noite grande, que é de todos, mas que me dá a melancolia deste cigarro, a tranquilidade deste silêncio, a solidão deste livro... Ah! se viver fosse apenas assim!...

§ Tempo de guerra – Agora não se deve repetir que “a verdade e o azeite andam sempre por cima”. Por muitos motivos. Principalmente porque não há azeite.

§ Vivi muito em Portugal. Fui o mais de Bruges, de todos os que houve, e há, nascidos à beira daqueles canais, ou espalhados em

poesia pelo mundo. A minha cidade era Bruges. Era lá que eu passava os dias, andando, parando, adorando. Depois, conheci Florença. Quis ficar junto dela. Tinha muitos amigos em Florença, além de Lourenço de Médicis. Mas, em certa manhã de fevereiro, o homem do trem gritou: “Paris”! Oscar Wilde descobrira que os americanos bons, quando morrem, vão para Paris. Em mim ia apenas um vago brasileiro. Nunca mais voltei inteiramente de Paris. Nunca ninguém voltou inteiramente da juventude. Continuo sendo devoto de São Francisco de Assis, e ainda não pedi nenhuma graça a Frei Fabiano. Por essas e outras, agora me veio esta confusão: – Será que sou traidor da pátria? – Joaquim Nabuco, graças a Deus, me esclarece: – “Nós brasileiros, o mesmo podemos dizer dos outros povos americanos, pertencemos à América pelo sedimento novo, flutuante, do nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, começa o predomínio destas sobre aquele. A nossa imaginação não pode deixar de ser européia, isto é, de ser “humana”; ela não pára na Primeira Missa no Brasil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta; segue pelas civilizações todas da humanidade...”

§ Se eu não fosse o que sou, queria ser isto mesmo, – ou, então, veterinário...

§ Gilberto Freyre e José Lins do Rego foram ao Rio Grande do Sul e não acharam o gaúcho. Em compensação descobriram lá muita gente desnutrida. Isso, contado aos jornais, na volta, escandalizou os admiradores do sociólogo e do romancista. Uma condenação enorme saiu sobre eles. Muitas pessoas deixaram de acreditar na verdade da *Casa Grande e Senzala*, e o *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, passou a ser o ci-

clo do algodão, ou da castanha-do-Pará, ou da borracha, de qualquer outra coisa, real ou imaginada; da cana-de-açúcar é que não foi mais. Assim apressadamente, se destruiu a obra de um grande observador do passado e de um grande colhedor de material humano! Ora, a culpa não pertence a Gilberto Freyre e eu proclamo a inocência de José Lins do Rego. Saint-Hilaire, por exemplo, viajou pelo Brasil e não pregou nenhuma mentira. Mas Saint-Hilaire não viveu num tempo em que se andava de avião. Saint-Hilaire viveu num tempo em que se andava a cavalo. Eis o que explica o interesse dos seus depoimentos, “sempre tão inteligente e sobretudo sinceros”. Mais do que se pensa, o veículo dá o ar das épocas. Embora sem voar, hoje, raras pessoas vão de trem ou de automóvel ou de navio, de um lugar para outro. É a metafísica dos meios de transportes. Multiplicam-se as linhas dos caminhos de ferro. Juntam-se estradas de rodagem a estradas de rodagem. Os mares e os rios se enchem de embarcações grandes e pequenas. Aparências... O avião ronca em cima das nossas cabeças. Lá dentro é que seguimos de Copacabana para a Avenida, da Avenida para Congonhas do Campo, de Congonhas do Campo para Aracaju, etc., etc., etc. Machado de Assis, contemporâneo do tálburi, nunca quis entrar num táxi. Ilusão de Machado de Assis! No *Memorial de Ayres*, o último livro, quem é que não escuta o relógio marcando? O que aconteceu com Gilberto Freyre e José Lins do Rego foi que olharam tudo do alto, no meio das nuvens, onde não chegam as bombachas e os chiripás do homem das coxilhas, e de onde a humanidade, do Norte, do Sul, do Centro, do Leste, do Oeste, aparece igual, e dá a mesma impressão de fome...

§ Poesia da noite que chega, tão natural, tão humana; poesia. companhia, poesia irmã, poesia mulher, de admirar, de querer bem, de pedir como as crianças: – Mais... mais!

§ A semana tem que ser de Nietzsche. É uma semana de outubro, mês em que nasceu e morreu esse homem-clarão. Lembrá-lo agora é, para os que estão na minha idade, como voltar à juventude... Nós sabíamos Nietzsche de cor e o declamávamos em toda a parte... Ele formava a nossa realidade e a nossa poesia no tempo da poesia e da realidade. Por muitos anos nos acompanhou assim. Depois, tudo se confundiu na poeira e na cerração. Foi um deserto sem céu.

§ É talvez porque Jean Cocteau foi buscar na infância *A Bela e a Fera*, e teve pena de transformar em estátuas as duas irmãs más da que foi rainha por ser Bela e por ser Boa. É talvez porque vim cismando, da última sessão, na noite fria. É talvez... Meu Deus; bem sabeis... Desde aquela noite, ando com poesia, como andam outros com moléstias muito mais graves. Esta, apenas, é incurável, e, graças a vós, meu Pai e Criador, que a mandastes ao mundo, sem remédio...

§ Li um livro intitulado *Refutações e Estudos da Língua Portuguesa*. Ao longo de cento e cinquenta páginas, o autor discute se deve escrever *egreja* ou *igreja*, *hoje* ou *oje*, *bontem* ou *ontem*; apresenta o resultado de pesquisas sobre as palavras *fortuna*, *detalhe*, *assassinato* e mais quarenta galicismos; descompõe furiosamente a letra *b*, etc. Eu tinha ouvido falar em livros assim. É o primeiro que vejo. Que coisa interessante! Penso nas pessoas que se entregam a tão inocente mania. Felizes! Nunca se encontra o nome delas em revoluções. Os sucessos nacionais deixam serenos os seus espíritos. Não serão pessoas de progresso. São pessoas de ordem. Se a gramática fosse obrigatória, o mundo todo ficava em paz...

§ Quando Viana Moog veio ao Rio, em 1938, estava em grande evidência. *Eça de Queirós e o Século XX* aparecera um mês antes, e os jor-

nais, todos os dias, traziam coisas sobre ele. Houve a idéia de se oferecer um almoço ao escritor do Sul, já bem conhecido e admirado pelos seus livros anteriores e pela colaboração na imprensa. Almoço em geral, sem preconceitos, com mortais e imortais. Fui encarregado de convidar alguns dos imortais. Telefonei para Olegário Marianno, Ademar Tavares, Pedro Calmon. Aderiram imediatamente. Telefonei para Afrânio Peixoto, com quem não tinha intimidade, embora o bem que lhe queria. Mal acabei de dar o recado, Afrânio Peixoto respondeu:

– Peço que me desculpe. Não posso ir. Não conheço o senhor Viana Moog. Não sei de quem se trata.

Também pedi desculpa. Dei boa noite. Sou pelas telefonadas rápidas. Viana Moog era um assunto longo. Boa noite. Dois ou três dias, depois do almoço, Pedro Calmon, num ônibus, me contou: – Sabe? O Afrânio está desolado. Ele supôs que era uma “blague” sua... que Viana Moog não existisse...

§ Não faz frio, mas estreou a companhia francesa. É o inverno, estação mundana, a grande elegância. O Municipal, é verdade, não se enche como nos invernos decaídos, quando havia Senado, havia Câmara, havia acumulações. Também os vestidos diminuíram o prazer que davam. Três, cinco, talvez sete recordam o passado no espaço. Os outros recordam no tempo. E esclarecem a teoria da relatividade. Eles têm um ar pesaroso, distante, exausto. Estão fartos de ser vestidos. São assim. Foram diferentes. Sofreram cortes. Fazendas de café transformadas em fazendas de algodão. Subsídios impossíveis. Vencimentos difíceis. Pobres vestidos! Vestidos dos males o menor: se os substituíssem de todo, não sobrava o preço das assinaturas. Vestidos operados. Modernos por isso, nos seus panos, de outrora: recorreram à cirurgia plástica. Todos os anos, na mesma época, vêm os artistas de Paris. Em

1940, o reaparecimento deles, na noite em que o pedido de armistício saíra da cabeça do Marechal Pétain, foi um espetáculo triste. Depois da peça (peça norte-americana), o diretor René Rocher reuniu a companhia no palco e disse (ele chorava, a companhia chorava, o público chorava), disse a dor de rever a gente querida do Rio de Janeiro, num instante de luto para a França. Foi até agora, a única novidade do repertório, O mais que se tem seguido, – uma lástima! Apenas “Le Paquebot Tenacity”, de Charles Vildrac, consolou quem ainda teima em preferir o teatro ao cinema.

§ Não quero saber dos outros motivos de raiva contra a guerra. Ela me causa horror porque eu sou da geração dos 3 francos e 50. Custavam 3 francos e 50 os livros que em seguida foram custando 7, 9, 12, 15, 18, 20, 50, 100 e não pararam de custar mais, O amor dos livros é um amor que não morre. Hoje, cada um de nós, já tendo aprendido que o homem sem dinheiro é um mutilado, pode responder à sua alma como *Silvia Setala à Sireneta*:

- Onde estão as tuas mãos?
- Dei-as ao meu amor...

§ Idéia de Leopoldo Fróes. Todos a ampararam. Casa dos Artistas! Mantida de luta em luta, o milagre de não haver caído ilumina os trabalhadores do palco. Não só não caiu cá embaixo, na cidade, como, ainda, levantou em Jacarepaguá o Retiro para os inválidos. Ninguém pensa que é desgraça ser artista. Não. O inválido está na sua propriedade, junto dos companheiros, em família. A terra, tão bonita! Tão bom o ar! Grandes árvores. Flores. Silêncio com pássaros e borboletas. Quando a noite chega, nos quartos, sozinhos, ou reunidos, na sala, os moradores do Retiro podem ouvir as vozes de antigamente, vozes de outras noites, chamando por eles, aclamando-os. Duzentos, talvez, já

viveram lá. Dos bens gloriosos aos que passaram ignorados. A lembrança de certos nomes comove: Apolônia Pinto, Cinira, Gabriela Montani, Luiza de Oliveira, Manuel Mattos, Colás, o Visconde Guimarães... Quantos amores! Quantos triunfos! Ganharam fortunas. Elas foram lindas! Eles foram fatais. O Retiro é a parte estática da Casa dos Artistas. A parte dinâmica, o Sindicato, produz-se na cidade. Foi a Casa dos Artistas que deu profissão de verdade aos artistas teatrais, pelo conseguimento da Lei Getúlio Vargas. A Casa dos Artistas não quer saber que religião, que política seguem os artistas, nem onde eles nasceram. Quer saber apenas que são artistas, que foram artistas; abre-lhes as portas: – Entrem, a casa é de vocês.

§ Visita ao Retiro dos Artistas. Encontrei lá Jenny Cook, fascinação dos meus doze anos, com Atalanta, no Parque da Exposição, em Porto Alegre. Jenny Cook cantava canções. Atalanta caminhava no arame. Jenny Cook já fez oitenta anos e não se lembra de nada. Foi mostrar, igual às outras artistas que vivem juntas naquele silêncio de Jacarepaguá, o seu quarto. Jenny Cook foi a única que acendeu a luz, apesar do dia claro e das janelas abertas. Onde estará Atalanta?

§ É lá em Jacarepaguá. As árvores são as árvores bonitas que nunca deitaram as suas sombras sobre o asfalto. Os pássaros que voam e cantam de dia, ainda não ouviram outros cantos, ainda não viram outros vôos. A água sobe da terra pura. A luz desce do céu intato. O ar tem a bondade da solidão. De noite, no silêncio que os grilos e os sapos cortam em pedaços, as estrelas parecem esses pedaços... Mas, há um portão, e adiante há uma casa. Uma “vila”. Como se chama? Os nomes das “vilas” são egoístas em geral, sempre com um *meu* antecedendo um desejo, um repouso, um sonho. O nome da “vila” de Jacarepaguá não é egoísta, não ostenta nenhuma posse íntima, nem no

portão nem na casa. A “vila” de Jacarepaguá chama-se “Retiro dos Artistas”. As mulheres e os homens que envelhecem sem fortuna ou são inutilizados pela doença, – nas outras profissões morrem de esmolas ou são recolhidos a asilos e hospitais de caridade. A gente de teatro, quando não pode mais trabalhar, vai para a casa que é dela, livre das amolações da propriedade. E não precisa, para isso, ser contribuinte. E, para isso, não precisa ter nascido no Brasil. Perguntei a um homem quantos anos passara ali. Respondeu que onze. – Deve estar acostumado? – De dia. Porque, ao chegar da noite, na hora em que se começava a viver, é uma tristeza... – Outro homem desabafou: – Nos países onde o teatro existe, um velho ator é sempre procurado, influi até na bilheteria. Não vêm nele a idade, vêm a arte. No Brasil, o enxotam. Vá morrer longe! Uma desgraça! – Uma mulher, da janela do quarto, apontando para o céu, me fez esta confidência: – Tenho uma estrela que aparece para mim. Pisca, pisca, pisca. Tão alegre! É a minha estrela... – Eu disse a outra mulher: – É tudo branco e azul no seu quarto... – Ela sorriu, triste: – Sou portuguesa. – Todos os quartos parecem camarins: flores de papel, coisas bordadas, retratos, figuras nas paredes, um espelho... – Os homens mostram as fotografias da mocidade: – Eu fui assim... – As mulheres: – Sou eu. – E elas e eles, no fim da vida, têm todos, junto da cama, uma folhinha e um despertador...

§ A manhã de hoje foi de ventania. Em geral, eu concordo com tudo. Não sei a razão de nada. Mas, humildemente, suspiro: – Ventania, não. Ventania, é demais. E fico, metido no meu canto, à espera de que as rajadas desistam. Quando elas desistem, um gosto de felicidade me enche a vida. Eis aí: a felicidade vem sempre depois. A felicidade é a lembrança de um momento em que se foi infeliz. Isso, claro, varia conforme as vítimas. Às vezes, pode ser o contrário. Há

até felicidades que acontecem uma vez, e continuam firmes pelo resto da vida. Raras. Conheci uma. O dono era da Bahia. E era orador e enfermeiro. Trabalhava num hospital de São José dos Campos. Foi lá que o encontrei. Declarou-me alguns discursos, deu-me tapas simpáticos nos ombros, descobriu-me o segredo da sua felicidade. A sua felicidade não vinha das relações íntimas com a eloquência; nem vinha do prazer daquele ar e daquelas adjacências. O ar e as adjacências apenas colaboravam nas gargalhadas produzidas e no otimismo originário. A sua felicidade brotava toda de uma recordação: – ele vira, um dia, em plena Rua do Ouvidor, quando tinha vindo ao Rio, em 1911, Rui Barbosa! – “Vi-o! Vi-o! Vi-o com estes olhos que a terra não há de comer!” – Foi o único homem verdadeiramente feliz que conheci. Já morreu.

§ Agora só a paisagem dá a sensação de ficar. O resto carrega...

§ Afinal tudo é coisa. A separação entre o que se mexe e o que está parado foi a primeira vaidade humana, coisa que se espalhou para que houvesse metralhadoras e rosas, borboleta e campos de concentração, *paté de foie gras* e magnésia leitosa, certas senhoras e certos senhores, e os resultados... e os resultados...

§ Nesse Natal que ainda não acabou, aceso em tantas árvores, alegre em tantos brinquedos, o que eu desejei e também não ganhei foram os meus primeiros sapatos. Ah, se o velho Papai Noel me trouxesse de festas os meus primeiros sapatos, aqueles que ficaram acordados, há muitos anos, numa janela do Caminho Novo, em Porto Alegre... que festas! Não me lembro do que achei neles de manhã – Nem me lembro de como eram. Mas, se os tivesse, outra vez, lhes diria: – Vamos parar, amigos.

§ Simples verificação. G. De Fouchardière apontou a deusa polivalente, que anda substituindo as outras deusas, chamadas Liberdade, Igualdade, Fraternidade. É a Estupidez. Como uma força! “Acima dos povos, há os tiranos. Acima dos tiranos, há talvez os deuses. Acima dos deuses, há a Estupidez. Domina o mundo natural e o mundo sobrenatural.” A influência dela é muito pior nos animais racionais do que nos restantes. “A estupidez da ostra, por exemplo, é o aspecto bem-aventurado da prudência estática. O homem impregnado de estupidez dinâmica, com um archote ou uma bandeira na mão, arranja logo um préstito, tanto maior quanto mais estúpido for o que ele proclama...”

§ Não percebemos que a espécie humana é uma variedade da espécie universal. Só a aparência diverge. Somos água, fogo, ar, sal, pedra, árvore, rosa, cogumelo, garça, piranha, gato, cobra, borboleta, abelha, escaravelho, tudo que é bom, tudo que é mau, tudo... e a alma por cima, reflexo, sombra, eco, lembrança...

§ É impossível escrever um diário. Um diário devia guardar todas as coisas que acontecem. E há coisas que acontecem só para a gente se esquecer delas.

§ 24 – janeiro – 1940. Devia fazer calor. Faz frio. Está tudo assim. Assis Chateaubriand escreveu, sábado: “Machado de Assis é apenas inoportuno, no Brasil que estamos modelando.” Isso, a propósito de uma divagação irônica do Sr. Coelho de Souza, secretário de Educação e Saúde do Rio Grande do Sul, que não deu licença a uma professora de botar num colégio o nome do grande escritor. O Sr. Coelho de Souza, inteligentíssimo, sabe que os alunos do colégio não iam ler Machado de Assis. O futebol é o único autor que interessa a todos os

alunos de todos os colégios. O “destilador de venenos sutis” continuaria inofensivo... tal qual andou pela terra, tal qual anda por Sírius, ou por qualquer anel de Saturno, ou, talvez pela Lua. Os nossos gritos não chegam a tamanha altura. Se chegarem, lá o descalabro da vida se estiliza numa ternura unânime, e Machado de Assis há de imaginar que os gritos são pregões, os pregões da cidade, os pregões da mercadoria humana... Não interromperá a palestra com D. Pedro II, que lhe ensina como é felicidade em hebraico.

§ Os meus companheiros de juventude, sobrados da morte e da loucura, que leram Antonio Nobre comigo naqueles tempos de 1907, 1908, decerto ainda se lembram da Purinha. Era a noiva que Antonio Nobre procurava: “o espírito, a nuvem, a sombra, a químera”, e era também o amor em desejo de nós todos, “aquela que um dia, mais leve que a bruma”, havíamos de encontrar na realidade feita pela imaginação:

*E há de ser natural como as ervas dos montes  
e as rolas das serras e as águas das fontes,  
e há de ser boa, excepcional, quase divina,  
mais pura, mais simples que moça e menina.  
Deus, pela voz dos rouxinóis há de gabá-la,  
e os rios, ao passar, hão de cantá-la.*

Antonio Nobre não pôde ver a Purinha aqui na terra, mas continuou sempre moço, talvez à espera, no céu. Nós fomos envelhecendo, com o aspecto de vivos, e trocamos a paixão do sonho pelas paixões despertadas. Uns, depois, desapareceram. Outros, depois, se transformaram mais. Somos poucos agora. E sabemos que a Purinha nunca seria uma mulher. Era uma poesia. É a poesia de Beatriz Reynal. Tal qual. A doçura envolvente. A graça. A comovida expressão de uma música

que é em palavras e diz além do que diria em sons. A Purinha veio da Provence. Mora com Beatriz Reynal, diante do mar, na casa mais bonita do Rio de Janeiro. Morada bem dela, cheia de brasas que a vida deixou. Morada antiga, casa nova. Purinha passa os dias no meio de móveis preciosos, entre os quadros que os museus invejarão, livros que as bibliotecas invejarão, tapeçarias como brasões de alta linhagem artística, pratas de épocas perdidas, – jóias grandes, jóias soltas, – e gravuras, porcelanas, marfins, cristais, um piano de raça, uma caixa de música, voz de um cravo que ficou tocando na memória... Os vitrais, que estilizam o sol de Ipanema, contam histórias da infância de Beatriz Reynal, no país de Mireille e da Arlesienne, quando a Purinha se criava no fundo do seu coração. Agora que os salões substituíram a conversa pela dança e por outros jogos, o salão de Beatriz Reynal é o último refúgio da inteligência. Nele os escritores, compositores, pintores, escultores, donos dos nomes mais queridos do Brasil, vão descobrir que a morte do espírito é um boato espalhado por pessoas que o perderam de vista. O milagre da poesia de Beatriz Reynal faz com que a amem cultos e ignorantes, pobres e ricos, orgulhosos e humildes, que todos têm nela a sua razão de bondade, harmonia, esquecimento. *Au fond du coeur* a fixará para sempre na admiração e na gratidão das criaturas que, apesar de tudo, teimam em sentir, criaturas que ainda escutam, encantadas, as velhas valsas de Viena, e entram ainda num bar pobre, para pedir ao pianista e ao violinista, a Serenata de Toselli...

§ Sim... Em Londres, Bernard Shaw protestou: “Sacrifícios!... E para quê, depois que abandonamos a Polônia ao seu destino? Pretendemos livrar a Europa das ameaças da guerra, e, como remédio, lhe garantimos mais três anos de guerra!” Georges Duhamel respondeu, em Paris: “Entramos na guerra porque não era possível tolerar por mais tempo a injustiça arbitrária e grosseira, a crueldade, e o desprezo pela

vida humana. Os povos que formam a comunidade européia precisam de definir uma norma certa de civilização, e respeitá-la.” Ora, o que de longe se percebe é que o sentimento da guerra desapareceu desses povos. Onde ele agia, ficou a idéia contra a guerra. Nenhum homem mobilizado se recusa a seguir. Mas todos os homens seguem sem aquela ilusão que, ainda em 1914 punha nos embarques para a morte, um disfarce delirante de alegria.

§ Existe a palavra solidão. Não existe o sentido dessa palavra. A noite dá uma idéia. A noite é longe... Como se não houvesse nenhuma cidade. Como se tudo fosse campo. O vento passa pelas folhas das árvores, e torna o silêncio mais alto. Um grilo canta no chão, e torna o silêncio mais fundo. Os olhos olham o espaço entre o chão e as folhas, e vêem, na noite imensa, a imensidão do silêncio. Todos os mortos estão de mãos cruzadas na noite imensa...

§ Encontrei hoje o verão, na praia. Veio corado, alegre. Esteve na Europa. Assistiu ao Festival de Londres, às festas dos dois mil anos de Paris, viveu dias bons em Florença, e com “as cidades e as serras”, foi por todas as aldeias de Portugal, cheias de graça, como se Nossa Senhora, antes de ir para o presépio, tivesse andado lá, entre as roseiras e as parreiras. O verão tem sorte. Viaja. Mas a terra dele é aqui. Por muitos motivos, e mais que todos, porque nós somos a melhor gente do mundo, gente de coração na boca, gente de braços abertos, gente que desviou o complexo do pontapé para o *foot-ball*, e nunca mais deu pontapé em ninguém...

§ Nunca inventei, – assisti...

§ Justamente onde estão as estrelas, Alphonsus de Guimaraens há de olhar a terra com ternura. Por causa dos filhos que Deus lhe deu e

que ficaram no meio dos homens. No meio dos santos, o velho Alphonsus, agora, andando pelos jardins, lá em cima vai lendo, relendo o *Lume das Estrelas*, do moço Alphonsus, como já lera e relera os contos da *Galinha cega* do seu João. É o pai mais feliz do céu.

§ Que adianta a força? Ela passa e fica esquecida. Quando se pensa num país, não é nos reis que o governaram, que se pensa. É, nos seus poetas, é nos seus músicos, é nos seus pintores, nos seus arquitetos, nos artistas, nos filósofos, em todos os homens de espírito. Para não ir muito longe, sempre que me lembro de Portugal, entro logo a conversar com Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Camões, o Padre Manuel Bernardes, Frei Luiz de Souza, Garrett, Alexandre Herculano, Eça de Queirós, Antonio Nobre... Quero lá saber dos Pedros, dos Josés, dos Miguéis! Depois de D. Diniz, o Lavrador, que ajudou a criar a língua, ainda me posso deter um pouco, à espera de D. Sebastião, por hereditariedade: meu avô fez isso. Não evito D. Luiz porque, embora mal, D. Luiz traduziu Shakespeare. Cumprimento D. Carlos, – pelas aquarelas. E D. Manuel, autor de um catálogo fabuloso, é, agora, o companheiro mais novo dos que amam os velhos livros. Entretanto, como dá maior prazer ir à casa de Columbano, ao ateliê de Teixeira Lopes! – Que maravilha, mestre Domingues! – Lindo, lindo, Oscar da Silva! – Oh! Antonio Patrício!

§ Embora vastos estrangeiros façam força para misturar, são os portugueses os maiores responsáveis pelo crescimento e pela multiplicação dos brasileiros. “Os portugueses”, como se sabe, “estão sempre alegres”. Além do sangue, eles nos deram a língua, e também nos deram a alegria. No clima quente, a alegria dos portugueses não serviu. Trocamos então a hereditária por uma ocasional. Somos alegres do mesmo jeito com que falamos. O sentimento permanece igual, porém a expressão mudou. Por isso nos chamam tristes.

§ Quanto devemos aos portugueses! Podíamos ter sido feitos em pedaços, desde que se espalhou no mundo a notícia do descobrimento desta terra. Franceses, holandeses, espanhóis, outros nos desejaram, mais próximos e mais remotos. Com a ajuda dos portugueses os driblamos. Os portugueses, os primeiros, mantiveram os direitos adquiridos. Já eram da família. Algumas vezes, tentamos mandá-los embora. A lembrança de tantas revoltas para nos emanciparmos, é uma gratidão a mais. Eles regaram a nossa consciência nacional, aberta de madrugada. Deram-nos a flor do Brasil na velha árvore humana. Um dia, Guerra Junqueiro, adivinho, diria liricamente: “Vivendo tão livres e distantes, fraternizamos hoje como nunca. Na glória e no sonho, nos ais e nos beijos, no riso e na dor.” A história do Brasil começou em Portugal, e nunca nos importamos com ela. Como o amador célebre, desprezando a história, preferimos as anedotas. Entretanto, sabemos de cor aquela frase de Pero Vaz de Caminha: “A terra em tal maneira é graciosa que...” D. João VI tem boa imprensa aqui, D. Pedro I tem monumento, Camilo Castelo Branco é disputado nos leilões de livros, Eça de Queirós é definitivamente brasileiro. Em quase todas as casas do Brasil há o retrato de um avô, de Portugal. Em cada memória há um verso de Camões ou de Antonio Nobre. O fado pára os corações. O vinho verde dá inocência. Raros serão, por sangues aflitos, os brasileiros que não peçam, com o padre Soeiro: “a paz de Deus para todos os homens, e para a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amorável, que sempre bendita seja entre as terras”.

§ Enchi de lírios este vaso. Duraram três dias e três noites. Hoje amanheceram mortos, caídos juntos, como no fim de um bailado...

§ Não sei se algum grego de hoje tem tempo de repetir Hesíodo: “Vinde da Pieria, Musas que distribuís os favores; vinde; celebrai

nos vossos cantos Zeus, que vos iluminou! Por ele, pela sua vontade, todos os mortais são grandes ou pequenos, célebres ou desconhecidos. Ele dá a força ou a retira; abate a glória ou dissipa a obscuridade; leva os maus para o bom caminho; humilha o soberbo; Zeus, que fala do mais alto dos céus, das regiões superiores onde mora...” Também não sei por que esse pensamento se sentou aqui comigo. Decerto os gregos atuais têm mais urgentes necessidades. Desde que a Idade de Ferro sucedeu à Idade de Ouro, a poesia só serve para as horas vagas. As musas entraram de *girls* nas *bôites*. Zeus ficou sendo um erro de composição, que a revisão não viu. Mas, em casa, é sempre uma alegria recordar os tempos em que “os humanos viviam como os deuses, o coração limpo de cuidados, longe da fadiga e da dor”. Afinal, não ficando lá, a Grécia ainda consola, e um pouco de Atenas refresca as idéias. Houve exageros nesses devaneios. Lembro-me da tarde de 1924, tarde de junho, na Academia, quando Graça Aranha perguntou: – Que é o espírito moderno? – Foi terrível. As torcidas da rua vaiavam o clube. Os sócios, por hábito, pediam silêncio. Medeiros e Albuquerque, presidente, punha as mãos no ar, exigindo ordem, e no fundo gozando com o progresso. Que confusão! Que atrapalhão! De repente, no meio daquilo tudo, Coelho Neto, pequenino, magrinho, de *pince-nez*, deu um pulo para cima de uma mesa e gritou: – Eu sou o último heleno! – No momento, quem sabe se o espírito moderno não é o espírito de Atenas? Por causa da geografia, naturalmente, outro pensamento subiu pelo elevador: Arlequim. Juro: Arlequim. Explica-se: Arlequim nasceu em Atenas, com grandes contemporâneos: Afrodite, saída nua do mar, e a Verdade, saída nua de um poço. À sombra das oliveiras, Arlequim acompanhava, pelo céu de sol moço, o vôo das cegonhas, e sorria. O sorriso de Arlequim inaugurou a filosofia. Há quantos anos! A terra envelheceu. A vida está cansada. Arlequim continua igual. Apenas trocou de figurino, por

fora. Assistiu aos espetáculos, mais ou menos delirantes, da chamada evolução humana. Certas épocas das que vão surgindo e desaparecendo, trazem a desconfiança de que reproduzem épocas anteriores. Não reproduzem. A derradeira, caso aconteça, realizará a perfeição. Como será a perfeição? Aprendi que “o belo para o sapo é a sapa”. Tinha aprendido, antes que “quem o feio ama, bonito lhe parece”. Depois, aprendi que “a beleza é a forma que o amor dá às coisas”. Tenho aprendido muito... Entretanto, só as palavras variam. A perfeição talvez passeie junto de nós, e talvez seja, nos nossos olhos, imperfeitíssima. Com tanto barulho, não se pode ver direito...

§ Murilo Mendes – Meio alto, todo magro. Cabeça de espanto, corpo de fadiga. Como a cabeça não pára, o corpo vai junto, mas sem vontade, arrastado. É o poeta Murilo Mendes. Quem vale a pena lhe quer bem. Um, sozinho, próprio, ele mesmo. Não pediu nada. Fez tudo. Tem sentidos de Murilo Mendes, imagens de Murilo Mendes, pensamentos de Murilo Mendes. Não é parecido nem dá ares; novo em folha. Melancolia, irreverência, ternura, vaia. Nacional, universal. Anda, vira, mexe. Depois vai dormir, e sonha com os anjos de Nosso Senhor...

§ Fim de ano. Todos os fins de semana se juntam agora. Agora é que é o grande campo, o descanso, o leite puro, a água pura, o ar de Nosso Senhor. Tudo na imaginação. Tudo marcado pela alegria. A alegria não é egoísta. O que ela têm, dá para todos. Ela é que leva a acreditar na gente e nas coisas. Ela é que ensina a querer bem. Se às vezes ficamos tristes, foi porque a alegria teve que ir a alguma casa que precisava mais dela do que nós. A alegria não anda sempre rindo, não; é mais séria do que se pensa. Mas, que camarada! Sabe o caminho do Paraíso, lá no começo do mundo, “lá em casa”.

§ Nunca, para mim, um ano passou tão ligeiro como esse. Também nunca vivi um ano com tão pouca gente. Veio daí o sentimento de rapidez? O que torna o tempo vagaroso é a obrigação de o repartir com os semelhantes?

§ Eu estava pensando numas coisas de antes de 1914, do tempo em que em Paris o embaixador da Argentina agradecia: – “Ah! como é bela a vida!” – O embaixador da Argentina, então, se chamava Enrique Rodrigues de Larreta, e a vida, fosse onde fosse, parecia bela. Parei à espera do meu ônibus e a traduzir Racine: – “Eu me junto ao amor...” A noite vinha caindo, cansada de todo o ano.

§ Paul Léautaud, o escritor mais desaforado da França, vive numa casa de subúrbio, com os cães miseráveis de Paris e os gatos que, como ele, envelheceram sem amor. Rivarol feio. Stendhal triste. Da mistura dos dois com o próprio ser, arrumou Maurice Boissard, o seu pseudônimo. Descompõe Deus e todo o mundo. Tem a especialidade das mulheres e dos autores teatrais. E a especialidade especial de Paul Claudel. E a especialidade especialíssima de Madame Aurel. Também detesta o telefone. Rivarol feio. Do feio, não se importará, aos oitenta anos, como não se importou na mocidade. Do Rivarol, repetirá; “Não gosto desse senhor. Ele fabricava de manhã as boas frases que ia dizer durante o dia.” Stendhal triste. Achando Stendhal formidável, Paul Léautaud talvez pergunte: – Triste, por quê? – e eu talvez lhe responda: – Desculpe, amigo! Talvez não se conheça bem. Um dia, fez esta confissão: “Não sei fingir.” Sabe, sabe... Quem é que não vê que toda essa crueldade é bondade maltratada!

§ Carta para Noemia – Minha querida amiga, voltei agora do seu país, que Jean Dolent havia de amar como eu amo, o seu país de “reali-

dades tendo a magia do sonho”. Estou me lembrando de você, de franja, vestido preto, com essa fala de segredo, com esses olhos que não gostam de olhar para longe. Você vinha de um rio, ia para outro. Foi, voltou, foi de novo, não voltou mais. Agora vive fora do tempo, na terra que descobriu, que é assim uma ilha de Citera extasiada, com música de Debussy, poesia de Francis Jammes, vôos de pombas, todas as flores. Sim, uma ilha, o país de Noemia, que se resume em você; não no mar onde há submarinos; não no morro, onde se travam batalhas; uma ilha no lago; e da beira, debruçadas, silenciosas, as mulheres vêem as ondinas lá embaixo, na água. No país de Noemia é sempre sábado. – Minha querida amiga, obrigado pela hospedagem que me deu. Nunca me senti tão bem. Nunca me senti tão bom.

§ Nenhuma pergunta é entendida...

§ Imaginem se tudo que se gasta em guerras e preparos de guerra fosse repartido entre os pobres do mundo! Só haveria ricos no mundo. Ninguém mais seria preso.

§ Falar, é despedir-se. Estas palavras não voltarão. E preciso dar adeus a todas, com prazer, escondendo o desgosto da separação. Nossas palavras! nossas confessoras, mais antigas do que nós, do fundo do tempo. Elas nos ensinaram o nome da luz, o nome do amor, o nome da vida. Com elas, formamos em nós os sentimentos e os pensamentos. Não se repetem. Embora o som as assemelhe, são diferentes. Têm outro eco, outro reflexo, cada vez. As bem velhas ficam assim, tão novas. São as que ouvimos melhor. Queridas palavras! Irmãs das folhas das árvores e das janelas acesas. De manhã, as folhas das árvores, que alegria! De noite, as janelas acesas, que tristeza! O dia passou no meio.

§ 1941 – A música de Chopin foi proibida na Polônia.

§ Liszt comparou os Estudos, os Prelúdios, os Noturnos, às Fábulas de La Fontaine.

§ A guerra!... É preciso não exagerar. Quase todos os que se sacrificam são inocentes, não têm nada com aquilo. A guerra nunca pára. Troca o nome, às vezes, e tenta enganar que é a paz. Não engana.

§ Quando se diz: “É um mar de rosas” – que viagem boa! Pois há muito mais rosas do que se sabe. Dão para cobrir o mar, sempre...

§ Nunca um desejo me afligiu. Recebi tudo da imaginação.

§ 1941 – O encontro tinha sido marcado para sexta-feira, às 5 horas da tarde, no Municipal, entrada pelos fundos. Cheguei um minuto antes, subi as escadas, e, exatamente na hora, pus o pé no palco. – O senhor Jovet? – Vou chamar a secretária. A secretária, que logo me disse o nome: Mlle. Prévost, – loura, vestida de homem com saias, quis saber: – Procura o senhor Jovet? – Sim. Ele me espera. – Não creio. – É porque lhe falta a fé. Garanto-lhe que ele me espera. – Foi comigo que o senhor falou no telefone? – Não. Foi com o empresário Viggiani. – Ah! Já sei. Mas o senhor Jovet neste momento ensaia. – Então, eu parto. Talvez volte. Com licença. Vim pelas mesmas escadas, com a imagem da secretária de Jovet, que me deu saudades das mães antigas dos estúdio de rádio, tão doces, com o seu tricô, e a sua ternura pelas filhas que cantavam. O empresário Viggiani, quando soube do incidente jurou que eu ouvira mal as horas. Eram às 6. O mais, Municipal, entrada dos fundos, eu ouvira bem. – Vou esperar você, às 6 menos um quarto. – Às 6 menos um quarto, – a tarde findava quase fria, – voltei. Acabara o ensaio. Os artis-

tas desciam. Não vi os homens. Os homens desaparecem no crepúsculo. Ao contrário, as mulheres têm uma nitidez maior, quando a noite chega. Todas magras, muito pálidas, as artistas de Jouvét olhavam a rua com um ar de susto... Dos automóveis ou dos bombardeiros? Lá em cima, Mlle. Prévost não parecia a mesma. Até a achei feminina: – Venha, venha. – Louis Jouvét, no seu gabinete, dava ordens a auxiliares. Despediu todo mundo. Enfim, sós! – Agradeço-lhe ter feito para mim a sua estréia três dias antes. – Como? – Sei que está cansadíssimo. Entretanto, o que vejo é um homem sem nenhuma fadiga. Que criação! – E vou continuar o ensaio, logo mais, depois dos bailados e depois de comparecer ao espetáculo no teatro Regina. – Sabe que assisti à sua estréia, em 1913, na inauguração do Vieux-Colombier? – Sim? – Fazia um dos servos de “Une femme tuée par la douceur” e Macroton, de “l’Amour médecin”, – 1913! – Na despedida da paz... Depois, lhe veio a glória... – A glória!... Foi um bom tempo aquele. O Vieux-Colombier era como uma família. Depois, a família teve brigas, dispersou-se. Copeau, Suzanne Bing, Valentine Tessier, Dullin... – Até agora, qual a grande recordação que lhe deixou a vida teatral? – O primeiro contrato. Mostrei as minhas possibilidades ao *regisseur*. Aprovou-me. Disse que fosse procurar o empresário: “Peça-lhe 150 francos por mês. Ele lhe dará 120.” Fui. O empresário fez as perguntas necessárias, encheu um papel e, por fim, resmungou: “Quanto imaginar ganhar?” Respondi, trêmulo: “150”. Ergueu-se: “Hein!” Mais trêmulo, corrigi: “120”. Dirigiu-se para mim, de pena em punho: “120!” Só pude gaguejar: “Foi o *regisseur*. Explosão: “Que *regisseur*! Quem manda na minha casa sou eu! Dou-lhe 90 francos, e considere-se feliz.” Considerei-me. Ele não se satisfizera: “Possui alguns meios?” Olhei para a minha roupa na última resistência, as minhas alparcatas de 5 francos e cinquenta: “Não senhor.” “Ah! vive à custa de mulheres!” – Nem todos os empresários são iguais... – Alguns não serão... – O senhor escreveu, uma vez, que não há problemas no teatro,

que o único problema do teatro é o êxito... — E penso isso. O teatro é um elemento, — o maior, sem dúvida — de cultura. Para exercer influência, para revelar, esclarecer, dar idéias, conseguir o seu fim, precisa do êxito que lhe traz o público. Se o público não vem, a quem se fará a revelação, a quem se esclarecer? As idéias morrerão inúteis. O teatro perderá o seu fim... — Jean Giraudoux é o autor vivo que mais admira... É. Aliás, todos os autores que merecem este nome, são os donos do espetáculo, no meu modo de sentir e compreender. O *metteur-en-scène*, os atores, os auxiliares, dos maiores aos menores, são acessórios. O autor, o poeta, eis tudo. — Prolongar a conversa, seria bom, se não fosse com um homem sério que leva o teatro a sério e que ia trabalhar pela noite adentro. — Mas volte. — Como espectador, lá em baixo. — E como amigo, aqui. — Na escuridão do palco, de repente, sozinho, me lembrei da cidade de Is, aquela que Renan evocou e que pertence, desde Renan, à geografia de nós todos: “uma suposta cidade de Is, que numa época não sabida, o mar houvesse coberto.” Nem só de água há de haver mar. Santa Teresa falava num mar de amor. Há de haver mar de outras coisas...

§ Fim de semana. Começo de que? O sábado é o único dia em que se pode dizer alegremente: — Até amanhã! — Não é o descanso que importa. Ninguém descansa. O que importa é o sentimento do descanso. Acordar podendo ir aonde quiser! Fazer a paz do corpo com a alma, casal amoroso, mas que briga demais. Serenidade. Boca tranqüila. Cismas sem conseqüências.

§ Amadores. Dostoievski contou de um espetáculo, na Sibéria, por um grupo de condenados: “Foi maravilhoso. Diante dos atores improvisados, um pensamento me obcecava: — que forças, que talentos se perdem na miséria!”

§ Tudo é vida. Até a morte.

§ O que repetimos como definição é em geral suposição.

§ Fui, muitas vezes, muito feliz...

§ Dia de luz tranqüila. Árvores. Ronsard. Não devendo nada a ninguém...

§ Magro, pálido, tristíssimo, o homem esteve na livraria, mais de uma hora, folheando os volumes enfileirados na mesa do centro. Deixou-se numa tradução da *Vida das Abelhas*, de Maeterlinck. Cinco minutos, dez, de evidente dúvida. Afinal chamou o livreiro e perguntou: – O Senhor não tem outro, no mesmo gênero, mas sobre vacas?

§ Vinda do campo, da sua chácara que é uma espécie de ilha, cercada de árvores por todos os lados, a velha amiga quis saber: – E ainda há poetas? – Por fora, creio que não... porém, por dentro, – que praias!

§ Morreu, na Tijuca, o diretor aposentado de uma repartição da Prefeitura. Teve tremendas discussões, e muitas vezes chegou aos sapatos, por sustentar que Lima Barreto era superior a Machado de Assis. Estava com quase oitenta anos e não admitia, velho, como não admitira, moço, que houvesse diante dele outra opinião. Lima Barreto, sim! Machado de Assis, não! Era o motivo de sua vida. As últimas palavras que exclamou neste mundo foram estas: – E entretanto, nunca li nem um nem outro!

§ Noutro momento de confusão na França, há mais de três séculos um velho cortesão disse: – Agora se me acusassem de ter roubado as torres de Notre Dame, eu fugiria imediatamente.

§ Rabindranath Tagore – O bem e o mal, as alegrias e as penas que você encontrou no seu caminho, um dia não pôde olhar mais para elas como quem folheia um livro de figuras. Criações, destruições, vitórias, derrotas... Afinal, você conseguiu conhecer o que tudo isso significava? Ou deixou o mundo dos homens ainda mais triste? Não precisa responder, amigo. Vá-se embora, que bem mereceu. A Índia lá, é livre. E o resto. Um abraço grande. Boa viagem, Rabindranath Tagore!

§ Conferências – Na loja teosófica Pitágoras, o Sr. Raul Xavier falou sobre “A harmonia das esferas”. O Sr. F. R. Santiago vai fazer o “Elogio da dor”, no Centro dos Comissários de Polícia.

§ Velhice – Um harém de cachimbos...

§ Quando faleceu o General Daltro Filho, em Porto Alegre, um dos seus médicos assistentes assim se manifestou sobre a enfermidade que vitimou aquele chefe militar: “Nos últimos dias consumou-se a terrível complicação, aliás terminal, nos estados septicêmicos, que foi um processo de broncopneumonia, dando assim desfecho à grave infecção stafilocócica. Nessas circunstâncias, com a claudicação funcional do coração, efetivou-se o êxito letal.” Mal comparando, isto faz lembrar o D. Semicúpio das “Guerras do Alecrim e da Manjerona”, do judeu carioca Antonio José: “Como a matéria crassa e viscosa, que havia de nutrir o suco pancreático, pela turgência se achasse destituída de vigor, por falta de apetite famélico, degenerou em líquidos; estes, pela sua virtude acre e mordaz, vivificando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exalaram os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino...”

§ O céu há de ser todo de música...

§ Ninguém poderia repetir, decerto, aquele suspiro de Mallarmé: *Ab! a carne é triste! e eu li todos os livros!* Todos, não. Mas, quantos! Fomos vivendo, eles foram diminuindo. Um dia, cada um de nós será o seu livro mais amado, o seu único livro. Os olhos se apagam. Fecham-se os ouvidos. Que biblioteca a velhice! Enquanto se vê o mundo, enquanto as vozes todas chegam até nós, não há felicidade igual a que nos dão os livros. Um livro que foi o nosso companheiro de outras horas, que muito nos fez sentir, que nos revelou um pedaço de terra, desconhecido e esperado... um livro que trouxe à nossa alma uma comoção diversa, e aos nossos olhos um olhar mais lento, e às nossas mãos um gesto mais de sombra... um livro que esquecemos, ao longo da vida, e que reencontramos, por acaso, de repente... — é uma alegria triste, e é, talvez, a melhor alegria... Páginas, frases, palavras sabem de nós, do que éramos, por onde andava o nosso sonho naquele tempo... Com ele começamos um diálogo de silêncio, que entra pela noite... Quando o sol nasce, acordamos, a cabeça sobre o livro, como sobre um coração... Quando que li, a primeira vez, *Renée Mauperin*? Foi no país dos vinte anos... em Porto Alegre, no sobrado antigo, bem no alto... O quarto tinha duas janelas. Uma para as torres de Nossa Senhora do Rosário. Outra, para a oliveira do meu avô Manuel. Sim, foi lá. Renée Mauperin: — “Há dias em que se tem vontade de ser triste...” — “Você é tão bom...” — “Não sou mau, eis tudo. A vida me curou de ser mau, como de ser criança...” — Derrubaram as torres de Nossa Senhora do Rosário. Mataram a oliveira do meu avô Manuel. Mas ficou o país dos vinte anos... Vejo você, ainda, Renée Mauperin, você de quem a morte se aproximou como uma luz...

§ Tenho reparado que as pessoas mais inimigas dos preconceitos são as mais cheias de preconceitos. Quando expõem os seus modos de ver, parecem umas. Quando vêem, parecem outras...

§ O livro é uma segunda natureza...

§ Católica muito praticante. Confessa-se todos os dias. Não consigo perceber como tem tempo para arranjar pecados!

§ Quando a gente fala a verdade, dá sempre a impressão de que está brincando.

§ Os chineses dão o conselho: “Quem não sabe sorrir, feche a loja”. Conselho para a falência do resto da humanidade. O resto da humanidade não sabe mais sorrir. O que temos, no momento, ou é cara feia, ou é gargalhada. Acabou-se a cortesia. As boas maneiras sumiram-se. Ser amável é ser hipócrita. Delicadeza significa fingimento. Conversar sem discutir, ouvir sem discordar, entender, não se opor?... agora não é tempo... Ah! a polidez foi racionada exageradamente! Um homem cordial, no mercado para onde vamos sendo empurrados, em breve, nem pelo câmbio negro se conseguirá. Em quantas ilusões botamos o nome de amor! Que nome botaremos em tais realidades? Ódio? Não. Cansaço. Sim, cansaço. Os homens estão cansados. Então por que não entregam o mundo às mulheres?

§ 5 horas da manhã. Está chovendo. Faz frio. Releio coisas. Lembro... Envelhecer, parece até que é divertido.

§ Quase inverno. Tempo em que as cidades se tornam mais bonitas. Para os homens que as amaram quando eram moços, e que as revêem, já assim, um pouco remotos, certas cidades são como certas mulheres desejadas. Elas foram de outros. Paciência! Ficaram sendo nossas, na saudade da juventude...

§ Nesse dia de inverno e de chuva, dia sem horizonte, andei lendo a *Imitação de Cristo*, que põe sol de primavera nas almas...

§ Por acaso, hoje fez frio. Andei pelo país da Menina de Neve. Agora, estou me lembrando dela como de outras alegrias tidas e perdidas, que todas acabaram iguais:

*Abriram a janela para que visse o sol.  
Então a Menina de Neve foi se sumindo, sumindo, e  
afinal só ficaram umas gotas de água nas mãos  
que a seguravam...*

A Menina de Neve e a outra, Branca, também de Neve, a Gata Borralheira, a Chapeuzinho Vermelho, o Pequeno Polegar... — Se me contassem Pele de Burro, eu teria um grande prazer — disse La Fontaine. — Aquelas princesas, aqueles príncipes, todas as criaturas que enchiam o jardim da nossa infância, ficaram conosco, não envelheceram. Vão dentro de nós, como chegaram por uma voz amada, há tantos anos, quando não sabíamos os nomes das estrelas, e o céu parecia mais bonito. Às vezes, em certos instantes, revemos as longas estradas, as florestas, os castelos, paisagens e construções, por onde andamos, onde moramos. Quem imaginava que a vida era de verdade — verdade diferente?... Sherazade ainda nos fala. E como temos desejado a lâmpada maravilhosa! Nenhum feiticeiro nos mandou ao centro da terra procurá-la. Mesmo que nos mandasse, não iríamos. Cadê a fé? Aladino acreditou, foi, enriqueceu, casou com a filha do rei, guarda sempre a lâmpada maravilhosa, possui o que quer; faz, dos desejos que inventa, todas as realidades. É o homem feliz. Nos caminhos que o vêem passar, a poeira se transforma em ouro, as árvores se apinham de frutas, os pássaros bailam e cantam, a gente pára, encantada... Não há nada impossível. Esta é a tua lição. Aladino. A alegria está contigo.

§ Adolescente, fui a Bruges com Rodenbach. Agora, voltei a Paris com Elliot Paul. A minhas viagens a vela. Dessas, não esqueci nada...

§ Um balão... lá vai... subindo... subindo... Como vai feliz! livre, mais alto, mais alto... Dança no ar, dança nos olhos... Some-se entre as nuvens. Esse não cairá na Rua do Sabão... Que bom há de ser ir assim, numa noite de junho, para a lua!...

§ Gente nossa e bem viva: a Iara, o Saci, o Tutu-Marambá, o Curupira, o Caapora, o Papão, a Mula-Sem-Cabeça, o Angoera. Do Angoera é que eu gosto mais. Angoera, índio do Rio Grande do Sul, depois foi batizado pelos padres da Companhia de Jesus, e ficou sendo Generoso. Pagão, era triste. Cristão, foi alegre. Mesmo assim, um dia teve que morrer. Morreu. J. Simões Lopes Neto disse, na história dele: “Generoso morreu contente, pois a cara do seu cadáver guardou um ar de riso; e foi muito chorado, porque tinha a estima de todos, por ser mui prazenteiro e brincador.” Desde então, invisível, Generoso anda sempre junto de nós, de dia e de noite. Entra pelas janelas no cheiro das flores, no vento que balança as cortinas. Estala nos tetos e nos móveis. Apaga a luz. E, se acha “dependurada uma viola, faz sonar o encordoamento” e lembra as “suas cantigas, de quando era vivo e cantava...” A Generoso eu quero. Pelo nome. Pelo destino. Decerto, quem aparta as brigas é Generoso. Um dia, Generoso fará as pazes de todo o mundo. Tão querido! Anda no sol, anda na chuva, no frio, no calor, na água do rio, na cerração do morro, na mão que chama, na boca que beija...

§ Embora as minhas cartas sejam curtíssimas (ou por isso mesmo) guardo as cartas de Sobral Pinto, que são, sem dúvida, as cartas mais compridas do mundo. Sobral Pinto é o que se chamava antigamente: um homem de caráter. Há sempre um consolo histórico nas palavras dele e nas que ele escolhe pra citar. Por exemplo, na carta sobre o incidente do Colégio de Notre Dame, — a recusa de uma aluna

de cor, – encontrei estas, de Carlos de Laet: – “Em religião... não distinguo pátrias ou nacionalidades. O meu Deus, o meu Soberano e Bendito Jesus, não é um brasileiro: é um Judeu. Todas as noites, neste mês de maio, eu e minha família nos ajoelhamos diante de um altar enflorado e cantamos os louvores de uma hebréia – Maria Santíssima. O cabeça visível da minha Igreja não é brasileiro, é agora italiano: Sua Santidade Leão XIII. E o que profundamente deploro é que, em me pegando esta moléstia de nativismo, e quando eu queira tomar um patrono celestial consoante a tais idéias, muito embaraçado me verei, porque não há no Calendário, um santo brasileiro! Reconheço os louváveis esforços de um confrade no jornalismo para canonizar um presidente da República, mas sem a decisão final de Roma, não posso prestar culto a nenhum santo varão.”

§ Tietê. Sena. O céu fazendo horizonte na água. O mundo chegando de novo. No meio, clara de sol, a “caipirinha vestida por Poiret”. Desde essa manhã a pintura brasileira teve uma sorte boa. A gente se esqueceu das coisas que tinha visto e viu os quadros de Tarsila com as cores da infância, um cor de rosa que nem as rosas têm, um azul que não é do céu nem dos rios nem da distância. Cor de rosa de Tarsila. Azul de Tarsila. São Paulo. Paris. Mais as cidades do século XVIII em Minas. Mais a Bahia. A artista e a mulher. Manuel Bandeira mandou dizer: – A Bahia é mais bonita do que Tarsila do Amaral. – E logo se arrependeu: – Nunca vi boniteza tão brasileira como a da pessoa e dos quadros de Tarsila. – Depois, tão humana.

§ ... eu também, muitas vezes, deixei de partir, tal qual você, naquele dia, meu querido Stendhal... por não saber exatamente a hora da partida, por me sentir bem num banco de jardim, olhando as nuvens, pensando em certas extravagâncias do coração humano...

§ O peso do cérebro humano é calculado em 1360 gramas, mais ou menos; mais o do homem, menos o da mulher. O cérebro que pesa sobre todos é o do elefante: 4500 gramas. Se o elefante não pensa, não é por falta de matéria-prima. Talvez seja por falta de liberdade de pensamento...

§ “Lentamente, mas sempre, a humanidade realiza o sonho dos sábios.” Mesmo que os sábios sejam apenas os homens discretos, calmos, esclarecidos, a afirmação é um pouco exagerada. Pelo menos pelo que já se presenciou ou se supôs presenciar, a humanidade não tem tido tempo.

§ “... foi desta raça de homens desinteressados, que é imortal a seu modo. Hoje ainda existem muitos deles. Procuram cultivar um jardim seu, onde cada planta está em bom lugar com seu nome e sua cor, planta artística ou sentimental, sem risco de ser abalada pela erva política, e sem outra ordem mais que a propriedade dos matizes, a harmonia da sombra e da luz, a doçura da paisagem e a graça do detalhe”. Assim, antes se refletindo do que vendo, Tristão da Cunha falou de Rivarol. Escrevendo, conversando, Tristão da Cunha fazia pensar num Rivarol polido; o mestre, com a educação. Ora, justamente Rivarol descobriu que os autores muito proclamados pelos jornalistas e pelos repetidores, esbarravam num tormento: o silêncio de certas pessoas, trinta ou quarenta cabeças incorruptíveis, mudas diante de tanta glória. Tristão da Cunha pertenceu ao número, talvez menor aqui, dessas pessoas. Porém, nunca supôs embaciar a felicidade alheia. Dentro do jardim, com as criaturas que amava, junto dos canteiros serenos, a divagar, a sorrir, não pertebou o que acontecia fora. Nenhuma voz estranha chegou até ele. Conhecia a humanidade de alguns íntimos, em geral impressos. Fez o julgamento do presente

pelo passado. Realista de idéias, quando encontrava formas, em movimento, as que o encantavam eram pássaros, eram folhas de árvores, eram coisas e entes nascidos de palavras... Poeta. Filósofo. O último habitante da lua virgem. Era, como bem poucos ainda conseguem ser, “um homem de boa companhia”. Poderia gravar no seu ex-libris, mais certo do que Eduardo Prado: “In Angello cum Libello”. “Num canto com um livro”, – a solidão de Tomas de Kempis. Entre as memórias infantis, contou e lhe deu o nome de vocação, “a primeira vez que se entregou aos prazeres da caça”. “Tinha oito meses. Quis apanhar uma mosca. Não apanhou. Mas, como se divertiu! Mais tarde, devia tornar-se caçador de imagens, e tal foi toda a vida.” – No enterro de Tristão da Cunha, em que também estava Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt me disse: – Você perdeu um grande amigo. – Respondi: – Estou acostumado.

§ Aquele desejo de menino. Sinto que venho com ele, sempre o mesmo, desde a primeira infância, desde as férias nas Pedras Brancas, no outro lado do rio de Porto Alegre. Uma casa cor de rosa e azul, à beira do caminho por onde vinham os bois para o matadouro. Cerca cheia de flores na frente. Bambus altos, em volta. Nunca vi ninguém nessa casa. Nunca perguntei de quem era. Eu é que estava lá. Era a minha casa. É a minha casa...

§ Há cem anos, Sainte-Beuve, dentro da sociedade em começo, achava uma glória ter sido um dos últimos delicados. Hoje, quantos homens perceberiam aquela glória de Sainte-Beuve? Cem anos... muito antes... hoje... Mania de pôr medida no tempo. O tempo. O tempo é o dia que está fazendo. E justamente este é um dia de chuva. Bom para ouvir música, para dizer versos, para lembrar gente querida. Não vejo a orquestra nem o regente. Escuto. Debussy. Reflexos na água. Desisto

da realidade, do que imagino que é a realidade, e que talvez seja coisa diferentíssima. – Vem chegando Baudelaire: – *A música me envolve como um mar?* – Ah! Baudelaire, bem sabe, a casa é sua. E você me pergunta, Rubem Braga: – Ainda há franceses? – Então não há? Há até francesas! Colette, que durante a guerra, estava na zona chamada livre, não quis ir para Nova York, não quis vir para o Rio de Janeiro, apesar dos convites. Preferiu voltar a Paris. E escreveu a um amigo: “Não deixarei a França e Paris. Apenas aqui me é possível viver. Apenas aqui encontro consolo. É aqui que eu posso ficar comigo, olhar tudo, pensar no que hei de dizer, em algum tempo, no futuro.” O disco parou. A chuva continua.

§ Di Cavalcanti não pára. Inventor e invento. Tão misturado com seus quadros e os seus desenhos, que ataranta: é impossível descobrir onde ele acaba e onde eles começam...

§ Ao menos uma vez na vida, todos os homens conseguem um momento de fraternidade completa. Esse momento, até hoje, tem apatecido nas grandes catástrofes, quando um grito único enche os ares: “Salve-se quem puder!”

§ “Balada de Campos de Jordão”... E é primeiro a terra, a terra que pára nos olhos:

*Caminhos torturados...  
 Montanhas altas, altas, tão altas...  
 Céu azul, de um azul tão suave e transparente...  
 Vales verdes, verdes, verdes,  
 onde fios d'água tênues, musicais,  
 Cantam...*

E é depois a gente, todas as criaturas que enchem a vida da terra e que se juntam num homem só, num poeta, nesse Ary de Andrade, que sofreu e esperou e veio de lá com a mais pura das orações:

*E que minha' alma esteja sempre aberta  
ao coração ferido,  
ao espírito vencido  
do meu irmão mendigo, ou sonhador, ou desgraçado...*

Faz frio na “Balada de Campos de Jordão”. Frio bom, antes do sol chegar. O sol chegou. A alma esperava o sol. E é então, com a claridade que a aquece, diferente da febre que aquecia o corpo, – a poesia da terra, a poesia da gente. O poeta voltou da morte e viu que o mundo estava morrendo:

*Vinde comigo, irmão! – Vamos construir o novo mundo!*

§ Supersticioso? Claro! Que é que eu sei? Que é que é real? Que é que é suposto? Acredito em tudo.

§ O perigo da influência francesa, com esse governo de Vichy! Imagino se um dia no Brasil houvesse um governo de Caxambu!

§ “Inocência” é a palavra mais bonita da nossa língua. “Você”, a mais gostosa. “Umbigo”, a mais engraçada.

§ A velha companheira – O pintor Segal viu a lua e disse: – Lá está ela, sempre a mesma!...

§ Fevereiro, 1943 – Alfredo d’Escagnolle Taunay. Ia fazer cem anos, agora, no dia 22 de fevereiro. Foi-se embora quando 1899 come-

çava. Não quis ver o século XX. Até morrendo mostrou a sua delicadeza. No adeus que lhe disse Joaquim Nabuco, ficou bem justo o que significava para os homens daquele tempo o afastamento do companheiro: “... Quem nos resta? Que outro nome nosso adquiriu direito de cidade em outras literaturas? A dor de nenhuma outra morte brasileira repercutiria tão longe e se espalharia como a desta... Ah! eu sei que há muito quem julgue fácil fazer a *Retirada da Laguna*, ou *Inocência*. O mundo, o estrangeiro, porém, não o julga. Mas não é somente como literato que ele avulta: é como individualidade, é pelo conjunto das qualidades e da ação, é pelo fluido que ele desprende, pela eletrização do ambiente em redor de si, pelas correntes que transmitiu, pelo volume de opinião que deslocou em seu tempo... Nesse sentido, Taunay foi um modelador do novo Brasil, porque este será o campo das grandes migrações européias como o outro o fora das antigas importações, ou dos últimos resíduos africanos... E, mais que tudo, pela supremacia em sua vida da aspiração nobre, do elemento ideal, como se ela fosse o seu verdadeiro romance”.

— Puro sangue da França, ninguém o excedeu no amor à terra para onde os seus pais tinham vindo, onde se amaram, onde construíram a mais brasileira das famílias. A primeira vocação de Alfredo d’Escragolle Taunay logo revelou o sentimento que o levaria depois a todas as realidades da pátria: o Exército. Já o destino lhe abria o caminho: o pequeno heroísmo, do poder de sacrifício, da calma forte, e consciente dos soldados seria o autor do livro que marca um grande instante dos soldados do Brasil. A viagem pelo interior, tranqüila na ida, trágica na volta, envolveu para sempre nas luzes, nas paisagens que mudam a cada hora, o homem da cidade. Toda a existência do homem a quem devemos a intimidade dos sertões, das estradas cheias de ramos verdes, das velhas casas dos plantadores e dos criadores, da língua exata que se fala por aí afora; tudo que não se transformou e que às vezes, muito antigo, chega à capital, e alegre a capital com a novidade. A data da *Inocência* é 1870. Lá, num

diálogo do segundo capítulo, o Sr. Pereira responde ao curandeiro, que vai ser o galã do drama, e pergunta se fará por ali algum negócio: – “Gente doente é *mato*. – Com a explicação de Taunay, no pé da página: “Quer dizer: há abundância.” Contou José Veríssimo que Taunay, nos últimos tempos, estranhava, meio tristonho, que de tantos livros publicados por ele, apenas se citassem a *Retirada da Laguna* e a *Inocência*. É numerosa a lista do que escreveu. Chegou o tempo de dar por inteiro o pensamento do artista e do político à gente de hoje. Muito efetuou em tal sentido Alfredo de E. Taunay. Falta muito ainda. Chegou o momento. Anda um desejo de conhecer os parentes que honraram a família. A sala do retratos será mais bela se for uma biblioteca...

§ Não... ninguém se entende. Acabou-se a correspondência entre as criaturas humanas. Quanto mais falam, mais se afastam. Está todo o mundo no horizonte... Calar, não seria uma renúncia solidária? Para que produzir outras separações? Não sei se este momento é triste. Alegre, não é. Terminará sendo bom. Principiaremos a perceber melhor as coisas, a verificar como são companheiras, simples, exatas, as coisas que nos cercam, as que andam conosco, formam a nossa intimidade. A roupa, por exemplo, guarda os sentimentos de quem a usa. Quem vende roupa velha, vende além do que pretende... vende prazeres, amarguras, desejos, desenganos, delicadezas, maus modos... O homem feliz não teve camisa. A verdade é que, tal qual a verdade, a gente sempre nasceu nua. Os disfarços, em seguida, foram criando os mistérios, as desconfianças, as guerras, os motivos gerais da solidão... E tudo começou por uma folha de parreira!

§ No começo da guerra de 39 a 45, Reynaud quis revelar um fato que muito honrava a economia francesa: em quatro dias a subscrição para o armamento tinha dado um excedente de 1.600 milhões: de

francos. Paul Reynaud via aí uma promessa de vitória. Promessa que mais se firmava porque a Alemanha ia combater exausta pelo esforço gigantesco de preparar a guerra: sem ouro, sem pão. Como desmornara a Alemanha em 1918? – Os estômagos estavam vazios, estavam esgotadas todas as reservas, não havia dinheiro. O exército alemão ocupava cinco departamentos da França, e a Alemanha capitulou. Menos a ocupação, a história se repetiria... Mas a Quinta-Coluna velava. Sem pão, sem ouro, com todos os cansaços, a Alemanha ainda ocupa a França inteira, e só será expulsa pelos franceses que a Quinta-Coluna exigia que fossem fuzilados como inimigos da pátria, – a Quinta-Coluna consciente do seu crime, e a outra, erguida pela propaganda, na qual o próprio Paul Reynaud se pendurava. Em plena confusão, ele criou um ministério imitado do ministério de Joseph Goebbels, para espalhar anúncios da França. A França tinha necessidade de tal ministério? A França não era o país mais conhecido do mundo? A verdade saía de lá, naturalmente, em jornais, revistas, livros, quadros, estátuas, músicas, comédias, tragédias. Chamava-se Paris: a Cidade-Luz. A luz vinha de Paris. “Vi cidades e cidades” – escreveu, um dia, André Gide “acreditem num viajante: Paris é uma maravilha. Se eu pudesse desejar ser estrangeiro, seria para descobrir Paris”. Eis o sentimento unânime. Que conseguiria o novo ministério, de modelo nazista? Apenas escangalhar a propaganda antiga, e exata, a da inteligência. Paris, certa manhã, acordou infectada pelas tropas de Hitler. O General Weygand, com uma mentira, ajudado pelo General Michelin e os colegas mobilizados pela traição, conseguiu a parada da luta. A França de Paris passou para a França de Vichy. Porém o General de Gaulle e os franceses livres mostraram logo que aquilo não era a França, como a Alsácia e a Lorena nunca foram a Alemanha depois de 1810. Quando muito, aquilo será uma sucursal deteriorada de Baden-Baden, no gênero de Montecatini e outras águas que não servem para lavar... Tu não

podes perdoar os teus carrascos, França. Não serás a pátria dessas deformações humanas. A pátria é do povo livre. A pátria, bem a recordaste na voz de um poeta, quando a vida ainda era feliz: “... vitórias gloriosas, derrotas heróicas, belos exemplos de sacrifícios e virtudes... Catedrais, palácios, túmulos. Paisagens vistas em criança... paisagens que, mais tarde, foram, cenários de alegrias e de tristezas... Coisas íntimas, lembranças, tradições... Um modo de falar que parece o mais doce... uma velha canção... um provérbio cheio de bom senso... A pátria... é uma rosa que se chama França... Sim, a pátria é tudo isso... tudo isso e muito mais ainda...” (10-10-43.)

§ Há a terra onde nós nascemos, e há a mulher que nós amamos. Tudo mais é reflexo...

§ Olhar vitrinas é o jeito mais barato de possuir tudo que se deseja. No bairro e na cidade, tenho coisas lindas, inclusive uma coleção de sinos, grandes e pequenos, de bronze, de porcelana, de vidro, cada um mais bonito do que o outro. Tenho lindos serviços de mesa. Posso variar de pratos e talheres, de cálices e copos, o ano inteiro. E como torno farta e gostosa a minha dispensa, com grandes *patés!* grandes *champignons!* grandes aspargos! Como ilustro a minha adega com preciosidades de castelos, conventos, quintas da França, da Itália, da Alemanha, da Espanha, de Portugal. Os olhos são os melhores companheiros, e a imaginação é a amiga sempre pronta para os ajudar.

§ O Romance de *Diretrizes* O começo foi num sobradinho perto do largo da Mãe do Bispo... Podia ser assim se eu escrevesse o romance das *Diretrizes*. Porque é um romance. Mas, na verdade, a vida principiou num apartamento da Rua Senador Dantas e já o largo da Mãe do Bispo formava outro espaço vital. Ali, em 1938, encontrei essa alegria,

às vezes um pouco aflita, ali de onde afinal *Diretrizes* nunca saiu. Subo por aquele elevador. Bato naquela campainha. — Bom dia, Bluma! — Que importa que Carlos Lacerda tenha ido para o *Observador Econômico*? Vejo-o me levando para *Diretrizes*. Samuel Wainer quer saber pelo telefone: — “Há alguma coisa?” — Otavio Malta ri do mesmo jeito, em corpo nove entrelinhado. Azevedo Amaral continua defendendo o governo republicano da Espanha, definitivamente sincero. Rubem Braga deixou a profissão de Homem da Rua? Osório Borba perdeu o ímpeto certo? As estatísticas de Francisco Steele mudaram de exatidão? Não faz mal que Emil Farhat esteja no petróleo, pois é em *Diretrizes* que está. Ah! o vinho verde da nossa miséria feliz! Croquetes, sanduíches, maravilhas da nossa fome com gargalhadas! Augusto Rodrigues, os seus frevos não vieram de Pernambuco, nasceram e se criaram em *Diretrizes*. Noel Nuttels canta a “Alamôa”, canta a “Bahiana”, canta: *Oi, que beco estreito...* Moacyr Werneck de Castro esteve na Europa, chegou com saudade do Brasil, em *Diretrizes*, nunca mais saiu. Jorge Amado conta a vida de Castro Alves, toda a Bahia, toda a esperança. Vem chegando Dorival Caymmi. Foi ali que eu fiz cinquenta anos. Foi ali que Bluma ficou, na volta de todas as viagens, para sempre.

§ Por causa, talvez, das filas dos ônibus, ando me convencendo de que, na verdade, todos os homens são iguais. A igualdade é que difere: há para todos os gostos. Não acontece a mesma coisa com os macacos, embora os homens descendam dos macacos, conforme afirmam tantos hereges, e conforme demonstram tantos crentes. O certo é que os macacos não descendem dos homens. Aliás, nada disso tem importância. Eu estou é com aquele antepassado que garantia: — O que importa é o caráter. — Claro! Lembrei-me (pois amanheci com o espírito num estado totalitário de inocência) de um macaco de casa azul, que subia numa corda, e que me deram de presente quando

fiz nove anos. Ele não se cansava de rir. Pedi: – Fica sério, macaco! – Nunca que ficou. Era mais velho do que eu; sabia histórias que até hoje não consegui saber. Via, sem dúvida, com a antecedência da visão original. Ainda ri no fundo da minha memória. Não peço mais: – Fica sério, macaco!

§ A simpatia da alta sociedade pelas nossas princesas, pelos nossos príncipes, não tem nada com a política. É o que eu gostaria de chamar: o complexo do apartamento. A moda do jacarandá e outros paus ilustres. O prazer das antiguidades: jóias, espelhos pingentes, mangas, pratos, xícaras das casas dos sinhôs, das nhandãs, das sinhás. O modernismo exasperou o gosto pelas coisas velhas. Como os oratórios, as camas armadas, as mesas de bolacha, as colunas torcidas, os sofás, as poltronas, as banquetas, os consolos, as papeléiras, as cômodas, as arcas – suas altezas são exemplares desejados e caros. Ninguém quer a restauração da Monarquia; mas que felicidade começar o dia, bebendo leite por um copo que pertenceu ao serviço da Quinta da Boa Vista, trazido numa salva de prata vinda de Lisboa com Dona Maria I, a rainha louca! ... Ah! se no meio das raridades aparecesse um pão daqueles, de trigo, que o Conde d’Eu comia, – que torradinhas!

§ “Uma dessas manhãs que embelezam as coisas, e fazem nascer a alegria e a esperança no coração dos homens...” Manhã para ninguém sair de óculos escuros que põem um ar de mau tempo no ar. Manhã para os olhos, com todo o sol, moça, risonha, linda. Encontrei-a na praia. Pedi a Deus que a conservasse assim, e que assim fosse pela eternidade. Que bom principiar o dia com uma companheira tão querida! Botou prazer no meu corpo, abriu um sorriso na minha alma, me benzeu, por dentro e por fora, numa carícia longa.

§ Montaigne – Para os homens de boa vontade, que já conseguiram ensurdecer um pouco, há o prazer de ainda ouvir Montaigne, que disse: (e disse com uma voz que estou ouvindo) – Eu cito os outros, para que me conheçam mais. – Gostava de falar, sem enfeites, exato, e escrevia assim: “tal no papel como na boca.” Para Montaigne, a glória e a curiosidade eram os males piores da alma: “a curiosidade nos leva a meter o nariz em toda a parte; a glória não nos permite deixar nada irresoluto e indeciso.” Aquele tempo era parente do nosso tempo, aflito, com tanta gente em movimento, heróica e corrompida. Outros furores tentavam estraçalhar a França. Outras ambições punham frenesim no mundo. Mas, da antigüidade, nem tudo se perdera. As vozes do passado ressurgiam. Era a Renascença. Vinha de novo a luz. Montaigne foi esperá-lo no campo. Mais cedo do que os homens em geral. Tinha trinta e oito anos. Quase sempre é depois dos cinqüenta, que o desejo de “ir para fora” envolve os habitantes das cidades. É quando não podem mais... Montaigne foi para o campo, com “os seus bons amigos do passado”, os livros. Não se achou com força para lutar: “As próprias qualidades, não censuráveis que possuo, creio que são inúteis neste século. A simplicidade dos meus hábitos seria considerada covardia e fraqueza; a fé e a consciência entrariam no julgamento alheio, feitas escrúpulos e superstições; condenariam como importunas, irrefletidas, temerárias, a minha fraqueza e a minha independência.” Eis um homem a quem Archibal Mac Leish chamaria “irresponsável”. Na solidão, dentro da torre, que era uma livraria, esse “irresponsável” nunca seria um “clérigo traidor”, para Julien Benda. As opiniões estranhas não têm importância. Montaigne, quando se afastou da convivência, foi para se estudar. Ao livro de estudos deu o nome de *Ensaíos*, e fez uma confissão final: “Se tivesse de reviver, reviveria como vivi”. Sozinho, tirou as máscaras das coisas e das criaturas. Individualista? Vira que “cada homem carrega a forma inteira da condição hu-

mana”. Mais: “Comunico-me com o povo, pelo meu ser natural”. Sentia que existe “o pensamento tranqüilo”, que existe “a paz”, que existe “o repouso das consciências”, que existe “todo um ideal de fraternidade e de justiça...”

§ O Senhor disse a Moisés: “Não cobiçarás a casa do teu próximo; não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu burro, nem outra alguma coisa que lhe pertença.” Deu mais ordens, antes e depois. Por exemplo: “Não matarás”. E sempre que vão fazer tudo isso, os homens pedem a proteção de Deus. Que falta de respeito!

§ A viagem de um poeta – Esse Herman Lima, que há um ano me revou para a Inglaterra, agora foi comigo de novo a Londres, onde tivemos a primeira impressão da neve, depois de andarmos por Argel, Nápoles, Capri, Pompéia, Roma, Florença, Pisa, Veneza, Milão, Bruges, por uma porção da Holanda. Passamos o Natal nos Alpes. Estivemos duas vezes em Lisboa, o que poderá parecer exagero a quem não sabe que Lisboa é o primeiro e último porto brasileiro. Seguimos para Berlim, Copenhagen, de Stocolmo para o país da Gosta Berling, que é como quem diz “a terra de Selma Lagerlöf”, e daí para Oslo, continuando pelos “fjords”, e partindo depois para Lisieux, depois para Madri, via San Sebastian, depois para Burgos, depois para Toledo... Que viagem boa! Começada e terminada num domingo de maio, com o sol mais inocente do mundo. *Outros Céus, Outros Mares*. Um livro. O veículo melhor. Nos outros céus, nenhum “caça”. Nos outros mares, nenhum submarino. Como Herman Lima sabe conversar! Ele conta. A gente vê, a gente escuta. E é tudo verdade. Só uma vez não reparou bem e disse, nas proximidades de Burgos: “... que foi até bem pouco a capital do país redimido”. Mas, como se achava lá, talvez dissesse isso

para não ofender os espanhóis que acabavam de ser escravizados. Herman Lima é, principalmente, um poeta.

§ Os índios, chamados selvagens, punham os velhos suspensos dos galhos altos das árvores: – “Agüentem-se”! Os que se agüentavam podiam continuar vivendo. Os que caíam, eram mortos, por inúteis e dispendiosos. Isso foi muito antes da “seleção natural”. Parece que naquele tempo, também de caça, pesca e guerra, a vida já tinha as suas dificuldades, embora sem tabela de preços. Ao menos para os maiores de oitenta anos, a civilização serviu.

§ Os três grandes comentadores em traços da guerra de 1914-1918 não fizeram caricaturas: Steinlen, Rademaker, Hansi. Fizeram poemas, desde a dor profunda até a ingenuidade mais à mostra...

§ Tarde de outono... Onde estão os plátanos de Porto Alegre? Onde está a bruma que vinha do céu, molhada de luz, fria? As lâmpadas tinham olheiras. As ruas eram trêmulas. Tarde presente e distante... Tarde da minha idade... – Boa tarde, tarde! – Sigo para a fila. Penso em Anatole France: “A lei é igual para todos. A lei proíbe tanto ao rico quanto ao pobre, dormir debaixo das pontes, e roubar um pedaço de pão.” Penso em Pirandello. Pirandello continuou, até morrer, na Itália de Mussolini, – por pirandelismo. Penso no Padre Arsêne de Paris, companheiro do padre Yves d’Evreux, que escreveu do Maranhão, há tantos anos, ao Superior do seu Mosteiro, na França: “Eu vos asseguro, meu Padre, que, quando estivermos melhor estabelecidos, será isto aqui um verdadeiro paraíso terrestre.”

§ Outono. Fui muito desse tempo. O mundo não era melhor, mas era ruim sem se saber. Já se dançava muito. Apenas não havia tanta

música. Depois, um dia, dia 4 de agosto de 1914, veio a guerra. O grande verão. Fiquei, desde aí, com o sentimento de que a vida estava errada e de que era preciso passá-la a limpo.

§ Pirandello – Muitos homens caem do cavalo e batem com a cabeça numa pedra. Não lhes acontece mais nada. Pirandello conheceu um homem que, pela mesma oportunidade, ficou doido e se encarnou no Rei Henrique IV. Foi isso, muito anos. De repente, o juízo reapareceu, e ele, de novo, teve razão. Teve a sua razão. A natural. Quando Pirandello morreu, espalharam que lhe tinha faltado o sentido da humanidade. Ora, esse sentido, Pirandello o possuiu acima de todos os sentidos. Dono das imagens inesperadas, perturbador, diferente, aquele homem retraído, inquieto, curioso, botou diante de todos, a verdade triste, a amargura sem remédio. As tragédias de Pirandello, com modos de farsa, doem no coração e desandam a rir na cabeça. De tantos nervosismos, surgia a calma. Em tantas surpresas, o velho espetáculo do mundo se revelava. O desejo de solidão de Pirandello era o gosto de colecionar. Nunca se queixou, porque pensava antes. Tudo era de súbito para Pirandello. Eis o autor do século XX. Partiu cedo demais. Milhões de personagens procuram hoje, em vão, o seu autor.

§ Não nasci para chefe. Chefe manda. Eu peço. Peço que não me mandem.

§ “Do mundo nada se leva...” Um filme de que se voltava com um sentimento de doçura, um pouco resignado, e tão amigo! Para que impor aos outros o nosso jeito? Para que ambicionar? Para que perseguir? Cada qual é como é, e não tem culpa... Vamos ser simples, vamos ser tranquilos, vamos ser puros... estrelas, fontes, flores... Que adiantam desejos, julgamentos, transe? Nós nos mexemos, interinos, por sobre

as sombras dos que passaram antes. Um filósofo, que era poeta, avisou que a humanidade se compõe de vivos e de mortos, e que os mortos são muito mais numerosos...

§ 1944 – Quando Luiz Edmundo tinha vinte anos, montou no Desejo, pouco se importando de saber para onde o atirava a sorte, naquela corrida, à garupa do animal que parecia “um centauro enraivecido e bruto”:

*Corra, embora, febril, para as portas da morte,  
Para a profundo céu, para o inferno profundo.*

Não houve nada disso. Luiz Edmundo amansou o “animal de trágicos furores”, e com sessenta anos, desceu lépido, e enxuto, como dizem os gaúchos, na porta da Academia. Lá está, desde antes de ontem, depois da festa da recepção, durante a qual contou ótimas impressões de viagem. Poeta. Historiador. Jornalista. Homem em movimento. Menos uns cabelos que o ventou levou. Mais umas idéias que o caminho trouxe. No coração, com a idade da partida, ainda o mesmo bem querer do tempo em que a cidade era a do tempo dele, e era a do tempo de D. João VI, a mesma do tempo dos Vice-Reis. Luiz Fernando, com a graça que não conseguiram os cronistas do segundo Império, Moreira de Azevedo, Mello Moraes Filho, Vieira Fazenda, é o padre Perereca passado a limpo: não se refere, não cita, não evoca; assiste, transmite. São as ruas, os velhos prédios, as fachadas, os interiores, as criaturas que regressam tais quais. Eis a explicação de um brasileiro tão brasileiro falar às vezes bem à portuguesa: o resto da Colônia que ficou pegado no seu nacionalismo.

§ O juiz da Primeira Vara. O juiz da Segunda Vara. O juiz da Terceira Vara... É por isso, com certeza, que muita gente tem medo dos juízes...

§ A criatura que se confessa, confessa todas as criaturas. Muitas coisas não sabemos de nós porque não ouvimos as coisas que os outros sabem deles, e contam.

§ Foi entre os alemães que o romantismo surgiu, e até hoje, o romantismo os leva a fantasiar mitos, a encarná-los no primeiro espantalho que encontram. A inteligência pesa nos alemães, precisa de asas. Às vezes, as asas são de Goethe, de Novalis, de Heine; às vezes, são de Hitler, de Goering, de Goebbels. Pobres alemães! Rivarol, em Hamburgo, num jantar, reparou que os convivas do país o escutavam meio tontos e em seguida falavam em voz baixa, de um a um. “Veja” – disse ao francês ao lado dele – “veja esses alemães: eles se cotizam para compreender uma frase de espírito”. Um alemão de hoje, no desterro, Emil Ludwig, escreveu: “É espetáculo tragicamente irônico, reproduzido através dos séculos, desde Arminius até Hitler, e que responde à pergunta de todo o mundo: – Como é possível que o povo que produziu um Beethoven, um Goethe, um Kant, recaia assim na barbaria? – Na História da Alemanha quase todos os governantes eram ignorantes; portadores de cultura eram os governados... Mas, para o mundo, os escritores, os músicos, os pintores, os escultores, os cientistas alemães significam mais do que o conjunto de todos os seus imperadores e chanceleres. Nenhuma das vitórias alemãs teve sobre a humanidade tanta influência como a invenção da imprensa. Pena é que os imperadores e os chanceleres, os governantes ignorantes, continuem aparecendo, cada vez piores; e os governados, portadores de cultura, sejam mandados para a morte, nos campos de batalha, nos campos de concentração!...

§ Liberdade de pensamento... Quando foi que houve? Diz-se que o pensamento não é livre quando não se pode ser contra o pensamento dos outros. Este pensamento tem me consolado muito.

§ Como eu olho pouco os letreiros dos bondes, não sabia que um bonde mostra este letreiro: JARDIM ZOOLÓGICO. Fiquei sabendo hoje. Muita gente estava dentro. Entrou muita gente. Quando ele partiu, tive certo arrependimento de o perder... Humildade? Discricão? Ignorância?

§ Centenário esquecido: o de Anatole France. Ele nasceu no dia 16 de abril de 1844, numa casa do cais Malaquias. Partiu há vinte anos. A gente nova de Paris o descompôs: – “É o avô que fez economias e deixa-nos a sua péssima fortuna de usurário.” – “Dissolvente.” – “Maligno.” – “Gozador.” – “Há um caso Anatole France porque se tomou uma tradução por um texto original”. – “Arquive-se”. – Moço, defendera Zola. Velho, defendeu Victor Margueritte. O processo Dreyfus e o processo de *La Garçonne* conservaram a incompreensão que o julgou depois de morto. Anatole France tinha dito. – “Temei censurar a inteligência. Respeitai o pensamento que encontra sempre, no futuro, vingadores implacáveis.” Não lhe perdoaram o abade Coignard, a *História Contemporânea*, “Rumo aos tempos melhores” e *Vida de Joana D’Arc*. Esqueceram-se disto: – “Chamamos perigosos aos que têm o espírito diferente do nosso. Chamamos imorais aos que não têm a nossa moral. Chamamos céticos aos que não têm as nossas ilusões, e nem nos preocupamos de saber se eles têm outras.”

§ Suponho que sou um homem de calma absoluta. Confesso, entretanto, que já não entro numa exposição de pintura com aquele sentimento de segurança, capaz, noutros tempos, de me levar, tranqüilo, mesmo ao Salão da Escola de Belas Artes. Por causa de Hitler. Hitler, um dos piores pintores do mundo, olhem no que deu! Quem me garantirá que não vou conhecer alguém de gênero parecido, de sina tal qual? Pincel na mão e tela esticada podem despertar estranhas vocações...

§ Não é a lua que importa... é o luar..

§ Além do mais, os desenhos animados revelaram que nada há definitivo. Por exemplo: a noção de touro que possuíamos foi completamente desmoralizada pelo touro Ferdinando.

§ Também da chuva, gosto da que vem, suave, lenta, com melancolia. Dessa, nervosa, irritada, barulhenta, não; e peço-lhe que me desculpe...

§ Agora, na Europa, é bem o verão. Mas os campos que se enchiam, de julho a setembro, há quantos anos não têm mais férias! A gente das cidades não foi, ainda em 1944, de corpo cansado, buscar nas asas de repouso, entre as árvores, pelos caminhos onde a luz do sol se misturava com os cantos dos pássaros, a cura da terra, a ternura das paisagens, a quietude, a solidão. Pobres campos! Pobre gente! Este ano, entretanto, no meio da guerra, vaga a esperança. Há de ser o último verão desgraçado. Em 1945, ao menos a paz estará de volta, e encontrará muitas ruínas. Por ali passaram os homens maus...

§ João Neves da Fontoura, então nomeado embaixador em Portugal, nas vésperas de seguir para o seu posto (isso foi há três, quatro anos), encontrou o ministro da China aqui, e lhe pediu notícias da guerra com o Japão: — Oh! notícias boas! China vai vencer Japão. — E a vitória não demorará... — Não, não: três, quatro séculos. — Eis uma lição ótima. É preciso esperar, mesmo longe da China, esperar com certeza e com paciência, e não apenas vitórias, em geral tristes; esperar as pequenas alegrias, companheiras fiéis da vida. Três, quatro séculos. Quando voltar, em 2045 ou 2046, essas alegrias estarão novas nos aguardando. Até lá, vamos conseguir acabar com as brigas. Para quê brigas? Que adiantam? Por que não se escuta, enfim, o conselho de Je-

sus: “Amái-vos uns aos outros”? Quando um homem não entender o que outro homem disser, em vez de gritar, de ameaçar, de avançar, pergunte com doçura: – Que foi o que o senhor disse? – O outro, também com doçura, explicará: – Foi o seguinte... – E tudo há de acabar em paz. Não há de? Não sei se me explico bem. Sei que, no dia em que tudo ficar explicado, o mundo não será tão divertido, mas, em compensação, os automóveis, os ônibus, os lotações e as motocicletas serão de asas, e os atropelamentos se produzirão todos no ar...

§ O budismo ensina que tudo é temporário, como as miragens, os fantasmas, a espuma das águas. E Nietzsche deu um conselho ótimo: “Vai para onde o mundo te espera, semelhante a um jardim. Vai para junto das roseiras, das abelhas e do vôo das pombas.”

§ Nietzsche abominava as perseguições aos judeus, e não levava muito a sério a humanidade. Dizia: “Não consideramos os animais como seres morais. Mas os senhores pensam que os animais nos acham seres morais? – Um animal que sabia falar afirmou: – A humanidade é um preconceito que nunca nos atormentou.” Dizia: “Uma gota de sangue de mais ou de menos no cérebro torna a nossa vida miserável e penosa. Essa gota nos faz sofrer mais então do que a água fazia sofrer Prometeu. E o pior ainda é quando não se sabe que a causa está nela. Há quem supõe que está no diabo.”

§ Zaratustra: “É noite. Sobe mais alto a voz das fontes cantando. E também minha alma é uma fonte cantando. É noite. Todos os cantos dos amorosos acordam. E também minha alma é um canto de amoroso.”

§ Pertenco a uma despedida. Devagar, primeiro, – a toda a velocidade, depois, – vi o adeus da inteligência. Ela partiu, envergonhada. E deixou o campo aberto. Que invasão, hein!

§ Lá longe, nos começos do mundo, Caim matou Abel. A primeira guerra. Cresceu e multiplicou-se, igual: irmãos contra irmãos. Pertencemos a essa família, sem sobrenome; temos uma origem única: Paraíso...

§ Romain Rolland não acreditava na fatalidade. Nenhuma fantasia o deteve. Nenhum ímpeto o carregou. O combate não lhe bastava. Mais importante era o esclarecimento. Foi o intelectual puro; foi o estranho romancista; escreveu sobre a música e os músicos; sobre Michelangelo, Tolstoi, Millet, Gandhi; os espíritos sem limites, os precursores; acordou um dia na política, que não era a dos políticos. Subiu, para ver melhor, e subindo, não ficou sozinho. O teatro havia de o atrair. Não o teatro para alguns, a elite ou a escócia, com sutilezas e desvarios, moda, refocilamento, vulgaridade. Quis o teatro para todos, a multidão, diferente do que lhe davam, de lágrimas perdidas e gargalhadas descobertas. Teatro que instrísse, educasse, revelasse, não parecendo que instruía, educava, revelava. O povo se conduz mais pelos instintos e pelos sentimentos, do que pela razão. O povo não gosta de ser ensinado como qualquer criança; esquiva-se das conferências. No espetáculo, entregue a ele próprio, crente de que não depende de ninguém, está na grande escola, e não sabe. Romain Rolland não expôs as idéias de longe; desceu com elas à rua. As tragédias da fé e as tragédias da revolução passaram pelas cenas de Paris, e os livros as guardaram, para de novo surgirem, como já uma delas, “14 de Julho”, surgiu, antes da guerra, na praça pública, sem lugares marcados. Todas são exemplos, são modelos. Teatro que vai ser. Romain Rolland trabalhou sempre para os que caminham. Quiseram pôr uma pedra de silêncio sobre o seu trabalho. Não foi debaixo dessa pedra, – foi sobre ela, que Romain Rolland conclui o seu trabalho. A viagem chegou ao fim, Romain Rolland, e com certeza disseste, pois amavas Simbad, o Marinheiro: – Abençoado repouso. Dorme, minha cabeça. Durmam,

meus pés. Vocês trabalharam bem. O caminho foi duro e perigoso. Mas foi belo, apesar de tudo. – Adeus, Romain Rolland. Agora sim, estás acima da confusão. Agora sim, és um homem definitivamente livre. Boa viagem, amigo.

§ É preciso falar do céu, em qualquer tempo, “com o coração nas mãos”, falar do céu como quem se lembra de uma pátria que pertence a todos, a pátria linda, a mais querida, a mais igual. Não mentir, – por maldade. Supor, – por bondade. Fazer que nunca mais aconteceu o que aconteceu, antes das eleições, em Copacabana. Foi a primeira vez que aquele garoto do morro esteve na lição de catecismo. E foi a última. Subiu tristonho para o barracão: – “Oia, mamãe, esse negócio de céu, sabe? – é só p’ra os ricos”.

§ O “golpe” não é uma tradição que nós herdamos dos primitivos habitantes do Brasil. Quando os índios enjoavam do cacique, não faziam nenhuma desordem. Arrumavam as redes, os arcos, as flechas, e mudavam de paisagem. O cacique ficava falando sozinho.

§ Como esse homem fala mal dos homens! Terminará falando sozinho, igual ao boticário do interior que, horas e horas, numa roda grande, injuriou, caluniou todos, um por um, à medida que partiam; afinal, quando saiu o último ouvinte, parou diante do espelho, e não se conteve: – E você, hein, seu biltre! Você não é muito pior que os outros?

§ A guerra entristeceu demais. Ah! até que o tempo melhore, nem dá vontade de abrir a janela! Nunca houve tanta cara feia!. As flores parece que nascem arrependidas. O sol, de manhã, tem uma luz encabulada, como se pedisse perdão por vir acender mais. um dia...

§ A biblioteca de Alfredo de Carvalho foi dispersada. Pelos preços que os livros que a compunham, atingiram, ela hoje valeria pelo menos mil contos, O governo de Pernambuco recusou oitenta contos que a família pediu por ela. O parecer da comissão nomeada pelo governador para estudar a proposta, foi contra, pois “não possuía livros de Direito e as obras que a formavam eram quase todas em idiomas estrangeiros”. As obras dos viajantes que estiveram aqui, – nas edições originais!

§ Já se sente, vago e simpático, um ar de Renascença. Se o novo Erasmo ainda não escreveu o novo *Elogio da Loucura*, existem uns pequenos Montaignes, escondidos por aí, que compõem os seus *Ensaíos*, livros também de boa-fé. Até se fundou no Rio de Janeiro uma Sociedade dos Amigos dos Clássicos – pensadores em voz baixa, os amáveis clássicos, aos quais devemos esta língua com toda a solidão. Na volta da paz, entre arranha-céus, como dará felicidade ler, antes de Frei Luiz de Souza, do padre Manuel Bernardes, de Dom Francisco Manoel de MeLo, – o doce Bernardim Ribeiro: “Neste monte mais alto de todos (que eu vim buscar, pela suavidade diferente dos outros, que nele achei) passava eu a minha vida, como podia, ora em me ir pelos fundos vales, que o cingem derredor; ora em me pôr, do mais alto dele, a olhar a terra como ia acabar no mar: e depois o mar como se estendia logo após ela, para acabar onde o ninguém visse...” Há um rumor de água caindo. A noite desce. Daqui a pouco todo o céu se encherá de estrelas...

§ É preciso devolver ao circo o seu destino. Que ele volte a ser aquele Circo de Cavalinhos da nossa infância, festa de todo mundo, com os jóqueis, as amazonas, os atletas, os equilibristas, os contorcionistas, os malabaristas, os valentes do trapézio e o tambor tocando na hora perigosa... Os palhaços, tão engraçados... As famílias japonesas,

tão inocentes... O homem que engolia fogo... O homem que engolia uma espada... Os mágicos... Os cachorros ensinados... O elefante que sabia dançar. Domadores, domadoras, tigres, leões... Tanta gente querida... Tanto bicho simpático... Rosita dela Plata, Paulo Cirino, Queirolo, Olimecha, François, Chicharrão, Piolin... Tirem esses dramas daí! Pantomimas. Pantomimas!

§ Estou ouvindo a “Valsa” de Ravel. Minha neta Ana Maria vem para junto de mim, escuta também. Ela, ontem, quase morreu afogada. Quando a valsa termina, Ana Maria pergunta: – É a música do fundo do mar, não é? – Ninguém ainda definiu melhor a “Valsa” de Ravel. Sim... foi uma valsa que caiu no fundo do mar. Está dançando no fundo do mar. É como se a gente a ouvisse, de braços sobre as ondas...

§ Muitos escritores bons deram para ser maus pintores. Acho que isso é a literatura da época.

§ Ah, uma casa de campo! Sair de manhã pelos atalhos, andando com o vento bom, junto do riacho quieto, entre o sol e a sombra, até à fonte onde os pássaros ficam a ouvir, pequeninos, calados, a cantiga um pouco triste da água. Voltar trazendo a melancolia de tudo, o prazer que se guardou...

§ Está tudo errado. Não faz mal. Faz até bem. Depende da gente esperar. Esperar mesmo sem esperança, com paciência. Por exemplo: o ano passado, no tempo das tangerinas, elas não prestaram, pequeninas, azedas, gosto de velhas. Agora, que não é tempo, as tangerinas vieram grandes, novas, gostosas. São frutas boas e são símbolos bons. Ensinam, na boca, pelo prazer que dão ao corpo e ao espírito, que tudo há de ser assim, coisas físicas e metafísicas, na terra, em cima da terra, em-

baixo da terra. O mundo que as moscas vêem talvez seja mais interessante do que o mundo que nós vemos. Elas têm os olhos facetados. Desconfio que os nossos começam a ficar iguais. Quantos já avistam discos voadores, objetos estranhos, pedaços, com certeza, de outros planetas. Um dia, os nossos olhos descerão as pálpebras, e hão de encontrar na alma, como numa ilha perdida, a primavera, desejos naturais, virgindades, espantos, o belo reflorescimento, — a mulher e o homem sorrindo um para o outro na água do rio, pensando que o tempo é a água do rio com o céu no fundo...

§ LAO-TSE — Ele mandava ser bom com quem é bom, e, com quem não é bom, ser bom também. Deve ter acontecido o diabo a esse chinês!

§ Um homem hoje foi injusto comigo. Olhei-o com espanto. Depois corrigi o espanto com um sorriso que veio de muito longe: — Eu te peço perdão de te perdoar...

§ Osvaldo Goeldi — O pintor Carrière, que amava a realidade, punha a vida nos seus quadros através de um nevoeiro. Osvaldo Goeldi vem ele mesmo do nevoeiro. É de lá que nos chega, às vezes, com as suas criaturas, gente da intimidade silenciosa, e alguns bichos amigos, e as coisas que se somem dos outros olhos. Osvaldo Goeldi quer bem a toda a vida. Com melancolia. De quando em quando com desespero. Justamente pode contar em traços Poe e Dostoievski. Existem os que admiram e repetem sem sentir. Existem os que acham que neste mundo tudo é comércio. Existem os intérpretes. Osvaldo Goeldi foge desse cotidiano passado a limpo. Prefere os originais ainda em borrão, numa espécie de primitivismo de retorno. Aconteceram vastos acontecimentos. Assistiu-os meio atônito, meio triste. E foi procurar, de ma-

drugada, os pescadores que vão ao mar ou vêm do mar, foi ver os que dormiram na noite aberta, e os cachorros livres que imitam as sombras dos que vagam pelas ruas tranqüilas. E conta em imagens, para os amar mais, o drama deles, sem fim... É um artista de qualquer tempo. É um homem de sensibilidade ampliada, esticada pela imaginação, e que esconde isso por vergonha...

§ As lembranças são estrelas. A memória é uma noite bonita. Não faz mal que essas estrelas tenham morrido há muitos anos. A luz delas ainda me acaricia...

§ Vou andando por eles. Os livros formam uma estrada como as antigas estradas católicas, cheias de perdões. Vou andando, crente, apesar de ter aprendido num dos descansos que “umas mãos, um gesto de mulher, um perfume de flor ou um velho estofo consolam bem melhor que Marco Aurélio”. A rainha Maria Teresa, da Áustria, julgava vis e corruptoras as *Cartas Persas*. A Constituição Americana de 1787 insistia: “Os homens possuem direitos imprescritíveis à vida, à liberdade, à felicidade.” Coisas que, neste século, ficaram sendo coisas absurdas. Num livro onde paro, escuto: “As coisas absurdas são as únicas agradáveis, as únicas belas, as únicas que dão graça ao mundo e que nos impedem de morrer de aborrecimento.” Novalis tinha avisado: “Se vires um gigante, olha para a posição do sol, e repara se o gigante não é a sombra de um anão.” Não escutamos o aviso de Novalis, esquecidos também de que Helvetius prevenira antes: “Para quantos homens, raciocinar é pecar contra a Natureza.” Calma! Vamos esperar com paciência o dia do Juízo Final, que nos está prometido há muito tempo, e que, pelo jeito da pequena humanidade, é um dia já bem próximo. Haverá grupos formados de mistura, no vale de Josafá. Mulheres e homens recordarão os últimos anos percorridos nos campos tris-

tes e nas cidades aflitas. Contarão coisas de arrepiar, mesmo a quem está na expectativa do prêmio ou do castigo. O Juízo Final será sem recurso, sem apelação. Lá, *habeas corpus*, nem por engano. Com certeza, eu hei de estar junto de todos, esperando o meu céu ou o meu purgatório, que, inferno, Francis Jammes me contou: “Não há inferno na terra do bom Deus.” Embora a minha capacidade de exagero, pensarei na anedota de Fontenelle com o mentiroso, ao ouvir o que um espectador de certas atitudes humanas, tão desumanas, estiver narrando: – O senhor viu isso? – Vi. – Pois acredito porque o senhor viu. Se fosse eu próprio que tivesse visto, não acreditava...

§ Segundo os últimos recenseamentos, os números de adeptos com que contam as várias religiões são estes: 331 milhões de católicos; 144 milhões de ortodoxos; 37 milhões de anglicanos; 23 milhões de protestantes; 15 milhões de coptas; 354 milhões de confucionistas, taoístas; 262 milhões de indianos; 216 milhões de muçulmanos; 152 milhões de budistas; 136 milhões de animistas, 28 milhões de sintoístas; 23 milhões de judeus; 90 milhões de diversos. Fora as frações. Não era a fé que faltava à humanidade. Era a esperança, talvez; a esperança que ficou lá no fundo daquela caixa famosa. Os velhos deuses e as deusas sobraram em estrelas: Vênus, Marte, Saturno, Júpiter, e mais, com os nomes que tinham em Roma, já diferentes dos que tinham em Atenas, depois que o medo pôs esse ar de loucura na vida...

§ Edgard Cavalheiro mandou a mim, como tinha mandado a muitos escritores, o convite para eu escrever meu testamento. Esse, reunido a outros, constituiria o Testamento de uma Geração. Fui adiando, adiando, acabei não fazendo a relação dos bens que poderia deixar aos mais moços. Tão poucos, os meus bens! tão pessoais, tão íntimos, tão envergonhados... uns cacoetes românticos, certos equívocos, a única

certeza de nunca haver traído a ninguém e a nada... reticências... reticências... – eis o legado a transmitir. Testamento de pobre.

§ Acendo o “meu” cigarro. Sento-me na “minha” cadeira. Vou ler o “meu” jornal e aumentar as “minhas indulgências.” Esta sensação de propriedade é uma delícia!...

§ As noites agora são silenciosas. É um prazer não dormir assim. Enquanto lá fora uma chuva lenta cai, – com a minha solidão, aqui dentro, tenho as férias da vida. Sem ninguém, posso chamar as criaturas que desejo. Não me arrisco a encontros aborrecidos. Vejo quem quero. Falo com quem quero. A ilha, enfim! Chamei Jesus para a ilha. Jesus, que morreu solteiro, não gostou do mundo. Foi-se embora com trinta e três anos. Não veio mais. Ninguém vem mais do céu. Amo Jesus. Admiro Jesus. O maior intérprete de instintos! Sempre imprevisto, atirou aos companheiros um humorismo de esperança, contraste do nosso humorismo de manias recalçadas. Doce, em geral. Enérgico, às vezes. Essencialmente, tímido. Anestesiava-se com as palavras. O Sermão da Montanha vale por todos os paradoxos de todos os autores sobre a ilusão. As chicotadas nos mercadores valem por todas as chicotadas que ninguém depois, nem com impostos, deu nos mercadores. Nada há comparável ao último instante no Calvário. Com os gestos presos e a atitude de vôo, um homem diferente morria pelo bem de todos os homens semelhantes. Os homens que o matavam não sabiam o que faziam. Os homens que matam nunca sabem o que fazem.

§ Um dia, encontramos uma estrada. É no instante em que devíamos chegar a ela. Nela estão a nossa fonte, a nossa sombra, o nosso sorriso, o nosso amor. Vamos andando. Paramos para escutar e ver o vento nas árvores, o vento suave que dá voz e gesto às árvores. Segui-

mos, com o sentimento de repartir por toda a vida, tanta paz, tanta alegria, tanta felicidade... Por uma estrada assim passou decerto o homem mais só do mundo – o que nunca pensou em vencer e dominar, – o que sempre quis pôr sobre a aflição dos outros homens as suas mãos serenas, – que disse: – Eis a lição da natureza. Podemos semear e colher um destino livre e magnífico. Podemos destruir a ambição. A ambição perverteu a alma com que Deus nos floriu, levantou fronteiras de ódio. Muitas invenções proclamam que os homens possuem o instinto da união, que aspiram à fraternidade. A aviação e o rádio aproximaram os povos. O que falo chega, agora, a milhares de seres humanos, e amanhã estarei, se quiser, no lado de lá do planeta. Lutemos, sim, de mãos estendidas, por uma era de entendimento, por um futuro de justiça, por uma existência bela e tranqüila.

§ Oh! inverno! Abri a janela para você entrar. Entre. Sente-se. Quer um cigarro? Então? Ah! o nome dessa flor é narciso. Bonita flor! Nome bonito! Sim, amigo, temos a mesma idade, quase. Podemos rever a vida. Foi misturada. Não foi má. Talvez com certo exagero na parte das guerras. Tantas! A dos boers. A russo-japonesa. A de 1914-1918. A maior das quatro, que trouxe a contra a Espanha, antes, e a contra a Coréia, depois. Podemos pedir a paz, não podemos? E um pouco de silêncio. Descansar em paz na morte, nunca adiantou nada a ninguém. O que (desconfio) há de adiantar tudo a todos, será descansar em paz na vida. Descansar, inverno! Em Petrópolis, em Porto Alegre, num subúrbio chamado Encantado. Por esse mundo... Eu quero, mesmo, é uma casa, vista em Florença, há quarenta anos (há quarenta anos, inverno! – você já era assim, eu ainda não era assim...) uma casa dentro de um jardim, o jardim mais quieto da Itália. Tinha uma fonte e tinha um cipreste. Florença! Olhe: o vento passou pelo narciso. Não parece que o narciso está dizendo: que sim, que sim?...

§ Os limites do mundo podem ser essas paredes caladas, com a janela aberta para o céu...

§ Afinal, não é a vida que melhora o mundo: é a morte. Que pena!

§ 1945 – A gente custa a voltar de São Paulo! Estou aqui há quatro dias, e só hoje sinto que cheguei mesmo. Ó meus amigos! Ó Largo de São Francisco, tão bom! Ó Rua da Liberdade, que está sendo conservada! Ó noites, que sois as noites mais bonitas do mundo!

§ Primeiro Congresso dos Escritores Brasileiros. São para lembrar com orgulho esses dias de 22 a 27 de janeiro de 1945. Grande Congresso! Congresso de defesa de todos os direitos. Muita palavra se perdeu na sessão inicial. Bastante tempo se perdeu. Esquecimento. Falta de prática. Nas outras sessões, foi como se houvesse sempre Congresso. Estudou-se, discutiu-se, esclareceu-se a tarefa numerosa da inteligência no mundo que quer a paz para viver.

§ Dos que partiram do Rio, o regresso foi alegre também, como a ida, e foi mais rápido. No trem noturno, durante doze horas, o sono é livre. No diurno aumentado pela madrugada e pela noite; o sono é obrigatório. Com aquelas paradas e aqueles arrancos, a carne é fraca. Se se tratasse de um selecionado de futebol, as condições seriam melhores. Não se tratando de um selecionado de futebol, as condições, sem má vontade, mantiveram-se piores. O trem deu a última imagem das tentativas inaugurais no gênero. Deu e dá. Continua saindo e voltando com a lentidão de uma criatura que não se impressiona absolutamente. Chama-se “Expressinho”. Começa aí o seu desprezo das formalidades. Devia rodar às quatro e vinte; rodou às quatro e meia. Trem independente. Anda e pára, como quer. Horário, para quê? Ape-

sar dos trilhos, nunca vi emancipação mais completa. O “Expressinho” não faz viagem; faz uma longa paciência, e define, calmo, o gênio bom. Haverá homens que se irritem com o “Expressinho”. Os homens de letras, aos quais dão a fama de irritados, não se irritaram. O Congresso, para a bancada carioca, principiou um dia antes, na estrada comprida, de Pedro II, a Norte, com maçãs, laranjas, cigarros, almoço em Agulhas Negras, um café honesto em Cruzeiro, vastos cochilos, conversas sortidas. Produzimos otimismo no percurso. Chegamos, ou não chegamos? Devagar, que importa! Os nossos aliados chineses ensinam que a sabedoria da vida reside na eliminação do que não é essencial. – Correr, quando se vai para junto de amigos, é essencial? Ainda que fosse, os nossos aliados chineses acrescentariam: “Uma das maneiras de simplificar a vida está nesta frase: ‘Não tem importância simplesmente porque não tem importância.’” O que desejávamos era a vitória do Congresso. Presos no vagão, abafados, cobertos de poeira e cinza, vivemos horas cruéis. No retorno, quem se recordou de tais horas? Noite luminosa, vento fresco, prazer imenso. Cada um sorria para o outro. Trazíamos todos umas caras de feliz ano novo...

§ Um amigo jovem de Clovis Ramalhete, a quem ele havia revelado Eça de Queirós, foi dizer-lhe no dia em que acabara de ler o último volume: – “Acabei o Eça de Queirós!” – e tinha na fala um jeito irremediável de nada mais fazer. – Não conheço julgamento tão definitivo sobre esse homem, sempre querido, sempre admirado. Vem, parte; quando volta, ninguém quer ouvir senão o que conta, e já contou, e é como se ainda não contasse. Eça de Queirós principalmente conversa. A sua atualidade está na sua ternura pela estupidez humana, ternura de colecionador, amoroso dos exemplares únicos, mas feliz de os encontrar em reproduções de grande tiragem. Eis o que explica, no fim, o encanto que lhe deu a terra, no campo, a terra de braços abertos. No

domingo, uma senhora me perguntou: – O senhor acha que vale a pena viver? – Então não vale, minha senhora? – Há muito espaço vital sob o sol, por montes e planícies, onde poderemos erguer a nossa casa, longe do ar condicionado, do ar refrigerado, apenas no ar livre, que é o ar que Deus nos deu. Lá, não será possível nenhuma crueldade mental. Os casamentos serão indissolúveis. Plantaremos batatas. Não semearemos ventos, não colheremos tempestades. Vacas nos encherão de iogurte. Triguais nos encherão de pão. Possuiremos as nossas frutas, as nossas flores. Na fartura sem estardalhaço, na paz de verdadeira boa vontade, tudo se completará com um barulho para fazer paciência. Está claro que Eça de Queirós se instalará conosco, para recordar coisas das amigas e dos amigos.

§ Muito antes da “Trahison des Clercs”, os intelectuais puros já não existiam. Nenhum parava mais em casa. As torres de marfim foram todas postas abaixo e o marfim entrou no comércio. Aliás, retraimento, solidão, horror de convivência, necessidade de silêncio, o que se dizia que formava o clima com pára-ventos dos homens excepcionais, tudo nunca exprimiu mais que uma lenda. Quem faz poemas ou romances para publicar, sempre pensa em quem vai ler. E quem estuda ou comenta esses poemas ou esses romances, deseja que todo o mundo conheça os seus pontos de vista. Justamente, o “clerc” traidor seria o que se escondesse, em qualquer época, e desandasse a falar sozinho. Traidor, assim mesmo, na aparência. A palavra, atirada ao papel, ou ao vento, não se some mais. Fica agindo. Os “diários” e as “memórias” vêm depois. Abafar, não adianta. É engano. O ato do amor parece uma sufocação, e é por ele, muitas vezes, que a vida continua. Cada criatura humana é uma história. Tem que ser contada. Nenhuma é igual a outra. As semelhanças passam. As diferenças restam. Desbotam-se as máscaras, perdem os traços, tornam-se matéria informe. Se os anos

mudam as caras, as mudanças fixam mais as aparências. Nem a morte as destrói. Hamlet, no cemitério, com a caveira de Yorik nas mãos, viu e ouviu Yorik: – Pobre Yorik – Agora, talvez seja conveniente falar em voz baixa. Para que se escute. Os gritos escureceram o ar e atrapalharam o entendimento geral dos habitantes deste planeta.

§ Chove... Penso nas parreiras molhadas, com os cachos coloridos, que darão vinho para os homens de boa vontade... vinho da França sem Pétain... vinho da Itália sem Mussolini... vinho da Alemanha sem Hitler... vinho puro da Hungria, vinho livre da Espanha, vinho alegre de Portugal...

§ ... conseguir, cada dia, uma pequena felicidade: o pão nosso de nossa alma.

§ Ninguém se conhece direito, mas sinto que sou assim; natural, simplesmente, puramente, um homem de muito depois... amigo de Jesus, e dos três grandes Chicos, de Assis, Villon, Rabelais. No Sermão da Montanha, Jesus proclamou a bem-aventurança de todos os errados: os pobres, os misericordiosos, os que não brigam, os que choram, os que têm fome e sede de justiça, os que padecem perseguições, os limpos de coração... O santo de Assis aumentou-me a família com tantos irmãos mais velhos, e tantas irmãs, o sol, a lua, as estrelas, o vento (às vezes, exagerado), a água, – útil, humilde, preciosa, casta, – e rara! – o fogo, a terra, a gente que perdoa, a gente que ama a paz... Vago pela praia com o poeta Villon, andador de coronárias dignas, e escuto as mais belas baladas do mundo... Converso bem com Rabelais, vigário de Meudon, que misturou a vida aos instantes altos da Renascença, e descobriu que o riso é próprio do homem. Sei quanto o exemplo dele é bom. Agradeço-lhe a tolerância, a impossibilidade de ficar com rai-

va, a loucura mansa de esquecer... – O ritmo da noite, a confusão do dia, as ilhas, as nuvens, as árvores, os pássaros, os outros animais... o chão, o ar, a alegria de viver... Todos os caminhos vão dar no céu...

§ *Mas...* Três letras, uma palavra. Nos velhos diálogos, de melodramas e romances, *mas* possuía importância enorme. *Mas...* – atalhava o marquês, e atrapalhava tudo. Com a evolução das espécies, *mas* deixou de andar só, perdeu as reticências, constituiu-se vantagem, serve numerosamente: põe, tira, afirma, desmente, insinua, categoriza, faz, desfaz, vira, mexe. É útil, como *que*. E muito mais produtivo. *Que*, junta. *Mas*, separa. Por exemplo: eu digo *que* este mundo é ótimo, *mas* não acredito...

§ A Condição Humana – Falam mal das filas! Meu Deus, que é que a gente faz desde que nasce!

§ 8, maio, 1945 – Vitória! A Alemanha nazista morreu! Vitória! A expulsão dos inimigos e dos traidores de Paris, já nos tinha trazido a certeza do fim da guerra. Tudo foi ressurgindo. Liberdade era a palavra do mundo perdido. Essa palavra voltou da França. Naquele dia triste de 16 de junho de 1940, um grito subiu de toda a terra: “Viva a França!” O povo sem armas reconquistou Paris, duas noites antes da noite de São Bartolomeu. Como em Valmy, em 20 de setembro de 1792, Goethe poderia repetir: “Deste lugar e de hoje, data uma nova era da história do mundo.” Em 20 de setembro de 1944, as velhas asas do moinho glorioso cantaram, no ar limpo da França, a chegada da mais linda primavera. Abriram-se todas as rosas da França. As vinhas re floridas se encheram de cachos de uvas. Meus franceses de verdade, sei pelo vosso poeta, que *deveis estar cansados, pois que odiáveis*. Mas sei também – é ele ainda que me diz: *que tudo tem um fim, tudo serve, e é preciso*

*não maldizer. O azul sai da cerração, o melhor sai do pior. Nenhuma nuvem se espalha ao acaso; o eterno esplendor lentamente se desvenda. Que passe o eclipse! há de se rever a estrela. Os passos misteriosos dados nas trevas são irmãos dos passos que se darão na luz. Meus franceses que chorastes e estais rindo, o consolo da vida, é a vida. Tendes a França. Sofrestes por ela. Nunca a amastes tanto. Fechai esse corpo exausto nos vossos braços. Rezai a essa alma intacta a vossa adoração: – Pela tua bondade, pela tua ternura, pela tua beleza, França!... pela tua inteligência, pela tua coragem, pela tua força, França!...*

§ Nós te chamávamos morta, França, lá onde te envenenaram. Aqui abríamos os teus livros, escutávamos as tuas músicas, víamos os teus quadros, púnhamos as mãos nas tuas estátuas... vivias... vivias nestas jóias, nestes móveis, nestes sonhos... no perfume em que nos envolveste... no pão da liberdade... vivias... vivias. Estávamos te esperando. O mundo sem ti era um mundo aleijado. Voltaste para Paris, França... para Paris, junto do cais, à sombra dos jardins, no vôo alegre dos pardais...

§ Henri Barbusse foi, entre os soldados da guerra à guerra, o soldado de todas as vanguardas. Trouxera das trincheiras a doença que o matou. Morrendo aos poucos, durante quinze anos, destruiu a guerra dentro dos entusiasmos sofisticados. No começo de um dos primeiros livros de Henri Barbusse, *O Inferno*, um homem chega ao pequeno hotel onde vai morar. Entra no quarto fechado há muito tempo. Atira-se numa cadeira, com o cansaço da viagem feita desde o amanhecer. É quase noite. O homem têm trinta anos. Pensa: – “Sou feliz? Sim. Não tenho mágoas nem aborrecimentos. Meus desejos são simples. Sou feliz. Recordo-me de que, quando era pequeno, tinha iluminações de sentimentos, ternuras místicas, uma vontade doentia de me encerrar

com o meu passado... Dava a mim mesmo uma importância excepcional. Chegava a imaginar que era mais que qualquer outro. Mas, tudo isso se afogou no tempo.” – As luzes da cidade se acendem, entram no quarto pelas frestas da janela. O homem levanta-se, escancara a janela, debruça-se. “É com certeza o gesto dos que estão sozinhos num quarto”. O homem era Henri Barbusse. O quarto era a vida. A janela foi a guerra. Antes da guerra, eu admirava Henri Barbusse, os versos dele, de um romantismo novo, a carta que escreveu e a lâmpada escutou, a música que menos cantava do que evocava, e os romances ainda cerebrais, concebidos, obras de artista, – e a atitude na imprensa, contato inicial com o povo. Depois da guerra, amei a Henri Barbusse. O companheiro distante, da educação sentimental, até 1914, – se transformou no amigo que ficou sendo o mestre. Era a voz de Henri Barbusse que chamava. Era o aceno de Henri Barbusse que esclarecia. Henri Barbusse, tão puro, tão exato! Ele me ensinou a odiar, para sempre, a guerra, – a guerra dos conquistadores, a guerra dos que atraíam, a guerra dos bárbaros. Partira para a guerra, crente de que ia lutar por uma humanidade enfim emancipada. Voltou, sabendo que tinha lutado por uma humanidade mais cativa. *O Fogo* não é um romance da guerra: é a guerra vista por um combatente que, mais tarde, compreendeu tudo. O homem cansado, do pequeno hotel, se esqueceu da viagem e do passado. Foi para a rua, falar. Falou tão alto, que as suas palavras ainda estão ecoando, no fim da outra guerra que previu... no arrastar dos canhões, de volta, como pesarosos, para o silêncio...

§ O mundo está cheio de poesia. Não vivemos em vão. A gente que vai ser encontrará realizados todos os nossos velhos sonhos. A gente feliz! Poderemos então fazer o que fez o poeta Djambul Dzhabaev, que viu o mundo até os noventa anos, certo de que o mundo seria enfim o mundo melhor. Por quantas guerras passou! por quantas perse-

guições! por quantas desgraças! Sentiu a terra tremer. Sofreu com as criaturas que sofriam. Tinha, entretanto, a fé. Aguardava. O tempo havia de chegar. E quando o tempo bom chegou, o poeta Djambul Dzhabaev acenou para a mocidade, para os adolescentes das cidades e dos campos, para as crianças, para as mulheres e para os homens que podiam ser seus netos e bisnetos. Disse-lhes: “Adeus!” Foi-se embora. Deixou-lhes a paz. Deixou-lhes as estradas abertas. Deixou-lhes a poesia. A poesia que enche o mundo vem dos poetas mortos; muitos, desconhecidos, soldados que os inimigos mataram; vem das covas onde ficou sepultada, nos corpos sem culpa, a imensa miséria humana; vem dos campos de concentração, que passaram além dos pensamentos mais cruéis; vem dos cárceres, das torturas; vem da resistência, mais bela que as lágrimas. Vem de vocês, Garcia Lorca, Romain Rolland, Max Jacob, Paul Eluard, de vocês, irmãos, com nome, e sem nome; o que murmurava: “Deixem-me fazer o meu pão, cuidar das minhas rosas, com os gestos simples e naturais do amor”; o que garantia: “Amigo, se tu cáíres, um amigo virá da sombra para o teu lugar.” O mundo está cheio de poesia.

§ Helena Figueiredo, de Paris – “Não há ‘filé mignon’, não há vinho em abundância... não há a alegria dos outros tempos... Mas, entre as dificuldades numerosas, há livros, há teatros, há as paixões políticas de Paris e há a sua doce liberdade...”

§ Pirandello (*O Falecido Matias Pascal*): – “Quando a terra não girava...” – “A terra sempre girou!” – “Os homens não sabiam; era, pois, como se não girasse. Para muitos, ainda hoje, a terra não gira...”

§ Os jornais cinematográficos mostraram o entusiasmo com que o povo dos Estados Unidos, antes de receber o general Eisenhower, re-

cebeu o general Patton, de volta da Europa. Aquele entusiasmo, – sentia-se bem, – não festejava um dos vitoriosos da guerra. O que o povo aplaudia era a guerra concluída, a guerra pela independência dos povos, que Patton ajudara a ganhar. Por isso, a mesma gente que o saudou, tão alegre, entristeceu ao saber que, falando para meninas e meninos, numa escola dominical, ele disse: “Sereis soldados e enfermeiras da próxima guerra!” Não, general Patton, não! Os que morreram, morreram para que houvesse, afinal, paz no mundo. Foi para que houvesse, afinal paz no mundo, que os mutilados deixaram pedaços dos seus corpos nos campos de batalha. Os que regressam vivos e intactos, serviram à paz, não serviram à guerra. Tinham-lhes dito que estavam derrubando o mundo mau, que iam construir “o mundo melhor”. Melhor principalmente para os que viessem depois, – para as crianças de hoje, que não devem ser os soldados e as enfermeiras de amanhã, – mas, homens e mulheres felizes, criaturas da imensa família humana, unida, livre, desarmada...

§ Como o tempo está abatido! Nunca ele andou assim. Pelo menos, desde que eu estou no mundo, nunca vi outro tempo igual a este. Deus me perdoe, até parece um canário na muda! Coitado do tempo! Desconfio que está sofrendo de discurso. E o pior é que não se trata. O discurso é um mal terrível. Manifesta-se em forma de ataque. Derrame cerebral às avessas: não paralisa, agita. Não falo dos bons, que fazem bem, e são em geral postos fora do mercado. Falo dos maus, que fazem mal e têm o sinal aberto. Isso, que começara antes, foi se agravando. Os donos da civilização decidiram realizar uma enorme guerra. Primeiro, a Itália de Mussolini forneceu a provocação; mandou uma chusma de italianos matar pretos na Abissínia. Não serviu. Então, com a Alemanha de Hitler, fez a invasão da Espanha. Não serviu. Aquela Alemanha quis ver se acertava: tomou conta da Áus-

tria. Não serviu. Também não serviu tomar conta da Tchecoslováquia. A Inglaterra de Chamberlain achava direito. Aquela Itália ainda se meteu na Albânia, em certa Sexta-feira da Paixão. E não serviu. Tinha-se conversado em Munich. O perigo era o comunismo. O particularismo era *very well*. De repente, a mesma Alemanha quis a Polônia. Foi buscá-la. E serviu! A guerra, enfim! De 1939 a 1945. Parou um pouco aí. O tempo deu um suspiro. Devia haver paz! Não houve. Houve discursos. Há discursos. Não se cala a boca neste mundo e a paz continua no outro mundo, convencida de que, na verdade, o mundo melhor é lá.

§ E o rádio, como se fosse de propósito, toca os “Cantos dos Bosques de Viena”. Essa música parece que completa a tarde fria. Esqueço a Áustria que chora. Recordo a Áustria que cantava. Todos nós guardamos uma valsa na memória. A valsa é uma alma do outro mundo, — do outro mundo de onde viemos. Princípios poetas. Acabamos documentos. Da Torre de Marfim à Torre do Tombo. Eis um título para a nossa geração... Quando voltarão as operetas? A última, a doce “Rose-Marie” não consolou as saudades das outras, francesas, italianas, inglesas, e sempre vienenses. Elas passam por mim no corpo de Paulina Sartori, com a sua voz de gripe; de Inês Imbimbo, parecida com Paulo Barreto; de Giselda Morosini, tão bonita! E de Elsa e Merviola, que trouxeram na língua original a “Viúva Alegre” e o “Sonho de Valsa”, há mais de quarenta anos. Palmira Bastos não é no repertório de Brazão que ressurge: é no “Amor de Príncipe”, princesa disfarçada em camareira. E Cremilda de Oliveira... Auzenda... Nunca pude pensar em Yvone Printemps, sem música... Uma tarde encontrei Janka Chapilinska em Petrópolis. Baixei os olhos para a rever na “Eva”. De tantas, a mais amada é Pina Joana, Pina Joana, do “Adeus, Juventude”: — *A juventude não volta mais...* — Volta... volta...

§ Tristan Bernard, que morreu logo depois dessa paz, ficara inteiramente na miséria durante a ocupação de Paris. Ia buscar a sua sopa, na fila dos mendigos. Mas tinha uma riqueza enorme: não aderira. Era um homem pobre, porém era um homem livre. Aliás, para ele, o dinheiro também foi um incidente. Uma comédia lhe rendeu duzentos mil francos de direitos autorais. Muito aconselhado, concordou em fazer desses duzentos mil francos o começo da fortuna. Foi depositá-los no Banco da França. Decidiu que não mexeria neles senão para os aumentar. Pelos exemplos que lhe citavam, chegaria, poupando, a ter milhões de francos. Havia de ter, se Deus quisesse. Ora, Deus não quis, – Deus que pôs no mundo os livros, as gravuras, as coisas boas que se comem, os grandes vinhos, todas as viagens... Não importava que a vida então fosse barata. O capital de Tristan Bernard, talvez por ser sozinho, não cresceu e não se multiplicou. Dividiu-se. O dono aparecia no Banco com a mais constante das consciências. Não para botar. Para tirar. Assim, em menos de dois meses, o livro de cheques lhe mostrou que sobravam apenas mil francos. Tristan Bernard encheu o cheque porque não podia deixar de ir a Château-Thierry, onde nasceu La Fontaine, e onde, num pequeno hotel, para os lados do rio, a mesa, com os pratos da terra e as garrafas da terra, levava a gente para o céu. Pôs no bolso a nota de mil francos. Saiu. Saiu contente: não voltaria mais ali. Diante do Banco, de acordo com a tradição, um soldado, de arma no ombro, guardava, andando da direita para a esquerda, da esquerda para a direita. Tristan Bernard dirigiu-se ao soldado, bateu-lhe amistosamente no braço sem arma, disse-lhe enternecido – Obrigado, meu amigo. Você agora pode ir para a casa. – E foi tomar o trem.

§ Civilização: – O sentido das palavras tem mudado bastante. O adjetivo, agora, não qualifica o substantivo. Por exemplo: “Nações Unidas”.

§ Eu podia começar com aquelas palavras de Fialho d’Almeida no princípio do conto “A velha”: “Entretanto, os senhores ficam avisados de que esta história é um pouco triste.” May de Bernstorff, que morreu, em 1945, no hospital do Pronto Socorro, se fizesse isso, dez anos antes, no seu apartamento de Copacabana, teria tido grandes elogiosos necrológicos, e um dos mais notáveis enterros da época. Mas essa dinamarquesa, tornada condessa alemã pelo casamento, e que se naturalizara brasileira, era principalmente uma artista; nunca teve tempo de tratar das pequenas contingências da vida. Perdeu a ocasião de morrer como dama da alta sociedade do fim da primeira República, em plena glória, quando as suas esculturas e as suas pinturas, fortes, pessoais, cresciam na admiração geral e as festas em sua casa davam assunto para longas crônicas mundanas. Partira daqui para os Estados Unidos, e lá assinou o divórcio, para não perturbar o novo amor do homem que nunca deixou de amar. Existiu, desde então, apenas para a arte. Foi parar em Lisboa. Em Lisboa adoeceu. Sem recursos, recolheu-se à Casa de Saúde de Benfica, onde recebia a importância da estadia, da seção portuguesa de um serviço, creio que inglês, que socorria as vítimas desarmadas da guerra. A Embaixada Brasileira providenciou para que voltasse ao Brasil. O embaixador João Neves munuiu-a de uma carta, que era mais que um passaporte, na qual pedia que lhe concedessem todas as facilidades. Esteve vários meses numa clínica da Gávea. Não podendo mais pagar as diárias, removeram-na para uma enfermaria do Instituto de Cardiografia da Prefeitura, no hospital do Pronto Socorro. O desfecho doloroso se transformou na imaginação de qualquer pessoa mal informada, que informou mal a imprensa, num *fait divers* sensacional. Até “vamp” chamaram à May Bernstorff; até “suspeita de espia”; “talvez a loura misteriosa, favorita de Hitler”, – ela que era a menos artificial das mulheres, a menos capaz de perceber as intenções alheias, a menos misteriosa. De tudo, apenas tinha sido lou-

ra, e já não era, pois os cabelos brancos iam substituindo os cabelos da mocidade. Dez pessoas visitaram o corpo, rasgado pela autópsia. Sete o levaram ao cemitério do Caju. Eu podia acabar com aquelas palavras de Fialho d’Almeida no fim do conto “A velha”: “Eu bem dizia aos senhores: esta história é um pouco triste.”

§ Bom licor o que a minha amiga freira me mandou, feito por ela! Nos conventos, em geral, o licor prepara a entrada no Paraíso. Os beneditinos, os cartuxos, entre outros, com o padre Kermann, enchem de doçura a 90 graus os caminhos que levam à bem-aventurança e à santidade.

§ Esse filme agora repetido: “Em busca do ouro”, antes dizia tudo em silêncio... Os gelos, os avanços, os delírios, o cabaré... E Carlitos, com a pobre ceia do Ano Bom, inútil... Carlitos, sozinho, enquanto os outros comem, os outros bebem, os outros cantam, os outros dançam... Afinal, chegou o teu dia de ser compreendido e amado, meu vagabundo triste... Se tu falasses, Carlitos, – Georgia, ao te beijar, ouviria de ti uma palavra única: – Vida... vida... vida...

§ Trabalhei com J. Carlos de 1920 a 1931, na revista *Para Todos*. A morte da revista nos separou. Ele foi para a *Careta*, de novo. Eu me espalhei pelos jornais. Um dia de inverno, na Rua da Quitanda, nos reencontramos. Longo abraço. J. então me disse: – Somos amigos há tantos anos, e não conseguimos nunca chegar a uma divergência. – Nosso “clima” era de “bem” compreender e “bem” querer. Nesses “bens” está toda a história de um tempo que a primeira guerra não pôde amargurar. Se eu fosse egoísta, tinha saudade daquele tempo.

§ Conheci um senhor que não podia ouvir voz de contralto: dava brotoeja nele. Houve um comandante de navio que, durante trinta anos,

viajou por todos os mares, nunca parou de enjoar, sempre teve medo do vento; o navio era a vela, embora possuísse máquinas; a alguém que quis saber por que o velho comandante, inimigo do vento, preferia o vento ao vapor, respondeu o navegador: “Não suporto o cheiro da fumaça.” Antipatia. Idiossincrasia. Alergia. Encontra-se o contrário, felizmente. O poeta Martins Fontes era doido por pontas de bancos e facas afiadas. Quando foi a Buenos Aires, passou este telegrama a Olavo Bilac: “Que cavalos! que pêssegos! que mulheres!” Os exemplos contra são mais numerosos que os exemplos a favor. Para ser contra, não é preciso compreender. Para ser a favor, é preciso amar. Compreender e amar tornaram-se verbos de conjugação perigosa. Agora é tempo de cabeças tapadas e corações no mesmo estado, apesar da primavera...

§ 1946 – O homem que coleciona jornais de 1937 perguntou ao dono da banca onde estava aberta uma folha da tarde, ontem: – É para vender?

§ Às vezes, em domingos e feriados, até em certos dias úteis (que eu nunca sei quais são), sinto o desejo de colecionar. Ah! colecionar! selos, moedas, cartões de visita, caixas de fósforos, rótulos de vinho, borboletas, anjos, coisas das vidas dos grandes homens, – por exemplo: aquele beijo que o Dr. Otávio Mangabeira deu na mão do general Eisenhower!

§ Se é verdade, ainda agora, que “não há regra sem exceção”, eu vou ver se faço uma coleção de exceções a essas regras que tomaram conta do mundo. Que as exceções, porém, não saibam. Se souberem, voltam à regra.

§ As opiniões que se espalham sobre o que se julga e sobre o que se vê, são as grandes culpadas do prosseguimento da vida. O velho mes-

tre morreu contente. Ele tinha sentido: “A graça que mais toca as almas é a graça do mistério. Não há beleza sem véus, e o que nós preferimos, é ainda o desconhecido. A existência seria intolerável, se nunca se sonhasse. O que a vida possui de melhor, é a idéia que ela dá de não sei que, que não está nela.”

§ Em Reims, na catedral tão bombardeada, há uns anjos de pedra que ainda sorriem. São os anjos da guarda da França.

§ O que consola mais, agora, é um livro de receitas de cozinha.

§ Não sei se foi a voz longe de Adelina Garcia: — *Coma si fuera esta noche la última vez...* (O disco rodava, rodava...). Não sei se foi a “Canção do Exílio”, recordada de repente: — *Nosso céu tem mais estrelas...* — Foi, talvez, o vinho quente... Não sei. Sei que me veio, inesperado, o desejo da noite. Saí. Andei a noite inteira à procura da noite. Não houve. Não era dia de noite. Voltei desconfiado de que nunca é, de que nunca há. O Rio é uma cidade sem noite, cercada de luz por todos os lados. Até nas casas, sem as outras lâmpadas, a luz entra e espanta as sombras e as cismas. Todas as coisas ficam brancas no Rio. O céu azul fica branco. As montanhas pardas ficam brancas. O mar verde fica branco. As calçadas cinzentas ficam brancas. Que pena o Rio não ter noite! A noite que o Rio esqueceu não é a das salas onde se joga ou onde se dança, noite interior e cara. O Rio esqueceu, a noite de graça, cá fora, a grande noite solta, estrada dos vagabundos, casa dos pobres, sonho dos solitários, melancolia boa... Eu queria as ruas sem nome, por acaso, as ladeiras longas e tristes, os becos que cochilam encostados nos lampiões velhos. Caminhos perdidos... Jardins com grades... Uma esquina, que pode ser a Esquina do Pecado, que pode ser a Esquina do Planeta, que pode ser a Esquina da Vida... uma esquina... Para murmurar versos,

versos que se sumiram no fundo da memória há quanto tempo, há tanto tempo!

§ Meu querido Casper Libero, você viajava tanto, tão seguidamente dizia adeus, que os meus amigos ainda não se convenceram bem dessa ausência sem retorno. Em cada um de nós, em São Paulo, no Rio, há sempre uma dúvida que é uma esperança: – Qualquer dia ele volta... – Mas os dias passam, os aviões partem e chegam, e você não vem. Teremos enfim de acreditar: o Casper agora ficou lá. Há quantos anos que isso dura. Que falta você nos faz! Aquela atividade, aquela fé, aquela realização se espalhavam em torno. A seu lado não havia inércia, não havia descrença, não havia impossibilidade. Íntimo, nas horas de construir, não era o chefe: era o instigador. Você não determinava: – Façam! – Fazia. E todos faziam. Punha-se abaixo a tristeza com o trabalho. Levantava-se a alegria com o trabalho. Homem da vida inteira. O bom tempo era só o que você via, porque o mau passava. Acostumado a andar sobre as nuvens, perdera o preconceito das borrascas. Ninguém mais otimista. Convencera-se de que o “sorriso chama o sorriso, e de que, para ser feliz, é preciso primeiro acenar para a felicidade.” Nunca se arreceiou dos desanimados: deu-lhes o ânimo. Lembro-me de que, no dia da queda de Paris, de olhos molhados, você disse: – “Viva a França!” E a França viveu, Casper. Agora, que bom se estivesse conosco! É com uma espécie de remorso que o sentimos longe. Não é sempre a morte que mata, – é, às vezes, a vida. A morte conserva. Um amigo que morre é um amigo que se guarda. Você, Casper, era amigo pela graça de Deus. Assim era. Assim ficou.

§ Não adianta ir para fora. Aqui também chove. E aqui há o mar, o dia inteiro. Não existe nada mais “fora” do que o mar. Igual a ele, só um dicionário. Hoje não estive na praia, mas aqui mesmo, entre

estas quatro paredes, estive num desses refúgios de palavras, tão bons, tão simples, tão arejados. Encontrei nele amor, doçura, esperança, inocência, juventude, perdão, sonho, verdade. Ó verdade! Caí nos braços dela. Ela disse: “Conformo o que se diz com o que é”. Quase que gritei: – Não faça isso! – Continuou: “Sou um princípio certo. Chamam-me também boa-fé e sinceridade.” Pobre querida! Prosseguiu a narrar casos remotos, usos, costumes, histórias arquivadas... – Como você é bonita, verdade! Como você é triste! Volte para o poço, amiga, volte para o poço, de onde, um dia, veio nua. Console-se com o espelho. Com o espelho diante dos olhos, ao menos não sentirá tamanha a solidão...

§ Que ajuntamento! Alguém foi atropelado? – Não. Ali uma agência de fazer apostas para as corridas. O cavalo sobrou do jogo do bicho. Não sabe que “o cavalo é a mais nobre conquista do homem?”

§ Está na moda falar mal do sentimento. – Devemos ser práticos, frios, realistas – aconselham; o sentimento atrapalha a vida. – Ora, falar mal do sentimento, é sentimento. No Brasil, então! Aqui tudo se faz com o velho coração. As nossas idéias vêm dele. O que pensamos e realizamos andou antes em surpresa e regalo. A poesia espalhada sem rumo e até com rumo por todos esses milhões de quilômetros quadrados, pelas praias, pelos sertões, pelos planaltos, nas montanhas, é um estado de nascença. O banho de mar é sentimento. O futebol é sentimento. A boate é sentimento. Falta de água, falta de luz, qualquer falta: sentimento, sentimento, sentimento. *Nós somos mesmo é do amor* – já garantiu uma cantiga do Carnaval. E em 1930, cem anos depois do Romantismo, Getúlio Vargas proclamou: – Só o amor constrói para a eternidade – Ora, o que importa é a eternidade.

§ Como se dorme bem, e como se acorda bem no campo! Que paz! Leve, risonha, feliz. A paz do campo, por enquanto, é a única paz possível no mundo, este mundo aberto depois da revolta dos anjos. A batalha prosseguiu. A outra paz, a paz da gente, só houve lá no princípio, dentro do Paraíso, quando Eva e Adão andavam nus, sem que isso fosse proibido. Depois Caim matou Abel, e nunca mais Caim perdeu o costume de matar Abel. Assim foi, assim é. Assim será? Não. A esperança não morreu. Ainda nos amaremos uns aos outros. Continuemos a regar a esperança com o suor do nosso rosto, com as lágrimas dos nossos olhos...

§ Escutei no salão do barbeiro: – Está se falando demais. – O salão do barbeiro é o último salão onde se conversa. Nos outros, agora, se dança. – Está se falando demais. – Sim, mas o melhor, sempre, é falar. As palavras guardadas se estragam. Falar, como quem conta um segredo, como quem suspira. Acompanhado ou sozinho. Vão-se os amigos, ficam os botões...

§ O corpo é a doença da alma.

§ Um jornal mandou perguntar a diversos poetas se o dinheiro faz a felicidade. As respostas informaram, em geral, que não faz, porém serve. Talvez sirva. Os concursos com prêmios e os prêmios sem concursos dão bons exemplos. Seguem além da realidade. Por causa deles, os contos, expulsos da circulação, conseguiram de repente o mais livre dos trânsitos. Cresceram e se multiplicaram nos suplementos literários, nas revistas, nas irradiações. Das prateleiras das livrarias, onde voltavam ao pó, os velhos volumes descem, espantados, tontos, ainda. Na verdade, não se podia explicar o desprezo pelo gênero numa terra que tanto gosta de anedotas. Os contos são anedotas de maior idade. Ane-

dotas casadas. O regresso, numeroso, sobre as demais vantagens, trouxe a da lembrança de uma chusma de nomes esquecidos: Aluísio e Arthur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Lúcio de Mendonça, Domício da Gama, Pedro Rabello, Mario de Alencar, Simões Lopes Netto, Alcides Maya, Hugo de Carvalho Ramos... Uma revista andou perguntando quais os dez melhores do Brasil. Eu incluí entre os “meus” melhores: “A Tia Martinha”, de Lima Campos. A filha de Lima Campos pediu a Marques Rebello para saber de mim onde eu tinha lido tal trabalho do pai, que ela não conhecia. — Mas no único livro de Lima Campos: *Confessor Supremo!*

§ No destino de cada homem há uma cidade, a cidade aonde ele foi moço, a cidade para onde volta, muitas vezes nessas viagens paradas. Revê, revê-se... É como era. E ninguém envelheceu. E nada envelheceu. As novidades mais novas são as recordações.

§ Este meu lado não gosta de mim. Aproveitou um desastre de automóvel e fez o braço direito mais curto. Depois resolveu fechar o ouvido direito. Agora está apagando o olho direito. Há de haver motivo, além do que os médicos dão. Talvez seja para eu aprender que é preciso desconfiar também dos adjetivos...

§ Não pensou no domingo o senhor que estava na fila do ônibus, conversando com uma senhora. Ouvi as perguntas dela e as respostas dele: — Então não espera que o mundo melhore? — Não. — Eu espero. — É feliz! — E o senhor? — Eu também sou feliz. Mas só espero o ônibus. Desisti de todas as outras esperanças.

§ Um escritor pobre, que precisa do preço do seu trabalho, que espera a retribuição do que fez, pode possuir muito talento, pode mere-

cer todos os louvores, pode honrar a sua terra, pode impor o seu nome à glória... – para os que o pagam, não vale nada...

§ Reli Gabrielle d’Annunzio. Uma viagem a 1908. Encontrei lá aquela esperança de Hariri de Basra: “O tempo é o pai dos prodígios.” Encontrei lá aquela fábula de Leonardo de Vinci: “O grão de milho disse à formiga: – Se me deres a alegria de realizar o meu desejo de nascer, eu te darei cem eu mesmo.” E escutei a voz de todas as fontes esquecidas...

§ “Um grande pintor, de coração puro.” Pablo Neruda deixou isso escrito no livro dos visitantes da Exposição de Pancetti. Sim, um grande pintor, de coração puro. Foi bom, afinal, que o mundo sofresse tanto! A pintura de Pancetti – a poesia de Pancetti – será, quando a vida der a todos o que é de todos, a memória do tempo em que nós éramos as sombras perdidas das cidades mortas, as águas paradas que guardavam o céu. Não tínhamos saúde, não tínhamos alegria, não éramos felizes. Pancetti, artista do povo, contou a história do povo. Que sentimento profundo nos olhos das crianças! Que idéia sufocada na boca dos homens! A luz dos quadros de Pancetti espera o meio-dia. A gente sente que a grande hora vem chegando. Um pedaço de Rua de São João d’El Rey. As casas parecem desmanchar-se umas nas outras. Há qualquer coisa de anoitecer ali. E há qualquer coisa de madrugada. Olhando para tudo, uma criança. Atrás da tela, Pancetti fixou a data: “9 de maio de 1945, dia da Vitória”. Menino bom. Menina doente. Homem louco. Pela anistia! Paisagens, figuras, naturezas mortas. Calaram-se os gritos. Um suspiro se prolonga, em pedaços. Pancetti junto. Quando Pancetti não está, falta um quadro na exposição...

§ Compôs prelúdios, cantatas, oratórios, missas; principalmente compôs fugas. E esta palavra, assim, multiplicada, – fugas – esta palavra dá bem

o sentido da fascinação de Bach. Foge-se com ele, abandona-se o mundo com ele. Lá, para onde ele leva, há outra vida. Quando se volta, — é o exílio...

§ Rachel Prado ia subir pelo elevador da A.B.I. Herbert Moses entrou com o redator de uma folha do Espírito Santo, e foi logo apresentando: — A escritora Rachel Prado... o nosso colega... — Ah! conheço-a, desde o seu romance *O Quinze!* — Não, essa é Raquel de Queiroz. Eu sou Prado. — Sim... sim!... Conheço-a... A grande amiga de Graça Aranha! — Não. Essa é Nazareth Prado. Eu sou Raquel. — Então, desculpe, minha senhora. Não a conheço, absolutamente! — Ele era do Espírito Santo, mas não admitia terceiras pessoas...

§ Pedro Segundo, permita que eu eleve a minha sombra de voz para as alturas, ao encontro do senhor. Quero lhe contar que sou amigo do homem que desceu do trono oito dias antes do meu primeiro ano de chegada ao Brasil. O senhor não me governou. Chorei e mamei sem lhe pedir licença. São coisas que não se esquecem. Ao recordá-lo, Pedro Segundo, sinto saudades do tempo em que me faltava a noção da autoridade. Monarca inútil para um súdito de fraldas, o senhor ficou perpétuo no meu amor e é, no meu amor, um pouco de Brasil. Que me importa o partido liberal! Que me importa o partido conservador! Com pequenas e escandalosas exceções, os dois se derramaram no regime novo, cheio de conselheiros. Apenas um conselheiro se revoltou — o Antônio — em Canudos, e, além do resto, deu *Os Sertões*. Não creio que o senhor fosse neto de Marco Aurélio. O seu avô era mesmo João Sexto, e muito bom avô. Goze em paz a eternidade. É o único lugar onde ainda se usa paz.

§ Já vivi demais, e tenho pena. Um homem com todo esse percurso, ao menos devia olhar sério para o mundo. Ora eu não posso. Faço força, mas não posso. Não sei se a culpa é do mundo, ou é minha. Desconfio

que é do mundo, porque pertenço a ele, sou um pedaço dele. Nas noites de ventania me anulo de cima a baixo. E é justamente à ventania que estou devendo a minha humilade e a minha inocência. Que hei de valer, se a força invisível nem se importa com as árvores, seguras em raízes conscientes? Para que discutir? Para que contrariar? Não me lembro de quem confessou: – Quando o que me dizem não me agrada, ouço lacônicamente. – Está claro que não concordo muito com aquele amigo da minha amiga Madame du Deffand: – Jantar é um dos quatro fins do homem. Esqueci-me dos outros. – Não concordo muito, pela diferença dos séculos. Coisas do século XVIII não ficam bem no século XX. A inteligência, por exemplo. Os grandes castiçais com velas, os lustres com pingentes, que voltaram a iluminar as salas, apenas mostram a melancolia de um tempo elétrico em desproporção. As velas são equivalências. E os verdadeiros pingentes, hoje, são os dos bondes e dos trens. Parece que existe um arrendimento do progresso. Existe, real, um desespero coletivo. Os gostos estão caríssimos. Sem pensar no pampeiro, no tornado, no siroco, no simum, nas rajadas legítimas e naturais, tantas, – aos empurrões, no meio da vida, os homens abandonaram as idéias soltas, tranquilas, e se fecharam dentro das idéias fixas, frenéticas. Será por que os homens não andam de chapéu como andaram tantos anos? Ouvi que quem anda de chapéu deve ser mais justo que quem anda sem chapéu, pois, *a priori*, peca contra a lua e contra o sol. Então o melhor é a gente pedir perdão à lua e ao sol, e botar de novo o chapéu na cabeça... Vamos ser mais justos! Vamos ser mais justos!

§ Deixe que se riam de você. É o sinal da sua diferença. Ninguém se ri diante do espelho.

§ Tarde de sábado. Vamos anoitecer com alegria, hoje, para madrugada, felizes, no domingo. O mar está aí, a serra está ali, e, além dos

campos de futebol, ainda há muitos campos. Fim de semana. A vida senta-se, um pouco fatigada, junto de nós. Caiam no colo da vida as nossas mãos. Parem nos olhos da vida os nossos olhos. Ampare-se no coração da vida o nosso coração. Vamos dizer à vida, como se a estivessemos beijando: – Que bom te sentir nas mãos, nos olhos, no coração, na boca! Bendita sejas pela tua paixão e pela tua calma, pelo teu prazer e pela tua dor, pelo que és, pelo que serás, nunca sozinha, vida, – bendita sejas!

§ ASCENSÃO – Dias gostosos, nas velhas cidades mineiras, pelo Brasil do ouro e das pedras preciosas, dos ricos metais, das sublimes águas, mármore, flores, poesia, liberdade, outros alimentos terrestres. Brasil dos bandeirantes e dos forasteiros, dos morros mais altos com as torres das igrejas, dos rios mais compridos com os nomes que os puxam para as recordações. Foi em Barbacena que cheguei. Foi em Barbacena que o encantamento principiou. Nos telhados coloniais, que serenidade! Vi em Barbacena uma roseira que é uma árvore. Vi em Barbacena cair a noite, devagar, cheia de cores, como uma procissão no ar. Nosso Senhor podia ter enviado um anjo para me mostrar as ruas, as praças, os sobrados, os monumentos. Enviou um poeta, o poeta Honório Armond, descendente dos fundadores de Barbacena, e dos que a embelezaram depois. Entre eles, o conde de Prados, doutor Camilo Maria Ferreira Armond, filho do primeiro barão de Pitangui, Marcelino José Ferreira Armond. Ambos desprezavam a nobreza convencional. Aceitaram-na por polidez. Eram fidalgos de títulos, na rua. Em casa não permitiam que os tratassem como eles. Camilo Armond deixou fama de aluno extraordinário no Colégio do Caraça, de onde partiu para a França. Formou-se em Medicina na Faculdade de Paris. A tese que escreveu e defendeu: “Ensaio sobre o estudo da vida” scandalizou os julgadores, pelas idéias novas. O presidente da banca, professor Rostan, dedicou

uma aula a essas idéias, e pediu a presença do “jovem confrade”. As idéias novas não tardaram a realizar-se. De volta ao seu recanto mineiro, o Dr. Camilo Armond logo se celebrizou como médico; e era chamado por toda a província e pela corte. Com o dinheiro de uma herança, erigiu e organizou o Hospital de Misericórdia de Barbacena. Disse o padre Corrêa de Almeida: “Não estou habilitado para confirmar a opinião de que, como médico, não havia outro que o excedesse neste Império, mas posso afirmar, com pleno conhecimento, que, no desinteresse com que exerceu sua nobre profissão, é difícil achar-se outro que o iguale ou dele se aproxime”. Bem diverso do rico senhor que, no dia 14 de maio de 1888, comunicou à imprensa: “Em homenagem à patriótica lei assinada ontem, declaro que alforreei todos os meus escravos hoje”, o Dr. Camilo Armond, muitos anos antes, libertou mais de quinhentos cativos, sem nenhuma comunicação... Os senhores de Barbacena estão na frente dos que tornaram os homens iguais, quando nem se pensava na patriótica lei de 13 de maio. Na praça que tem o nome do conde de Prados, os libertos, com o vintém do trabalho, levantaram um monumento à Liberdade: longa coluna com uma mulher no cimo, que despedaçava correntes. Na República, um prefeito achou feia a estátua. Deu ordem para que a retirassem. No lugar vago fez colocar uma bola de vidro, que de noite se ilumina por dentro. O monumento da Liberdade agora é o monumento do “foot-ball”. Para o bem dos presos, mandou o Dr. Camilo Armond construir a cadeia, o palácio mais bonito da cidade (aliás, em todas as remotas cidades mineiras, os palácios mais bonitos são as cadeias; uns, cadeias ainda; outros, mudados em prefeituras; outros, em museus) — mandou construir a cadeia e doou-a à terra natal. Quem a estreou foi ele, réu da Revolução de 1842, junto de quase todos os parentes. A revolução irrompeu em Barbacena, propagou-se pela província. D. Pedro II definiu-a: “uma equivocação”. A equivocação, vencida, obteve a vitória das liberdades públicas e privadas, nascidas dela, com a lei

e a justiça. Jornalista, político, eleito deputado em várias legislaturas, escolhido para cargos importantes, diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, presidente da Província do Rio de Janeiro, Conselheiro de Estado, o conde de Prados foi senador por alguns minutos: tomou posse, ao começo da sessão, apanhou o chapéu, desceu à rua, meteu-se num tálburi e foi ver, no cais, se saía algum vapor para a Europa: saía. Sem pensar em bagagem, embarcou... e nunca mais ninguém o viu no Senado... Os Armonds, inteligentes, adiantados, que iam passar as férias na França e na Itália, eram homens de uma independência tal, de uma tal audácia, que às vezes pareciam um pouco doidos. Um, o Visconde de Sant'Ana, o criador da Fazenda Sant'Ana, pai de Mariano Procópio, julgou-se ofendido, um dia, pelo Vigário da Matriz, — templo que edificara para os conterrâneos; — no dia seguinte, entrou a cavalo pela nave apinhada, galopou até ao púlpito, onde o vigário pregava um sermão, e pregou-lhe uma surra. Quando morreu, os amigos do surrado desenteraram o corpo e o enforcaram na porta da igreja, a mesma igreja matriz que guarda as suas cinzas dentro de um túmulo de mármore, ao lado do primeiro altar da direita. Um pecador progressista. Hoje, há poucos assim no mundo. Dessa família restam em Barbacena duas doces velhinhas, numa casa de quatro janelas, e entrada florida, e resta o poeta que, pelas horas mortas, sobre as calçadas frias, parando, apontando, contando, resplandeceu de fantasmas civilizados a minha noite de estréia a mil e duzentos metros acima do nível do mar... Barbacena só tem um defeito. O nome. Quem é que tem culpa do nome que tem? No *Auto de Creação que faz o Ilmo. Sr. Visconde de Barbacena, Governador, e Capitão General desta Capitania, da villa de Barbacena no que era Arraial da Igreja Nova de Campolide*, está, ao fim: "E no mesmo ato disserão elles Nobreza e Povo que por ser muito extenso, e impróprio de hua Villa o nome deste Arraial desejavão muito que agora na sua Creação se lhe desse outro, que ao mesmo tempo, conservasse em memória a sua gratidão ao Excellentíssimo Senhor

Visconde Governador pelo muito que elles em particular lhe devem, e engeral toda esta Capitania na paz, socego, e os enteresses de todos com os de Sua Magestade. E que por isso propunhão para a sua nova Villa o nome de Barbacena; E recusando elle Excellentíssimo Senhor Visconde Governador estas proposiçoins instarão todos Com aclamaçoins ás quais foi necessário Ceder, e Com efeito disserão e assentarão que esta Villa ficava desde hoje para o futuro com o sobredito nome de Barbacena...” Foi no dia 14 de agosto de 1791. Mas não foi verdade. Um antigo cronista das Minas Gerais esclareceu muito certo: “Parece de todo inverosímil a energia com que, segundo o auto, “nobreza e povo” insistiram, aclamando para a nova villa o nome de Barbacena, título do Visconde-Governador, elles que acabavam de ‘suplicar prostrados humildemente aos pés do capitão-general, implorando com suspiros’, etc., conforme o mesmo auto, fotografia da submissão e opressão da época. A comédia é transparente. Com a hipocrisia que o caracterizava, pode bem se concluir que quis o Visconde conciliar o prurido da própria vaidade com as cautelas convenientes contra a possível desaprovação régia, se ele mesmo figurasse ostensivamente dando seu nome nobiliárquico por título à Vila recém-criada. E para tal precaução tinha o exemplo do Governador Antonio de Albuquerque que titulara – Villa de Albuquerque – a que fundara (e não simplesmente instalara após a concessão de foro próprio, etc.) no Ribeirão do Carmo, título que D. João V desaprovou e não substituiu, apesar de ser Antonio de Albuquerque varão de predicados e serviços que nunca ilustraram o nome do Visconde de Barbacena.”

§ SÃO JOÃO D’EL REY – De Barbacena pode-se ir de trem para São João d’El Rey. Mas a viagem mais rápida, enquanto não vem o avião, é de automóvel, ou de ônibus, por montes e vales, mais montes do que vales, com a parada de 15 minutos em Barroso, onde,

na praça, há um teatro, e a passagem pela parte viva de Tiradentes, a olaria na beira da cidade morta. Céu azulíssimo. Abismos agradáveis, cheios de árvores verdes, amarelas, roxas. De momento a momento, encontram-se turmas de conservadores da estrada que sobe e desce e se espreguiça alegre pela distância... Na valise é preciso levar a imaginação. Porque, às vezes, o primeiro contato atrapalha o prazer de chegar. Foi assim, depois da viagem para cima e para baixo, como uma cadeira de balanço que tivesse ficado maluca, foi assim a descida em São João d'El Rey. Hotel do Espanhol. Há também o restaurante da americana. O espanhol foi cozinheiro de Flores da Cunha – A americana não sei de quem foi. Dos lados das pontes, a cidade tem o jeito de cidade nova e umas casas que doem nos olhos, de tão feias, naquele estilo *joli* de 1900, que substituiu a calma aparência colonial, estilo de bolo com velinhas, de um mau gosto que enfeia léguas em redor, na terra e no ar. Onde o “Arraial do Rio das Mortes”? Para as igrejas! Para as igrejas! Consolação de atravessar a Ponte da Cadeia, com a Cadeia do outro lado, na esquina, tornada Câmara Municipal e Biblioteca Pública. O grande caso da Biblioteca, para os turistas, é a coleção da *Gazette Nationale ou le Moniteur Universel*, de 1789 a 1806, com os processos da Revolução Francesa. Fechadas as igrejas! Só a Matriz (atravessada de volta a ponte) aberta. A porta, naturalmente de jacarandá, pintada a óleo. Pintadas a óleo as colunas do começo da nave. Nossa Senhora do Pilar! Vinha de trás, tocou-se para diante. As camadas de tinta anterior não se lavaram. Foi sobre sobre sobre... Valeram os altares. Algumas imagens de Santos. Os lustres de cristal. Aí foi que a imaginação serviu. A noite chegava. Os cais se recolhiam na sombra. Sinos. Velhas estrelas, mais velhas que os Emboabas. Ó Rio das Mortes! Ó Século XVIII! A carne é fraca, e é hora de jantar. Bom jantar. Vou esperar a manhã. Um senhor, na frente do hotel, me perguntou: – O sr. ainda não viu o Cristo mal-acabado? –

Não, senhor. – Não deixe de ver. – Sim, senhor. – Ele queria dizer o Cristo inacabado, escultura maravilhosa, de autor desconhecido, em madeira, que está na Igreja do Carmo. Grande manhã! Grande dia! Todas as igrejas! São Francisco, com a revelação do Aleijadinho. Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário, São Gonçalo, Mercês. E a casa onde nasceu Barbara Heliódora. É a casa mais antiga de São João d’El Rey, tombada pelo Serviço do Patrimônio, e tombando mesmo. O chafariz da praça dos Andradas. Uma avenida de árvores que parece que dormiram com um pano amarrado na cabeça. – Como se chamam essas árvores tão bem penteadas? – Essas árvores? não sei. O sr. já viu o Cristo mal-acabado? – Antes de partir para Tiradentes, leio os *Projectos d’Estatutos para a organização da Sociedade Phylopolitechnica emprehendida em a Villa de São João d’El Rey*, em 1827: “Idéa Preliminar: Esta Sociedade existe, e constitue-se por hum pacto espontâneo de Litteratos associados para promoverem a prosperidade Litteraria de cada socio, da Sociedade e da Nação Braziliense. Consta de Socios effectivos rezidentes no local da sua installação, e de Socios livres, ou correspondentes de todas as Provincias, e de todo o Orbe culto, e Litterario, ingressos por um Acto de matricula. Esta Sociedade he livre, litterariamente fallando; isto hé, proffessa-se nella a liberdade de pensamento e expressão.” Seguem-se 22 páginas. Os Projetos não se realizaram. Para mim, São João d’El Rey é a terra de Barbara Heliódora. Não precisa mais. Tem mais, entretanto: tem a Igreja de S. Francisco, tem as pontes de pedra, tem aquela rua que vai dar no Carmo... uma rua, Deus me perdoe! – que se parece comigo. Por dentro eu sou assim, do século XVIII, com sobrados, sacadas, luminárias, e uma capela dos Passos, antes de chegar ao fim...

§ VIVA A REPÚBLICA – Em 1889, fazendo a propaganda da República, Silva Jardim andou gloriosamente pelas Minas Gerais. Em Ti-

radentes, dos três habitantes que encontrei, um, preto plantador de feijão e vendedor de medalhas de prata, do artesanato local, me disse: – o nome daqui era S. José d’El Rey. Foi o Dr. Silva Jardim que deu o nome de Tiradentes à nossa cidade. – E foi. Silva Jardim contou nas suas Memórias: “Passei por S. José d’El Rey, onde Tiradentes havia vivido. Sede do município em que ele nascera. Respondendo a um discurso do Sr. Teixeira, na estação, propus que a cidade se chamasse daí avante a cidade de Tiradentes, que não é de nenhum rei! A idéia caiu no gosto público, pois que, quando veio a República, foi adotado esse nome.” A chegada a São João d’El Rey, depois, ia sendo trágica. Os monarquistas tinham cortado os trilhos da estrada. Mas o trem parou antes. Consertaram os trilhos. Passaram. A entrada foi triunfal. O povo saudou com entusiasmo a caravana libertadora. Um enorme cortejo acompanhou Silva Jardim e seus companheiros até o hotel, onde agora é o Hotel do Espanhol. De uma janela, Silva Jardim falou aos que o aplaudiam. De noite, os açulados pelos adversários atacaram o hotel a pedradas, e quiseram incendiá-lo. O juiz de direito conseguiu entrar na casa, e aconselhou Silva Jardim a retirar-se. Resposta: – “Se V. Ex. me declara por escrito que não pode manter a ordem, eu retiro-me, porque não tenho o dever de defender-me contra a massa. Enquanto, porém, houver autoridade, ela é responsável pelo ataque à minha vida e à minha liberdade. Somos cidadãos. Daqui não saio antes da hora do trem, em que pretendo seguir para Queluz, onde é público que devo falar hoje...” – O juiz negou-se a declarar que não podia manter a ordem. À hora do trem, espalhavam-se grupos pela estação. Quando o trem partia, certo jornalista da terra, defensor do trono, atirou um insulto a Silva Jardim. Silva Jardim respondeu: – Viva a República! – E foi o que aconteceu...

§ TIRADENTES – A jardineira que leva a Tiradentes e traz de Tiradentes recebe, sem preconceito nenhum, racionais e irracionais, e

quem não tem dinheiro não é obrigado a pagar: basta que viaje em pé. Fui de São João d'El-Rey com outras pessoas e uma cabra, que entrou no meio do caminho. Não há pontos de parada. A jardineira pára onde pedem. Vinte minutos por uma estrada resplandescnte. Ali houve muito ouro. Muito ouro há ali. Tiraram até cansar. No município de Tiradentes existe uma fonte de águas notáveis para a saúde em geral, principalmente para a saúde do fígado: “Águas Santas” chamadas. Desde o século passado, estão resolvendo o problema de fazer das “Águas Santas” qualquer coisa que dê rendimento. Não tendo sido possível chegar a uma solução, a sede do município, hoje com o nome do apelido do seu filho mais glorioso: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, – ex-Arraial Velho, ex-Ponta do Morro, ex-São José do Rio das Mortes, ex-São José d'El Rey, – é uma cidade morta. Vai-se sumindo na terra. Que doce morta! Pena foi botarem lá, uma casa bem diversa das cento e cinqüenta remotas: a cadeia das mulheres. As mulheres condenadas no Estado vão cumprir a pena na cadeia de Tiradentes. Entram sozinhas. Saem com tantos filhos quantos foram os anos da sentença. Em São José d'El Rey nasceu também o poeta José Basílio da Gama, que cantou o *Uruguay*, e deixou um verso que seria um epitáfio lindo para a cidade: *Tanto era bela no seu rosto a morte...* – O português João de Siqueira Afonso, ou João Afonso de Cerqueira, foi o primeiro que chegou, no princípio do século XVIII, àquelas paragens. Era ouro por toda a parte. Foi logo gente por toda a parte. O conde de Assumar, em 1718, elevou a população à Vila e Sede do município. O baiano Sebastião da Rocha Pita iria escrever, doze anos depois, na *História da América Portuguesa*: “... as portentosas Minas do Sul, que em riqueza, fecundidade, e extensão, excedem às de Ofir, que tantas riquezas deram a Salomão, e tão grande matéria aos encarecimentos dos Escritores. Gerou o Sol nos embriões da terra do Brasil a profusa cópia de ouro, que a natureza teve escondida imenso tempo, para

sair com numerosos, e riquíssimos partos no fim do século dezessete da nossa Redenção, e cinquenta e oito da criação do Mundo, podendo ser mais antiga que a do gênero humano a deste precioso metal, pois sendo operação do Príncipe dos Planetas, que Deus criou no quarto dia, desde logo poderia (existindo o seu vigor nos seus atos) produzir os seus efeitos dois dias antes do sexto, em que o Senhor fez o homem.” Nos fins de 1800 morava em São João d’El Rey o padre Carlos Toledo, um dos Inconfidentes. O sobrado dele continua de pé, e é dos mais conservados. Foi vendido, há pouco, por cinco contos! Na residência do padre Toledo realizaram-se numerosos encontros dos homens que queriam ser brasileiros. Tiradentes comparecia sempre. Levado por um irmão do dono da casa, apareceu uma vez Joaquim Silvério dos Reis. E foi a última vez em que os patriotas se reuniram sem algemas. Pode parecer exagero, num meio dia de abril do Século XX em plena serra, nas Minas Gerais, pensar em Lady Godiva. Pois eu pensei. Do adro da Matriz de Santo Antônio, olhando Tiradentes, portas e janelas fechadas, me subiu à cabeça a imagem da formosa cavaleira de Coventry, em 1078. Lady Godiva possuía, dentro do corpo perfeito, um coração capaz de sofrer pelos que sofriam, há quase mil anos. Casada com Leofric, senhor da cidade, foi suplicar ao marido que diminuísse os impostos aniquiladores da população. O marido respondeu com uma pergunta: — “Não te envergonhas de interceder por uma gente tão vil?” Para provar que a gente não era tão vil, Lady Godiva propôs atravessar a cidade, nua, montada num cavalo: — “Verás como se portará o povo que assim julgas. E então, hás de atender aos meus rogos.” Leofric, espantado, consentiu. Lady Godiva tirou a roupa, que naquele tempo era muita, soltou os cabelos, montou num cavalo branco e andou pelas ruas de Coventry como se o cavalo fosse um andor. Os habitantes, por quem ela fazia a exibição, fecharam as portas e as janelas. Tiradentes, encolhida no sol, estava esperando, de-

certo, com os ouvidos apenas, a passagem de algum cavalo célebre com alguma mulher célebre, ao natural, sobre ele, para seu bem... – O padre José Bernardino apareceu no começo da ladeira, subiu, cumprimentou, foi abrir a igreja. Que deslumbramento! O ouro não é pelo que vale, é pelo que é, de graça, maravilhoso, claridade que se materializou, luz do fundo da terra, mais bela que a do alto do céu, com o mistério de uma vida diversa, com o segredo de uma origem ignorada... A nostalgia do ouro! O êxtase do ouro! A matriz de Tiradentes é toda de ouro! Fascina e exalta! É toda de ouro a matriz de Tiradentes e pede esmolas para viver!

§ MANHÃS – Em Congonhas do Campo há um automóvel. Nos domingos, não trabalha. Cheguei num domingo. Tive de subir a pé pela ladeira de pedras redondas, até ao Hotel Santuário. Lá em cima, em frente da Matriz do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, os Profetas estavam me esperando. Bom dia, Jeremias, Isaías, Abdias, Amós, Baruc, Habacuc, Naum, Ezequiel, Joel, Daniel, Oséias, Jonas! Vou tomar um banho, um café, acender um cigarro, – volto já. A solidão deles era imensa, na bruma atirada para o ar pelo rio Santo Antônio e o rio Maranhão. Olhei do alto a minha primeira manhã de Congonhas. Tive mais três. Nenhuma igual. Em Congonhas sempre amanhece diferente. Foi nessa cidade que aprendi, de verdade, o que significa: gênio. Gênio foi o Aleijadinho e, talvez, o mais definitivo do mundo, – por isso mesmo sem definição. Ao lado da igreja, numa cabana, um homem mutilado, oprimido pelos sofrimentos mais cruéis no seu corpo já sem forma, um homem que nunca vira outras terras, que apenas aprendera a ler, filho de uma escrava e de um mestre construtor português, num país mal descoberto, num tempo de ricos de ouro e de pobres de tudo, ali, esse homem com os instrumentos amarrados nos pulsos em sangue, dilacerando o silêncio com os uivos da dor, criou de

novo, em pedaços de pedra, a vida. A vida do Aleijadinho estremece em cada profeta, — e Jonas, que a legenda diz estar agradecendo a Deus a salvação, é todo ele uma queixa torturada, é todo ele um protesto angustioso. A vida, sim, outra, cada hora, na luz que nasce, na luz que cresce, na luz que fraqueja, na luz que morre. Os profetas se transfiguraram da manhã cedo à noite alta. Não são doze. São doze mil. Vivem. Diante, o jardim dos Passos. Esculturas em madeira. Outra arte. Arte popular. O Aleijadinho fez os Passos para as multidões. E as multidões, nos Jubileus, e nas Semanas Santas, dirigem-se a Congonhas, do Brasil inteiro. O Judas, da Ceia, ficou de cara suja de tantas bofetadas que tem levado. Um peregrino, furioso, deu-lhe um tiro no olho esquerdo. O Santuário de Congonhas, tornado de uma capela construída para o pagamento de uma promessa (a cruz que carregou o fiel salvo está guardada dentro de uma cruz de vidro, pois os fiéis, na expectativa de serem salvos, desandaram a cortar pedaços dela) — é um dos belos templos das Minas Gerais. Era revestido de madeira pintada, com quadros embutidos. Certo funcionário do Serviço do Patrimônio Nacional decidiu que o revestimento não era da época da construção; mandou tirar a madeira, fazer o revestimento de massa, e cair. Os quadros, de diversos tamanhos e formas, foram pendurados em ganchos. Felizmente o teto de madeira, com pinturas lindas, não foi considerado moço: — salvou-se. As paisagens das Minas, em qualquer lugar, se levantam em igrejas: as torres são braços erguidos para o céu. — Esta terra é de Deus, — disse eu a um padre. Ele me ensinou: — Não, senhor. De Deus eram as pequenas ermidas, as capelas da época do ouro. As igrejas luxuosas foram edificadas depois, pelos maçons. Os maçons dirigiam as irmandades. As irmandades, rivais, umas procuravam sobrepujar as outras. Daí surgiram as famosas igrejas mineiras. — No outro lado de Congonhas, um homem apontou para longe: — Está vendo aquelas montanhas? Tudo ferro. De lá vai o ferro para

Volta Redonda. Mas Volta Redonda nunca dará vazão ao ferro daquelas montanhas. – Quantas Minas! Minas de tudo! Minas Gerais! E tanta pobreza! Que mistério será esse? O mês de Congonhas é o mês de setembro, o mês do Jubileu. Duzentas mil pessoas se comprimem dentro da cidadezinha. Crentes e negociantes surgem dos quatro pontos cardeais. As casas dos romeiros, vazias nos onze meses magros, abrigam quem vai rezar e quem vai vender. A semana da Paixão, em março, é uma semana “fausse-maigre”. Em abril, Congonhas contava pelos dedos das mãos vazias quantos meses faltavam para chegar setembro...

§ CONGONHAS DO CAMPO – Nas cidades antigas, tão quietas, a gente, sem querer, fala sempre em voz baixa, com o cuidado insensível de não desmanchar o silêncio. Pode-se sorrir, como os anjos das igrejas. Seria escândalo qualquer gargalhada. Anda-se pelas calçadas, pelos adros, pelas naves, igual a quem vai folheando um velho livro iluminado, de orações ditas, olhando, não falando. E foi desse jeito que vivi em Congonhas. E naquela paz entre as nuvens, quase junto do céu que, em certas horas, parece ao alcance da mão, uma noite quis apanhar uma estrela. O profeta Habacuc me tirou isso da cabeça. Mas, de manhã, vi, da sombra do Santuário, as andorinhas de Antonio Nobre, as andorinhas de 1891, quando eu tinha três anos, tais quais:

*Não repararam nunca? Pela aldeia,  
Nos fios telegráficos da estrada,  
Cantam as aves, desde que o sol nada,  
E, à noite, se faz sol a lua cheia.*

*No entanto, pelo arame que as tenteia,  
Quanta tortura vai, numa ânsia alada!*

*O ministro que joga uma cartada,  
Alma que, às vezes, d'além-mar anseia:*

*– Revolução! – Inútil. – Cem feridos,  
Setenta mortos. – Beijo-te – Perdidos!  
– Enfim, feliz! – ? – Desesperado! – Vem.*

*E as boas aves, bem se importam elas!  
Continuam cantando, tagarelas:  
Assim, Antônio, deves ser também.!*

A lembrança de um amigo trouxe a lembrança de outro amigo. Renan, de novo, me disse: “Quem, como eu, teve uma educação católica, fica marcado por vestígios profundos. Esses vestígios, porém, não são dogmas: são sonhos.”

§ MILAGRES – Das impressões de Congonhas do Campo, tão numerosas, uma vem grudada nos olhos: não entra, está presa no espanto; não sugere, não se transforma. É a da Casa dos Milagres. Retratos de doentes são, cartas de aleijados direitos, quadros mostrando curas extraordinárias, mãos de cera, pernas de cera, pés de cera, e até um caixão de anjo sem o anjo que o Senhor Bom Jesus de Matozinhos ressuscitou. Isto, no ar cheio do padre Antonio, o último intérprete das provas velhas e novas de que o nervosismo não é um mal do século, e mais, muito mais, isso testemunha a tremenda desilusão da gente simples, desconfiada de toda ciência, só crente da sua fé: fé de corpo presente. Para que proibi-las? se não existissem as imagens esculpidas ou pintadas, a religião não exerceria a influência que exerce sobre as pobres amarguras humanas. O Senhor Morto do Santuário de Congonhas, como Jesus vivo, faz andar os paralíticos, dá vista aos cegos, tira

os demônios dos endemoniados, traz de novo para a vida os que tinham partido da vida, e derrama, com a doçura dos impossíveis realizados, a felicidade, pelos recantos onde ainda há humildes, ingênuos, criaturas que sofrem e não se arrepelem. Bendito seja, o Bom Jesus de Matozinhos! A verdade é que nós não saímos da terra. Santos ou pecadores, menos pecadores, mais santos, bem sabemos que aquele homem de Oscar Wilde era um homem leal. Discutiu com Deus para que lugar devia ser mandado. Deus acabou decidindo: – Mando-te para o céu. – Não me podes mandar para o céu. – E por quê? – Porque eu nunca pude imaginar o céu. – Nem Santo Tomás de Aquino pôde. O céu de Santo Tomás de Aquino, sob o regime da época, era a terra sofisticada. Era o céu de Carlitos, noutra tempo. O céu dos Prados Verdes. O céu à nossa imagem e semelhança. O que, afinal, é ótimo. Será uma surpresa. Os israelitas apresentaram Deus com cabeça de bisavô, de qualquer bisavô da vizinhança. E muito antes dos homens chamarem às mulheres, anjos, anjos eram crianças e rapazes, nas narrações da *Bíblia*, continuadas no Talmud. Não consigo esquecer que Rubens pintou Santa Cecília, alta, gorda, de papada e seios enormes, tocando cravo numa sala da Renascença, entre cupidos. Rubens era da grande carne! Eis o que é um pouco triste: todos nós, fiéis ou infieis, só imaginamos o que vemos, ou então não podemos imaginar...

§ 1842 – Junto dos doze amigos, na noite tranqüila, (já estava fazendo frio) recordei o cônego Marinho, que contou a “História do Movimento Político que no ano de 1842 teve lugar na Província de Minas Gerais”. O cônego Marinho – José Antonio Marinho – foi dos mineiros liberais, levantados contra o ministério conservador que, para se conservar, queria destruir a Constituição. O imperador, no fundo, simpatizava com esses mineiros. Tanto que, em seguida às perseguições locais, intransferíveis, lhes mandou conceder anistia ampla,

e distribuiu brasões por alguns dos chefes mais comprometidos. Os derrotados do último combate, em Santa Luzia, conduzidos para Sabará, e de Sabará para Ouro Preto, passaram uma noite, na igreja do Bonfim, do arraial de Congonhas. O cônego Marinho, um dos presos, escreveu “... a igreja do Bonfim, que os defensores do trono e do altar iam converter em enxovia... Horas se consumiram no arranjo da nova cadeia, e enquanto... Ihe pregavam as portas, os mártires haviam caído por terra, sucumbindo à fadiga, e ao peso dos ferros... Descrever os vexames e violências, com que nessa jornada fomos martirizados, e as novas e fundadas apreensões e assassinatos, seria longo e fastidioso; limito-me a contar um fato, que caracteriza suficientemente os nossos carrascos. Uma légua teríamos caminhado, quando a Providência depa-rou-nos com uma fonte em lugar sombrio, onde os míseros presos começavam a refrigerar-se do intensíssimo calor; então uma voz rouca e satânica bradou da retaguarda: – Não há liberdade de beber água!!! – Era o distribuidor de algemas e correntes, o estrangeiro de cara patibular, cuja ferocidade, excitada por evidente embriaguez, nos patenteou por vezes os desígnios mais atrozes.” *Nilhil novi sub sole*. Isso foi afirmado em hebraico, quando ainda não se falava em latim. É em latim, assim, que isso se repete. Mas a certeza é a mesma em todas as línguas, até na nossa: “Não há nada de novo sob o sol”.

§ GRANDES MINAS – Minas Gerais! Na verdade, essas gerais são grandes minas. Lava-se o corpo em Poços de Caldas, Caxambu, Cambuquira, São Lourenço, Lambari, Araxá, Águas Santas. Lava-se a alma em São João D’El Rey, Tiradentes, Congonhas, Sabará, Caeté, Santa Bárbara, Cachoeira do Campo, Mariana, Ouro Preto, Serro, Diamantina. Volta-se com pureza para muito tempo. E já se sabe o remédio: é repeti-lo nas recaídas. Repetir a mesma viagem, que nunca é a mesma, a viagem que desmoraliza o pessimismo do ho-

mem que afirmou: “Viajar é a arte de saborear decepções”, e da mulher que não entendeu: “Viajar é o mais triste dos prazeres”. Que nomes bonitos pelos caminhos: Campanha do Rio Verde, Serro do Frio, Ribeirão do Carmo, Piedade da Boa Esperança, Dores do Turvo, Montes Claros, Perdões de Lavras, São Tomé das Letras, Pouso Alto, Distrito das Luminárias; Nossa Senhora da Graça da Capelinha, Sant’Ana de Água Boa, Bom Jesus das Flores... E que tutu! que lombo! que torresmos! que arroz mole! que rosas! Agora creio mesmo nos Profetas. Agora, se eu descobrisse qualquer continente, um país, uma ilha, ou um homem, havia de dizer como Cristóvão Colombo: “Na empresa, de nada me serviram a inteligência, a matemática, o ‘mapa-múndi’: aconteceu o que anunciara Isaías”. Vi os profetas. Acredito nos Profetas. Talvez não tivessem existido, antes do Aleijadinho, fora da imaginação humana. Depois do Aleijadinho, existem nesta terra abençoada, onde dá tudo. Há mais de cento e cinquenta anos, no tempo bom e no mau tempo, Isaías, em Congonhas do Campo, cumpre as suas profecias, e os outros, um por um, também. Não são, embora a aparência mortal, de carne e osso: são simplesmente de pedra sabão, para a eternidade.

§ OURO PRETO – “Por que esconder o que Deus criou? Que figura faria uma rosa vestida?” Lembrei-me disso, olhando a boca que contava o solar dos velhos parentes. Solar maravilhoso! Uma boca bonita encanta o que diz. E, como eu agradeço todas as compensações, agradei pelos olhos, às pessoas de poderes, que ainda não ordenaram o desaparecimento das bocas debaixo de qualquer *soutien*. Depois, de noite, quando ia ficar sozinho, o amigo Mallarmé bateu na minha memória e prolongou a graça daquela conversa: “O relógio de Saxe, que se atrasa e dá treze horas entre flores e deuses, de quem terá sido? Pensa que ele veio para Paris numa diligência... E o espelho de Veneza, profundo

como uma fonte fria, no meio de serpentes desdouradas, quem se refletiu nele? Ah! com certeza mais de uma mulher lavou nessa água o pecado da sua beleza! e quem sabe se eu não veria um fantasma nu, se olhasse muito tempo!... Também a cômoda é bem velha: repara como o reflexo da luz lhe avisa a tristeza. As cortinas quietas têm idade, e a tapeçaria das poltronas quase sem cor, e as gravuras das paredes... Todas as nossas coisas, que remotas!... Não parece, até, que os periquitos e o pássaro azul desbotaram com os anos?” – O passado traz o doce engano da juventude. Numa casa construída séculos antes de nós, somos cada vez mais novos. Não creio que volte algum dia a Bruges. Mas, se, de repente, me sentir muito acabado, vou fazer uma cura de menor idade em Ouro Preto, – a cidade que montou a vida como um bailado. Em Ouro Preto, subindo ou descendo, a gente dança. É o Bailado das Ladeiras... com a música de uma serenata ondulando no ar...

§ DESGOSTO DE MARILIA – Otimismo, não se arranja depois. É bem de nascença. Durante a viagem, vamos introduzindo uns melhoramentos nele. Com pouco, ou muito conhecimento de causa. No começo, as crianças trocam os brinquedos mais caros, por um cabo de vassoura. No fim, os velhos preferem as sereias. Nas paradas do caminho, quantas balbúrdias! Querer explicar é um perigo. Tão grande quanto querer julgar. As opiniões, mais que os sentimentos, são as grandes culpadas da curiosidade de prosseguir, de fazer ideal. Conheço de vista muitos braços bonitos. Contudo, para mim, os braços mais bonitos são os da Vênus de Milo, que nunca vi. Cismas semelhantes carregam outras pessoas para o elogio do passado, e para as maledicências do presente. Um instante ingênuo de raciocínio revelará que o passado já foi presente, e que então também se vociferava contra o tempo que fazia, em contraste com o tempo que fizera... Tomás Antônio Gonzaga escreveu as *Cartas Chilenas* contra o governador da

Capitania das Minas Gerais, Luiz da Cunha Menezes, o “Fanfarrão Minésio”, que não mandou prendê-lo:

*Apenas, Doroteu, o nosso chefe  
As rédeas manejou do seu governo,  
Fingir-nos intentou que tinha uma alma  
Amante da virtude. Assim foi Nero...*

Tomás Antônio Gonzaga escreveu a favor do Visconde de Barbacena, governador da Capitania das Minas Gerais, que mandou prendê-lo:

*Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos,  
Nas sãs virtudes que no peito abrigas:  
Não honras tão somente a quem premiais,  
Honras a quem castigas.*

Na casa onde residii Tomás Antônio Gonzaga, em Vila Rica, esteve, muito tempo, o Instituto Histórico, que terminou despejado. Tomás Antônio Gonzaga, o doce Dirceu das “Liras” à Marília, evidentemente, além de outras menores, conseguiu uma originalidade grande: achou o presente melhor que o passado. Marília, de desgosto, viveu oitenta e cinco anos e três meses. E se não foi Tomás Antônio Gonzaga, foi Claudio Manuel da Costa o autor das *Cartas Chilenas*, – o “Tu vences, Barbacena”... bastou para Marília, aturdida, se esquecer de morrer...

§ ALPHONSUS DE GUIMARAENS – Pela estrada de Ouro Preto a Mariana, – Bom dia, Bom Jesus das Flores! – eu ia pensando em Alphonsus de Guimaraens, que era de Ouro Preto e fora para Mariana. Em Mariana, quis ver a casa onde tinha morado Alphonsus de Guimaraens. O chofer não sabia, nem sabia de quem se tratava. Con-

duziu-me ao cinema: — O gerente do cinema sabe tudo. — O gerente do cinema sabia que houvera por ali um senhor com um nome assim; ignorava, porém, qual das casas de Mariana poderia ter sido a casa desse senhor. Para me consolar, apontou para o alto da ladeira em frente: — Aquele é o palácio do conde de Assumar. — Não me consolou: — Obrigado. — Parti para as igrejas. Decerto, Alphonsus de Guimaraens gostava mais da igreja de Nossa Senhora do Carmo, o convento ao lado, de onde vem sempre uma carmelita branca tratar das flores nos altares, e dizer, sem palavras, que é feliz. Sim, mais que da Catedral, mais que da igreja de São Francisco, ele gostava da igreja de Nossa Senhora do Carmo, como gostava de olhar, da esplanada do palácio do Arcebispo, subindo sobre o chão luminoso, a doce cidade. Onde seria, lá embaixo, em que rua, de tão poucas, a casa do poeta? Cinco anos passaram. Agora, vão levantar um monumento a Alphonsus de Guimaraens, em Mariana. Como as imagens dos santos nas igrejas, as imagens dos poetas deviam estar nos jardins. Alphonsus de Guimaraens tem que ser o gênio protetor de um jardim de Mariana, com o seu sorriso triste, o seu gesto parado, a saudade dos seus poemas tão belos e tão puros. As crianças brincarão, cantando, em volta dele, e, à sombra dele, os namorados darão as mãos, silenciosos, ouvindo “a voz do amor” que ainda não tinham ouvido...

§ SABARÁ — Bom dia, sábado! Deus te conserve assim! E que assim sejam os outros sábados e os domingos, as segundas, as terças, as quartas, as quintas, as sextas, pelos séculos dos séculos! Que vontade de conversar com Santa Clara, lá em Assis, e lhe dizer como o irmão Francisco: — Tens um jardim, e não cultivas todas as flores. Por que te consagras só ao lírio, à violeta e à rosa? Magoas, sem querer, as flores do campo, sem nome, tão humildes, que nos dão o exemplo da vida perfeita. — Depois, ir à procura do amigo Rabelais, ouvir as histórias

que ele conta, ficar com fome e com sede, escutando-as, aprender a lição gostosa, de que mais vale rir do que chorar... Pôr o espírito em estado de graça nas estradas da Renascença. Alô, companheiros! Vamos para fora! Imagino o meu canto de meio da serra, logo mais. A noite caindo sem buzinas. O cheiro da terra. Uma voz de fome no silêncio. Fonte de água pura, sem outras virtudes. Deitar com o *Romance da Rosa* nos olhos: “Muitas pessoas dizem que nos sonhos nada mais há além de fábulas e mentiras. Entretanto...” Acordar com a luz que desce de um céu menos perdido, luz linda! – Chega das árvores, à gente, risinha, e convida: – Não quer andar? – Está tudo perfumado de flor, de fruta, de paz. Esses caminhos são naturais. Esses caminhos não levam à Roma, mas podem levar a Sabará, aonde é uma delícia chegar queimado pelo sol que conheceu o Aleijadinho, junto do rio triste porque ficou pobre e não sabe que é mais feliz agora, sem ouro, sem brigas, rio quieto, rio sereno, rio bom... Nossa Senhora do Ó lá em cima.... O hotel das irmãs Ferreira cá embaixo...”

§ MINAS GERAIS – Muita gente que vai às Minas Gerais, mesmo de avião, reclama contra a viagem. A que vai de automóvel protesta contra as estradas. A que vai de trem não foge à fatalidade de descompor a Central. E então a que anda, lá no alto, pelos velhos trilhos de bitola estreita, essa guarda suspiros de fadiga para o resto da existência. Gente sem fantasia. Sem memória. Não pensa que os bandeirantes tiveram muito mais trabalho, abrindo caminhos, pelejando com os donos da terra. Gente que não leva o senso do imprevisto. Curiosa e egoísta. Ignora que os aborrecimentos fazem o fundo dos prazeres. Não há nada de graça. Nem a alegria. Um amigo da minha juventude contava que a estupidez das pessoas lhe revelara a beleza das paisagens. Principalmente, nos momentos abafados, consola rever algumas estampas de Rugendas, ou reler, por exemplo, a ascensão de Charles James Fox

Bunbury, naturalista inglês, que passou por Barbacena, Capão, Ouro Preto, Mariana, Catas-Altas, Cocais, e foi até Congo-Soco, onde já havia uma mina de ouro, explorada por patrícios seus, e onde lhe deram “um vinho bem bom”. Partiu do Rio no dia 23 de maio de 1834, voltou ao Rio no dia 8 de janeiro de 1835, montado numa mula. “A primeira noite hospedei-me na venda de José Dias, cerca de dois terços do caminho para cima do desfiladeiro, onde passei bem, tendo conseguido um frango com arroz para o jantar. Aliás, verifiquei, durante todo o tempo da viagem, que estes eram os alimentos mais fáceis de obter; mas, às vezes, até estes estavam incluídos naquilo a que o Dr. Johnson teria chamado a grande lista negativa de provisões... Diverti-me, olhando à volta do aposento em que me achava alojado a pensar como semelhante quarto de dormir pareceria estranho na Inglaterra, pois as vigas toscas e as telhas do telhado estavam à vista, as paredes e o chão eram de barro descoberto e não havia outro móvel senão um banco de madeira, que era a minha cama...” Na manhã seguinte, alcançou o cimo do desfiladeiro. Matas floridas. Picos de rochedos. Casas isoladas. Ladeiras. Escarpas. Declives. Abismos. “País para bandidos”. Sobre perigos, entre sustos, Charles James Fox Bunbury foi e veio, contente da vida. Eis a mestre para quem sai de casa, a conhecer mundo. Quem não tem calma, fique na janela...

§ 1947 – Segundo Congresso dos Escritores Brasileiros, em Belo Horizonte. “Congresso: reunião de pessoas que deliberam sobre interesses comuns.” Não foi.

§ Não há coisa alguma definida, certa, exata. Todas as coisas são vagas, inesperadas, fora de qualquer premeditação. Graças a Deus! Sempre tive horror dos horários, e do que acontece porque deve acontecer. Hoje, na manhã de primavera, a manhã foi de outono, e as folhas

mortas encheram o chão. No ônibus apertado, de repente, senti que existe esta verdade apenas: — como se é só junto dos outros! Cada um conduz o seu monólogo, com nomes bonitos, ou nomes feios... cada um: desde o orador muito violento até o mudo mais tranqüilo. O que se chama conversa, é a tradição da Torre de Babel. A *Bíblia*, na Gênese, conta que, havendo os homens construído uma cidade e uma torre, o Senhor desceu para ver a cidade e a torre, e disse: — Confundamos de tal maneira a linguagem dos homens, que nunca mais eles se entenderão uns aos outros. — Nunca mais...

§ Num ano do governo Dutra, uma semana foi muito festejada pelas notícias dos jornais: a “Semana da Democracia”. Os nomes, com os números, muitas vezes estão errados. Conheci um oficial administrativo, feroz, medonho: chamava-se Clemente. Tive uma companheira de infância que se chamava Perpétua: morreu com treze anos. Estudante, morei na pensão de dona Carola: dona Carola era anti-clerical. Seu Boaventura, vendedor de livros a prestações, foi decerto, um dos homens mais infelizes da rua Senhor dos Passos. Quatro exemplos. Há milhões. Todos no gênero da “Semana da Democracia”.

§ Alvarenga Fonseca, que foi presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, e também crítico de peças e intérpretes, tinha uma imensa simpatia. Todos lhe queriam bem. Muito alto, muito gordo; a barriga principiava logo depois do pescoço, e punha entre ele e a vida um biombo redondo e impenetrável. Carmem Miranda dizia: — O Alvarenga Fonseca faz xixi de cor...

§ Se vale a pena saber a maior sensação que tive, digo: foi a de Clara Della Guardia. Sem mocidade e sem beleza, com o espírito das duas ausências, Clara Della Guardia ficou moça e bela em mim. Ela me

abriu as portas da vida. Nunca mais separei a vida, do teatro. Tudo, depois, me pareceu representação. Foi a primeira grande artista que vi e ouvi. Diferente de Sarah Bernhardt, semelhante à Eleonora Duse. Quando a conheci, eu ia fazer 18 anos...

§ Sarah Bernhardt morreu em 1923. Está aqui, no meu diário: “26 de março, 1923 – O que entristece mais na morte de Sarah Bernhardt é que ela evocava, última sobrevivente, uma época abolida, um tempo artificial e encantador. “Rainha da atitude”, na longa existência, a “trágica de voz de ouro” teve do mundo um espetáculo que as mulheres de hoje nem podem imaginar. D’Annunzio, quando a viu pela primeira vez, gritou, fascinado, como se acabasse de a criar: – Dannunziana! – Entramos no período positivo do século “Sarah Bernhardt foi-se embora...”

§ Um ano e um mês mais, cinco dias antes, Eleonora Duse partiu também. Está na terra bem amada de Asolo. O túmulo, longe de todo o barulho humano, lhe deu a solidão, na morte, igual à solidão na vida. Eleonora Duse não chegou ao fundo da velhice. Ali não é o bosque sombrio de Locrida, mas ali o poeta poderia repetir: – “Sobre esta cova os pastores derramaram leite e mel.” ...

§ Quando realizei o Teatro de Brinquedo, todo mundo foi contra. Anos depois, todo mundo elogiou. Quando realizei a Companhia de Arte Dramática, todo mundo foi contra. Anos depois, todo mundo elogiou. Para evitar esse trabalho a todo mundo, desisti... Respeito muito as opiniões alheias...

§ Estou com Deus. Adoro as boas companhias.

§ Que silêncio tão longo numa hora tão breve!

§ Nunca me senti com tanta saúde como depois que adoeci... Essa insulina, esse regime, – oh, primavera!...

§ Moralidade – Pessoas que têm estado no Recreio protestam contra a imoralidade da revista que está em cena. E, para prova, contam às gargalhadas os pedaços piores...

§ Houve dois partidos que, durante anos, batalharam aqui um contra o outro. Anteriores e posteriores àqueles, célebres, da Monarquia, – O Liberal e o Conservador. E muito mais intransigentes. Os membros de ambos eram fixos, não mudavam de cá para lá, de lá para cá. Sem idéias também. Mas com etimologias. Para as defender, cada qual “tecia argumentos irrespondíveis”, que logo provocavam “respostas sem contestação”, inspiradoras de “contestações achapantes”. Assim, de ida e volta, a luta prosseguia. Só chegou a paz porque, velhos, exaustos, os últimos combatentes deram as últimas cargas e os últimos suspiros. A morte, enfim, os desarmou. Um desses partidos brigava com o outro por achar que o Brasil era com *s*, o outro por achar que o Brasil era com *z*. Não conseguiram descer à terra, convictos do triunfo. Levaram a ilusão dele. Nas pedras dos túmulos, isso lhes forneceria epitáfios bonitos. Ninguém se lembrou. E o Brasil se manteve na ignorância. Talvez saísse daí o receio com que sempre viveu diante dos partidos, criados mais tarde, com programas de forma diferente e sentido igual. A dúvida entre o *s* e o *z* pôs o Brasil na direção de Hamlet. Partia pelas paisagens, pelos latifúndios, triste, triste. Interrogava, para ouvir algum esclarecimento: – Ser, ou não ser?... Com *s*? Com *z*? Eis a questão... – Cheio de títulos a pagar, e ainda por cima o trocadilho dessas letras! Graças a Deus, a questão foi resolvida. O acordo ortográfico

decidiu que o Brasil ficava sendo definitivamente com s. Que alívio! Não há nada como um acordo.

§ 16 de junho, 1948 – Eugênia morreu. Nossa vida durou trinta e quatro anos. Eugênia. Inteligência sempre em trabalho, incansável sinceridade, entusiasmo, força, decisão, desprezo dos desenganos, nenhum preconceito, nenhuma injustiça. Nunca se preocupou com as opiniões que a contrariavam, fazia o que tinha que fazer, e fazia certo. Amava com paixão, viver. Quando sentiu a morte, disse: – Meu Deus, por que este castigo? – A sua ausência enche a casa toda. Sabia acariñar, e sabia lutar.

§ 18-6-1948 – Jorge de Lima me manda o número do *Diário Oficial* de hoje, com a página 781 assinalada: *Câmara do Distrito Federal*: “O Sr. Osório Borba (*Para inserção de voto em ata*) – Sr. Presidente, uma multidão de jornalistas, artistas de teatro, escritores, operários e pessoas de todas as profissões levou ao cemitério, o corpo de uma notável figura representativa das melhores qualidades da mulher brasileira. Refiro-me, Sr. Presidente, a Eugênia Alvaro Moreyra. Ninguém, nesta cidade, talvez, desconhecia a pessoa dessa notável intelectual. É verdade que o público, em geral, conhecia melhor, de Eugênia Alvaro Moreyra, os aspectos exteriores de sua personalidade e o que ela possuía de mais característico e que despertava a curiosidade dos transeuntes: uma certa excentricidade do seu tipo físico e das suas atitudes. Mas seria positivamente injusto limitarmos-nos, na apreciação da pessoa de Eugênia Alvaro Moreyra, a esses aspectos extrínsecos da sua personalidade. A nossa distinta patrcia foi, na realidade, uma individualidade marcante, afirmativa, dominadora, de intelectual e de lutadora pela causa da cultura brasileira. Muito jovem, Eugênia Alvaro Moreyra, ainda com o seu nome de solteira, Eugênia

Brandão, foi uma verdadeira pioneira da participação do seu sexo na profissão jornalística. Repórter do jornal *Última Hora*, realizou trabalhos interessantíssimos no sentido profissional, revelando qualidades de jornalista e devotamento aos interesses do povo. — O Sr. Xavier D’Araujo — Muito bem. — O Sr. Osório Borba — Como intelectual, foi ainda Eugênia Alvaro Moreyra, poetisa e, durante uma fase da sua vida, declamadora. Como intérprete da poesia, coube-lhe papel importante na divulgação do modernismo lírico no Brasil. Foi a arte da ilustre intérprete que impôs à curiosidade, à compreensão e à admiração do público os poetas modernistas, inclusive, Sr. Presidente, Jorge de Lima, o grande poeta que é V. Ex.<sup>a</sup> cuja significação nesse movimento renovador das nossas letras, ninguém ignora. Ainda durante uma fase de sua vida, Eugênia Alvaro Moreyra dedicou-se ao teatro, no sentido de elevar o seu nível cultural. Tentou o teatro dramático, fez-se atriz, realizou espetáculos pelos bairros e subúrbios cariocas, levando às camadas mais humildes da nossa população as peças de grandes autores nacionais e estrangeiros. Juntamente com Alvaro Moreyra, criou o ‘Teatro de Brinquedo’ que foi o início de uma fase interessantíssima do amadorismo teatral, do qual saíram elencos que se tornaram profissionais e ao qual se liga, inclusive, a iniciativa de Pascoal Carlos Magno, realizando o ‘Teatro do Estudante’, a que devemos ainda no ano passado a magnífica revelação do jovem ator Sérgio Cardoso, um grande intérprete de Hamlet no Brasil. Mas eu não devo silenciar sobre outros aspectos da personalidade de Eugênia Alvaro Moreyra. Todos a conheciam como artista, como agitadora das questões feministas, como militante política, porque ela também fez política; aderiu ao Partido Comunista e, defendendo o seu partido, de cuja doutrina todo nós discordamos, devemos reconhecer que serviu ao seu ideal com grande bravura, com grande honestidade. Na vida privada, Eugênia Moreyra foi uma mãe

modelar, uma companheira dedicada desse boníssimo homem, desse finíssimo escritor que é Alvaro Moreyra. A cidade do Rio de Janeiro teve em Eugênia Alvaro Moreyra uma figura das mais ilustres, um padrão de virtudes cívicas como também um modelo de virtudes como pessoa privada, como mãe de família, como esposa devotada e grande colaboradora de um intelectual eminente. A imprensa brasileira teve em Eugênia Alvaro Moreyra uma pioneira, como já disse, da participação da mulher nas lides jornalísticas. Por todos esses motivos, parece-me de toda justiça que a Câmara de Representantes do povo do Distrito Federal consigne em Ata um voto de pesar pelo falecimento de Eugênia Alvaro Moreyra. (*Revisto pelo orador*) – O Sr. Presidente – A Mesa ouviu com a maior atenção a bela oração de V. Ex.<sup>a</sup>, e como V. Ex.<sup>a</sup>, o seu Presidente lamenta a perda de Eugênia Alvaro Moreyra, de quem esteve bem próximo em campanhas de renovação literária e cultural. – *Submetido a votos é aprovado o requerimento verbal do Senhor Osório Borba.*”

§ De tanto que há quatro dias tem sido publicado sobre Eugênia, este “Telefonema” que Oswald de Andrade mandou para o *Correio da Manhã* me recordou um tempo bem feliz: “MORREU EUGÊNIA – (*De São Paulo*) – Uma coisa acorda os vivos, é a morte. Particularmente a morte de um companheiro de antiga barricada. O que Eugênia Alvaro Moreyra representava para nós, lutadores da renovação social e estética, numa sociedade de avaros e de lorpas e num país onde correm ainda as águas do Dilúvio, era essencial. Eu mesmo não esperava o baque que senti do seu corpo firme e resoluto, da sua alma férrea, em meio ao desânimo e ao leilão. A minha geração, a de 22, que talvez tivesse começado no ceticismo de Alvaro Moreyra para brilhar com ela, na sua declamação estatuária e tipográfica, no centro das grandes batalhas do modernismo e depois vê-la também tomar o caminho da dig-

nidade conseqüente nas lutas políticas que encetamos, essa geração de autênticos tinha nela um totem. Eugênia desaparece não como a saudade de uma época, mas como a própria representação física dessa época e da gente que nela nunca se vendeu ou se alugou. O que se escondia por detrás da sua franja agressiva de cabelos negros, do seu vestir especial, do seu sorriso desafiador, agora o sabemos. A diferente Eugênia era uma grande esposa, uma carinhosa mãe e uma amiga exemplar. E foi a mártir de uma bela convicção. O fato de me ter afastado de Alvaro e Eugênia, só pode tornar mais válido o meu depoimento. O que se deve a ela será calculado um dia”.

§ 17, dezembro – No ato do terraço, da “Ásia”, à beira do Mediterrâneo, havia um instante em que tu encarnada na princesa Kata, ficavas só, com toda a tua dor. Num mosteiro perto (era noite de Natal) as monjas cantavam:

*Noite feliz, noite de amor...*

Com que paixão as ouvias, com que angústia murmuravas: – Aque-las são felizes... – Não quero te acordar triste. Sei que na noite de Natal tu também serás feliz, sonhando com as nossas noites de Natal do outro tempo. Não trouxeste a árvore. Não a enfeitaste. Não a encheste de brinquedos para os filhos, como antigamente, ou para os netos, como o ano passado ainda. Este ano, não haverá árvore de Natal na velha casa...

§ No cemitério de São João Batista havia um túmulo esquecido. Além dos nomes dos que foram para ali, com as datas de quando chegaram ao mundo e de quando partiram do mundo, tinha apenas uma cruz de mármore e uma coroa de bronze. O túmulo de Dona Carolina

e Machado de Assis. Ela chegou quatro anos antes dele. Ele partiu quatro anos depois dela. Ficaram com a mesma idade. Machado de Assis muito contou do seu amor nos seus livros. Encantado. Mas as últimas palavras das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* disseram: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. – Os amigos têm a memória fraca. Igual ao anel da cantiga, a memória dos amigos é de vidro e se quebra. O amor de Machado de Assis, porém, não era pouco; não se acabou. Imagino os dois queridos, debaixo da terra, ou no espaço sem fim, como o casal de velhos do *Memorial de Aires*, – consolados com a saudade de si mesmos. Agora, em cima da pedra do túmulo de Dona Carolina e Machado de Assis, a vizinha nova manda sempre pôr flores. Os dois velhos sentirão que a poesia continua noutra realidade. O poeta não repetirá:

*Querida, ao pé do leito derradeiro,  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.*

*Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apeteçada,  
E num recanto pôs o mundo inteiro.*

*Trago-te flores, restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos,  
E ora mortos nos deixa e separados.*

*Que eu, se tenbo nos olhos mal feridos,  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.*

§ Na manhã de primavera, mando estas rosas para vocês, Matteoti, Ossietzki, Garcia Lorca, Max Jacob, Romain Rolland, nomes de uns, nomes de muitos. Vocês olham os que ficaram, olham de lá, do paraíso de Jó, onde os homens maus deixam de ser maus, e os homens cansados descansam. Homens cansados, companheiros que sofreram por nós, que morreram por nós, não podemos desconfiar de que foi em vão que vocês sofreram, de que foi em vão que vocês morreram...

§ E se não houvesse nunca mais *paté de foie gras!*

§ A cidade já está com cara de festa. As paredes e os tapumes cheios de cartazes, as vitrinas enfeitadas de presentes, anunciam o Natal, o Ano Bom. Este é um tempo de coisas inocentes. Como que a gente se purifica. Anda um desejo de bondade em tudo. Pena é que a nossa neve seja de algodão! Mas que lua! De halo lilás, parecia, ontem, a cabeça de Pierrot espiando do céu. Velho amigo Pierrot! Você ouviu? — eu disse bem alto: — Boas festas... boas festas! Para você, amigo, e para todas as criaturas, no céu, na terra, em todos os lugares.

§ Mesmo quem nunca leu a história da Inquisição, ou a da imperatriz Teodora, sabe que não há grandes histórias. Stefan Zweig, já pensando na morte, copiou a última estância do primeiro canto d' *Os Lusíadas*:

*No mar, tanta tormenta e tanto dano!  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano?  
Onde terá segura a curta vida,*

*Que nao se arme e se indigne o céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?*

As alterações desse bicho, reunidas, não formam livros de ciência; formam, com muitos colecionadores, os dicionários de anedotas, em geral tristes, das idades do mundo e seus habitantes. A melhor ainda é a Antigüidade. A Grécia, por exemplo, não se repetiu. Em compensação, os judeus até agora andam à procura da Terra Prometida. Os campos de concentração, inventados no tempo da guerra do Transvaal, foram como o caso do italiano com o gato, na opinião do confessor: – “Que grande pecado! Mas que bela invenção!” Estou me lembrando de três histórias bem curtas. Juntas, podem ter um título assim: UM MEXICANO, UM FRANCÊS E UM ALEMÃO. – O mexicano chama-se Figueiroa. Era caricaturista. Conhecidíssimo e admiradíssimo aqui, antes de 1930. Depois, morreu no Hospício. Sempre que um pobre lhe estendia a mão, gritava: – Não peça esmola! Proteste! – Sentia, como o escritor Marteau, que a caridade é injuriosa e contrária à fraternidade humana. Não se trata de dar. Trata-se de restituir. Nada de enternecimentos por conta. O que é preciso é a justiça completa, a quitação. Não se cogite de melhorar a condição dos pobres, sim de suprimir a condição dos pobres. Marteau, francês, era pela perfeição social e não bebia. Na minha infância, houve, em Porto Alegre, um alemão, de nome Frünling, que bebia. Quando um pobre lhe pedia esmola, perguntava: – Para beber? – O pobre respondia: – Não, senhor, é para comer. Frünhing mandava-o embora: – Então não dou. – Alguns amigos se opunham: – Oh, homem! Você incita os pobres ao vício! – Decerto! Dou uma esmola para o pobre beber, o pobre bebe, vai atravessar a rua, cai, passa um bonde por cima dele, – pronto! Um desgraçado de menos! – Frünhing era pela seleção natural... Uma noite, cheio de álcool, foi atravessar a rua, caiu, passou um bonde e por cima dele, – e pronto! um desgraçado de menos...

§ A igreja não admite o divórcio. Por isso os padres não se casam...

§ A graça da vida é não saber. Fica sereno quem arruma, com os entes e as coisas, o seu museu de encantamentos. Sem fichas. Nunca que eu quis explicações sobre o que tenho sentido. Vejo os meus sonhos. Ouço as minhas músicas. Ando pelos meus jardins. Dou à minha gulodice o prazer que ela fantasia. Estas mãos, tantas vezes pousadas em livros, em flores, em outros alimentos terrestres, continuam mãos abertas a todas as surpresas. Um dia, na praia, o cavalheiro erudito, indo até lá, como disse: “para sorver o ar iodado”, – porque me encontrou adorando a cor do céu, logo se manifestou: – Sabe por que é azul a cor do céu? – Confessei humilde: – Não. E não me conte, pelo amor de Deus!

§ 1950 – Na Bahia, instantes depois de chegar, ia saindo da Igreja de São Francisco, e um homem alto, gordo, simpático, que eu nunca tinha visto, me segurou num abraço afetuosíssimo:

– Alvaro amigo! Que há de novo?

– A nossa amizade!

§ A Bahia não pára. Bate nos olhos, pula sobre os nervos, corre pela boca, cantando, dançando, cheirando à angélica. Vem da Feira da Água de Meninos, do mar florido de Iemanjá, com o vento das velas de Pedro Álvares Cabral, e a última maloca: o Forte de São Marcelo. Vem do céu do Senhor do Bonfim, céu do Padre Roma, céu do Conde dos Arcos, do Mercado, da Rampa dos Pescadores, das ruas perto dos planos inclinados, que parecem ruas de Paris... Vem da Cidade Alta. Traz o Bispo Sardinha, comida pelos índios. Traz Nossa Senhora das Maravilhas, que deu o estalo da inteligência na cabeça do Padre Antonio Vieira. Traz o Cruzeiro do Terreiro de Jesus. A

Igreja de São Francisco. Como ficou rico o Pobrezinho de Assis! Ouro... ouro... ouro...

§ Ah! o lindo vem das ladeiras, dos sobrados vermelhos, amarelos, verdes, azuis, roxos, cor de coco, cor de rosa... saias de baianas.. listas da cozinha da terra... Nas tardes de chuva, os sobrados, encostados, agarrados, se firmam no chão, e como que se escuta um dizendo para o outro: – Aguenta, não te mexe, senão a gente escorrega e cai.

§ Bahia de Caramuru, de Paraguaçu, da Praça dos Quinze Mistérios, sem praça e sem mistérios; do Convento do Carmo, de bandeira branca e negra, como os Democráticos e o Botafogo; Bahia da Cruz do Pascoal, da Baixa do Sapateiro, do Mercadinho de Santa Bárbara; Bahia cada vez mais nova, não pelo que comete de novo, sim pelo que guarda de velho; – Bahia de Todos os Santos, – e que Deus a conserve assim pelos séculos dos séculos...

§ Preconceitos de cor não seriam possíveis em nós. Principalmente porque somos sempre gratos a quem nos fez um favor. E que favor nos fizeram os negros! Trouxeram das suas nações, onde eram livres, para o Brasil, onde chegaram escravos, as comidas mais gostosas. Há o churrasco do Rio Grande do Sul, há os pratos de tartaruga do Amazonas, há o tacacá do Pará, há a panelada do Ceará, o sururu de Alagoas, a carne de sol do Sertão, o lombo mineiro, o viradinho paulista, há a nossa feijoada gloriosa, – porém, em gênero e número, os quitutes da Bahia resplandecem no alto da cozinha nacional. Vatapá, muqueca, acarajé, abará, xinxim, sarapatel, efó, caruru... parece outra língua, não parece? É língua da Bahia, tem pimenta, tem azeite de dendê, a caluniada pimenta, o ofendido azeite de dendê. Josué de Castro, que sabe, ensinou: “O azeite de dendê é riquíssimo de provitamina A, contendo, em cada centímetro

cúbico, entre mil e três mil unidades de betacaroteno.” Claro que ninguém pensa nisso quando se senta numa das mesas da Maria de São Pedro, e pede uma daquelas maravilhas que põem verão na boca e acendem o corpo todo. E em tais momentos, quem pensaria nas virtudes magníficas da pimenta, que o mesmo técnico de alimentação exalta, para afirmar: “Essa cozinha baiana, tão impiedosamente condenada por médicos e cientistas... mostra-se como uma tábuia de salvação contra os perigos das avitaminoses A e C.” Nem em A nem em C pensavam os negros, mas comiam com pimenta e azeite de dendê, e ficavam na vida, cento e dez, cento e vinte, cento e trinta anos. Agora se anuncia que o soro vai chegar. O soro chegou há muito tempo, com a palmeira transportada da África, mãe do óleo saboroso, e com a pimenta da Costa e a malagueta vindas nos porões dos navios negreiros. Comida dos pobres, comida dos ricos. Chega para todos. Comida farta, em casa e na rua. Fubá e arroz colaborando. Cocada e cuscuz, sorvetes de mangaba ou de cajá, como fim de festa. Depois, ainda, na hora de dormir, um copo grande de açaçá, para ter sonhos bons...

§ Visita a Castro Alves – 20, abril, 1950 – Cidade do Salvador – Desde o começo do mês que chove, como chove todos os anos em abril. Os baianos dizem: – Abril, chuvas mil. – Aqui, as coisas mudam pouco. Olho para o alto, e leio depois Gabriel Soares de Souza, que escreveu, em 1587, no *Tratado Descritivo do Brasil*: – “Em todo o tempo do ano, quando chove, fazem os céus da Bahia as mais formosas mostras de nuvens de mil cores e grande resplendor, que se nunca viram em outra parte, o que causa grande admiração”. Mas hoje o dia é de sol. Dia da visita a Castro Alves, no Campo Santo. Castro Alves não tem túmulo dele. Está dormindo em casa de parentes. Casa feia. Casa triste. Não é longe da rua. Fica perto da igreja. Os que nesse mundo amam Castro Alves fizeram daquele recanto um lugar de paixão silenciosa. O

mármore das paredes desapareceu coberto de nomes, de datas, de palavras de ternura ou de entusiasmo. Palmas e beijos. Sem rumor. De sentimento, de pensamento. Assim:

*Se boje repousa numa tumba humilde,  
quando o seu gênio foi maior que os Andes,  
que importa! A amplidão é o mármore dos gênios,  
A eternidade é o mausoléu dos grandes!*

*Poeta, acorda!*

*Eu te amo, Castro Alves. (E a assinatura e o endereço)...*

“Por Etelvina, já falecida, escreve Amália Leite. Era grande admiradora, e ao falar no imortal Castro Alves, não podia ficar sentada.”

*Sinto que vou morrer. Posso portanto  
a verdade dizer-te, santa e nua:  
Não quero o teu amor,  
Porém minb'alma, aqui, além,  
é sempre tua.*

*Eu vim da Terra da Luz  
visitar-te nesta campa.  
Levanta-te, ergue o teu verbo!  
Teu espírito ainda canta  
na alma do povo teu,  
na serenata do Gênio  
transfigurado na Terra!*

*Em verdade, tu não morreste!*

§ Na posse da diretoria da Associação Brasileira de Escritores, em 1950 – Ora, eis-me feito presidente. Agradeço bem aos que votaram em mim, na eleição livre e honesta. E, desde logo, lhes confesso o meu desejo, também engraçado, porém sincero: o de ser presidente de todos os escritores. Não ficando importante com a ilusão do cargo, a me intrometer, a dar ordens, a impor vontades, a não admitir que achem que andei errado. Não. Justamente o contrário. Sem outra vida. Com esta mesma, que já fez sessenta anos e muito viu e muito ouviu e muito compreendeu e muito desculpou. Um presidente igual ao pai dos meus filhos, igual ao avô dos meus netos, igual ao amigo dos meus amigos. Simples. Um pouco espantado. Não gritei nunca. Nunca exigi. E se algumas vezes me aconteceu a completa privação dos sentidos e da inteligência, não foi por ódio, foi por amor. Creio que está feita a minha declaração de princípios. A Associação Brasileira de Escritores surgiu para defender os escritores do Brasil. Todos os escritores do Brasil. Cada qual com o seu pensamento. Família grande. Uns são do Flamengo, outros são do Fluminense, ou do Botafogo, do Vasco, do América, do Bonsucesso, do Olaria, do Madureira, do Bangu, do Cantu do Rio. Os mais aflitos, quando perdem o jogo, rasgam as carteiras. Mas, os jogos internacionais, todos são do Brasil. Aqui, peço licença para contar uma anedota. Verdadeira. Anedota do Rio Antigo. No tempo do velho teatro São José, onde Pascoal Segreto descobriu o teatro por sessões, Viriato Corrêa escreveu uma comédia para lá. Entregou-a ao empresário. – Vou mandar ler, Viriato. Vem depois de amanhã, sim? – Depois de amanhã, Viriato foi. – Então? – Ah! a tua peça é boa, mas está grande para a sessão. Corta uns pedaços. – Cortar uns pedaços! – Na parede, atrás da mesa de Pascoal, havia o retrato de uma atriz espanhola, exuberante e linda. Viriato, apontou para o quadro: Cortar uns pedaços! Olhe essa mulher. Imagine se o senhor cortasse uma orelha dela, um olho, o nariz, a boca! Seria um monstro! Um

monstro... um monstro... um monstro! – Pascoal levantou-se, olhou o retrato, bateu no ombro do autor indignado: – Eu não te pedi para cortar nenhuma orelha, nenhum olho, nem o nariz, nem a boca da tua peça, Viriato. Eu estou te pedindo para emagrecer ela... – Posso aplicar a anedota, não posso? Pois, no mal-entendido do ano passado, não cortaram nada da Associação dos Escritores Brasileiros. “Emagreceram ela...” Excesso de exercícios, talvez. Talvez efeitos de regime. Certos fragmentos de peso, não vale a pena recuperar. Entretanto, queremos de novo na Associação Brasileira de Escritores, os que sempre ajudaram a manter o espírito são, no corpo são. Que voltem! Que voltem! Temos muito que fazer. O mundo escureceu. Não será a bomba atômica que o iluminará. A luz que falta ao mundo é a paz. Vamos acender a paz!

§ Despedida da Bahia – Estamos no fim de uma bela viagem. E vamos partir para viagens novas, que serão belas também. Não suspiramos como aquela senhora do século XIX: – “Ah! viajar como isto cansa!” Não, isto não cansa, apesar das melancolias que deixamos pelos caminhos andados, desde a luta nas catacumbas, até o início de 1945, São Paulo e, no mês de outubro de 1947, Belo Horizonte. Repetimos, sim, e certíssimos, que “na natureza nada se perde e nada se ganha”. O que se perdeu já estava perdido. O que se ganhou já estava ganho. Surgiu um verbo vastamente conjugado. Não o conjugamos. O verbo *trair*. Na pior modalidade, trair a si mesmo. Continuamos, no presente do indicativo, embora a condição humana puxasse para o pretérito imperfeito, rumo do mais que perfeito, catando o verbo *ser*, na melhor modalidade: ser fiel a si mesmo e aos que esperam e confiam. Eis-nos os mesmos, leais, naturais. Homens de boa vontade. Nenhum ódio em nós. Nenhuma excitação. Passamos dias tão gostosos na Bahia! Não nos esquecemos de que foi aqui, na Igreja da Ajuda, diante da imagem

de Nossa Senhora das Maravilhas, que o padre Antonio Vieira, um dia, segundo informa uma legenda oficial: “sentiu o célebre estalo da inteligência”. Quanta inteligência tem que ser estalada por todo o Brasil... por todo o mundo, meu Deus! A falta de inteligência não é um estado de nascença. É um estado de falta de estalo. Do III Congresso Brasileiro de Escritores, realizado na terra onde começou o Brasil, deve, em primeiro lugar, sair a união de todos os escritores da nossa pátria. Temos muito que fazer. Vamos fazer!

§ O padre Antonio Tomás, de Acaraú, Ceará, produziu um soneto famoso, companheiro de “As pombas”, do *Ora, direis, ouvir estrelas...*, do *Esse teu lenço, que eu possuo e aperto*, da “Cegonha”, de alguns outros do mesmo tamanho:

*Quando partimos no vigor dos anos,  
Da vida pela estrada florescente,  
As esperanças vão conosco à frente  
E vão ficando atrás os desenganos.*

A viagem continua assim até ao meio do segundo quarteto. Depois, vivemos, misturamos, os anos amarelecem, e então:

*Os desenganos vão conosco à frente  
E as esperanças vão ficando atrás.*

Muito antes, em verso e em prosa, diversos autores mostraram a melancolia de envelhecer. Chateaubriand chegou a falar nas “derradeiras harmonias do poeta que tenta curar o ferimento das flechas do tempo”... São os homens que se preocupam com tais coisas. As mulheres desprezam com tamanha sinceridade o tempo, que se esquecem dele.

Sabedoria instintiva. O que se esquece não existe. Os homens pensam demais no “irreparável ultraje”, e entretanto são capazes de gastar tudo que possuem com um vinho velho, um velho livro, um velho móvel. Por que os homens velhos não se convencem de que são também qualquer dessas coisas disputadas nos leilões? E, meu Deus, para que servem as estrelas? Quantas estão mortas, e nos iluminam ainda!

§ “Os homens passam, as idéias ficam.” Para quê? Ruskin conversou comigo toda a manhã. Ninguém foi mais “semeador de idéias”, do que Ruskin. Ele ensinou aos homens que a beleza é inseparável da vida; que a arte se cria não só para os museus, mas também para o uso cotidiano da nossa existência. É importante, sem dúvida, que haja, por exemplo, no Louvre, lindos quadros em lindas molduras, e tudo num palácio magnífico. É mais importante, porém, que bebamos o nosso vinho por um copo de formas delicadas, e que a luz nos chegue pelas janelas, atravessando entre flores, e que as nossas casas sejam claras e arejadas, e que nos reste de todos os contatos com a realidade uma impressão harmoniosa, feliz. Ruskin não queria que se tocasse na terra, senão para a aperfeiçoar; queria que se conservassem as árvores, os rochedos, as montanhas, e as construções antigas, castelos, catedrais, ermidas, choupanas; que os mares, os rios, as fontes, os canais, os regatos, os fios de água fossem a mesma força primitiva ou a mesma graça inocente das origens; que apenas as estações perturbassem com o prazer da primavera, a preguiça do verão, a doçura do outono, a melancolia do inverno, o corpo e a alma das paisagens. Ruskin reclamava contra as estradas de ferro, os fios telegráficos, os massudos edifícios das fábricas. Querido Ruskin! Ninguém foi mais ouvido! Os seus livros eram evangelhos de uma religião pura, serena, envolvente. Fundaram-se associações para os divulgar. Nas velhas cidades, peregrinações de nova espécie apareciam, a aprender o espírito da beleza, segundo os

ensinamentos do mestre. Ruskin passou como um redentor. “Os homens passam, as idéias ficam”. Ficam... e desalento, numa pobre tristeza, nos que ainda se recordam delas. Os mais deitam fogo ao passado maravilhoso... derrubam torres onde os sinos cantavam esquecimentos e perdões... arrasam bibliotecas e campos semeados... atulham de mortos os caminhos, e os milhões, uns aos outros se despedaçam... Morto, Ruskin continua a nos esclarecer... Sim... para que a nossa pena seja maior. Alain Gerbault, que fugiu para a solidão, num barco levado pelo vento, encontrou, um dia, diante da Martinica, o capelão de um navio-escola, e ele lhe disse: “Não é verdade que os selvagens são melhores do que os civilizados?” Alain Gerbault sentia que era verdade: “Nos povos que vivem junto da natureza, contentes da sorte, não atormentados pelos desejos de ganhar, há menos inveja e menos ódio.” Ruskin não gostaria de ouvir isso? Ou gostaria? No fundo, era um selvagem aquele homem que via sempre o céu pela primeira vez, — o céu de Giotto, de Gimabue, Fra Angelico, — e que tinha feito do mundo uma ilha com um jardim... Hoje, a ilha deve ser base aérea, e o jardim deve estar cheio de canhões ferozes.

§ Ímpeto, só de alegria, de amor, de gratidão — Calma! — A calma há de conseguir que todos saibam o que fazem e ninguém precise mais de ser perdoado...

§ Na casa da Rua da Rosa, naquele tempo, 1916, todas as noites, apareciam Lauro Moutinho, Heraldo Pederneiras, Alfredo Cumplido de Sant’Ana, Murilo Tasso Fragoso, Mário Ferreira, e foi lá que conheci, num domingo, Aníbal Machado.

§ É preciso ir escrevendo a história desde já. Naquela primeira experiência da bomba atômica, em Bikini, — da qual também resultou

um maiô, eu gostei mesmo foi das gaivotas. Logo em seguida à explosão, as gaivotas voaram sobre o local do sinistro. Sinto que nenhum resultado seria mais eficiente. As boas aves representaram ali a imensa inocência da Natureza. Quando a nossa imaginação criou os anjos, e lhes deu asas, não escondeu o desejo de que eles levassem, para onde os vôos podem levar, esta vontade de “outra coisa”, que é, em cada alma, uma vontade de paz, de calma, de doçura. Ninguém é mau. Não há motivo. Basta ir pela terra... As árvores, as fontes, as crianças, as rosas, tudo, no vale e no monte, na praia, na floresta, tudo é uma lição de amor. Como somos simples! Uma cantiga, um pouco de água, um pouco de pão... – para que ambicionar mais? É verdade que às vezes não há pão e não há água; entretanto, a cantiga nunca falta. Que adiantaram tamanhos trabalhos, agonias tão compridas se eram para a gente chegar à bomba atômica? Mas as gaivotas voaram; mas as gaivotas disseram, voando, que há mais verdade na cabeça de um pássaro, do que na cabeça de muito senhor importante.

§ Para “um mundo só”, anunciado e transferido, a América entrara, de longa data, com as paisagens. O resto, excetuados os astecas, os incas, autores de civilizações, e alguns índios que praticaram artes menores, o resto veio de fora: línguas, religiões, formas de governo, pretos escravos, coisas de plantar, comer, beber, teatro, circo, modas, modos, usos, abusos, eloqüência em geral...

§ Para que eles desaparecessem definitivamente, o DIP comprava os jornais de vida difícil, e fechava-os. Coitados! ao menos, morrendo, tinham a sensação de que eram vendidos...

§ Em certas cidades a gente pensa por elas mesmas, e é assim Paris, do Panteon ao Sacré Coeur, passando pelas velhas ruas, pelos

cais, pelos boulevards, junto dos jardins onde há sempre pardais voando e canções terminando tudo... é assim Florença, à beira do Arno silencioso, na sombra de São Miniato, que alonga para o céu as torres e os ciprestes, como braços tristes..., é assim Bruges que morreu debruçada sobre o Lago do Amor... A juventude ficou lá, naqueles ares... (E nos teus braços, Coimbra, dentro da noite branca...) Noutras cidades só se pensa por causa de um homem que as habitou. Koenigsberg, por exemplo. Agora, de uma casa antiga, é Emmanuel Kant que sai, salvo dos prussianos, com um livro nas mãos: *A Paz Perpétua*. Com esse livro ele poderia ter esclarecido bem, desde 1795, os tramadores de guerras. A PAZ PERPÉTUA – “A inscrição satírica que um hoteleiro holandês colocou na tabuleta de seu estabelecimento, por baixo de uma pintura representando um cemitério, seria dedicada a todos os homens, ou especialmente aos governantes, insaciáveis de guerras, ou talvez apenas aos filósofos embevecidos no doce sonho da paz?” – É o princípio. Eis o fim: “A idéia da paz perpétua, que se deduz dos até hoje chamados por equívoco: tratados de paz (na verdade, armistícios) – não é uma vã fantasia, mas um problema que havemos de resolver, aproximando-nos pouco a pouco do resultado definitivo, pois o movimento do progresso será, no futuro, mais rápido e eficaz, que no passado.” E diz no meio: “Encontramos a garantia da paz perpétua nessa grande artista chamada Natureza. Em seu curso mecânico observa-se, bem patente, uma finalidade que introduz nas dissensões humanas, mesmo contra a vontade do homem, harmonia e concórdia”.

§ Meus artistas queridos são os que não mostram que interpretam. Não me colocam na atitude de espectador, a pior das colocações...

§ Pensamento de fila: – A imaginação não tem fila...

§ Deve-se dizer tudo o que se sente... para, mais tarde, pensar que se sentiu errado. É um passatempo.

§ Ainda se fala nos “monges de Bizâncio” que, em plena guerra, cidade cercada, discutiam sobre o sexo dos anjos; uns afirmando que os anjos eram mulheres; outros afirmando que os anjos eram homens. Daqueles monges restou, talvez, o estilo bizantino...

§ A Câmara dos Deputados (que Deus a conserve apesar de tudo) não será com certeza a representação, de fato e de direito, do povo brasileiro. Entretanto, como os habitantes desta terra boa e bonita são numerosos e misturados, não se pode negar que os membros, alguns no fim, daquele assento do poder legislativo, de pouco poder, mas muito legislativo, — dão pela lista de presença, uma amostra, ao menos de certa tendência nacional. A tendência a que me refiro, vou dizendo logo, é a de alguns pais porem nos filhos nomes de absoluto mau gosto. Está claro que, assim falando, não quero desrespeitar a liberdade de pensamento de tais chefes de família, nem a sua liberdade de expressão. Porém registrar descendentes como Janduí, Heribaldo, Gomy, Herófilo, Crepory, Vandoni, Epílogo... é demais! Há até nomes que, se se não soubesse que os senhores deputados são todos do sexo masculino, deixariam dúvidas à distância: Jaci, Lair, Dolor, Juraci... Combinações ficam surpreendentes: Aristides Largura, Gentil Barreira, Lopes Cançado. Na mesma lista (foi num *Diário do Congresso* de 1949) encontrei Levi, Ezequiel, Licurgo, Galeno, Horácio, Graco, Bayard, Milton, Wellington, Tristão da Cunha, sem qualquer relação com os que abriram o escore. Só gostei sinceramente de Café Filho, a que juntei Leite Neto, para fazer uma média com o açúcar da imaginação...

§ Briga entre fãs por causa do “cinema silencioso” e do “cinema sonoro”, O cinema que importa, sempre falou, mesmo quando as suas imagens não tinham voz. Carlitos não tinha voz...

§ 1951 – Eu não tinha intimidade comigo. Por falta de tempo. Havia muita gente se mexendo perto. Agora, sem ninguém, me aproximei de mim. Acabei com as cerimônias. Conte tudo. Sei tudo. Na solidão os segredos se somem. Como sou meu amigo! Egoísta? Desencantado? Não! Não! Justamente me quero tanto porque sinto a vida cheia de mulheres e de homens, amigas e amigos, a quem devo a recompensa de poder cair nos meus braços e me apertar feliz, no coração: – Amigo velho! amigo velho!

§ Estou mais vizinho do mar. É bom: o horizonte fica mais longe...

§ Arthur Rubinstein trouxe Chopin para mim, a tarde inteira – George Sand, você não lhe mentiu, foi ele que se enganou. Que engano maravilhoso! Se não fosse você, a voz de Chopin não seria assim, tão bela e tão triste. Você ritmou a alma de dor de Chopin com o seu corpo de amor.

§ Desde sábado, estamos sem asas. Não foram cortadas. Pararam. O céu ficou sem os seus grandes pássaros. Esses não são os pássaros de Deus, os pássaros de asas quentes, que ouviram Jesus e Francisco de Assis. Jesus e Francisco de Assis lhes revelaram a gratidão devida por todos ao Criador. Do Criador receberam as árvores, as penas, o ar, casa, comida, roupa, independência. Os pássaros de Deus levam cantos nas asas, e, cantando, louvam o Senhor. Os pássaros dos homens voam justamente porque os homens precisam de morada, de alimento, de agasalho, de liberdade. Levam, pelo espaço, inquietações, ansiedades, e a pressa triste de chegar. As asas dos pássaros dos homens são frias. As suas penas são outras.

§ Cismo numa casa antiga, daquelas de Mariana, no chão onde as estrelas brilham ao sol.

§ A poesia põe as mãos piedosas sobre a nossa saciedade. Companhia bem amada. É ela que nos ensina a cantar para nós mesmos. O rio passa no meio. Na margem de cá, nascem as rosas. Na margem de lá, morrem as distâncias. O que é preciso é imaginar. A imaginação é uma segunda natureza. Só ela consola dos males da primeira. A poesia diz: – A vida me obrigou a não acreditar, mas eu não perdi a fé.

§ Há muitas coisas tristes. Mas a coisa mais triste é um leilão de livros. Lá se dispersam eles, que foram ajuntados, anos e anos, com o prazer mais puro, lá se vão... Pobres livros! Que fim de história levam? Uns, a miséria... Uns, a morte... E como vão sozinhos!

§ Não os esqueço. Eram muitos. Moravam juntos. Faziam uma família bem unida e bem amada. Dispersaram-se. Sim, não há nada mais triste que um leilão de livros. Não se foram completamente. Se não tenho, agora, o prazer de os tocar com as mãos e com os olhos, guardei muito do que me contaram em longas horas. Ainda escuto aquelas vozes. Não cometi nenhuma injustiça separando-me de tantos amigos. Foi a vida. Não me culpem de ingratidão por haver conservado alguns. – Destes, não me separo. – Alguns... os primeiros, os que me criaram, os que são, também, momentos da juventude. Os livros têm, como a gente, corpo e alma. Sentem. Pensam. Falam. De um, pequeno, trazido de um cais, 1913, ouvi, quando ia pô-lo entre os que deviam partir: – Até eu, Alvaro?... – Apertei-o no peito: – Não, você, não! – Juro que não estava maluco. Ouvi. Respondi. O velho companheiro ficou, e ficaram os meus vinte anos...

§ O *Diário Secreto* de Humberto de Campos tem escandalizado e magoado muita gente. Destino dos diários secretos. O homem nu não é o que anda assim nas colônias nudistas. O homem nu é o que se julga, todos os

dias, crente de que está julgando os outros. Ele faz a confissão da própria vida, através das vidas alheias. Humberto de Campos foi um caso na literatura brasileira. Veio para o Rio, como tantos, com um volume de versos. Como tantos, se meteu na imprensa. Como tantos, publicou perfídias para criar nome e ser temido. Como tantos, admitiu o êxito de estilizar anedotas, mais ou menos imorais, de todo o mundo. E, de repente, uma doença sem cura afastou Humberto de Campos da sua felicidade. Quase cego para fora, olhou para dentro e encontrou um homem que não era como tantos. Então, o que esse homem contou pôs Humberto de Campos no amor e na admiração do Brasil. O *Diário Secreto* era um borrão. Humberto de Campos não teve tempo de passá-lo a limpo.

§ A lei do divórcio, tão querida e tão repudiada, é a mais humana entre as leis em circulação. Apesar disso, não devia ser de briga. Devia ser, no papel, diante do juiz, apenas a assinatura de um adeus cordial e melancólico: – Desculpe, foi engano. – A mulher e o homem partiriam, ela para um lado, ele para outro, de novo, rumo da solidão. O consorte à procura da cara metade. Os dois em busca, ainda, do amor. O amor, já se descobriu, é a solidão a dois. A vida talvez saísse, enfim, do grande segredo, talvez mudasse o título da comédia: “A sociedade onde a gente se aborrece”. Para que a gente se aborrecer? Tudo é possível. Todos têm razão. Os usos e os costumes nunca variaram muito. Unicamente, hoje, se existissem santos, e se alguns dos santos pensassem em ir para o deserto, tal qual o nosso velho Santo Antão, com certeza teriam de pagar o imposto de solteiros...

§ Somos, há quantos anos e com quantos disfarces, herdeiros dos humanistas. O inventário ainda não terminou. Eis uma tarefa para nós, mais moços e mais velhos: – terminar esse inventário, – já que nos devemos convencer, afinal, da continuação da vida...

§ Releio uma carta escrita em papel da Rôtisserie Sportsman, Rua Libero Badaró, 114, Rua Dr. Falcão, 2, São Paulo, 11 de fevereiro de 1922:

“Meu caro Alvaro: Saúde. O Graça pede para avisar-te que está à tua espera, já tendo tomado aposento para te receber. Avisa da vinda. O movimento é de forte beleza, e os moços daqui aguardam ansiosos tua pessoa adorável. Teu, ex-corde, Renato Almeida.”

Não foi possível levar minha pessoa, mesmo sem adjetivo, à Semana de Arte Moderna. Acompanhei-a pelas notícias. Naquele tempo havia aplausos e havia vaias também, como houvera antes, como houve depois. Para nós, então, presentes ou ausentes, tudo era novidade. Hoje, por exemplo, no futebol acontece a mesma coisa, e igualmente os que gritam contra e os que gritam a favor ainda se julgam heróis. O que tira a vaidade da gente é verificar, numa hora calma, que a vida não muda. A vida não foi. A vida não será. A vida é. Falar de passadismo, falar de modernismo, falar de futurismo, não é mudar de assunto. No Ceará, apareceu um menino com cabeça de macaco. A mãe dele disse que tem mais cinco filhos, todos com cabeça de macaco; além dos alimentos comuns, comem besouros, baratas, lagartos e aves cruas. Se essa senhora e o marido fizessem escultura, de certo lhes chamariam deformadores os que se esquecem de que a origem das espécies continua enchendo o tempo e o espaço. No livro de versos mais antigos do mundo, o “Chih-King”, “o príncipe justo e bondoso atrai os votos gerais, pois se preocupa com a felicidade do povo. Mas o príncipe injusto e cruel só tem valor na sua opinião; confiando na própria sabedoria, perturba o repouso do Estado, e o povo o despreza. Desaparece a concordância. Some-se a alegria. Repudiam-se os homens esclarecidos, os homens de verdade. Encorajam-se os estúpidos e os perversos. O

povo, abandonado, solta o freio das paixões, entrega-se aos piores excessos”. Quando isso se escreveu, faltavam oitocentos e setenta e três anos para a nossa era começar... Graça Aranha abriu o primeiro programa da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal, da capital artística do Brasil, com estas palavras: “Para muitos de vós a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje, é uma aglomeração de “horrores”. Aquele Gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida, se não são jogos de fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros “horrores” vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pela força do passado. Para estes retardatários a arte ainda é o belo”. Como se tratava do autor de um livro que muitos tinham lido e muitos conheciam de nome, Graça Aranha conseguiu silêncio durante, e as palmas no fim não se misturaram com barulhos diferentes. A pateada principiou com Villa-Lobos. Parece que os adversários timbravam em revelar os complexos: cacarejos, miados, zurros, latidos, coaxos substituíam as vozes de uso mais ou menos racional. Da sala de espetáculos, do saguão, os programas vieram para a escadaria. Mário de Andrade se recordou, espantado: “Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?” Ecos ficaram na memória de Menotti Del Picchia: “Eu me lembro com horror daquela bagunça. O sarilho rompeu das galerias, à esquerda. Preludiu-o um cocorócó de galo, estridente, metálico, marcial, como uma cutilada de clarim. Foi a conta! Uma explosão de urros e de vaias fez tremer os lustres. O histerismo da turba fagulhou em duas mil pupilas, contorceu mil bocas, inchou mil gargantas. Punhos assassinos ameaçavam estrangulamentos. Risos

demoníacos... Assobios... imprecções...” Paulo Prado sorria na primeira fila das poltronas. Dona Olívia Penteado abanava-se, satisfeita, numa frisa. René Thiollier punha as mãos no ar, pedindo calma. No cenário, entre os do programa do dia, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Plínio Salgado, Cândido Motta Filho, Di Cavalcanti (o inventor da idéia), Martins Ribeiro, Leão Veloso... A reação cresceu nos programas adiante. Futurista entrou no dicionário dos nomes feios. Ronald de Carvalho, qualificado de futurista, cismava com a implicância: – Eu não sou futurista. – Quem é que era?

§ Villa-Lobos – Música é graça, força, comunicação. Toda a música. Da mais divina, que cai sobre a nossa alma, à mais humana, que envolve o nosso corpo. Bach e canção de Paris. A que vem pelas mãos dos intérpretes célebres, a que vem pela voz de um cego pedindo esmola. Os *spirituals* dos negros americanos e as serenatas dos velhos boêmios da cidade. Villa-Lobos achou bem que se assim, e nos deu, entre os ritmos eternos, as maravilhas que ia buscar na boca dos anjos, no coração dos homens. Viveu muito dentro da noite. A noite daquele tempo começava na Lapa, continuava, longe, nas esquinas e lareiras, terminava nas nuvens. O violão de Villa-Lobos já descobria vozes diferentes. Mas, muita vez, ajudou a implorar às estrelas que abrissem as janelas, e ergueu até à Lua a súplica.

*Lua manda a tua luz prateada  
ao jardim da minha amada...*

Foi a sua primeira escola: a noite; foi o seu primeiro curso: o mistério das horas vindas nas cantigas que a solidão guardava das tabas, das senzalas, dos caminhos, das praias. Mais tarde, pôde dizer em Paris: – Não vim aprender, vim mostrar o que já fiz. Prefiro o meu, de má qualidade,

ao bom dos outros. Tenho sido sempre independente. Assim quero continuar. Quando Paris era a encruzilhada do mundo musical, eu estava aqui e ouvia tudo. Nunca me deixei influenciar. Gosto de ser eu mesmo. — Ele mesmo: com os os Choros, os Poemas Indígenas, as Serestas, as Cirandas, as Canções, as Bachianas, os Bailados Irapuru, Jurapari, a ópera Madalena. Ele mesmo, sim, com o espírito fascinado, a sensibilidade inquieta, o ímpeto revolucionário, — nosso Vila-Lobos!

§ De tantas palavras sobradas da guerra, uma ficou mais viva, mais clara, depois de tanta morte, tanta escuridão: é esta palavra, de corpo, alma, espírito: — resistência. Continua com a mesma força. Derrama nas criaturas sangue puro, ar contente, vontade de crer, de amar, de possuir, enfim, a paz. Criará gente de coração bom, cabeça risonha. Gente que discuta apenas para não parecer que está só. Gente que não queira brigar. Que é que adianta brigar? Uma briga forma outra briga pior. Do soco originário já se veio à bomba atômica. Chega! É preciso que não haja mais os que se cansam, e os que, por não saberem do que se trata, se privam do prazer de descansar. No mundo sossegado, ninguém se assuste de acabar aborrecido, como o velho Ulisses, na Ilha da Perfeição. Não. Para distrair as horas vagas, a resistência conservará algumas imperfeições...

§ Hoje principalmente eu queria ter um iate! Ah! ir, por essas águas de Nosso Senhor, com Stendhal, com Debussy, e chegar a Porto Alegre no dia de Natal! Quem tem um iate para mim? Quem tem um iate para mim?...

§ São Francisco de Assis chamava ao corpo: “meu irmão burro”. Irmão, pode ser. Mas, burro, São Francisco? O corpo humano não possui nenhuma das virtudes que tornam os burros animais exempla-

res entre os seus semelhantes: a paciência, a compreensão, a bondade. Aliás, com esses resignados amigos de quatro pés, somos sempre, santos e pecadores, injustos. (Desculpe, meu santo). Tenho conhecido muitos homens burros. Ainda não conheci um burro homem.

§ Antes do Carnaval, numa noite de férias, fui ao teatrinho “Follies”. Fui por acaso. Como poderia ter ido gastar o descanso, andando, parando diante das vitrinas acesas das costureiras e dos floristas. As roupas vazias das mulheres e as cestas coloridas e cheirosas, à espera de endereços, muitas vezes deram companhia à minha solidão e à minha vadiagem. Aquela noite, entrei no “Follies”. O mesmo ar que trouxe Pedro Álvares Cabral me levou ali. Por causa desse ar, ninguém faz nada de propósito no Brasil. Agradeço-lhe bem. Encontrei o “Ballet Pigalle”. Conhecem? Felizes! Não conhecem? Vão conhecê-lo depressa! Descobriu-se que “uma coisa de beleza é uma alegria para sempre”. O “Ballet Pigalle” é uma coisa de beleza. Não sei os nomes das mulheres novas que lhe dão graça, inteligência, fantasia, um encantado prazer ao corpo e à alma, de pureza e agradecimento. Elas são de carne e são de música. Nuas e castas. Reais, e parecem de sonho. Acordam, tão artistas, a verdade adormecida: a arte é inocente.

§ O poeta Alberto de Oliveira não se conformou com a reforma ortográfica. Ele dizia: – Veja: lírio, como se escreve agora! Tiraram-lhe o y. Tiraram-lhe a forma. O y mostrava logo a flor. – Saiu da vida, triste. Levei lírios para as suas mãos mortas, e todos com y. Que diria hoje Alberto de Oliveira se lesse tantas palavras, além de mal escritas, metidas em significações inteiramente ao invés das significações com que nasceram e por longos anos viveram? Verdade... paz... união... liberdade... igualdade... fraternidade... Só uma palavra ficou intacta: – saudade. Ao menos, a gente pode ter saudade das outras palavras...

§ Nascer, já é uma conseqüência. Outras conseqüências resultam dessa. No fundo de todas, apesar dos mal-entendidos, está sempre o amor.

§ Itália Fausta – Muitas mulheres passaram por Itália Fausta e Itália Fausta viveu todas essas mulheres. Desde Hedda Cabler até Thérèse Raquin. A sua última encarnação foi ela mesma: a mulher dolorosa, que recordava sempre, que ainda desejava. Que recordava? Que desejava? Teatro. Teatro... vida que foge para dentro da vida. Ao fim de uma peça, de nervos em pé, trocamos impressões iguais. Sozinhos, depois, sentimos as diferenças. Não é o teatro que imita a vida. Nos “Seis personagens à procura de autor”, na cena derradeira, furioso pelo que assistiu, o diretor da companhia exclama: – Ficção? Realidade? – E não sabe. Há o corpo. Há o espírito. Há tanta coisa. As palavras em geral, são provisórias. – Eu te amo – dura o tempo de uma ilusão. – Nós somos felizes – revela imediatamente um infeliz. Na língua que falamos, mãe é nome feio. E não é possível saber o sentido exato de tudo? Realidade? Ficção? Teatro. Conhecemos a “tragédia do desemprego”, a “comédia das boas intenções”, a “farsa eleitoral”, os discursos, que são monólogos delirantes... Li num jornal: “O drama dos ovos...” E quantos *sketches!* O teatro reflete a civilização que ajudou a criar. Vai do instinto para a inteligência. Espalha as idéias que foram sentimentos. Dá forma, dá alma à vida, e trajes, maneiras, expressões. É um museu. É uma viagem. A materialização exata. O sonho puro. No começo tem de partir da minoria para a maioria. A influência da maioria atuará, absorverá, dominará. De sentido universal, por ser, enfim, a arte essencialmente popular, a arte que encerra todas as artes, o teatro tem sempre a aparência nacional, no espaço e no tempo. Arte do mundo. Arte de cada povo. Unida, na igualdade humana. A mais necessária das artes. Revela, esclarece educa. Educa! O autor é uma soma. O intérpre-

te, uma multiplicação. Assim Itália Fausta quis o teatro. Pelo teatro assim, trabalhou até morrer. Acabou-se o espetáculo de Itália Fausta. Nós continuamos representando...

§ Quantas amigas, quantos amigos o cinema nos tem dado! Desde Lillian Gish, que chega sempre do fundo da primavera, primeiro raio de sol na névoa subindo do orvalho, nesse instante que não é mais madrugada e ainda não é manhã. Desde Charlie Chaplin. Até Greer Garson. Que companhia! A gente tem vontade de convidá-la para almoçar, com um vinho bom num copo bonito, rosas na mesa. Ouvir Greer Garson recordar Stratford-on-Avon, e os poetas e pintores pré-rafaelistas que a criaram. Sim, você veio dos quadros de Burne-Jofles, e dos versos de Dante-Gabriel Rossetti. De repente, entra pelo restaurante, senta-se junto de nós, Arletty. Oh! Arletty!

§ De volta de Punta del Este, Arletty passou umas semanas no Rio. A mulher do palco e da tela é a artista da vida. Jeito, voz, olhos, surpresas. Sempre jovem. Balzac não adianta, com Arletty. O perigo, seria parar. Arletty não pára, produz-se em movimento perpétuo. Acho até que não dorme. Se dorme, há de ser falando e acenando. É a célebre de agora, como foi a ignorada de outrora, quando pregava rótulos em caixas, numa fábrica dos arredores de Paris. Principalmente, Arletty não se importa. Veste-se à sua moda. Não tem horário de comer. Abomina circunstâncias. Educou a falta de sentimentalismo como se educasse um animal doméstico. Diz desaforos e diz carícias com um desrespeito admirável. Engraçada. Macambúzia. Meia a meia. Rica. Pobre. Igual.

– Como foi que lhe veio a vocação, Arletty?

– Com a lua nova.

Boa viagem essa! Arletty detesta morar:

- Na minha casa, não moro, – passo. Sofro de crises de arejamento.
- Com rápidos desvios, só se alimenta de tortas e ananases. Bebe muita água:
- A água é a minha inocência.

§ Ainda agora, ali, na esquina fiquei à espera de que o “Pare” se apagasse, e o “Siga” se acendesse, e uma folha caiu da sua árvore, para pousar em mim. Obrigado, amiga. Embora viesse de uma árvore exilada, você foi como uma carta do campo. Vou marcar com você o livro que estou lendo.

§ Uma velha semana – Tem-se falado demais na Semana de Arte Moderna. Alguma gente sem calma continua a chamar “futuristas” aos artistas dos sete dias de 1922. Ora, a Semana da Arte Moderna foi uma semana de 1500. Os “futuristas” iam no rumo do passado. Havia o Brasil por descobrir, desde a chegada dos portugueses. Descobriu-se. Surgiram então as vozes do povo, as músicas do povo, as danças do povo, as crenças do povo, as comidas do povo, os trajes do povo, as expressões gerais do povo. Até o gosto de andar nu, tão espalhado, data de lá: é o complexo da primeira missa. Um dos grandes casos da “Semana de Arte Moderna” foi o encontro das velhas cidades de Minas Gerais, com o Aleijadinho. Paulo Prado pintou o “Retrato do Brasil”, parecidíssimo. Graça Aranha, dando este título a um romance: *A Viagem Maravilhosa*, deu, na verdade, o nome à “Semana de Arte Moderna”. Que maravilhosa viagem! Voltamos todos da Europa. E muitos, depois, não quiseram ir aos Estados Unidos. Aqui é que é bom!

§ Temos um morro chamado Favela. Temos muitos outros com nomes diferentes. A cidade guarda uma longa ternura por todos. A poesia das ruas desce pelas ladeiras, e traz, lá de cima, um ar de céu me-

nos longe, das pobres casas, das pobres criaturas. Das ruas aos salões a distância é curta, de automóvel ou de elevador... Os salões cantam os versos dos morros, com a música dos morros. Essa música e esses versos dão tanto que os discípulos crescem e se multiplicam cá em baixo, como as plantas semeadas pelo vento e pelos passarinhos...

§ Sou um homem sem importância. Não entendo de negócios. Jamais justificarei uma guerra. Acho a brutalidade a pior tristeza. Bem cedo compreendi que é preciso compreender. Fiz o meu caminho com o desejo de chegar à gente sem briga. Guardo comigo as imagens mais belas, as vozes mais puras. Nunca estou só. Há sobre mim um pássaro cantando, diante de mim um livro se abrindo, dentro de mim um amor consolando... Sempre me senti humilde. A montanha, o mar, essas cidades, — que grandes! — menores, contudo, que os poetas, os músicos, os pintores, os escultores, os arquitetos, esses operários de Deus.

§ De 24 de abril a 4 de junho, em 1925, todas as sextas-feiras, no teatro do Vieux-Colombier, muita gente inteligente de Paris se reunia para ouvir falar bem de um povo, de uma pátria. André Maurois falou assim da Inglaterra: Benjamim Crémieux, da Itália; Bernard Fay, dos Estados Unidos; Philippe Soupault, da Alemanha; Jean Cassou, da Espanha; J. Wesse, da Rússia; Robert Aron, da França. As conferências eram seguidas de audições musicais organizadas pelo compositor Maxime Jacob, e davam uma idéia da música de cada país e do seu folclore. E o diretor do Teatro, Jean Tedesco, apresentava, no fim, uma viagem filmada, com trechos característicos das terras por onde se andara em imaginação... Nações Unidas...

§ Para que olhar as caras feias, se há tantas caras bonitas? Não me esqueço daquela pergunta da *Ilha dos Pingüins*: — “Antes de ficar com raiva, não se poderia tentar compreender?” — Beethoven disse, e não

foi ao luar, (ou foi?): – “Fazer todo o bem que se puder, amar a liberdade acima de tudo, e, mesmo que fosse por um trono, nunca trair a verdade.” – Apesar da chuva, o sol nasce para todos. Não me afligem os telegramas nos jornais. De tantos boatos ruins, acabará saindo uma notícia boa. As idéias fixas, particulares, estragaram a fantasia humana. Não sobrou ninguém despreocupado, companheiro feliz da sua vontade. O prazer anônimo desapareceu. O gosto de descobrir está amargo. O que nos mantém, desde que a bomba atômica se tornou um estado de alma, é o sentimento do que já possuímos. Ah! se se voltasse ao tempo das “cordiais saudações”, com “saúde e felicidade”! Manhãs claras. Estradas suaves. Perguntar: – Como vai? – Escutar: – Vou indo... – Não vamos mais. Ou, então, temos vergonha de dizer como vamos...

§ Algum amigo chega tarde à nossa vida, e, talvez por isso, a ele é que nós queremos mais. Monsieur Bob’le veio assim, num dia em que eu estava só e triste, veio “de longe, muito longe, aonde os olhos não podem ver”. Disse: – Desconfia da saudade como de um relógio parado. – A imaginação não é uma virtude, mas a soma de coisas simples; Exemplo: a escada de Jacó. – Ensinou-me a rezar baixo, “como se tivesse perdido a voz”. Para ele, o sono não era apenas uma trégua, um prado verde para repousar o corpo, – para ele, o sono era a perfeição da vida, por ser cheio de sonhos, e sem idade... Havia diálogos, à sombra de Monsieur Bob’le: – A Virgem Maria! – Não é uma mulher.– Eu sei: – é uma santa. – Não ria, não chorava: – É preciso respeitar o rosto. – “Seus olhos iam de um objeto a outro. Monsieur Bob’le contemplava a rosa e o mar. Não cansava o pensamento: – Amo o vento que lava a palavra, das suas mentiras. – Quem sonha se mistura ao ar. – Com esta oração subiu da vida, – esta oração que estou rezando: – Ó meu Pai! tu que és claridade, lembrança, inteligência... tu que és grão e

celeiro... rosa e jardineiro... tu que estás sentado à tua própria direita... ó meu Pai! tu que és a luz e as amendoeiras... o corpo ínfimo e o espaço... tu que és cordeiro e pastor... tu que és o vale florido... tu que és a tua imagem... ó meu Pai! ó meu Deus!... a rosa, a teus pés, é uma libélula noturna... o ar é o teu caminho... quando a lua devora as plantações e abre abismos nos lagos... quando os apóstolos, nas horas mortas, batem nos muros e procuram as almas... quando as palavras vão acabar nas bocas... nada é mais doce que a tua sombra, ó sol das terras frias... consolação... – Monsieur Bob!le preferiu o céu à sua aldeia: – O céu é uma aldeia...”

§ Tenho notado que as pessoas de vista cansada são as que vêem melhor...

§ “Confiar, desconfiando.” Um disse. Muitos repetem. É assim que se estraga a vida...

§ Eu falo para mim. E falo baixo. Gastei demais a voz. Estou poupando. Mas, vocês que têm bons ouvidos, me escutam. Nós todos somos assim, não somos? Podemos conversar. Sem nenhum grito. Vamos ver se achamos as nossas prendas perdidas. Para que tanta eletricidade? Basta uma vela, – uma vela para o Negrinho do Pastoreio. Vamos pelo campo, pela cidade, pela cabeça, pelo coração, com esperança e com fé: – Foi por aí que eu perdi... foi por aí...

§ O dia chegará em que poderemos ficar calados...

§ 1952 – Quarto Congresso de Escritores. Em Porto Alegre. O primeiro foi em São Paulo, e em São Paulo está o Brasil mais novo. O segundo foi em Belo Horizonte, e muitos não viram, nos que estavam olhando, o horizonte mais belo. O terceiro foi na cidade de Salvador,

– a nossa cidade eterna. Esse de 1951 será em Porto Alegre. Eu nasci em Porto Alegre. Vocês sabem o que é nascer em Porto Alegre? É carregar o destino daquele porto, é ir pela vida, apesar de tudo, sempre alegre, por ser um homem leal, por ser um homem que ama a liberdade, irmão de todos os homens, e que, no meio de tanta saudade, nunca deixou de ter esperança...

§ Hamlet: – Ó meu querido Horácio, que lastimosa glória a minha, se ninguém explicar melhor essas coisas!

§ “Há paisagens tão lindas, que a gente tem vontade de apertá-las ao coração.” Sim, amigo. Isso senti, hoje de tarde, lá no alto de Santa Alexandrina. Essas paisagens, como algumas mulheres, fazem solidão. Vim mexer em velhos papéis. Lembranças... Folhas de diário... Monólogos. Um, pelo menos, e o mais sincero, será como o monólogo de Hamlet. De Hamlet, num país claro, apesar de tudo. De Hamlet, que não partiu na idade de deixar um retrato melhor. Educação sentimental. Primeiras surpresas. Enganos substituídos. Personagem e autor, um à procura do outro. Homem, às vezes contente, às vezes tristonho. Sentindo falta. De que? Tão simples, entretanto! Espantado. Sem razão aparente. Como um cego que tapa os olhos com a mão. Desejos: que Deus o conserve certo; que, quando errar, seja sem premeditação, e o menos possível, apenas o que baste para não dar na vista; que nunca faça projetos. Ternura, *paté de foie gras*, vinho bom, de qualquer cor. Vozes de sinos, de órgãos, de violoncelos, de criaturas queridas, íntima harmonia. Vento, não. Nem gritaria. Nem confiança. Não procurou o tempo perdido. Ouviu de um mais antigo: “Perdi muito tempo, mas não sei exatamente qual”. Eis o motivo de ir envelhecendo tão devagar. Talvez. Na geração, pertence aos poucos que ainda não se suicidaram nem enriqueceram. Gosta de viver. Não aboliu a curiosidade.

Nenhum dos poetas dele se acabou. Nenhum dos músicos dele sumiu. Fra Angelico sabe quanto Modigliani o emociona. A Vênus de Médicis não se importa de o ver encantado diante de um corpo de Despiau. Na sua alma, os arranha-céus adoram as casas de Sabará. Recorda um desenho de Willette, e encontra um desenho de Augusto Rodrigues, com a mesma felicidade. Cuida-se de não olhar para trás, na vaga desconfiança de não ver mais nada. De tudo se consolou, pelas transferências. Defende a vida, da realidade da vida, com toda a doçura, e meio assustado... a indulgência por princípio, o entendimento por base, a serenidade por fim.

§ 15, janeiro, 1952 – A esta hora a cidade vai levando para a cova o corpo de uma mulher. A cidade não sabe quem é. Sabe apenas que foi uma desgraçada. A mulher sem nome. A suicida do avião DC-4. A desconhecida do necrotério. Abandonaram-na os que deviam ampará-la. Mas teve ela a pena e o arrependimento de nós todos que ainda somos capazes de ouvir as palavras de Jesus: “Quem se julgar sem culpa, atire a primeira pedra.” Nosso Deus, é Deus que perdoa. Deus que castiga só existe nas imaginações assustadas. A velha sabedoria nos ensinou: “Não julgues, para que não te julguem.” E, agora, como seríamos julgados! Por que se matou essa mulher? Porque arrumamos tão mal a vida. Porque, em plena euforia do desquite, continuamos fazendo discursos e subscrições contra o divórcio. O desquite condena a mulher à dor ou à morte. Fomos nós que tornamos infeliz e matamos essa mulher sem pai e sem marido, essa mulher sem nome. Deus a perdoou. Que Deus nos perdoe também.

§ Deram aqui ao filme americano: “Um americano em Paris”, o título “Sinfonia de Paris”. Não, não é sinfonia da cidade mais amada do mundo; é, mesmo, um americano lá. Assim se absolve o produto, cheio

de oscars, dos crimes que comete em seguida. Há alguns encontros de Paris naquilo tudo, mas o que há do princípio ao fim, é o americano, – o pintor que ia ser, o bailarino que foi. Dança-se demais durante as duas horas distraídas. Se não fosse Leslie Caron, ninguém suportaria tanta dança. Leslie Caron tira com a graça do corpo o aborrecimento dos sapateados de Gene Kelly. Ela é Paris. Ele é o americano. O resto é acessório, é enfeite, muitas vezes de mau gosto. Certos pedaços da rua, velhas agachadas, gente sem tradução, um pouco de música, um pouco de texto, no início, fazem promessas que não se cumprem. Seria bom voltar para a rua, trazendo o sorriso do céu, da luz, da sombra, das mulheres. Eu não voltei. Trouxe, porém, e como agradeço! – uma vontade doida de comer batatas fritas, e a lembrança de Renan: “Os rodianos foram ricos; os atenienses tiveram espírito, – tiveram a verdadeira alegria, a eterna jovialidade, a divina infância do coração...”

§ Todos amamos Greta Garbo, lá, no tempo entre as duas guerras. Não nos esquecemos de Greta Garbo, aquela Canaan em forma de mulher. Encontrei-a agora, em instantâneos apanhados num aeroporto francês, de viagem para os cinqüenta anos. Parecidíssima. Pena os óculos escuros não deixarem ver o que estaria pensando. A boca, igual, de sensualidade e amargura. O mesmo corpo, com a melancolia de todos os desejos arrependidos. Impossível, uma mulher como Greta Garbo envelhecer. A imagem que gravou no mundo, não se desfaz. Há muitas, assim. Cada um de nós tem um museu na memória. Retratos. Estátuas. Sombras amigas. Preciosidades que nos custaram apenas um bocado de fantasia. É bom, abrir esse museu, de quando em quando. Entristece, talvez. Mas, como remoça!

§ Lembro-me no Horizonte Perdido, o homem que conseguiu a suprema ventura é uma múmia que murmura coisas vagas... Lá, a mu-

lher, para ser moça, deve desistir da curiosidade, – tratamento medonho. E aqueles ventos! E aquelas neves! Não, não! Sanatório, não. Bastam os Campos de Jordão, mais perto, que fornecem frio a domicílio em qualquer tempo do ano... Prefiro, se Deus quiser, “A independência da solidão...” Creio que o Judeu Errante é o único homem feliz do mundo... Creio que as andorinhas são tristes porque não podem fazer sozinhas o seu verão... Creio que os burros deixaram de rir para não ofender a melancolia humana...

§ Só te posso dar essas alegrias... uma praia... um livro... um beijo... coisas de que tu gostas... Mas não te dou a felicidade. A felicidade que tenho és tu. Se eu te der para ti, fico pobre, pobre...

§ Neste momento, o teatro nacional está produzindo uma pequena mudança na frase ilustre. Em vez de “Lentamente, mas sempre, a humanidade realiza o sonho dos sábios”; “Lentamente, mas sempre, a humanidade realiza o sonho dos loucos.” Sim... Só os loucos insistiam em melhorar o que se arrastava, com o nome de teatro, pelos nossos palcos. A culpa não era dos autores nem dos artistas. A culpa era dos críticos que, à exceção de dois ou três, achavam sublime o ruim, e descompunham o bom, de acordo com as suas matérias-primas. Graças a Deus, as duas ou três exceções hoje são as dos críticos que não sabem o que dizem. De manhã, de tarde, no fim da semana, podem-se ler, enfim com vantagens, as crônicas teatrais da imprensa carioca. “Lentamente, mas sempre, a humanidade realiza o sonho dos loucos”. Lembro-me de quando Pirandello trouxe para o Teatro Municipal a Companhia do Teatro de Arte de Roma. No intervalo do penúltimo espetáculo, um senhor, que comparecia todas as noites, me pediu fósforos. Acendeu o cigarro, disse – Obrigado – continuou: – Eu acho esse Pirandello um cabotino. E a companhia não vale nada. A tal de Marta Abba, metida a estrela, é uma amadora.

Pedi licença para discordar: – Marta Abba talvez seja diversa da forma comum. A companhia é excelente. Pirandello, reunindo-a, escrevendo para ela, andando com ela pelo mundo, fez uma das coisas mais belas que eu conheço. Cabotino? Por quê?

– Exibicionista! Precisou contratar intérpretes para conseguir pôr em cena as suas tolices!

– O senhor está mal informado. Pirandello é representadíssimo, em todas as línguas.

– Foi ele quem lhe contou?

– Foram os jornais, as revistas, os livros...

– Matéria paga!

– A companhia de Pirandello é uma das muitas companhias criadas para revelar o repertório que, de começo, interessa ao menor número, e termina compreendido pelo número maior... O senhor está com sono...

– E não hei de estar! Espetáculo há duas semanas!

– Por que é que vem?

– Por que é que venho? Ora esta! Venho por obrigação!

– Por obrigação?... Desculpe a curiosidade, a franqueza e a insistência; o senhor não entende de teatro nem procura entender. Por que é que vem?

– Ora esta! – por quê? – porque sou crítico teatral!

§ Cruzados, foram, nos primeiros séculos da civilização cristã, homens que punham uma cruz no peito, e iam combater, em campos da Palestina, os muçulmanos. “Aos infiéis, Senhor, aos infiéis!” Pretendiam morrer pelo seu Deus e pelas suas Damas. E morreram mesmo. Não sei se Deus os perdoou. Não sei se as Damas lhes agradeceram. Deus proibiu aos homens que se matassem, deu-lhes ordem de crescerem e se multiplicarem; ordem contra

qualquer guerra, portanto. Antes de fazer os cristãos, Deus fez os muçulmanos. De resto, a infidelidade é um ponto de vista. Chamamos infiéis aos que não são da nossa fé, e não admitimos que os que não são da nossa fé nos chamem infiéis. Parece que isso não veio ao mundo com os cruzados. Desconfio que Caim e Abel fundaram o clube. Felizmente, na confusão de tantos cruzados contemporâneos, muitos se entregaram a cruzadas sem ferro e sem fogo. São os que preferem aos frenesis, aos gritos, a calma silenciosa das palavras cruzadas. Ótimas cruzadas, as palavras! No criticam, não brigam, não ferem, nem matam. E que soluções! A gente até se esquece de comer, o que é a maneira mais barata de viver. Horizontais, verticais, 1, 2, 3, 4, 5, 6... – para quê peixe, camarão, carne, legumes, cereais, ovos, doces, frutas, café, chá, leite, pão, queijo, manteiga? Um lápis, uma revista ou um jornal, um dicionário, talvez... sombra e água fresca. A esfinge dizia: – Decifra-me, ou morre! – As palavras cruzadas dizem: – Decifra-nos, e vai vivendo...

§ 1952 – Pobre teatro brasileiro. Depois de tão compridos anos de misérias, quando entra num tempo de esperança, com poetas novos, intérpretes novos, diretores novos, cenógrafos novos, figurinistas novos, espectadores novos, – lá vem a velha fatalidade que o persegue, e arma um processo contra os autores da peça “No fundo do Poço.” Certa família de São Paulo, sentindo-se injuriada por Helena Silveira e Jamil Almansur Haddad, apresentou queixa contra os dois, que teriam posto diante do público a tragédia vastamente divulgada pela imprensa, e conhecida com o nome: “O crime do poço”. Ora, isso, além dos impostos, além da falta de casas de espetáculos, além das distâncias dos bairros residenciais à cidade, onde as casas que há funcionam, – isso, é demais! Muito, demais! É no final das contas, a proibição de se escreverem comédias, dramas, e até farsas. Porque

membros de famílias descobrirão nas personagens e nas situações, gente sua e casos seus. Se a jurisprudência se firmar, mais uma vez a Europa se curvará ante o Brasil. E o primeiro processo, lá, vai ser, sem dúvida, o da família real da Dinamarca, exigindo a prisão da memória de Shakespeare, que, há quatro séculos, espalha pelo mundo o que aconteceu depois da morte do pai de Hamlet, com o casamento da rainha viúva com o assassino, irmão do morto, e as conseqüências daí surgidas, tantas, tais, que inspiraram aquele desaforo sobre o mau estado do reino da Dinamarca.

§ Antes, tudo tinha seu tempo, à exceção, única talvez, daquelas rosas chamadas: rosas de todo o ano. Era o tempo das cerejas, era o tempo de ir para fora, era o tempo das amas de leite. Havia até uma frase muito repetida: — “Agora não é tempo.” Depois, com o frenesi que deu no mundo, tudo dá em qualquer tempo, como o aumento de preços, o futebol, o disco voador... O disco voador é o grande temporão. Aparece no inverno, aparece no verão, em alguns céus da Europa, em alguns céus da América do Norte, no Rio de Janeiro, em Niterói. Ele, porém, não se deixa apanhar por qualquer olho: o disco escolhe os olhos que quer, e só esses o vêem. Que pena, não é?

§ Nossos bons vizinhos norte-americanos estão falando muito nos aviões foguetes. Dentro desses aviões pretendem chegar à lua à lua propriamente dita. Estão falando muito, mas ainda não contaram quem foi o inventor do novo veículo. Foi um inglês: H. Grindell Mathews. Ele pensava em partir para a lua de Londres, ainda durante a guerra. Morreu pensando. Não precisou ir, a não sei quantos mil quilômetros por hora. Seguiu, mais rápido e mais leve que o ar. Desceu na lua em estado de alma. Poderá esperar, lá em cima, tranqüilamente, a volta da paz à terra. Tem toda a eternidade para isso.

§ Este mundo de hoje está espantoso. A gente, continuando nele há tantos anos, desde que ele ficou assim, vai de surpresa em surpresa. Tudo é imprevisito, inaudito, inesperado, inimaginável, incrível. Renan, que partiu antes, descobrira que só uma coisa pode dar idéia do infinito: a tolice humana. E isto no século XIX, século inteligente, com perdão da má palavra. Agora acontecem coisas que, para serem expostas, quem as traz tem que vir com os documentos nas mãos. Por exemplo: a polícia de São Paulo proibiu Pablo Neruda, poeta do mundo, de desembarcar em Santos e, com os brasileiros que foram recebê-lo, ir almoçar na capital, cidade onde surgiram, nos últimos anos, os mais belos movimentos pela cultura nacional, que não é apenas a cultura do café e do algodão nos campos, dos micróbios nos laboratórios, das cobras em Butantã, e outras menos evidentes, em lugares menos conhecidos. Aqui estão os documentos: todos os jornais da terra bandeirante, nas edições de 9 de agosto, de 1952, dois dias na frente do dia em que se comemora a instituição do Ensino Jurídico no país, e justamente em São Paulo. É verdade que essa instituição foi em 1827...

§ Deste não me pude separar. Quis que ficasse comigo, entre os bem-amados, este livro de contos de fadas. Li-o, de novo, agora. Li-o, de novo, como se pintasse a vida... mais radical do que os homens que pintam apenas os cabelos... Com que encanto tornei a encontrar as minhas fadas! Vocês nunca mais as encontraram? São as mesmas de todos. Desculpem: minhas, é um modo de falar. Também chamo às estrelas: minhas, e as rosas, e às tardes de Porto Alegre, às cidades velhas de Minas Gerais, a tantas outras coisas belas e inocentes do nosso mundo.

§ Lavoisier revelou: — “A vida é um fenômeno químico” — É por isso, com certeza, que há tantos pessimistas...

§ A Vênus de Milo não se tornaria vulgar, com braços? Acho que sim. Entre os meus conhecidos, apenas Machado de Assis era capaz de achar que não...

§ Edith Piaff cantava as canções mais bonitas de Paris, fazia tricô, admirava Rembrandt e Cortot, lia a *Bíblia*: – “Esse livro grande onde Deus começa.”

§ Na verdade, não há sonho: há lembrança.

§ A fascinação dos homens mal afamados... De longe, doutros tempos, eles vêem, com um prestígio envolvente, com uma influência que dá prazer de sentir. Talleyrand, por exemplo. Ele desejou que, durante séculos se discutisse o que foi, o que presumiu, o que quis. Nunca se comprometeu. Fez da diplomacia, realidade; do amor, fantasia; da religião, consequência. Homem do diabo... Traiu muito. Não se traiu.

§ Meninos de Brodowski. Meninos do Brasil. Meninos do mundo. Em Brodowski, no Brasil, no mundo, esses meninos têm as mesmas caras de fome, têm os mesmos olhos de espanto, as mesmas mãos vazias e tristes. Alguns ficam homens, são depois os pais dos outros meninos de Brodovsky, dos outros meninos do Brasil, dos outros meninos do mundo. A vida continua, ou à sombra dos castelos, dos palácios, das catedrais, ou em volta das casas pequenas, dos ranchos, dos barracões. A vida um dia há de parar em Brodowski, no Brasil, no mundo. Vai ser no dia em que os meninos que não morreram de miséria decidirem não morrer de guerra. Já houve muita guerra. Os meninos ouviram contar, e sabem que tanta guerra só serviu para os ricos ganharem mais dinheiro, os maus ganharem mais crueldade. Por que irão, com as armas que lhes impuserem, matar inocentes, iguais a eles? Não! Os me-

ninos de Brodowski, os meninos do Brasil, os meninos do mundo não darão mais a sua carne para os canhões dos seus inimigos. Então isso é que é o *mundo melhor*: guerra em cima de guerra? A vida há de parar para mudar de rumo, seguir para a compreensão, para a justiça, para a liberdade, para a paz, para o mundo melhor enfim! Não é, Portinari? A pureza com que você fixou na eternidade esses anjos das ruas de Brodowski; das ruas do Brasil, das ruas do mundo, enche de luz as almas.

§ Voz de dizer, mais bela que a voz de cantar...

§ Jules Laforgue; – Que eu seja para todos vocês um ente bem-vindo! E seja absolvido, pela minha alma sincera! Calma e flores!

§ Agora, mais perto de Deus, Maeterlinck não repetirá: “Se eu fosse Deus teria pena do coração dos homens.” – Deus não tem pena do coração dos homens. O coração dos homens é bom. A cabeça, às vezes, é que é ruim. A guerra não nasce no coração, nasce na cabeça. Já se descobriu, há muito tempo: “Cada cabeça, cada sentença.” A cabeça tem a responsabilidade de todos os desentendimentos que criaram as armas, desde a pedra até a bomba de hidrogênio.

§ A vida está tão desarrumada, que a “gente de pouca fé”, agora, é a gente que acredita em tudo. Pois se até acreditou que a poesia tinha morrido! Uma mentira dessas! Foi a guerra? Foi a bomba atômica? Não. Ainda se ouvia a voz de Keats, ainda se ouvia a voz de Rilke, ainda se ouvia a voz de Garcia Lorca. Paul Eluard estava falando junto de nós. Os poetas da Resistência levantavam, livre no tempo, a poesia. A guerra não matou a poesia. Nem a atingiu, de longe, a bomba atômica. Depois da experiência de Bikini, que restou da grande publicidade? – o bikini, – pura poesia. Como destruir a poesia, com o mar assim?

§ Jorge Amado – Estreou menino e não foi com um livro de versos. Deu logo um romance. O preconceito da época, da idade, não adianta para Jorge Amado. É de verdade. E nele, a verdade toma conta de tudo. São pedaços de carne e sangue, são destinos inutilizados deitando sombras sobre a vida. Mulheres e homens que não podem escandalizar ninguém, no tempo de agora. Os nomes feios são os nomes próprios da miséria. Pobre, sem assistência, sem escola, sem trabalho, sem rumo, sem defesa, sem dinheiro, sem saúde, sem felicidade, sem esperança, sem nada, a gente desgraçada não sabe, porque nunca ouviu, os sinônimos hipócritas das salas de visitas; fala como escuta, como vê, como sente. Jorge Amado subiu sempre. Será, mais alto, a mesma criatura para quem as outras criaturas existem, e existem as coisas naturais, e em quem a vida toda põe tempo bom e tempo mau, mágoas de acreditar, prazeres de esperar...

§ – Por que não vive o teatro nacional? – Eu acho que vive. Mas vive mal. Dizem algumas pessoas entendidas que a culpa é do cinema. Dizem outras pessoas, também entendidas, que a culpa é do futebol. Ora, o filme não substitui, nunca substituirá o teatro, como o disco, não interrompido, talvez possa substituir a orquestra. A música é interior. O teatro é exterior. A música forma as suas imagens. O teatro é formado pelos corpos, vivos, reais, falando, rindo, chorando, no instante, em frente, O palco permite a criação. A tela exige a interpretação. O filme documenta. O teatro prova. Silencioso, – cinema, – o filme seria uma arte própria, e Charlie Chaplin fixou isso com gênio. Era um livro de figuras e legendas. Com o som, é teatro fotografado e gravado. Teatro aleijado. Falta-lhe a carne. E falta-lhe, embora tenha voz, a palavra... Quanto ao futebol... Na Espanha e em Portugal, por exemplo, as touradas sempre viveram concorridíssimas, e o teatro, na Espanha e em Portugal, marcou grandes épocas. Perto de nós, Buenos Ai-

res, cheio de cinema e de futebol, possui uma vida teatral numerosa, de vários aspectos, até um Teatro do Povo, onde se representam as obras-primas do teatro universal, antigo e moderno. No Brasil há um público fiel ao teatro. Então qual o motivo de se perguntar por que não vive o teatro nacional, e se responder que vive, mas vive mal? Não faltam autores, atores, encenadores, cenógrafos, maquinistas, eletricitas, todos os que cooperam para a apresentação de uma comédia ou de uma tragédia. Sim... porém falta o palco, falta a casa. O teatro não consegue teatros. É um pobre chefe de família em plena crise de habitação. Os donos dos poucos prédios existentes impõem aluguéis alucinantes, e, ainda por cima, a Prefeitura e não sei mais quem, passa pelas empresas, todos os dias, para “rapar”. Nada, entretanto, impediu que Jaime Costa nos desse “A morte do caixeiro viajante”, que Graça Melo nos desse “Massacre”, que a boa sorte do Brasil desse ao mundo: Cacilda Becker.

§ Cacilda Becker. Mulher que não se parece. Artista de cada vez. Transforma-se com as personagens. Continua Cacilda, exemplar único, quando a cortina se cerra. O cinema acostumou a ver a criadora e não a criação. O costume passou para o teatro. Com Cacilda o costume mudou de costume. Cacilda até “Poil de Carotte” foi: aquele menino desconfiado, assustado, desgraçado. Poderá ser “Hamlet”, e que príncipe admirável será! Foi a Filha dos “Seis personagens à procura de um autor”, foi a “Dama das Camélias”, foi “Antígona”, tantas criaturas diferentes. Esculpe um corpo, dá-lhe uma alma que inventou, vai procurar destinos nos destinos humanos. Some-se neles. Cacilda não diz: – Eu sou. – Diz: – Eu tenho sido. Eu vou ser. – Infinita.

§ Há o exame de consciência. Há a auto-crítica, O exame, em geral, é a domicílio. A crítica, quase sempre, é na rua. Mas há também, nos

dias em que não se pode mergulhar no mar, o mergulho na vida. A questão não é ir à procura do tempo perdido, como Marcel Proust. Cada um deve ficar convencido, como Jean Dolent, de que perdeu muito tempo, mas não sabe exatamente qual...

§ Vésperas de Natal em Porto Alegre – As ruas, pelas casas, já não são as mesmas. Mas as calçadas, com tantos anos de passos vindos e idos, devem estar iguais. Lá em cima, então, tenho certeza, o céu é ainda o Céu da minha infância. Desse Céu o padre Pio chega todos os dias: o padre Pio, do tempo de São Leopoldo, do Rio dos Sinos, da ponte triste, – o Padre Pio Buck, – bom como continuou sendo. Não deu castigo a nenhum dos menores internos do Colégio Nossa Senhora da Conceição. Quando conheceu, em Porto Alegre, os internos maiores, da Casa de Correção, foi também falando de entendimento, de doçura, de amor, que Ihes pode revelar as almas inocentes das ruindades entradas nas cabeças sem ensino, sem amparo, sem rumo. Os homens desgraçados descobriram, escutando-o, o caminho da felicidade. Santo das mãos brancas: penas de asas. O padre Pio é um anjo disfarçado. De noite, ele volta à sua estrela. Agora anda na cidade, agora diz: – Irmãos livres, concedei aos irmãos presos um pouco das vossas festas do Natal. Jesus nasce para todos, que todos são filhos de Deus. – A lição de Jesus é uma flor, é um canto, uma luz: “Amai-vos uns aos outros.”

§ Pelo sistema que se arraigou em mim, de compensar os impossíveis, – nesse fim de semana, sem campo, sem nenhum outro clima à mão, eu podia ter ido para Teócrito, para Virgílio... podia ter ido para Francis Jammes... Fui, afinal, para Eça de Queirós. Eu vou sempre, afinal, para Eça de Queirós. Não é uma fazenda. Não é uma quinta. É a minha velha chácara. As árvores cresceram. Novos pássaros vieram. O sol é aquele. E aquela fonte fala com aquela voz, escondida entre pedras e flores...

§ *Carícia*. Não é um título. É mesmo uma carícia. A poesia de Dolores Mascarenhas Cantera de Campos sempre me deu a sensação de uma presença suave na minha alma. Foi Alziro Marino que me revelou essa poesia, antes de eu conhecer a poetisa. Mandei então algumas palavras a Alziro Marino: – Meu querido Alziro Marino, bem podemos escrever os versos mais tristes, esta noite, mas nunca dizer, como Pablo Neruda: “Nosotros, los de entonces, ya no somos los mismos.” Somos “los mismos”, amigo. Aqueles do tempo em que o luar de Porto Alegre descia do céu cheio de estrelas, para se perfumar nas rosas da Praça da Caridade, e a nossa idade apenas chegara aos vinte anos. Ontem, quando você entrou aqui e trouxe versos, voltei com você a 1908. O caminho seria longo? Não o sentimos. Fomos ouvindo a voz de Dolores Mascarenhas Cantera de Campos, voz linda, voz da terra, voz que cria, a cada palavra, paisagens, criaturas, sonhos. Escuta-se essa voz. Olha-se essa voz. Ela tem cheiro de flor, tem gosto de fruta. Ela pousa nas mãos da gente uma carícia doce e pura. Voz de Dolores Mascarenhas Cantera de Campos.

§ A manhã deste último sábado do ano pensou que estava velha e feia, cobriu com um véu de bruma a cara. O sol tirou o véu da manhã, e a gente viu que a manhã era moça e bonita. Todos os pássaros e todos os aviões voaram. Vamos agora para a tarde, esperar o nosso domingo bem merecido. Machado de Assis murmurou que “a vida, mormente nos velhos, é um ofício cansativo”. Não sei. O ano velho poderia, talvez, informar. Perguntei. Respondeu: – Acho que a vida é mais fatigante para os novos. Quando fui o ano novo, que trabalho! Como me pediram coisas! Como quiseram que resolvesse tudo! Como me escreveram cartas! Como me telefonaram! Dei tudo que pude, e não contentei ninguém. Veja, que solidão! que tranquilidade! Depuseram-me. Não posso dar mais nada. Chegou a hora do descanso! Vou para fora! E com esta imensa vantagem para mim: – Não voltarei...

§ Também aqui houve a invasão da França, naqueles anos maus. E aqui também houve a resistência. À frente, com a bandeira das três cores, alta, no meio da confusão, era uma mulher que clamava: – Franceses, nós cremos em vós! – Uma mulher, uma poetisa, a mais francesa das francesas, – Beatrix Reynal. Ela deu tudo para a libertação da sua pátria. Conservou sempre iluminada a certeza da vitória. Expandiu confiança. Opôs à hipocrisia e ao medo a mais pura lealdade, o mais ardente heroísmo. Os esgares da sombra não lhe interromperam a marcha para diante. Na luz, todos a aclamavam. Dos dias de luta, Beatrix Reynal trouxe o troféu maravilhoso: – o livro que os maiores brasileiros lhe ofereceram, para memória do seu combate triunfante, e que se abre com estas palavras do homem que foi, na França, o Brasil, tal qual Beatrix Reynal é, no Brasil, a França: “Beatrix Reynal, embaixatriz franco-brasileira, é gloriosa e vitoriosa. – Luiz de Souza Dantas”. Sim, houve o fim da guerra, mas não houve o começo da paz. Muitos batalharam de rosto. Alguns batalharam de máscara. A “embaixatriz franco-brasileira” vai tirar a máscara desses alguns. Entretanto, na incessante tarefa a que se entregou de corpo e alma, sem pensar que era rica em 1939, e em 1945 estava pobre, a poetisa floriu os intervalos com versos. *A Cor dos Dias* será o livro doce e triste que, em breve, andará no encanto de todos nós, com a saudade da Provença, a *Pátria Risonha* de Beatrix Reynal.

Beatrix Reynal fez esta confissão no fim do seu livro:

*Et je voudrais crier, et je voudrais m'enfuir,  
De peur de trop aimer et d'encore souffrir.*

Ela está nos dois versos dolorosos, está neles, toda, como a conheço há tantos anos. Até com o medo de amar demais. Beatrix Reynal, entretanto, sempre amou demais: amou demais a sua Provença, a sua

França, o seu Brasil, amou demais todos aquele a que, no “Sermão da Montanha”, Jesus chamou Bem-Aventurados: os pobres, os que tem fome e sede de justiça, os que esperam, os que perdoam, os que anseiam pela paz. Beatrix Reynal: Colette em ação. Junto conscientemente, numa admiração única, as duas grandes mulheres da minha outra Pátria, uma completando a outra, ambas dando a um tempo triste a consolação de bem sentir e bem pensar.

§ Quando supomos ter queixas da vida, a vida é que pode ter queixas de nós. Devemos tratar bem a vida para que a vida nos trate bem.

§ Velho... Não sinto a palavra com melancolia: sinto-a com ternura, com gratidão. Vida longa é vida feliz. Se houve dias péssimos, não tenho tempo de lembrar nenhum. Estou sempre ocupado com os dias ótimos.

§ A praia tinha posto o seu colar de lâmpadas. As ondas do mar estavam contentes. Elas sabem que são ouvidas, de noite. Que diziam as ondas?: – Hoje... hoje... – Para as ondas não há passado, para as ondas não há futuro: – Hoje... hoje...

§ O tempo levou a declamação, uma coisa que deu muito no Rio. Tinha sintomas alarmantes, era contagiosíssima. Em cada esquina a gente encontrava pessoas com declamação, pessoas de várias idades, quase sempre do sexo feminino. Algumas, nervosas, ficaram mais nervosas. Algumas, serenas, desandaram a cometer estripulias. Casos uns em cima dos outros. Todas as tardes, todas as noites, manifestava-se um recital. O Instituto Nacional de Música, de repente, se tornou o lugar mais perigoso da cidade. O Cassino, ali no Passeio Público, falecido talvez em consequência, também era suspeito. Diversos esconde-

rijos se descobriam, focos dessas excitações da inteligência, tão noci-vas em climas tropicais. Salas aglomeradas, palmas, flores, famílias de aspecto entendido, mocinhas à espera da vez, cronistas mundanos em plena excitação, críticos teatrais procurando “valores novos para a cena”, os autores vivos que figuravam no programa, e uma pequena turma sem vergonha. No fim, a parte maior disso tudo partia e conduzia uma noção confusa de poesia: aqueles solfejos, aquelas ânsias, aqueles braços em disparada atrás daquelas mãos.. A noção confusa foi crescendo, crescendo. Poesia era uma espécie de ginástica sueca. E era uma tarefa de doutores. Senhoras palestravam: – Que beleza o soneto do doutor Olegario Marianno! – Hoje não tem nada do doutor Alberto de Oliveira! – Eu sou doida pelo doutor Santa Rita Durão! – Quando não era ginástica sueca, era ataque: o corpo perdia a cabeça, a cabeça perdia os miolos. As vítimas avançavam, recuavam, queda à direita, queda à esquerda. Às vezes parecia que iam pular e encher de bofetadas a cara do público. Continuavam lá em cima. A voz descia, subia, soluçava, gargalhava; foguete rebentando, ovo nascendo, vento, sino, banda de música, Estrada de Ferro Central do Brasil. Ninguém percebia o que a voz estava pondo para fora. Era estupendo! Maravilhoso. Dava vontade de tirar a roupa, de caminhar com as mãos no chão e os pés no ar! – Mais! Mais! Mais! – Aplausos delirantes acalmavam pouco a pouco as declamadoras. Sorriam, gratas. Tão simpáticas! Depois, felizmente, todas se casaram. Não houve mais nada.

§ Luz e calor. O padre Manoel Bernardes, da Congregação do Oratório, tem um livro com um título assim; bem igual ao dia que amanheceu, hoje, claro e quente. Ler os clássicos é ir para fora: descansa e refresca. Abro ao acaso o livro, leio de propósito: “Inverno é a velhice, em que se não pode caminhar a passo ordinário, quanto mais correndo, e fugindo; estes mesmos anos da velhice mais propriamente são sá-

bado para descansar do que temos andado, que dia de trabalho, para começar jornada”. Desce a sombra do claustro, baixa a temperatura. Vou pôr em ordem o meu arquivo. Retirado do mundo, arrumo os papéis do mundo. São papéis que vão ser antigos. Arrumo, não será o verbo exato. Desarrumo, talvez fosse mais certo. A verdade é que, com ritmo e sem delírio, destruo um bocado. Um arquivo é pior que um caderno de endereços; a rua é sempre a mesma, mas os números mudam demais... A isso se deve chamar: a condição humana. Por causa disso, Darwin, de volta da viagem em torno do mundo, fixou-se na teoria da seleção natural, descobrindo que os homens descendem de um remoto macaco corredor, – coisa que, na atual situação da nossa espécie, é de fato a que menos nos envergonha... Para concluir o dia com doçura, deixo o arquivo em paz, reabro ao acaso Manoel Bernardes: “Erramos, como ignorantes: eis aí a chaga. Mas logo acudimos a desculpar o erro, ou sustentar que foi certo: eis aí os panos. Anelamos ao ouro e prata como ambiciosos: eis aí a chaga. Mas logo queremos persuadir-nos, com razões aparentes, que assim é conveniente e ainda preciso; eis aí os panos. Julgamos mal uns aos outros, como maliciosos: eis aí outra chaga. Em cima queremos que se entenda que isto é prudência: eis outros panos”.

§ Bendita seja, com tantas companheiras mais antigas e mais novas, – Yvette Guilbert! Ela colheu as canções da França toda, e as espalhou pelo mundo: “Cantai, Franceses, cantai!” – Partiu, velhinha, pela mesma estrada. Era uma velhinha de coração contente. Cantara todo o verão. Sentada na sua poltrona, sorria e contava as suas memórias: “A canção da minha vida”. Não era mais aquela magra, de pescoço comprido, luvas pretas até quase aos ombros, aquela que nunca tinha sido bonita, aquela que sempre tinha tido a graça. Yvette Guilbert, com o bom humor de não olhar para os espelhos, ainda se via tal qual nas

noites remotas diante das salas pedindo mais; tal qual, de cabelos vermelhos, muito pálida, nariz arrebicado, olhos de míope, boca de comilona. Por onde surgia, lhe perguntavam como conseguia arranjar maquilagem tão natural. Eis aí a definição de Yvette Guilbert: – sempre se maquilou naturalmente, – o suficiente para não parecer maquilada; não pôs a máscara; conservou a que Deus lhe dera. Mulher sem disfarce. Podia cantar as coisas simples, podia cantar as coisas complicadas. Quem a ouviu a amou. Francis Jammes achava que ela era uma festa. Jean Lorrain era doido por ela. E Rollinat não deixou nenhuma outra artista entoar, nas músicas de Rollinat, os versos de Rollinat. Contou, foi contando... Agora a voz se sumiu. Boa viagem, Yvette Guilbert.

§ Alvarus renova o milagre de Deus, com a vantagem de encher o mundo de uma humanidade refletida e silenciosa. Caricaturas? Não. Não vejo Alvarus caricaturista. O cardeal de Retz, inventor do gênero, não era caricaturista. Por palavras ou por traços, os dois se correspondem. Guardam as criaturas sentidas, não julgadas. De fora para dentro. Exatas. O resto será preconceito. Não há crueldade nessa gente. Há ternura. Há uma espécie de amor, que é curiosidade e é desejo de desmanchar a solidão. Há melancolia. Uma gargalhada é sempre triste depois.

§ A *Divina Comédia* acaba em estrelas os seus três cantos. Dante guardou para a Itália, salva, a luz mais pura. Saiu do inferno “para rever as estrelas”. Sairá do Purgatório “para subir as estrelas”. No Paraíso vai encontrar “o amor que move o sol e as outras estrelas”. Cada nação, como cada criatura, não nasce para odiar. Por que fazer da guerra a regra comum, se é na paz que a vida é bela, se é na paz que a vida é boa, se é na paz que a vida é feliz? Eu te amo, Itália! Ah! e teu ar luminoso! viveu tanto, nunca se cansou! Um pouco triste sim, mas a tristeza dele é suave, como uma música, uma mulher, uma lembrança... Tu

és uma coisa de beleza! Foi em ti que John Keats descobriu a consolação: “Uma coisa de beleza é uma alegria para sempre.” E por isso quis morrer em Roma. Depois, Stendhal, indo e vindo, como aquele rei que trouxe a Renascença, e como Madame de Stael que trouxe a Corina, encheu com *A Cartuxa de Parma* os espaços vitais. Os Concours, tão esquecidos, deixaram em Renée Mauperin o encanto da longa conquista: – “Já estive em Veneza, não estive?” – “Estive”. – “É singular que exista um recanto assim na terra, que não conhecemos, e que nos atrai, com que vivemos sonhando. Não é? Cada qual tem o seu. Tive sempre Veneza. Veneza é que eu quero ver. Vou dizer uma tolice: Para mim, Veneza é uma cidade aonde, todos os músicos foram morrer” ... Acontece seguido, quando me sinto mais só, que ouço a minha voz murmurando as primeiras palavras do prefácio de Robert de la Sizeranne às *Manhãs de Florença*, de Ruskin: – “As manhãs de primavera que se passam em Florença são como iluminuras de missal intercaladas nas páginas cinzentas e monótonas do livro da vida”. E é por causa de Florença que continuo fã da inglesa um pouco excessiva, autora de “Isolda, a Loura”. Era capaz de ouvi-la sempre: – Veja, veja ainda. Não há nada igual no mundo. Em nenhum lugar da natureza é mais sutil, e tão elegante, tão fina. O deus que fez as colinas de Florença era artista. Oh! era joalheiro, gravador de medalhas, escultor, pintor... era florentino! – Itália, meteram-te numa camisa de força, negra, que te abafou. Respiras de novo. Podes repetir Goethe, teu amigo: – Por cima dos túmulos, para a frente! – Não deves repetir D’Annunzio, teu filho: – Arma a proa e zarpa para o mundo! – Não! Abre as asas, Itália, e voa para o céu!

§ O homem estendeu a mão:

– Uma esmola.

Eu também estava, sem dinheiro. Expliquei:

– E o senhor ainda leva uma grande vantagem sobre mim: o senhor pode pedir.

§ Conhecemos, durante as idades, muitos jardins, desde aquele, talvez o mais longe: *Um jardim com tantas flores qual delas escolherei?* Mas “o que fica” é o que nos deu companhia na juventude, silêncio e cisma, numa ponta de banco que parecia estar esperando por nós a hora em que chegávamos. Dali partíamos para todos os futuros... Uma tarde (os futuros são passados), voltamos. Os portões vão se fechar. O jardim é o mesmo. A ponta de banco é a mesma. Bem-aventurado quem lhes pode dizer: – Obrigado, meu jardim. Obrigado, minha ponta de banco.

§ Amor tem que ser da alma. Esse nunca se cansa, e é sempre novo, cada vez mais novo. Possuir a alma é que é difícil.

§ Sinhô sabia fazer as nossas cantigas, as cantigas do Rio de Janeiro. Aquele homem magro, alto, curvado, era o coração da cidade, andava batendo sem parar. Sinhô não ria. Quase não falava. Mas, sentado a um piano, ou de violão no colo, ninguém via, ninguém escutava mais nada. Era a nossa poesia. Era a nossa música. Com a dor escondida, para não doer nos outros, e uma alegria tão pobre, que nem parecia alegria... Há quantos anos Sinhô não canta mais! Foi-se embora. E a pobre alegria de Sinhô foi-se embora com ele, foi olhar a vida lá de cima, de um morro mais alto, de um morro muito mais alto do que o morro da Favela.

§ Com alguns sorrisos feitos disfarcei todas as lágrimas ....

§ Deixem falar os pessimistas. Vamos seguir o velho conselho: cultivemos o nosso jardim. As roseiras andam muito caras? Faltam os

amores-perfeitos? Não conseguimos palmas? As violetas só dão nas olheiras, de madrugada? Os cravos são outros?... Cultivemos o nosso jardim. Há magnólias, há lírios, há dalias, papoulas, azaléias, íris, peônias, acácias, primaveras... Os jardins nascem nos olhos. A vida está cheia de jardins. Gerânios à beira das janelas. Bem-casados nos canteiros. A procriação das hortências. O recreio das margaridas. Fim de semana das camélias, dos narcisos, dos lílases, dos agapantos, dos girasóis. Monsenhores ouvindo confissões das sempre-vivas. O pecado mortal dos jasmims. Bem-me-queres. Saudades. Tulipas que vieram de avião. Esses muguets que vieram num livro. Manhã bendita! Lembro-me do jardineiro que criava as rosas mais lindas do mundo, e levava sempre as amigas e os amigos ao jardim: – Venham. Quero que vejam as minhas rosas. – Um dia, uma mulher desconhecida foi à casa dele. Tão bela assim, nunca imaginara que existisse uma mulher. E o jardineiro, deslumbrado, lhe pediu: – Venha. Quero que as minhas rosas a vejam!

§ A alma começa nas mãos. Essa carícia de um homem guardar entre as suas as mãos de uma mulher nada nada tem de sensualidade. É toda de espírito. Vai muito além do contato. É lembrança acordando-se. É solidão desfazendo-se.

§ Velha, magra, olhos caídos. Foi atriz. Ainda não mora no Retiro. Está vendendo umas cabeleiras que lhe sobraram. Entrou na redação e ofereceu aqueles fios arrumados, que tantas vezes entraram com ela em cena. O secretário escolheu uma, branca, por simpatia, para ajudar:

– Esta. Quanto?

– Quanto? Oh! O senhor que é diplomata bem dever saber quanto vale uma cabeleira...

§ Igual a Apolônia Pinto, nenhuma artista conservou, pelas palavras e pelas atitudes, o sentimento do Brasil. Foi a irmã, a namorada, a companheira, a boa mamãe, a vovó querida. Tão simples, tão da terra, tão da gente! Viveu, viveu, viveu. Afinal, cansada de tanta vida foi se esconder no Retiro dos Artistas. Depois, fechou os olhos, (já fechara os ouvidos), pôs as mãos no gesto derradeiro, dormiu, não quis mais acordar. Mas continua realizando a vocação. É ainda a intérprete que apareceu com a máscara de todas as mulheres, em todas as idades. Fora do tempo, parada, silenciosa, encarna a última personagem: a morta, a que não muda, a que se ama como uma saudade, a que se chama como uma flor: Apolônia...

§ Leopoldo Fróis, porque partiu do Brasil antes de partir do mundo, é vivo sempre que surge, quando a gente o recorda. Imprevisto, rápido, com as frases que parecem, espalhadas, fumaças de um cigarro que ele nunca abandona. Faz rir. Faz chorar. Tira a atenção, tira a comoção dos que o vêem, dos que o escutam. Não há mais nada. Há um homem que anda, um homem que fala, um homem que está fumando. Os olhos desse homem se acendem e se apagam. As mãos desse homem enchem de claridade o ar em torno. É um príncipe. É um mendigo, É um sábio. É um palhaço. Um ator. O ator Leopoldo Fróis.

§ O empresário Celestino brigou, um dia, com o ator Brandão Sobrinho. E nunca mais quis fazer as pazes. Manteve sempre, enquanto viveu, a mesma raiva e, para que, depois de morto, ela continuasse intacta, legou o terreno onde estava o teatro Apolo, à Prefeitura, com a condição de ser ali edificada uma escola: – Na escola ele nunca entrará!

§ Vi, agora, numa revista, o nascimento de Jesus feito pelo pintor chinês Lu-Hung Nien. É um presépio amarelo, com uma cerejeira em

flor, a Virgem, o Menino, São José, chineses, e mais um anjo, também chinês. Isso indica, apenas, a condição humana. Sempre nos falta a possibilidade de pensar longe de nós. Cada um, pintor ou não, na Europa, na Ásia, na África, na América, na Oceania, no fundo do mar, em cima das nuvens, vai se encontrando no que encontra, construindo tudo à própria semelhança, conforme se imagina que é, no engano dos olhos, na confusão das aparências. As nossas idéias espalham-se pelas cabeças em geral. O sentimento alheio é o nosso sentimento. Para que falar em progresso? Para que dividir a civilização em duas partes, de horário diferente? Somos antigos, irmãos do que existe entre o céu e a terra. O disco rachado, onde a agulha se detém, define, explica, representa o mundo e o que enche o mundo: condições, condições, condições, condições...

§ No *Vento Sul*, Norman Douglas falou assim de Freddy Parker: “Todos os imbecis tinham clarões meteóricos de bom senso. Ele não constituía exceção à regra. Mas, ao passo que os outros os recebiam com gratidão, esse homem insistia em considerá-los como inspirações do diabo. Era o que havia de trágico em Freddy Parker. Fazia dele algo de quintessencial, — uma espécie de super imbecil.”

§ O exímio novelista de *A Cidade e as Serras* — foi assim que o Sr. Mario Monteiro, num jornal, qualificou Eça de Queirós. E isso com outras utilidades para os admiradores de Eça de Queirós. Nós não sabíamos que “o exímio novelista de *A Cidade e as Serras* talvez não houvesse alcançado a celebridade que teve se o Conde de Arnoso, secretário particular de el-rei D. Carlos, não compreendesse a necessidade imperiosa de o levar ao teatro, dramatizando o conto “Suave Milagre” e, depois, promovendo o monumento que o também imortal Teixeira Lopes esculpiu e foi erguido no Largo Barão do Quintelo, em Lisboa”. Ficamos sabendo.

§ Quem afirmou: — Meus amigos, não há amigos — não tinha imaginação. Há amigos. Amigos e amigas. Hamlet vem todas as noites conversar, e às vezes vamos juntos ao cinema. Quando chove, já sei, é Serenus que chega, como “chegara a um ceticismo indulgente e divertido, não acreditando em nada, porém achando o mundo curioso, ainda que abominável, e estimando acima de todas as coisas, a doçura e a bondade”. Hoje, a minha mesa amanheceu cheia de rosas. Desconfio que foi Santa Teresinha do Menino Jesus quem trouxe essas rosas. Talvez fosse mestra Foscarina, com o seu sorriso pálido e as suas mãos castíssimas. Para os que existiram bastante, a terra acaba numa livraria. À sombra dos livros, no meio dos livros, a felicidade é uma companheira silenciosa. Ela toma a forma das mulheres que amamos, e admiramos; põem na voz e no gesto dos homens a voz com que queríamos falar, o gesto que desejávamos fazer. E que viagens! O senhor vigário Safrac, nascido e criado à beira do Garona, no país que Deus construiu com especial carinho, o outro país de todas as criaturas, — quantas vezes me tem convidado: — Querido filho, prove os cogumelos das nossas matas e os vinhos das nossas latadas. Esta é a segunda terra prometida, de que a primeira foi apenas a imagem e a profecia... — Oh! Beatriz de Shakespeare, também lhe digo que você nasceu numa hora contente, — e você também me responde: — Não, porque os gritos de minha mãe eram demais; mas havia uma estrela que dançava e foi à luz dessa estrela que nasci...

§ Osório Borba — Certos homens não deviam morrer, — irmãos dos que antigamente davam vontade de lhes pedir: — Fiquem para sementes. — Osório Borba era um. Devia ficar para semente. A colheita, avolumando-se, aboliria as plantas ruins e a Terra havia de ser o mundo da solidariedade, do entendimento, da alegria, sem lugar para a incompreensão, o egoísmo, a amargura, sem esse frenesi de partir para outros mundos, — havia de ser um mundo só, enfim, com todas as estradas li-

vres... o mundo de Osório Borba, o leal, o honrado, o corajoso Osório Borba, tão inteligente, tão brasileiro, tão humano! Quando estava sozinho, achava as rosas lindas. Punha as mãos sobre elas, com doçura. Entre os transeuntes, na vida misturada, queria convencer que apenas se preocupava com os espinhos. As rosas bem o entendiam. Mas os espinhos ficaram danados...

§ Encontrei Sebastião Sampaio. Fomos para 1911. Naquele ano de 1911 havia muitos “republicanos históricos”. Creio que, com a mesma significação, os últimos éramos nós dois: Sebastião Sampaio e eu. Seríamos três, com Felipe D’Oliveira. A “república” que fundamos era “a dos nossos sonhos”. Sebastião Sampaio lembrava-se bem: – A “república” – casa de pensão – era uma casa antiga, mas conservada, confortável e limpa, erguida sobre um paredão, logo no começo da rua de Santo Amaro, em frente a “High-Life”. A dona, Dona Rosa, agradável, gorda, alemã, tratava com paciência e quase maternalmente os três “republicanos”; com certa severidade, um velho inglês que explorava várias invenções comerciais e bebia uísque sem aborrecer ninguém, e, finalmente, fiscalizava uma francesa magra, alta, passada, cicrone de todos os franceses que vinham ao Rio. Dona Rosa tinha uma filha única, Mariazinha. Mariazinha talvez não amasse em silêncio os três “republicanos”, mas era a nossa amiga, respectivamente... Depois do jantar, quando algum não saía, havia um terraço de malvas e jasmims, onde ela escutava, sorrindo, enlevada, versos e histórias, como as que existiam antes da Grande Guerra. – Sampaio, o mais moço dos redatores da *Gazeta de Notícias*, a *Gazeta do “Rochinha”*, trabalhava com Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Irineu Marinho, João do Rio, Figueiredo, Pimentel, Cândido Campos. Felipe e eu pertencíamos ao *Fon-Fon* de Mário Pederneiras, Gonzaga Duque, Lima Campos. Saímos de Santo Amaro nos fins de 1911. E antes da

partida para a Europa, o jornalista que sempre se considerou “um Repórter emprestado à diplomacia”, convenceu os companheiros de que deviam fundar um jornal, ideado por ele. Nasceu assim *A Hora*, folha da tarde. Eis a recordação d’*A Hora*, contada pelo “sedutor”, o jovem repórter que não envelheceu porque continuou repórter: — Tinha quatro páginas, vivas, cheias de entrevistas, inquéritos, comentários, notícias barulhentas, tudo novo, diferente. A pedido meu, paulista, vocês completaram a redação com redatores gaúchos: Marcello Gama, Eduardo Guimaraens, Homero Prates, Antonius. *A Hora* foi anunciada com escandalosa propaganda. Cada um de nós num automóvel, redatores e repórteres, na noite da véspera do aparecimento, fizemos uma parada de quinze carros pela Avenida Rio Branco, com fogos de bengala, serenata de violões, estandartes iluminados. No dia do aparecimento, venda de 2.000 exemplares! Naquele tempo, um sucesso! Os grandes jornais e jornalistas da época, com os melhores votos e augúrios. Uma cartinha de João do Rio para nós três; Paulo Barreto começava assim: “Meninos, *A Hora* é bem, é mesmo muito bem”. *A Hora* continuou assim “muito bem”, durante três meses e meio; e morreu, nunca vendendo menos de dois mil, e na sua última quinzena já 2.800 exemplares. Caso inédito então. Normalmente um novo jornal precisava sair com *deficit* pelo menos um ano inteiro. Nós não tínhamos o “capital” para aguentar esse *deficit*... Tínhamos, contra nós, os chefes dos vendedores dos jornais. Por isso, um dia, resolvemos, heróicos, o suicídio d’*A Hora*. Passo com saudade pelo trecho da Avenida, onde foi a nossa redação, em frente à redação d’*O Século* de Bricio Filho. Quisemos que fosse ali. *O Século* nos sugerira o título. *A Hora* em frente a *O Século*... *A Hora*, morta, vocês partiram no Cap Finisterra. Eu fiquei, de bonde, e logo “Rochinha” me chamou para chefiar e secretariar a redação da rósea *Notícia*, com o pedido para dar à folha “o mesmo feitio moderno” d’*A Hora*...

§ Nunca me esqueço de que fui menino...

§ Julgar, é profissão. Não gosto dela. Há muito tempo senti que ninguém é responsável. Nós todos somos conseqüências tristes.

§ Aprendi, desde bem cedo, a compreender e a perdoar. De vez em quando, por muito compreender, perdoar se torna difícil. Porém sempre tenho arranjado um jeitinho...

§ Todo o tempo é esperança. Toda a vida é esperança. A esperança é infinita como o tempo, infinita como a vida. Chama-se felicidade, antes. Chama-se recompensa, depois. Dá o amor. Dá a ternura. No amor, o dia nasce. Na ternura, o dia parece que morre. É então esse instante em que a luz do sol sumido, longe, acende as primeiras estrelas. Esse instante que tem tantos nomes lindos: crepúsculo, ocaso, poente, fim de jornada, Angelus... As lentas vozes dos sinos, que se chamam as Ave-Marias... Uns dizem por dizer: – Enquanto há vida, há esperança. – Outros dizem por acreditar: – A esperança é eterna. – Com ela voltamos das “ilhas queridas, onde a primavera se escondeu.” A esperança é “a asa em silêncio” que passa sobre as nossas sombras longas. É a rosa de cem folhas. Corpo. Alma. Paixão. Encanto. Uma palavra. Um destino. Ninguém é um. Todos somos muitos. Falar sozinho, é um modo de dizer. A vida forma-se de vidas. Crianças, adolescentes, moços, depois dos quarenta, depois dos cinqüenta, depois dos sessenta... depois... não há mais antes... mas há sempre a esperança! Todo o tempo é esperança. Toda a vida é esperança. A voz humana é imagem, é emoção, é idéia. Canta, pinta, esculpe, grava, constrói. Cria. Chora. Ri. Perdoa. Vem dela o desejo. Água da fonte que exala o sonho. Voz do tempo. Voz da vida. Esperança!

§ Pode a indumentária libertar-se das linhas do corpo humano? Que pode, pode. Ela tem feito o que quer, desde a primeira estilização guardada na memória humana. Mas, justamente por isso, seria bom que a indumentária não aderisse ao abstracionismo. Prefiro-a servindo à imaginação, do jeito com que sempre a serviu. A indumentária não se deve confundir. As outras artes que se confundam. As linhas do corpo das mulheres, o movimento dessas linhas, tudo o que torna as nossas companheiras as “desmentidoras” do Ecclesiastes, precisa das “realidades possuindo a magia do sonho”.

§ Francesca Nozières – Jeanne D’Arc era talvez mais alta do que ela. Ela é mais magra do que Jeanne D’Arc. Mas, são parecidíssimas. Só diferem muito nos vestidos. Qualquer coisa de irreal que tornou uma incompreensível, faz com que a outra seja bem ouvida e entendida. Nas duas, o mesmo ar de cima com desejo de ser alegre, o mesmo esquecimento da vida cotidiana, a mesma ansiedade de viver. Uma, agora, está no céu. A outra, graças a Deus, está na terra. Uma escutou vozes de santos. A outra escutou vozes de poetas.

§ O exagero da realidade põe um ar de mistério na vida. O que se tem, por ser muito, não chega. Vai-se procurar o mais que se deseja, nas palmas das mãos, nas cartas, na água derramada, nas nuvens, nos astros... A sorte... a boa sorte... Talvez porque eles sejam os antepassados de todas as relações, se eu quisesse conhecer o destino, havia de preferir os astros. Pela distância. Entre lá em cima e cá embaixo, embora os vácuos que há, o trânsito continua aberto. Os aviões não o perturbam. Nem o nevoeiro, nem o desengano. A artilharia de defesa é inútil. Andar sem ver tornou-se um modo espalhadíssimo de andar. Renan introduziu nos usos e costumes o ponto de vista de Sírio, que de fato, além do céu de São Tomás de Aquino, é a mais alta concepção da humildade humana. Que belvedere!

§ Por muitos pecados que cometesse, Renan teria a mais completa absolvição. Ele sugeriu uma obra-prima:

“No seu retiro, Pilatos, decerto, nunca se lembrou desse episódio que lhe levaria a triste fama até a mais longínqua posteridade.” *Vida de Jesus*.

“... um moço taumaturgo, galileu. Chamava-se Jesus; era de Nazaré, e foi crucificado por não sei que crime. Lembras-te dele, Pôncio? – Pôncio Pilatos franziu as sobranceiras, pôs a mão na testa como quem procura na memória. Depois de alguns instantes de silêncio, murmurou: – Jesus?... Jesus, de Nazaré? Não me lembro”. Anatole France: – *O Procurador da Judéia*.

§ Projetos de inscrições para o meu túmulo: I – Que silêncio, hein! 2 – Senta-te, e pensa, se também estás sozinho. 3 – ... e um resto de alegria... (Gastei muito.) 4 – Apenas peço migalhas de pão para os parciais. 5 – Parei de rir. Parei de chorar, Morri? 6 – Amei tanto a vida! Não é possível que eu esteja morto! Verifiquem... verifiquem... 7 – Não contem anedotas. Sei todas. 8 – O canto é o mesmo. Mas, agora, sem palavras. 9 – Com certeza sinto falta do mar. 10 – Eu também devia ter voltado como cheguei. Não foi possível. 11 – Foi para isto então? 12 – Não tenham mais medo. Já podem dizer todo o bem que sabem de mim. 13 – O grande domingo! 14 – Realizei o desejo: a casa de campo. 15 – Afinal, envelheci. 16 – Escutem: agora, sou apenas uma alma. Sabem lá o que é isso! 17 – Não tragam flores. Plantem uma roseira aqui. 18 – Obrigado!

§ Apesar de tanta guerra, a população do mundo cresce, e em trinta anos – informa o *Boletim Demográfico das Nações Unidas*, – estará aumentada de um bilhão e duzentos milhões de corpos. Agradável notícia para quem gosta de caras novas. Resta esperar que a gente por nascer, cresça

e se multiplique, de bom humor e com os conseqüentes bons modos. Que volte a doçura de viver! Que a pobre humanidade não se pareça mais com aquela menina do “Lírio Partido”, sempre apavorada, sempre triste, sempre procurando com os dedos um sorriso nos cantos da boca, onde os sorrisos nascem... Deus permita que não demore muito a vida melhor. Quero ver se pego no meu fim de Terra, o que mais desejei para todos: – paz... alegria... felicidade...

§ Houve um tempo em que eu também viajei. Corri mundo. Mas não fiz a volta do mundo. Depois, a vida mandou que eu desembarcasse. Desembarquei. Há quarenta anos. Muitas vezes, de volta do cais, ou do aeroporto, tenho seguido o rumo que vai seguindo quem levou o meu abraço. Vou de dedo, pelo mapa. Paro. Continuo. Chego. Agora mesmo, do Havre, na ponta do furabolos, parti para Paris...

§ Depois é que se sabe que foi sonho. Mas fica a lembrança. A vida é feita de lembranças assim. Epíteto, que mandava a gente suportar e se abster, deu um dia este conselho: “Ide à Olímpia, para ver os trabalhos de Fídias”. E acrescentou: “Cada um de vós considere uma desgraça morrer na ignorância dessas maravilhas”. Tenho ido muitas vezes à Olímpia. Zarpo daqui, desta mesa, num livro, melhor que num iate, mais seguro que num avião. Entretanto, eu gosto mesmo é de andar de diligência. Vou olhando. Vou escutando. Ontem, uma pasta de gravuras antigas me levou ao mosteiro de Monte Cassino. Nenhuma guerra passou por lá, capaz de o destruir. A cidade embaixo ainda é a cidade do reino de Nápoles. Os primeiros Beneditinos passam pelas ruas estreitas, sobem as lareiras floridas. Que biblioteca! Que quadros! De uma janela, vi a Albaneta, onde Inácio de Loyola compôs, em 1538, os estatutos da Companhia de Jesus. O fim da viagem era conversar com Tomás de Aquino, que também foi santo. Tomás de Aquino

no já deixara o monte; seguira para a Capital; fizera-se Dominicano. A gravura de que resultou a alegria de ir procurar o autor da Suma Teológica, esse querido Doutor Angélico, mostra como ele se dirigiu ao céu, no dia 7 de março de 1274, quando, a caminho de Roma, chamado pelo papa Gregório X, caiu doente e morreu. São Tomás de Aquino inspirou o artista. É pena o céu que descreveu, que vai, por uma escada. Compareceram à despedida Nossa Senhora e outras pessoas da sociedade. Um bosque ao fundo. Na esquerda alta, um castelo.

§ Este desejo de viver no campo, que anda enchendo de ar refrigerado os meus sentimentos, não veio da idade, com certeza. Veio, talvez, do tempo... Hoje, “ir para fora” tem um sentido mais exato.

§ Pensar! Eis uma distração! Deviam andar muito aborrecidos aqueles catedráticos da Universidade espanhola, que declararam a Felipe V: – “Longe de nós a funesta mania de pensar”. – Na fala da França, pensamento é amor-perfeito. Vamos cultivar essa flor. Plantando, dá.

§ Parece que a “nova ordem”, premeditada para o mundo e que, afinal, também parece, não foi possível, – era principalmente uma “ordem” contra a inteligência. Nos lugares que deviam ser ocupados, em geral, ela só encontrou o banco dos réus. Daí saiu com rumo à cova, à prisão, ao exílio, – conforme a maior ou menor quantidade de matéria-prima. Inteligência dirigida. Na Itália, por exemplo, Benedetto Croce sobrou, falando para dentro. Sobrara Pirandello, para quem a vida não era a que via, era a que imaginava. D’Annunzio tinha se evadido do tempo para o espaço. Amália Guglielminette, de tanto se calar, não pôde mais: morreu. Na Alemanha, discípula tornada mestra, não ficou ninguém. E na Espanha, quando Franco, traindo tudo, conse-

guiu exibir a sua vocação diante de Mussolini e Hitler, deu logo um tiro em Federico Garcia Lorca, – para começar.

§ A vida nasce do amor e do prazer. Por que essa quantidade de equívocos, depois, nas conseqüências?

§ Um dos meus amigos bem queridos é Di Cavalcanti. Em qualquer lugar onde esteja, nas suas viagens às vezes longas, quando se sente mais só, me escreve uma carta ou me manda um desenho ou um livro. De Paris, Madri, São Paulo, Buenos Aires, Porto Alegre... Das cartas: “Ando bebendo muito vinho e me deliciando com leituras do século XVIII. Quem me aconselhou foi o Cocteau, para curar minha tendência à sublimação. Na minha última carta parece que eu estava ainda no estado de sublimação. Não estou mais!” – “Eu hoje sou anarquista-cristão, como o bom Jesus, como os pobres das ruas com um violino debaixo do braço, como a vendedora de flores, do Quai St. Michel que me disse outro dia: – *Monsieur! Regardez Notre Dame derrière mes roses, comme elle est jolie!*” – “Não sou gramático porque não pude ser. Nasci capaz de dar a volta ao mundo, montado numa avestruz, coisa só realizável no século XIX, quando os homens tinham imaginação e as mulheres braços roliços.” – “Meu maior prazer de agora é ser poeta, coisa que sou de verdade, porque Deus quis. Este poema é para você:

*Noturno de Buenos Aires*

*Tuas mãos aplaudem.*

*Ó dançarinos do outro século!*

*Ó cantadeiras do outro tempo!*

*Ó céu sem nuvens!*

*Buenos Aires sonba.*

*Madri sofreu! Paris sofreu!*  
*Buenos Aires sonha.*  
*Tuas mãos aplaudem.*  
*Eu penso no fim do mundo.*  
*Este quarto de hotel espera:*  
*Espera a noiva feliz,*  
*A noiva do mundo novo.*  
*Ó dançarinos do outro século!*  
*Não é possível evitar o rumor dos beijos*  
*Não é possível esquecer os obuses no céu.*

*Tuas mãos aplaudem.*  
*Buenos Aires sonha.*  
*Por cima dos Andes*  
*Vai voando minha carta.*  
*Adeus. mocidade!”*

“Nesta solidão paulistana, a lembrança de dias bons da minha vida, não raro, povoam minha memória sempre forte. Você está sempre comigo. Não me esqueço do nosso primeiro encontro na casa de Roberto Gomes, numa noite... talvez uma das últimas coisas ‘simbolistas’ do Brasil. Lá estavam também o Felipe, o Homero e o Mario Simonsen, que leu uma comédia. Eu só prestava atenção ao que você dizia, porque era você minha grande admiração daquela época. E até hoje ela é a mesma. Acontece, porém, que à admiração se acrescentou a grande amizade, graças a Deus, cada vez maior. Lembro-me, às vezes, de você desfalecido nos meus braços, numa ambulância, o sangue correndo pela sua fronte branquíssima. Lembro-me de você em várias ocasiões e como sou muito visualista, quando recorro, tenho sempre a impressão de estar folheando um álbum de fotografias... Meu caro Alvaro, o bom

da vida é o Amor da vida. Sabemos que só valemos porque Deus nos deu um destino transitório. Estamos aqui para animar a pensão. E a cada um de nós cabe compor esta comédia que, evidentemente, deve divertir alguém... E a nossa felicidade é cumprirmos humildemente nosso destino.” – “Dia a dia fico mais solitário.”

§ Carta de Mário de Andrade – “São Paulo 29-I-36 – Meu querido Alvaro. Acabo de saber hoje pelo Manuel Bandeira, o desastre que você e Eugênia sofreram. Estou absolutamente horrorizado por tudo quanto você tem direito de imaginar de mim diante do meu silêncio e descarinho, mas venho lhe jurar com o mais puro dos corações que não sabia de nada, mas completamente de nada. Tenho, aliás, a esperança de que um simples raciocínio me perdoe dentro de você. Por mera educação social eu não deixaria de visitar conhecidos longínquos em casos semelhantes, quanto mais a você com Eugênia, com quem tenho mantido uma amizade inalterável, que jamais não se manchou, gente que eu quero mesmo bem. Da prisão de Eugênia eu soube, sim, mas aí preferi me calar. Não pelo medo de me comprometer, o que seria ridículo na posição oficial que ocupo e não pleiteei e de que daria graças se pudesse me safar, mas pela extrema delicadeza do assunto. Tanto mais sendo um assunto que ignoro, pois todas as numerosas horas que temos vivido juntos foram ocupadas na felicidade de estarmos juntos e Eugênia sempre perfeitíssima na sua bondade, na sua verdadeira generosidade para comigo. Alvaro, eu peço profundamente a você e Eugênia que acreditem em mim. Eu quero bem vocês com a mesma intensidade feliz e desinteressada de sempre, estou junto com vocês e só desejo com impaciência, com crença que tudo sossegue para vocês. Eu não sei raciocinar consolos nem creio que com a sua energia de alma você careça de consolação. Esta carta é só para pedir perdão a vocês de uma culpa que cometi sem ser culpado e lhes dar mais uma

vez meu coração sinceríssimo. Estou com vocês, estou torcendo, estou aguardando, estou desejando que as preocupações de vocês e sofrimentos, antes fossem meus que de vocês. Com o abraço mais verdadeiro do sempre Mário.”

§ Por muitos, muitos anos, escrevi, todas as noites, os sentimentos das horas passadas junto dos semelhantes. Escrevia e esquecia. Continuava a escrever. As horas boas e as horas que, a mim, não tinham parecido boas. Quando abri a gaveta, na manhã mais sozinha da vida, e comecei a ler aquelas folhas soltas, onde ficou guardado um tempo longo, não quis conservar as recordações aflitas. As coisas ruins acontecem, eu sei, mas devem ser, depois, como se não acontecessem. Da morada na Terra, só desejo lembrar, e contar, o que foi de entendimento, de doçura, de bem-querer. Não fique de mim, em nenhuma criatura humana, outra imagem que a da minha humildade, da minha inocência, da minha alegria. Se pedissem que me qualificasse em três palavras, eu responderia logo: humilde, inocente, alegre. Humilde, meu Deus, diante do teu pensamento sem forma, – inocente, meu Deus, na existência que me deste, como deste existência às águas, às flores, aos pássaros, ao sol, à luz, às estrelas, – alegre porque assim gostaria de ser, se tu não me houvesse feito assim, meu Deus!

§ Andersen: – Sem ninguém, passei andando pelas ruas, essa noite de festa em todas as casas. As estelas foram a minha árvore de Natal...

§ Joaquim Manuel de Macedo deixou entre os seus livros, um sobre *Mulheres Célebres*. Muitas. Até Joana D’Arc. Mas, a mulher célebre mesmo, de tantas escritas por ele, é a Moreninha. *A Moreninha*, embora mais moça que as outras, já fez cem anos, e está sempre naquela idade. Está no tempo em que os sinos tocavam a recolher às dez horas da noi-

te, tempo em que se falava assim: “Queimarei o incenso da ironia no altar da vossa vaidade.” As garotas chamavam-se “senhoras”. Os homens aborrecidos chamavam-se “macistas”. Os pronomes eram mal colocados. Cinco mil réis eram grandes possibilidades. Do amor se dizia: “... o tal bichinho chamado amor é capaz de amoldar seus escolhidos às circunstâncias...” O moleque levava cartas e recados; antepassado ambulante do telefone. Como não se usava praia, as barracas eram no campo. As conversas aconteciam diferentes. Abro o livro onde está a “Moreninha”. Vejo: “Em uma das ruas do jardim duas rolinhas mariscavam mas, ao sentir passos, voaram, e, assentando-se não longe, em um arbusto, começaram a beijar-se com ternura; e esta cena se passava aos olhos de Augusto e Carolina. Igual pensamento talvez brilhou em ambas aquelas almas; porque os olhares da menina e do moço se encontraram ao mesmo tempo, e os olhos da virgem modestamente se abaixaram, e em suas faces se acendeu um fogo, que era o do pejo. E o mancebo, apontando para as pombas, disse:

– Elas se amam.

E a menina murmurou apenas:

– São felizes...”

Macedo foi um Machado de Assis inocente.

§ Este vaso chinês, tão antigo, está com as asas quebradas. Mas sempre cheio de flores. É isto, amigo!...

§ Leio nos jornais que os automóveis estão matando muito. Lembro-me de que, em 1935, eles já faziam isso. Apenas com menos perfeição. Atropelavam mais do que matavam. Fui atropelado por não querer ser atropelado. Vinha um carro à disparada, ainda longe, pela Rua da Quitanda. Chovia. Em vez de atravessar, parei na esquina de Buenos Aires. Murmurei: “Lá vem um louco.” O louco fui eu. Outro

carro à disparada subiu da Avenida. Encontraram-se justamente em frente de mim, que perdi a direção. Voei. Cinco costelas, uma clavícula, um úmero aos pedaços. Tomei conhecimento de tudo ali mesmo. Sem os nomes. Com as dores. Assistência. Casa de Saúde. Oito meses de gazes, esparadrapos, injeções, e certo aparelho que me dava a aparência do rei Momo na quarta-feira de cinzas. De volta ao que se chama a vida, guardei como lembrança um braço curto. Porém o interessante não é isso. O interessante foi a descoberta do grande anestésico: o pensamento. Maior que a morfina, a cocaína, o éter, o ópio, o haxixe, construtores de paraísos particulares, e os demais, usados em geral na cirurgia. O filósofo que disse: “Penso, logo existo”, e o poeta que aconselha: “Se a tua dor te incomoda, faze dela um poema” andaram perto da salvação. Não conseguiram entrar. Faltaram-lhe os automóveis. Eu, tive-os. Por acaso, concordo. Quem descobriu alguma coisa de propósito? O grande anestésico! Na mesa do Pronto Socorro, durante os curativos, por decência eu era obrigado a sofrer. Não sofri. Não sofri porque pensei. Hora da morte. Pensei na minha casa, na minha terra, nos meus poetas, num bailado de Nijinski, em Carlitos, em Nossa Senhora da Soledade, num lápis de sete cores... Suprimi o corpo. O pensamento anulou o sofrimento. O grande anestésico!

§ Uma voz grifada...

§ Doente no hospital, vira pronome: – “Ele” passou bem a noite? – Este cobertor é para “ele”. – Vim dar uma injeção “nele”.

§ O teatro norte-americano, o verdadeiro, o que hoje dá àquela terra o prestígio que, com espanto, lhe deram antes os seus poetas raros, de repercussão universal, principiou assim: um grupo de escritores e de artistas de outras artes, com suas mulheres, se reuniu em Greenwich

Village, um arrabalde de Nova York, e, numa sala adaptada, se pôs a trabalhar. O público, de amigos, foi pouco a pouco aumentando, a cidade tomou conhecimento do fato, e dali, um dia, saiu o teatro Guild, o maior teatro do mundo, que tem agora mais de cem mil assinantes, obrigando cada peça a ser representada de bilheteria fechada trinta e tantas noites. No Guild se revelaram S. Glaspell, G. Gram Cock, Theodor Dreiser, Robert Sherwood, L. Beach, Sidney Howard, Elmer Rice, Ph. Moeller, Maxwell Anderson, Philip Bary, John H. Lawson, S. N. Berhman, Eugene O'Neill. As peças do começo foram todas estrangeiras; de Tchekhov, Andreiev, Schnitzler, Hauptmann, Maeterlinck. Lições... sugestões... A influência não impediu a originalidade explodida depois...

§ Renato Viana – Lutador. Derrotado. Não vencido. Levantava-se das quedas, saía do porão para a luz. Um pensamento o carregava. Uma esperança o animava. Na “Batalha da Quimera”, entre companheiros idealistas, iniciou a vocação, continuada na “Caverna Mágica”, partida em pedaços na tentativa do João Caetano, recomposta no Teatro-Escola. Deu a vida ao teatro.

§ Vagabundo feliz. Vai cantando e criando a música que sai do canto e é a sua música. Homem sem rumo. Caminha para onde a estrada o leva. Ser. Coisa. Sentimento encarnado. Natureza Viva.

§ Ontem parecia que hoje ia continuar chovendo. Não continuou. Foi por isso um dia bom. Toda a gente estava alegre de manhã: – Bom dia! – Bom dia! Os dias são sempre bons. Basta recebê-los com inocência. O espetáculo não presta? Há um pedaço que presta. Nunca me esqueço de um senhor, meu vizinho durante um bailado longo e monótono, num teatro onde o sono começava a substituir qualquer

outro prazer. A música era mesmo de matar. As bailarinas desengonçavam-se sem graça, de cor e salteadas. Bailarinas de fim de ano. A cena representava um jardim. Nos verdes do jardim passeava uma luz vermelha, que doía na consciência. E que calor! Os meus olhos, embora teimosos, perdiam as forças. Por duas ou três vezes eu já tinha cabeceado. De repente o vizinho bateu leve em mim, murmurou: – Repare: a quarta, à direita, que beleza! – Estremecia, encantado. Reparei. À direita, a quarta bailarina sorria, jovem, bonita, feliz, em onda com as companheiras. Era o pedaço que prestava. Guardei essa lição de sabedoria instintiva. Quando, por acaso, vou me cansando na vida, procuro logo a quarta, à direita. Encontro-a na certa. A vida é um bailado longo e monótono. Agora é principalmente um filme de título errado, como o que acabou de passar por aqui: “Tudo azul”. Pois, dentro das duas horas de bobagem que forneceu, houve a quarta, à direita, – o azul, enfim, numa canção. Vim com a lembrança da canção:

*As coisas boas do mundo,  
tu podes ter sem comprar:  
o sol, a lua, as estrelas,  
as nuvens, a sombra, o mar...  
os jardins cheios de flores,  
os pássaros lindos no ar...  
os pensamentos, os sonhos,  
tu não precisas pagar...  
e os minutos de desejo,  
e as horas de recordar...  
As coisas boas do mundo,  
tu podes ter sem comprar...*

§ Sigo pensando com o dia, a mesma cor nas idéias, a cor da chuva espalhada no ar, caída no chão, em pedaços nas árvores, nos veículos, nas casas, nas pessoas. Vou para os lados do cais, a olhar os cartazes das agências de vapores. Ah! se eu pudesse partir num desses vapores!...

§ Marques Porto, Duque, José do Patrocínio Filho tinham acabado de jantar, vastamente comido e vastamente bebido, no Stadt Munchen, no Largo do Rocio. Lembraram-se então dos bolsos vazios e não se esqueceram de que já deviam muito à caixa, onde o simpático Waldemar dava trocos e tomava notas. A conta era de quase duzentos mil réis, quantia enorme, naquele tempo. Decidiram mandar chamar José Segreto, empresário do Teatro São José e amigo certo das horas incertas. José Segreto veio, soube do motivo da chamada, impôs: – Pago, mas cada um de vocês tem que contar um caso que me impressione. – Acordo dos três. Principiou Patrocínio: – Ninguém ignora o que houve entre mim e Mata-Hari. O meu livro *A Sinistra Aventura* esgotou a primeira edição de cento e cinqüenta mil exemplares, em menos de uma semana. Os jornais do mundo inteiro, meses e meses, só trataram disso. Toda a gente acreditou que Mata-Hari foi fuzilada como espiã, pelos franceses... – Aproximou a cabeça das cabeças dos companheiros, olhou em torno, sussurrou: – Mata-Hari está em Jacarepaguá. – Duque continuou: – Uma noite...e-em Paris, e-eu ia sair pa-a-ara La Cigale, ba-a-ateram... fui abrir... era um se-e-enhor de monóculo... que me disse: “Aqui te-em cem mi-il francos e u-uma passagem no tre-em de luxo... da-as dez ho-o-ras para Berlim... O se-e-enhor vai e-ensinar o tan-ango ao Kaiser...” – Marques Porto terminou: – O rei Alberto esteve aqui no Centenário da Independência, com a rainha, e foi o diabo: a rainha teve uma bruta paixão por mim; a toda hora ligava o telefone para o Recreio me chamando e avisando que ia mandar flores. E mandava. – José Segreto pagou.

§ Morrer por amor: mania de perseguição.

§ Num homem ceando sozinho, o que entristece não é a solidão, – é a água mineral...

§ Come-se mal nos livros de Machado de Assis...

§ Abro a janela para a luz entrar. – Bom dia! Sorrio no espelho do banheiro, ao sorriso que veio comigo, do País do Sono. Vou guardar essa imagem bem lembrada o dia todo. Primeira consequência: o chuveiro tem água!

§ Procópio Ferreira embarcara para Lisboa, com Joracy Camargo. Mostrou a bordo ao companheiro o presente que ia dar a Erico Braga: – O Erico vai nos envolver em gentilezas. Quero mostrar-lhe, de chegada, a nossa gratidão. Veja. – Era um anel de ouro e brilhante. – Tudo de Minas Gerais, seu Joracy! – Uma beleza! – Mas, Joracy, que não levava nada, ficou pensativo. Na Bahia, desceu, foi ao mercado, comprou um violão rústico, por dezoito cruzeiros. Mais cinco cruzeiros custaram, numa papelaria, alguns lápis de cor. Encardiu o violão com cinza de cigarro e fez por cima o desenho de um coração atravessado por um punhal e um nome em volta: MARIA BONITA. Escondeu tudo. Erico Braga esperava o ator e o autor com um grande jantar, em casa, na companhia das figuras mais importantes do teatro português. Cordialidade. Alegria. E entusiasmo ao fim das palavras de Procópio agradecendo as palavras de Erico Braga e lhe oferecendo o anel. Acalmados os aplausos, Joracy pediu licença; de dentro do sobretudo posto no sofá, tirou o violão, disse: – Também eu lhe trouxe uma lembrança do Brasil, meu caro Erico. Não do Brasil dos metais preciosos e das pedras preciosas. Trouxe-lhe um pouco do sertão da nossa terra, um pouco do

Brasil rude e sincero, do Brasil de instintos naturais e sentimentos eternos, do Brasil que luta e sofre e canta. Trouxe-lhe o violão de Lampião. – Ergueu o instrumento. Houve uma espécie de êxtase. E logo todos se levantaram, correram para junto de Joracy. Procópio olhava, estarecido. Erico mal podia falar: – Oh!... oh!... obrigado... obrigado... – Joracy fechava os olhos, mordía a boca. O violão andou de mão em mão. Foi em seguida entronizado na parede principal. Até hoje lá está em plena sala de Erico Braga. Uma preciosidade.

§ Em toda a minha vida, do que mais gostei, foi de querer bem...

§ Ao nascer, era ao nascer que se devia cantar: “Adiós, pampa mia...”

§ Suicídio: excesso de velocidade.

§ Foi na Europa que nasceu a minha mocidade. Fiz vinte e cinco anos em Paris. Não consegui sair dessa contagem. Jean Dolent, você sentiu bem, olhando no espelho a sua cabeça branca, e fechando os olhos para se ver melhor: – Há quantos anos sou moço! Ainda não me cansei...

§ Agora se fala muito em ternura. Isso está acontecendo desde que as mulheres novas deixaram de encontrar homens novos para a alma. Não é verdade que as mulheres não têm alma. Têm. Muita. Algumas têm até alma e espírito. São justamente estas, as espalhadoras de ternura pelos quatro cantos da vida, onde se joga bem. Os velhos contemporâneos de Henry Bataille, autor da comédia evangelista: “La Tendresse”, – maiores abandonados, antes, – no momento estão todos com dona. São, também, antiguidades. Recordam coisas e criaturas que não se usam mais. Contam histórias do tempo em que os jardins tinham grades, e Eleonora Duse começava a morrer de Gabrielle

d'Annunzio. O outono era a estação onde todos desciam. A realidade se criava de imagens. Pelléas abraçava Mélisande, ao luar, no parque: – Como as nossas sombras são longas, esta noite! – Sim, nós estamos abraçados até o fim do parque. – Naquele tempo, Beethoven e Debussy, mais que a lua, faziam o luar. Andavam versos, soltos, entre o céu e a terra. Era-se de toda a poesia e de toda a música. Em Malines, Jef Denyn tocava Bach, nos sinos da catedral. Régine Flory, em Paris, dançava poemas de Baudelaire. Isadora Duncan... Os bailados russos... Jacques Copeau inaugurava o “Vieux-Colombier”. Os filmes chamavam-se fitas, e eram em silêncio. Lírio se escrevia com y. Florença punha flores nos pensamentos. Que prazer em escrever cartas, nunca à máquina em papéis de raça! Grandes vinhos! Grandes pratos! Grandes conversas! Sentia-se o gosto de viver. Delicadeza. Bom humor. Sinceridade. Um pouco de ironia, para perdoar. E como se amava! Ah! como se amava!... Tudo isso faz cismar em lembranças... A educação sentimental. A ternura é a despedida do amor. Aos que fumaram demais, ou beberam demais, ou se drogaram demais, não se tira logo todo o fumo, toda a bebida, toda a droga. Vai-se tirando aos poucos... diminuindo... diminuindo... diminuindo...

§ René Crevel disse de Paul Éluard: “É o tipo do inadaptado, segundo o sentimento dos seres sociais, e convencionais; está porém em ordem com ele mesmo, porque, justamente, não se submeteu a nenhuma ordem arbitrária. Pode-se definir Paul Éluard: um inadaptado adaptado à sua condição de inadaptado.” René Crevel não quis chegar a essa condição, – matou-se.

§ Com uma inocência encantada, todos os homens querem ter muitas mulheres... Nos olhos dos homens, a presença de uma mulher é a partida para outras mulheres. Talvez seja isso, instinto de defesa. Talvez

seja isso, excesso de velocidade. Não será a nostalgia do harém? É o que nos faz dizer, diante de certas mulheres: – Mas, como se parece com...! – com artistas de cinema, com personagens de romances, dramas, comédias, com bailarinas... com esculturas, pinturas, até músicas... Quantas Greers Garson já encontrei, quantas Michelles Morgan, quantas Avas Gardner, quantas Ingrid Bergman, – meu Deus! quantas Joans Fontaine. Nunca me esqueço de Beatrix (“Tanto barulho para nada”), que continua contando, em palavras e atitudes: – Quando eu nasci, uma estrela dançava... Madame de Gromance (Bom dia, Monsieur Bergeret!) também me tem perturbado bastante. A nossa Silvia Bertine, que morreu, moça, na Itália, em três semelhantes, pelo menos, já me deu saudades. Pelo menos, numa assim, Maria Abba surgiu, como em 1927, ondulando o corpo, caminhando apaixonada pela vida, os olhos escancarados para tudo. Ah! Tchernicheva!... Ah! Luz Veloso, vestida de Ofélia, e você, Angela Pinto, vestida de Hamlet, muitas vezes passastes por mim! A Vênus Calipígia estava na praia, de biquíni... Sim, em cada homem, há um sultão pobre, e um pouco triste.

§ Rio não é de chuva. Rio é de sol. Um pouco de água no céu, – claro! – faz bem à gente, à terra, até ao mar, como carícia. Mas esse exagero de trombas, pancadas, torós, dói em tudo. Os pássaros se escondem, as flores morrem. A compensação é ficar em casa, abrir um livro, uma revista, pôr um disco amado na vitrola, fazer bom tempo na cabeça e no coração. No Dilúvio não foi pior? Isso serve para ensinar humildade. Que é que valem os? Se nem força temos para deter a chuva!...

§ Uma casa no campo, igual à casa onde nasceu Hans Cristian Andersen, – para o sentir e lhe dizer: – Obrigado, Amigo! – Que ele saiba como é querido. A sua sombra é de doçura e união. Deixou herdeiros dessas relíquias. Muitos. Tantos que ainda podem ser todos. A

menina morta de fome e frio entre os fósforos não vendidos e queimados, numa noite de fim de ano, – voltou à Terra, cheia de sol, linda. Os homens indiferentes daquela noite, agora murmuram agradecimentos quando a encontram. Há um cansaço de maldade no mundo Vai chegar o tempo bom. Esperar a felicidade já é felicidade.

§ Estou ouvindo menos, e melhor...

§ Foguetes à Lua?... Continuo perfeitamente calmo: a Lua nunca deixará de ser “aquela” Lua, deusa, rainha, musa, padroeira de um mundo de silêncio, feito com todos os rumores adormecidos na sua claridade. Lua que ilumina até o fundo da alma. As ruas acesas não sabem vê-la. A Lua é do mar, do campo, da solidão. As flores nascem ao luar. Ao luar, o orvalho vem do céu. Cada criatura de Deus tem uma Lua. Lua das crianças, Lua dos velhos, Lua das mulheres, Lua dos homens. E a dos sapos, dos grilos, dos cães, dos rouxinóis. E a das árvores, das fontes, das estradas, das porteiras... a de Beethoven, a de Debussy... a de Londres sobre os barcos do Tâmis... a da Boca do Mato sobre as pedras do Macacu...

§ O beijo de Judas é, com certeza, o mais célebre e o mais triste dos beijos. Jesus perdoou. Ele sabia que o discípulo traidor não tinha culpa: estava cumprindo as Escrituras. Judas matou-se. Mas o filho de Deus, antes de voltar ao Céu, foi procurar a pobre alma e a conduziu para o Paraíso. Se o beijo de Judas permaneceu na Terra, como uma espécie de marca de fábrica, todas as suas vítimas têm que o perdoar também. O que é preciso é evitar os discípulos. Ninguém ensina nada a ninguém. Jesus continua a dizer: – “Amai-vos uns aos outros.” Em particular houve e há quem o escute, mesmo sem citar Elizabeth Taylor. Mas, em geral, – que gente surda!...

§ É preciso ser tolerante. Não por egoísmo. Não por piedade, não por desprezo. Sim por tolerância mesmo.

§ Nunca, se alguém me pedisse perdão, eu responderia: – perdôo. – Procuraria pensar: *Decerto a culpa foi minha.*

§ As mulheres feias acham sempre as modas exageradas.

§ Não te apresses em alcançar o fim. Vai andando... vai andando... a estrada é que é boa...

§ “Minha filha, minha irmã...” Sempre se tem que começar pelas palavras eternas. Pode-se viajar sem sonho? Essa viagem, havemos de refazê-la hora por hora, mais tarde, na idade em que talvez a noite caia. “A asa do vento alegre traz o cheiro das rosas...” “Como no tempo em que eu era pequeno, um pouco mais pequeno, gosto de me perder pelos caminhos, tento me perder por eles...” Penso nos outros. Penso em mim. A felicidade é um manto feito de retalhos, em que nos agasalhamos muito tarde. Retalhos de alegrias, de pequenos prazeres, de algum consolo, de todas as ilusões que nos revelaram a alma que nós temos. A vida nunca é sozinha. Sem saber, serenamente, vamos fazendo, com a vida cotidiana, que pertence a todos, a nossa vida, que ninguém conhece, vida-reflexo de tudo que os nossos olhos elegeram, de tudo que o nosso coração amou. Que imagens lindas andam nessa vida! e harmonias maravilhosas, e aromas que nos embalsamam! Sentimos nas mãos a graça com que elas pousaram na água, numa árvore, nas asas de um pássaro. Nas nossas palavras encontramos palavras velhas. Certos pedaços de música, ouvidos um dia, nunca mais esquecemos. Estão cantando em nós. Vêm do fundo da infância. Vêm, longe, da juventude. Vêm do instante em que descobrimos, espantados, que a mocidade

foi um jardim por onde passamos. Música, sombra murmurante do que angelizou em beleza e bondade o nosso destino... A noite vai chegar. É a partida para a viagem de regresso.

§ A mulher que passou pela praia, leve, fina, não sabia que ia dançando, e ia dançando. Obrigado, mulher que passaste pela praia. Em ti, pelo subir do sol, senti a graça do inverno. Ias cheia de vozes bem amadas. Vozes falando. Vozes cantando. Colhi as ondulações que deixaste no ar...

§ Creio, sem nenhuma presunção, que sou o homem mais amigo que existe debaixo do sol e da lua e de todas as estrelas. Gosto muito ou gosto pouco, porém nunca deixo de gostar, de gente, de bichos, de coisas. Só faço uma exceção: ainda não consegui gostar de ópera. Peço que me desculpem. Para mim, nem a música a salva. Experimentei ouvir ópera de olhos fechados. Os dós de peito os escancararam, e tive que ver as vozes soltas, em plena crise. Talvez o que atraía na ópera seja exatamente o exagero. É, decerto, a anormalidade furiosa, são os semelhantes diferentes, são as notas noutros lugares tão suaves, tão queridas, e que ali enfiam camisas de força nas mulheres e nos homens de vários registos; além do tenor, que pode ser tenorino, e do soprano, que pode ser lírico, dramático e ligeiro, o contralto, o barítono, o baixo, e o coro que organiza a grande mistura. E aquela nota final, aquela nota própria para arrebentar aplausos... Imaginem se os habitantes do mundo desandassem a viver cantando, em casa, na rua, nas lojas, nas repartições, nos bancos, nos trens, nos bondes, nos ônibus, nos lotações, nos variados encontros cotidianos! Como seriam as sessões da Câmara dos Deputados, do Senado, da Câmara dos Vereadores! Como seriam as filas! A felicidade dos surdos! A mágoa dos mudos! Na zona norte, na zona sul, nas praias, nos morros, nas florestas,

que duetos, que quartetos, que últimos atos! Alguém se conformaria a viver deste jeito? Quem sabe se não é o medo de terminar assim que leva tantos espectadores à ópera? A ópera é o teatro no hospício. Agora, ninguém pense que, por isso, eu reclame por haver os que adoram a ópera. Não. Cada qual com o seu natural. Prefiro o canto sozinho. Aperto a mão de quem prefere o canto acompanhado. O que desejo é que todos sejam felizes

§ Quando surgiu a notícia do contrato de casamento de Aracy Côrtes, a gente dos teatros ficou toda num alvoroço.

– Não faltava mais nada!

– É loucura!

No princípio ninguém acreditava, no fim ninguém queria deixar. Aracy encolheu os ombros. Tinha prometido que casava, e casou mesmo. Mas estou espantada: – Ora vejam, só! A primeira vez que eu resolvi fazer uma coisa direita na vida, todo mundo foi contra!

§ Se alguém me convencesse de que o anjo da guarda não existe, eu teria um grande desgosto....

§ Há o determinismo. Há o livre arbítrio. Não há nada, e há tudo. A questão é não ter pressa.

§ Os homens sem fé acreditam nos desertos. Eis o que eu chamo miragem. Não, não há desertos, como não há sinônimos, e portanto não pode haver clamores que andem errando nesses lugares. Como a verdade aparece sempre nua, muita gente, que acha a nudez imoral, tapa os olhos para não ver a verdade, ou então a espia por entre os dedos, – o que não é a mesma coisa...

§ Dentro da noite, com o silêncio imenso em torno de mim, deitado, sem sono, sou um rio, um rio que parou, um rio escondido na sombra de velhas árvores, um rio irmão de alguns que vi em Minas, e tiveram ouro no fundo. Na água imóvel, as imagens da vida se debruçam. Eu me reflito nelas...

§ Quase todos os meus livros foram-se embora num leilão. Sempre os li, guardando em pequenos cadernos o que neles mais me tocava. Conservei assim as almas dos velhos amigos. Os corpos estão espalhados. Muitas vezes me dão saudade. Vou então conversar com as almas...

§ Que é que eu deixo de mim? Frangalhos... Farrapos... Talvez que esses farrapos, esses frangalhos juntos tomassem uma aparência só... O vestido de uma cigana tirado de mim mesmo, o vestido da minha vida que andou nua porque o despedacei antes dela o vestir...

§ O que eu sou é monótono. Ou melhor: igual. De entre as palavras abolidas, igualdade foi a que sempre me acompanhou. Gosto de ser o adjetivo concreto de um substantivo tão abstrato.

§ Ah! como se precisa ter paciência! e que paciência se precisa ter para não mostrar que se precisa ter paciência!

§ Madame du Deffand gostava de observar o orgulho e a vaidade dos homens e das mulheres, quase todos e quase todas crenes de que estavam representando um grande papel. E como representavam mal!

Vive devagar. Olha muito. Ouve pouco. Os outros sentidos são inocentes. Nunca passes por uma fonte sem parar. Ela tem água, músicas e solidão. Dentro de ti guarda a lição dos pássaros. E põe no pensamento as flores do teu caminho. Pelas estradas dá companhia à tua

sombria, murmurando palavras amadas: Atenas, Porto Alegre, Florença. Repara que muita vida te segue, muita vida te protege. Vê as nuvens que também estão real, junto de ti, a criatura bem querida que te ampara a te diz assim, com um sorriso e um beijo: – Vamos para o mar. A manhã está maravilhosa. – Nesse sorriso, nesse beijo, nesse convívio está a vida que continua.

§ De tarde, agora, eu me lembrei de Eleonora Duse, que foi uma sombra iluminada da minha juventude, e é a recordação sempre viva da minha vida toda. E me lembrei do amor. Gabrielle D’Annunzio achava as mãos de Eleonora as mãos mais belas do mundo. Um crítico teatral de Lisboa achava horríveis as mãos da Duse. O crítico admirou a artista. D’Annunzio amou a mulher.

§ Graciliano Ramos – Todas as palavras com que nos desentendemos, não de juntar-se, afinal, cansadas, nesta palavra: compreensão. Ela tem uma imagem nos meus olhos: a que me dá o cair da noite. Ficou a lembrança do sol no ar. As estrelas vão-se acendendo. Outra luz desce do céu, pousa na terra, como para a criar de novo. Doçura. Calma. Paz. Agora o dia se vê... Graciliano Ramos sempre me deu, também, uma imagem semelhante. Acabei de lê-lo, mais uma vez. Tenho ainda, diante de mim, *Angústia*. Um homem fala. Um homem só. As vozes que chegam, passam pela voz dele, por onde passam as figuras, as casas, as ruas. As vozes, sobretudo. Com desejos, desalentos, felizes, desgraçadas, delirantes, perdidas. O homem as repete. Na sua boca, nenhuma é igual. Angústia. Sim, angústia. Luxúria feito pensamento. Dor do cérebro, espalhada pela corpo. Dor de ansiedade, dor de paixão, idéia fixa, idéia física, de carne e sangue, que se aniquila, que se transforma. Lembro-me de que Graciliano Ramos disse, nas primeiras recordações da *Infância*: “Houve uma segunda aberta entre as nuvens

espessas que me cobriam: percebi muitas caras, palavras insensatas. Que idade teria eu?” *Caetés. S. Bernardo. Vidas Secas. Insônia*. Todas as memórias. Graciliano Ramos parecia ríspido, agressivo, intratável. Parecia assim, talvez, porque, nas horas em que tantos, da mesma forma, se esticavam para cima, querendo descobrir ameaças e mais confusões, ele simplesmente, baixou a cabeça, e descobriu, no chão, a verdade. Compreendeu tudo. Não perdoou tudo. Não foi, velho Graça?

§ Não há personagens; há modos de ser do autor.

§ A gente parte da Avenida, e, em menos de meia hora, chega ao céu. O céu é na estação do Rocha, — a casa de Oscar Carneiro. Oscar Carneiro tem setenta e dois anos, e há vinte cinco vive sobre uma casa, sem queixa, sem tristeza, consolado do corpo pela alma. Cabelos brancos, barba branca, olhos profundos, de bondade e ternura, boca sorrindo como se estivesse sempre agradecendo. Parece um santo. É um santo.

§ Há uma lição na vontade de vida simples, com pouca e escolhida companhia. Nem é preciso ir para o campo. A casa de campo, bem quieta, pode ser em qualquer andar de um edifício. Depois de muitos anos de mistura, de aturdimiento, de conversa, estamos puros, tranquilos, silenciosos. A gente que nos sobrou é gente amada. As paisagens ficaram lembranças. Lemos os mesmos livros. Ouvimos as mesmas músicas. Nada de alegria se perdeu nos olhos. Uma coleção de rótulos traz em cada um o vinho nunca esquecido. Se os pratos de outrora saíram do trânsito por ordem do médico, o itinerário do tempo das coronárias dignas repete as viagens maravilhosas. Dieta, só na realidade. Na imaginação, entram grandes carnes, molhos sublimes, e queijos com que Deus perdoa as maldades humanas. A solidão, entre amigos definitivos, ainda

organiza organiza jantares iguais a aqueles que Paulo Barreto recordava e queria mais: “Quando, de novo, um jantar para o cérebro?”

§ A doce morte de Rosemonde Gerard, com quase noventa anos, recordou a doce vida de Paris, no começo do século. Fui procurar no *Diário* de Jules Renard, a beleza que Rosemonde Gerard deixou em muitas páginas, onde a paixão do autor de *Poil de Carotte* pela mulher do autor de *Cyrano de Bergerac* ficou extasiada.

§ 24 de junho – Maria da Graça, minha filha, hoje terias trinta anos. Foste para o céu, tão pequenina!... O céu... Quantas vezes, desde menino, andei com os meus olhos por ele, de estrela em estrela, de nuvem em nuvem. Vozes diziam: – Anda no mundo da lua. – A vida não quis que eu continuasse a andar no mundo da lua. Vieste. Baixei os olhos para te ver. Ia-os subindo com o teu crescimento. Cresceste pouco. As mesmas vozes murmuraram que tinhas voltado para junto dos anjos. Não me deste nenhuma outra tristeza. E hoje te agradeço esta tristeza, Maria da Graça: tu a transformaste em suave consolo. Minha filha que estás no céu...

§ No primeiro dia de setembro de 1952, o avião de Porto Alegre me trouxe o livro: *Caminho, Verdade e Vida*, com esta dedicatória: “A Alvaro Moreyra com votos de que em seu caminho encontre a verdade, como síntese máxima da vida. Sila.” Li o livro. Respondi: “Sila, gratíssimo pelo livro “do outro mundo”. Que bom! Eu não vi você “neste mundo”, e tenho saudades de você. Já nos conhecemos? Em que estrela?... Alvaro – 2, setembro, 1952.”

§ Foi assim que tu vieste para a minha vida. Não te chamo Samaritana. Mas que boa é a água pura do teu amor! Agora sei porque não en-

velheci. Andei... pela terra, sobre o mar, entre as nuvens, em torno do meu quarto... Muitos jardins me deram bons dias. Muitas estrelas me deram boas noites. Um fim de tarde cantou em mim a última canção: nome que lhe dei. A manhã surgindo trouxe outra canção, e o nome desta, de verdade, é a eterna canção.

§ Sila plantou folhagens e flores em toda a casa. Moro num jardim.

§ Fazer anos, para mim não é ficar mais longe de ti. Acabaram-se as distâncias, acabaram-se os tempos. “Era uma vez” sumiu-se. Tudo ficou “agora”. De manhã. De tarde, de noite, tu és sempre o meu Bom dia.

§ Não olho a casa. Olho as coisas... E a companheira que está lendo Garrett “...” a mim, que sou natural... Papeleira semi-rústica, do século XVII; tinteiro um pouco mais moço; a lâmpada, coitada, ficou pela metade, mas ainda ilumina; a tinta do Colégio dos Padres; o papel dos vinte e cinco anos; areeiro em vez de mata-borrão, e, em vez de pena de pato, (que pena!) a pena de aço muito fina, própria para alguém que comprou um livro no leilão de uma biblioteca antiga guardar com ela a lembrança. Tudo quieto, tudo cheio de melancolia como uma praia sem ninguém, ao sol. Coisas entre mim e as flores, os livros queridos, os burros silenciosos. Agora posso escrever às amigas e aos amigos, que são do passado também e mais difíceis de encontrar que um selo Olho de Boi, ou uma caixa de fósforos daquelas da Suécia, quando havia o morro do Castelo e a água vinha pelos Arcos lá do Corcovado, água de antes de Cristo.

§ Há uns amigos assim. Tem-se prazer em trazê-los para longe da cidade. Jean Dolent é dos mais queridos. Foi ele que me ensinou a não julgar. “Não pertenço à magistratura”. Por causa dele, muitas vezes

mudei de certeza. A certeza é uma ilusão interina. Jean Dolent me revelou que só as mãos que beijamos são brancas. Beijo as tuas mãos, amiga. Beijo as tuas mãos, como se fosse esta manhã a primeira vez. Olho para a paciência infinita do sol. Poesia, doença que não se cura, – Paralisia infantil; os sinais conservam-se escondidos. Alegria de me sentir contigo, e murmurar-te estas coisas inocentes, estas coisas suaves, iguais às vozes da água, do dia nascendo, da solidão, que estamos ouvindo... Debussy em ressonâncias... Entre as flores do campo, encontramos o nosso burro Mím. Traduzo para ti o que há nas cismas dele; há isto: – Eu também podia dizer: – “Ah! se vocês soubessem a quantidade de silêncio que carrego em mim!” Podia, se a minha voz não se tivesse calado toda nos meus olhos. É o silêncio do céu para onde sobem os suspiros e os sorrisos. É o silêncio do rio que vai levando o céu e a terra. O que me falta é o físico do papel. São as orelhas que me atrapalham. Pobres orelhas! – asas antigas, com certeza. De que fui anjo, não duvido. Mas, que bom se eu me lembrasse do homem que fui. Ou da mulher que fui. Não penso em correspondências, em desenvolvimentos, em mudanças. Nada de sofisticacões. Que manhã bonita! Obrigado, meu Deus!

§ Vive devagar. Olha muito. Ouve pouco. Os outros sentidos são inocentes. Nunca passes por uma fonte sem parar. Ela têm água, música e solidão. Dentro de ti guarda a lição dos pássaros. E põe no teu pensamento as flores do teu caminho. Pelas estradas dá companhia à tua sombra, murando palavras amadas: Atenas, Porto Alegre, Florença. Repara que muita vida te segue, muita vida te protege. Vê as nuvens que também estão passando. Vai como num sonho. Quando acordares, sente que tens, exata, real, junto de ti, a criatura bem querida que te ampara e te diz assim, com um sorriso e um beijo: – Vamos para o mar. A manhã maravilhosa. – Nesse sorriso, nesse beijo, nesse convite está a vida que continua.

§ Um poeta que morre deixa um silêncio no mundo. Esse silêncio se transforma em imagens, sentimentos, idéias, e fica iluminando os outros homens. Silêncio dos espelhos, silêncio dos lagos, do cimo das montanhas, das grandes estradas noturnas, brancas de luar, sonatas paradas. Paul Eluard morreu, e deixou no mundo um silêncio assim, silêncio onde a sua voz se apagou, a voz de Paul Eluard que disse: — É a ardente lei dos homens: da uva eles fazem vinho, do carvão fazem fogo, dos beijos fazem homens. — É a dura lei dos homens: conservam-se iguais, apesar das guerras e da miséria, sobre todos os riscos de morte. — É a doce lei dos homens: mudam a água em luz, o sonho em realidade, e os inimigos em irmãos. — Uma lei velha e nova, que se vai aperfeiçoando, do fundo do coração ingênuo até à razão mais alta. — Mas nós ouvimos o teu silêncio, Paul Eluard!

§ Relida a *Vida Literária*, de Rosário Fusco. A palavra crítica é uma palavra bem desmoralizada no Brasil. Parece, contudo, que não há motivo para isso. É a nossa velha tendência de julgar as coisas pelos pormenores. Ficamos perpetuamente a repetir que depois de Silvio Romero, Araripe Junior e José Veríssimo, não houve mais crítica aqui. Houve. Basta citar Prudente de Moraes Neto. Há. O livro de Rosário Fusco está provando. É um poeta que lê e conversa depois. Dá o seu sentimento e as suas idéias. Não julga. Descobre. Comenta. Esclarece. Aproveita o particular de um autor para ir ver o geral dos homens. Fala, a propósito de um rápido poema, na prosa longa da vida. Mostra certas verdades que podem servir para a compreensão de certos equívocos.

§ És o dia que faz...

§ Quando Deus criou o mundo, e foi descansar, — na planície e na montanha, tudo era campo, e tudo era bom; árvores, águas, flores, pás-

saros, bichos em geral, um homem, uma mulher. O homem não tinha nada que ver com o macaco corredor, nem a mulher com qualquer macaca. Filha de Deus, filho de Deus, por ordem de Deus povoaram as paisagens, abriram rumos, encheram a vida. Depois, apareceu a primeira aldeia, que preparou a primeira vila, de onde explodiu a primeira cidade. Veio daí o que ainda se chama: civilização. Daí veio a bomba atômica! Mas, da inocência primitiva, ficou muito sonho realizado. Ficou, por exemplo, Teresópolis, – Teresópolis entre o céu e a terra. A gente só não apanha as estrelas porque, no céu, as estrelas são mais bonitas. Está em Teresópolis a Toca da Cigarra, dada por Deus a Olegário Marianno. É lá que Deus passa os seus fins de semana, com os amigos do poeta, as fontes, as cascatas, os rios alegres, os tico-ticos, os joões de barro, os sabiás, os dias vindos diretamente do Paraíso, as noites perfumadas de madressilva... Silêncio! Felicidade! Doce, encantada paz de viver em paz. O portão da Toca da Cigarra tem este convite:

*Fica à beira do caminho  
Minha pousada. Entra, irmão.  
Quero que bebas meu vinho,  
Quero que comas meu pão.*

Que sossego! O vento balança, amoroso, as folhas das árvores. Não há estradas. Há pequenos caminhos abertos entre beiras floridas. As outras casas ficam longe. O sonho vem do fundo dos olhos de onde a alma espia. Não fecho os olhos para os distrair. Fecho-os para guardar... guardar as belas imagens...

§ Os judeus têm sofrido muito, desde a marcha inútil para a Terra da Promissão. Os cristãos, também, muito têm sofrido desde a morte de Jesus. O autor da *História do Povo de Israel* e da *História das Origens do Cristianismo* – o excomungado Ernest Renan, – entendia bem desses mistérios...

§ Festa de íntimos: São Francisco de Assis, há setecentos e vinte e seis anos, foi para o céu, no dia 4 de outubro. Pouca gente soube, além de uns pobres, de uns simples, de uns bons. Não se acenderam fogueiras, nenhum foguete rebentou nos ares, nenhum discurso rebentou nos ouvidos. A família reuniu-se silenciosamente, e de mãos estendidas para o sol, as flores, os pássaros, as estradas, louvou o irmão bem amado, pela sua solidariedade, pela sua ternura, pela sua poesia. Que pena os santos não voltarem! Se São Francisco de Assis voltasse, ninguém decerto lhe pediria a receita de poder passar quarenta dias e quarenta noites sem comer, receita que talvez fosse gostosa. Mas, entre as coisas deixadas por ele na memória do mundo, estão as palavras com que cantou a água – “a irmã água, que é mui útil, e humilde e preciosa e casta”. Se São Francisco de Assis voltasse à terra, nós lhe iríamos rogar que fosse a água diminuída de uns rios e a água somada a outros rios, mostrasse a cada uma como é triste a seca e como é triste a enchente, e a cada uma pedisse: – Sê natural, minha irmã, sê natural...

§ Um homem. Uma flor. Um pássaro. Uma árvore daquelas, esguias que, de longe, na sombra, parecem Pierrots e são os alegres ciprestes da Itália. Toda a natureza estava em São Francisco de Assis. Toda a vida ia pelas estradas com o irmão de Jesus. A imitação de Cristo em forma de caminheiro. Toda a eternidade se comunicava pela voz de São Francisco de Assis que a gente entendia, e entendiam as águas, as plantas, as pedras, os irmãos, de asas ou patas, os que rastejavam no chão, os que nadavam nos lagos, nos rios, nos mares. Santo dos poetas. Quando digo poetas, penso nos que andam sobre a terra, humildes e bons, simples e serenos, puros e harmoniosos, os que recebem a dor como uma rosa, e repetem agradecidos, o Cântico de São Francisco de Assis: – “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, e sobretudo pelo irmão sol que nos dá a luz do dia!... pela irmã lua e pelas

estrelas... pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pela bonança e por qualquer tempo... pelo irmão fogo... pela irmã terra, que nos sustenta e alimenta e produz tantos frutos, com ervas e flores de tanta cor! Louvado sejas, meu Senhor, por todos os que perdoam pelo teu amor, benditos os que sofrem em paz!” ... Em paz São Francisco!...

§ O violoncelista Pablo Casals tinha quase oitenta anos quando se casou com Martita Montanez, de vinte anos. Ela o salvara da morte, e lhe trouxera de novo a vida e o amor. Ele morava, desde a guerra contra a Espanha, em Prades, na França. Não queria ver o mundo. O mundo foi procurá-lo. Em 1951, na igreja do povoado, gente de todos os países se aglomera. Casals chama, do fundo da solidão, Bach, Beethoven, Brahms; sente-os como nunca. No fim, recorda a canção de ninar com que sua mãe, nascida em Porto Rico, o adormecia no colo. Toca-a e murmura as palavras. De repente, uma voz clara sobe, suavíssima, e canta a canção, – uma voz de adolescente, – Martita Montanez, também de Porto Rico. Marita volta mais tarde a Prades, rica de uma bolsa de estudos, para aprender com Casals. Aprende até 1957. Antes do Natal de 1957, chega uma carta paterna, com a ordem de viajar para a casa. Martita sabe que não pode ir sem Pablo. Pablo sabe que não pode ficar sem Martita. “Vamos juntos. A música nos dá a mesma idade. Pedirei que me deixem casar com você.” Vão. Casam-se. Felicidade!

§ Charlie Chaplin continua a contar. Como nos contara “Winkler”, “Monsieur Verdoux”, “Calvero”, “Um rei em Nova York”, contará outros homens. Foi Charlie Chaplin que nos contou Carlitos, a vida do vagabundo Carlitos, estado a que chegou, na Terra, um anjo caído do Céu. Conto sem palavras. Carlitos. Inocente. Triste. Fazia rir com a sua inocência e a sua tristeza. Carregava as coisas mais belas do

mundo. Poesia. Lembro-me dos olhos dele e do sorriso que nunca pôde sorrir. O corpo de Carlitos era um bailado de folhas mortas. Música. Lembro-me dos passos, dos gestos de Carlitos. Bach assinaria fugas de Carlitos. – Chopin assinaria noturnos de Carlitos. Pierrot de Willette, longe de Montmartre. Lírio. Lágrima. Sim, um anjo no exílio. Disfarçado nas calças sem fim, no fraque cada vez mais roído, em cima dos sapatos enormes, o coco dançando na cabeça, a bengalinha entre os dedos, – não tinha idade. Sempre igual. Orfeu sem lira, Hamlet na rua, Dom Quixote a pé. Orfeu, Hamlet, Dom Quixote, mais ou menos sozinhos, falaram. Carlitos não falou. Carlitos... lado de fora da nossa sensibilidade... nós todos por todos os caminhos... Imigrante, pastor de almas, vidraceiro, artista de circo... Sofreu em busca do ouro, sofreu na guerra, sofreu na cadeia. As luzes da cidade marcaram o chão com a sombra de Carlitos. Passou pelos tempos modernos. Barbeiro tímido do gueto, um dia o confundiram com o mais arrogante dos ditadores. Doce irmão das estrelas e das esquinas. Um espantalho. Mas em Carlitos os pássaros vinham pousar, cantando. Carlitos não morreu. Partiu. Voltou para o céu. Agora o veremos em imagens e semelhanças. Agora lhe levaremos flores. Tão amoroso! Tão puro! Tão repellido! Não sabia distinguir o bem e o mal. Tudo para Carlitos era o mesmo espanto encantado, a mesma ternura esparsa nas coisas e nos seres. Um homem. O homem mais solitário do mundo. Entretanto, como parecia, assim, um bando de pardais, dos que moram nas árvores dos cemitérios, e, desde que o dia acorda, andam pousando contentes sobre os túmulos... Amor da vida, perdão da vida...

§ Quando Charlie Chaplin o criou, – tão diferente do século em que estamos, e entretanto o seu homem mais expressivo, – os outros homens, sem felicidade interior, acharam graça e disseram:

– Pobre Carlitos!

A pobreza de Carlitos está nos olhos que o vêem assim, mal vestido, silencioso, um pouco espantado. O ar de Carlitos é de quem oferece. Por que supor que ele vai pedir? Carlitos não sabe o que é a pobreza. Não a sente. Filho da estrada, crescido no sol e na chuva, se lhe perguntarem pelos parentes, há de sorrir para o luar, para o orvalho, para os jardins. Os seus amigos são os cachorros sem dono e os pássaros que acordam as madrugadas e adormecem as tardes. Íntimo das nuvens e das estrelas. Andando, andando, descobre a simpatia de tudo, cumprimenta, agradece. Humilde como quem tem razão. Puro como quem tem esperança. A flor de Carlitos é a rosa; e eis por que Carlitos não fala. A árvore de Carlitos é a oliveira. Se Carlitos pudesse, juntaria as mãos de todas as mulheres e de todos os homens, faria uma roda de amor para fechar dentro dela a vida...

§ Riso é luz. No campo, de madrugada, tudo está rindo. Como o riso do campo, nosso riso não tem idade; veio de um encantamento, esquecido mas vivo; expandiu-se no corpo, no espírito, entardeceu, ficou sendo sorriso, – reflexo infinito. Vejo-o assim na noite que chega, no jasmineiro que o vento balança, no rio que passa, sempre o mesmo rio, no canário-da-terra sobre o muro, na madressilva em volta da varanda, na Bem-Amada que pergunta: “Os meus cabelos não começam a embranquecer?”, em mim que respondo: “É o luar”.

§ Eu queria que fosse uma oração. Uma oração para te bendizer, para, te chamar, docemente, de alma a alma: minha. estrela, meu jardim, minha esperança – ó companheira!

§ Desde que te reencontrei, neste mundo, tive tudo que deixara contigo lá... Como te contar quanto deve à tua vida a minha vida! Ago-

ra sei por que não parti da Terra: ia chegar o tempo de te ver de novo, de te escutar ainda, de te sentir toda, sempre!

§ Felicidade não faz festa de aniversário Ela é festa sem fim, o dia de hoje enche de cantos a manhã, espalha música em tudo, na luz, na pele, na alma. A ti eu agradeço a certeza desta felicidade. Vieste com as primaveras que não senti quando passaram, vieste, vieste com as cores mais belas, os ritmos mais queridos, o perfume da mocidade, gosto do amor, carícia do corpo que ilumina o espírito. Cismeí que a vida era de cabeça baixa. E nunca mais vi o sol, até que apareceste junto de mim: Para te ver, tirei os olhos do chão. Para te ver, vi o sol. Ele é a auréola da nossa casa, a chama da nossa lareira, a lâmpada da nossa solidão... Vamos à Caríntia hoje. Nem pelo mar nem pelo ar. Sem sair da terra. Neste livro cheio de aldeias, lagos, jardins, o monte Grossglockner, o rio Drave. Tudo na Áustria, ao lado da Itália. A Praça Nova da Capital tem uma fonte, a fonte tem um dragão e um camponês. O camponês, há mais de trezentos anos, ameaça matar o dragão com uma clava. A gente de lá diz que, no dia em que o dragão se mexer, o camponês o matará. O dragão não se mexe. É um bom dragão, mais digno que o de São Jorge, na certa descendente do chinês, usado como companheiro pelo Deus da Longa Vida e da Estrela do Sul. Há, em Caríntia, entre recordações germânicas, eslavas, latinas, as de Walther von der Vogelweide, mestre-cantor, e as dos antepassados de Rainer-Maria Rilke, nosso amigo, junto de nós. Se quiseres eu te dou, para o outono, uma dessas casas pequenas, à beira do lago Weissensee. Ou preferes um castelo, o de Hochosterwitz, o de Moosburg; o de Spittal?... Não? Apenas a lembrança da viagem numa flor? Qual delas escolherei?

§ Aquele João da Ega, d'Os *Maias*, sem supor o que ia acontecer, tantos anos depois, com os átomos desagregados, quase escreveu as

“Memórias de um Átomo”: “Este átomo (o átomo do Ega, como se lhe chamava a sério em Coimbra) aparecia no primeiro capítulo, rolando ainda vago das Nebulosas primitivas: depois vinha embrulhado, fásca candente, na massa de fogo que devia ser mais tarde a Terra; enfim, fazia parte da primeira folha de planta que surgiu na crosta ainda mole do globo. Desde então, viajando nas incessantes transformações da substância, o átomo do Ega entrava na rude estrutura do Orango, pai da humanidade – e mais tarde vivia nos lábios de Platão. Negrejava no burel dos santos, refulgia na espada dos heróis, palpitava no coração dos poetas. Gota de água, nos lagos de Galiléia, ouvira o falar de Jesus, aos fins da tarde, quando os apóstolos recolhiam as redes; nó de madeira na tribuna da Convenção, sentira o frio da mão de Robespierre. Errara nos vastos anéis de Saturno; e as madrugadas da Terra tinham-no orvalhado, pétala resplandescente de um dormente e lânguido lírio. Fora onipresente, era onisciente. Achando-se finalmente no bico da pena do Ega, cansado dessa jornada através do Ser, repousava escrevendo as Memórias...” Não escreveu. E agora se sabe por quê: o último capítulo, o da bomba, envergonharia para sempre a família, a enorme família dos átomos...

§ Quando eu era estudante de Direito, uma noite de chegada a Porto Alegre, para as férias, minha amiga Beleta disse na “varanda” lá de casa: – O Alvaro, basta desejar qualquer coisa, logo a obtém. – Respondi: – Quero tanto uma coruja de verdade, não a consigo. – Ouvimos um baque na janela. Corremos a ver o que era: era uma coruja de verdade. Sim... Mas, às vezes, o “logo” se torna em muito “depois”. Quarenta anos passei pelos sonhos a vontade de ir viver na Itália. Vou, afinal. Decerto, agora é que é o tempo... Preparo a viagem. Penso na juventude. Escuto-me ainda rezando à Florença: – Tu foste a extrema-unção do meu destino errante, terra aonde venho amar de mãos postas a vida! –

Deixo sempre no ar, com antecedência longa, idealmente, o que hei de repetir, mais tarde, na realidade. Regressarei à Itália no fim da primavera. Escolherei três das suas rosas: uma para Eleonora Duse, uma para Clara Della Guardia, uma para Luigi Pirandello. As outras flores pertencerão a Santa Cecília, Santa Clara, São Francisco de Assis. Junto da companheira que Deus deu, essas e esses são as amigas e os amigos que o diabo não tirou. Tenho algumas e alguns assim, no Céu, na Terra, em todos os lugares. E tenho também, de formas diferentes, as fontes onde a água, desde 1914, canta sem os meus sentidos e a minha devoção perto dela... Querida água! Você se lembra de mim? Se você se lembra, me reconhecerá? Sou o pequeno brasileiro... aquele pequeno brasileiro que volta. E para sempre...

§ Não fui... E para sempre?... O “logo”, quem sabe? vai, talvez, se tornar em muito, muito “depois”...

§ 31, maio, 1954 – Hoje foi dia de olhar para o céu. De manhã para ver a chegada lá de Benjamin de Oliveira, que dormiu cedo, ontem, e os anjos o levaram à morada de Deus, onde estão os homens irmãos dele, os homens bons, amigos dos pequenos, dos simples, dos humildes deste mundo. Benjamim de Oliveira escolheu uma profissão que, às vezes, não tem sido compreendida: era sincero, puro, fazia rir sem maldade. Não foi palhaço, – foi um palhaço. Da família que tem Charlie Chaplin entre os grandes.

§ Aeromoças... Símbolos de todas as mulheres. Haverá outras? As mulheres sempre foram as companheiras de vôo dos que vão, pelo espaço, de ida ou de volta, com um desejo, rumo de alguma felicidade... Dão a doçura de crer, que leva a todas as ilusões; dão a doçura de amar, que leva a todas as certezas.

§ Otelos possuiria razões para afirmar que é uma felicidade, morrer. Razões não se discutem. Entretanto, prefiro o sudanês Heir Alla, que só se aborreceu da vida depois de cento e trinta e cinco anos; decidiu não comer mais e acabou-se, em Omdurman. Que paciência! Que curiosidade! O que esse homem olhou! O que esse homem ouviu! O que esse homem leu! Decerto o aborrecimento lhe veio porque pusera a esperança na paz que ia haver, e a paz não houve... Estava muito velho para entrar na fila. Foi-se embora. Mas nós estamos firmes na fila. Há de haver paz! Há de haver paz!

§ Onestaldo de Pennafort – Ele escreve como se ouvisse, do fundo da memória, os ecos de uma música perdida, vinda de toda a harmonia, de toda a beleza que houve na terra e no coração dos homens. Música extasiada, feita em silêncio, dentro de cada um de nós... Possuem uma sedução quase física, os poemas de Onestaldo de Pennafort.

§ Quem me levou para o rádio foi Ivo Peçanha. Ele fez uma entrevista comigo. Gostou. – Quer fazer uma crônica diária e dizê-la aqui na “Cruzeiro do Sul”? – Quero. Passei três anos naquela PRD2, tão simpática: Augusto de Gregório, diretor; Ivo Paulo Roberto, Rubens do Amaral, companheiros. Em 1945 vim para a “Globo”. O rádio me ensinou a ser mais simples, para ficar mais perto. Há muitos analfabetos. Não há tantos surdos.

§ Quando veio a primavera, Colette olhou para o jardim do Palais Royal, viu as crianças brincando e disse: – Este ano as crianças não gritam tão alto. Depois, as flores do abajur lhe pareceram pálidas. Ainda pôde sorrir: – Os sentidos se gastam com a vida... – Vivera muito. Pressa na cadeira de rodas, partia, ia indo, amorosa das coisas e das criaturas. Agora não a veremos mais. Tomou o largo, não o deserto. A he-

rança de Colette é a coleção das suas imagens, em tantas idades, em tantos caminhos...

§ O tempo passa... Que mal há nisso? Certas criaturas ficam sempre na mesma idade, e essa idade é a do dia em que as conhecemos e começamos a lhes querer bem. Que importa que um jornal daqui publicasse, domingo, o retrato de uma mulher de muito tempo, e garantisse que era o último retrato de Colette! Não era, não. Colette é ainda, na memória de nós todos, aquela menina grande, estouvada, às vezes um pouco áspera, doida na aparência, bem ajuizada na realidade. Saudade de Claudina no corpo da Vagabunda. A mulher que esbarrou no destino quando andava cismando noutra coisa. Magra, de cabelos tontos, irmã de todos os bichos, risonha e triste. Capaz de morrer por um exagero, e natural, instintiva, com a melancolia de quem sabe, com a alegria de quem quer saber. Foi para cada um de nós que escreveu: “Adeus... Procura longe de mim a mocidade, a beleza nova e intacta, a fé no futuro e em ti mesmo...” A carta inacabada... Depois, andamos todos em busca dos pedaços que faltavam; e foi, na distância, como uma conversa que não chegou ao fim. Veio a primeira guerra grande. Veio a segunda guerra maior. Então, Colette teve um sentido mais profundo para os seus amigos esparsos pela terra: – guardamos nela a França.

§ De tanta coisa que se tem dito de Colette, gosto mais desta coisa que disse Francis Jammes, quando a nossa amiga contou os diálogos entre uma gata e um cão, Kiki-la-Doucette e Toby Chien: “Poeta, e verdadeiro, sois, e isto afirmo sem me atrapalhar com as lendas que os parisienses inventam sobre as suas celebridades. Os parisienses admiram menos Gaughin e Verlaine pelo que eles fizeram de genial, que pelo que eles fizeram de excêntrico.” A Francis Jammes pouco se lhe dava que Colette usasse cabelos curtos, e calças de homem; fosse aos

concertos, de gato no colo; servisse água ao cachorro num copo alto de cristal... “Para mim, nunca deixastes de ser a dona de casa por excelência, que, de manhã cedo, vai dar aveia ao cavalo, milho às galinhas, alpiste ao canário... e depois prepara o café com leite, e todos os dias medita sobre o livro admirável: *A Casa de Campo das Damas*, pela Senhora Milet-Robinet, – contra tudo que tentou complicar vossa graça de madressilva... Mulher que nunca maltrataria nem um torrão de açúcar, nem um camundongo... que salta numa corda enrolada por ela com nomes de flores para nos deslumbrar... e canta a canção da límpida ternura com a voz de uma fonte da França”. A “dona de casa”, depois, foi para o teatro, apareceu em pantomimas, interpretou papéis, de cidade em cidade, no tempo bom e no mau tempo. Cumpriu obrigações numerosas e diferentes. Daí lhe veio a definição de preguiça: executar sem intervalo muitas coisas diversas. Mas a “preguiçosa” voltou à mesa de escrever, diante do papel azul; no meio de bolas de vidro de todas as cores. Nunca saiu, entretanto, da casa onde nasceu, em Saint-Sauveur-en-Puysaye, num dia 28 de janeiro. Está sempre nascendo. O pensamento da morte é o pensamento que nunca teve, – única desigualdade com Sidonie Colette, a mãe que adorou e immortalizou, a Sidô bem querida de quantos querem bem a Colette. Das cartas guardadas da velhinha encantadora, Colette publicou esta, escrita da mansão provinciana, a Henri de Jouvenel: – “Recebi o convite para passar uns dias ao lado de minha filha. Sabe que a vejo pouco, e sabe quanto estar junto dela me faz feliz. Comoveu-me o delicado oferecimento. Mas peço-lhe que me desculpe recusá-lo. Não posso ir a Paris agora. Eis por que: meu cacto vai provavelmente dar flor. É uma planta rara. A pessoa que me trouxe de presente esse cacto informou que, no nosso clima, ele só floresce de quatro em quatro anos. Ora, já estou muito velha; se me ausentasse agora, e, longe de mim, o cacto florescesse, tenho certeza de que não o veria dar flor outra vez...” – Viu o cacto florescer. Morreu contente.

§ Quantos cactos Colette viu florescer, de quando ainda não ia à escola até à hora em que para ela a estrela Vésper se iluminou no céu! – “a hora de puxar as cortinas queimadas pelo sol...” Rubem Braga trouxe-me o livro de lembranças de Colette, e escreveu na primeira página: “Ao Alvaro, este livro que ensina a envelhecer.” Como não se vê aí nenhuma fadiga, nenhuma queixa, nenhuma desilusão! Querida! Imobilizada na sua cadeira, vive de tudo, vive de todos, e espera a primavera... O verão se impõe. O outono acaricia. O inverno é talvez perigoso. Na primavera ficamos irmãos dos pássaros... Há pássaros em gaiolas, e cantam. Vinte anos, trinta anos de menos, onde está o mal? Uma vez, diante do verbo mudar, pensou que era com certeza um verbo mágico: – não deixa parar, transforma o que é no que era, – criador das imagens sumidas... Da janela do Palais-Royal, que vôos! Colette corre das nuvens densas às leves exalações sobre os ramos das árvores, e que amanhã serão folhas verdes. Quando retorna, vai pôr em ordem as gavetas, arruma os retratos, as cartas, pedaços de fitas, pétalas secas... Desconfia que não tem a menor imaginação: “Se não tenho mesmo, que bom!” Disse assim, e dissera antes: “Quando sonho – sonho pouco – encontro o prazer de que me privam as horas acordadas. Se conseguisse recuperar a minha perna, iria a uma luta de boxe. Iria ver, da primeira fila, os hérules greco-romanos se debatendo. Iria a um filme de grande competição hípica. Em sonho, muitas vezes tenho ido”. Fora do sonho, ouve música, recorda os gatos, os cães, algumas mulheres, alguns homens, e conversa com as rosas, as tulipas, as papoulas, os lírios, as gardêneas, os jacintos, as orquídeas, as glícínias, as anêmonas, as camélias, os *muquets*, os narcisos, as violetas... As flores são as suas últimas amigas. E todas as flores do mundo querem nascer para Colette...

§ “Entre Toulouse e Pau, o ano passado, viajei com um homem cortês, que tinha belos olhos de cabra. Disse-me que era subprefeito

de Oloron, e seu prestígio não aumentou por isso. Mas disse ainda que conhecia Francis Jammes, — e desceu logo depois, curioso talvez de saber por que essa passageira sem companhia, apenas polida antes, se despediu, em seguida, com um olhar e um sorriso quase de ternura... Ele conhecia Francis Jammes...” Assim falou Colette, em 1911. Assim falamos nós, deste tempo, hoje, embora não seja este tempo, como o homem do trem, cortês: — também o olhamos, também lhe sorrimos, quase com ternura: — ele conheceu Colette...

§ Na América do Norte estão começando a produzir uma “comida sintética”, para poupar à humanidade o trabalho e a despesa da alimentação. Já os japoneses tinham tido a mesma idéia. O resumo do Japão era em forma de pílula; o dos norte-americanos é em forma de fritada. Eis ao que leva a pressa de viver! E viver para quê? Ninguém deve comer apenas para pôr no corpo vitaminas e calorías. Comer bem é um dos prazeres da vida. Os povos mais inteligentes têm esse prazer. Os franceses comem bem, e os italianos, e os espanhóis, e os portugueses, — e os baianos!... A arte de conversar nasceu da arte de comer. Mesmo na Inglaterra, onde rosbife, ovos com bacon e legumes bastam para os negócios, Byron escreveu: “O canto da lareira, uma salada de lagosta, champanha, e conversa... — não há nada mais delicioso na vida...” O rei Eduardo VII enternecia-se com uma *omelette aux champignons* e um certo burgonha de 1883... E Chesterton afirmou que “há mais simplicidade no homem que come caviar por gosto, do que no homem que come pão sem manteiga, por opinião”. Um homem que se deleita com um bom prato e um bom copo é um homem bom. Epicuro, cujo nome deu o adjetivo mal-afamado “epicurista” disse: — “O sábio não procura a fartura nas iguarias: o que ele deseja é o sabor, é a delicadeza de cada uma.” Comer bem não é comer muito. É comer com espírito. É dar prazer aos sentidos. Co-

mer bem é ainda beber bem. Uma mesa bonita numa sala bonita com um serviço bonito. Companheiros, iguais. Flores. Um prato depois da salada e antes do queijo, mas um prato apresentado como obra de arte, embora não precise recordar tal qual desejava madame Dussane: uma tragédia de Racine ou os jardins de Versailles.

§ Em janeiro. – Raros pensam, mas o destino de todos ficou marcado naquela cantiga de roda: – *Um jardim com tantas flores, qual delas escolherei?* – Há uma doce melancolia em envelhecer com os olhos cheios das flores que fomos vendo pelos jardins. Também envelheceram. Nós as revemos como eram, não como se tornaram.

§ Não, não é poesia. Tira os óculos escuros. Olha a lua cheia sobre o mar, sobre os morros, iluminando o vento. As tuas mãos não têm vontade de pegar o ar? Que música anda desfeita nessa claridade onde parece que todas as asas se aconchegaram! Que cheiro bom de terra úmida! Foi a bruma da tarde que passou por aqui. Toma um pouco da minha laranja: sente como o gosto dela é novo. As folhas verdes das árvores prolongam o pensamento dos outros dias. Porque é o outono, o doce outono. O jeito de frio. Desejos de querer bem. Saudades de ontem. Agora as rosas são mais bonitas. Agora os olhos dos burros não são tão tristes. Agora os outros anjos descem do céu, e os anjos da guarda mostram a eles o Rio de Janeiro. Fica feliz! Vê as estradas. Lembra-te dos teus pintores, dos teus músicos, dos que te disseram, um dia, palavras que já esqueceste: “Se podes fazer vinho, por que hás de fazer vinagre?” Sei que é difícil não fazer vinagre. Mas sei que é mais fácil fazer vinho. Quando chegar a hora de beber o vinho, será uma hora de silêncio. Entrega-te à sensibilidade. A sensibilidade é pobre, não se dá ao luxo da descrença. Abre o livro de um historiador. Roda um “mapa-múndi”. Os filósofos não valem um gesto simples

dos teus ombros. Os homens são sempre os mesmos.. A terra é sempre a mesma. Não te escandalizes por isso. Já Leopoldo, o bem-amado, dizia ao padre Francisco, seu irmão: – Só houve um escândalo no mundo: foi a criação do mundo...

§ Uma viagem “é” depois mais distante, mais presente. As imagens tornam-se pensamentos. Tudo surge em aparência infinita. As coisas chegadas pelos olhos voltam da alma. O dia ainda demorará no Jardim de Luxemburgo. Terei luz para concluir a leitura do livro saído agora, início de uma série do escritor há pouco revelado: Marcel Proust. Hoje é 22 de novembro de 1913.

§ Vim do outro lado, na cerração fria. Mas encontrei o sol no meu banco, entre as crianças correndo, rindo, gritando. Marcel Proust aumenta a vida de novas vidas. Dá companhia à solidão que essas correrias, esses risos, esses gritos poderiam, talvez, perturbar Antes que as lâmpadas se acendam, muito antes de ser preciso sair, termino o livro. Conheci lugares, casas, pessoas diferentes... e tanto tempo, e agora... Nada fugidío. Que bom! Amanhã faço vinte e cinco anos! Nunca hei de dizer como Marcel Proust: “Os verdadeiros paraísos são os paraísos perdidos.” Graças a Deus, acredito em tudo. Continuo tendo a mesma curiosidade, e o espanto cada dia mais espantado. Quando a história do mundo foi dividida em Tempos Primitivos, Antigüidade, Idade Média, Renascença, Tempos Modernos, também ficou dividida assim a história de cada criatura humana. Os Tempos Primitivos são a Infância. Os Tempos Modernos são a Velhice. O corpo transforma-se. O espírito não gosta de mudar. O resto é mistério. Não lhe peço explicações. Amo-o. Que importa o mistério se a claridade dele ilumina o caminho que leva à praia em Copacabana à Acrópolis em Atenas? Não há Paraíso Perdido. A primeira mulher e o primeiro homem trouxeram o rumo do

primeiro jardim, quando encontraram a primeira estrada. A estrada faz a vida: parte do Paraíso retorna ao Paraíso.

§ Testamento da minha geração? – Testamento na verdade, é coisa muito pessoal Testamento coletivo deve afligir muito mais os herdeiros. Uma geração unificada, – só depois de morta. Ora, a minha está ainda cheia de vivos, e, quando penso em mim, não sei o que prever do comportamento dos meus contemporâneos, também com vocação de Fontenelle, capazes de completar um século de excursão por este mundo. Creio que cada um de nós possa repetir: “Feliz quem como Ulisses fez bela viagem!” E repetir, agradecido. A viagem, apesar de tanta guerra, tanta crise tanta crueldade, indigestões e dietas, foi bem compensada. Tivemos Hitler, mas tivemos Isadora Duncan. O silêncio de Carlitos extinguiu todas as descomposturas, todas as vaias, todos os aplausos. João XXIII iluminou de novo, entre a Terra e o Céu, sem Calvário, as palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros.” E quem pretende ir à Lua, não se apresse porque irá. Guardamos sempre uma esperança. Meio desconfiados, nunca perdemos a certeza de Emerson: “Um dia, isso tudo se resolverá em luz.”

§ Penso na manhã que cheguei à Terra. Penso, com a vontade de saber como foi aquela manhã tão longe, porque, muitas vezes, diante de diversas manhãs, em lugares diferentes, senti que já tinha visto uma igual.... Onde? Quando?

§ Penso na noite em que chegarei ao céu. Uma noite quieta, silenciosa, com todas as estrelas acesas no caminho. Meu Anjo da Guarda me levará a Deus, e Deus, de braços abertos, há de sorrir e dizer: – Voltaste, hein!

∞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT: NOTAS, 9/12 PT.

